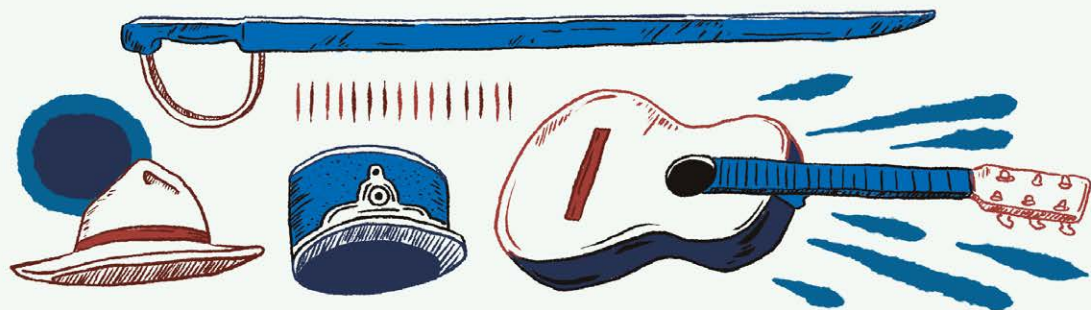


# A GUERRA SANTA DO CONTESTADO TINTIM POR TINTIM



## Organização

Rogério Rosa Rodrigues, Paulo Pinheiro Machado,  
Alexandre Assis Tomporoski, Delmir José Valentini,  
Márcia Janete Espig



# A GUERRA SANTA DO CONTESTADO TINTIM POR TINTIM



Rogério Rosa Rodrigues  
Paulo Pinheiro Machado  
Alexandre Assis Tomporoski  
Delmir José Valentini  
Márcia Janete Espig

[organizadores]

LETRA  
e V  Z

Copyright © 2023 Os organizadores  
Copyright © 2023 Letra e Voz

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS Caroline Fernandes  
ÍNDICE ONOMÁSTICO E REVISÃO Karina Dumont  
DIAGRAMAÇÃO Estúdio Xlack  
CAPA Rafael Baldam

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização  
Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. -- São Paulo : Letra e Voz, 2023.

Outros organizadores: Paulo Pinheiro Machado, Alexandre Assis  
Tomporoski, Delmir José Valentini, Márcia Janete Espig.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-86903-32-4

1. Brasil - História 2. Brasil - História - Guerrado Contestado, 1912-1916  
3. Rebelião - Aspectos históricos - Brasil 4. República - Brasil - História  
5. Santa Catarina (Estado) - História I. Rodrigues, Rogério Rosa.  
II. Machado, Paulo Pinheiro. III. Tomporoski, Alexandre Assis.  
IV. Valentini, Delmir José. V. Espig, Márcia Janete

23-154083  
CDD-981

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. História do Brasil 981

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

#### CONSELHO EDITORIAL

Daphne Patai (UMass Amherst), Fernando Cássio (UFABC),  
Frederico Augusto Garcia Fernandes (UEL), Gerardo Necochea Gracia (INAH),  
Márcia Ramos de Oliveira (Udesc), Marilda Aparecida de Menezes (UFCG),  
Mônica Rebecca Ferrari Nunes (ESPM), Ricardo Santhiago (Unifesp),  
Richard Cândida Smith (UC Berkeley)

Todos os direitos desta edição reservados à

LETRA E VOZ  
Rua Dr. João Ferraz, 67  
03059-040 — São Paulo — SP  
www.letraevoz.com.br  
fb.com/letraevoz

# Sumário

*Prefácio*, Ana Maria Mauad **9**

*Apresentação: a aventura e a tragédia do Contestado*,  
Paulo Pinheiro Machado **13**

*Cronologia do Contestado* **29**

## UNIDADE 1

Caminhos, palavras e conflitos: sementes das Cidades Santas

1. *Monge João Maria de Agostini: o eremita das Américas*,  
Alexandre Karsburg **41**

2. *Os Donos da Terra: posseiros e latifundiários (séc. XIX)*,  
Flávia Paula Darossi **51**

3. *O nascimento da Questão de Limites e a contestação das fronteiras nacionais*, Francimar Ilha da Silva Petroli **60**

4. *No mesmo tempo e no mesmo espaço: a propósito da (in)visibilidade indígena no Contestado*, Flávio Braune Wiik e Eloi Giovane Mochalovski **69**

5. *Monges em movimento: entre o Brasil e as Américas*,  
Alexandre Karsburg **77**

6. *Em nome do monge: rebeliões e insurgências anteriores ao Contestado*, Evelyn Bueno e Alexandre Assis Tomporoski **86**

7. *Terra de muitos donos: disputas políticas e agrárias no caso do Timbó*,  
Eloi Giovane Mochalovski **93**

8. *Bonanças e conflitos: a vida do coronel Albuquerque*, Gabriel Carvalho Kunrath **101**

9. *Lacunas, aparições e sumiços: o monge José Maria na antessala da Guerra do Contestado*, Gabriel Carvalho Kunrath **108**

10. *“Que terrível madrugada, que terrível despedida, no espaço de uma hora a causa foi decidida”*: a Batalha do Irani,  
Gabriel Carvalho Kunrath **117**

## UNIDADE 2

### A desordem em progresso: o mundo fora das Cidades Santas

11. *O trem do futuro e suas ciladas: a construção da ferrovia do Contestado*, Márcia Janete Espig **127**
12. *O alemão que dinamitou a ferrovia*, Viviani Poyer **136**
13. *Brazil Railway Company: apogeu e decadência do “Syndicato Farquhar”*, Márcia Janete Espig **143**
14. *Faroeste Caboclo no sertão: o assalto ao trem pagador*, João Felipe Alves de Moraes **149**
15. *Percival Farquhar: uma trajetória de embates*, Carlos Eduardo Collet Marino **158**
16. *O processo de limites do Contestado no Supremo Tribunal Federal*, Matheus Fernando Silveira **166**
17. *As gentes da Europa no planalto norte catarinense*, Fernando Tokarski **174**
18. *Guerra contra a nação rural e rebelde brasileira: o caso do Contestado*, Rogério Rosa Rodrigues **182**
19. *Capitão Matos Costa: a fabricação do mártir*, Felipe Veber **191**
20. *Negociação ou conflito? Um deputado federal em terras contestadas*, Ana Crhistina Vanali **198**
21. *De Mesquita a Setembrino: as expedições militares*, Felipe Veber **205**
22. *Extra! Extra! O Contestado nas páginas dos jornais*, Liz Andréa Dalfré **212**
23. *Da seiva ao sangue: a história da Lumber Company*, Alexandre Tomporoski **220**

## UNIDADE 3

### Fé, esperança e luta nas Cidades Santas

24. *Cidades Santas ou redutos: igualdade, fé e fraternidade*, Delmir José Valentini **229**
25. *Em nome de São João Maria: a santa religião do Contestado*, Márcia Janete Espig **238**
26. *A tecnologia sustentável das construções caboclas*, Gerson Witte **247**
27. *O monarquismo sertanejo*, Márcia Janete Espig **256**

28. *Da literatura às armas: a presença de Carlos Magno no sertão catarinense*, Márcia Janete Espig e Gabriel Carvalho Kunrath **265**

29. *A proteção pela magia*, Felipe Augusto Werner dos Reis **270**

30. *Populações negras no planalto catarinense*, Natália Ferronato **277**

31. *As mulheres do Contestado*, Karoline Fin **284**

32. *Fabrcio das Neves, o guerreiro da fronteira*, Cristina Dallanora **290**

33. *Alemãozinho: falsificações, traições e tragédia*, Cássio Alexandre de Souza e Rafael José Nogueira **297**

34. *Canoinhas sitiada: corre que lá vem o Papudo!*, Diego Gudas e Alexandre Tomporoski **301**

35. *Adeodato: o comandante caboclo demonizado*, Delmir José Valentini e João Felipe Alves de Moraes **308**

#### UNIDADE 4

##### As chamas e as cinzas das Cidades Santas

36. *A chacina nas margens do Iguaçu*, Viviani Poyer **321**

37. *As fotografias de Claro Jansson*, Rafael Ginane Bezerra **328**

38. *Fabrcio Vieira: o vaqueano de muitas guerras*, Cristina Dallanora **337**

39. *Monges Barbudos: subversivos e comunistas no planalto gaúcho*, Fabian Filatow **345**

40. *Tributo a Szczerbowski*, Fernando Tokarski **352**

41. *O profeta do povo: São João Maria na atualidade*, Tânia Welter **358**

42. *Cemitérios de anjinhos de São João Maria*, Alcimara Aparecida Föetsch **366**

43. *Vida e luta das famílias caboclas hoje*, Andréia Tecchio **373**

#### UNIDADE 5

##### Cidades Santas: memórias, usos e apropriações

44. *Apropriações do Contestado: de assunto maldito a ícone identitário*, Paulo Pinheiro Machado **383**

45. *O Movimento pelo Estado das Missões*, Gabriel Goulart Barboza **389**

46. *O território, o herói e a guerra: o Contestado nos museus do Paraná*, Luiz Carlos da Silva **397**

47. *Jagunços, coronéis e caboclos: museus catarinenses e sítios históricos sobre o Contestado*, Luiz Carlos da Silva **406**

48. *O Contestado e a literatura*, Susan A. de Oliveira **415**

49. *Artistas espreitam a História e escrevem com pincéis*, Delmir José Valentini e Gerson Witte **421**

50. *Combatendo com a sanfona: Vicente Telles e Batalha do Irani*, Delmir José Valentini **432**

51. *“É verdade esse biletí”: fake news no Contestado*, Paulo Pinheiro Machado e Rogério Rosa Rodrigues **439**

## UNIDADE 6

### Vivências

52. *O Contestado além da História*, Romário Borelli **453**

53. *Itinerário pessoal de uma temática: o que me levou a pesquisar a Guerra do Contestado*, Marli Auras **470**

54. *Estamos num outro século*, Donaldo Schüller **481**

55. *Por uma geografia da Guerra do Contestado: o território, a cultura cabocla e o conflito que segue no tempo presente*, Nilson Cesar Fraga **484**

56. *Desfolhando histórias* Claudia Felisbino Souza, Eliane Felisbino e Indaiara Felisbino **492**

57. *De parágrafo a filme: quando vi o invisível*, Marcia Paraiso **496**

58. *O Contestado e eu*, Fernando Tokarski **506**

*Índice bibliográfico sobre a Guerra do Contestado* **509**

*Índice remissivo* **517**

*Autoras e autores* **529**





## Prefácio

Ana Maria Mauad

Quando nos referimos ao Brasil, como país, vem à nossa cabeça o mapa de seu território. Uma imagem que, se vista de forma isolada, mais parece como tendo o norte escoando para o sul, drenando o espaço do Oiapoque para o Chuí. Entretanto, se incluímos o mapa do Brasil dentro do da América do Sul, aí a coisa muda de figura, pois o território brasileiro ocupa quase todo o mapa e se agiganta – como quer o hino nacional, “deitado eternamente em berço esplêndido”.

A imaginação geográfica plasmada na saga bandeirante, estudada na escola na unidade “expansão territorial”, não considera que não se tratava de um território vazio, mas intensamente povoado pelos habitantes originários da terra. A ideia de um espaço vazio a ser tomado pelo processo civilizatório já guarda em si um princípio sobre o qual a história desse território chamado Brasil foi assentada: o da desigualdade.

Assim, o fio condutor da nossa história, embora de fato formada por múltiplas histórias, foi a disputa desigual pelo controle da terra. Como a terra já estava ocupada, as histórias que se contam narram conflitos sangrentos, em que se destacam duas: Canudos (1896-1897) e Contestado (1912-1916). Este livro trata do segundo conflito, que, como o primeiro, foi atravessado pelo maravilhoso da religiosidade popular.

Monges visionários, virgens videntes, jovens combativas são personagens de narrativas encantadas e ganham nomes santos: Maria, João, José. Escassez, insegurança e violência compõem o ritmo de uma vida cotidiana marcada pela submissão dos que nada têm, pelos que tudo possuem. Na Guerra do Contestado, o imaginário popular amparado por uma compreensão muito própria do cristianismo movimentou um conjunto de signos fornecendo ao conflito a sua dimensão caleidoscópica.

Em *A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim*, temos clara a configuração dessa pluralidade de vozes, situações e temporalidades. As seis partes que compõem o livro orientam a leitura pelos tempos e lugares de uma saga que, ainda hoje, repercute na nossa consciência como país. A carnificina que acompanhou a reação das chamadas “forças da ordem”, em diferentes etapas do conflito, evidencia um outro princípio que, junto ao da desigualdade, constitui a nossa história: a violência.

O interessante é que ambos os princípios foram registrados em preto e branco, em fotografias que, mais do que provar a repressão, a monumentaliza. Aqui observamos, novamente, uma semelhança entre os dois conflitos: a fotografia. O registro fotográfico contratado pelas forças da repressão tinha um duplo objetivo. Por um lado, serviram para o encapsulamento do acontecimento em notícias, publicadas nas revistas ilustradas da Capital Federal, em que se podia acompanhar o movimento das tropas, os acampamentos, a força da repressão, e assim, apaziguar os ânimos civilizados contra a barbárie do sertão.

Por outro lado, as fotografias, como imagens técnicas produzidas por um aparato mecânico, guardavam a ilusão de serem o “olho da história”, expressão cunhada por Mathew Brady, fotógrafo da Guerra Civil americana. Essa condição atribuía ao registro fotográfico a ideia de transparência, uma janela por meio da qual teríamos acesso ao vivido. Assim, as fotografias produzidas durante a Guerra do Contestado, ao valorizarem somente um dos lados do conflito, transformaram o outro no reverso da imagem.

A Guerra Santa do Contestado assentou-se em uma prática fotográfica peculiar, pois incluiu diferentes tipos de técnica fotográfica, entre as quais, a estereoscopia. Duas imagens com ligeira diferença, coladas em um cartão, que deveria ser visto através de um visor, dando a impressão de que se estava entrando dentro da cena. Um conjunto variado de fotografias de formatos diferentes, todas encenando uma situação, como uma das mais famosas, produzidas pelo fotógrafo Claro Jasson, que de acordo com o historiador Rogério Rosa Rodrigues no texto “Nas árvores entre oficiais e em famílias: a fotografia e o desejo de entrar para a história” (2017, p. 125), tornou-se a imagem símbolo do Movimento do Contestado:

Um grupo de jagunços apontando suas armas para o espectador. São homens brancos, negros e mestiços. Suas indumentárias, assim como as armas que portam,

revelam sujeitos de diversas camadas sociais, incluindo um fazendeiro no canto à esquerda, possivelmente um oficial da Guarda nacional, em contraste com o homem negro de pés descalços que ocupa o primeiro plano da foto. Não deixa de impressionar a presença irreverente de dois músicos no canto direito.

As imagens produzidas ao longo dos anos de conflito nos permitem acessar uma experiência histórica que só se tornou possível porque foi fotografada. Entretanto, as fotografias não são janelas que se abrem ao passado, tal como ele aconteceu, resultam do investimento das sociedades históricas em projetar uma imagem de si para o futuro, são monumentos. As fotografias integram o mosaico de signos que compõe a Guerra Santa do Contestado, que este livro nos convida a decifrar.

Vale, por fim, ressaltar que a polifonia de abordagens ressoa dos capítulos que compõem as partes do livro, como um exercício de história pública. Um texto voltado para o grande público, não exclusivamente acadêmico, que provoca afetos e nos aproxima das vivências e dores de gente comum. Além de nos convidar a entrar nos meandros da narrativa, a atravessar os tempos da imaginação e se confrontar com um acontecimento central para a nossa história de desigualdades e violências.

Boa leitura!





## Apresentação: A aventura e a tragédia do Contestado

Paulo Pinheiro Machado

A Guerra do Contestado foi um conflito social ocorrido em parte de territórios disputados (daí Contestado) dos estados do Paraná e de Santa Catarina entre 1912 e 1916. Não foi exatamente um “levante” ou uma “revolução” promovida pelos sertanejos moradores do planalto meridional. Foi muito mais um movimento social que cresceu e desenvolveu-se defensivamente, pelo menos até meados de 1914, quando os sertanejos decidiram atacar as forças oficiais. Estamos então tratando de um conflito diversificado, com muitos anos de duração, diferentes fases e contextos, ocorrido num amplo território de mais de 80 mil km<sup>2</sup>.

Por muitos anos os sertanejos do Contestado foram tachados de “fanáticos”, “aberrantes”, “ignorantes” e “matutos”. É interminável a quantidade de adjetivos empregados para desqualificar estas mulheres e homens que ousaram enfrentar as forças republicanas, associadas aos fazendeiros do planalto meridional brasileiro (que vai do norte do Rio Grande do Sul à região sul de São Paulo, passando pelas regiões oeste de Santa Catarina e Paraná) e empresários norte-americanos. A ideia predominante durante muito tempo na memória pública – reforçada pela historiografia, embasada em crônicas militares e escritos de jornalistas da época – é de que o movimento sertanejo era uma irrupção do “atraso” contra o “progresso”. Nada mais equivocado.

Anima esta tese a ideia de que o caboclo habitante local era “avesso ao progresso”. É importante considerar, antes, o que a população pobre do planalto recebeu como “progresso”: expropriação de posseiros, ervateiros e sitiantes em favor de uma companhia estrangeira, responsável pela construção de uma estrada de ferro; introdução de imigrantes europeus para assentar nas terras agora valorizadas ao

longo da estrada; profundas modificações do meio ambiente, com a extração maciça da araucária e a derrubada de ervais; ou seja, um grande impacto econômico, social e ambiental se abateu sobre esta região. Nada muito diferente de outros projetos de “modernização”, frequentemente excludentes e violentos, implementados por governos do Brasil e de países latino-americanos naquele período.

A ação proclamada como modernizadora pelo Estado era lastreada pelo poder local de grandes fazendeiros, que ostentavam títulos de oficiais da Guarda Nacional, mas que se notabilizaram no planalto na ação de grilagem das terras públicas, emprego de pistoleiros contra lavradores posseiros, apossamento de territórios indígenas e privatização de ervais nativos. A elite dirigente do país não conseguia imaginar progresso que não resultasse num processo de europeização. Estavam em voga doutrinas racistas e discursos eugênicos que desqualificavam os trabalhadores nacionais, principalmente os de origem africana, indígena ou mestiça.

Este livro tem como objetivo explicar a Guerra, suas origens, desdobramentos e repercussões. Todavia, de forma diferente a outras publicações, é dirigida ao público em linguagem simples e direta, sem perder em profundidade de informações e análises, procurando fazer uma exposição atualizada do ponto de vista da pesquisa histórica mais especializada. Desta forma, o leitor não verá nesta obra nenhuma caracterização de “fanáticos”, “bandidos” ou “jagunços” sendo empregada para denominar a população sertaneja que, a seu modo, entendeu que viver dentro das Cidades Santas seria uma forma para defender seus interesses e seus sonhos.

O que o leitor poderá identificar neste livro é o esforço dos(as) autores(as) em entender a guerra a partir do ponto de vista dos(as) sertanejos(as) e suas comunidades, chamadas Cidades Santas ou redutos. Sem desprezar a contribuição dada pelas fontes oficiais, os relatos aqui presentes procuram entender o movimento social do Contestado a partir de seus próprios termos, procurando centrar as narrativas a partir das demandas, da visão de mundo e dos projetos da população sertaneja do planalto meridional brasileiro. Desta forma, procuraremos uma narrativa direta na qual serão apresentados – em forma de mini capítulos – diferentes personagens, episódios e momentos do conflito. A estrutura do livro foi focada nesta ideia. As unidades do livro que agrupam os diferentes capítulos são organizadas em relação à vida nas Cidades Santas, desde suas origens até o pós-

Guerra. Assim, foi planejada a primeira unidade “Caminhos, palavras e conflitos” explicando as origens do profetismo popular do Contestado e os primeiros conflitos agrários e políticos desta região. A segunda unidade “Desordem em Progresso” trata do estudo das forças externas, como a Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, as disputas interestaduais e a ação do exército no território. A terceira unidade “Fé, esperança e luta” estuda por dentro das Cidades Santas, seus projetos, personagens e práticas sociais e culturais. Na quarta unidade, “As chamas e as cinzas”, são reunidos os capítulos sobre os episódios finais do conflito e de movimentos remanescentes, ocorridos nos anos seguintes, dentro do espectro cultural do profetismo popular de João Maria. Na quinta unidade, “Cidades Santas: memórias, usos e apropriações” são reunidos vários estudos sobre a construção de memórias públicas sobre o movimento do Contestado, como Museus, o Contestado na literatura e as diferentes apropriações políticas do movimento. Por fim, na sexta unidade, “Vivências do Contestado” são reunidos depoimentos de pesquisadores e animadores culturais que dedicaram boa parte de suas vidas ao estudo e à divulgação do movimento do Contestado. O leitor terá ainda acesso a uma cronologia detalhada da Guerra do Contestado, bem como uma bibliografia especializada para quem deseja se aprofundar.

### De onde vem o conflito

A região onde aconteceu o conflito era um antigo território disputado, daí o nome Contestado. No plano internacional, ocorreu a disputa entre Brasil e Argentina sobre os Campos de Palmas, porção de mais de 30 mil km<sup>2</sup> localizada entre os rios Uruguai e Iguaçu. Os argentinos, herdeiros dos antigos litígios que os espanhóis tinham com os portugueses, se fiavam em documentos coloniais para anexar esse território à sua Província de Misiones. O consenso era a adesão aos parâmetros das divisas definidas pelo Tratado de Madrid, de 1750, mas divergências na denominação dos rios fronteiriços levaram esses conflitos até o final do século XIX. Em 1895, através da arbitragem do presidente Cleveland, dos Estados Unidos, o Brasil venceu esta questão.

Internamente, permanecia a disputa dos Campos de Palmas entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Os catarinenses se baseavam em documentos judiciais e militares do período colonial, que definiam

como divisa ao norte de sua Capitania os leitos dos rios Negro e Iguaçu. Já os paranaenses, recém-emancipados (em 1853) da Província de São Paulo, argumentavam pela ocupação efetiva do território, o princípio do *uti possidetis*, já que foram os paulistas que estabeleceram as primeiras fazendas e os primeiros núcleos urbanos.

O planalto meridional possuía uma formação florestal mista, com a mata atlântica intercalada a grandes conjuntos de araucária e ervais (de árvores de *Ilex paraguariensis*, que produzem a folha transformada em erva-mate) com alguns campos nativos, chamados de “campos de cima de serra”, regiões que logo foram apropriadas pelos grandes pecuaristas, tropeiros paulistas e rio-grandenses. Nas matas e faxinais vivia uma população nacional, os chamados caboclos, muitos indígenas destribalizados, descendentes de africanos e população mestiça, que compunham a principal camada de trabalhadores pobres da região, além dos territórios inteiramente indígenas, de grupos Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklanô. No planalto meridional a denominação “caboclo” está fortemente associada às populações nacionais, mas mesmo entre os imigrantes europeus há aqueles que se “acaboclam”, adotando os modos de vida e o universo cultural das populações nacionais.

No início da República, o governo Catarinense ingressou com uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) e, em 1904, conseguiu uma sentença favorável aos limites pleiteados junto ao Estado do Paraná. Os paranaenses entraram com recursos e embargos, mas nos anos de 1909 e 1910 Santa Catarina teve sua sentença favorável confirmada pelo STF. Apesar da vitória na Justiça, o governo paranaense não se submeteu ao resultado, arguindo a inconstitucionalidade da decisão e colocando todo o peso político do estado para evitar a execução da sentença. Permanecia o impasse quanto à jurisdição sobre o território Contestado. Esta questão político-institucional não resolvida era fonte constante de instabilidade, pois dentro da região em disputa as populações sofriam crises políticas e de registro civil e fundiário, interferindo na vida cotidiana de milhares de famílias.

## A tradição de São João Maria

Desde meados do século XIX o planalto meridional brasileiro era trilhado por determinados indivíduos que foram denominados como “andarilhos”, “monges” e “profetas” pela população sertaneja. O mais



notório deles foi o monge João Maria, um religioso leigo, que abençoava e sinalizava determinadas fontes de águas com cruz de madeira, que logo passaram a ser denominadas pela população como “águas santas” ou “águas do monge”. O culto a João Maria passou a fazer parte do cotidiano de diferentes camadas da população planaltina, o que implicava seguir determinados padrões de comportamento, atitudes de defesa da natureza, das fontes de águas, restrições às queimadas e noções anticapitalistas próprias de um catolicismo popular.

Segundo a tradição popular, João Maria profetizava sobre o futuro, criticava os novos tempos e divulgava um discurso apocalíptico que era muito bem recebido pela população pobre do planalto meridional. Vários indivíduos assumiram a identidade de João Maria, tendo relatos de homens com diferentes descrições físicas assumindo este papel. Para a tradição cabocla, só existiu um João Maria, normalmente chamado de São João Maria, que ainda vive, tendo mais de 200 anos, vivendo “encantado” no morro do Taió, nas nascentes do rio Itajaí, em Santa Catarina. A influência do monge atingia (e ainda é presente) todo o antigo caminho das tropas de muares e cavaleiros, uma extensa região que ia do Rio Grande do Sul até Sorocaba, em São Paulo.

Este planalto já tinha sido devastado anos antes, entre 1893 e 1895, na guerra entre federalistas e republicanos, conflito que envolveu lutas fratricidas e recrutamento militar forçado pelos dois bandos. Os republicanos representavam uma nova elite política, associada ao governo de Floriano Peixoto, e deslocaram do poder local os antigos liberais do Império, que passaram a se denominar federalistas. Não havia uma distinção nítida entre os projetos políticos em jogo, mas os federalistas eram defensores do parlamentarismo e possuíam alguns seguidores da Monarquia dentro de suas hostes, associaram-se à Revolta da Armada, para dar combate a Floriano e aos governos republicanos dos três estados sulistas. Os federalistas foram derrotados, depois de vários revezes sofridos pelas forças republicanas, mas esta verdadeira guerra civil deixou profundas marcas nos estados sulinos.

Em torno da tradição do monge João Maria algumas concentrações camponesas, que foram objeto de ação policial e militar, antes mesmo da Guerra do Contestado, ajudaram a “amalgamar” a tradição cultural do monge com a tradição política do federalismo. Esta fusão foi evidente nos movimentos do Canudinho de Lages (1897) e o conflito dos monges do Pinheirinho (1902), no interior do Rio Grande do Sul.

## O impacto da *Brazil Railway Company* no território

No início do período Republicano o governo federal retomou um antigo plano de ligação ferroviária entre o Rio Grande do Sul e São Paulo, passando pelos territórios do planalto meridional. A concessão desta obra foi posteriormente adquirida pela *Brazil Railway Company* (BRC), grupo de Percival Farquhar, um conhecido investidor norte-americano. Em 1910, a linha norte-sul foi concluída, unindo Porto União da Vitória (PR) a Marcelino Ramos (RS) com mais de 300 km de linha férrea. A empresa estrangeira recebeu do governo federal até 15 km de cada lado da estrada de ferro como doação de terras devolutas para colonização europeia, que resultou também em exploração madeireira. No entanto, dentro desta longa faixa de terra viviam muitos posseiros caboclos, indígenas e ervateiros que habitualmente trabalhavam nestas áreas públicas. Foram expulsos de suas terras por um Regimento de Segurança da empresa. Entre 1911 e 1913, um ramal no sentido oeste-leste foi construído entre Porto União da Vitória e Rio Negro, o que resultou em igual impacto social no vale médio do rio Iguaçu. Para explorar estes territórios a BRC criou uma firma subsidiária, a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, que era responsável pela exploração das madeiras (principalmente de araucária) e pela colonização das terras com o parcelamento dos lotes e sua venda a imigrantes europeus. A população nacional estava vivendo o impacto da modernização local, que significou sua expulsão dos locais tradicionais de moradia e trabalho e a desestruturação de seus modos de vida.

Entre Santa Catarina e Paraná, as disputas de jurisdição ocorriam sobre o território a oeste do vale do rio do Peixe, chamado de Campos de Palmas e sobre mais duas “saliências” paranaenses dentro do planalto catarinense: a saliência de Timbó e dos Campos de São João e a saliência de Três Barras-Rio Negro-Itaiópolis-Papanduva, todos territórios ocupados por autoridades paranaenses, mas que, desde a sentença no STF em 1904, deveriam pertencer ao Estado de Santa Catarina.

### José Maria em Taquaruçu e no Irani

Durante o ano de 1912, na tradicional Festa de Bom Jesus, na localidade de Taquaruçu, houve uma concentração de parte da população da região, inclusive dos despojados pela BRC. Um dos convidados à

festa foi o curandeiro José Maria, o que só ampliou a popularidade do evento. O curandeiro tinha ficado famoso no primeiro semestre de 1912, por curar a esposa do fazendeiro Francisco de Almeida, do município de Campos Novos, que sofria de frequentes convulsões. Ao chegar na comunidade de Taquaruçu, no vizinho município de Curitiba, José Maria passou a ser alvo da desconfiança do chefe político local, coronel Albuquerque, que temia que a concentração de sertanejos pobres fosse utilizada por seu inimigo político, o coronel Henriquinho de Almeida (primo do fazendeiro de Campos Novos que teve a esposa curada por José Maria).

Albuquerque pediu ao governador Vidal Ramos a ação do Regimento de Segurança do Estado de Santa Catarina para atacar a concentração de José Maria, que passou a ser denominado de “ajuntamento de fanáticos e monarquistas”. O curandeiro, querendo evitar o conflito, dispersou seu povoado e rumou com um pequeno grupo a oeste. José Maria e algumas dezenas de seguidores atravessaram o rio do Peixe, ingressando na região contestada sob administração paranaense, dirigindo-se para a localidade de Irani, com a intenção de se livrar da perseguição do chefe político de Curitiba.

## O combate do Irani

Com a notícia do deslocamento de José Maria e seu grupo ao território contestado, a imprensa de Curitiba passou a construir uma versão conspirativa. Temendo que a presença dos sertanejos que acompanhavam José Maria pudesse criar tumultos que justificariam o emprego da tropa Federal, o que poderia viabilizar o cumprimento da sentença do STF em favor de Santa Catarina, o governo paranaense enviou uma força de seu Regimento de Segurança, chefiada pelo coronel João Gualberto Gomes de Sá, com mais de 150 soldados, para atacar o povoado de Irani. A força paranaense, além de numerosa, era bem armada e tinha como missão agir com energia e rapidez.

Em 22 de outubro de 1912 travou-se o combate do Irani, no qual a força paranaense foi destruída, mas o líder sertanejo, José Maria, também tombou neste enterevo. Com o tempo, os sertanejos passaram por um processo de reelaboração mística e começaram a santificar a memória de José Maria, quase transformando-o em alguém com as mesmas capacidades do monge andarilho João Maria.

Aqui há uma peculiaridade do movimento do Contestado. A principal liderança carismática morreu no primeiro combate. A espera pela “volta” de José Maria junto ao “Exército Encantado de São Sebastião” conferiu uma expressão milenar e messiânica ao movimento do Contestado, principalmente para os povoados, chamados de “Cidades Santas” que passaram a se formar a partir de dezembro de 1913. Para estas localidades rumaram os sertanejos expulsos de suas terras, os opositores políticos dos Coronéis que dominavam os municípios do planalto, além dos veteranos da guerra Federalista.

### A Cidade Santa de Taquaruçu

No final de 1913 se forma uma segunda concentração em Taquaruçu. Teodora, uma menina de 11 anos, passa a relatar que José Maria falava com ela através de sonhos, ordenando a seus seguidores que se reunissem em Taquaruçu. Esta segunda Taquaruçu construiu uma povoação com algo de novo. Não era mais o agrupamento em torno de um curandeiro ou de uma festa. O segundo Taquaruçu deveria ser uma Cidade Santa, uma espécie de Nova Jerusalém, uma terra da justiça, da consciência e do bem-estar.

A Cidade Santa de Taquaruçu recebeu moradores de diferentes regiões do planalto, abandonando seus sítios de origem e adotando um regime de trabalho comunitário, onde “quem tem, mói, quem não tem, também mói e no final todos ficam iguais” (moer é uma referência à atividade de moenda do milho em pilão, para fazer o beiju, alimento popular na região). A população não era ainda muito grande, se estima que viviam 400 pessoas em Taquaruçu ao final de 1913. Viveriam como iguais os possuidores de alguns bens e os que não possuíam nada. As relações comunitárias eram cimentadas pela tradição do monge João Maria e pela revivescência de suas prédicas, algo que conhecemos com a expressão “Santa Religião”, uma religião popular e considerada mais verdadeira, diferente da religião dos padres e dos fazendeiros. As Cidades Santas, não apenas a de Taquaruçu, mas as seguintes, tinham uma disposição urbanística própria, com uma praça central, o “Quadro Santo” para grandes reuniões, as *formas*, onde a população inteira se perfilava para ouvir os comandantes, praticar rezas e dividir as tarefas comunitárias de defesa e subsistência. Em torno da praça central existiam grandes cruzeiros nos vértices e uma igreja em frente, sendo muito semelhante ao modelo das reduções jesuíticas do século XVIII. O regime vigente em Taquaruçu era a Monarquia Celeste, cujo

rei, José Maria, havia “se passado” para o lado do “Exército Encantado de São Sebastião”. Desta maneira, não se tratava de um monarquismo político-institucional, não defendiam o retorno dos Bragança ao trono no Brasil, era uma espécie de Monarquia sem rei, que abria o caminho à ascensão de diversas lideranças populares.

A primeira liderança da “cidade Santa”, a menina Teodora, era considerada como “Virgem Vidente”, e relatava a um conselho de anciãos seus sonhos com José Maria. Durante todo o movimento do Contestado, várias mulheres ocuparam o lugar de “Virgens”, que equivalia a um cargo de liderança política e religiosa dentro dos redutos. Em poucas semanas a liderança de Teodora foi substituída pelo seu tio Manoel e, depois por seu irmão Joaquim, de dez anos, considerados “Meninos-Deuses”. Os habitantes do reduto se autodenominavam *pelados*, já que muitos tinham sofrido intimidação do chefe político de Curitiba, coronel Albuquerque, e tiveram suas cabeças raspadas pelo Chefe de Polícia. Ao longo do tempo, os moradores homens das Cidades Santas adotaram o corte rente do cabelo como fator visual distintivo. Os representantes do governo, da polícia, do exército e dos grandes fazendeiros passaram a ser chamados de *peludos*. As primeiras Cidades Santas eram integradas por número reduzido de seguidores de José Maria e se organizavam para ser comunidades autônomas, distantes das cidades, como uma opção de vida de seus seguidores, procurando manter uma convivência pacífica com as populações circundantes.

Durante o período de chefia de Manoel, do segundo Taquaruçu, se formou uma unidade de elite dos sertanejos, um grupo de combate conhecido como os Pares de França ou Pares de São Sebastião. Consta que no Irani, no ano anterior, José Maria já tinha organizado uma unidade especial. Era um grupo seleta de sertanejos, hábeis na luta com arma branca e, ao mesmo tempo, conhecedores da “Santa Religião” e dos ensinamentos do monge João Maria. A denominação deste grupo, que variou muito seu efetivo, chegando a ser formado por mais de cem integrantes em 1915, se deu por uma especial apropriação da leitura do antigo livro de cavalaria medieval, “A História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França”, em que determinados valores de honra, lealdade entre combatentes e luta contra “infiéis” foram absorvidos pela população do planalto e adaptados à nova luta que se iniciava.

Um primeiro ataque oficial à Taquaruçu aconteceu em final de dezembro de 1913. Duzentos soldados do exército somados a um contingente do Regimento de Segurança de Santa Catarina tentaram investir sobre o reduto caboclo. Os sertanejos resistiram numa

trincheira na entrada de Taquaruçu e as forças legais dispersaram. Como desconfiavam de um novo ataque, em janeiro de 1914 os redutários passaram a construir uma nova Cidade Santa, em Caraguatá, 30 km ao norte de Taquaruçu, para onde os homens foram deslocados, no trabalho de edificação da nova comunidade.

### A matança de Taquaruçu

O segundo ataque à Taquaruçu aconteceu em 08 de fevereiro de 1914. Uma força de mais de 700 soldados do exército e da polícia de Santa Catarina cercou o reduto e, durante um dia e uma noite bombardeou o povoado com tiros de morteiro e rajadas de metralhadoras. Nem houve chance da população local se defender. Segundo o Dr. Cerqueira, médico do Exército que acompanhou a ação, a visão do reduto no dia seguinte era aterradora. Um amontoado de pedaços de corpos de mulheres, crianças e velhos (já que a maioria dos homens tinha se dirigido a Caraguatá para construir uma nova Cidade Santa) jaziam ao chão misturados aos pedaços de corpos de animais domésticos. O ataque foi sentido pelos habitantes do planalto como um gesto de covardia que só aumentou a revolta da população circundante e o apoio aos seguidores de José Maria.

Quem assumiu o novo reduto de Caraguatá foi Maria Rosa. Ela foi reconhecida como líder pela nova comunidade, formada pelos construtores deslocados de Taquaruçu e os mais novos aderentes na região norte do município de Curitiba. Maria Rosa recebeu o título de “Virgem” comandante. Era uma jovem de 14 anos, que dispensava a intermediação dos velhos, tinha o comando direto sobre o reduto, substancialmente maior que Taquaruçu, que chegou a pouco mais de dois mil habitantes. Maria Rosa disse à população de Caraguatá que estavam enfrentando uma Guerra Santa, e que todos tinham que se armar contra os *peludos*, como eram chamados os representantes do governo e dos Coronéis da Guarda Nacional.

### A vitória sertaneja em Caraguatá

No dia 09 de março de 1914, um efetivo de 900 soldados do exército, da polícia de Santa Catarina e de uma tropa de “vaqueanos civis” (capangas de grandes fazendeiros da região) investiu para destruir o reduto de

Caraguatá. Os sertanejos usaram táticas de guerrilha, envolvendo várias unidades do exército em pequenos ataques pontuais, valendo-se de franco atiradores nas copas altas das árvores e encurralando algumas unidades militares em espinheiros, locais de difícil fuga, sendo atacados em luta corporal, por arma branca, pelos Pares de França. Uma unidade cabocla atacou a retaguarda do exército colocando em fuga vários batalhões e atingindo o hospital de sangue. Os militares debandaram do local e seguiram em pequenos grupos até o vale do rio do Peixe, onde se abrigaram nas estações da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. A vitória sertaneja repercutiu em todo o planalto, o que fez novos aderentes, entre pobres, sitiados expulsos de suas terras e veteranos da guerra federalista, se dirigirem ao comando de Maria Rosa.

No mês de abril de 1914 o reduto de Caraguatá foi abandonado pelos *pelados*, pois uma epidemia de tifo estava atacando a população residente. Formaram um novo reduto, na região de Caçador Grande, depois deslocado novamente para o reduto de Bom Sossego. Aqui a chefia de Maria Rosa declinou e passou a assumir o comando o jovem tropeiro Francisco Alonso de Souza, também chamado de Chiquinho Alonso. Bom Sossego era uma Cidade Santa com uma população que ultrapassava os quatro mil habitantes, sendo defendida por um conjunto numeroso de “guardas”, espécies de mini redutos, com 50 a 100 habitantes, que guarneciam determinados caminhos e tocavam lavouras para sua subsistência e para o abastecimento do reduto-mor.

Em abril e maio de 1914 o exército chamou unidades novas, provenientes do Rio Grande do Sul, sob comando do general Mesquita que, depois de dar combate à guarda de Santo Antônio, não chegando ao reduto-mor, resolveu recolher sua tropa e voltar ao sul. Mesquita se queixou da falta de orçamento, do pagamento obrigatório que tinha que fazer aos vaqueanos civis e das causas do conflito, que atribuía à exploração de fazendeiros e comerciantes sobre os pobres caboclos, afirmando que a pacificação do Contestado deveria ser responsabilidade dos governos estaduais e das polícias.

## A expansão rebelde

Com a retirada das tropas sob o comando do general Mesquita, os sertanejos passaram a multiplicar o número de redutos e Cidades Santas, e a expandir territorialmente sua influência. Taquaruçu foi reconstruída. A ofensiva rebelde generalizada começou em julho de

1914. Sob a chefia de Chiquinho Alonso, os redutários passaram a atrair a população circundante, fazendo “convites” para ingressar nos redutos (convites que eram compulsórios), a atacar várias estações da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, a serraria da *Lumber* de Calmon, e a tomar as Vilas de Itaiópolis, Papanduva, Colônia Vieira e Curitibaanos.

Mais ao norte do planalto catarinense e nos bolsões de território Contestado do Timbó e de Rio Negro e Três Barras, o movimento rebelde cresce com a adesão de várias lideranças locais, como o capitão Aleixo Gonçalves de Lima (antigo federalista), o professor Antônio Tavares (ex-Promotor Público da Vila de Canoinhas) e de Bonifácio Papudo (Bonifácio Alves dos Santos, ex-subdelegado em Canoinhas). Com eles seguem mais de dois mil homens armados e grandes contingentes de famílias de sertanejos que, além de construir Cidades Santas, também pugnavam pelo “cumprimento da sentença de limites”, já que muitos agricultores pobres desta região eram expulsos de seus sítios não apenas pela estrada de ferro (no ramal norte, entre Porto União da Vitória e Rio Negro), mas também por Coronéis da Guarda Nacional, grandes fazendeiros ligados à política do Paraná. Os Coronéis Artur de Paula, Leocádio Pacheco, Bley Neto, Fabrício Vieira, Amazonas Marcondes e Juca Pimpão eram poderosos chefes políticos em Rio Negro, Timbó, União da Vitória e Palmas que se utilizavam da disputa de jurisdição territorial para avançar sobre território Contestado e se apropriar de terrenos habitados por posseiros caboclos e ervateiros. Estes mesmos Coronéis forneciam grande contingente de vaqueanos civis para lutar junto com o Exército na repressão aos *pelados*.

No centro e no sul do planalto catarinense, os sertanejos tomaram a vila de Curitibaanos e seguiram para Lages, cidade de origem do governador Vidal Ramos e sua oligarquia. A tomada de Curitibaanos foi um dos eventos mais pacíficos da Guerra. Os sertanejos avisaram que atacariam a Vila. Os homens abandonaram a localidade e deixaram suas esposas e filhos no local. Os sertanejos incendiaram, por uma semana, os prédios públicos, destruíram os documentos do Cartório e queimaram as propriedades do coronel Albuquerque. Nenhuma pessoa da cidade foi agredida. Isto fica confirmado no processo do incêndio de Curitibaanos.

Toda metade oeste e central do grande município de Lages ficou em mãos dos rebeldes, que receberam o reforço de antigos federalistas locais, como o “Castelhano”, Agustin Perez Saraiva, veterano da guerra de 1893 que declarava ser filho de Gumercindo Saraiva. Um reduto foi organizado em São José do Cerrito, na Campina dos Buenos, chefiado



por uma mulher, Maria Sete Pelos, esposa do Par de França Joaquim Vacariano. O assédio rebelde à Lages foi interrompido em novembro de 1914, quando morreu no combate de Rio das Antas o chefe rebelde Chiquinho Alonso colocando fim à ofensiva cabocla.

### A missão do general Setembrino de Carvalho

Como resultado da expansão rebelde generalizada, em setembro de 1914 os executivos da *Lumber* pedem uma nova e mais forte intervenção das forças federais, pois o crescimento da atividade do “movimento fanático” colocava em risco “os negócios e o respeito à propriedade”. Depois do ataque rebelde às estações de Calmon e São João dos Pobres, ação que resultou na morte do capitão Matos Costa, além de outros soldados do 11 Batalhão de Infantaria do exército. Os governos de Santa Catarina e Paraná pediram, em conjunto, uma intervenção federal na região. A solução dada pelo Governo Federal foi nomear o general Fernando Setembrino de Carvalho como comandante da XI Região Militar (que englobava os Estados de Santa Catarina e Paraná) para apenas se dedicar às ações militares de repressão.

Ao longo dos meses de outubro e novembro de 1914, o general Setembrino mobilizou seis mil soldados do exército brasileiro, uniu à mais de dois mil vaqueanos civis e passou a organizar estas forças em quatro colunas que teriam como finalidade estancar a expansão e iniciar o cerco aos redutos sertanejos. Uma coluna foi destinada ao norte, sob comando do tenente-coronel Onofre, para defender dos ataques a Vila de Canoinhas (que estava sob fogo rebelde desde o mês de julho) e Três Barras (onde estava a maior serraria da *Lumber*), além de guarnecer a linha de ferro entre Porto União da Vitória e Rio Negro e evitar que os rebeldes atravessassem o rio Iguaçu. Outra coluna foi destinada a oeste, chefiada pelo tenente-coronel Sócrates, tinha como finalidade vigiar a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, ao longo do vale do rio do Peixe, e evitar que os rebeldes ultrapassassem este rio a oeste, juntando-se a seus potenciais aliados na região de Irani e em todos os Campos de Palmas. A leste, outra coluna chefiada pelo Tenente Coronel Taurino foi organizada para estancar a ofensiva rebelde nas nascentes do rio Itajaí. Ao Sul, a maior coluna, sob a chefia do tenente-coronel Estillac Leal, com mais de dois mil homens, seria a principal coluna de ataque, a partir de Curitiba, para destruir os redutos sertanejos.

Nos meses seguintes, as colunas foram fechando o cerco sobre os rebeldes, diminuindo seu espaço disponível e reprimindo fortemente todo o comércio local, suspeito de abastecer os redutos de armas, munições e alimentos. Vários comerciantes foram presos. Em novembro de 1914, como parte desta operação de cerco, 17 pequenos comerciantes e agricultores do vale do Iguaçu foram degolados pelo grupo de vaqueanos a serviço das forças oficiais, chefiados por Salvadorzinho Dente de Ouro. O massacre do Iguaçu criou vários problemas diplomáticos, pois muitos dos executados eram imigrantes de nacionalidades europeias.

### A ascensão de Adeodato

Durante o mês de novembro de 1914, o movimento rebelde passou por uma profunda reorganização. Após a morte de Chiquinho Alonso no combate do Rio das Antas, a chefia foi assumida por um Par de França, Adeodato Manoel Ramos que, diferentemente de Alonso, que mantinha uma certa posição de coordenação confederativa sobre os redutos, passou a exercer um comando centralizado do grupo rebelde. Adeodato logo ordenou para que todos os redutos, guardas e piquetes rumassem ao vale do rio Santa Maria, no centro do território dominado pelos rebeldes. A ideia era construir ali uma Cidade Santa inexpugnável, já que as bocas norte e sul do vale eram desfiladeiros de difícil acesso. Por vários meses a Coluna Sul tentou furar este bloqueio, sem sucesso. Somente na Páscoa de 1915, em 02 de abril, uma unidade bem armada da Coluna Norte conseguiu entrar e destruir o grande reduto de Santa Maria. Pelas informações prestadas pelo capitão Tertuliano Potiguara, responsável pela destruição de Santa Maria, os militares encontraram no vale uma conurbação de redutos que, ao longo de sete quilômetros, contaram 5,5 mil casas e dezenas de Igrejas, todas incendiadas e destruídas com a entrada da tropa militar. Calcula-se que em Santa Maria viveram mais de 25 mil sertanejos.

### O açougue

As condições de subsistência eram cada vez mais difíceis. A redução do espaço territorial e o aumento do cerco fez crescer, dentro dos redutos, a fome e as doenças. Há relatos dramáticos sobre a escassez de alimentos e a alta mortalidade provocada pelo cerco prolongado. Após

a destruição de Santa Maria, em maio de 1915 o general Setembrino de Carvalho deu como encerrada a sua missão. No entanto, ele já tinha a informação da formação de três redutos remanescentes, São Pedro, Pedra Branca e São Miguel. Estes redutos foram destruídos até o final de 1915, com a ação cada vez mais violenta de vaqueanos civis, que ficaram com as armas deixadas pelo exército.

Uma força do 54º Batalhão de Caçadores, chefiado pelo capitão Vieira da Rosa e outra força do Regimento de Segurança do Estado, chefiada pelo capitão Euclides de Castro, reforçadas por vaqueanos, promoveram uma série de razias e execuções, inclusive sobre sertanejos rendidos, sendo o segundo semestre de 1915 conhecido como fase do “açougue”, tal a crueldade das operações. Os últimos sertanejos renderam-se em massa na virada de 1915 para 1916, quando apresentaram-se quatro mil em Canoinhas e seis mil em Curitiba. Grupos esparsos continuaram a ser implacavelmente reprimidos e caçados nos meses seguintes. Muitos redutários que se apresentaram para vaqueanos e forças oficiais foram degolados, outros fuzilados. Alguns sertanejos tentaram reatar antigos laços de subordinação com grandes proprietários, submetendo-se a um processo de rendição em que se repactuavam relações de patronagem, o que muito contribuiu para a cristalização de uma memória de derrota e para a demonização do movimento caboclo, mesmo por parte de descendentes de sobreviventes. Não há estimativas precisas quanto ao número de mortos no conflito. Considerando os mortos em combate, somados aos que pereceram em função de fome e doenças, o total certamente ultrapassa as dez mil mortes, representando um significativo impacto demográfico no território.

## O final

No mês de setembro de 1916, após o fim da guerra e a prisão de Adeodato, os estados de Santa Catarina e Paraná assinaram um acordo de limites sob o patrocínio do presidente Wenceslau Brás. As saliências de Timbó e de Itaiópolis e Papanduva ficariam com Santa Catarina e os Campos de Palmas foram divididos, quase ao meio, pelos dois estados. Na cláusula nove do Acordo ficavam assegurados os interesses dos Coronéis paranaenses. Havendo dúvidas quanto à titularidade de um imóvel, mesmo sendo em território agora atribuído à Santa Catarina, valeria o registro em cartório paranaense.

No ano de 1918, vários rebeldes foram anistiados pelo Decreto n.

3492, da Presidência da República. No entanto, Adeodato Ramos, o último chefe rebelde, continuou ilegalmente preso, até ser morto, em 1923, pelo Diretor do Presídio de Florianópolis.

A pacificação da região não pôs fim ao culto a João Maria nem à retomada de reunião pelos sertanejos. Nos anos seguintes as polícias dos estados sulistas foram chamadas para reprimir novas reuniões de caboclos em Mafra, Santa Catarina (1921), Pitanga, Paraná (1922), Concórdia, Santa Catarina (1924-25), Soledade, Rio Grande do Sul (1935-38) e Timbó Grande, Santa Catarina (1942). A tradição de São João Maria ainda é muito forte em várias comunidades do Sul do Brasil, desde povoações caboclas, indígenas, quilombolas e, ainda, de descendentes de imigrantes que, com o tempo, também “acaboclocaram-se”. Na atualidade esta região apresenta os municípios com os piores índices sociais do sul do Brasil. Formou-se uma espécie de mosaico com o enxerto de comunidades de origem europeia, que receberam terras, vias públicas, escolas, em meio ao mundo da pobreza cabocla, com acesso precário às terras, trabalho informal, pobreza, altos índices de mortalidade infantil e de analfabetismo.

Ao longo desta obra procuramos focar com mais detalhes nos episódios e nos personagens do Contestado, para que o leitor tenha uma compreensão mais abrangente do movimento social sertanejo e da própria guerra. No entanto, advertimos que não se trata de um livro completo ou obra que tenha como finalidade esgotar o assunto. A pesquisa histórica tem demonstrado que a cada geração, além do acesso às novas fontes colocadas à disposição, temos novas abordagens e novas perguntas, que tornam este processo de conhecimento interminável.

### O Grupo de Investigação sobre o Movimento do Contestado (GIMC)

Esta obra é organizada pelo Grupo de Investigação sobre o Movimento do Contestado. Trata-se de um grupo cadastrado nos Diretórios de Grupos de Pesquisa do CNPq, que reúne pesquisadores de oito diferentes Instituições de Ensino Superior do Sul do Brasil, e que promove eventos, pesquisas e publicações sobre a história da Guerra do Contestado, a tradição de João Maria e a vida e a cultura das populações do planalto meridional brasileiro.

# Cronologia do Contestado

## SÉCULO XVII

Várias Bandeiras provenientes de São Paulo atacam povoados indígenas no planalto meridional, escravizando grande número de habitantes com a destruição das Missões de Guairá (PR) e Tape (RS), planalto sofre significativo despovoamento.

**1732**

Abertura do caminho das tropas, entre Rio Grande do Sul e São Paulo, passando pelos territórios que atualmente pertencem à Santa Catarina e ao Paraná.

**1738**

Criação da Capitania de Santa Catarina e o início da disputa de jurisdição sobre o território do Contestado com a Capitania de São Paulo.

**1771**

Fundação da Vila de Lages por iniciativa do governo da Capitania de São Paulo.

**1810**

Real Expedição funda o Forte de Atalaia, em Guarapuava, e começa o aldeamento de indígenas Kain-gangues no planalto.

**1820**

Alvará do rei João VI passa o município de Lages da jurisdição de São Paulo para a Província de Santa Catarina.

**1829**

Criada a Colônia alemã de Rio Negro, em ambas as margens do rio.

**1839**

Fazendeiros de Guarapuava e de União da Vitória realizam expedição aos Campos de Palmas e fundam a Vila de Bom Jesus de Palmas. Fica aberta nova trilha para caminho das tropas, denominada de “Caminho das Missões”, proveniente da região missioneira do Rio Grande do Sul, travessia do rio Uruguai pelo passo do Goio-En, trânsito por Palmas, Guarapuava, Lapa até Sorocaba, Província de São Paulo.

**1840**

Os rebeldes Farroupilhas tomam Lages e rumam ao norte, mas são detidos pelas tropas Imperiais provenientes da Província de São Paulo, em Curitiba, no combate do Capão da Mortandade.

**1844-1853**

Monge João Maria de Agostini perambula pelo sul do Brasil e região platina. O andarilho piemontês deixou registros em Sorocaba, Lapa, Rio Pardo, Porto Alegre, Desterro, Santa Maria e São Borja.

**1848-1849**

Concentração de fiéis em torno de João Maria e de “águas santas” na localidade do Campestre, município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, termina em dispersão do povo, prisão do monge e sua condução para Santa Catarina.

**1853**

Criação da Província do Paraná (quinta comarca emancipada de São Paulo) e intensificação das disputas de limites com Santa Catarina.

**1879**

Através de um Aviso Ministerial, o governo Imperial define uma divisa provisória entre Paraná e Santa

Catarina, enquanto o assunto não é resolvido pelo poder legislativo. O rio do Peixe passa a ser considerado o limite oeste de Santa Catarina. Esta partilha vigorou até o Acordo de Limites de 1916.

**1882**

Instalação das Colônias Militares de Chapecó (atual município de Xanxerê) e Chopim, nos Campos de Palmas, chefiadas respectivamente pelos Capitães José Bernardino Borman e Santiago Dantas, com o objetivo de reforçar a presença do Estado em território disputado pela Argentina e trabalhar pela manutenção dos caminhos das tropas.

**1888**

João Teixeira Soares, a pedido do Governo Imperial, realiza os estudos para uma ferrovia que partiria de Itararé, em São Paulo, até Santa Maria da Boca do Monte, no Rio Grande do Sul, percorrendo a região contestada.

**1892**

Frei Rogério Neuhaus, de Lages, encontra o monge João Maria em Capão Alto, interior do município.

**1893-1895**

Guerra Federalista assola o planalto meridional, sendo a região

dominada pelos rebeldes federalistas (também chamados “maragatos”) até a derrota da expedição chefiada por Gumercindo Saraiva.

**1894**

Médico Ângelo Dourado, participante da expedição de Gumercindo Saraiva, relata encontro com o monge João Maria nos Campos de Palmas.

**1895**

Divulgada a arbitragem internacional do presidente Cleveland, dando ganho de causa ao Brasil na chamada Questão de Palmas, com a Argentina, disputa territorial que se estendia desde o início do séc. XIX.

**1896**

Início da construção da porção norte da linha principal da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.

**1897**

Movimento do Canudinho de Lages, na região de Entre Rios, fundos do Distrito de Campo Belo, município de Lages (SC). Sertanejos pobres e antigos “maragatos” se reúnem para tratar doentes e praticar rezas em povoado animado com a presença de Dom Miguelito, considerado irmão do monge João Maria. Re-

pressão à concentração sertaneja através de ataque coordenado das polícias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, destruição do povoado em 29 de agosto.

**1899**

O estado de Santa Catarina, através de seu advogado Manoel da Silva Mafra, entra com Ação no Supremo Tribunal Federal (STF) para reconhecer sua jurisdição sobre os Campos de Palmas e os territórios ao sul dos rios Iguaçu e Negro.

**1902**

Repressão ao movimento dos Monges do Pinheirinho, município de Encantado (RS). Pressionados por companhias de colonização no alto vale do Rio Taquari, imigrantes e polícia reúnem-se para combater a concentração de caboclos e ervateiros devotos do monge João Maria.

**1902**

Em disputa pela Superintendência Municipal da Vila de Curitiba, o coronel Francisco de Albuquerque derrota o coronel Henrique de Almeida, em eleição só reconhecida após recurso à Assembleia Legislativa.

**1904**

Santa Catarina obtém a primeira sentença favorável ao domínio sobre a região contestada no STF. Paraná recorre da sentença.

**1909**

STF nega recurso do Paraná e mantém sentença em favor de Santa Catarina. Governo do Paraná entra com embargos à decisão.

**1904**

Conflitos entre paranaenses e catarinenses na região do rio Timbó (entre União da Vitória e Canoinhas); prisão e exílio do “maragato” Demétrio Ramos.

**1909**

Ação de ataque e destruição de barreiras fiscais paranaenses por Aleixo Gonçalves de Lima na região contestada, entre Canoinhas e São Bento.

**1906**

Intervenção Federal na região do vale do rio Timbó, o “Contestado do Contestado”, para dirimir disputas entre autoridades paranaenses e catarinenses.

**1910**

STF indefere os embargos apresentados pelo Paraná e ratifica mais uma vez a sentença de 1904 em favor de Santa Catarina.

#### **DEZEMBRO DE 1910**

**1907**

O grupo chefiado pelo empresário americano Percival Farquhar, através da empresa holding *Brazil Railway Company*, assume a concessão para a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.

Inauguração da linha sul da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, unindo as cidades de Porto União da Vitória (PR) a Marcelino Ramos (RS). Aumentam as expulsões de moradores ao largo da linha, feitas pela empresa, que reivindicava direitos à terra mencionados pela concessão.

**1908-1910**

Sob a direção do engenheiro Achilles Sthengel a *Brazil Railway Company* constrói a linha sul da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, entre União da Vitória (PR) e Marcelino Ramos (RS).

**1911**

Seca da taquara, correria de roedores. Evento ambiental que criou uma crise agrícola na região do Contestado e foi memorizado como uma “praga bíblica”.



## 1911

Inaugurada a serraria da *Lumber and Colonization*, pertencente à *Brazil Railway Company*, em Três Barras, marcando o início da devastação sistemática das matas de araucária do planalto.

## MAIO DE 1912

Divulgada a cura da esposa do fazendeiro Francisco de Almeida pelo monge José Maria, nos Campos do Espinilho, município de Campos Novos. Romaria de doentes em busca de curas por José Maria.

## AGOSTO DE 1912

O monge José Maria comparece à Festa de Bom Jesus, em Taquaruçu, município de Curitiba, onde permanece mesmo depois de terminado o evento festivo.

## SETEMBRO DE 1912

Temendo que a concentração em torno de José Maria pudesse ser explorada pela oposição local, o coronel Albuquerque solicita tropas do Regimento de Segurança do Estado para dispersar o grupo de “fanáticos e monarquistas”.

## SETEMBRO DE 1912

José Maria resolve abandonar Curitiba e segue rumo a oeste,

acompanhado por um grupo de seguidores. Dirige-se aos Campos de Palmas, indo para a localidade de Irani (local sob administração provisória paranaense).

## OUTUBRO DE 1912

Governo do Paraná organiza expedição para destruição e captura do grupo de José Maria no Irani.

## 22 DE OUTUBRO DE 1912

Combate do Irani. Morte do coronel João Gualberto, destruição da expedição do Regimento de Segurança do Paraná. Morte de José Maria. Dispersão dos seguidores do monge. Primeira atuação do grupo intitulado “Pares de França”.

## 01 DE DEZEMBRO DE 1913

Reunião dos sertanejos em Taquaruçu, inspirados pelos relatos dos sonhos da menina Teodora. Período de forte influência de Eusébio Ferreira dos Santos e sua esposa Querubina. Formação da Cidade Santa de Taquaruçu.

## 09 DE DEZEMBRO DE 1913

Frei Rogério Neuhaus vai a Taquaruçu tentar negociar a dispersão do grupo, porém os rebeldes se declaram em um *novo século* e não atendem aos clamores do religioso.

## **DEZEMBRO DE 1913**

Consolidação das novas instituições caboclas. Chefias de Manoel e Joaquim. Nova configuração do grupo dos Pares de França (ou Pares de São Sebastião), regularização das “Formas” e instituição dos Comandantes de Briga, de Reza e de Abastecimento.

### **28 DE DEZEMBRO DE 1913**

Primeiro ataque a Taquaruçu. Forças federais e estaduais são derrotadas por sertanejos entrincheirados.

### **03 DE JANEIRO DE 1914**

Morte de Praxedes Gomes Damasceno na entrada da Vila de Curitiba, abatido por capangas do coronel Albuquerque, superintendente municipal.

### **INÍCIO DE JANEIRO DE 1914**

Temendo novo ataque das forças oficiais, vários homens de Taquaruçu se deslocam 30 km a norte para a construção da Cidade Santa de Caraguatá. Mulheres, crianças e velhos permanecem em Taquaruçu. Declínio da liderança de Eusébio e Querubina. Em Caraguatá, ascensão da liderança da virgem Maria Rosa.

## **JANEIRO/FEVEREIRO DE 1914**

O deputado paranaense Correia Defreitas vai em missão de paz aos redutos de Taquaruçu e Caraguatá, contudo o segundo ataque à Taquaruçu frustrou a tentativa de pacificação.

### **08 DE FEVEREIRO DE 1914**

Segundo ataque oficial à Taquaruçu, cidadela é bombardeada por forças do exército e polícia catariense. Sua população é totalmente massacrada.

### **09 DE MARÇO DE 1914**

Batalha de Caraguatá. Vitória sertaneja sobre mais de 900 soldados das forças oficiais.

### **FINAL DE MARÇO DE 1914**

Maria Rosa comanda retirada de Caraguatá, em razão de uma epidemia de tifo. Formação do reduto de Bom Sossego. Ascensão da liderança de Chiquinho Alonso, com apoio de Elias de Moraes e sua esposa Adúlcia.

### **ABRIL E MAIO DE 1914**

Expedição do general Mesquita. Combate contra a Guarda de Santo Antônio e recolhimento das forças oficiais. Divergências do general Mesquita com “vaqueanos civis” chefiados por Coronéis da

Guarda Nacional. Pequena unidade do exército fica operando na região sob o comando do capitão Matos Costa.

#### **JULHO DE 1914**

Expansão do movimento sertanejo ao planalto norte, adesão das lideranças de Antônio Tavares, Aleixo Gonçalves e Bonifácio Alves dos Santos (Papudo). Início do assédio rebelde à Vila de Canoinhas.

#### **AGOSTO DE 1914**

Início da expansão rebelde generalizada sobre o planalto central. Ataque às estações da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, tomada das Vilas de Itaiópolis e Papanduva.

#### **SETEMBRO DE 1914**

Ataque rebelde às estações de Calmon e São João. Incêndio da serraria da *Lumber* em Calmon. Morte do capitão Matos Costa. Governadores de Santa Catarina e Paraná solicitam intervenção federal. Formação da expedição do general Setembrino de Carvalho.

#### **26 DE SETEMBRO DE 1914**

Rebeldes tomam a Vila de Curitiba e incendiam prédios públicos e propriedades do coronel Albuquerque.

#### **SETEMBRO A DEZEMBRO DE 1914**

Sob o comando do general Fernando Setembrino de Carvalho um contingente de seis mil soldados do exército é enviado para a região conflagrada.

#### **OUTUBRO DE 1914**

Expansão rebelde ao planalto sul. Domínio sertanejo sobre Campo Belo, Capão Alto e interior de Campos Novos. Assédio rebelde à cidade de Lages.

#### **01 DE NOVEMBRO DE 1914**

Combate de Rio das Antas, morte do comandante Chiquinho Alonso.

#### **SEGUNDA QUINZENA DE NOVEMBRO DE 1914**

Adeodato assume o comando geral dos rebeldes e ordena o recolhimento de todos os piquetes para o vale do Rio Santa Maria. Fim dos assédios à Canoinhas e Lages. General Setembrino de Carvalho começa o cerco e o combate a qualquer tipo de comércio e abastecimento dos redutos.

#### **21 PARA 22 DE NOVEMBRO DE 1914**

Assassinato de 17 trabalhadores, entre nacionais e estrangeiros, às

margens do Rio Iguaçu, por vaqueanos a serviço do Exército Nacional, que ficou conhecido como “Chacina do Iguaçu”.

#### **DEZEMBRO DE 1914**

Formação do reduto de Santa Maria.

#### **JANEIRO DE 1915**

Primeiras rendições no planalto norte: rendições dos grupos de Bonifácio Papudo, Gregório de Lima e Alemãozinho.

#### **FEVEREIRO E MARÇO DE 1915**

Várias tentativas da Coluna Sul do exército, chefiada pelo tenente-coronel Estillac Leal, fracassam na tentativa de destruição de Santa Maria.

#### **01 DE MARÇO DE 1915**

Queda do avião pilotado pelo tenente Kirk encerra tentativa de emprego da aviação por parte dos militares.

#### **02 DE ABRIL DE 1915**

Tomada e destruição do reduto de Santa Maria pela expedição comandada pelo capitão Tertuliano Potiguara, da Coluna Norte. Muitos sertanejos fogem.

#### **ABRIL DE 1915**

Sobreviventes de Santa Maria formam os novos redutos de São Miguel, Pedra Branca e São Pedro.

#### **MAIO DE 1915**

Afastamento do coronel Albuquerque da Superintendência Municipal de Curitiba. General Setembrino declara encerrada sua expedição. Uma unidade do 54 Batalhão de Caçadores, auxiliada por grupos de vaqueanos e pelo Regimento de Segurança de Santa Catarina, passam a policiar o planalto e apertar o cerco aos redutos remanescentes.

#### **JUNHO A DEZEMBRO DE 1915**

Fase do “açougue”, período de massacres e caçadas à caboclos dos últimos redutos.

#### **DEZEMBRO DE 1915 A JANEIRO DE 1916**

Destruição do reduto de São Pedro e rendição em massa dos últimos redutários.

#### **AGOSTO DE 1916**

Prisão de Adeodato, que se apresenta em Canoinhas.

## **20 DE OUTUBRO DE 1916**

Assinatura do Acordo de Limites entre Paraná e Santa Catarina.

## **27 DE DEZEMBRO DE 1917**

Morte do coronel Albuquerque, por emboscada de inimigos políticos.

## **19 DE JANEIRO DE 1918**

Decreto Federal n. 3.492 anistia a todos os envolvidos e processados na sedição do Contestado, entre Paraná e Santa Catarina

## **JANEIRO DE 1921**

Prisão de grupo de sertanejos chefiados por Bonifácio Papudo (Bonifácio Alves dos Santos) pela polícia de Mafra, Santa Catarina.

## **03 DE JANEIRO DE 1923**

Assassinato do último chefe rebelde Adeodato Manoel Ramos, executado pelo Diretor da Penitenciária de Florianópolis.

## **ABRIL DE 1923**

Ocupação indígena de Pitanga, oeste do Paraná, por Kaingangues devotos do monge João Maria, que são massacrados pela polícia e por colonos.

## **ABRIL DE 1925**

Emboscada e morte de Fabrício das Neves (veterano da Batalha do Irani) por ataque dos irmãos Ruas, vaqueanos a serviço do general Rondon em repressão ao levante tenentista.

## **1935-1938**

Ocorrência do “Movimento dos Monges Barbudos” no interior do município de Soledade, Rio Grande do Sul. Concentração de sertanejos estimulada por uma nova passagem do monge João Maria na região. Destruição do povoado dos monges por ação da Brigada Militar do Rio Grande do Sul na Semana Santa de 1938.

## **MAIO DE 1942**

Prisão de grupo de sertanejos devotos do monge João Maria, o movimento dos Alonsos, na região dos rios Timbó e Tamanduá, pela Polícia de Porto União.



UNIDADE 1



**CAMINHOS, PALAVRAS E CONFLITOS:  
SEMENTES DAS CIDADES SANTAS**





# 1

## Monge João Maria de Agostini: o eremita das Américas

Alexandre Karsburg

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: trajetória de vida do monge João Maria (1801 a 1869), sua descendência e ancestralidade, questões enfrentadas nas viagens que fez por toda América e Europa, relações política com o clero e a sociedade, peregrinação e profecias.*

Contemplando o silêncio de sua solidão no alto de uma montanha, o eremita João Maria de Agostini poderia estar pensando sobre sua longa e atribulada vida. De fato, havia muito para refletir desde que iniciara a vida peregrina quase meio século antes. Passara por vários países, em dois continentes; conhecera centenas de pessoas, envolvendo-se em diferentes situações. Numa confusão de acontecimentos, datas, nomes e lugares, seria interessante selecionar aqueles realmente importantes em sua trajetória. Lembranças variadas e sobrepostas o confundiam. Era preciso e urgente organizá-las, dar uma ordem aos fatos, selecionar eventos, criar um sentido à sua vida, deter o processo de esquecimento. E, se fosse contar para alguém suas experiências, deveria iniciar por algum lugar. Quem sabe poderia fazê-lo pela sua origem familiar, no norte da Itália, no início do século XIX? Assim foi feito.

### As origens

Ao narrar suas origens italianas em um livro de memórias, escrito entre 1863 e 1866, João Maria de Agostini se apresentou como membro de uma linhagem real ligada ao imperador romano Justiniano (483-565). Porém, ao contrário disso, ele não nasceu de família nobre

ou algo parecido. Seus progenitores eram camponeses da região de Novara, entre o Piemonte e a Lombardia, norte da Itália, pessoas sem terras que vendiam o único bem que possuíam: a força de trabalho. Não que a família Agostini fosse completamente miserável, apesar de não andarem longe disso. Em um mundo de pouca moeda circulante e onde o principal recurso, a terra, estava nas mãos de uma minoria, os Agostinis procuravam manter algumas relações que permitissem a eles o mínimo de segurança. O pai, Mattias de Agostini, era casado com Maria Domênica Monfrini. A família de Agostini era da cidade de Fontaneto d'Agogna; a da mãe, de Sizzano. Distantes uma da outra apenas por 12 km, foi em Sizzano, em 11 de julho de 1801, que nasceu Giovanni Maria de Agostini – o personagem de nossa e de tantas outras histórias.

Giovanni Maria tinha uma irmã, Maria Francesca, dois anos mais velha que ele. Seus outros dois irmãos morreram em idade neonatal. Agostini nasceu em casa alheia, já que os pais trabalhavam para um grande proprietário de terras de Sizzano em 1801: o conde Luigi Torielli. Nesta casa em área rural, chamada *La Bergamina*, moravam o casal Mattias de Agostini e Maria Domênica, os filhos Maria Francesca e Giovanni Maria, além da irmã de Mattias, Anna Francesca, de 29 anos. No ano seguinte ao nascimento de Giovanni Maria, a família não estava mais morando na propriedade. Acabada a colheita da uva, rumaram para destino por nós ignorado. Como trabalhadores rurais, devem ter se encaminhado para alguma outra vila da região em busca de serviço temporário. Forçados a uma existência perpetuamente itinerante, sem a possibilidade de enraizar-se em uma comunidade, os Agostinis, assim como tantas outras famílias do norte italiano, viviam em condições de pura e simples subsistência.

Depois de 1802, nenhum outro indício foi encontrado, até agora, a respeito de Giovanni Maria de Agostini e sua família na região do Piemonte. Há hipóteses sem confirmação documental, como a morte da mãe, quando Giovanni Maria tinha apenas oito meses de vida. A certidão de óbito não foi encontrada nem em Sizzano, nem em Fontaneto d'Agogna. Sendo por nós desconhecidos os movimentos da família após a saída de Sizzano, em 1802, não podemos confirmar, nem desautorizar, a versão da morte da mãe. Sem mais indícios que nos contem da infância e adolescência de Giovanni Maria, pulemos, portanto, para o primeiro documento que temos de nosso personagem já adulto: um passaporte redigido em Novara para que Agostini pudesse viajar para o reino de Nápoles, ainda na Itália, em 1833.

## Peregrinações, passaporte e promessas antes de partir para a América

A notícia do passaporte conseguido por Giovanni Maria em Novara é importante porque, pela primeira vez, será descrito como “aleijado nos dedos da mão esquerda”, algo que só voltará a acontecer em Sorocaba, no Livro de Registro de Estrangeiros, em 24 de dezembro de 1844. Por ocasião de sua chegada em Sorocaba, o monge João Maria de Agostini será identificado como “aleijado dos três dedos da mão esquerda”. Essa descrição física se mostraria decisiva para reconhecimento do personagem retratado em duas fotografias, uma tirada em 1861 (Havana, Cuba) e outra em 1867, possivelmente no Novo México (EUA). O passaporte de 1833, no entanto, não foi encontrado, apesar de uma busca nos fundos do Arquivo do Estado de Novara, que não preserva os documentos deste tipo emitidos antes da criação do reino da Itália, em 1861. O que foi fazer Giovanni Maria em Nápoles também nos é desconhecido. Contudo, é bem provável que já estivesse preparando sua viagem para a América – viagem, aliás, que será definitiva, pois jamais retornará para a Itália.

Enquanto esteve na Europa, Giovanni Maria andou muito. Seu livro de memórias – que será redigido entre 1863 e 1866, no distante Cerro do *Tecolote*, norte do Novo México (EUA) – nos fala que esteve em vários lugares de peregrinação, principalmente na Espanha: Zaragoza, Compostela, Montserrat. Também narra que em algum destes locais tentou ingressar em ordens religiosas (cartuxos e trapistas), mas o modo contemplativo de tais ordens não o agradava, tanto que abandonou os mosteiros em pouco tempo. Estas viagens e tentativas de se tornar monge cenobita na Espanha se desenrolaram entre o ano de 1830 e 1833 – lembrando que em 1833 ele estava de volta à sua província natal, Novara, em busca de um passaporte para Nápoles.

Sabemos que em Roma, e não no reino de Nápoles, Giovanni Maria fez votos de castidade, obediência e pobreza visando seguir o instituto de Santo Antônio Abade (251-356), o primeiro dos eremitas cristãos. E foi em Roma que Agostini fez a sua mais grandiosa promessa: a de “servir a Deus até a morte nos mais terríveis desertos do mundo”. Ainda segundo sua versão, ele só poderia abandonar tais votos se o papa o autorizasse. Sua estada em Roma não se prolongou para além de 1837, pois, nos primeiros meses de 1838, ele se encontrava em Nantes, na França, aguardando navio para o “Novo Mundo”. Ali começava a jornada que o faria entrar para a história.

## O peregrino das Américas

João Maria de Agostini chegou a Caracas, capital da recém-formada República da Venezuela, em junho de 1838. Alguma informação ele tinha da América do Sul, pois o continente continuava a ser considerado, pelos europeus do século XIX, uma terra de descobertas e de missão religiosa. Porém, sua busca parecia também se concentrar na vida solitária, tal como os padres do deserto do início da era cristã. Se era isso que desejava, as altas montanhas da Cordilheira dos Andes e os extensos desertos permitiriam a ele entrar plenamente em uma vida de solidão perfeita. Após alguns dias de descanso em Caracas, tomou o rumo do sul, passando por cidades como Santa Fé de Bogotá e Popayan na Colômbia; Quito e Guayaquil no Equador; Lambayeque e Motupe no Peru. De acordo com suas memórias, viveu nesses lugares diferentes por tempo variável, pregando às pessoas de acordo com as ordens que recebia dos bispos. Aliás, estes mesmos bispos parecem ter insistido para que Agostini permanecesse como sacerdote em alguma paróquia. Porém, quando ele lhes explicava sua missão na América, os bispos permitiam que continuasse em sua jornada.

Vale dizer que em Motupe, no norte do Peru, Agostini passou dois anos (1839-1841) em um local ao lado de uma grande montanha, próxima à Cordilheira dos Andes. Habitava uma caverna que ficava a 16 km das casas mais próximas, mas isso não o impedia de ir à igreja paroquial todos os domingos e dias de festa para assistir à Missa. Sua idade naquele tempo (38 a 40 anos) permitia longas caminhadas.

Entre suas tarefas, ele visitava os doentes e os pobres, fazendo o melhor para levar a eles um pouco de conforto. No início da noite, depois de os sacerdotes concluírem a cerimônia da Missa, ele reavivava a fé dos ouvintes recitando o Rosário e realizando breve exortação sobre o Temor de Deus e outros assuntos apropriados. Para Agostini, era um “prazer ver como aquelas simples almas reagiam às palavras e como recebiam os ensinamentos da Santa Igreja de que há tanto tempo haviam sido privadas”. Antes de sair de Motupe, João Maria de Agostini ganhou de um importante morador uma carta de recomendação que dizia: “Deus tem olhado por nós e nos protegido de todo mal enquanto o solitário reverendo viveu entre nós”.

De Motupe, Agostini se dirigiu mais para o sul, passando por Trujillo. Em novembro de 1842, seus documentos indicam que ele se encontrava na capital do Peru, Lima. Após mais uma vez desculpar-se com o bispo, que insistiu para ele se tornar padre, partiu da capital em

direção nordeste, alcançando a cidade de Moyabamba em abril de 1843. O barulho das grandes cidades o perturbava, e nem mesmo nas igrejas sentia-se em paz. No mês seguinte, em 06 de maio, mais precisamente, deparou-se com o Rio Maranhão, o maior dos afluentes do Amazonas. Ali, ele embarcou no grande Rio Amazonas para entrar no Brasil. Passou rapidamente por Tabatinga, continuando sua navegação pelo Amazonas até chegar a Belém do Pará. Poucos dias depois, tomava um barco para o Rio de Janeiro, não sem antes fazer uma parada de alguns dias em Natal, capital da província do Rio Grande do Norte, para tratar de uma febre. Estamos na primeira metade de 1844.

A partir desta data, até novembro de 1852, o que não encontramos em suas memórias pode ser buscado em outros documentos, como registros de entrada de estrangeiros, cartas de recomendação, passaportes, documentos policiais, relatórios variados, jornais. Em pouco tempo ele chegaria ao Rio Grande do Sul, onde conheceria fama não desejada. Enquanto esse momento não chegava, o italiano Giovanni Maria de Agostini se fazia registrar no Rio de Janeiro como tripulante do vapor Imperatriz, vindo do Pará, em 18 de agosto de 1844. Na capital do Império buscou o isolamento da Pedra da Gávea, atraindo a atenção de negros escravos e seus proprietários.

Depois de dissipadas as desconfianças, um proprietário de terras se colocou como seu benfeitor, enviando mantimentos ao solitário da Pedra da Gávea que, em troca, dava rosários e pequenos crucifixos. Agostini era também um artesão. Por quatro meses permaneceu na Gávea, entre agosto e dezembro de 1844. E assim como chegou, partiu. Novamente pelo porto, deixou o Rio de Janeiro e embarcou para Santos. Dali, subiu a serra para se apresentar em Sorocaba, onde se fez registrar no dia 24 de dezembro de 1844. Neste momento, o escrivão anotou que o italiano João Maria de Agostini, “solitário eremita a serviço de seu ministério”, de 43 anos, que iria habitar o morro do Araçoiaba, era “aleijado de três dedos da mão esquerda”. Inquieto, Agostini não ficou muito tempo na região. Seu destino seria mais ao sul.

Interessante notar que, em seu livro de memórias, somente dois fatos foram por ele selecionados sobre o Brasil. O primeiro, refere-se a um aspecto positivo, de agradável lembrança: o encontro dele com o Imperador Pedro II, que lhe concedeu amizade e outros “obséquios e favores que ele não daria para qualquer pessoa. Estas honras, contudo, não eram úteis para alguém que procurava uma vida de solidão e sofrimento; após isso, deixei a capital brasileira para nunca mais retornar”. O segundo evento, igualmente marcante para o eremita,

retirou-o do anonimato e fez dele o “monge santo do Rio Grande”, ou, como ficou registrado na história do Brasil, “monge João Maria”. Deixemos que fale o próprio italiano:

Em 1846, quando eu tinha 45 anos de idade, dirigi-me para um retiro solitário no Campestre, onde permaneci por 11 meses, andando até Santa Maria da Boca do Monte. Neste vasto deserto inculto descobri uma fonte de água mineral com maravilhosas propriedades curativas, e o lugar que era refúgio de tigres e leões tornou-se uma próspera vila. Pessoas ignorantes começaram a pensar que as curas produzidas pelas águas e os remédios naturais que eu receitava eram feitos de minha própria santidade, e eu tive que abandonar o local para escapar de suas constantes visitas e das exageradas honrarias que me passaram a ser dirigidas.

Um tanto ingrata esta sua lembrança. As tais pessoas que ele chamou de “ignorantes” prestaram-lhe todo apoio nos 11 meses em que permaneceu no Campestre, interior do Rio Grande do Sul, próximo a então vila de Santa Maria, entre novembro de 1845 e outubro de 1846. Auxiliando-o em diversas tarefas, como a abertura da trilha da base até o cume do cerro do Campestre, eles também ajudaram a construir e erguer de 17 cruzes, além da edificação de uma ermida no alto do morro onde seria guardada uma imagem de Santo Antônio Abade. A eles o eremita delegou responsabilidades como manter limpos o caminho da via-sacra e o que levava até a “fonte de água mineral”. E estas “pessoas ignorantes” seguiram, na medida do possível, as orientações transmitidas, continuando a devoção a Santo Antônio Abade e fazendo o nome monge João Maria ganhar trajetória póstuma de grande notoriedade.

Chama atenção a maneira abreviada que Agostini retratou os anos vividos no Brasil. Não comentou a respeito de problemas com autoridades; ao contrário, destacou que foi valorizado por elas e desqualificou o povo que o consagrou. Nenhum outro local ou nome foi mencionado, apesar de sabermos que durante quase uma década ele passou por várias cidades, vilas e povoados percorrendo milhares de quilômetros, principalmente no planalto meridional brasileiro. Talvez nem lembrasse quantas vezes tinha atravessado os sertões do sul, indo e vindo como peregrino, leigo pregador do Evangelho, artesão e curandeiro, morando em cavernas, grutas, montanhas e Ilha, como a do Arvoredo, em Santa Catarina, entre dezembro de 1848 e maio de

1849. Quem sabe, resolveu resumir a passagem pelo Brasil para não confundir os futuros leitores de suas memórias. Talvez por isso tenha sido sucinto, assim como seria ao relembrar as passagens e desventuras pela Argentina, Paraguai, Chile e Bolívia.

Se Giovanni poupou informações para a América do Sul, tampouco se alongou sobre suas experiências em países da América Central. Para a América do Norte falou sobre o México, onde voltou a reunir grande população à sua volta, sendo investigado e preso por conta desta ascendência sobre o povo. Entrou em discussão com o governador de Puebla, desafiando sua autoridade. Por tamanho desacato, após semanas na prisão, foi deportado para Cuba, em outubro de 1861. Na capital Havana um retratista fez o primeiro registro fotográfico do monge João Maria, intitulado a foto como “A Maravilha do Nosso Século”. De passagem por Havana, Agostini embarcou novamente, rumando para Nova York, em plena Guerra Civil (1861-1865). Não permaneceu muito tempo ali. Seu destino seria a cidade canadense de Quebec, antiga colônia francesa. Descontente com a forma com que os habitantes de Quebec o trataram – confundiram-no com um mendigo –, Agostini decidiu tomar o rumo do oeste americano. Esta seria sua última grande jornada.

## O martírio de sangue

A sua decisão de ir para o oeste dos Estados Unidos foi o último registro de suas memórias. Para o que vem após isso, fiamos-nos em documentos de época, como jornais, cartas de recomendação dadas a Agostini por autoridades estadunidenses e memórias de pessoas que conheceram e se relacionaram com ele entre 1862 (data de sua reentrada nos Estados Unidos após alguns meses no Canadá) até o momento de sua morte. Já muito experiente em viagens a pé e de longa distância, Agostini agrupou-se para cruzar o meio-oeste americano até chegar ao Novo México, na cidade de Santa Fé, em 1863. Porém, buscou no alto de uma montanha, na vila de Las Vegas, o refúgio onde permaneceria por três anos. Esta montanha seria rebatizada logo após a saída do monge andarilho, em maio de 1866. Desde então chama-se *The Hermit Peak*.

Difícil dizer qual era a intenção de Agostini quando ele resolveu ir mais para o sul, no caso a vila de Mesilla, quase fronteira com o México. Sua vontade de peregrinar, sempre empurrando-o a uma

jornada que parecia não ter fim, devia entrar em confronto com a vocação eremítica, a vida solitária e estacionária. De qualquer modo, a vila de Mesilla parecia ser um ponto de passagem para ele, cujo destino, ao que tudo indica, era o México mais uma vez. Estaria Agostini com planos de regressar à Itália? Um dos últimos registros de seu livro de memórias deixou transparecer um desejo de retorno para a terra natal. Não saberemos jamais.

Como era seu costume, fez-se registrar em livro de visitas do tribunal do Condado de Santa Ana. Uma vez em Mesilla, contactou pessoas, rezou com elas, ensinou crianças a ler, participou das Missas, fez sermões. Também tratou de alguns doentes, além de contar suas histórias de viagens pelo mundo, apresentando-se como missionário de índios. Refugiou-se em uma caverna incrustada em uma formação rochosa a 16 km da vila. Alertado de que era perigoso viver sozinho naquela região, tranquilizou seus mais novos amigos dizendo que acenderia uma fogueira todas as sextas-feiras à noite para avisar que tudo estava bem. Deveriam subir a montanha caso não avistassem o sinal de fogo na sexta-feira. No mais, índios e foragidos não o assustavam, pois havia passado por inúmeras situações desse tipo sem que qualquer mal lhe acontecesse. Mas não desta vez.

No dia 30 de abril de 1869, a fogueira não foi vista pelos moradores de Mesilla. No sábado, ainda de madrugada, um dos amigos mais próximos do eremita, Antônio Garcia, acompanhado por alguns homens, mais o Xerife Mariano Barela, se dirigiram para a caverna – *La Cueva*. O corpo só seria encontrado no domingo, distante da caverna. Estava caído, de bruços, segurando firmemente um rosário na mão. A cabeça apresentava marcas de um forte golpe na parte de trás, além de duas perfurações nos pulmões, possivelmente feitas com lança. O juiz determinou a morte como homicídio. Velado na igreja San Albino, foi enterrado no dia 02 de maio de 1869. O Padre José Jesus de Baca assim registrou no livro de óbitos:

No dia 02 de maio de 1869, eu, sacerdote Padre José de Jesus Baca, encarregado da ordem espiritual da paróquia de San Albino de Mesilla, enterrei eclesiasticamente no solo sagrado o corpo de Juan Ma. Agostini, adulto da Itália, eremita dos desertos, que não recebeu sacramentos por ter sido assassinado nas montanhas e por isso assino.

O assassinato de João Maria de Agostini faz parte de uma lista de crimes jamais solucionados do Condado de Dona Ana, sul do Novo



México, fazendo a trajetória de sua vida peregrina ser contada e recontada desde então. Verdadeiro drama de “fé, romance, coragem, caridade e martírio da vida de um eremita”. O corpo de Agostini foi enterrado no *San Albino Cemetery*, em Mesilla, onde se encontra até hoje ao lado de jazigos que guardam os restos mortais de pioneiros que desbravaram a região do Novo México no século XIX. Agostini cumpriu, portanto, a promessa de servir a Deus até a morte nos mais terríveis desertos do mundo.

### Fim de prosa

O livro de memórias de Agostini foi escrito entre 1863 e 1866, quando ele estava no norte do Novo México vivendo em uma montanha. Como afirmamos, sua intenção com este livro era dar coerência à sua existência, justificar escolhas e, também, defender a honra atacada, desculpando-se de amigos que conheceu em quase meio século de vida errante. Ao selecionar fatos, ocultou outros, propositadamente ou por esquecimento. Para formar o conteúdo do texto, poderia consultar os inúmeros passaportes e cartas que atestavam lugares por onde passou, pessoas com quem falou e/ou se relacionou. E assim ele deve ter procedido. No livro de memórias, contudo, decidiu escrever pouco da terra natal, e quando o fez ocultou seu passado camponês, de família pobre. Um santo, para ser santo, precisava ser de descendência aristocrática ou mesmo real, por isso foi buscar no imperador Justiniano a linhagem familiar. Essa tentativa de reescrever o próprio passado era comum na escrita hagiográfica: literatura que visava construir modelos de virtude sagrada para pessoas com predestinação à santidade desde a infância.

O livro de memórias traz uma série de informações pontuais, precisas quanto a datas, nomes de pessoas e lugares. Confrontado a documentos encontrados em arquivos diversos, espalhados em vários estados brasileiros e em países como Peru, Argentina, Chile, México, Estados Unidos e Itália, aos poucos vamos conseguindo reconstruir seu percurso, bem como detalhes de suas experiências. Este amálgama de fontes históricas não nos deixa dúvidas: João Maria de Agostini foi um sujeito excepcional, excêntrico para muitos, que escolheu seguir um modelo de vida exemplar, centrado na missão itinerante e na existência solitária. Seu legado ultrapassou sua presença física, pois deixou para a posteridade outras histórias possíveis. Trajetórias *post-mortem* (após a morte) tão ricas quanto a própria trajetória de vida.

## Para saber mais

- † Agostini, J. “Memórias do eremita Juan de Agostini”. Trad.: C. Wolfe. **San Miguel News**, v. 2, fev. 1925.
- † Dessilani, F. “Documentos sobre Giovanni Maria de Agostini na Itália: a família de origem e nascimento”. In: Karsburg, A. (org.) **História das religiões e religiosidades, v. 7**. Monge João Maria na História – Dossiê 150 anos da morte do monge João Maria de Agostini (1869-2019). São Paulo: ANPUH, 2019. p. 115-32.
- † Karsburg, A. O. **O eremita das Américas: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX**. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2014.
- † Santini, F. “Un viaggio durato 49 ani. Giovanni Maria de Agostini: eremita italiano sulle montagne del Nuovo Messico”. **Notiziario Filatelico**, Lucca. n. 114/115, ano 10, n. 11/12, p. 3-18, 1970.
- † Thomas, D. G. “Juan Maria de Agostini na América do Norte”. In: Karsburg, A. (org.) **História das Religiões e Religiosidades – Vol. 7**. Monge João Maria na História – Dossiê 150 anos da morte do monge João Maria de Agostini (1869-2019). São Paulo: ANPUH, 2019. p. 133-66.

## Os Donos da Terra: posseiros e latifundiários (séc. XIX)

Flávia Paula Darossi

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: ocupação e registro de terras do planalto catarinense, registro de terras no período colonial, Lei das Sesmarias, registro de terras no período Imperial, Lei de Terras, fundação da Vila de Lages, divisão da Fazenda Figueiredo.*

Podemos afirmar que parte importante da guerra sertaneja do Contestado foi gestada durante o Império. Neste período, que se estendeu de 1822 a 1889, o planalto de Santa Catarina foi palco de muito trabalho e luta camponesa pela terra. Por diversas vezes, posseiros, sitiantes e agregados lavradores disputaram direitos de propriedade inclusive na justiça, resistindo ao mandonismo local de grandes fazendeiros, criadores e comerciantes de gado que desejavam expropriá-los de suas posses de terras. Ao longo de todo o século XIX, experiências como estas ajudaram na formação da consciência política de muitos sertanejos do Contestado que, a partir de 1912, se revoltaram em ajuntamentos contra a concentração fundiária e a usurpação ilegal de terras públicas pelas elites proprietárias locais. Portanto, para entendermos a Guerra do Contestado, precisamos estudar a história da questão de terras do planalto no período imperial.

No ano de 1861, a situação das terras de Santa Catarina foi relatada pela presidência da província da seguinte maneira:

Nesta província existe grande quantidade de terras devolutas, sem compreender mesmo aquelas terras sobre as quais há pretensões contestáveis a título de posse ou concessão, e que oportunamente poderão reverter ao Estado. Abstraída uma estreita orla do litoral, onde está disseminada a

população, pode-se dizer que ainda é um sertão com imensas riquezas inaproveitadas toda a superfície até a Serra do Mar: no fundo da província, entre esta cordilheira e os longínquos confins, estendem-se elevadas campinas, raramente povoadas e com poucas interrupções de matas e montanhas, nas quais se exerce a indústria pastoril. É tão vasta a região inculta e desabitada, que o gentio [indígena] ainda encontra as condições indispensáveis para a vida nômade e esquiva qualquer contato com a civilização. A quase totalidade do espaço inculto e despovoado pertence ao domínio do Estado.

Na metade do século XIX, autoridades oficiais consideravam que grande parte de Santa Catarina era devoluta, com exceção do litoral. O termo “devoluto” dizia respeito às terras não utilizadas pelos domínios público ou particular e que pertenciam ao Estado Imperial. Até 1822, quando o Brasil se tornou um país independente, o território brasileiro fazia parte do patrimônio real de Portugal. Pela Lei de Sesmarias, a Coroa Portuguesa tinha o poder de conceder lotes de terras a colonos com recursos para explorá-las, a despeito da existência do povoamento indígena. Para garantir a propriedade da concessão, a terra doada deveria ser cultivada e ter seus limites medidos e demarcados pelo colono, caso contrário, ele perderia o direito sobre o lote, que seria devolvido ao domínio patrimonial da Coroa. Com o tempo, o sentido da palavra “devoluto” foi alargado, passando de “devolvido à Coroa” para “desabitado”, ou seja, aquele território que ainda não havia sido apropriado por alguém, uma terra despovoada, intocada.

As autoridades tinham a região do planalto catarinense como o “fundo da província”, um “sertão” pouco povoado a não ser pelos criadores de gado, que aproveitavam as campinas para promover a indústria pastoril. No caso das populações indígenas que ocupavam o território entre a serra, o litoral e o oeste, o *regulamento das missões de catequese e civilização dos índios*, de 1845, determinou que fossem removidas e confinadas em aldeamentos criados pelo Governo. Pela lei, os indígenas que tivessem um modo de vida agrícola poderiam permanecer nas terras que até então ocupavam, mas somente por direito de usufruto, isto é, com direito de posse para cultivar, porque as terras eram propriedade do Estado. Em 1852, Guilherme Ricken, o delegado de polícia de Lages, comunicou que “apesar de se achar este município rodeado de imensos sertões povoados de indígenas de diferentes tribos, nenhum aldeamento deles aqui existe”. Diversas

incursões foram realizadas por fazendeiros e outros moradores para apresar e matar índios sob a justificativa de que eles atacavam suas lavouras e rebanhos de gado.

Na prática habitado por indígenas das etnias *Xokleng* e *Kaigang* (botocudos e coroados), o planalto foi oficialmente colonizado por bandeirantes e tropeiros paulistas a partir do século XVIII, constituindo parte do caminho das tropas de mulas conduzidas do território do rio da Prata até Sorocaba (SP). São desta época as primeiras concessões de datas de sesmarias no planalto, onde foram estabelecidas fazendas de pecuária extensiva (de gado criado solto) e de invernadas (áreas de pasto cercadas ao confinamento e engorda de gado). A capitania de São Paulo fundou a vila de Lages em 1771 com os objetivos de reunir a população de criadores que já existia dispersa pela região, desenvolver estradas pelo interior da Colônia e garantir a defesa do território. Com o tempo, a região transformou-se em fronteira interna de expansão da pecuária paulista e rio-grandense. Por estar mais próxima da capital catarinense, em 1820, Lages foi transferida da jurisdição de São Paulo à de Santa Catarina.

Os campos naturais eram mais valorizados à pecuária pelo relevo plano e a vegetação rasteira, pois favoreciam a pastagem de mais cabeças de gado por hectare. Localizavam-se principalmente em Lages, Campos Novos, São Joaquim e em parte de Curitibanos, formando o padrão de ocupação a partir de grandes propriedades. Os vales florestais e faxinais (de pastagens com matos) situavam-se mais em Curitibanos. Como podemos observar no mapa a seguir, de norte a sul do planalto existiram terras devolutas. A sua abundância fazia da região uma importante fronteira interna de colonização e de agricultura, mesmo após 1889, na República (Figura 1).

Da Colônia ao Império, o Brasil promoveu dois principais regimes de aquisição de terras. O primeiro deles, a Lei de Sesmarias, foi criado em Portugal ainda no século XIV. Aplicado no Brasil até 1822, promoveu a colonização do território através da doação de lotes de terras devolutas. O processo de concessão de uma sesmaria iniciava com o requerimento do colono à Coroa Portuguesa, seguido da confirmação dos requisitos de cultivo, medição e demarcação. Contudo, a maioria dos sesmeiros no Brasil não cultivou ou não mediu, nem demarcou os limites de suas sesmarias. Em 1854, Guilherme Ricken, o então juiz municipal de Lages, declarou que:

As sesmarias antigamente concedidas pelos Capitães



Figura 1. Mapa da província de Santa Catarina em 1885.

Generais de São Paulo neste termo se acham atualmente todas em posse de terceiro ou quarto ocupante, por venda que delas fizeram os primeiros sesmeiros. Nenhuma destas sesmarias tinha sido medida.

Todas as sesmarias da região do planalto estavam em situação irregular pela falta de medição e confirmação junto às autoridades. Apesar disso, mesmo com as divisas imprecisas, todas as sesmarias foram vendidas, passadas adiante pelos primeiros sesmeiros ou seus herdeiros sem os títulos definitivos de propriedade, pois, o que tinham em mãos eram apenas documentos da concessão inicial da sesmaria, como uma petição ao capitão-mor ou à câmara municipal.

A dificuldade da Coroa Portuguesa em administrar as exigências de cultivo e medição para a regularização destas concessões de sesmarias estimulou muitos dos colonos que receberam terras a expandirem suas divisas para além dos limites originais. Contribuiu também para a multiplicação dos posseiros, indivíduos que, sem o controle do Estado,

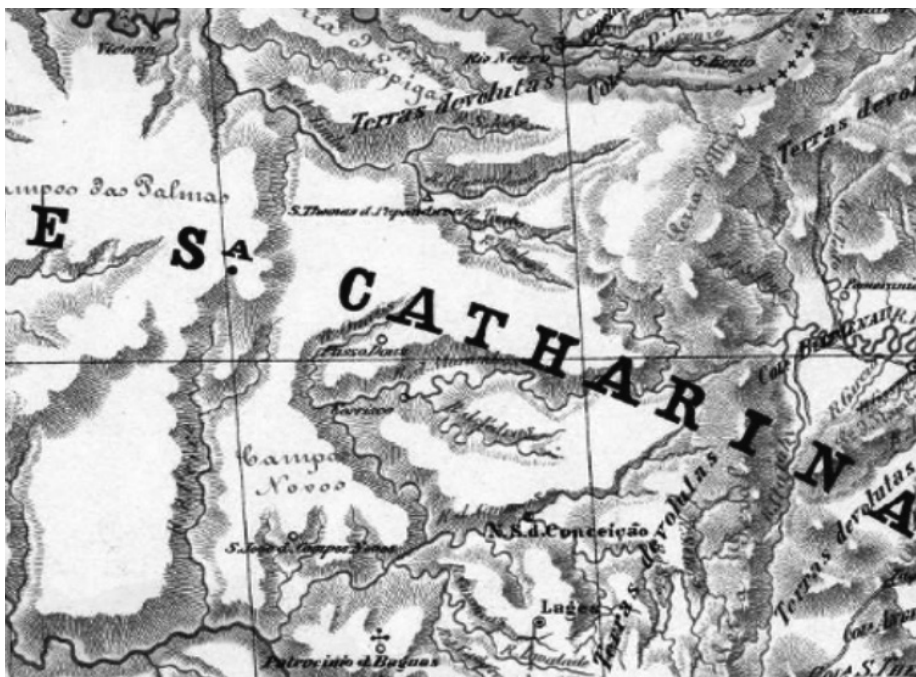


Figura 2. Os Campos de Palmas, na região Contestada (em destaque).

ocupavam terras aparente ou oficialmente devolutas, o que gerava conflitos com sesmeiros e outros posseiros do local.

Outros indivíduos primeiro faziam lavouras ou criavam gado em terras devolutas para depois, com o argumento da posse, requerer a sesmaria. Apesar de ilegais, estas posses costumavam ser reconhecidas como legítimas pela Coroa caso estivessem trabalhadas por continuado período e sem reclamações de terceiros, porque convergiam à ideia da Lei de Sesmarias de que as propriedades deveriam exercer uma função social, tanto pela produção de alimentos quanto pela colonização do território. Contudo, muitos dos terrenos onde estas posses eram praticadas pertenciam a uma antiga sesmaria em condição irregular (por estar inculta, não medida, sem título), o que na prática criava disputas e muita violência entre posseiros e sesmeiros. Outros nem chegavam a requerer a concessão sobre as terras por eles possuídas, permaneciam na ilegalidade, como muitos camponeses e agricultores pobres, lavradores de alimentos de primeira necessidade como milho e feijão, sem recursos para garantir à Coroa o pagamento dos impostos.

A Lei de Sesmarias funcionou no Brasil até meses antes da Proclamação da Independência do país, em 1822, e o próximo regime de aquisição de terras foi criado somente 28 anos depois, em 1850.

De 1822 até 1850, a posse por simples ocupação – que já era praticada desde o início da colonização – foi o único meio de acesso às terras devolutas do Império. Nesse período, mesmo sem uma legislação nacional de acesso à terra, o planalto continuou sendo apossado por diferentes tipos de posseiros (pequenos, médios e grandes), aumentando o número de fazendas e comunidades rurais na região. Os presidentes de Santa Catarina receberam diversas petições de concessão de posses de campos e matos. Por exemplo, a de Fabiano Rodrigues da Luz sobre terras devolutas no lugar dito *Passa Dois* do termo de Lages:

Diz Fabiano Rodrigues da Luz, morador no Passa Dois deste termo, que sendo pobre e miserável reconhecido por todos, não tendo outro modo de vida senão sua lavoura, vem mui respeitosamente impetrar a graça de lhe conceder um pedaço de terras nacionais no lugar acima dito; lugar este onde já tem suas benfeitorias, e não incomoda o pessoal ali estabelecido, por ter o suplicante ali trabalhado há vinte e tantos anos e ter sempre sido aquelas terras de onde obtém o alimento para seu corpo, sendo pobre e miserável, pede a Vossa Excelência lhe ceder a quantia de terras que em sua alta consideração entender, e confiando no coração bondoso de Vossa Excelência, fica esperando ato de justiça e caridade. Vila de Lages, 27 de junho de 1849. A rogo por não saber escrever.

Fabiano era um lavrador pobre que por volta de 1829 ocupou com moradia e lavoura as terras que somente cerca de 20 anos depois, em 1849, requereria ao Estado Imperial. O procedimento para a concessão de uma posse de terras devolutas aconteceu mais ou menos da seguinte maneira na região: o interessado fazia uma petição ao presidente da província, indicando o lugar onde já tinha posse ou pretendia ocupar. O presidente, então, remetia a petição à câmara municipal, que verificava, pelo seu fiscal, se as terras requeridas estavam mesmo devolutas e qual a quantidade era possível conceder. A câmara também interrogava heróis confinantes (proprietários vizinhos) e o inspetor de quartelão, e publicava na igreja matriz um edital para a população informando sobre as terras da petição e chamando possíveis interessados a se manifestarem. Caso a concessão não fosse reclamada e não causasse



prejuízo a terceiros, o presidente aprovava o pedido, definindo os limites do lote ao juiz municipal, que mediria e demarcaria o terreno. Por último, seria emitido o título da propriedade.

Em 1850, o novo regime de aquisição de terras devolutas foi organizado pela Lei n. 601, de 18 de setembro, conhecida como a “Lei de Terras”. Esta lei foi criada para dar conta de três questões: a regularização de posses e sesmarias; a venda de terras devolutas e o investimento na colonização estrangeira. O Estado precisava discriminar e demarcar os limites entre as propriedades particulares (sesmarias e posses não regularizadas) e as terras que estavam de fato devolutas. Só assim seria possível funcionar a venda das terras devolutas e a emissão de títulos de propriedade, e usar o produto das vendas para financiar a colonização de imigrantes livres, em razão da proibição do tráfico de escravos africanos no país.

De 1850 em diante, terras devolutas só deveriam ser adquiridas por compra. Novas posses e concessões foram proibidas: processos de embargo, despejo, multa e até prisão eram previstos aos novos posseiros. O Decreto n. 1.318, de 30 de janeiro de 1854, criou as regras sobre a Lei de Terras, detalhando diversas situações relacionadas à aquisição de terras e à regulação fundiária.

Para que os conflitos e a regulação de sesmeiros e posseiros fossem resolvidos, foi preciso que a lei definisse as condições para a concessão dos diferentes direitos de propriedade. Em termos gerais, seriam revalidadas as sesmarias que estivessem cultivadas ou com princípio de cultura e moradia habitual do sesmeiro, mesmo que as condições de medição, demarcação e confirmação da concessão não tivessem sido cumpridas. Também seriam legitimadas as posses “mansas e pacíficas” com mais de um ano até a publicação da lei, desde que se achassem com cultivo agrícola e moradia do posseiro. As posses poderiam abranger além do terreno aproveitado para a criação de animais “outro tanto mais de terreno devoluto que houver contíguo” (ao lado), ou seja, era possível ter acesso a terras devolutas sem comprá-las, desde que confinassem com as posses consideradas legítimas. Antigas posses e sesmarias em condições de regularização seriam medidas e tituladas em prazos “sob pena de serem tidas por devolutas”.

No planalto, a venda de terras devolutas e os direitos de revalidação de sesmarias e legitimação de posses possibilitaram que muitos proprietários que possuíam sesmarias não medidas, por concessão, herança ou compra, ou posseiros que tomaram para si grandes faixas de

terras, conseguissem legalizar atos ilegais como grilagens e usurpações de terras devolutas e ampliar suas próprias propriedades sobre terras de indígenas, de pequenos posseiros, de sitiantes lavradores e criadores caboclos, inclusive na justiça.

Este foi o caso observado em um processo judicial julgado em Lages no ano de 1884. O capitão da Guarda Nacional, Laurentino José da Costa, e seu filho, o coronel João José Theodoro da Costa, moveram uma ação contra Candido Vicente Ribeiro e outros, alegando que os réus invadiram sua fazenda denominada Figueiredo (uma antiga sesmaria comprada em 1855) e que se apossaram de uma parte dela construindo casas, ranchos, benfeitorias e lavouras, “sem que para isso tivessem título algum”. Como provas de sua propriedade, os autores exibiram diversos documentos como uma petição de 1788 de concessão de sesmaria de José Henrique de Figueiredo ao capitão-mor; uma escritura de compra e venda de 1855; uma certidão de 1877 da audiência da medição da fazenda pelo juiz comissário de terras etc.

Acontece que, nesta audiência, sete anos antes, os próprios réus haviam reclamado contra a legitimação dos autores sobre aquelas terras, contestando suas divisas e declarando terem povoado há 16 anos um pedaço do campo com animais, ranchos e currais. Os posseiros recorreram até mesmo ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, sem sucesso.

Nesse processo de 1884, os réus, posseiros, relataram que o capitão Laurentino não conhecia parte dos campos do Figueiredo quando os comprou. Um dos réus afirmou – por jornal – ter sido um dos trabalhadores camaradas pagos pelo capitão para tentar localizar os campos, e que depois de mais ou menos 15 anos o antigo patrão mediu como se fossem suas as posses dos réus, cultivadas e habitadas por eles há mais de 20 anos, inventando ser lá as terras da fazenda. Os réus não haviam invadido a propriedade dos autores, pelo contrário, era o capitão que, querendo “a todo transe usurpar as antigas posses dos réus, por serem eles pobres”, recorreram a uma “medição ilegal”, incorporando de má fé os terrenos dos réus, sem apresentar carta da sesmaria como prova de domínio e arrolando testemunhas que não assistiram à medição e à colocação dos marcos divisórios pelo agrimensor e o juiz comissário, em 1877. Os réus ainda afirmaram que, depois da dita medição, não satisfeito, um dos filhos do autor com alguns camaradas pagos a cinco réis por dia “foram arrancar os marcos judicialmente fincados e recolocá-los mais para adiante, a fim de abranger ainda mais terreno”.

Por muito tempo, a historiografia especializada pensou a Lei de Terras como a ferramenta dos latifundiários. Contudo, na medida que o acesso aos arquivos do século XIX tem aumentado, observamos que quem mais tentou cumprir as normas da lei, tentando fundamentar e comprovar direitos de propriedade sobre terras possuídas, especialmente pela estratégia de comprovação da posse útil com trabalho agrícola de lavouras e criações animais, foram pequenos posseiros, muitos dos quais ex-escravos e caboclos, como os do planalto. Na prática, grandes propriedades foram constituídas na região pela usurpação de terras devolutas e de pequenos posseiros, que lutaram por seus direitos de acesso à terra, resistindo ao mandonismo local de coronéis e fazendeiros até onde as condições permitiram. O coronelismo e a concentração fundiária, combatidos pela maioria dos sertanejos do Contestado, são resultados do mesmo processo histórico da execução da Lei de Terras em Santa Catarina.

### Para saber mais

- † Darossi, F. P. **A Lei de Terras em Santa Catarina e a consolidação do Estado Imperial Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- † Darossi, F. P. “A Guerra do Contestado e a Lei de Terras imperial: um estudo de caso da Fazenda Figueiredo (Lages, 1855-1917)”. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 148-63, 2020.
- † Darossi, F. P. “A atuação de juízes comissários de terras no planalto de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX”. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa/PR, v. 24, p. 373-91, 2019.

## O nascimento da Questão de Limites e a contestação das fronteiras nacionais

Francimar Ilha da Silva Petrolí

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: Independência política do Brasil em 1822, Constituição Brasileira de 1824, Reforma liberal do período Regencial, unidade e instabilidade política imperial, emancipação político-administrativa do Paraná, divisas interprovinciais e fronteira internacional no sul do Brasil.*

**D**o ponto de vista das relações de poder político-institucionais, o assunto fronteiras foi considerado extremamente importante ao longo do século XIX. O país que foi fundado em 1822, diferentemente do que nos mostram muitos livros de História, não possuía um território plenamente definido, pois inúmeros eram os problemas fronteiriços internos e externos existentes naquele momento. Não havia, assim, uma continuidade dos limites territoriais coloniais, mas sim, a configuração de contendas específicas do processo de formação do Império do Brasil.

As fontes indicam que tanto o poder central (governo estabelecido no Rio de Janeiro) quanto as elites regionais (deputados provinciais, deputados gerais e senadores) tinham interesse em delimitar as fronteiras internacionais, visando consolidar a soberania nacional. O “Sul do Império”, devido às instabilidades regionais existentes – Revolução Farroupilha (1835-1845), Revolta Liberal Paulista (1842) e Guerra do Paraguai (1864-1870) –, despertava muitas preocupações, visto que era considerado estratégico para a concretização das pretensões territoriais do Estado Nacional. É importante pontuar, contudo, que a delimitação das fronteiras internas também chamou a atenção dos poderes estatais, principalmente após a aprovação da legislação liberal

da década de 1830, dado que, a partir de então, as províncias passaram a gozar de maior autonomia política e administrativa, especialmente no que diz respeito à arrecadação tributária, organização orçamentária e definição de empregos públicos.

A pretensão deste texto é discorrer sobre a complexidade do tema fronteiras internas no processo de formação do Brasil Império, tendo em vista que tal temática estava totalmente associada às discussões sobre unidade territorial “nacional”. A intenção é discutir o assunto especialmente a partir da análise da “questão de limites” entre Santa Catarina e Paraná. Este problema foi considerado a mais “grave” contenda político-territorial do império, uma vez que envolveu uma diversidade de interesses das elites sulistas.

### O tema fronteiras internas no Brasil oitocentista

A Constituição Brasileira de 1824, conforme o seu Art. 2, definia que as províncias seriam formadas com base nas delimitações territoriais das capitanias do período colonial, dando a entender que as fronteiras internas do Brasil já estariam “formadas”. Em relação a essa questão é preciso destacar que os limites espaciais das capitanias foram constituídos de acordo com a ideologia das “fronteiras naturais” (imaginárias) e não a partir de critérios técnicos específicos dos Estados Nacionais Modernos. As fronteiras de muitas das capitanias eram, desta forma, indefinidas e/ou desconhecidas. Quando a carta constitucional foi promulgada, nem mesmo havia mapas que indicassem com precisão os territórios das províncias. De que maneira, então, a delimitação das fronteiras provinciais passa a ser considerada importante?

Os documentos oficiais consultados mostram que a necessidade de delimitar os limites político-administrativos das províncias se fez necessária após a aprovação das reformas liberais da Regência, em especial no que diz respeito ao Art. 9º do Ato Adicional de 1834. Essas mudanças constitucionais possibilitaram que as províncias – a partir do funcionamento das Assembleias Legislativas Provinciais – passassem a exercer o controle fiscal das atividades econômicas internas, além de legislar sobre questões orçamentárias (municipais e provinciais), o que era considerado fundamental para a concretização dos interesses dos grupos regionais. Outra questão colocada pelas reformas regenciais foi a possibilidade de definição de empregos públicos municipais e

provinciais por parte das elites, algo que era considerado fundamental na correlação de forças e de poder daquele período. A necessidade de delimitação das fronteiras internas não estava apenas relacionada a esses assuntos, mas também ao tema “consideração política” regional, pois extensão territorial, renda e população eram itens que estavam estreitamente vinculados ao processo de afirmação das províncias em âmbito nacional. As elites regionais buscavam, a todo o momento, ampliar a sua representação política nos espaços da Câmara dos Deputados e Senado, sendo que a perda de território poderia diminuir a importância das províncias no jogo político imperial.

As mudanças constitucionais promovidas na Regência, conforme destacado, ampliaram o poder das elites regionais nas instâncias monárquicas de poder. Tais grupos obtiveram condições, inclusive, de legislar sobre matérias municipais, como impostos, orçamentos e empregos públicos. No entanto, mesmo com a redução da autonomia municipal, não se pode desconsiderar a relevância política dos grupos locais, até porque senadores, deputados gerais, deputados provinciais e vice-presidentes de província direta ou indiretamente também estavam vinculados, ou melhor, faziam parte desses grupos. A organização das fronteiras provinciais também interessava aos municípios. As fontes oficiais locais sobre essa temática são muito amplas, não sendo possível aqui aprofundar a discussão. É possível dizer apenas que em muitas localidades situadas no Sul do Império, os problemas fronteiraços provinciais dificultavam o desenvolvimento municipal, como nos casos de Palmas, Guarapuava, Rio Negro, Lages, Curitiba, Campos Novos, São Bento e Joinville. Sobre o assunto “contenda de limites entre Santa Catarina e Paraná”, por exemplo, a Câmara Municipal de Joinville assim se posicionava no ano de 1877, quando da substituição de um juiz de direito: “Deplora esta camara sinceramente esta remoção á vista dos valiosos serviços prestados por V. S. á este municipio, pela imparcial distribuição da justiça e attitude energica e decisiva que V. S. sempre tomou na importante questão de limites entre esta e a provincia do Paraná” (Ofício 03 dez. 1877).

É relevante observar, de acordo com a fundamentação desse trabalho, que o chamado “Regresso Conservador” do início da década de 1840 não alterou as bases constitucionais que haviam sido estabelecidas na Regência. Como nos mostrou a pesquisa documental, a autonomia provincial não foi eliminada, por isso é complicado falar em centralização político-administrativa para o período do Segundo Reinado. O poder central, na verdade, tinha sérias dificuldades para

se fazer presente nas inúmeras regiões do país, considerava então importante que as províncias desenvolvessem práticas administrativas eficientes (principalmente em relação à arrecadação de impostos), o que poderia contribuir para a afirmação da própria unidade territorial e política nacional.

Contudo, se a definição territorial provincial era importante para a consolidação da unidade, por que os poderes imperiais enfrentavam dificuldades em resolver os litígios existentes no período? Os poderes imperiais (Executivo e Legislativo) procuravam respeitar a “comodidade dos povos” (interesses dos grupos regionais e locais) nas discussões e decisões sobre fronteiras internas, por isso esse tipo de assunto era considerado de enorme complexidade, pois poderia comprometer a unidade do território “brasileiro”. A uniformidade territorial, defendida inclusive por intelectuais comprometidos com o Executivo (como é o caso de Francisco Adolfo de Varnhagen, autor da obra *Memorial orgânico: uma proposta para o Brasil em meados do século XIX*), não poderia gerar descontentamentos locais/regionais.

Nas discussões sobre fronteiras, não se pode deixar de mencionar o fato de que determinados grupos sociais eram muitas vezes beneficiados com concessões e/ou legitimações de terras; fato esse que contribuiu decisivamente para a invasão das terras dos povos originários. As províncias de São Paulo e Paraná, por exemplo, nas discussões sobre território sempre procuraram utilizar o discurso do *uti possidetis* (ocupação e posse) para assegurar determinadas pretensões. As elites dessas províncias obtiveram, assim, muitas facilidades políticas nas decisões sobre questões de terras, como ocorreu durante o processo de ocupação dos chamados Campos de Palmas (cuja área territorial era de 40 mil km<sup>2</sup>) nos anos 1840 e 1850, fato esse que contribuiu para o desenvolvimento de estratégias de resistências por parte das populações indígenas para a demarcação de seus territórios. Outro ponto fundamental que deve ser considerado na leitura das fontes é o desenvolvimento de políticas públicas favoráveis a determinados grupos sociais. O tema fronteiras interessava às elites pelas vantagens que poderiam ser obtidas em relação a seus negócios, caso passassem a exercer o controle definitivo de áreas litigiosas; questão essa que pode ser verificada nas disputas entre catarinenses e paranaenses pelo chamado – segundo narrativas oitocentistas – “território contestado”.

## A contenda de limites entre catarinenses e paranaenses

No Brasil do século XIX, conforme documentação oficial consultada, surgiram inúmeros problemas de fronteiras entre províncias, boa parte deles devido aos interesses fiscais (controle das atividades econômicas internas), dentre os quais é possível destacar os seguintes: Alagoas e Pernambuco; Minas Gerais e Bahia; Minas Gerais e Espírito Santo; Minas Gerais e Rio de Janeiro; Mato Grosso e Goiás; Santa Catarina e São Paulo; Santa Catarina e Paraná. De todas essas situações, a que mais preocupou o Império foi a contenda de limites entre Santa Catarina e Paraná, visto que estava situada num espaço considerado extremamente instável. Entre os anos de 1853 (momento da emancipação de Curitiba) e 1889 (ano que marca o fim da monarquia), catarinenses e paranaenses disputavam um espaço – denominado pelos discursos de “território contestado” – de aproximadamente 50 mil km<sup>2</sup> (ver Figura 1).

No momento anterior à criação da província do Paraná, já havia uma disputa territorial entre Santa Catarina e São Paulo pela jurisdição dos Campos de Palmas, campos esses situados entre os rios Uruguai e Iguaçú, limitados a oeste pelos rios Santo Antônio e Peperi-Guaçu e, a leste, pelos rios Chapecó e Jangada. Os paulistas alegavam que esses campos lhes pertenciam, devido ao processo de ocupação e posse (*uti possidetis*) promovido pelos primeiros colonizadores. Os catarinenses, por sua vez, defendiam a tese das fronteiras naturais, ou seja, de que na época em que Lages foi incorporada à Santa Catarina, acontecimento datado de 1820, os “sertões palmenses” faziam parte da vila e termo de Lages. Como a Constituição de 1824 definiu que as províncias seriam formadas a partir dos territórios das capitânicas, os Campos de Palmas não poderiam pertencer a São Paulo, pois na época em que tais campos foram “descobertos” pelos paulistas (o anúncio oficial desse fato ocorreu no ano de 1841) eles já pertenciam à Santa Catarina. É importante que se diga que esses discursos foram posteriormente utilizados por paranaenses e catarinenses no período de 1853 (data da criação da província do Paraná) a 1916 (ano em que foi assinado o chamado “Acordo de Limites”). Em termos políticos e econômicos, quais eram os interesses de paulistas e catarinenses em relação aos Campos de Palmas?

Paulistas e catarinenses demonstravam interesses com a colonização desses campos, bem como com o controle fiscal das tropas de gado (principalmente muares e cavalares), que eram conduzidos do Rio Grande do Sul à feira de Sorocaba (SP). No transcorrer dos anos





Figura 1. Mapa do território contestado. Fonte: Petrolí (2018, p. 17).

1840, estava sendo aberto um novo caminho – a chamada “Estrada das Missões” – para condução do gado até São Paulo. O imposto do gado era uma das principais fontes de receita das duas províncias, importantíssimo para a aplicação de investimentos em infraestrutura, especialmente em estradas. As elites também buscavam afirmação política no espaço do Parlamento e o controle de uma região que era considerada rica em pastagens, madeiras, terras férteis e ervais nativos e que poderia contribuir para a concretização de suas pretensões. Santa Catarina, por exemplo, possuía apenas um deputado geral e um senador nos anos 1840, sendo por isso considerada uma “pequena província”.

Muitas das questões que haviam sido colocadas por paulistas e catarinenses se fizeram presentes no momento posterior à emancipação da comarca de Curitiba. A partir de 1853, porém, a disputa territorial se tornou mais complexa pelo fato de que Santa Catarina passou a reivindicar a região ao sul do vale do rio Negro, espaço rico em ervais e por onde passavam as tropas de gado cujo “registro” (ponto de cobrança de impostos) estava localizado na localidade de Rio Negro. Nesse sentido, através de um projeto apresentado pelo deputado geral Joaquim Augusto do Livramento os catarinenses pleiteavam a

delimitação de seus limites político-administrativos com o Paraná pelos rios Saí-Guaçu, Negro e Iguaçu. Os paranaenses, por seu turno, defendiam que seus limites com Santa Catarina deveriam ser delimitados pelo rio Saí-Guaçu, Serra Geral e rio Canoas. É possível afirmar, a partir do exposto, que a delimitação proposta por ambas as partes estava fundamentada na necessidade de controle fiscal do comércio do gado, nas possibilidades de exploração de ervais nativos (em especial nas regiões ao sul dos vales dos rios Negro e Iguaçu) e na expansão das práticas de colonização, tais como pecuária, agricultura, comércio, indústria, fundação de vilas e cidades.

Cabia ao Parlamento tomar decisões sobre contendas territoriais provinciais. No período de 1853 a 1889, contudo, não foi tomada nenhuma decisão definitiva sobre esse assunto, apenas decisões provisórias que foram estabelecidas pelo poder central. Essas decisões foram sempre questionadas pelas elites provinciais, como é o caso do Decreto Imperial datado de 16 de janeiro de 1865, que estabeleceu os limites entre Santa Catarina e Paraná “pelo rio Sahy-guaçú, Serra do Mar, rio Marombas, desde sua vertente até o das Canôas, e por este até o rio Uruguay”. Entretanto, a pressão catarinense foi muito intensa fazendo o Império suspender o mencionado decreto. Assim, por Aviso Imperial, de 14 de janeiro de 1879, altera-se parte dos limites estabelecidos em 1865, ao modificar a linha divisória, do rio Marombas para o rio do Peixe. De fato, os poderes Executivo e Legislativo procuravam defender a ideia de que a prioridade máxima do governo era com a fronteira Brasil-Argentina, na chamada “Questão de Palmas” (ver Figura 2).

Os poderes monárquicos, enfim, não tomaram nenhuma decisão sobre a fronteira Santa Catarina-Paraná em virtude da sua complexidade, uma vez que muitos eram os interesses em jogo numa região considerada – em termos políticos e militares – extremamente instável. A “Questão de Palmas” era importante para o Estado Imperial, mas não foi ela que impediu que a contenda entre duas “pequenas” províncias sulistas fosse resolvida.

## Fim de prosa

A necessidade de delimitar os territórios provinciais foi pensada e sentida enquanto problema político a partir da aprovação das

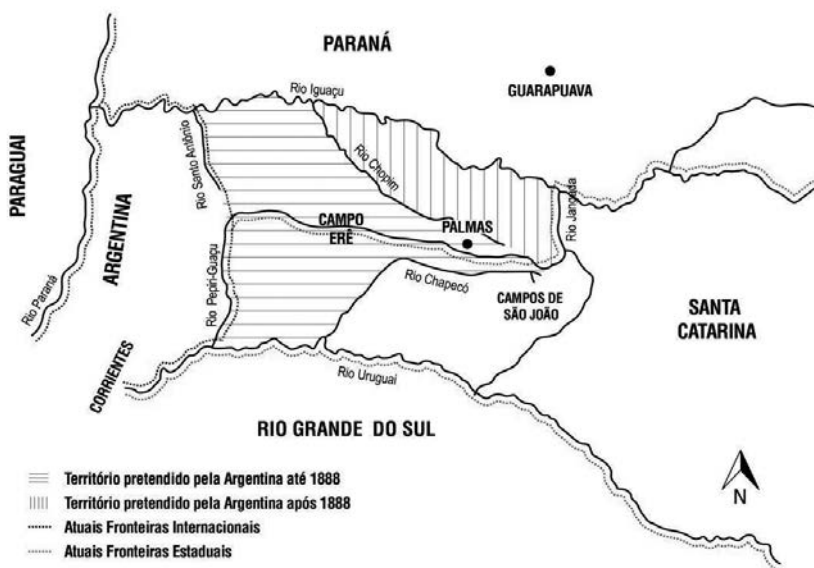


Figura 2. Mapa da Questão de Palmas. Fonte: Petrolí (2018, p. 265).

reformas liberais do período regencial, uma vez que as elites regionais buscavam exercer a autonomia político-administrativa nas esferas fiscal e orçamentária, bem como ampliar a sua força política no cenário nacional. O Estado Imperial considerava importante organizar as fronteiras internas, resolvendo litígios que eram oriundos da época colonial, mas entendia que era difícil tomar decisões sobre esse tipo de tema devido aos diversos e contraditórios interesses das elites regionais.

Torna-se complicado, dessa forma, sustentar a ideia de que apenas a definição das fronteiras internacionais – pelo fato de que as províncias não possuíam autonomia – era relevante para o Estado fundado em 1822. É possível concluir, com base no que foi aqui exposto, que a “questão de limites” entre Santa Catarina e Paraná foi parte importante do complexo processo de construção da unidade territorial e política do Brasil ao longo do século XIX. Apesar da contenda não ter sido resolvida, a forma como esse assunto foi conduzido, contribuiu para a manutenção da ordem monárquica no “Sul” do país.

## Para saber mais

- † Cabral, O. R. **A campanha do Contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- † Geller, O. E. **O Contestado entre Santa Catarina e Paraná: uma questão de limites nos limites da nação**. Curitiba: Prismas, 2016.
- † Martins, R. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.
- † Petroli, F. I. S. **Fronteiras, províncias e unidade nacional na formação do Brasil: uma análise sobre a “Questão de Limites” entre Santa Catarina e Paraná (1853-1889)**. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

## No mesmo tempo e no mesmo espaço: a propósito da (in)visibilidade indígena no Contestado

Flavio Braune Wiik e Eloi Giovane Muchalovski

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: invisibilidade indígena, povos Jê Meridionais (Laklãnô-Xokleng, Ngrokòthi-tô-prèy-Xokleng e Kaingang), seus contatos e conflitos com o homem branco.*

Uma constatação e uma inquietação que acompanha pesquisadores, nas fronteiras da História e Antropologia, é a invisibilidade dos indígenas na região e no Conflito do Contestado. Inquietação que pode ser sintetizada em uma pergunta: quais as razões que explicariam o fato de os coletivos indígenas terem sido desconsiderados nos estudos clássicos sobre o Contestado, apesar de habitarem a região do conflito há milênios e de comporem o quadro dos diferentes coletivos humanos que estavam presentes na região e por ele tenham sido impactados?

Apesar da vasta produção acadêmica acerca da Guerra do Contestado (1912-1916), ainda há uma enorme lacuna sobre a participação indígena no movimento, ou do seu impacto sobre esses grupos. Uma série de menções e argumentações, utilizadas por memorialistas e entusiastas do tema, apontam para uma certa “visibilidade camuflada”, ou seja, passam por problemas de categorização e tipificação da população habitante do território em conflito, pois, nunca houve uma designação que abrangesse de forma específica os múltiplos grupos humanos nele envolvidos, denominando-os apenas, e genericamente, de/por “caboclos” ou “sertanejos”, quando é sabido que houvera a participação de quilombolas, imigrantes e indígenas das etnias Kaingang e Xokleng.

Segundo dados arqueológicos, a região em que se dera a Guerra do Contestado tem sido habitada pelos povos Jê Meridionais (Laklãnô-

Xokleng, Ngrokòthi-tõ-prèy-Xokleng e Kaingang) há pelos menos 1500 anos, ocupando um vasto território, que, se considerado somente os limites do estado de Santa Catarina na atualidade, estende-se desde as encostas da Serra Geral, planalto, serra, até o extremo oeste catarinense. Especificamente, ao se sobrepor a região dos conflitos do Contestado à ocupação tradicional indígena, o espaço habitado pelos Kaingang compreende o território desde o interior do estado de São Paulo até a região central do Rio Grande do Sul; já a área ocupada pelos Xokleng consiste desde os Campos Gerais no estado do Paraná até a encosta da Serra Geral a leste, em confluência com o território Kaingang a oeste, seguindo até o norte do Rio grande do Sul.

O subgrupo Xokleng-Ngrokòthi-tõ-prèy, que no século XIX habitavam e percorriam a região de Palmas, Calmon, Mattos Costa até Canoinhas, Rio Negrinho e demais áreas onde o movimento e conflitos do Contestado se concentraram, estavam bastante próximos, e segundo a história oral, mantinham contato e trocas com o subgrupo Xokleng-Laklanõ, os quais encontravam-se à época concentrados no vale e alto vale do Itajaí. Estes últimos, eram alvo intenso da ação de bugreiros (conhecidos à época como “caçadores de índios”, que consistia em milícias armadas mantidas principalmente pelos governos e empresas colonizadoras locais encarregadas do extermínio dos “bugres”, tidos como “selvagens”, aquém da humanidade).

Os Xokleng, conhecidos por “Botocudos” devido ao uso do botoque perfurado no lábio inferior, em geral, estavam mais embrenhados nos sertões. Este período, que antecedeu o contato sistemático com os não indígenas, foi marcado por conflitos com os Kaingang (de quem, muito provavelmente, derivaram um dia na sua proto-história). Os Kaingang, em maior número e mais espalhados do que os Xokleng, viviam e haviam estabelecido diferentes formas de relações e graus de contato com os não indígenas, assim como com demais subgrupos ou facções Kaingang espalhados na região.

Conflitos internos entre facções Kaingang, e entre os Kaingang e os Xokleng, incrementaram nos primeiros tempos que marcaram a chegada abundante de hordas humanas compostas pelos diferentes contingentes populacionais não indígenas à região a partir do Século XIX. A migração, e com ela a ocupação sistemática deste espaço e ambiente, exerceram enorme pressão e cerceamento sobre recursos naturais e ambientais, antes de uso praticamente exclusivo dos indígenas, o que potencializou, temporariamente, conflitos entre Kaingang e Xokleng por estes recursos cada vez mais escassos.

Passada esta etapa, inaugurava-se a fase de predominância dos conflitos entre indígenas e não indígenas, ou seja: os representantes da Sociedade Nacional, cada vez mais presentes em seu território de ocupação tradicional, o que foi gradativamente alterando o perfil das disputas, de intertribais para interétnicas.

Os primeiros registros de contato estabelecidos entre o dito “homem banco” e os povos (Proto) Jê Meridionais praticamente remontam à chegada do europeu ao continente americano. “Expedições de Apresamento” nos Séculos XVI e XVII, a presença e circulação dos Jesuítas na região, nos Séculos XVII e XVIII, embora muito pouco estudadas, indicam contato com estes coletivos indígenas. Entretanto, foi com a abertura da Estrada de Tropas, a partir do Século XVIII, que tais contatos se iniciaram. Para os tropeiros, viajantes e cronistas da época, os nativos que habitavam a região entre os Campos de Lages até o Rio Negro consistiam nos indígenas mais perigosos de todo o Brasil.

O *Contato* entre indígenas e brancos provocou (e tem provocado até a atualidade) uma série de conflitos amplamente narrados e documentados, porém, além de evocar ações de resistência indígena, ele também apresenta modalidades de alianças tramadas entre as partes envolvidas. Sendo assim, a convivência entre os indígenas e os primeiros núcleos de ocupação no planalto dera-se sob tensão. O extermínio indígena deu-se em larga escala na região e constitui-se – mesmo que não exclusivamente, posto que havia setores que buscavam saídas pacíficas de “integração” indígena à dita civilização – de uma força que conduziu tais ações sob a sustentação político-ideológica da aniquilação.

A constante e crescente chegada e inserção de contingentes humanos não indígenas em espaços reconhecidos pelos indígenas como de seu domínio, não foi aceita de forma pacífica, haja vista que há tempos aqueles espaços foram disputados e defendidos frente a ocupação de outros grupos indígenas. Contudo, é importante entender que a ideia de constante conflito não é totalmente acertada, pois havia múltiplas formas de interação. As profundas semelhanças das práticas ditas “caboclas” da população do Contestado com os costumes e hábitos dos indígenas, por exemplo, fazem com que seja possível considerar a existência de uma relação de adaptação.

Diversos usos agrários, por exemplo, relatados por viajantes europeus pelo Brasil durante o século XIX, como Robert Avé-Lallemant – que esteve no Sul do Brasil em 1858 – e Auguste de Saint-Hilaire – o qual percorreu o Brasil entre 1816 e 1822 – faz pensar em uma mudança

nas relações então concebidas como exclusivamente belicosas, para tornarem-se relações, quiçá, amistosas, circunscritas por alianças de casamento por matrimônio, pela incorporação mútua de práticas, conhecimentos e técnicas agrícolas, linguagem, trocas simbólicas, crenças e costumes. Pode-se observar a ocorrência de processos de “nativização” de elementos estrangeiros aos grupos postos em interação, os quais são ressignificados e misturados na prática cotidiana ao longo do tempo, até neutralização do estranhamento inicial que poderia ter causado tanto aos indígenas quanto a demais atores envolvidos no/pelo *Contato*.

Por exemplo, o cacique Vitorino Condá, cuja atuação centra-se em meados do Século XIX, assim como outras lideranças Kaingang, estabeleceu alianças com brancos colonizadores e agentes do Estado para tentar livrar os Campos Gerais (hoje restritos aos limites do estado do Paraná, mas que abrangiam todo o planalto que compreende Santa Catarina) e toda a região do Contestado dos ditos “índios rebeldes” (Kaingang e/ou Xokleng). Na realidade, Condá e outras lideranças se apropriaram do poder bélico dos brancos para atacarem, capturarem e matarem cativos sob seu domínio ou seus inimigos históricos, se projetando como um cacique poderoso aos olhos dos indígenas e não como um cacique “amansado” pelos brancos.

O viajante Robert Avé-Lallemant, ao visitar o planalto catarinense em meados do século XIX, relata uma série de casos de interação entre os habitantes de cima da serra e indivíduos ditos “Botocudos” para além dos conflitos bélicos e ações de puro extermínio. Dentre as menções de Avé-Lallemant estão casos de indígenas criados por grandes fazendeiros, resultado de incursões na mata em “caçadas aos indígenas” e posterior aprisionamento de mulheres e crianças. Muitas dessas mulheres tornavam-se propriedade dos fazendeiros, realizando trabalhos diversos e sendo constantemente abusadas sexualmente, gerando filhos mestiços, os quais mantiveram, em inúmeros casos, relações estreitas e duradouras de autoidentificação e identidade indígenas, assim como trânsito entre os espaços ocupados por indígenas e brancos, a esta altura ainda apartados. Mesclado ao rapto, estupro, apadrinhamentos e mestiçagens, havia resistência dos indígenas. Esta constatação pode ser lida através das narrativas de cronistas da época, os quais descrevem episódios acerca da “inconstância” dos indígenas “pacificados” que ora estavam junto aos fazendeiros e autoridades locais e ora voltavam para os toldos indígenas e retomavam vínculos nunca rompidos por completo. A desejada “pacificação” indígena pelos brancos nunca era integral e definitiva, mas oscilante, sujeita



de constante “desconfiança” por parte dos últimos. Este ‘trânsito’, também pode explicar o próprio aprendizado da língua portuguesa por determinados grupos indígenas, evidenciando um contato mais estável e contínuo com determinados indivíduos, mas que se alterava constantemente com rupturas e fases de isolamento.

Ao norte da região do Contestado, por exemplo, próximo das margens do rio Negro, foi fundada em 1829 uma colônia de mesmo nome, formada em sua maioria por colonos alemães. A região entre Rio Negro e o rio Canoinhas foi até o final do século XIX um espaço abundantemente habitado por indígenas Xokleng. Relatos de expedicionários e de jornais de época demonstram uma intensa presença de populações indígenas. Em 1888, um jornal de Desterro (antiga denominação de Florianópolis) comentara acerca da captura efetivada por um dos colonos de Rio Negro, o sueco conhecido como Sr. Maeder, de um menino indígena com 14 anos de idade, o qual foi obrigado a viver junto à família Maeder. O imigrante chegou a levar o jovem indígena para Curitiba, onde tirou-lhe um retrato. Após o rapto, grupos de Xokleng mantiveram ronda sobre Rio Negro em busca da criança, a qual, segundo o mesmo jornal, atendia pelo nome de Covi. Após cerca de um mês sob guarda, o jovem fugiu e retornou ao convívio dos indígenas.

Outro menino indígena, aprisionado perto dos campos da Estiva, próximo ao atual município de Papanduva, também fora obrigado a viver junto aos colonos. Este menino aprendera o português. Contara que conhecia Covi e que ele era filho do Cacique. Relata ainda ter a lembrança de cruzar por diversas vezes o Salto do Canoinhas (uma espécie de vau, onde o leito formado por pedras torna o rio mais raso, localizado acerca de 30 km de Canoinhas) carregado pelos pais, demonstrando ser toda aquela região palmilhada pelos Xokleng.

Como se observa, a interação e o aprendizado da língua portuguesa pelos indígenas do planalto contestado não eram raros. Em 1829, o presidente da Câmara Municipal de Lages enviara mensagem ao presidente da província de que um grupo de indígenas Xokleng apresentara-se no “acampamento dos Curitibanos” declarando que gostariam de viver entre os “brancos” e que uma indígena do grupo falava muito bem o português. Tudo indica que o grupo estava à época fugindo de grupos belicosos Kaingang, uma vez que estas duas sociedades derivadas em algum ponto de sua história, mantiveram, em diferentes períodos, disputas de várias naturezas, as quais se intensificaram ao longo do Século XIX com a chegada de volumosos

contingentes de população não indígena à região. Como afirmado anteriormente, a pressão demográfica na região gerou o cerceamento de seu território de ocupação milenar e, com ele, restrição de território e meio ambiente que lhes provia de recursos naturais para a sua subsistência e reprodução sociocultural.

A convivência amistosa entre indígenas e não-indígenas não fora algo raro na região do Contestado, pois o *Contato* tanto provoca conflitos, como abre espaço para alianças. Portanto, ao se considerar os relatos sobre a existência desses grupos por toda essa área, em momentos anteriores e concomitantes (e até mesmo posteriores, haja vista que há indígenas na região até a atualidade) a Guerra do Contestado, não se pode negar ou descartar uma efetiva participação destes no movimento sertanejo. Tais indícios podem ser observados tanto nos textos memorialistas escritos por oficiais militares que participaram da guerra – mesmo que de forma velada – quanto nos jornais de época, assim como através de relatos orais colhidos em meio a população cabocla remanescente da região, a qual se auto identifica descendente dos Kaingang e Xokleng, em sua grande parte entrecasada com demais tipos humanos da região ao longo de sua história de contato.

Há também vários relatos sobre a existência de faxinais onde caboclos e indígenas partilhavam a criação e engorda de porcos e outros animais essenciais para a sua sobrevivência. Fato que constitui elemento central nas operações de troca e constituição de alianças locais, pois não se deixa um “inimigo” cuidar de seus porcos e animais, uma vez que estes são peças importantes na vida social destes grupos.

Todavia, aquém das especulações sobre a existência de indígenas no território, existem relatos sobre a participação ativa destes no conflito em si, seja como proteção aos caboclos rebelados ou aderindo efetivamente aos redutos. Logo após a Batalha do Irani, em outubro de 1912, há relatos de casos de caboclos que se refugiaram entre os Kaingang. Outro aspecto intrigante refere-se à sobreposição dos redutos com áreas de presença indígena. As “Cidades Santas” de Taquaruçu e Caraguatá, por exemplo, estavam localizadas em área delimitada pelo Rio do Peixe, Rio das Pedras, Rio das Antas e Marombas, território Kaingang dos campos de Fraiburgo. Há uma similaridade bastante contundente entre esses espaços, demonstrando a existência de um convívio não bélico. Considerando ainda a dificuldade por parte do Exército em distinguir os diferentes tipos étnicos, negligenciou-se nos documentos produzidos, seja nos relatórios, ordens do dia e nas obras publicadas pelos oficiais, uma melhor distinção e tipificação

dos coletivos humanos que aderiram ao Movimento. Em várias fotografias dos rendidos, tiradas pelo fotógrafo sueco Claro Jansson, sob encomenda do próprio Exército, pode-se notar vários indivíduos com características fenotípicas indígenas, reconhecidas pelos próprios Xokleng e Kaingang ao verem tais imagens na atualidade; reunindo diferentes indícios a comprovar a integração, em algum nível, dos indígenas nos redutos.

O vale do rio Timbó, entre União da Vitória e Canoinhas, é bastante mencionado na imprensa jornalística do início do século XX por ser numerosamente povoado por indígenas. Várias matérias foram publicadas sobre conflitos territoriais envolvendo indígenas. Um desses casos ocorreu ainda em 1898, na região do Timbozinho. Segundo relatos da imprensa, um ataque de indígenas levava à morte 16 pessoas. O ocorrido foi possivelmente uma reação a contendas anteriores devido a invasão do território indígena. O local, apesar de atualmente ser habitado por uma comunidade ligada por laços de parentesco que vivem em uma espécie de “vila”, descartam, ao primeiro encontro, discursos de auto atribuição que os remeta a uma identidade étnica indígena, porém narram abertamente em seus discursos atrelados à memória, ligações de parentesco com os povos originários habitantes da região. Ademais, a presença de hábitos característicos da cultura xokleng pré-contato, como não salgar a carne, se faz presente no cotidiano daquelas pessoas. Soma-se a estes a afirmação dos membros mais idosos da comunidade de dominar “a língua dos indígenas”, contar histórias para as crianças “nesta língua”, referirem-se ao João Maria como sendo “O Profeta dos Indígenas”, e finalmente por localizarem-se em local estratégico que os coloca próximo das nascentes do rio Itajaí do Norte (Rio Hercílio) que corre em direção e forma com demais rios a região onde os Xokleng-Laklãnõ foram localizados pelo SPI em 1914.

Não menos importante, destaca-se a marcante presença de São João Maria no universo religioso kaingang. Entre eles, João Maria fora “nativizado”, ou seja, integra o atual panteão de heróis míticos, conhecimentos e as práticas tradicionais comuns ao xamanismo e cosmologia indígenas.

Por fim, é importante considerar que os motivos que levaram a população a rebelarem-se contra as instituições republicanas, o capital estrangeiro, o poder dos coronéis e a expropriação de terras, acabaram por integrar diferentes estratos étnicos na região. Assim como o pequeno posseiro fora expulso de suas terras, o indígena também via seu território invadido e tomado por diferentes frentes de poder e

atores que igualmente os oprimiam. Nesse nível, lutavam por motivos semelhantes. E, fazer parte de um movimento social integrado e bastante estratégico, como fora o do Contestado, possibilitava-lhes demonstrar seus desagravos com o momento, lutando, ora juntos, ora separados, pela manutenção da sua forma tradicional e legítima de ocupar o território do qual, e sobre o qual, eram soberanos. Populações agora ameaçadas por um inimigo comum: a modernidade, a “cartorização” da propriedade das terras e novas formas de marginalidade sociocultural inaugurados nos primórdios do Brasil República, quando os novos inimigos dos indígenas não eram mais outros indígenas, ou pobres posseiros e colonos, mas sim os coronéis, os fazendeiros, os homens do exército, dentre outros agentes desta nova era.

Conclui-se ressaltando que o objetivo pretendido com esse texto foi expor e contrapor – a partir de pequenos fragmentos sumariamente analisados e interpretados – a questão da (in)visibilidade da participação indígena no Movimento do Contestado a um público mais amplo. Tentou-se, igualmente, provocar indagações, semear e despertar novas inquietações que conduzam a futuras pesquisas cujo centro de investigação e análise seja os indígenas e seus descendentes.

### Para saber mais

- † Muchalovski, E. G. **Fagulhas do Contestado: os conflitos nos vales do Timbó e Paciência através da imprensa (1900-1908)**. São Paulo: Liber Ars, 2018.
- † \_\_\_\_\_. “Os povos Jê Meridionais na aula de história: trajetórias e possibilidades”. In: Bueno, A.; Estacheski, D.; Satler, C. (org.) **Ensino de História e Etnicidades**. Rio de Janeiro / Nova Andradina, MS: Sobre Ontens / UFMS, 2020. p. 18-23.
- † Tommasino, K.; Fernandes, R. C. **Site Povos Indígenas do Brasil**. São Paulo, jan. 2001. Disponível em: <[pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang](http://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang)>. Acesso em: 04 mai. 2019.
- † Wiik, F. B. “Invisibilidades indígenas e o Contestado: ilações exploratórias e preliminares orientadas à estudos e pesquisas em Antropologia Histórica”. In: Tomporoski, A. A.; Espig, M. J. (org.) **Tempos de muito pasto e pouco rastro**. São Paulo: Liber Ars, 2018. p. 61-81.
- † \_\_\_\_\_. Xokleng. **Site Povos Indígenas do Brasil**. São Paulo, jun. 1999. Disponível em: <[pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xokleng](http://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xokleng)>. Acesso em: 04 mai. 2019.

## Monges em movimento: entre o Brasil e as Américas

Alexandre Karsburg

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: a Batalha do Irani, a Revolução Federalista e a memória de outras localidades marcadas pelas presenças dos monges eremitas, como: Rio Grande do Sul, São Paulo, Argentina, Peru, Estados Unidos e México.*

Um médico e dois frades adentram uma sala na qual várias pessoas discutem. Os três ficam um pouco confusos com o acalorado bate-boca, até que identificam o motivo da agitação: todos estavam querendo descrever quem era o monge João Maria, ou São João Maria, como diziam alguns. As vozes masculinas se sobressaíam, quase que aos gritos:

- É um ancião de estatura média, de cabelos louros, com sotaque espanhol, defendia um dos participantes da discussão. Outro afirmava:
- Sim, era de estatura média, e fumava cachimbo que pendia de sua boca irônica. Tinha olhos claros e vivos, encravados em órbitas fundas, nariz fortemente adunco, cavanhaque fino, longos cabelos crespos, orelhas atochadas de cabelos, dava ao conjunto a impressão de um tipo judaico.
- Judaico nada, gritou, então, uma senhora. Que continuou:
- Eu conheci o Monge. Era um homem de fisionomia bonita, estatura média, enxuto de carnes. Tinha os cabelos castanhos, que não eram ainda grisalhos. Usava alpercatas e os seus pés pareciam de moça. Encorajada por ouvir, finalmente, uma voz feminina na discussão, outra senhora falou:

– O Monge tinha a barba branca. Tinha os olhos castanhos amarelados, supercílios grandes e cerrados, cabelos compridos, sendo de meia altura. As suas feições eram as de um alemão ou italiano.

O médico e os frades, não querendo se intrometer neste conflito de versões que parecia longe de se resolver, escolheram um canto da sala para conversar. O frade mais experiente diz, em voz baixa:

– Também conheci o Monge. Era um homem entre 50 e 60 anos, de estatura média, vestido pobre, mas decentemente. Ao ouvir isso, seu irmão de ordem educadamente acrescentou:

– Prezado irmão, o monge era um caboclo de barba cerrada, grisalha e curta. Era de estatura baixa. Quando o conheci, há alguns anos, notei que ele tinha a mão grossa de trabalhador; porém, não percebi a falta de um dedo. Pensei comigo: este homem não pode ser brasileiro, antes espanhol ou italiano. Mas ainda não podia ter 60 anos.

Não querendo aumentar a controvérsia, mas interessado em dar seu depoimento, o médico, então, decidiu entrar no debate:

– Eu também conheci um Monge. Foi durante a Guerra Federalista. Ele me pareceu moço ainda, figura simpática, ascética. Carregava uma bandeira branca com a figura de uma pomba vermelha no centro...

O médico não conseguiu concluir sua descrição, pois foi interrompido por exclamações exaltadas vindas do grupo que discutia. Quando os brados cessaram, os três entenderam do que se tratava: um dos participantes empunhava uma fotografia defendendo que aquela era a imagem do verdadeiro monge. Porém, foi rapidamente desmentido pelos demais. Uma das senhoras, então, declarou:

– Essa foto não é do Monge. Ficam vendendo essa fotografia por aí querendo que nós acreditemos ser do monge. Mas não é ele.

Lentamente a discussão foi esfriando. Ao final, o médico e os frades se aproximaram do senhor que empunhava o retrato e, gentilmente, pediram para dar uma olhada. Um dos frades até suspeitou se tratar do monge que conhecera anos antes. Seu confrade e o médico, no entanto,

negaram veementemente a semelhança. Buscando colocar um fim à discussão, o médico, então, comentou:

– Esse povo serrano é fanático. Uma questão de religião poderia produzir aqui lutas extraordinárias!

Tal colocação foi tristemente aceita pelos frades, que, cabisbaixos, entenderam o tanto de esforço missionário que teriam pela frente para mudar essa situação.

### Os monges do planalto meridional brasileiro

A discussão acima apresentada jamais aconteceu. Contudo, baseia-se em depoimentos verídicos de personagens reais: Frei Rogério Neuhaus, Frei Oswaldo Schlenger, o médico Ângelo Dourado, o coronel Caetano Costa, o senhor Cleto da Silva e as senhoras Ana Maria de Quadros e Maria Cordeiro Pacheco foram pessoas que narraram, em diferentes momentos e lugares, terem conhecido o monge. Apesar de em alguns pontos se assemelharem, todos descreveram um monge diferente, com características físicas distintas. Isso gera um problema complexo para quem busca desvendar a identidade dos monges que se seguiram ao eremita italiano João Maria de Agostini. Afinal, qual dos debatedores acima estaria com a razão?

Na historiografia, criou-se certo consenso sobre a existência de dois outros monges depois da passagem do primeiro, que igualmente alcançaram notoriedade entre os povos do sul: João Maria de Jesus, que peregrinou por todo planalto meridional brasileiro entre 1890 e 1906; e José Maria de Santo Agostinho, o único monge a ter efetivamente participado da Guerra do Contestado, ainda que somente no início do conflito, em outubro de 1912, na Batalha do Irani. Sobre o monge João Maria de Jesus, o coronel Pinto Soares afirmou se chamar Anastás Marcaf. Contudo, nunca citou ou escreveu a respeito da origem dessa informação. Anastás Marcaf seria de nacionalidade francesa. Quanto ao outro monge, José Maria Agostinho, teria por nome Miguel Lucena de Boaventura, mas este também é um dado que carece de comprovação.

Nos últimos anos, as pesquisas estão trazendo cada vez mais evidências de ter havido outros andarilhos penitentes para além dos citados monges. E, para aumentar a confusão, frades capuchinhos, além de padres jesuítas, realizaram missões itinerantes em todo o

sul do Brasil, entre meados do século XIX e primeira metade do XX. Comum a todos era a prática de erguer cruzes e cruzeiros simbolizando a passagem da missão.

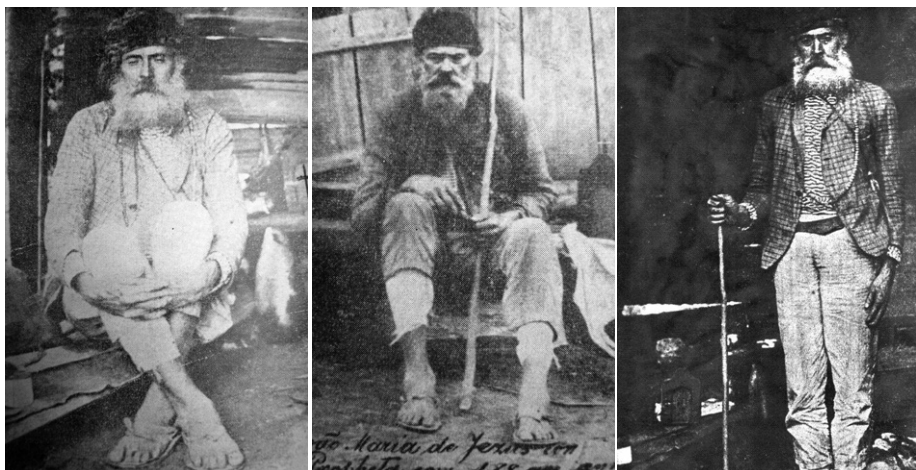
Os frades capuchinhos eram italianos e muito se assemelhavam ao monge João Maria de Agostini: possuíam barbas longas, vestiam hábitos de tecido cru, carregavam objetos como crucifixos e Bíblia, eram exímios oradores, pregando de modo eloquente, conclamando todos à prática da penitência para a salvação das almas. Peregrinos de grandes distâncias, andavam em dupla ou mesmo sozinhos, e, quando necessário, buscavam refúgio em grutas e cavernas no meio das jornadas. Desse modo, parece provável que alguns destes frades italianos tenham sido confundidos com João Maria e chamados também de “monges”. O fato é que, desde o primeiro, formou-se uma verdadeira tradição de peregrinos a palmilharem o planalto meridional do Brasil, uns servindo a causas próprias sem ligação com a Igreja; outros, como os jesuítas e os frades capuchinhos, à serviço da evangelização e do catolicismo oficial.

## As representações do monge João Maria no Brasil e no exterior

Há outro elemento que faz só aumentar o problema de identificar os monges no sul do Brasil: as fotografias que são atribuídas ao monge João Maria. É interessante constatar que uma das senhoras que declarou tê-lo conhecido, na primeira metade do século XX, negava ser o sujeito das fotos o monge João Maria. Se não temos como confirmar, até o momento, a verdadeira identidade daquele indivíduo que posou para os retratos, podemos atestar que foi necessário passar gerações para que devotos e admiradores acreditassem nas fotografias como representações verídicas do “santo” popular. Este foi um processo que se consolidou na segunda metade do século XX, entre moradores do interior de Santa Catarina, sul do Paraná e norte do Rio Grande do Sul.

No entanto, em outras regiões do Rio Grande do Sul, do Paraná e de São Paulo não havia qualquer imagem registrada que pudesse ser reconhecida como a do monge, apesar da existência de uma forte crença materializada em cruzes, grutas, fontes d’água e cavernas. E, extrapolando os limites geográficos brasileiros, encontramos outras descrições físicas do monge/eremita pelas Américas: na Argentina, no Peru, nos Estados Unidos, no México, além de lendas variadas que em





Figuras 1, 2 e 3. Fotografias do monge João Maria no sul do Brasil. Essas fotos são aceitas como sendo do monge João Maria. No entanto, até mais ou menos a metade do século XX, o sujeito retratado não era reconhecido por devotos como a imagem do monge.

menor ou maior grau se aproximam das existentes no Brasil. Fiquemos com dois exemplos de países que possuem imagens que se difundiram e são acreditadas como sendo as do monge: o Peru e os Estados Unidos.

Não podemos dizer que uma representação imagética não seja importante para um devoto; além de importante é, às vezes, necessária. Foi o que constatamos em nossa visita ao norte do Peru por ocasião da concorrida festa religiosa da Santíssima Cruz de Chalpón, na cidade de Motupe. Lá, o monge João Maria de Agostini é conhecido como Fray Juan Agustín de Abad. Segundo a tradição oral, este frade construiu três grandes cruzes antes de partir, deixando-as em uma caverna no alto de uma grande montanha. Anos depois, mais precisamente em 1868, estas cruzes foram retiradas de sua morada onde repousavam e levadas para três distintas vilas da região. Duas destas cruzes resistiram ao tempo e à ação humana e são hoje objetos de forte veneração: nas cidades de Olmos e Motupe. No início do século XX, um pintor resolveu representar o frade em um quadro, expondo-o na igreja matriz da cidade de Motupe (Figura 5).

Não há consenso entre a população local sobre tal representação imagética. Uns acreditam que se trata de fato do frei Juan Agustín de Abad; outros, contudo, não creem que a pintura represente *el santo*



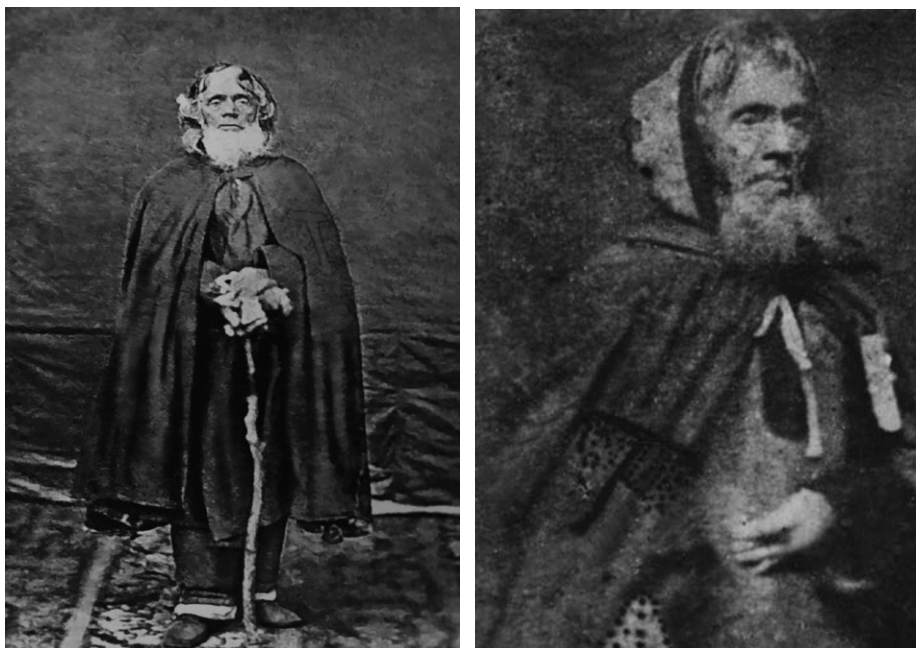
Figura 4. Retrato de um “monje” João Maria. Fotografia de um “monje” desconhecido que havia passado por Curitiba no início do século XX. A reportagem anunciava o falecimento do “propheta”.  
A República, Curitiba, 25 set. 1912.



Figura 5. Imagem de Fray Juan Agustín de Abad, norte do Peru. Pintura de autor desconhecido, idealizando Fray Juan Abad, uma tentativa de representação do eremita que por lá passou no século XIX. Em 2018, a festa a Santa Cruz de Chalpón, em Motupe, completava 150 anos.

*ermitaño* que passou por Motupe há mais de 150 anos. Com o tempo, talvez, haja aceitação da pintura acima como sendo de Juan Agustín de Abad, o construtor da cruz milagrosa que salvou a cidade de Motupe de uma terrível catástrofe ocasionada por um terremoto, em 1868. O reconhecimento unânime pode demorar anos, décadas, ou nem acontecer. No sul do Brasil, como já comentamos, foi preciso passar gerações até se formar uma aceitação das imagens/fotos como a fiel reprodução do “santo monge”.

O caso estadunidense, por outro lado, não é tão complexo quanto do sul do Brasil ou mesmo do norte peruano, uma vez que existem dois retratos que são comprovadamente as representações do eremita Juan Maria de Agostini – como lá ele é chamado. Ambas as fotos têm sua própria história.



Figuras 6 e 7. Eremita Juan Maria de Agostini. Fotografias tiradas respectivamente em 1861 (Havana, Cuba) e 1867 (Las Vegas, Novo México, EUA).

A foto da esquerda foi intitulada pelo retratista como “A Maravilha do Nosso Século”. Passou a ser vendida como *souvenir* para as pessoas curiosas e admiradas pela história deste eremita que havia atravessado mares, desertos, florestas e montanhas por três décadas antes de chegar em Havana, no mês de outubro de 1861. O fotógrafo presenteou Agostini com uma cópia do retrato.

A foto da direita foi tirada pouco antes de Agostini deixar o norte do Novo México, em 1867. Na imagem, percebe-se o “defeito físico” da mão esquerda, como era descrito nos documentos da época, detalhe nada insignificante, pois essa deficiência da mão também apareceu em outros dois documentos, atestando sua passagem por lugares diferentes: um passaporte emitido em Novara, ainda na Itália, em 1833; e no Livro de Registro de Estrangeiros de Sorocaba, interior de São Paulo, em 24 de dezembro de 1844. Tais documentos e ambas as fotos foram encontrados junto aos demais pertences do eremita Juan Maria de Agostini, assassinado no sul do Novo México, em abril de 1869. Desde então, as fotografias são consideradas provas materiais

da passagem deste sujeito excepcional pelas Américas, comparado aos grandes santos da Antiguidade cristã.

### Fim de prosa

Para além do que imaginávamos há alguns anos, não é somente o planalto meridional do Brasil que compõe um cenário de verdadeira tradição religiosa ligada ao eremita italiano João Maria de Agostini. Lugares de devoção e/ou memória como fontes d'água, grutas, cavernas, lapas, cruzeiros, capelinhas e imagens estão espalhados pelas Américas. Isso demonstra a força simbólica de um eremita andarilho que foi tornado santo pelo povo desde meados do século XIX. Por outro lado, podemos afirmar, com toda certeza, que nada parecido aconteceu em outras partes do continente que possa ser comparado aos desdobramentos da crença no Brasil, isto é: aqui, iniciou-se uma verdadeira tradição de andarilhos penitentes que se assemelharam ou foram confundidos com o italiano João Maria de Agostini. Este foi um fenômeno exclusivo do Brasil.

Envoltos pelas brumas de um passado sustentado pela memória popular, os indivíduos denominados monges, contudo, foram estudados no Brasil como se fossem seres incorpóreos que podiam aparecer e desaparecer a qualquer momento. Com os indícios que temos à disposição já seria possível começar novas buscas para desvendar quem foram, afinal, os outros monges que se seguiram ao eremita italiano, apontando para a identidade deles. Nossa experiência de pesquisa nos faz acreditar que foram muitos os sujeitos a peregrinarem pelo planalto meridional brasileiro desde meados do século XIX, e não somente três como até hoje se acredita. Isso nos remete de volta ao início deste capítulo, à hipotética discussão entre pessoas que diziam ter conhecido o monge. Afinal, quem estaria certo sobre a descrição física dele? Muito embora cada um possa sustentar uma opinião, tudo leva a crer que as representações do monge João Maria poderão mudar à medida que as duas fotos do eremita Juan Maria de Agostini (Figuras 6 e 7) comecem a ganhar espaço entre pesquisadores, devotos e admiradores.

## Para saber mais

- † Alvarado, J. C. F. **Motux: Historia, Tradición y Fe en Norte del Perú**. Chiclayo: Facultad de Humanidades / Departamento de Humanidades / Universidad Católica Santo Toribio de Mogrovejo, 2007.
- † Cabral, O. R. **João Maria: interpretação da Campanha do Contestado**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- † Karsburg, A. “Em busca dos monges históricos: fontes e historiografia”. **Domínios da Imagem**, Londrina/PR, v. 12, n. 18, p. 105-20, 2016.
- † \_\_\_\_\_. “Tradição e história de uma devoção católica no norte peruano (Santíssima Cruz de Chalpon)”. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá/PR, v. 13, n. 38, p. 9-36, 2020.
- † Monteiro, D. T. **Os errantes do novo século: Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

## Em nome do monge: rebeliões e insurgências anteriores ao Contestado

Evelyn Bueno e Alexandre Assis Tomporoski

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: monge João Maria, disputa de terras, Revolução Federalista, Guerra de Canudos, movimento do Campestre (1848-1849), o Canudinho de Lages (1897) e o Movimento do Pinheirinho (1902).*

Ao longo de aproximadamente cem anos, entre 1848 e 1942, ocorreram inúmeras concentrações camponesas no Sul do Brasil em torno da figura do monge João Maria. Três delas desenvolveram-se no período anterior à deflagração do Movimento Sertanejo do Contestado: o movimento do Campestre (1848-1849), o Canudinho de Lages (1897) e o Movimento do Pinheirinho (1902).

A concentração do Campestre, localidade situada no município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, foi a primeira a surgir ao redor do monge João Maria de Agostini, entre 1848 e 1849. As andanças do monge pelo local tiveram início com o objetivo de construir uma pequena capela no Campestre, onde havia vertentes de águas com propriedades especiais. Com o estabelecimento da capela, João Maria passou a atender e medicar doentes que chegavam no local, mediante a utilização de ervas medicinais, preces e com o uso daquelas águas, que eram consideradas pelo monge, e posteriormente pela população, como detentoras de propriedades curativas.

Devido à falta de instituições de saúde pública na época e da prática tradicional de realização de curas por benzedores e rezadores, as atividades medicinais desenvolvidas por João Maria ganharam amplitude. Conseqüentemente, em um curto lapso temporal a reunião de pessoas no Campestre cresceu significativamente, com grande afluência de indivíduos em busca de curas e bênçãos.

A concentração provocou temor nas autoridades, especialmente pelo aumento das tensões entre os governos brasileiro e de Rosas, em Buenos Aires, naquele período. Com o objetivo de dispersar os seguidores do Campestre, o presidente da Província do Rio Grande do Sul, general Francisco Soares de Andrea, determinou a supressão do ajuntamento e a dispersão dos fiéis, ato em que João Maria foi preso e enviado para Santa Catarina.

Mesmo diante da prisão do monge, a comunidade continuou a crer nos poderes curativos das fontes de água do Campestre e alguns permaneceram no local após a dispersão efetuada pelas forças do Rio Grande do Sul. Na tentativa de desacreditar aquelas águas, o Governo determinou a realização de exame laboratorial para aferir o suposto poder curativo a elas atribuído. O resultado das análises comprovou que as águas eram apenas potáveis, todavia, o experimento não diminuiu a crença popular dos poderes curativos na fonte santa.

Após o envio de João Maria de Agostini para Santa Catarina, o monge solicitou ao presidente da Província autorização para permanecer na ilha do Arvoredo. Posteriormente, precisou retirar-se do local, uma vez que foi difundida a informação entre pescadores e camponeses de que o monge santo lá se encontrava, o que resultou em romaria de indivíduos oriundos da ilha de Porto Belo.

Após o evento do Campestre, ocorreu outro ajuntamento relacionado ao monge João Maria. Desta vez feita sem a presença física do monge, mas com elementos que expressavam o vigor da tradição cultural desenvolvida a partir de sua figura e de seus ensinamentos. Este segundo ajuntamento anterior ao movimento do Contestado surgiu na região serrana do estado de Santa Catarina, em fins do século XIX.

Em 1897, na localidade de Entre Rios, na época pertencente ao município de Lages e atualmente situada no município de Celso Ramos (SC), surgiu o movimento denominado Canudinho de Lages. O nome atribuído pela imprensa fazia referência à Guerra de Canudos, que se desenvolvia na Bahia (1893-1897). A liderança do Canudinho estava a cargo de Miguelito, que dizia ser irmão de João Maria, e que juntamente com Francelino Subtil de Oliveira passou a receber doentes para praticar suas curas.

Em poucas semanas constitui-se um povoado com aproximadamente 70 casas e cerca de 300 habitantes. Muitas pessoas passaram a dirigir-se para a localidade de Entre Rios em busca de curas. Ali, encontravam-se reunidas pessoas de diversas procedências: camponeses, pequenos

posseiros, veteranos da campanha federalista. Cabe destacar que o ajuntamento revelou a fusão da tradição política federalista e da tradição religiosa de São João Maria.

Na localidade, o ajuntamento, que continuava a crescer, reunia pessoas que praticavam preces, construíram um local de reuniões e criaram uma unidade militarizada. Com a notícia da existência de veteranos da campanha federalista no povoado, o governador de Santa Catarina, apoiado por fazendeiros e políticos, determinou o envio de uma expedição militar com o intuito de dispersar os moradores de Entre Rios. Essa expedição foi repelida pelos sertanejos em 17 de agosto de 1897.

Com o fracasso da tentativa de desagregação da comunidade, o governador de Santa Catarina socorreu-se com o governador do Rio Grande do Sul, que enviou um regimento da Brigada Militar. No dia 29 de agosto de 1897 o pequeno povoado foi eliminado. Alguns sertanejos conseguiram fugir do ataque, inclusive Miguelito e Francelino Subtil de Oliveira, lideranças da comunidade. Porém, catarinenses e gaúchos uniram esforços para caçar os sobreviventes pela região. Tal circunstância levou à captura de Miguelito, na localidade de Barracão, município de Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul. Posteriormente ele foi identificado como um soldado desertor da guarnição de Curitiba. Francelino foi encontrado morto em outubro daquele ano.

É importante ressaltar que o ataque contra o povoado de Entre Rios foi insuflado por temores políticos, diante da presença de ex-federalistas e, também, por preocupações com a dilapidação de propriedades privadas, que mobilizaram as lideranças políticas da região.

Apesar da repressão aos movimentos do Campestre e ao Canudinho de Lages, a devoção da população do Brasil meridional a João Maria continuava a crescer. O prestígio de seus ensinamentos permaneceu vivo e se expandiu, alcançando mais adeptos com o passar do tempo. Essa tradição fomentou nova reunião em nome do monge no ano de 1902, dando origem ao Movimento do Pinheirinho.

Na região de Encantado, especificamente no Vale do Taquari, interior do Rio Grande do Sul, desenvolveu-se o Movimento do Pinheirinho. Naquela localidade houve a aproximação entre camponeses, caboclos e ex-federalistas. A concentração vinculava-se tanto à tradição do monge João Maria quanto ao sentimento de luta pela terra. Além da confluência entre o federalismo popular e a tradição de João



Maria, estava presente a segunda geração de Muckers, descendentes dos seguidores de Jacobina, imigrantes alemães empobrecidos que conviviam com a população cabocla.

Com a chegada da imigração italiana à região, em meados de 1882, os caboclos passaram a ser expulsos de suas terras. Esse processo foi conduzido por empresas colonizadoras. Os imigrantes compraram propriedades na região do Alto Taquari e as empresas expulsavam os posseiros que ali viviam, na medida em que vendiam os lotes aos recém-chegados. Um sentimento de injustiça atrelado à terra foi gestado em decorrência do conflito entre caboclos e imigrantes. Ademais, a comunidade de imigrantes italianos não aceitava a presença dos caboclos, os quais não detinham títulos de propriedade, registros de nascimento, de casamento etc. Tal situação semeou forte crise na região, na medida em que a população cabocla era cada vez mais empurrada para fora de suas terras. Esse processo fomentou alguns ataques sertanejos contra loteadores de terras e autoridades.

Desse modo, na passagem do século XIX para o XX, a população cabocla, após ser reiteradamente expulsa das terras que anteriormente ocupava, assentou-se no Alto Vale do Rio Taquari, atualmente pertencente ao município de Roca Sales (RS). Naquele local surgiu um ajuntamento, fundamentado nos ensinamentos do monge João Maria. O acampamento do grupo foi instalado no local em que se situa a Escola Rural Pinheirinho, onde iniciou-se a concentração de pessoas.

João Enéias e João Francisco Maria de Jesus desempenharam papel central na organização do movimento. O primeiro, João Enéias, era o porta-voz dos milagres realizados pelo monge João Francisco, mais conhecido como “Chico”. Com as curas realizadas, o monge Chico passou a ser considerado santo pela população, havendo relatos de que ele era capaz de andar sobre águas, característica atribuída pelos adeptos do movimento, com forte referência ao cristianismo.

As instalações do Movimento de Pinheirinho consistiam em uma cabana principal, onde residia o monge Chico, e várias outras cabanas menores que abrigavam seus seguidores. Nem todos os fiéis moravam no local, muitos conservavam suas propriedades fora na região.

Conforme características dos demais movimentos anteriormente mencionados, a concentração no Pinheirinho também estava relacionada com as curas ali realizadas e com a santificação da principal liderança, nesse caso, o monge Chico. O grupo dos Monges de Pinheirinho recebeu tal denominação em razão do monge Chico e

da maioria dos fiéis usarem longas barbas – estética vinculada à figura de monges – e em referência ao nome da localidade.

A subsistência dos adeptos do movimento dependia da pesca e da caça, além do cultivo de culturas da região, como milho e mandioca, bem como das doações dos fiéis. Após certo tempo da instalação do grupo na região de Pinheirinho, alguns moradores das redondezas e pequenos agricultores reclamaram do sumiço de produtos, e em razão da vida simples levada pelos integrantes do movimento, foram eles acusados de tais furtos.

A partir desse evento, surgiram outros boatos que noticiavam o roubo de aves, animais e produtos da lavoura de moradores das proximidades. Os comerciantes das localidades vizinhas realizaram inúmeras denúncias às autoridades, episódio que contribuiu para o início do conflito. Porém, foi apenas após a denúncia que relatava que os monges pretendiam investir contra o comércio de José Colombo, que as autoridades tomaram providências.

Desse modo, um grupo de 12 pessoas, composto por moradores da região, juntamente com dois subdelegados, organizaram expedição com a finalidade de ir ao acampamento de Pinheirinho, distante oito quilômetros de Encantado. O objetivo era obter esclarecimentos sobre as denúncias de supostos furtos. O grupo partiu de Encantado ao entardecer do dia 03 de maio de 1902, munido de pistolas, espingardas e fuzis de repetição. Após passar a noite caminhando, no amanhecer do dia seguinte estavam no acampamento de Pinheirinho, quando ocorreu o primeiro confronto.

Sobre o embate existem duas versões. A primeira sugere que o grupo liderado por João Enéas resistiu às balas, na cabana, e em seguida travou luta com armas brancas. A outra versão relata que João Enéias saiu de sua cabana e segundos depois foi detonado o primeiro tiro contra ele, dando início à luta entre os membros do acampamento e os integrantes da expedição.

De todo modo, do conflito resultou a morte de João Lucca e Eduardo Sattler, moradores da região de Encantado e integrantes da expedição. Além deles, oito membros do movimento foram mortos, inclusive o filho de José Enéias. Com a morte de seu filho, este saiu do acampamento sob a justificativa de buscar reforço, porém, ele nunca mais voltou ao Pinheirinho.

Após esse confronto, os moradores de Encantado solicitaram a intervenção do Estado para reprimir os Monges de Pinheirinho. A

segunda expedição foi realizada em 21 de maio de 1902, com o envio da Brigada Militar para a localidade, sob o comando do coronel Ramiro de Oliveira, que combateu os “fanáticos”. É recorrente a referência a essas pessoas como “fanáticos” e à figura de Antônio Conselheiro, líder do movimento de Canudos, na Bahia. Essa estratégia foi recorrentemente utilizada por parte das autoridades e da imprensa, com o objetivo de criminalizar os movimentos sertanejos.

No ataque realizado no dia 21 de maio, 11 integrantes do movimento foram mortos e outros sete foram capturados. Dentre os mortos estava o monge Chico, um dos líderes do grupo. Os sobreviventes rendidos eram muito jovens, três deles com pouco mais de 20 anos, os quais foram obrigados a realizar o sepultamento daqueles que morreram em combate. Sobre o episódio do sepultamento do monge Chico há informações conflitantes. Uma versão retrata o enterro do líder de cabeça para baixo, para que não pudesse ressuscitar, e outra diz o contrário, que o monge havia sido sepultado com a cabeça para fora, pois, a crença dizia que o referido líder deveria ressuscitar no quinto dia por ser imortal.

Apesar das versões apresentadas serem divergentes, é possível observar a relação com a crença da ressurreição, simbologia diretamente ligada ao cristianismo e presente em inúmeros movimentos messiânicos, tal qual ocorreu com o sepultamento de José Maria no âmbito do Movimento Sertanejo do Contestado.

Em 23 de maio de 1902, após o ataque ao ajuntamento de Pinheirinho, os homens da Brigada Militar retornaram à capital do estado. No trajeto passaram por Encantado e ali acamparam por um dia, momento em que foram aclamados pelos moradores da região, os quais lhes ofereceram um churrasco, em agradecimento aos relevantes serviços prestados ao município e à comunidade.

Ainda em sinal de gratidão, a comunidade de Encantado denominou várias ruas da cidade com o nome daqueles que participaram da repressão ao episódio do Pinheirinho. Entre os homenageados cita-se: João Lucca, Eduardo Sattler, Silvio Lucca, João Sanna, João Ferri, Pedro Mottin, Luiz Ferria, Olderigi Bigliardi, Napoleão Maiolli e Guerino Lucca.

A partir dos três movimentos anteriormente analisados é possível identificar elementos convergentes. A principal conexão consiste na tradição religiosa de São João Maria, que teve papel central e representou a força agregadora dos três eventos. Outra característica em comum foi

o uso precoce e desmedido da violência contra os ajuntamentos. Tanto em decorrência de interesses políticos estratégicos, da preocupação das elites locais, ou ainda em função de disputas fundiárias marcadas por forte elemento étnico, a criminalização dessas ações e sua dispersão pela força foram recorrentes. Essas características também estariam presentes no Contestado e mesmo em movimentos posteriores, pois a tradição de São João Maria continuou a mobilizar práticas de resistência dos “de baixo”. Apesar da repressão, os devotos do monge seguem resistindo.

### Para saber mais

- † Fachel, J. F. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre / Florianópolis: Editora da UFRGS / Editora da UFSC, 1995.
- † Ferri, G. **Os monges de Pinheirinho**. Encantado, RS: Grafen, 1975.
- † Filatow, F. “Monges de Pinheirinho (1902): entre o messianismo e a política”. In: **Anais do IV EPHIS**. A historiografia para além do campo historiográfico: Novos horizontes e perspectivas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2017. v. 1, p. 1-9.
- † Garietta, M. **Os monges de Pinheirinho no Vale do Taquari e relações com movimentos messiânicos brasileiros**. Lajeado, RS: Univates, 2011.
- † Machado, P. P. “O conflito do Canudinho de Lages (1897)”. **Estudos de Sociologia**, Araraquara/SP, v. 13, n. 24, p. 65-78, 2008.

## Terra de muitos donos: disputas políticas e agrárias no caso do Timbó

Eloi Giovane Muchalovski

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: questão de limites; Regimento de Segurança do Paraná; planalto norte catarinense; Revolução Federalista (1893-1895); ex-maragatos; coronelismo; Guarda Nacional; Supremo Tribunal Federal; Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.*

A historiografia recente sobre o Movimento do Contestado (1912-1916) demonstra que suas causas foram múltiplas e regionalizadas, mas nem por isso desvinculadas de elementos centrais da cultura política e econômica nacional, tais como os conflitos oligárquicos e o coronelismo. Diversas questões de ordem agrária, religiosa, política e econômica resultaram no conflito que matou milhares de pessoas entre sertanejos e soldados das polícias estaduais e do Exército Brasileiro. Dentre os elementos que influenciaram a adesão de parte da população ao movimento sertanejo está a indefinição dos limites entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Indefinição originada ainda durante o Império, depois da criação da província do Paraná desmembrada de São Paulo em 1853. No mesmo ano, Santa Catarina apresentou à Assembleia Geral Legislativa um projeto para delimitação do seu território, iniciando uma disputa político-jurídica que ficou conhecida como a “questão de limites”, a qual teve como epicentro uma vasta área do planalto.

Ao norte, nos vales dos rios Timbó e Paciência, região rica em ervais nativos e abundante em florestas de araucárias, diferentes grupos de coronéis e políticos formaram-se cada qual em defesa de interesses próprios e protegidos por forças políticas dos distintos estados. Esses vales, localizados no atual planalto norte de Santa Catarina, entre o

município de União da Vitória – controlado pelos paranaenses – e a então vila de Canoinhas – formada por defensores da causa catarinense –, passaram a ser, no início do século XX, palco de intensos conflitos relacionados com a questão de limites. Tais conflitos foram objeto de acalorado debate na imprensa da época e passaram a ser conhecidos pela denominação “O caso do Timbó”.

Os governos dos dois estados, que há tempo vinham protagonizando embates pela posse do território, avolumaram suas dissensões quando o jornal de Florianópolis, *República*, noticiou em 18 de setembro de 1900 que uma força policial paranaense atravessara o rio Timbó – provisoriamente concebido como limítrofe entre os dois entes federativos – a fim de proceder prisões na vila de Poço Preto. O fato causou exaltação no governo catarinense. Uma série de telegramas passaram a ser trocados entre diferentes autoridades estaduais e federais, promovendo o aumento das tensões naquela zona.

Com o fim da Revolução Federalista (1893-1895), a região do Timbó foi destino de vários ex-maragatos, chamados também de federalistas, que não mais puderam voltar ao Rio Grande do Sul após a derrota das tropas de Gumercindo Saraiva. Muitos desses ex-combatentes tornaram-se conhecidos coronéis do planalto, explorando madeira e, principalmente, áreas de ervais nativos, utilizando-se de vasta mão-de-obra oferecida pelos caboclos da região, e tornando-se donos de grandes fazendas, muitas vezes, usurpadas de pequenos sitiantes e posseiros. Dentre esses coronéis, um em especial foi protagonista dos conflitos no Timbó, o coronel Demétrio José Ramos, acusado pelo governo do Paraná de liderar um contingente de homens armados e municidados pelo governo de Santa Catarina.

Nascido em Vacaria (RS), Demétrio era primo de Vidal Ramos, um dos principais políticos catarinenses e vice-governador do estado na época. Viveu parte de sua vida na Fazenda da Estrela, atualmente tombada como patrimônio histórico e cultural de Vacaria. Casou-se com Eulália Correia de Lacerda, filha de Joaquim Resende Correia de Lacerda, ironicamente um dos líderes republicanos na contenção das tropas federalistas durante o Cerco da Lapa, episódio que em 1894 deu início ao insucesso das pretensões dos federalistas de chegarem ao Rio de Janeiro e deporem o presidente da República. Depois de liderar tropas de maragatos no Rio Grande do Sul e participar da marcha rumo ao norte, Demétrio não mais pôde voltar ao seu estado natal, pois lá era procurado pela justiça por sua atuação no conflito. Assim, acabou refugiando-se na região de Palmas (PR). Porém, após embates com

populares e lideranças locais, rumou para o Timbó, fixando moradia próximo aos rios Timbó e Tamanduá, vivendo de pequena lavoura e do auxílio enviado do Rio Grande Sul por sua mãe, e por seu sogro que residia na Lapa. Em 1905, foi acusado pelo juiz municipal de União da Vitória, Moraes Machado, de ter cometido diversos crimes nas cercanias de Vila Nova do Timbó, incluindo assassinatos, depredações e incêndios de fazendas. Como medida, praças do regimento de segurança do Paraná e paisanos, juntamente com o referido juiz, procederam na madrugada de 11 de janeiro de 1906 uma diligência na propriedade de Demétrio com objetivo de prendê-lo. Segundo Moraes Machado, teria ele recebido precatória enviada por autoridades rio-grandenses, avalizando assim a sua diligência.

A força partiu de União da Vitória navegando em um pequeno vapor através do rio Iguaçu, atingindo o rio Timbó a poucos quilômetros da vila e rumando depois em direção a Vila Nova. Chegaram à propriedade de Demétrio por volta da meia-noite, logo abriram fogo contra a residência e a invadiram em seguida. Dentro da casa, encontraram, aterrorizados, apenas a esposa de Demétrio, Eulália, e seus filhos, estes todos menores de idade. A família foi feita refém até o amanhecer, enquanto praças vasculhavam os cômodos. Não encontrando Demétrio, incendiaram a propriedade e levaram a família sob custódia até União da Vitória. Durante o percurso, usaram Eulália e seus filhos como escudo humano, colocando-os a boreste e a bombordo da embarcação com a intenção de impedir um possível ataque através das margens do rio por homens do bando de Demétrio. Ao chegarem à União da Vitória, a família foi impedida de ser mantida presa pelo coronel Amazonas de Araujo Marcondes, influente líder local, que os hospedou em sua residência, sendo depois levados para a Lapa, onde ficaram sob a proteção do irmão de Eulália, Duca Lacerda.

A ação do juiz municipal causou alarde na imprensa. Os jornais de Curitiba e Florianópolis passaram a publicar diariamente matérias sobre o caso, expondo um iminente conflito armado entre os dois estados. Santa Catarina considerou a ação da força paranaense uma invasão de território, pois entendia a margem direita do Timbó como sendo de sua jurisdição. Condição não reconhecida pelo Paraná. Na época, tramitava no Supremo Tribunal Federal embargos ao Acórdão da Ação Originária n. 7, de 1904, em que a suprema corte tomara decisão favorável às alegações do estado de Santa Catarina sobre a questão de limites. Decisão não aceita pelas autoridades paranaenses, as quais consideravam ambas as margens dos rios Negro e Iguaçu,

provisoriamente propostos como limítrofes, pertencentes e integrantes do seu domínio territorial. Em 1909, o STF manteve a decisão, confirmada em 1910, mas ela nunca chegou a ser respeitada.

Naquele momento, os periódicos jornalísticos tiveram importante papel na disseminação de boatos e na publicação de diversos telegramas trocados entre as autoridades estaduais. Menções sobre o envio de armas pelo governo catarinense aos habitantes de Canoinhas abundaram nas páginas dos jornais de Curitiba, principalmente no *A Notícia*, *Diário da Tarde* e *A República*. O armamento teria por objetivo propiciar uma invasão à União da Vitória e a perseguição de pessoas contrárias à causa catarinense. Por outro lado, a imprensa de Florianópolis tentava sensibilizar o governo federal para decretar intervenção militar na região, pois considerava seus direitos desrespeitados no Timbó, e somente uma ação federal poderia dar fim às investidas do estado vizinho.

Após sua família ter buscado refúgio na Lapa, Demétrio abrigou-se em Canoinhas sob proteção do comissário de polícia, Antero Alves. A ligação do ex-maragato com a elite política de Santa Catarina, e sua possível influência na população local, com certeza foi motivo tanto para as ações da força paranaense no Timbó quanto para a proteção oferecida pelas autoridades de Canoinhas. Porém, após reencontrar Eulália e seus filhos, Demétrio rumou para Lages em abril de 1906, onde, segundo o jornal *A República*, edição de 19 de abril, teria sido recebido com honras e festas. Foi até Florianópolis para ser recepcionado por autoridades estaduais. Depois dirigiu-se a Vacaria, de onde partiu para o estado do Mato Grosso fazendo residência em Três Lagoas. De lá, voltou apenas durante a década de 1920, oferecendo-se para lutar na Revolução de 1923. Após o fim do conflito, retornou a Três Lagoas, onde assumiu o cargo de prefeito durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

A indefinição do território permitia uma série de ações sobrepostas jurisdicionalmente. A escrituração de uma mesma terra era realizada em estados diferentes sob o nome de distintos proprietários. Para além disso, ambos governos nomeavam autoridades nos povoados – como em Vila Nova do Timbó e Canoinhas que por diversos momentos tiveram sob nomeação dois comissários de polícia e dois agentes postais respondendo a governos diferentes. Em Vila Nova do Timbó, por exemplo, no início do ano de 1905, o juiz de paz e escrivão do distrito de Canoinhas, Laurindo Cordeiro Bello e João da Cruz Krailinchen respectivamente, foram surpreendidos por força policial paranaense



enquanto realizavam um casamento. Tiveram o livro de registro civil apreendido e sofreram sérias agressões físicas, ficando Laurindo cego de um olho e João da Cruz com uma das mãos quebradas. Em seguida, os dois foram remetidos presos a União da Vitória e de lá para Curitiba, libertados somente depois de pressões políticas do governador de Santa Catarina e pela ação dos jornais de Florianópolis, os quais colocaram o presidente do Paraná, Vicente Machado, em má situação perante a opinião pública.

Com os insistentes pedidos de intervenção militar por parte dos catarinenses e a influência de Lauro Muller no governo federal, o então presidente da República, Rodrigues Alves, anunciou o envio de tropas para ocupar Vila Nova do Timbó e Canoinhas – esta foi a primeira expedição militar no Contestado. A iniciativa em nada agradou a Vicente Machado, o qual via na decisão do presidente um claro apoio à causa catarinense. Rodrigues Alves era atacado pela imprensa, não só de Curitiba, mas também da capital federal. Por diversas vezes foi ridicularizado pela revista *O Malho* – periódico satírico carioca que se destacava pelo vasto corpo de ilustradores, publicando considerável número de charges –, representando Rodrigues Alves como um preguiçoso e dorminhoco. O jornal de Curitiba *A Notícia* também publicou charges do presidente. Em edição de 07 de fevereiro de 1906, o mesmo foi ilustrado fardado, marchando, e segurando uma garrafa de ópio – considerada uma das piores drogas na época –, enquanto Lauro Muller o chutava e dizia: “Vamos: ordinário, marche!”. A representação procurava demonstrar que o catarinense Lauro Muller – eleito governador de Santa Catarina, mas que renunciara para ocupar o cargo de ministro de Indústrias, Viação e Obras Públicas – era quem de fato mandava no governo federal, tendo influência direta na decisão sobre a intervenção militar no Timbó.

Apesar das contestações do Paraná sobre a constitucionalidade da intervenção, ela fora posta em prática. Um contingente formado por cem soldados e outros oficiais do 39 Batalhão de Infantaria, comandados pelo capitão Ignácio Gomes da Costa, partiram de trem de Curitiba com destino a Ponta Grossa em 05 de fevereiro de 1906, dirigindo-se depois para União da Vitória e marchando em seguida até Vila Nova do Timbó. Entretanto, a intervenção que inicialmente agradara o governo catarinense logo foi vista com desconfiança. O fato de ter sido designado como comandante da expedição um oficial que também exercia o cargo de deputado do estado do Paraná, Ignácio da Costa, suscitava parcialidade e, por isso, foi rechaçada pela imprensa.

A atitude do Exército em contratar como guia um foragido da cadeia de Florianópolis, Álvaro Magdalena, foi o estopim para insatisfação do governo de Santa Catarina quanto à liderança de Ignácio da Costa na intervenção militar. Um ano antes, Magdalena praticara o homicídio do caixeiro Luiz Davet durante diligência de força policial paranaense em Valões – vila localizada às margens do rio Iguaçu a meio caminho de União da Vitória e Canoinhas e controlada por catarinenses, hoje município de Irineópolis (SC) –, situação que o desqualificava como guia isento. Somava-se ao descontentamento político do governo catarinense pela execução dessa expedição a acusação ao comandante, Ignácio da Costa, de permitir o envio e permanência de reforços de praças do Regimento de Segurança do Paraná em Vila Nova do Timbó.

Após protestos, o comando das tropas foi substituído, assumindo o capitão Duarte de Alleluia Pires, do 37 Batalhão, sediado em Florianópolis. Assim como seu antecessor, Alleluia Pires também tinha ligações políticas. Era ex-federalista, entrara para o Partido Republicano Catarinense por meio de manobra política idealizada pela ala laurista do partido, com intenção de isolar Hercílio Luz, então adversário de Lauro Muller dentro da agremiação partidária. Assim que assumiu o comando, Alleluia Pires restabeleceu a comunicação dos correios entre Canoinhas e Vila Nova do Timbó, já que o antigo agente postal estava desaparecido desde meados de janeiro de 1906, quando a força policial paranaense ocupou a vila.

A troca de liderança agradou o governo catarinense e descontentou o paranaense, mas a ação surtira efeito. A mudança de governo nos estados litigantes em meados de 1906 apaziguou os debates mais acalorados. João Cândido Ferreira assumiu a presidência do Paraná, enquanto em Santa Catarina tomava posse Gustavo Richardt, sendo substituído logo em seguida por Abdon Batista. As tropas federais continuaram em Vila Nova do Timbó e Canoinhas até dezembro de 1906. O período de instabilidade e mudança de poderes minimizou a atenção da imprensa sobre os casos de violência no Timbó, uma vez que os principais personagens da disputa política até então, por não ocuparem cargos no executivo, encontravam-se desconexos da questão de limites.

Todavia, apesar de uma certa diminuição nos conflitos, eles não cessaram completamente. Se por um lado as disputas políticas entre lideranças estaduais foram amenizadas, principalmente pelas trocas de comando nos governos de ambos os estados, por outro, os embates entre as autoridades locais continuavam. A abundância de terras

férteis e ervais, aliado a um incentivo para colonização com imigrantes europeus e a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, incitava os desejos de prestígio econômico e político na região, alimentando rivalidades entre os poderosos locais. Em julho de 1907, uma disputa por terras levou ao assassinato do coronel e deputado paranaense João Pacheco dos Santos Lima. A família Pacheco detinha a posse de vasta área próxima à vila de Canoinhas, registrada em cartórios do Paraná. As mesmas terras eram reivindicadas pelo capitão Aleixo Gonçalves de Lima, federalista, oficial da Guarda Nacional, de origem paranaense, mas aliado dos catarinenses, o qual lutava contra barreiras fiscais impostas pelo Paraná a fim de taxar o mate colhido em território sob a jurisdição de Santa Catarina. Na noite de 10 de julho de 1907, enquanto dormia em um paiol, João Pacheco foi alvejado com três tiros. A acusação de mando do assassinato caíra sobre Aleixo devido às desavenças que ele mantinha com a família Pacheco e com a *Lumber Company* – empresa madeireira, subsidiária da *Brazil Railway*, com a qual Aleixo mantinha intrínseca disputa por uma área de terras ao sul de Três Barras, registrada em cartório de Santa Catarina –, contudo, nunca fora condenado pelo crime. Aleixo foi, anos depois, durante o Movimento do Contestado, um dos principais líderes dos caboclos. Em 1909, comandou ataques a barreiras fiscais paranaenses em Rio Preto sendo chamado de herói pela imprensa de Santa Catarina. Chefiou importantes redutos ao norte da região contestada, entre as vilas de Canoinhas e Colônia Vieira. Foi morto pelo líder rebelde, Adeodato Ramos, em 1915, depois deste suspeitar que Aleixo estivesse negociando sua rendição com as tropas federais.

A disputa da região do Timbó por criadores paranaenses e pequenos lavradores catarinenses, que exerciam concomitantemente a atividade de coletores de erva-mate, bem como as desavenças políticas entre os dois estados e o clima de indefinição, o qual avalizava uma série de usurpações e desmandos dos coronéis, especialmente paranaenses, sobre a população mais pobre que sobrevivia da pequena lavoura e da criação de poucos animais, motivou a adesão de grande parte dos habitantes do planalto norte aos redutos. Viam no Movimento uma oportunidade de fazer valer a sentença de 1904 sobre a questão de limites, acabando com as frequentes invasões de forças do Paraná na região contestada, que, sob a justificativa de conter a prática de crimes cometidos por foragidos da justiça, acabavam por legitimar o alargamento do domínio paranaense, anulando atos praticados por autoridades de Santa Catarina quanto a realização de casamentos,

transmissão de propriedades e outros atos legais. Portanto, os conflitos nos vales do Timbó e Paciência, na primeira década do século XX, conhecidos na historiografia também como o “Contestado do Contestado”, tiveram um papel importante para deflagração do conflito em 1912 e para a adesão de sertanejos, políticos, professores, promotores e até mesmo oficiais da Guarda Nacional nos anos que se seguiram, pois permitiu, além do descontentamento generalizado com as políticas de distribuição de terras, uma certa familiarização dos sertanejos com o manejo das armas, sustentando uma consistente mobilização que ofereceu grande resistência às tropas militares na parte norte da região conflagrada pela Guerra do Contestado.

### Para saber mais

- † Bussmann, J. M. “A Polícia Militar do Estado do Paraná no Contestado”. In: Wehling, A. et al. (org.) **100 anos do Contestado: memória, história e patrimônio**. Florianópolis: MP-SC, 2013. p. 351-66.
- † Machado, P. P. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- † Muchalovski, E. G. **Fagulhas do Contestado: os conflitos nos vales do Timbó e Paciência através da imprensa (1900-1908)**. São Paulo: Liber Ars, 2018.
- † Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1977.

## Bonanças e conflitos: a vida do coronel Albuquerque

Gabriel Carvalho Kunrath

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: coronelismo, política durante a Primeira República, oligarquia catarinense, fraude eleitoral e história de Curitiba (SC).*

**E**m uma estrada de terra, em uma tarde ensolarada, surgem no horizonte dois homens. Agora, não mais tão distantes, é possível ver, em meio aos barulhos da mata, os dois sujeitos a cavalo se aproximarem. Entretanto, não o suficiente para que seja possível reconhecê-los. Por hora, são apenas dois homens. A câmera acompanha o andar deles. Agora, já é possível ver seus rostos. O barulho que vem da mata e dos cascos dos cavalos é rompido por um tiro. Não é possível saber se foi disparado por um revólver ou por uma espingarda *Winchester*. Os homens, assustados, olham para os lados, estão à procura da origem do tiro. Não acham! Dez segundos depois, um novo estrondo, entretanto, dessa vez, pode-se perceber que vários disparos foram realizados, mas não é possível contar quantos. Os homens da estrada até tentam fugir, não conseguem. Um deles foi atingido e seu cavalo também. O outro, talvez por não ser o alvo, se safou.

O plano se abre, o silêncio é a tônica, como num passe de mágica tudo se foi. Agora, resta apenas a estrada de chão batido tingida com sangue, a vegetação e o homem que acaba de morrer. Do matagal que envolve a estrada, surge o barulho de pessoas fugindo do local. As lentes da câmera, como quem procura a origem do som, se movem em direção ao mato. Entretanto, nada se vê além dele. O foco volta ao homem morto, sem conseguir ao menos explicar os motivos que levaram tudo aquilo acontecer. Agora, restam algumas questões: Quem

era aquele homem? Por que foi morto daquele jeito? O deixaram ali, no meio da estrada sem nem ao menos uma digna sepultura? Essas são algumas das perguntas que passam pela mente da mulher que, de câmara em mãos, como um fantasma, acaba de presenciar aquela cena.

Francisco Ferreira de Albuquerque (1864-1917) foi partícipe da Guerra do Contestado desde o seu início, inclusive sendo apontado por muitos como o responsável direto pela ocorrência do conflito. No Livro de Crônicas do convento de Curitiba, o Padre Menandro Kamps afirma que um dos culpados desses episódios teria sido o coronel Albuquerque. Durante os anos de 1914 e 1915, o combate entre caboclos e forças oficiais foi intenso. Em meio a repressão chefiada pelo Exército brasileiro, Albuquerque também era acusado de fazer uso dessas forças para “exercer vinganças contra seus adversários”, como pode ser percebido na edição de 26 de agosto de 1915 do jornal *O Estado de Santa Catarina*. Em 1916, a guerra chegou ao fim, pelo menos oficialmente, com a assinatura do acordo de limites entre os Estados do Paraná e de Santa Catarina.

Natural de Lages, o coronel Albuquerque teria deixado a cidade com o objetivo de se envolver na política de Curitiba, supostamente ordenado pelo importante político catarinense Vidal Ramos, que atuou como vice-governador em 1902 e como governador em 1905 e entre os anos de 1910 e 1914. Independentemente da veracidade dessa informação, logo que Albuquerque chega em Curitiba passa a fazer oposição ao então superintendente da cidade, coronel Henrique de Almeida. Albuquerque, antes de morar em Curitiba, tocava em uma banda em Campos Novos, sendo tal suposição utilizada por alguns pesquisadores para indicar uma possível origem humilde dele. De todo modo, ao fixar residência em Curitiba, começa a gerir uma pequena casa comercial na cidade.

Sua chegada à superintendência de Curitiba ocorreu cercada de polêmicas. Mesmo com o apoio da oligarquia Ramos, de Lages, durante o pleito eleitoral de 1902, a contagem de votos decretou a sua derrota. Sendo assim, Henrique de Almeida continuaria no comando político de Curitiba até as próximas eleições. Contudo, alegando que teria ocorrido fraude na contagem dos votos, Albuquerque recorreu do resultado da eleição no Congresso Estadual. Através desse recurso, em julho de 1903, o Congresso Estadual confirmou a suposta fraude eleitoral, passando a considerar Albuquerque como vencedor do pleito e, em setembro daquele ano, ele assumiu o cargo de superintendente da cidade.

O pleito eleitoral que conduziu Albuquerque à superintendência de Curitiba nos permite entender um pouco das estratégias políticas utilizadas para a manutenção e tomada de poder durante a Primeira República no Brasil. Henrique de Almeida era acusado de fraudar as votações, através do bico de pena. Essa prática, usual na Primeira República, consistia no ato efetuado pelos representantes das mesas eleitorais que ao redigir as atas com os resultados inventavam nomes, declaravam presente indivíduos que não haviam comparecido, por vezes até os mortos eram ressuscitados para votar, alterando assim o resultado do pleito conforme o interesse da elite local. Albuquerque, por sua vez, valeu-se de outra estratégia eleitoral para sair vitorioso da disputa com Henrique de Almeida – a degola. Essa se resumia à não diplomação dos eleitos através de uma comissão de verificação legislativa. Desta forma, podemos perceber que pouco importava o número de votos depositados nas urnas durante a eleição, uma vez que a diplomação do eleito dependia da vontade de afastar ou manter no cargo determinado indivíduo. Ambas as estratégias criavam e reforçavam animosidades entre os adversários.

A vitória de Albuquerque através do Congresso Estadual não foi bem aceita por seus adversários, que passaram a acusar interferência de Vidal Ramos no processo, baseando-se na forte relação entre ambos. Cabe lembrar que Albuquerque era compadre de Vidal Ramos, que na época do recurso recém havia sido eleito vice-governador catarinense. De qualquer forma, essa foi apenas a primeira das acusações que Albuquerque viria a sofrer. Ao longo do exercício do cargo de superintendente, opositores passaram a acusá-lo de enriquecer através das obras feitas para a melhoria da vila. Seus adversários diziam que antes de 1903 seus bens não passavam de oito contos de réis, entretanto, após esse ano, não era mais possível calcular a grandiosidade de suas posses. Vinhas de Queiroz aponta que depois de dez anos de assumir como superintendente, Albuquerque “aparecia como dono de fazendas, e sua casa comercial se tornara a mais importante da vila”.

Como teria ficado tão rico? Segundo seus adversários, Albuquerque exigia compras realizadas em sua casa comercial a quem recebesse algum tipo de serviço para benfeitorias públicas ou alguma indicação para ocupar cargos públicos. Essas são somente duas das várias acusações feitas por seus adversários. Se eram reais ou não, é difícil confirmar. Até mesmo as acusações de que teria enriquecido no comando de Curitiba podem ser relativizadas. Uma vez que, quando morto, em seu inventário não aparecem as fazendas mencionadas por

Vinhas de Queiroz. Nesse documento consta somente uma chácara em Lages avaliada em oito contos de réis, três casas, diversos animais de montaria e alguns outros bens, nada tão grandioso e impressionante.

Meses depois de sua vitória, com a morte do seu antecessor, coronel Henrique de Almeida, Albuquerque conseguiu promover uma relativa harmonia no cenário político de Curitibanos a partir de um acordo com Henriquinho de Almeida, filho de seu falecido rival. Diante de sua consolidação no comando de Curitibanos, também foi eleito deputado estadual para diversas legislaturas, até o ano de sua morte em 1917. Apesar disso, sua trajetória política não seria tão tranquila como pode parecer. É provável que seus problemas tenham começado quando o filho de um importante coronel de Campos Novos voltou a morar na região. Henrique Rupp Junior, descrito por Vinhas de Queiroz como um jovem idealista, que não admitia que alguém “pudesse ser o senhor absoluto de todas as coisas”, se aproximou de Henriquinho de Almeida e o convenceu a também fazer oposição a Albuquerque. Assim, a política local tornou-se novamente turbulenta.

Diante disso, ao que tudo indica, Henriquinho de Almeida passou a ser uma ameaça ao domínio que Albuquerque vinha construindo e consolidando paulatinamente. Alfredo Lemos, morador de Curitibanos e contemporâneo desses indivíduos, comenta que Henriquinho era um rapaz simpático e que “sabia catequizar os caboclos”, não medindo esforços para atender as solicitações que lhe eram feitas, sendo considerado “chefe dos fracos”, consolidando-se como o principal opositor político de Albuquerque. É possível que o acontecimento que mais evidencie a ameaça de Henriquinho ao domínio de Albuquerque tenha ocorrido no segundo semestre de 1912, quando o grupo de sertanejos reunido junto ao monge José Maria passou a ser considerado uma ameaça.

O monge José Maria ficou menos de dois meses em Taquaruçu, povoado pertencente a Curitibanos. Nesse ínterim inúmeros boatos surgiram. Entre o início de agosto e meados de setembro de 1912, por exemplo, um dos boatos afirmava que José Maria e Henriquinho eram próximos. Teria sido o próprio coronel Henriquinho quem espalhou que ambos haviam se encontrado nas margens do rio Correntes e, após uma longa conversa, o coronel havia dado ao monge sua espada de coronel da Guarda Nacional, simbolizando tal gesto que José Maria seria o novo responsável a comandar a oposição local. Esse boato teria sido espalhado na tentativa de que Henriquinho atraísse para si o prestígio do monge.

Foi nesse contexto que o coronel Albuquerque buscou também



estabelecer contato com José Maria. Desta forma, solicitou que o monge se dirigisse até Curitiba para detalhar suas intenções na região, pedido que foi negado por José Maria. Frente à insubordinação do monge, Albuquerque, em início de setembro de 1912, sob o pretexto de que havia sido “proclamada a monarquia” na cidade, solicitou que fossem enviadas forças estaduais para debandar o ajuntamento que o desagradava. Com o envio de tropas do Regimento de Segurança de Santa Catarina, o ajuntamento dispersou-se e José Maria rumou em direção ao Estado do Paraná. Ressalta-se que a sequência dos episódios envolvendo José Maria acabou desembocando na Batalha do Irani e dando início à Guerra do Contestado.

Se o clima de tensão política já era latente em 1912, nos anos seguintes iria acentuar-se. Ainda em novembro de 1912, quando Albuquerque estava saindo da casa do negociante João Sampaio foi visto por um funcionário, que revelou o caso que o coronel mantinha com a esposa do negociante, esse acontecimento reverberou também durante o ano de 1913. O conflito pessoal passou a ser político e toda a família Sampaio começou a fazer oposição a Albuquerque. Em 1913, ocorreram novos conflitos envolvendo Albuquerque e a família Sampaio e, em um deles, o irmão mais novo de João Sampaio foi preso por ter matado um policial. Os problemas políticos de Albuquerque e seus desafetos só cresciam em Curitiba, chegando a sofrer oposição também do Frei Gaspar Flesch, pároco local. Entretanto, enquanto via seu prestígio decair em sua localidade, no cenário estadual tudo corria bem, tanto que, em 1913, Albuquerque foi eleito vice-presidente do Congresso Estadual Catarinense.

Porém, no âmbito local, o ano de 1913 certamente não foi fácil para Albuquerque, em dezembro os sertanejos fiéis a José Maria voltaram a se reagrupar em Taquaruçu. Como pode ser percebido na edição do dia 27 de dezembro de 1913 do *Diário da Tarde*, Albuquerque foi acusado por uma parcela da imprensa de ser o “causador de todos os distúrbios” que vinham novamente ocorrendo na região, Albuquerque teve mais uma vez que lidar com a situação. Um historiador militar da época, J. Pinto Soares, ressalta que a forma como Albuquerque resolveu lidar com seus adversários causou muitos ressentimentos, afinal, o coronel não teve somente desavenças com Henriquinho de Almeida, a família Sampaio e o Frei Gaspar; tantos outros moradores locais tinham pendências com o coronel. As perseguições não caíram no esquecimento. As fileiras sertanejas foram engrossadas por diversas pessoas que teriam sofrido nas mãos de Albuquerque, entre elas destaca-se a adesão da

família Sampaio que consigo levou também “sua gente”. Desta forma, nas palavras de Soares, “o movimento fanático que ensanguentou o nosso solo e cavou fundo tamanhas desgraças, não teve outra origem que não a política e as perseguições do sr. Albuquerque”.

Com o reagrupamento de sertanejos, novas tropas foram enviadas para Taquaruçu e entraram em confronto com os caboclos. Assim como no Irani, as forças oficiais foram derrotadas. Em meio a esses precedentes é que começou o ano de 1914. As movimentações das tropas e o acampamento sertanejo cada vez maior faziam com que os jornais dedicassem inúmeras linhas para noticiar o que vinha ocorrendo no sertão. Valendo-se de tais circunstâncias, o coronel Albuquerque aprisionou uma carga de mercadorias vindas de Florianópolis que tinha como destino Taquaruçu, sob o pretexto de que a carga tinha armas e era endereçada aos “fanáticos”.

O dono das mercadorias era Praxedes Gomes Damasceno, comerciante de Taquaruçu, que em 1912 havia ficado ao lado de José Maria, tendo até o acompanhado na Batalha do Irani. Contudo, em 1914, Praxedes já havia se posicionado, inclusive publicamente, contra o novo agrupamento sertanejo e, devido a isso, dirigiu-se à Vila de Curitiba para recuperar suas mercadorias. O comerciante sabia que sua ida a Curitiba poderia ser interpretada pelos que guarneciam a cidade como uma tentativa de invasão rebelde. Por isso, para se prevenir de problemas, deixou seus ajudantes fora da vila e entrou sozinho e desarmado. Albuquerque foi pessoalmente lhe receber. No encontro, Praxedes teria solicitado a devolução dos cargueiros que haviam sido apreendidos e Albuquerque, abraçando-o, teria respondido que não era possível. Nesse instante, um suposto movimento brusco de Praxedes levou os capangas de Albuquerque a atirar no comerciante.

Esse acontecimento resultou na morte do comerciante (Praxedes) e fez do coronel um dos principais alvos dos rebeldes. Com o endurecimento dos combates entre sertanejos revoltos e forças oficiais, diversas vilas da região contestada foram atacadas, entre elas, Curitiba. Albuquerque, ao tomar conhecimento de que a vila seria atacada, resolveu fugir da cidade, na companhia de seus familiares. Assim sendo, em setembro de 1914, dando vivas a São Sebastião, José Maria e à Monarquia, a Vila de Curitiba foi dominada pelos rebeldes, que nela ficaram por cinco dias. Os alvos dos sertanejos eram específicos, eles queimaram 17 casas e alguns prédios públicos, entre eles a casa do coronel Albuquerque, o prédio da Superintendência Municipal, a casa da Câmara Pública, a sede do jornal *O Trabalho* (de propriedade

de Albuquerque) e sua casa comercial. Como pode ser percebido, o objetivo do ataque era claro, desejavam agredir diretamente o poder e as propriedades de Albuquerque.

Com o fim da guerra e a retirada das tropas oficiais da região, pode-se presumir que os conflitos também teriam terminado. Entretanto, as desavenças de Albuquerque com moradores da região seguiram. João Paes de Farias, o filho de Chico Ventura (importante líder sertanejo) relatou em entrevista a Paulo Pinheiro Machado que após findado o conflito, os embates entre Albuquerque e Henriquinho seguiram e só terminaram com a morte de um deles. O primeiro a ser alcançado foi Albuquerque. Em 27 de dezembro de 1917, em uma emboscada, foi alvejado e morto. “Nunca conseguiram provar quem matou o Albuquerque, mas as suspeitas caíram sobre o coronel Henriquinho de Almeida”, lembrou João Paes de Farias.

A cena descrita na abertura desse trabalho se refere justamente à emboscada que culminou na morte do coronel Francisco Ferreira de Albuquerque. É ele o homem morto. Seu assassinato evidencia uma vida marcada pela disputa de poder, de conflitos e ressentimentos que se desenrolaram ao longo dos seus 53 anos de existência. Entretanto, sua trajetória de vida também foi marcada por relações de ajuda, ascensão política e trabalho, sem contar as trocas mais subjetivas presentes em sua relação com seus filhos Euclides, Aristides, Tiago, Elvira, Iracy e Orival e sua esposa Laurinda de Oliveira Albuquerque. Devido à natureza de tais relações não as encontramos nas fontes, com exceção do caso extraconjugal envolvendo a família Sampaio, impossibilitando que sejam abordadas de forma mais demorada.

### Para saber mais

- † Lemos, A. O. **A história dos fanáticos em Santa Catarina e parte de minha vida naqueles tempos – 1913/1916**. Passo Fundo, RS: Gráfica e Editora Berthier, s.d.
- † Machado, P. P. **Lideranças do Contestado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- † Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1966.
- † Soares, J. O. P. **Apontamentos para a história: o Contestado**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Instituto de Eletrotécnica da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1920.

## Lacunas, aparições e sumiços: o monge José Maria na antessala da Guerra do Contestado

Gabriel Carvalho Kunrath

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: Batalha do Irani, Revolução Federalista, práticas de cura popular e confrontos militares.*

As aparições e os sumiços repentinos faziam parte da mística dos monges e eram bem aceitas pela população do Contestado. Em seus registros, o folclorista Euclides Felipe, lembrando uma das histórias que escutou ao longo dos anos em que trabalhou na região como topógrafo, comenta que certa vez um rapaz se deparou com “um velhinho solitário ao pé de um foguinho. O ancião de longas barbas brancas, cabelo escorrido e um gorro de couro de jaguatirica à cabeça, após breve conversa com o homem, saiu do local e fora avisar seu pai que João Maria se encontrava no lugar, no entanto chegando novamente ao local onde o monge se encontrava só restaram as marcas da fogueira e umas lenhas ainda queimando”.

Foi assim também, de uma hora para a outra, quando a fumaça de uma fogueira se anunciou no céu, que o monge José Maria entrou em cena; pelo menos é o que nos conta um médico ex-combatente da Guerra do Contestado. Segundo ele, em meados de setembro de 1911, dois empregados do coronel Francisco de Almeida viram subir, em meio a um capão, uma fumaça dando indícios de que alguém estava descansando de uma viagem. Ao se aproximarem do local, os rapazes se depararam com um homem, com trajes surrados, rosário em mãos e com um gorro de pele de jaguatirica. Quando lhe questionaram sobre o que fazia por ali, eles teriam visto o velho homem cair de joelhos e proferir rezas. Diante dessa inesperada reação, surpresos com o que

viram, prontamente foram avisar Francisco de Almeida do que haviam encontrado na sua propriedade.

Francisco, ao ir conferir a veracidade das informações que havia recebido de seus empregados, encontrou-se com o velho homem que o recebeu com brandura, afirmando-lhe que era irmão de João Maria e que estava ali para continuar sua obra. Nesse mesmo momento, teria também questionado se o fazendeiro se recordava do santo monge João Maria e afirmado ser entendedor de práticas de cura. Mesmo duvidando da palavra do velho homem, o fazendeiro levou-o para sua casa porque sua esposa estava doente. Nas palavras de um médico que combateu na Guerra do Contestado ao lado das forças do exército, seria devido à farta bagagem de superstição que Francisco aceitou, como um favor divino, o aparecimento do novo monge.

Não sabemos se o encontro entre eles ocorreu exatamente conforme foi mencionado pelo médico. Contudo, são inúmeros os relatos que tratam o encontro com Francisco de Almeida como o início das pregações do monge José Maria em território catarinense. Tal hipótese é reforçada ainda pelo fato de ele ter ficado por algum tempo hospedado em sua casa. O coronel Henrique Rupp, superintendente de Campos Novos, confirma em uma carta para seu filho que José Maria estivera no município como hóspede do “Compadre Almeida” durante meses, atuando como curandeiro, e que, em virtude de não aceitar retribuições pecuniárias, pessoas de todos os municípios vizinhos iam à sua procura.

Alguns fatores precisam ser elucidados para entendermos parte das razões que levavam inúmeros indivíduos a buscarem o monge nas localidades por onde passou anteriormente e a lhe procurarem em Campos Novos, entre fins de 1911 e meados de 1912. Naqueles tempos, a medicina ainda não estava consolidada como a principal “arte de curar”, foi só no transcorrer do século XX que ela atingiu o *status* do qual desfruta atualmente. Na região do Contestado, os atos de curar eram realizados, sobretudo, por benzedores e curandeiros, e não por médicos. Entre as razões que motivaram os moradores a buscarem auxílios de cura com pessoas que detinham saberes tradicionais, está o fato de que a figura dos médicos era de relativa escassez na região. Ainda, para aquelas pessoas, as concepções de doença e cura apresentavam alguns aspectos mágico-religiosos, sendo assim, era preciso também cuidados espirituais para se solucionarem. Não é à toa que conste no Livro Tombo da paróquia de Curitibaanos que entre os anos de 1909 e 1911 os padres realizaram aproximadamente 142 visitas a enfermos.

A atuação de José Maria parece muito bem ajustada a essas concepções. Seu conhecimento de ervas medicinais lhe garantia a capacidade de cura dos males corporais, e na medida em que ia sendo identificado como monge, também passava ter a capacidade dos cuidados espirituais. Soma-se a essa circunstância a confiança que passou a ter da população vizinha, principalmente após ter conseguido curar a esposa de Francisco de Almeida. Esse, visando retribuir os serviços prestados pelo monge, teria lhe oferecido dinheiro, o que foi recusado. É plausível supor que ambas as ações lhe asseguraram credibilidade entre uma parcela da população local. Não aceitar dinheiro o aproximava da mística dos monges e curar a esposa de uma pessoa com relativo destaque social pode ter garantido a confiabilidade de seus conhecimentos medicinais naquela sociedade, preenchendo parcialmente a lacuna deixada por São João Maria.

Contudo, há alguns elementos na fama de José Maria que nos escapam. Ao contrário do que por muito tempo se acreditou, a aproximação entre José Maria e a figura do monge João Maria ocorreu, pois a fama de bom curandeiro de José Maria percorreu toda a região. Ou seja, foi graças a uma longa tradição de práticas de cura, conselhos e normas instituídas pelos monges que ele foi associado a João Maria. Em Campos Novos, José Maria teve seus dias mais tranquilos. Sua capacidade de cura e os boatos de que um monge estava na região levavam incontáveis pessoas à sua procura, tornando seus dias movimentados. José Maria passou a desfrutar a fama de ótimo curandeiro, sendo procurado por pessoas de todas as classes sociais.

Certo dia, provavelmente entre junho e julho de 1912, recebeu alguns moradores de Curitiba, entre eles Praxedes Gomes Damasceno, Francisco Paes de Farias, Manoel Alves de Assumpção Rocha e Eusébio Ferreira dos Santos. Esses eram os responsáveis por organizar os festejos de Bom Jesus em Taquaruçu, povoado próximo de onde o monge se encontrava naqueles dias, e que haviam ido até a sua presença lhe convidar para que se fizesse presente nos festejos. Com isso, ao se aproximar o início da festa, no começo de agosto, José Maria rumou a Taquaruçu.

O resto dessa história já nos é bem conhecida. Os episódios seguintes de sua vida resultaram no que hoje chamamos de “Batalha do Irani”. Lembremos que sua presença nessa localidade fez com que a Festa do Senhor Bom Jesus daquele ano tivesse ainda mais sucesso do que o habitual e, ao seu término, José Maria resolveu permanecer por ali. Assim como José Maria deixou-se ficar, alguns de seus seguidores

também decidiram fixar-se. Diante dessas circunstâncias e de um desentendimento com o coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, superintendente de Curitiba nos aqueles tempos, a presença de José Maria em Taquaruçu passou a ser encarada como um caso policial.

Com a justificativa de que estava em curso um movimento monarquista, o coronel solicitou ao governador catarinense que fossem enviadas tropas para a região, visando efetuar a prisão de José Maria. Na tentativa de fugir, José Maria rumou a oeste e foi buscar abrigo nos campos do Irani, ao lado da família Fabrício das Neves. Em território então paranaense também foi perseguido por forças policiais e, no dia 22 de outubro de 1912, não conseguiu evitar o confronto, entrando em combate contra uma parcela do Regimento de Segurança do Paraná, comandada pelo coronel João Gualberto Gomes de Sá. Nesse dia, a trajetória de José Maria teve seu fim, pois faleceu ao ser ferido durante o combate.

Os caminhos que José Maria percorreu antes de chegar à fazenda de Francisco de Almeida, em Campos Novos, não parecem ter sido de interesse de seus contemporâneos, pois são poucos os registros a respeito. Mesmo com o impacto que sua morte causou entre a população local, a trajetória de José Maria segue sendo um ponto de relativa nebulosidade na história do Contestado. Contudo, tal circunstância não nos impede de traçar uma possibilidade, com base em alguns documentos, de quais teriam sido os rastros de suas andanças.

Tomando como possibilidade concreta que seu nome verdadeiro tenha sido Miguel Lucena de Boaventura e que tivesse alguma experiência militar, conforme nos conta um historiador da época, Demerval Peixoto, encontramos uma matéria publicada, em primeiro de abril de 1899, por um popular jornal curitibano. Possivelmente essa seja a primeira aparição de Miguel Lucena. Nesse dia, o jornal noticiou que Josué Maria, antigo praça do exército, estava sendo processado, pois estava andando pelo interior acompanhado de fiéis, afirmando ser monge e carregando uma bandeira com um crucifixo. Consideramos difícil saber se a matéria se referia ou não a Miguel Lucena de Boaventura, pois anunciava a prisão de um Josué e não de um José, também por ter sido a única menção localizada durante as pesquisas sobre o caso.

Entretanto, certas semelhanças nominais e as origens militares permitem que a tratemos como a possibilidade de referir-se a uma das primeiras aparições do indivíduo que anos depois ficaria conhecido

como monge José Maria. De todo modo, essa matéria apresenta duas possibilidades analíticas. A primeira refere-se à possibilidade de que Miguel tenha começado suas peregrinações ainda no século XIX com outro nome, ou ainda que na matéria seu nome tenha sido escrito errado. A segunda trata da presença de monges na região sem que necessariamente se remeta à figura do monge João Maria, mostrando-nos a existência de uma prática comum nesta região.

Portanto, independentemente de quando Miguel teria começado suas peregrinações, pode-se perceber que elas ocorreram em um território com uma tradição cultural, religiosa e de sociabilidade muito bem ajustada à presença de peregrinos e curandeiros. A possibilidade aventada, através da matéria anteriormente mencionada, constitui-se como um indício de sua presença na região. Contudo, essa notícia, por constituir-se apenas como uma simples nota informativa, não foi capaz de explicar sequer como esse indivíduo teria chegado à região.

Por mais difícil que seja saber como Miguel Lucena de Boaventura chegou ao Contestado, a hipótese que nos parece mais concreta foi construída pelo médico Ezequiel Antunes, que atuou na Guerra do Contestado. Para ele, José Maria, ainda sob o nome de Miguel Lucena, teria participado do Combate da Lapa ao lado de Gumercindo Saraiva durante a Revolução Federalista (1893-1895). Sua suposição foi também corroborada por uma reportagem publicada em meados de outubro de 1912 por um jornal paranaense, através de uma entrevista com um ex-participante da Federalista que alegava ter conhecido Miguel durante aqueles anos. Segundo o entrevistado, “Miguel teria acompanhado as ‘forças revolucionárias’ em 93, tendo tomado parte em diversos combates. Se não me falha a memória, fazia parte das tropas de Juca Tigre, tendo comandado um piquete”.

Para compreender o impacto que a Federalista pode ter tido na vida de Miguel Lucena de Boaventura, faz-se necessário entendê-la como um espaço de sociabilidade e trocas. Isso permite especularmos que também tenha sido durante esses anos que entrou em contato, pelo menos de forma mais próxima, com a figura do monge João Maria. Segundo os relatos de um combatente da Revolução Federalista, durante alguns combates, o monge João Maria apareceu para dar bênção às tropas federalistas, às quais era simpático. Assim sendo, pode ter sido diante dessas circunstâncias que Miguel Lucena de Boaventura teve contato direto com a ação de João Maria.

Diante do exposto, considera-se mais plausível a hipótese de que a



primeira incursão desse indivíduo no território contestado tenha sido durante a Federalista, ainda sob o nome de Miguel Lucena de Boaventura. Com o findar do conflito, assim como tantos outros participantes, teria decidido permanecer na região. Por ter conhecimento de ervas medicinais, começou a atender enfermos e, talvez inspirado pelo contato que possa ter tido com o monge João Maria, passou a adotar o nome de José Maria. Com a afluência de pessoas à sua procura, por vezes chamou a atenção das autoridades policiais e teve que abandonar a localidade em que estava; em outras ocasiões, por não obter destaque nas curas, buscou novos povoados. Desta forma, por mais difícil que seja a confirmação, é possível que a matéria publicada no *Diário da Tarde* em 1899 se referisse a ele, tendo sido nesse ano o começo de suas peregrinações. Contudo, também precisamos considerar a hipótese de que o jornal estivesse se referindo a outra pessoa, e não a Miguel Lucena de Boaventura.

Seguindo os rastros que possam ter sido seus, em 1903, quatro anos depois de sua suposta primeira aparição nos noticiários como monge, Miguel teria voltado para as páginas dos jornais. Em 25 de maio daquele ano, o *Diário da Tarde* noticiava que fazia cerca de dois meses que um tal de João Ventura estava no povoado de São Domingos e, cercado de diversas pessoas, dizia “curar os morféticos, os paralíticos e todos os enfermos, por meio de benzimento e de ervas”. A aglomeração em seu entorno chamou a atenção do comissário de polícia de Palmas, responsável pela jurisdição do povoado, que ordenou que fosse efetuada a prisão do monge. Com isso, um pequeno destacamento policial dirigiu-se até o local e, ao avistá-los, o monge teria ordenado que abrissem fogo contra a força policial. Entretanto, seus seguidores não cumpriram suas ordens e o confronto foi evitado. Todavia, foi exigido pelo monge que os militares beijassem os seus pés em sinal de respeito.

Ainda de acordo com o periódico, daquele dia em diante o monge começou a ficar inquieto e passou a declarar que em breve seguiria viagem. Conforme seus avisos, partiu. Meses depois, os jornais voltaram a dar notícias suas, dizendo que estava acampado na serra do Campo-Êre, sendo novamente seguido por diversas pessoas. Segundo as informações do correspondente do *Diário da Tarde*, durante sua estadia na localidade, muitas das pessoas que lhe estavam seguindo teriam decidido retornar para suas casas. Com isso, completava o correspondente, “naturalmente irá procurar outra freguesia mais apropriada, onde não seja conhecido, e onde possa de novo tornar-se

santo”, conforme matéria publicada no jornal em 1º de agosto de 1903. Depois disso, um novo sumiço.

Aproximadamente três meses depois, uma nova menção. Desta vez seu aparecimento foi noticiado em pelo menos três periódicos: *O Dia*, *A República* e *Diário da Tarde*. Todos eles transcreviam uma matéria do *Palmense* que informava que, por intermédio de uma “pessoa fidedigna sabemos que o célebre monge Boa Ventura, que esteve algum tempo no quarteirão de S. Domingos”, estava acompanhado de algumas pessoas que o obedeciam “cegamente”. De acordo com a publicação do jornal *A República* em 23 de novembro de 1903, Boaventura seria um desertor que estava escondido durante alguns anos, “que não tendo outro meio de vida resolveu fazer-se monge”. É difícil confirmar que a matéria publicada no *Diário da Tarde* em 1899 e as publicadas nos outros jornais em 1903 tratassem da mesma pessoa, pois os indícios são restritos, mas parece bem provável.

Depois das matérias publicadas em fins de novembro de 1903, Miguel Lucena de Boaventura retornou ao ostracismo midiático. Desde as publicações ocorridas em 1903, nada mais se falou nos jornais sobre ele, que voltou à cena nas páginas da imprensa somente em 1908. O *Diário da Tarde*, com seu tradicional tom alarmista, clamava em sua edição de 16 de outubro de 1908 pela atenção das autoridades para uma carta que havia sido enviada por um morador da Colônia de Mallet. Este declarava que havia surgido ali, há cerca de 20 dias, “um indivíduo dizendo chamar-se José Maria e ser monge, o começo das suas façanhas foi alarmar que brevemente estourará uma fortíssima guerra e que não escapará ninguém”, afirmando também que “logo aparecerá uma grande quantidade de gafanhotos com bico de aço e as asas na forma de uma serra também de aço”. De acordo com o missivista, as pessoas iam pedir-lhe receitas médicas e orações, tratando-se do mesmo monge que havia saído fugido de Palmas para Mangueirinha, mas que naquela localidade estava sendo bem hospedado. É importante destacar que essa é a primeira matéria que se refere a Miguel como sendo o monge José Maria, permitindo supor que tenha sido a partir dessa circunstância que ele passou a adotar o nome pelo qual ficou popularmente conhecido.

Pouco mais de um mês depois de conclamar alguma ação das autoridades, o *Diário da Tarde*, em 18 de novembro, informava que atitudes estavam sendo tomadas. Novamente, a polícia estaria em seu encalço e, com isso, “o famigerado monge José Maria, ao saber das providências dadas pelo sr. Comissário de Polícia de Guarapuava,

para pôr embargos às suas indecentes manobras, internou-se pelo sertão e desapareceu.” A historiadora Ivone Gallo, em suas pesquisas, também cita a mesma carta publicada pelo periódico, porém através de outro jornal de origem paulista, em 1909. Para ela, “parece não haver dúvidas de tratar-se do monge José Maria”. De fato, os rastros deixados por suas peregrinações, entre seus aparecimentos e desaparecimentos, permitem supormos a hipótese de que a trajetória de Miguel Lucena de Boaventura tenha sido iniciada, pelo menos, em 1903.

De todo modo, tratando-se ou não do mesmo indivíduo nos casos noticiados, sobretudo pelo *Diário da Tarde*, José Maria, agora já como monge, desapareceu mais uma vez das páginas dos jornais. Foi somente no final do ano de 1911, quando preso em Palmas, que voltamos a ter referências suas. O mesmo jornal informava em 27 de novembro que: “célebre monge, que, interrogado, declarou chamar-se Boaventura José de Maria”. Em razão do que teria sido preso? Conforme a versão mais recorrente na historiografia teria sido por crime de defloramento. A informação mais completa sobre o ocorrido é trazida por outro historiador. Nilson Thomé encontrou durante suas pesquisas uma notícia do jornal *O Palmense* publicada em 15 de novembro de 1911, segundo a qual José Maria teria sido “preso na cidade de Palmas, acusado de sedução da filha de João Koeller”, mas foi “inocentado pela suposta vítima, demonstrando o desejo de casar-se – que não fez – e, por intercessão do coronel Domingos Soares, foi liberado”.

O caso de prisão aparentemente não desfez os laços que construiu anteriormente na região de Palmas, quando se destacou na “aplicação de plantas tidas como medicinais (homeopatia) e passou a atender o povo que o procurava”, como bem destaca o historiador. Segundo ele, mesmo preso seguiu atuando como curandeiro, atendendo os outros presos e aos moradores que o procuravam em busca de curas. Entretanto, depois de liberto pelo superintendente de Palmas, decidiu deixar a região. Quais teriam sido os motivos de tal decisão? Não sabemos ao certo. É possível que tenha sido uma exigência do superintendente para lhe conceder a soltura ou simplesmente achou que era hora de respirar novos ares.

José Maria abandonou o estado paranaense, atravessou o Rio do Peixe e, em território catarinense, deu continuidade às suas andanças pela região do Contestado. Foi depois de mais de uma década de peregrinações que, em um dia indeterminado ao final de 1911, foi visto nas terras de Francisco de Almeida, em Campos Novos. Também na mesma cidade teria passado por outras fazendas antes de chegar

nas terras em que ganhou amplo destaque. Assim, a fumaça que anunciou sua chegada na fazenda de Francisco de Almeida, também anunciava que “as gentes do interior” não precisavam mais esperar um outro messias, como havia mencionado a *Folha do Comércio* no trecho supracitado; afinal, o monge José Maria há muito tempo já vinha peregrinando por essas regiões.

Muitas das reflexões estabelecidas no presente texto esbarram na ausência de fontes. Infelizmente, fontes sobre a trajetória de José Maria são extremamente escassas. Contudo, ao seguirmos seus rastros, não poderíamos deixar de analisar a sua atuação durante os anos de peregrinação, ficando evidente o grande reconhecimento adquirido em virtude de seus atos de curandeirismo. Através desses, conseguiu agregar à sua pessoa os simbolismos pré-existentes na região envolvendo a devoção ao monge João Maria. Foi diante dessas circunstâncias e de outras, que porventura nos escapam, que ricos e pobres, coronéis e agregados, pessoas de todas as classes sociais buscavam seu auxílio quando estavam adoentados. Depois de auxiliar as mais diversas pessoas, José Maria faleceu na famosa Batalha do Irani, sendo este um trágico desfecho para um homem que, após sua morte, passou a ser visto como o líder messiânico da Guerra do Contestado (1912-1916).

### Para saber mais

- † Antunes, E. **O Contestado entre Paraná e Santa Catarina**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1918.
- † Felipe, E. J. **O último jagunço: folclore na história da Guerra do Contestado**. Curitiba, SC: Universidade do Contestado, 1995.
- † Gallo, I. C. D'A. **O Contestado: o sonho do milênio igualitário**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- † Kunrath, G. **Não tivemos outro jeito: ou morríamos ou nos defendíamos, uma análise acerca da Batalha do Irani (1912)**. Dissertação (Mestrado em História). Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas, 2020.
- † Peixoto, D. **Campanha do Contestado: as raízes da rebeldia**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.
- † Thomé, N. **Os Iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado**. Florianópolis: Insular, 1999.

## “Que terrível madrugada, que terrível despedida, no espaço de uma hora a causa foi decidida”: a Batalha do Irani

Gabriel Carvalho Kunrath

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: início da Guerra do Contestado, Batalha do Irani, disputas políticas entre coronéis e comandantes, bem como organização dos seguidores do monge José Maria, a morte do monge, e o início do processo de reorganização das forças caboclas em 1912.*

Era deveras animadora a situação de ordem, mantida, no ano transato em todo o Estado, cuja populações tranquilamente entregues ao trabalho remunerador da agricultura, da indústria e do comércio, construía o próprio bem-estar (...). Desgraçadamente, porém, em meados de outubro, elementos ativos do crime, facínoras uns e ignorantes outros, se congregam no Estado próximo de Santa Catarina e ameaça-lhe o povo de algumas cidades e vêm afinal se internar, já com as fileiras consideravelmente aumentadas, no faxinal do Irani, distrito policial da nossa comarca de Palmas.

Essas foram as palavras escolhidas pelo governador paranaense, Carlos Cavalcanti, em seu relatório anual, enviado à Assembleia Legislativa do seu estado em 1913, para explicar o ocorrido no interior do Paraná que culminou na morte do comandante e de algumas praças do Regimento de Segurança do Paraná. Entretanto, tais episódios começaram a ocorrer, pelo menos, em meados de julho de 1912, quando José Maria recebeu o convite de alguns moradores da comunidade de Taquaruçu para participar da Festa de Bom Jesus. O convite veio quando José Maria estava em Campos Novos, onde adquiriu a fama de bom curandeiro ao tratar a esposa de um fazendeiro local. Em agosto

daquele ano, quando se aproximou dos inícios dos festejos, José Maria rumou a Taquaruçu e mesmo após o término resolveu permanecer na localidade. As festividades, além de atraírem moradores de comunidades próximas, atraíram alguns posseiros que haviam sido expulsos de suas propriedades pela *Brazil Railway Company* e que, em consequência disso, também optaram por permanecer.

Segundo alguns relatos, José Maria tentou aproveitar-se da boa vontade do povo ao declarar-se irmão do afamado monge João Maria. Outras versões afirmam que os próprios caboclos estabeleciam essa relação, sendo que José Maria não negava nem confirmava. De qualquer forma era perceptível que ele partilhava de algumas práticas de seus antecessores e isso contribuiu para que recebesse a alcunha de monge e aumentasse sua popularidade na região. Diante de sua permanência em Taquaruçu, José Maria seguiu realizando as práticas que lhe fizeram ganhar destaque em Campos Novos e os sucessos de suas curas correram novamente o sertão. Durante a segunda quinzena de agosto e a primeira de setembro, novas pessoas afluíram para Taquaruçu à procura das curas e dos conselhos do monge José Maria, aumentando o agrupamento já existente e criando novas reuniões por sua causa.

A presença do monge e a afluência de indivíduos para Taquaruçu chamaram a atenção do superintendente de Curitiba, coronel Francisco Ferreira de Albuquerque. Diante dos boatos de que José Maria teria ligações próximas ao seu principal adversário político, o coronel Henriquinho de Almeida, Albuquerque resolveu intervir. É difícil confirmar se o superintendente acreditava ou não nesse boato, mesmo que entre os mais ilustres seguidores do monge estivesse pessoas muito próximas do coronel, a existência de um agrupamento de despossuídos e enfermos na região causava-lhe inquietações, dando-lhe razões suficientes para uma intervenção. Em vista dessa circunstância, buscou estabelecer um contato direto com o monge fora da aglomeração de Taquaruçu. Para alcançar tal fim, enviou uma mensagem solicitando a José Maria que fosse até Curitiba para tratar de um suposto parente que se encontrava enfermo. Contudo, José Maria recusou-se. Diante da recusa, Albuquerque insistiu. José Maria frente ao novo convite teria respondido que as distâncias entre ambos eram as mesmas, e que caso o coronel desejasse encontrá-lo, deveria ir ao seu encontro.

Com isso, sob o pretexto de que José Maria e seus seguidores haviam “proclamado a Monarquia” em Taquaruçu, o coronel Albuquerque solicitou ao governador de Santa Catarina, Vidal Ramos, que fosse realizada uma intervenção das forças policiais do Estado para dissolver

o ajuntamento em torno do monge. Vidal Ramos atendeu o pedido de Albuquerque mesmo sem acreditar na suposta “proclamação”, provavelmente por suas relações de proximidade. Os jornais de Florianópolis e Curitiba dedicaram diversas linhas para tratar do assunto com manchetes como “A Monarquia de Curitiba”, geralmente de uma forma alarmista. Como exemplo temos o jornal catarinense *O Dia*, que na edição do dia 26 de setembro de 1912, noticiou que os telegramas enviados pelo coronel Albuquerque confirmavam a “gravidade” da situação e que o monge e seus seguidores estavam planejando um “assalto a vila para deposição de autoridades”, afirmando que a situação poderia “tornar-se trágica se em tempo não (...) [fossem] adotadas enérgicas providências de repressão dessa vagabundagem”, justificando assim a necessidade de que tropas policiais resolvessem a situação e dando sustentação as medidas adotadas pelo governador catarinense.

Ao tomar conhecimento que as tropas do Regimento de Segurança de Santa Catarina vinham em sua perseguição, José Maria decidiu deixar Taquaruçu. Na tentativa de evitar um conflito, o monge rumou em direção a oeste do território contestado, atravessando o Rio do Peixe e buscando refúgio nos Campos de Palmas. É importante mencionar duas hipóteses em relação a sua decisão de seguir em direção ao estado do Paraná: a primeira relacionada à possível intenção de José Maria de embarcar em algum trem da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG) e a segunda relacionada ao fato de já haver passado pela região de Irani e contar com a simpatia de alguns moradores. É provável que a segunda hipótese só tenha sido concretizada devido à impossibilidade de fugir da região via estrada de ferro, pois era de conhecimento geral que tropas federais, comandadas pelo coronel Pedreira Franco, estavam guarnecendo algumas estações da EFSPRG.

Ao adentrar em território sob jurisdição paranaense, o monge fez com que as suspeitas dos jornais de Curitiba, de que existisse um “fim oculto” no envio de tropas para Curitiba, ganhassem força nas páginas dos principais jornais do estado do Paraná. Essas suspeitas estavam atreladas à questão de limites entre os estados do Paraná e de Santa Catarina e vinham sendo construídas desde as primeiras notícias das ocorrências em Curitiba. Conforme noticiou o jornal *A República*, de Curitiba, em 27 de setembro de 1912 (antes de José Maria estar em território paranaense), a “insídia, si houver nessa questão, não pegará desprevenido o Paraná que está convencido de haver um segundo fim em todo esse aparelhamento para debandar um levante que, a ser real, não reveste importância alguma”.

Passaram-se cerca de duas semanas para que as autoridades paranaenses tivessem certeza de que José Maria estava em seu território e mobilizassem tropas para se dirigirem em sua direção. Dessa forma, no dia 13 de outubro, o governador paranaense transmitiu a João Gualberto, comandante do Regimento de Segurança do Paraná, a ordem para que marchasse com uma tropa de 265 homens, “tendo a missão de restabelecer o domínio regular da lei naquela zona, proteger as respectivas populações e dissolver os grupos armados existentes, capturando os criminosos e os indivíduos incorporados ao citado bando que porventura oferecessem resistência a autoridade”. Essa informação é trazida através do Relatório do presidente do estado do Paraná, do ano de 1913. No mesmo dia, após desfilarem por algumas ruas da cidade de Curitiba, o Regimento de Segurança iniciou sua marcha partindo da estação ferroviária.

Se na capital paranaense José Maria era visto como um problema, sendo seu deslocamento tratado como um caso de “invasão catarinense”, na região do Irani sua fama de bom curandeiro fazia com que fosse procurado pelos moradores das redondezas. Depois de sair de Curitiba acompanhado de cerca de 40 pessoas, José Maria se instalou na casa de Miguel Fabrício das Neves, na localidade de Irani, nos Campos de Palmas. Com isso, na medida em que os moradores da redondeza tomaram conhecimento de sua presença, passaram a o procurar em busca de remédios e curas de doenças pessoais ou de familiares. Durante os dias em que o monge permaneceu no Irani, uma grande quantidade de pessoas direcionou-se ao seu acampamento e ali permaneceu, pelo menos, até o dia 22 de outubro. Diante disso, José Maria seguiu realizando suas práticas costumeiras, como quando estava em Santa Catarina.

No dia 17 de outubro daquele ano, João Gualberto informou ao governador paranaense que havia chegado aos Campos de Palmas e montado acampamento. O Regimento de Segurança recebeu a visita do coronel Domingos Soares, então superintendente de Palmas. Nesse momento, em decisão conjunta do coronel Soares e de João Gualberto, ficou estabelecido que uma força composta de 20 praças montadas marcharia diretamente ao Irani, local onde o monge se encontrava.

Quando José Maria soube que uma tropa do Regimento de Segurança do Paraná marchava em sua direção, enviou dois emissários à vila de Palmas para convidar o coronel Soares a ir até o seu acampamento. No dia 18, os emissários do monge e o destacamento das forças oficiais se cruzaram e os sertanejos prontamente deram o recado de José Maria



ao coronel Soares. Nesse encontro, o tenente Busse, responsável pelo comando dessa parcela das tropas do Regimento de Segurança, decidiu que seria mais prudente fazer com que os emissários permanecessem com as tropas até se juntarem com o coronel João Gualberto e o restante da força. O agrupamento das tropas aconteceu no final do dia 20 de outubro, a aproximadamente três léguas de distância de onde José Maria estava acampado, quando Gualberto chegou acompanhado de cerca de 30 homens. O restante das tropas havia sido encaminhado para guarnecer a cidade de Palmas.

Nesse momento, João Gualberto interrogou pessoalmente os emissários do monge, de quem ouviu que José Maria não desejava confronto, que não tinha nenhum problema com o estado do Paraná e que havia vindo de Curitiba por problemas com o coronel Albuquerque. Entretanto, se fosse atacado, resistiria. Com o objetivo de ficar a par de todas as informações que já se tinha em relação ao monge, Gualberto conversou também com o tenente Busse e o coronel Soares e, após tomar conhecimento da situação e das supostas intenções do monge, concordou com a ida do coronel Soares, juntamente com os emissários do monge e outros, ao acampamento para realizar uma conferência e trazê-lo até a sua presença. Mesmo concordando com a ida de Soares ao acampamento de José Maria, o tenente Busse, em testemunho posterior, afirma que Gualberto teria declarado sua intenção de “iniciar o combate no dia seguinte (21) mas como o coronel Soares desejava conferenciar com José Maria (...) esperaria mais aquele dia para que Soares tivesse tempo de ir”.

A conferência entre o monge José Maria e o coronel Soares ocorreu no dia 21, na casa de Miguel Fabrício das Neves. Nessa, ambos expuseram suas perspectivas. Enquanto José Maria dizia que não queria briga e que nada tinha contra o Paraná, o coronel Soares afirmava que aquela situação não podia continuar e que era preciso que o acampamento dispersasse. Soares ainda convidou o monge a ir ao encontro do coronel João Gualberto para evitar um possível confronto. José Maria, que não se subordinava aos mandos dos coronéis, recusou o convite alegando que temia ser maltratado. Frente a essa negativa, foi entregue ao monge uma carta escrita por Gualberto, na qual era informado que sua presença era solicitada para explicar os motivos de gente armada em seu entorno e que, caso não atendesse essa intimação, o coronel lhe dizia que iria dar combate ao monge e a todos que com ele fossem solidários, no que classificava como “verdadeira guerra de extermínio”.

O que era um convite de Soares tornou-se uma intimação para José

Maria. Ao ler a carta, teria comentado: “vejam vocês, o Comandante me intima para apresentar-me, e caso o contrário para retirar as famílias que me dará combate”, tendo ainda questionado quais seriam as garantias que uma carta escrita a lápis poderia oferecer. Assim, novamente informou que não iria por não confiar em Gualberto, visto que a intimação o ameaçava e que não existiriam motivos que justificassem essa atitude. Frente a essa situação, José Maria solicitou que fosse lhe dado 24 horas de prazo para que conseguisse reunir os animais, dissolver o acampamento e voltar para Santa Catarina. Diante disso, o monge José Maria e o coronel Soares teriam estabelecido um acordo para que ocorresse a dissolução do acampamento. Contudo, ao regressar ao bivaque das forças oficiais, o coronel Soares comunicou ao coronel João Gualberto o que havia negociado com José Maria. O comandante do Regimento de Segurança do Paraná informou que não cumpriria tal acordo. Sua decisão de atacar o acampamento de José Maria já estava tomada e a investida seria realizada no dia seguinte.

A noite do dia 21 de outubro de 1912 tornou-se um momento de preparativos em ambos os acampamentos: enquanto José Maria comunicava aos seus seguidores seus próximos movimentos, João Gualberto realizava os preparativos para pôr em ordem de marcha seus comandados. O monge “ordenou que o povo que o acompanhava se preparasse para retirarem-se dali no dia seguinte”, mandando que seu pessoal fosse “(...) reunindo os animais para no dia seguinte ao meio-dia se retirarem para Campos Novos”. Nesse mesmo dia, “o monge fez 20 ou 24 homens montarem a cavalo e com ele na frente (...) [foram] em direção ao Banhado Grande de onde voltaram alta madrugada”, conforme informa o processo sobre a Batalha do Irani. Certamente, determinar a ida de alguns homens para o Banhado Grande não tinha somente o intuito de reunir animais, pois a carta de intimação enviada por Gualberto havia sido muito clara. Frente a isso, podemos considerar que seria no mínimo prudente destacar alguns homens para vigiarem os caminhos que pudessem levar até o local onde o monge estava.

João Gualberto, durante essa mesma noite, mandou “Manoel Isac preparar 30 alças para amarrar caboclos e encarregou o Comissário Nascimento de conduzi-los”, com o objetivo de levar José Maria e alguns de seus seguidores amarrados para desfilar pelas ruas de Curitiba. Às três horas da madrugada do dia 22 de outubro, as tropas do Regimento de Segurança do Paraná, comandadas pelo coronel João Gualberto Gomes de Sá, estavam prontas para iniciar a marcha de ataque ao acampamento em torno de José Maria.

Depois de aproximadamente três horas de marcha, no início da manhã, as tropas de cavalaria trocaram os primeiros tiros com alguns sertanejos que estavam escondidos em uma mata próxima. Findado o breve tiroteio, em uma clareira, puseram-se a esperar o restante das tropas que haviam ficado para trás durante o trajeto. Enquanto esperavam, um barulho de vozes chamou a atenção de João Gualberto que, julgando ser os seguidores de José Maria, ordenou prontamente que o piquete de cavalaria fosse apressar a marcha do restante das tropas. Quando as tropas se reagruparam, a metralhadora Maxim já estava pronta para ser utilizada e, na iminência do confronto, estenderam-na em linha de tiro. Foi então que João Gualberto realizou os primeiros e únicos disparos com a metralhadora, que logo falhou, pois havia caído ao atravessar um arroio durante a madrugada.

Os tiros proferidos pelo comandante do Regimento parecem ter soado como um sinal para que os sertanejos avançassem em direção às tropas, uma vez que, diante da pausa dos tiros, os sertanejos seguidores de José Maria, alguns a cavalo e outros a pé, começaram a sair de uma mata à frente delas, cuja distância era de 700 metros. Gualberto, vendo os sertanejos avançarem sobre suas tropas, deu ordem para que os seus comandados atirassem, mas, mesmo com o forte tiroteio, os sertanejos continuavam avançando. Na visão de um militar presente no combate, os “fanáticos” seguiam, parecendo não se importar com tão cerrado tiroteio, que por mais intenso que fosse não gerava grandes efeitos, pois uma pequena mata entre os grupos os ocultava.

Nesse momento, segundo testemunho do tenente Busse, a fumaça produzida pelos disparos das forças oficiais passou a também atrapalhar, “tanto que o comandante mandou tocar cessar fogo, a fim de que ela se dissolvesse um pouco”. Os caboclos seguiam avançando após transpor um córrego, que contribuía para que não fossem vistos, e, quando a fumaça dispersou um pouco, os sertanejos já estavam próximos o suficiente das tropas paranaenses para imprimir seu modo de combate. De facão em punho, golpeavam os soldados paranaenses, impedindo-os de realizar novos disparos e obrigando-lhes a utilizar as armas para se defenderem, estabelecendo um “entrevero” à arma branca entre as forças. Percebida a derrota pela morte de grande parte das forças oficiais e vendo João Gualberto já morto, o tenente Busse ordenou que as tropas do Regimento de Segurança batessem em retirada, desejando evitar maiores perdas para força policial paranaense.

A vitória dos sertanejos no conflito não veio sem perdas, pois o monge José Maria foi morto, bem como cerca de 13 caboclos. Do lado

paranaense, foram mortas cerca de nove praças e o seu comandante João Gualberto. Com a debandada das tropas do regimento, os corpos ficaram no local do combate e ali mesmo foram sepultados. José Maria foi enterrado em uma cova rasa e coberta por tábuas, pois passou a correr pelo sertão a fala de que ele ressuscitaria. O corpo de João Gualberto foi levado a Curitiba, onde recebeu um pomposo funeral. O restante dos mortos foi enterrado junto, no que ficou conhecido como “a Vala dos 21”. Com a derrota do Regimento de Segurança, novas tropas foram enviadas para a região, mas os seguidores de José Maria já haviam dispersado.

Passadas algumas semanas, os jornais curitibanos informavam aos seus leitores que as forças policiais, federais e estaduais que se achavam na região de Palmas em busca dos possíveis envolvidos na Batalha do Irani estavam retornando a Curitiba. O Paraná enfim estava em paz. Esse era a interpretação transmitida através das páginas dos periódicos, que transpareciam a visão que as elites políticas paranaense e catarinense tinham desses episódios. Para esses grupos, a morte do monge representava o final da turbulência enfrentada durante o segundo semestre de 1912. Contudo, ao mesmo tempo em que a morte de José Maria representou a conclusão de um conflito, ela tornou-se o ponto de partida de uma grande Guerra. Em virtude dos resultados do confronto, da forma como ocorreu seu enterramento e da propagação da crença de que o monge José Maria iria ressuscitar, teve início o processo de reelaboração mística que resultou no reagrupamento sertanejo em Taquaruçu no final de 1913.

### Para saber mais

- † Kunrath, G. **Vozes da imprensa: a Batalha do Irani pelas páginas dos jornais *O Dia* (SC) e *A República* (PR)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas, 2018.
- † \_\_\_\_\_. **Não tivemos outro jeito: ou morríamos ou nos defendíamos, uma análise acerca da Batalha do Irani (1912)**. Dissertação (Mestrado em História). Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas, 2020.
- † Martins, C. **O mato do tigre e o campo do gato: José Fabricio das Neves e o Combate do Irani**. Florianópolis: Insular, 2007.
- † Vianna, C. **A batalha do Irani: o diabo na rua, no meio do redemoinho**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

UNIDADE 2



**A DESORDEM EM PROGRESSO:  
O MUNDO FORA  
DAS CIDADES SANTAS**



## O trem do futuro e suas ciladas: a construção da ferrovia do Contestado

Márcia Janete Espig

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: concepção e construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, conflitos trabalhistas, Império, Primeira República, discursos sobre o futuro e modernização.*

**P**rogresso. Essa é a palavra-chave para se compreender o impulso da construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG), desde seus primórdios. Progresso, velocidade, modernidade: tais termos acalentavam os sonhos de desenvolvimento capitalista desde o século XIX, quando do surgimento e difusão dos caminhos de ferro na Europa. Em países periféricos, como o Brasil, a chegada da tecnologia das ferrovias deu-se mediada pelas potências estrangeiras, sobretudo Inglaterra, que exportavam a preços abusivos materiais já obsoletos nas nações de origem. Isso não impediu, contudo, que a novidade fosse vendida através de recorrentes discursos positivos, nos quais o vocábulo “progresso” tornou-se o grande mote.

Não por acaso, progresso foi um dos termos utilizados por João Teixeira Soares no planejamento da EFSPRG. Engenheiro consagrado, Teixeira Soares foi contratado pelo Governo Imperial no final de 1888 e realizou uma viagem de reconhecimento e estudos para uma ferrovia que, partindo de Itararé, em São Paulo, chegasse a Santa Maria da Boca do Monte, no Rio Grande do Sul. A pretensão em torno da construção de uma estrada de ferro com tais características vinha desde o Período Regencial, pois representaria a ligação do centro do país com o Sul, tensionado por disputas com países vizinhos e guerras internas, tais como a Revolução Farroupilha. Teixeira Soares produziu um Relatório

sobre os estudos de campo para a construção daquela que seria a São Paulo-Rio Grande, onde destaca que

atravessando ela em toda a sua extensão a parte de melhor clima do Imperio, corta varias zonas de grande fertilidade que poderiam abrigar em condições de muita prosperidade milhares de imigrantes; podendo-se hoje ter em gráo avançado de progresso uma região abençoada e possuirmos viação indispensavel para atender a necessidades estrategicas as mais imperiosas.

Progresso e necessidade estratégica: tais foram os maiores argumentos a favor da construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Essa obra grandiosa, que compreendeu em sua extensão um total de 883,206 km, percorreu zonas bastante diversas entre si, com peculiaridades importantes. Foi dividida em Linha Norte e Linha Sul, tendo a estação de Ponta Grossa como referência. Ao norte tinha como ponto extremo a cidade de Itararé, em São Paulo, e ao sul a Estação de Marcelino Ramos, nas barrancas do Rio Uruguai. A construção ocorreu em dois sentidos, sempre a partir de Ponta Grossa. A ligação com Santa Maria foi construída separadamente, por outra empresa. Caso se considere a extensão desde Itararé até Santa Maria, esse caminho de ferro totalizou 1.403 km, incluindo ramais.

A Linha Sul da EFSPRG acompanhava, na maior parte de seu percurso, as margens do Rio do Peixe, região que fazia parte de um espaço geográfico disputado entre os estados de Paraná e Santa Catarina, ou seja, uma região contestada. Nessa região havia ainda um forte tensionamento, devido a inúmeros fatores de ordem cultural, política e social. Alguns dos desdobramentos da construção desse caminho de ferro ampliaram essas tensões e a Linha Sul da EFSPRG passou a ser, inevitavelmente, relacionada à Guerra do Contestado. Sua construção é mencionada por vários intérpretes desse episódio histórico como uma das causas da Guerra. Porém a importância da EFSPRG nesse caso vai bem além de sua construção. Passa pelo processo de posse de terras, de exploração dos recursos naturais da região, soma-se ao apoio da empresa às forças repressivas e mesmo aos lucros obtidos graças à Guerra. É impossível dissociar o contexto da Guerra do Contestado do processo de construção e operação da Companhia EFSPRG na região.

A concessão referente à construção da EFSPRG foi autorizada através do Decreto Imperial de 09 de novembro de 1889 (Decreto n. 10.432). Todavia, poucos dias depois houve a queda do regime, e foi



necessário firmeza de Teixeira Soares para obter um novo documento do Governo Provisório Republicano, em 07 de abril de 1890 (Decreto n. 305). Tendo constituído a Companhia EFSPRG no final de 1892, João Teixeira Soares presidiu-a nos primeiros anos. O primeiro trecho da Ferrovia foi inaugurado em fins de 1899. Nos anos seguintes a construção persistiu em ritmo bastante irregular, muito aquém do esperado pelo Governo Federal, além de concentrada na Linha Norte. A partir de 1906, entrou em cena nessa história uma grande empresa norte americana, a *Brazil Railway Company* (BRC). Essa empresa foi constituída para abarcar uma série de empreendimentos não apenas no Brasil, mas em vários países da América Latina, visando, sobretudo, a aquisição e controle de linhas férreas, portos, terras e colonização. Presidida pelo milionário americano Percival Farquhar, levantou na época temores nacionalistas, devido ao tamanho dos investimentos em nosso país e pelo controle de setores estratégicos.

Tendo iniciado o processo de aquisição das ações da Companhia EFSPRG durante 1906, em janeiro de 1907 a BRC já dominava sua diretoria, através de empresários americanos. Apenas em junho de 1909 as empresas celebraram seu contrato definitivo, através do qual a *holding* norte americana passou a deter os direitos de exploração da rede, devendo administrar, dirigir e gozar de toda a concessão já existente, bem como de possíveis concessões futuras.

A BRC defrontava-se com várias dificuldades para a construção da Linha Sul da EFSPRG no território contestado. No início de 1906, boa parte da Linha Norte já estava operacional e, ao final desse ano, o sul da EFSPRG passou a ser objeto da atenção da empresa. Os serviços de construção prosseguiram de forma muito irregular, alternando-se engenheiros na condução dos trabalhos. Através de uma renegociação com o Governo Federal, no final de 1907, a empresa conseguiu uma prorrogação, estendendo os prazos por três anos, ou seja, até dezembro de 1910.

A construção da Linha Sul mostrava-se desafiadora. Além de percorrer um espaço instável politicamente, devido à questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, e literalmente estar na fronteira entre ambos os estados, a linha a ser construída viajaria por uma região geograficamente acidentada, com muitas curvas, elevações e umidade. Havia carência de mão de obra. Atravessando áreas indígenas, causou inúmeros conflitos entre operários e povos autóctones, que aos poucos foram sendo exterminados ou fugindo da região. Tudo isso tornava a captação de mão de obra um grande problema para a Companhia.

Em novembro de 1908, a empresa contratou um engenheiro italiano, chamado Aquiles Stenghel, com o objetivo de concluir os mais de 300 km da Linha Sul até o final de 1910, quando se encerrava o prazo junto ao Governo. Dadas as dificuldades, a missão parecia impossível, tendo em vista o lento avanço da ferrovia até ali. Contudo, Stenghel, além de engenheiro experiente, mostrou-se um administrador competente e inflexível, instaurando grande disciplina nos trabalhos e contando com forte apoio da administração da EFSPRG. Embora tenha sido imensamente elogiado em inúmeras publicações e em variadas fontes de época, Stenghel recebeu, por outro lado, críticas ferrenhas em outras documentações. Ao que tudo indica, o engenheiro atuava não apenas como chefe da construção, mas também como um poder político paralelo, tendo criado um Corpo de Segurança que fazia o policiamento e a repressão de conflitos na região. Ainda que boa parte da imprensa da época louve tal iniciativa, vista como “necessária” para manter a ordem e a continuidade da construção, algumas folhas destacam abusos, que iriam desde cárcere privado até o “desaparecimento” de alguns operários.

Desde o primeiro esboço da construção da EFSPRG, feito por Teixeira Soares, já se apontava a carência de mão de obra na região da Linha Sul como um problema a ser enfrentado. Embora a região não fosse despovoada, como alguns documentos faziam supor, a população local, formada sobretudo por caboclos, era considerada inapta para as tarefas de construção. A captação de mão de obra era um problema que havia se agudizado entre 1906 e 1907 devido aos conflitos com indígenas. A empresa lançou mão de algumas estratégias de cooptação de mão de obra. Através de propaganda, a Companhia conseguiu atrair imigrantes europeus para os trabalhos na ferrovia, com a promessa de bons salários e de posterior fixação em colônias que seriam implantadas ao longo da mesma.

A partir de documentação da época, também é possível perceber o aliciamento de estrangeiros que haviam se fixado nas zonas de colonização (sobretudo do Paraná) e que buscavam ganhos temporários nos trabalhos de construção da EFSPRG. A mão de obra nacional também se fez presente, possivelmente através de trabalhadores itinerantes, que em geral deslocavam-se de ferrovia para ferrovia, acompanhando as construções. Eventualmente, a empresa também realizou a transferência de operários de conservação da via permanente e de ramais da EFSPRG, o que era irregular. O deslocamento de trabalhadores da conservação de linhas permanentes

para a construção de outra linha não poderia ser feito, do ponto de vista legal, pois prejudicava a manutenção dessas ferrovias, que também eram objeto de concessão pública.

Além da captação desses homens, eram necessárias políticas de manutenção dos trabalhadores, algo que a administração Stenghel soube realizar. Em finais de 1908, a construção da Linha Sul contava com apenas 3.888 turmeiros (como eram denominados os operários ou trabalhadores de turma). O engenheiro italiano promoveu mudanças, tais como a diminuição do tamanho das empreitadas e aumento do número dos empreiteiros, ou “taifeiros”, bem como a revisão do traçado previsto. Aparentemente diminuiu os atrasos nos pagamentos, melhorou o serviço de higiene e cuidados médicos, e aperfeiçoou o sistema de armazéns para o fornecimento de produtos aos trabalhadores. Com isso, o volume de turmeiros teve grande incremento, atingindo seu número máximo em janeiro de 1910, algo em torno de oito mil homens. Essa visão do progresso é louvada através da maior parte da imprensa da época. Conforme o jornal *Vanguarda*, de Campos Novos, em 1º de junho de 1910,

A monotonia das margens do Rio do Peixe transformou-se como por um encanto. Onde até há pouco somente se via moradores dispersos, casinhas primitivas, engenhos de cana, de farinha, tipo ante-diluviano, não esquecendo o legendário monjolo, hoje, subindo ou descendo a margem esquerda do rio até a sua barra no Uruguai, o panorama está mudado, casas, casinhas, ranchos em toda a parte e as locomotivas, sibilando em ambas as direções, atestam o que pode a atividade humana, o capital, a picareta, a pólvora e a dinamite.

Os trabalhos eram realizados à muque, dinamite e marretas, e além de pesados, também eram perigosos. As epidemias de doenças como escarlatina, varíola e varicela, tornaram-se constantes em 1909 e 1910, possivelmente alastrando-se através do caminho de ferro que ajudavam a construir. A região bastante úmida, acidentada e fria durante o inverno também afetava a constituição física dos operários. Apesar de termos conhecimento sobre esses fatores de risco à vida dos turmeiros, não possuímos sequer números aproximados que possam indicar o volume de mortes durante a construção da ferrovia. Desconhecemos se havia um registro por parte dos serviços de higiene e medicina, pois tais documentos, assim como muitos outros sobre a construção

dessa Estrada de Ferro, não foram preservados. Mas, qual era o valor pago por tais serviços? Índícios apontam que um turmeiro da EFSPRG recebia quatro mil réis por dia. Comparativamente a outras estradas de ferro do período, era um valor razoável. Porém os preços abusivos cobrados por suprimentos nos armazéns da Companhia parecem não ter proporcionado muito alívio a esses operários. Esses armazéns eram ligados à empresa; ali os produtos eram comercializados com preços elevados e qualidade duvidosa. Não era obrigatório comprar neles, mas o oferecimento de crédito, através de anotações em cadernetas, acabava por concentrar o consumo nesses locais.

Mesmo com todas essas dificuldades, em 17 de dezembro de 1910 foi inaugurada a ponte provisória sobre o Rio Uruguai. Com isso, concluiu-se a ligação entre o sul do país e o centro, 21 anos após a concessão original, e dentro do prazo acordado entre a Companhia e o Governo Federal. O cumprimento do prazo rendeu a Stenghel uma bela recompensa financeira, que lhe fora prometida pela alta direção da BRC: 20 contos de réis.

Aos poucos, ainda durante a construção da linha, os turmeiros foram abandonando a região. As características sazonais do trabalho de construção em estradas de ferro levaram parte desses trabalhadores a novas construções, tais como a do Ramal São Francisco da EFSPRG. Outra parte, constituída por imigrantes fixados em colônias e que buscavam ganhos alternativos, retornaram às suas propriedades e famílias. Os que vieram com família em busca de terras foram a elas direcionados. Dentre os nacionais, tudo indica que poucos permaneceram na região. Embora uma parte da historiografia sobre o Contestado acredite que o grupo dos turmeiros era constituído sobretudo por bandidos, egressos de capitais brasileiras e dispostos a “aventuras”, pesquisas mais recentes não comprovaram esse pré-conceito. Nenhuma liderança do Movimento do Contestado teve origem nessa massa populacional. A maioria dos turmeiros sobre os quais existe documentação eram imigrantes ou descendentes de imigrantes.

Concluída a construção da EFSPRG, tudo indicava que a região estava pronta para o progresso trazido pelo caminho de ferro. Progresso acalentado por jornalistas, políticos e intelectuais, em inúmeras falas e discursos. Porém a expectativa frustrou-se.

Já no início da exploração da região pela BRC, que havia recebido por concessão pública o significativo valor de 15 km de terras para cada lado da linha, a violência se tornou cotidiana. O Corpo de Segurança criado

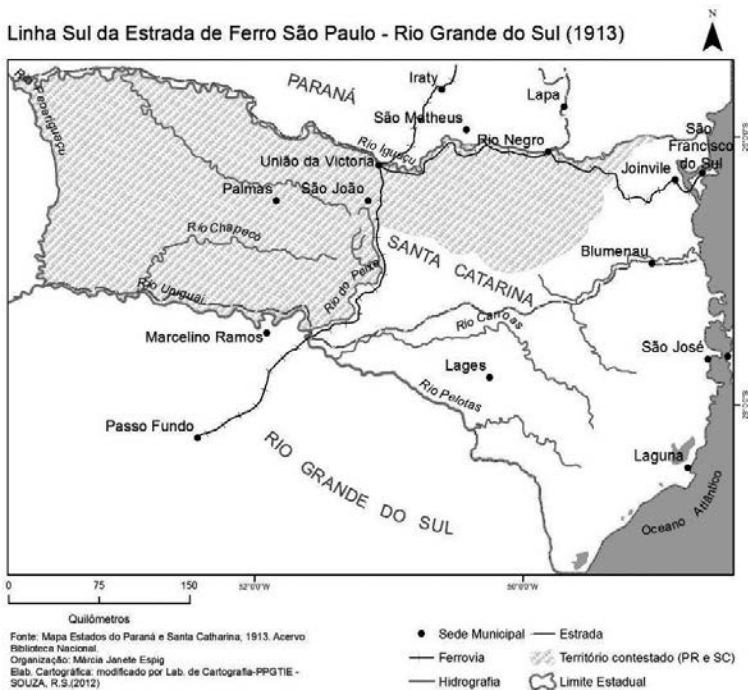


Figura 1. Linha sul da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (1913).

por Aquiles Stenghel passou a ter a função de expulsar caboclos de suas terras, em alguns casos com a força desproporcional dos despejos. A maioria dos moradores tradicionais não havia legalizado a posse de suas terras. Essas expulsões, ao que tudo indica, passaram a acontecer ainda em 1910 e prosseguiram, crescendo também as ações legais envolvendo terras na região. Tal processo engrossou o caldo de tensão social e econômica que acabou desembocando na Guerra do Contestado. Se a ferrovia não trouxe o progresso desejado aos moradores tradicionais da região, tais como índios e caboclos, trouxe sim a expulsão, o desapossamento, a pobreza e em alguns casos, a morte.

Não tardou também para que os usuários da ferrovia começassem a apontar alguns de seus inúmeros problemas. Acidentes, descarrilamentos, atrasos, lentidão e maus serviços estavam no rol das dificuldades cotidianas enfrentadas nessa tão sonhada estrada de ferro.

Parte dessas situações decorria do problema do traçado. A EFSPRG, tanto na Linha Norte quanto na Sul, notabilizou-se por ter um traçado

extremamente sinuoso, cheio de curvas. Evitando obras mais caras, como por exemplo túneis (as chamadas “obras de arte”), essa ferrovia contornava morros e ondulações do terreno em regiões naturalmente acidentadas. Além disso, o excesso de curvas beneficiava a Companhia em sua concessão, que garantia para sua posse 15 km para cada lado da linha ferroviária, bem como uma subvenção de 30 contos por quilômetro construído. A pressa na construção também levou a maiores problemas técnicos, pois, como afirmou um mestre de obras que trabalhou na Linha Sul, mencionado por Robert Helling,

O lema era avante (...) tão rápido quanto possível! Todo o resto era mais ou menos irrelevante. Assim que a estrada for liberada para o tráfego, as consequências desse traçado negligente aparecerão e os construtores da ferrovia serão bastante xingados. Mas quando o desenho da ferrovia havia terminado e a construção estava em andamento – puxa, que divertidos eram a vida e o trabalho! Primeiro as obras do aterro ficaram prontas, depois foram postos os trilhos e os trens auxiliares traziam sempre novos materiais, do tipo trilhos e dormentes.

Assim se criou a “estrada dos zigue-zagues”, como um jornal apelidou a EFSPRG, considerada “deplorável” na avaliação de um engenheiro da Companhia. Como consequência, a sensação de quem viajava era de “centenas de curvas”, “voltas inúteis”, com poeira e abafamento nos carros.

Problemas de traçado levavam, conseqüentemente, a preços maiores, pois os valores eram definidos sobre a distância. Assim, tarifas e fretes da EFSPRG eram considerados elevados e o transporte de perecíveis era muito prejudicado pela lentidão. O próprio Ministério da Viação e Obras Públicas, tendo Francisco Sá como ministro, considerava as tarifas demasiadamente elevadas e fora de sintonia com os valores cobrados por outras estradas. Para a Associação Comercial do Paraná seriam valores “exorbitantes”, que impediam o desenvolvimento do comércio. O transporte de passageiros não era mais feliz. O transporte marítimo apresentava-se mais barato e mais breve.

Outro grave problema era a velocidade. Enquanto em ferrovias como a Sorocabana os trens alcançavam 50 km/h, na Linha Sul da EFSPRG a velocidade máxima alcançada era de 30 km/h, e essa não era a média de velocidade. Em alguns trechos seria impossível andar além de 20 km/h, devido ao risco de acidentes. Os descarrilamentos

eram muito frequentes nessa linha, o que tornava uma viagem por seus trilhos uma aventura pouco segura e intranquila, além de cara e lenta. Como frisa o observador estrangeiro, Robert Helling, “não faltariam descarrilamentos (...). Era uma situação tão diária que já nem se fazia um grande alarido por causa disso”.

Outros tipos de acidentes também se faziam sentir, devido a falhas mecânicas ou humanas. Havia constantes reclamações quanto à baixa qualidade do material rodante da ferrovia, que seria composto por máquinas e vagões antigos saídos de outras ferrovias da BRC.

Mesmo com tamanhos problemas, o discurso de progresso associado às ferrovias persistia, e raros eram os comentaristas e as folhas que faziam sua crítica. A realidade, contudo, sobrepõe-se pouco a pouco. Traçado sinuoso, altos preços, lentidão e os inúmeros acidentes penetraram no cotidiano dos usuários da ferrovia. Mesmo assim, o discurso oficial não foi alterado, e a EFSPRG continuou, ao menos nas falas, sendo representada como um elemento civilizador, contraposto a um passado tradicional e indesejado, e assim persistiu em parte da bibliografia que a aborda até hoje.

### Para saber mais

- † Espig, M. **Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (1908-1915)**. Pelotas, RS: Editora UFPel, 2011.
- † Helling, R. **40 Jahre im Innern von Brasilien: Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling**. Berlin: Pyramidenverlag / Dr. Schwarz & Co, 1931. Trad.: F. Neckel; M. Plarre; T. Benitez. Supervisão: Erica Foerthmann Schultz.
- † Lanna, A. L. D. **Ferrovias, cidades, trabalhadores (1870-1920)**. Tese (Livre-Docência em História da Arquitetura). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- † Soares, J. T. **Relatório dos Estudos da Estrada de Ferro de São Paulo-Rio Grande**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.
- † Thomé, N. **Trem de ferro: história da ferrovia no contestado**. 2ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

## O alemão que dinamitou a ferrovia

Viviani Poyer

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: estrada de ferro, imigração, colonização, relações internacionais e processos judiciais.*

**E**m 1907 o imigrante alemão Georg Ernest Kullak resolveu explodir com dinamite a via férrea que cortava suas terras. O trecho danificado fazia parte do ramal São Francisco-União da Vitória, que integrava o traçado da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG), a famosa estrada de ferro que cortou a região do Contestado. O acontecimento envolveu diversos poderes públicos nacionais, entre eles os Ministérios da Justiça e Relações Exteriores, bem como o próprio parlamento alemão, além da imprensa nacional e internacional. O episódio conhecido como “Caso Kullak” traz indicativos importantes para percebermos aspectos da política externa brasileira daquele período, bem como questões relacionadas a imigração europeia para o Brasil de fins do século XIX e início do século XX, além das relações da Estrada de Ferro com as populações impactadas com sua construção.

Em 1904, foram aprovados os estudos definitivos e o orçamento do primeiro segmento do ramal que ligaria o Porto de São Francisco à São Bento, passando pela cidade de Joinville e então Distrito de Jaraguá. Em julho de 1906 aconteceu a inauguração do primeiro trecho dessa linha, com 96 km, ligando São Francisco a Hansa-Humbolt, atual cidade de Corupá. Todavia, a construção deste trecho parou por diversas vezes e, somente em 1911, foram retomados os trabalhos para a conclusão desse ramal, que partia de Corupá e chegava até Porto União, passando por Três Barras, Canoinhas e Mafra, totalizando mais de 230 km, que foram finalizados em 1913.

Kullak era imigrante alemão e morador da localidade de Três Rios, no distrito de Jaraguá, pertencente naquela época ao município de



Joinville. Chegou ao Brasil em 1903, desembarcado no Porto de São Francisco, informação obtida pois seu nome foi encontrado numa das listas de imigrantes elaboradas quando da comemoração de 25 anos de existência da Colônia Hansa-Hamonia (atual Ibirama). Como a lista não é muito completa, sabe-se apenas que Kullak partiu de Hamburgo, na Alemanha, proveniente de Lützen, região da antiga Prússia; tinha 26 anos de idade, era solteiro, protestante e declarava-se lavrador. Quando aconteceu o seu envolvimento com a justiça, em 1907, contava com 30 anos e era casado.

Kullak teve sua propriedade cortada pela estrada de ferro no sentido paralelo à estrada de rodagem. A documentação do processo informa que o imigrante não concordou com os valores propostos pela Ferrovia como indenização. Acusavam os representantes da companhia responsável pela construção, bem como o próprio Juiz de Direito da Comarca de Joinville, que no trecho do terreno a ser desapropriado não havia benfeitoria alguma, constituindo-se a referida faixa de terra apenas por matas. O juiz do caso, o Sr. Bento Emílio Portela, julgou que Kullak pretendia obter elevadíssima indenização, uma vez que o valor exigido pelo proprietário era nada menos que sete contos de réis, quantia muito alta para o tamanho e as características do terreno, superior ao valor real das terras que seriam desapropriadas.

Diante da recusa do pagamento da indenização, Kullak resolveu baixar o valor e refazer a proposta, pedindo a quantia de quatro contos e 500 mil réis pelas referidas terras, com a condição, porém, de ser transferida a sua casa de moradia para um outro terreno. Mesmo assim, a companhia recusou a nova proposta, informando que era necessário para o leito da estrada de ferro apenas um faixa de terra com largura aproximada de 20 metros. Continuou o impasse entre o imigrante alemão e a construtora da EFSPRG.

Kullak procurou um advogado para tentar resolver a situação; porém, certo de que tais exigências de forma alguma seriam aceitas pela companhia, o advogado recusou a defesa da causa em juízo. Como ele não respeitou os trâmites legais, perdeu o direito de recurso à justiça para finalizar a questão da indenização. Kullak resolveu procurar o cônsul alemão em Joinville, Adolfo Schmitt para que interviesse a seu favor na negociação, porém o cônsul igualmente se recusou a atendê-lo.

O fato de Kullak ter procurado o consulado com a intenção de busca de apoio aponta para uma prática comum entre os imigrantes do sul do Brasil. Com a República e a Constituição de 1891, ficou quase

automática a naturalização do imigrante recém-chegado ao Brasil e, conseqüentemente, a concessão dos direitos de cidadão brasileiro. Dessa forma, o imigrante se apropriava da legislação nacional em seu favor quando lhe convinha, mas, quando a situação fosse desfavorável, articulava conterrâneos, formando uma espécie de rede que agia no sentido de buscar e assegurar seus direitos junto ao corpo diplomático de seu país de origem.

As obras do leito da ferrovia estavam sendo concluídas e sua indenização ainda não havia sido paga. Kullak resolveu então se dirigir pessoalmente ao engenheiro da Estrada de Ferro e procurou estabelecer novos valores exigidos na negociação. Dessa vez chegaram a um acordo, sendo que, pela faixa de terra equivalente a 20 metros de largura, firmou-se uma indenização de 200 mil réis, valor baixo, se comparado aos estabelecidos anteriormente pelo proprietário. Os trilhos já estavam sendo colocados e o imigrante não havia recebido o pagamento da desapropriação. Kullak receava que na conclusão dos serviços não lhe fosse pago o valor e perdesse seus direitos sobre a terra. O imigrante enviou uma carta dirigida ao engenheiro-chefe, diretor das obras da Estrada de Ferro. Como não obteve resposta alguma resolveu procurar em 05 de junho de 1907, pessoalmente, o Sr. Bryant, o qual lhe prometeu que em breve seria resolvido o assunto.

Aos dez dias do mês de julho, mais de um mês depois da sua visita ao engenheiro, sem receber resposta, Kullak resolveu escrever mais outra carta, registrá-la nos Correios e enviar à direção da Estrada de Ferro. Dizia que estava cansado de esperar pela indenização e, como não havia sido paga, estava decidido a destruir, utilizando dinamites ou qualquer outro material explosivo, as obras feitas em seu terreno, se não fosse atendida a sua reclamação até o dia 22 do mês corrente.

Em 21 de julho, faltando um dia para o vencimento do prazo dado para o pagamento da indenização, o colono reforçou suas ameaças por meio de uma outra correspondência, dessa vez redigida em língua alemã e enviada ao subcomissário de polícia de Jaraguá, chamado Piazeria. A seguir tem-se a tradução da carta anexada no Processo n. 459/1907, que se encontra no Arquivo do Fórum da Comarca de Joinville (SC).

Pelo presente comunico-lhe na sua qualidade de comissário de polícia que, se passar o prazo, marcado á Companhia da Estrada de Ferro, a qual finda com o dia 22 de Julho, sem que recebesse pagamento pelo terreno, de que fui ilegalmente privado contra a constituição e as leis dos

Estados Unidos do Brazil, ou outra fiança que garante o pagamento, com todos os meios a meus alcance, removo depois de amanhã (...) 23 de Julho, á força, as obras feitas por aquela Companhia na minha propriedade contra a minha vontade, e intimo a V. Mcê a cuidar de que nisto não sejam levadas vidas humanas.

O jornal *Kolonie Zeitung*, de 12 de março de 1907, também dava destaque à preocupação de Kullak em alertar por meio da referida carta o policial “aconselhando cautela para que não perigassem vidas humanas, porque estava positiva e definitivamente resolvido a efetivar a explosão anunciada”. A matéria pediu providências no sentido de comunicar aos vizinhos para que não se aproximassem daquele ponto no dia 23.

Na noite do dia 22 para 23 de julho, passando um pouco da meia noite, encontravam-se próximo à casa de Kullak o comissário de Jaraguá juntamente com um soldado que ficaram à espreita vigiando o referido local, na intenção de conseguir impedir que o plano fosse colocado em prática. A certa distância, meio que se escondendo por entre as árvores, Kullak foi avistado pelos policiais “se divertindo com um gramofone”, disseram os mesmos, que em seguida ouviram os estrondos referente a três explosões, sendo duas delas provenientes das dinamites colocadas embaixo de um bueiro da ferrovia, e a terceira, da bomba colocada junto a um poste da linha telegráfica.

O imigrante alemão, por vias tortas, achou seu meio de fazer cumprir o prometido, só que acabou se complicando com as autoridades policiais e com a justiça. Como o subcomissário de polícia contava somente com um policial, achou conveniente aguardar o amanhecer do dia e pedir auxílio ao Comissário de Joinville para realizar o auto do corpo de delito, dando-se a prisão de Kullak somente por volta das 10 horas da manhã de 23 de julho de 1907. Preso no local do crime, foi recolhido à cadeia de Joinville. No dia 25, o imigrante requereu uma ordem de *habeas corpus*, negada pelo Juiz de Direito após as informações prestadas pelo subcomissário de polícia de Jaraguá sobre a legalidade e conveniência da prisão, e realizado interrogatório que levou o imigrante alemão a confessar o fato criminoso.

Kullak cumpriu exatamente 30 dias de prisão na cadeia municipal da Comarca de Joinville, sendo preso no dia 23 de julho e solto a 23 de agosto de 1907. Entretanto, sua reclusão durante esse período não se deu em função do crime praticado a partir das explosões dos trilhos, ponte e poste da Estrada de Ferro. Esse período que passou na prisão estava relacionado ao primeiro crime praticado, incurso no Art. 184

do Código Penal: “Prometer, ou protestar, por escrito assinado, ou anônimo, ou verbalmente, fazer a alguém um mal que constitua crime, impondo ou não, qualquer condição ou ordem: Pena de prisão celular por um a três meses”. Ou seja, Kullak foi preso pelo fato de ameaçar a Companhia construtora da Estrada de Ferro e enfatizar sua intenção junto aos poderes públicos, por meio da comunicação feita também ao subcomissário de polícia. Contudo, enquanto encontrava-se preso, um processo mais amplo, considerando os demais crimes cometidos, estava correndo na justiça da Comarca de Joinville. Exatamente no dia 31 de julho de 1907, iniciou-se a montagem do referido processo, a partir de denúncia feita pelo Promotor Público, no qual Georg Ernest Kullak e seus amigos Max Stein e Kastran foram denunciados como cúmplices e autores das explosões ocorridas na ferrovia, no trecho que passava por dentro da propriedade do primeiro denunciado.

Após prisão de um mês recluso na cadeia de Joinville, Kullak respondeu todo o processo referente às explosões em liberdade. Porém, quando tudo parecia resolvido em torno da sua questão, uma vez que os ânimos se acalmavam, já que ele havia sido absolvido na primeira instância e se aproximava o fim do processo, veio à tona, em 14 de janeiro de 1908, um polêmico artigo publicado num respeitoso e importante jornal de Berlim. Como uma bomba, o referido artigo, sob o título “Maus tratos infligidos a um súdito alemão”, do *Berliner Tageblatt*, chegou ao Brasil e ao conhecimento do Ministério das Relações Exteriores, abalando mais uma vez a comunicação entre o Governo Federal e Estadual, e, principalmente, entre Brasil e Alemanha. Essa matéria levantava dúvidas sobre os procedimentos da justiça brasileira e, sobretudo, catarinense; acusando-a de irregularidades, chegando a provocar um certo desconforto diplomático entre os dois países. O *Kolonie Zeitung*, periódico da cidade de Joinville, afirmava que “o mais lastimável de tudo é que a ‘bomba fedegosa’ que o Sr. Kullak lançou para a Alemanha, por sua natureza deve produzir consequências muito mais prejudiciais do que teriam produzido as bombas de dinamite aqui explodidas”.

A 14 de fevereiro, um mês depois da publicação do texto no *Berliner Tageblatt*, o Ministério das Relações Exteriores entrou em contato com o governador do estado, afirmando que remetia, junto ao documento, a tradução do artigo, e, em tom sucinto e objetivo, pedia explicações sobre as inexatidões da questão:

Peço a V. Ex. a bondade de me informar da solução que teve este negócio, fornecendo-me, em aviso, os necessários esclarecimentos, e peço mais que me diga quais as inexatidões

que se encontram na exposição publicada. Segundo telegrama de Berlim, no Jornal do Comercio, um deputado socialista, acaba de interpelar o Governo Alemão no Reichstag.

A bomba, dessa vez não de dinamite, fora jogada na imprensa alemã, e o governo brasileiro tomou ciência do caso um pouco tarde, apenas um mês depois, ou resolveu apurar os fatos somente quando o referido artigo começou a repercutir na imprensa brasileira. O fato é que a publicação feita pelo jornal alemão em Berlim acarretou sérias repercussões e passou a ser alvo de discussão e posições controversas em relação ao caso aqui no Brasil. Importantes jornais brasileiros começaram a se manifestar, como o jornal *A Imprensa* da Capital Federal, que partiu para o ataque ao periódico alemão. Cogitava esse, que talvez movido por interesses escusos e contrários à política de imigração estabelecida entre Brasil e Alemanha, o periódico alemão poderia estar mal-intencionado.

Os dados apontados pelo jornal do Rio demonstram a posição contrária do jornal alemão à emigração de seu país ao Brasil. É possível perceber a ênfase atribuída à proposição a seguir, presente no artigo do *Berliner Tageblatt*, de 14 de janeiro de 1908, sobre a questão Kullak: “Esse incidente indignou tanto a população do lugar (sem distinção de nacionalidades) que certo número de súditos alemães declarou ao Consul que se esse incidente não tivesse uma solução satisfatória, eles renunciariam, para o futuro a honra de verem súditos alemães”. É provável que tornar público um texto de grande porte como esse em suas páginas tenha sido uma estratégia utilizada pelo jornal alemão para lhe render adeptos no sentido de frear a imigração e inculcar a ideia de quão perigosa poderia ser a aventura de partir em busca de uma vida melhor em terras desconhecidas.

O artigo publicado na Alemanha pretendia mostrar que se por um lado o governo e as leis brasileiras respeitavam a questão relativa ao direito à propriedade, por outro os direitos civis corriam o risco de serem, a qualquer momento, desrespeitados. O jornal informa que o subcomissário de polícia Piazero, juntamente com “três soldados negros”, apareceram no outro dia na propriedade de Kullak declarando sua prisão. O fato de ser preso por homens negros era algo questionável e provavelmente desonroso ao imigrante alemão.

Entre os documentos que compõem os ofícios enviados pelo Ministério das Relações Exteriores para o governo do estado de Santa Catarina sobre o caso, foi encontrado uma espécie de requerimento redigido em cartório pelo Tabelião Público, Salvador Gonçalves

Corrêa, e assinado por Adolfo Schmitt – cônsul alemão. Datado de 19 de setembro de 1907, nove dias após a absolvição de Kullak na primeira instância, foi dirigido ao Juiz de Direito da Comarca de Joinville e buscava esclarecer alguns aspectos e defender os direitos do súdito alemão. Entre os aspectos apontados pelo cônsul em defesa de Kullak, tem-se a séria acusação de que havia diversas irregularidades na prisão e no posterior processo instaurado contra o súdito. Bem provavelmente tais acusações tenham sido feitas de forma preventiva pelo representante consular, uma vez que a promotoria pública apelou ao Supremo Tribunal do estado de Santa Catarina da sentença atribuída em primeira instância pelo Juiz do caso, quando absolveu Kullak.

Em que pesem os argumentos da promotoria e a confissão do réu como autor dos crimes, Kullak também foi absolvido pelo Supremo Tribunal de Justiça do estado. Nesse sentido, lanço aqui algumas questões levantadas durante a presente pesquisa e não solucionadas, mas que são de suma importância trazê-las à tona, com a intenção de abrir ao leitor uma reflexão. A absolvição do imigrante alemão significaria o reconhecimento das causas dos colonos estrangeiros em terras brasileiras? Ou será que havia a intenção de absolver o imigrante alemão como forma de se colocar o caso sob “panos quentes”, por receio dos poderes públicos que a questão gerasse problemas de proporções internacionais? De fato, se isso acontecesse, seria muito ruim para a política migratória e, sobretudo, externa do Brasil, uma vez que esse estreitava cada vez mais os laços econômicos com a Alemanha, na medida em que diminuía consideravelmente os negócios com a Inglaterra. Fica a reflexão.

### Para saber mais

- † Bueno, C. **Política externa da Primeira República: os anos de apogeu (1902 a 1918)**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- † Espig, M. J. **Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (1908-1915)**. Pelotas, RS: Editora UFPel, 2011.
- † Poyer, V. **Fronteiras de uma Guerra: imigração, diplomacia e política internacional em meio ao movimento social do Contestado 1907-1918**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- † Seyferth, G. “Colonização, imigração e a questão racial no Brasil”. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 117-49, 2002.

## Brazil Railway Company: apogeu e decadência do “Syndicato Farquhar”

Márcia Janete Espig

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: estradas de ferro, Percival Farquhar, Brazil Railway Company e Lumber and Colonization Company.*

o Syndicato Farquhar é como o polvo: não tem forma e adquire todas as formas, não tem côr e adquire todas as côres; por onde lança os tentáculos, applica suas ventosas, corrompe e suga a riqueza do povo.

Essa passagem de um livro de 1915 resume, de maneira apaixonada, a visão dos nacionalistas brasileiros acerca de uma empresa americana que foi importantíssima em nosso país no início do século XX. Apelidada de “Syndicato Farquhar”, a *Brazil Railway Company* (BRC) comprou tantas propriedades e concessões que despertou temores quanto a própria soberania nacional. Uma de suas mais importantes aquisições foi a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG), que através da sua Linha Sul percorria a região do Contestado e que ensejou a criação de subsidiárias para exploração de terras e madeira na região. Mas afinal, o que desejava a *Brazil Railway Company*?

Desde o final do século XIX o Brasil tornou-se um dos focos de interesse dos países capitalistas centrais. Não por acaso, boa parte dos capitais estrangeiros que entraram no país nesse período concentraram-se em setores como transportes e energia elétrica, que exigiam valores altos de investimento, que a elite econômica brasileira era incapaz ou tinha muita dificuldade em mobilizar. Para atrair capitais estrangeiros e proporcionar a execução desses serviços, o governo imperial

implantou políticas que incluíam concessões, privilégios e subvenção quilométrica, no caso da construção de ferrovias. Aos poucos, setores como transportes e iluminação pública passaram a ser controlados por empresas inglesas, francesas, belgas ou alemãs. Assim, o Brasil, da mesma forma que outros países latino-americanos, tornou-se um ótimo espaço para investimento de capitais estrangeiros.

Foi nesse contexto que o milionário americano Percival Farquhar criou a BRC. Tendo estudado engenharia e direito, Farquhar era filho de um industrial americano e já incursionara por vários negócios envolvendo concessões públicas em Cuba, Guatemala e El Salvador. A partir de 1904 o investidor dedicou-se a alguns investimentos em solo brasileiro, sobretudo voltados para concessões urbanas de iluminação pública, serviços hidrelétricos e de telefonia. Em julho de 1906, esteve pessoalmente no Brasil, participando da Terceira Conferência Pan-Americana, no Rio de Janeiro. Farquhar ficou entusiasmado com a possibilidade de criação de uma ferrovia pan-americana, que formaria uma vasta rede, ligando o Brasil a países como Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Chile. Reunindo-se a alguns associados, também americanos, no final daquele ano, Percival Farquhar criou aquela que seria a companhia pela qual ficaria conhecido – e odiado – em terras brasileiras: a *Brazil Railway Company*.

A BRC foi criada como uma empresa *holding*, ou seja, que buscava o controle de outras empresas por meio de participação acionária. Seu objetivo era a compra e domínio de várias linhas férreas no Brasil, bem como em outros países da América do Sul, sendo que também se interessava por concessões de terra, colonização, portos e demais concessões públicas. A sede da companhia ficava em Portland, no estado americano do Maine, estado que possuía leis bastante flexíveis em relação à fundação e incorporação de empresas. Assim, a BRC iniciou suas atividades com um capital nominal de 35 ou 40 milhões de dólares, mas esse valor não precisava ser integralizado em moeda – como de fato não foi. Além disso, as leis garantiam ao grupo fundador (que incluía os investidores Van Horne, Keith, Pearson e Mackenzie) o total controle da empresa. A captação de recursos deu-se através da venda de títulos, debêntures, bônus e obrigações nos mercados europeus, sobretudo francês, inglês e belga. A BRC não possuía empresas em solo norte-americano, mesmo sendo esse o fórum para ações e processos legais; seus negócios estavam fisicamente no Brasil, e seus investidores, na Europa. Ou seja, era uma companhia completamente internacionalizada.



A aquisição da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG) era peça fundamental dessa tentativa de domínio da viação no continente sul-americano, já que a estrada se estendia no sentido norte-sul, partindo do centro do Brasil para a região platina. Pretendia-se, ainda, projetar ramais saindo da linha tronco e alcançando países como Argentina, Paraguai e Bolívia. Outro empreendimento importante para a BRC foi a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, na região amazônica, que passou por inúmeros problemas e desgastou a empresa frente a opinião pública brasileira.

O clamor nacionalista contra a BRC, materializado em uma ferrenha campanha contra Percival Farquhar e seu “syndicato”, parece estar ligado à extensão das aquisições da companhia. Um levantamento, feito no ano de 1915, mostrava que a malha ferroviária dos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul era controlada quase que exclusivamente pela BRC. Ferrovias importantes, como a Paulista, a Mogiana e a Sorocabana, em São Paulo, a EFSPRG, que atravessava todos os estados do Sul, a Estrada de Ferro do Paraná, a *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil*, no Rio Grande do Sul e a Madeira-Mamoré, na região Amazônica, faziam parte do domínio da empresa. Observando o Brasil todo, a companhia detinha mais de 10 mil km de linhas, captando, portanto, cerca de 40% do total existente.

Além dos caminhos de ferro, a *holding* controlava os portos de Rio Grande (RS), do Rio de Janeiro e do Pará. Contava com um hotel em São Paulo e terrenos no Rio de Janeiro, contudo os negócios hoteleiros não prosperaram da maneira desejada. Para melhor explorar seus empreendimentos, a BRC criava algumas empresas a ela subordinadas, ou subsidiárias. Por exemplo, para desenvolver a indústria do gado em Mato Grosso, criou a *Brazil Land Cattle and Packing Company*, que alimentava o tráfego de suas linhas. Para melhor explorar as terras laterais à EFSPRG, fundou a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, que atuou fortemente no Contestado. A “Lumber”, como era conhecida, montou grandes serrarias na região, dando início a uma exploração massiva e predatória de grandes pinheirais e madeiras de lei centenárias, tornando-se a maior companhia madeireira da América do Sul. Essa subsidiária atuou também no loteamento e venda de terras a colonos estrangeiros ao longo da ferrovia. Ambas as atividades se aproveitavam do deslocamento proporcionado por esse caminho de ferro, inserindo de forma muito rápida e dramática relações francamente capitalistas na região. A tensão e as consequências sociais dessa empreitada não demoraram a se fazer sentir.

A algazarra contra a BRC e o “Syndicato Farquhar” na imprensa e na opinião pública brasileira, que incluiu debates no Congresso Nacional, teve início por volta de 1911. O termo “syndicato”, naquele contexto, designava uma associação de capitalistas voltada para grandes negócios e não tinha necessariamente uma conotação negativa. A tentativa de aquisição da *São Paulo Railway* e do Porto de Santos alimentou ainda mais essa reação nacionalista. A esse discurso, o magnata americano contrapunha a racionalidade capitalista, apresentando-se como agente da modernidade e do desenvolvimento econômico. Assim, brotaram na sociedade da época e em obras produzidas para a posteridade duas representações de Farquhar. Capitalista explorador e sem escrúpulos, que ameaçava a soberania nacional devido ao tamanho de seus investimentos; ou investidor genial, que contribuía para o desenvolvimento do país com suas obras de infraestrutura. Em 24 de janeiro de 1914, *O Paiz*, jornal do Rio de Janeiro, aconselhava os nacionalistas:

Não vos assusteis. Esse syndicato não poderá tudo abarcar. As nossas riquezas naturaes não podem ser objeto de “trusts” de açambarcamentos; chegam para todas as iniciativas. Elle, emfim, não poderá sugar toda a nossa vitalidade, que é inesgotável. E quanto á nossa soberania, que tão carinhosamente acautelais como o vosso nacionalismo, da sua defesa, como nenhuma força, se encarregará o progresso que havemos de realizar com a applicação desse ouro, que tanto vos incommoda.

Mesmo que abusando de verbosidade e com alguns exageros, os críticos nacionalistas parecem ter captado corretamente algumas das características do “Syndicato Farquhar”. Nos referimos aqui a práticas como corrupção, tráfico de influência, negociações, contratos irrealizáveis, compras inadequadas, nepotismo, entre outras. Correspondências sigilosas da empresa expõe de maneira inequívoca a forte relação entre seus executivos e importantes políticos da época, bem como o uso de uma vasta rede de relações pessoais para o beneficiamento da BRC. As “compensações financeiras” ou recompensas a apaniguados, políticos ou engenheiros, emergem dessa documentação, que infelizmente retrata particularidades mais ou menos comuns no âmbito das concessões públicas no Brasil da época, e que Farquhar e seus associados souberam aproveitar. Sobre isso, confira a chocante passagem de uma correspondência de Carlos Sampaio, um

dos representantes brasileiros da Companhia, à Percival Farquhar, em 11 de outubro de 1911 (em inglês no original):

O Ministro da Viação pediu-me para prometer o contrato de toda a construção da linha de São Francisco com um engenheiro amigo dele. Tendo em mente suas instruções sobre este ponto, eu falei ao Ministro que preferia dar ao seu amigo alguma outra compensação, mas não poderia prometer a obrigação que ele sugeria. E, portanto, telegrafei a você sobre cem contos de réis, que agora tenho sua autorização para pagar.

Desde a fundação da BRC, em 1906, até 1913, a companhia conheceu um momento de grande expansão, com a incorporação de concessões e empresas. Entre 1914 e 1918, entrou em uma fase de crise, em parte motivada pela recessão causada pela Primeira Guerra Mundial (não esqueçamos que a Europa era o local de captação de recursos de investidores), em parte pelo gigantismo da instituição e provável má gestão. A partir de 1914, a gerência da companhia foi feita por um interventor ou *receiver*, nomeado pela Corte do Maine. Farquhar foi mantido ativo na empresa, pois era útil nas negociações com o Governo. Em 1918, foi afastado da diretoria, mesmo que essa fosse composta por alguns de seus parceiros mais próximos.

Durante os anos 1920, a empresa pautou-se por maior prudência nos negócios. Ao final daquela década, restavam apenas duas ferrovias sob seu controle, a Norte do Paraná e a EFSPRG. Com a Revolução de 1930, o Governo suspendeu o pagamento das garantias de juros, e em 1934, a Companhia teve todo seu ativo expropriado. Um Decreto de março de 1940 autorizou o pagamento de valores para que a empresa saldasse suas obrigações no mercado internacional. Em 1975, a empresa entrou em liquidação voluntária. Terminava assim, de forma melancólica, a grande Companhia que parecia querer engolir concessões e recursos naturais do Brasil.

### Para saber mais

- † Amaral, A. F. **Sindicato Farquhar: força e grandeza. Assalto e conquista. Nacionalismo**. Rio de Janeiro: s/ed., 1915.
- † Espig, M. **Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (1908-1915)**. Pelotas, RS: Editora UFPel, 2011.

- † Lanna, A. L. D. **Ferrovias, cidades, trabalhadores (1870-1920)**. Tese (Livre-Docência em História da Arquitetura). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- † Saes, F. A. M. “Os investimentos franceses no Brasil: o caso da Brazil Railway Company (1900-1930)”. **Revista de História**, São Paulo, n. 119, p. 23-42, 1988.
- † Tomporoski, A. A. **O polvo e seus tentáculos: a Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao planalto Contestado, 1910-1940**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

## Faroeste Caboclo no sertão: o assalto ao trem pagador

João Felipe Alves de Moraes

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: Brazil Railway Company, ferrovia São Paulo-Rio Grande, Trem Pagador, assalto em Pinheiro Preto, processo judicial.*

Quem passeia os olhos pelas fotografias da Guerra do Contestado dificilmente deixa de ter a impressão de que está diante da cena de um filme de faroeste norte-americano. Quando nos aproximamos dos acontecimentos registrados no planalto catarinense, os fatos ganham densidade sobre a imaginação, como se a realidade tivesse se inspirado na ficção. Isso porque, além de um megaempresário norte-americano ser um dos personagens de destaque nas tramas da guerra sertaneja, ela também incluía uma empresa com pomposo nome em inglês e até um assalto às margens de uma ferrovia que poderia inspirar diversos roteiros cinematográficos. O empresário era Percival Farquhar, a empresa se chamava *Brazil Railway Company* e o episódio ocorrido foi noticiado como “o assalto ao trem pagador”.

O assalto ao trem pagador aconteceu em 1909, quando Henrique Baroni, funcionário responsável pelo pagamento dos turmeiros da Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande percorreu o trajeto da ferrovia na altura do que é hoje o atual município catarinense de Pinheiro Preto. Era corriqueiro e organizacional que o responsável pelo pagamento dos funcionários saísse de Ponta Grossa, no Paraná, e passasse pelas residências dos engenheiros da ferrovia efetuando o pagamento das turmas de trabalhadores. Naquele ano, a construção da ferrovia estava a todo vapor, tendo sido concluído o trajeto até a recém-inaugurada estação de Rio das Pedras, região central da atual cidade de Videira.

Baroni fez esse trajeto como de costume, se deslocando entre as residências pelo trem da companhia. Em função dos riscos de transportar dinheiro em espécie em grande quantidade, o funcionário, popularmente chamado de pagador, levava consigo três guardacostas e o pessoal do engenheiro correspondente da residência a qual passava. O pagamento era feito a um taifeiro que, por sua vez, repassava os dividendos para homens sobre sua responsabilidade, ou seja, era uma espécie de terceirização do trabalho no início do século XX. Se havia vantagem para a empresa e para alguns taifeiros, havia também um laço de obrigação e confiança entre os últimos, rompê-lo comprometeria não apenas o trabalho, mas sim, todas as demais relações sociais e políticas por ele construídas. Isso porque, os homens que confiavam no líder, depositavam nele não apenas a confiança no trabalho da estrada de ferro; geralmente o acompanhavam em lidas no campo, em pendências políticas e até em questiúnculas pessoais, como casos de vingança e questões de honra envolvendo um ou outro membro do grupo. A alguns taifeiros caberia, portanto, uma obrigação moral para com seus homens. O atraso ou uma irregularidade no pagamento das tarefas comprometia mais o sujeito que deu sua palavra na contratação do serviço, que a empresa responsável pela construção da estrada de ferro.

Nesse período, as diárias eram pagas com vales, pois muitos dos taifeiros, na gíria popular, “passavam a perna” em seus funcionários. Esses vales eram adiantados diretamente aos trabalhadores, o que retirava parte do poder exercido pelos chefes das turmas. Eles eram usados como uma forma de adiantamento do salário em espécie. Muitas vezes chegava ao fim do trabalho e quase todo o pagamento já havia sido gasto em produtos com preços supervalorizados. Alguns taifeiros reclamavam que não era possível pagar completamente seus funcionários por conta dessa política de adiantamento através de vales, pois implicava um sistema misto: incentivava os turmeiros a gastar em produtos – o que era difícil do taifeiro controlar – e, por outro lado, deixava ao chefe a tarefa de dar a péssima notícia sobre o que sobrou para ser pago no fim do mês. Diante dessa estratégia astuta de endividamento/pagamento, não eram raros os casos de confusão na hora de acertar os dividendos no fim do mês.

Apesar das rusgas pontuais, do ponto de vista empresarial, o sistema de prestação de serviços adotado pela *Brazil Railway* funcionava razoavelmente bem, até que em 24 de outubro de 1909 a rotina do pagamento da estrada de ferro foi interrompida por um

episódio singular: um assalto espetaculoso que virou manchete nos jornais do país.

Ao passar pela casa de José Antonio de Oliveira, mais conhecido como Zeca Vacariano, o comboio do pagador foi abordado por seu proprietário, que exigia uma conversa com o responsável pelo levantamento das tarefas e o dividendo final destinado a cada chefe de turmeiro. O engenheiro Ernesto Kayser, como era denominado, desceu do trem para atender ao chamado de Vacariano e deixou que o comboio seguisse viagem. Pelas contas levantadas por ele, a empresa não tinha nem um centavo a mais para repassar ao grupo, alegando que todas as dívidas já haviam sido quitadas, por meio da emissão de vales.

Descontente com a explicação e discordando da prestação de contas, Vacariano colocou em prática um plano que desencadeou uma espetacular aventura na região. Ao abandonar a casa em que palestrava com Kayser, o chefe dos turmeiros disparou sua arma de forma a dar o sinal para seus companheiros irem à busca do comboio do pagador que estava em movimento. Dessa forma começou o assalto em estilo “faroeste caboclo”, porém, o cenário não era as longínquas terras do oeste americano, mas o planalto catarinense.

Como forma de garantir o bom andamento do assalto, parte dos descontentes com a lógica de trabalho se dirigiu à linha telefônica para rompê-la, impedindo o contato com a vila, enquanto outro grupo foi em perseguição do pagador. Algumas controvérsias nos fatos narrados deixam em dúvida sobre a utilização de um trem pelo pagador, os jornais da época relatam que era uma engenhoca parecida com uma vagonete. Na sequência dos fatos, todos muito rápidos, o pagador Henrique Baroni e seus três colegas foram surpreendidos por um grande contingente de homens armados. Esses homens passaram a trocar tiros com os defensores do pagador, que, um a um, foram caindo ao chão. Guilherme e Meneses, que eram seguranças do pagador, morreram no primeiro momento, resultado dos diversos tiros recebidos; enquanto o terceiro, Lino Ferreira, tentou seguir tocando o comboio, mas perseguido e baleado pelos assaltantes, teve que fugir e salvar sua vida. Baroni, percebendo que não teria como resistir, abandonou o carregamento com as canastras de dinheiro e se escondeu na encosta do rio do Peixe.

Mesmo em posse do comboio, os assaltantes necessitavam das chaves para recuperar o dinheiro que abrigavam, por isso, fazia-se necessário ir em busca de Baroni e dele sequestrar as chaves. Como

estratégia de obrigar o pagador sair de seu esconderijo, Vacariano enviou o engenheiro para buscá-lo, possivelmente o incumbindo da obrigação de fazê-lo colaborar com a entrega das chaves, sob pena de morte. Depois de vários chamados, Baroni saiu de seu esconderijo, entregando assim, as chaves para os assaltantes. O fruto do assalto foi 358 contos de réis. O valor sequestrado pelos trabalhadores era muito elevado, sendo dez vezes maior do que a possível dívida cobrada por Vacariano perante a companhia.

A execução sumária dos funcionários da ferrovia era um elemento esperado, pois ambos viram os rostos de todos os assaltantes, além de os conhecerem pessoalmente, pois com eles tinham um contrato de trabalho. Mas tal a nossa surpresa, suas vidas foram poupadas. Mesmo sendo desejo de seus comparsas, Vacariano impediu a execução, deixando registrado que nada tinha contra os funcionários. A pendência, afirmava, era tão somente com a empresa, o que denuncia que o roubo tinha um alvo direto: a *Brazil Railway Company*, ou mais precisamente, a forma como ludibriava os trabalhadores no momento de pagar pelos serviços prestados.

Com o fim do episódio a polícia começou a busca pelos responsáveis. Uma empresa do porte da *Brazil Railway* não poderia deixar um acontecimento dessa natureza impune, pois mais do que o dinheiro, estava em xeque sua própria credibilidade e a forma como ela administrava seus negócios. Tanto era o poder dessa empresa que o construtor da ferrovia, o senhor Achilles Stenghel, por meio de contatos com o Governo Federal conseguiu que um destacamento do exército nacional fosse até a região para pôr fim aos denominados “bandoleiros”. O cerco estava armado, diversos eram os grupos empenhados na caça dos assaltantes: o exército nacional, as forças policiais paranaenses e catarinenses e os capangas da companhia liderados por Stenghel. O objetivo era apenas um: dar fim aos homens que empreenderam a ousada tarefa de cobrar pelos serviços prestados, para que outros não viessem desafiar a forma como a empresa conduzia seus negócios. O medo estava instaurado, pois os grandes jornais do sul do país noticiaram sobre a formação de grupos de criminosos nas terras contestadas, reacendendo novamente as disputas de limites entre Paraná e Santa Catarina, ao passo que as forças policiais dos dois estados se dirigiram para a região.

Ao consultar os autos do processo judicial elaborado para criminalizar os responsáveis por esse episódio, é possível especular que o plano de assaltar o trem pagador não foi obra de momento.



Ele deve ter sido minuciosamente premeditado e, para isso, Vacariano possivelmente acionou uma rede de relações políticas, além de ter contado com a simpatia e conivência de muitos outros turmeiros e seus chefes. Homens que, como ele, sofreram cotidianamente com os desmandos da empresa e a exploração do trabalho. Uma pista para esta hipótese está presente nos relatos colhidos durante o julgamento do caso, mas também no próprio fato de Vacariano ser preso somente quase dez anos depois do assalto. Vamos acompanhar os detalhes do julgamento, tal como aparece no processo judicial.

Os ajuntamentos militares, policiais e civis não tiveram muita sorte em encontrar os criminosos, mesmo que a soma dos acusados fosse de quase 30 homens. Alguns relatos apontaram que o bando havia se destinado ao Rio Grande do Sul, enquanto os jornais afirmavam que eles haviam ido para a Argentina. Um dos acusados – o auxiliar na administração dos negócios de Vacariano – de nome José Calábria, foi encontrado alguns meses após o fato, mas como nenhuma prova concreta foi levantada, este foi solto.

O processo judicial ficou até 1918 sem novos avanços, quando finalmente encontraram outro dos seus réus, que foi reconhecido por diversas testemunhas que viram o crime. Seu nome era João Mariano. Preso no distrito de Erval, em Campos Novos, João Mariano era de extremo interesse da promotoria local, que buscava impacientemente prender um dos responsáveis pelo assalto. O júri indicado para julgar o seu envolvimento o absolveu, possivelmente por este ter apenas 12 anos na época do crime.

A busca por Vacariano nunca cessou, e talvez o conflito armado do Contestado tenha atrapalhado sua localização, isso porque a região viveu anos difíceis de conflagração de guerra. Apenas no final do ano de 1918, ele foi preso, sendo encontrado em um distrito da própria vila em que recolhera o dinheiro para pagar seus homens, o que na perspectiva da justiça era rotulado como crime e na imprensa bandoleirismo puro. A lentidão do processo, assim como sua prisão sugerem que ele se sentia protegido e amparado, não se dando ao trabalho de abandonar suas terras.

Apesar de todas as pressões, Zeca Vacariano foi absolvido da acusação. Quais os fatores responsáveis pelo relaxamento do “assalto” que cometeu?

Em 1909, Zeca Vacariano era um negociante em ascensão na região de Campos Novos, tinha diversos capangas a seu serviço, mas

não possuía tamanho poder político como os grandes fazendeiros. Alguns indícios encontrados em seu processo crime sugerem possíveis laços de amizade com alguns coronéis da região, entre eles Henrique Rupp, um agrimensor e político importante de Campos Novos, cujo nome familiar cumpriria importante papel no desfecho da Guerra do Contestado; o outro, não menos importante, foi o coronel da Guarda Nacional e principal braço civil do exército brasileiro que reprimiu o movimento, Fabrício Vieira; e o terceiro foi Maximino de Moraes, fazendeiro de Curitiba e taifeiro da estrada de ferro, que também atuou como vaqueano na repressão dos caboclos.

Na véspera do assalto, dormiu na casa de Vacariano um homem chamado Afonso Inácio Cruz, um comerciante de Palmas que aparentemente teria uma dívida a cobrá-lo. Por este motivo, ele acabou virando suspeito no crime. Para tentar se desvencilhar de acusações que chegaram a ser formalizadas contra ele, Afonso contribuiu com relatos bem minuciosos sobre Zeca Vacariano, tal como, o reproduzido abaixo:

Ao chegar João Pinheiro, a casa de Vacariano, entregando-lhe uma carta, este perguntou a Pinheiro; como vai o compadre? Ao que Pinheiro respondeu que ia bom; que a noite quando já se achava acomodado, ouvira uma voz perguntar a Vacariano se não [havia] perigo, ao que Vacariano respondeu que não pois que contava com o auxílio do coronel Henrique Rupp, o qual já tinha gente e armamento preparados e no Porto União da Vitória já estava também o coronel Manoel Fabrício e que este ainda o valeria no Rio Grande do Sul, para onde telegrafaria.

A citação de Henrique Rupp levou o poder público de Campos Novos a investigar o caso para além do distrito de Rio das Pedras, ao qual foi cometido o assalto. Foram inquiridos a testemunhar dois tipógrafos da vila de Campos Novos, os quais relataram que viram oito carabinas *comblain* em um armazém. Curiosos com a presença do armamento perguntaram ao comerciante a quem aquelas armas pertenciam, ouvindo como resposta, que elas eram de Zeca Vacariano. As testemunhas ainda afirmaram ter visto o coronel Henrique nas redondezas naquele mesmo dia, buscando associar o coronel às armas.

O coronel Fabrício, por sua vez, era conhecido por ter muitos capangas a seu serviço e por estar ligado aos mais diversos delitos na região, entre eles, grilagem de terras, roubos, suspeita de emissão

de moedas falsas e assassinatos. A amizade de Zeca Vacariano com o coronel foi relatada por diversas testemunhas. João Keche, taifeiro da estrada de ferro, afirmou que Antônio Pinheiro e João Camilo haviam chegado na casa de seu vizinho, La Cruz, dois dias antes do assalto, sendo ambos camaradas do coronel Fabrício. Os forasteiros declararam estar seguindo ao Rio Grande do Sul, viajando somente durante a noite para não serem identificados. Além de serem vistos com Vacariano na véspera do assalto, João Camilo e Antonio Pinheiro foram reconhecidos pelo engenheiro Kayser como homens que compunham o grupo que assaltou o pagador.

Outra referência a esses dois comparsas foi a vinculação de Vacariano com Fabrício Vieira relatada por José Calábria, outro indiciado pelo crime. Calábria afirmou que os dois capangas do coronel Fabrício foram vistos junto com Vacariano na casa de Horácio Lopes, dias após o assalto. A casa de Horácio Lopes ficava no caminho para o Rio Grande do Sul, o que nos fez perguntar sobre o auxílio que Fabrício Vieira lhe valeria naquela região. Até mesmo as armas utilizadas pelo grupo de Vacariano ligavam seu nome ao do poderoso coronel. Outro depoente, de nome Pedro Telles de Alcântara, confessou que havia guardado diversas armas que pertenciam a Fabrício Vieira em sua casa, as quais foram levadas alguns dias antes do referido assalto. As provas da participação de Vieira, ou pelo menos de homens do seu bando, nesse assalto eram quase indubitáveis.

A terceira associação entre Vacariano e homens poderosos do planalto catarinense aparece nos depoimentos de Izac dos Santos Souza e Domingos Custódio Rosa; o primeiro, um comerciante do Paraná e o segundo camarada da ferrovia. Izac informou que ouviu de um sobrinho do coronel Maximino de Moraes que este havia ido até Limeira negociar o pagamento do serviço de sua empreitada, não havendo sucesso no recebimento. A narrativa de Izac fica mais interessante, quando este relata que ouviu dizer, por parte do parente do coronel, que haveriam eles de qualquer forma receber o pagamento pelo trabalho. Domingos Custódio Rosa confirmou a versão de Izac ao informar que Maximino e Zeca iriam “se cobrar da Companhia”, ou seja, iriam se vingar e recuperar o que lhes era devido.

Diante da relação mantida por Vacariano com homens tão poderosos, aparentemente qualquer penalidade que sofresse poderia respingar nos coronéis. Era uma trilha complexa e perigosa de ser seguida pela justiça e até mesmo pela poderosa empresa responsável pela construção da estrada de ferro, mesmo porque, muitos desses

homens também mantinham negócios com a *Brazil Railway*. Além disso, fica patente que o assalto planejado por Vacariano fazia parte de um descontentamento originado pela forma como os pagamentos aos trabalhos eram realizados, ou seja, não se tratava apenas de uma questão pessoal com o grupo de Vacariano, mas uma política de exploração do trabalho que atingia a todos os chefes de turmas da ferrovia. Tais vínculos podem servir de pista para a tardia prisão de Vacariano, mas não justifica sua absolvição diante de um “crime” cometido à luz do dia, com testemunhas que presenciaram o feito e o reconheceram.

Além da associação com poderosos homens da época, dois outros fatores podem ter influenciado na votação do júri da comarca de Campos Novos, que decidiu inocentar o acusado. Um deles é a mudança no tabuleiro do poder. Entre o ataque ao trem pagador em 1909 e a prisão de Zeca Vacariano em 1918, a região do planalto catarinense cortada pela Estrada de Ferro *Brazil Railway* foi incendiada pelo conflito rebelde da Guerra do Contestado. Nesse momento, alguns homens que atuavam como turmeiros se aliaram aos rebeldes, outros aos vaqueanos.

O segundo fator foi registrado, ainda que de forma ligeira, no processo: a ideia de que o assalto foi feito com o único objetivo de Vacariano saldar as dívidas de trabalho empenhadas em seu nome com as turmas sob sua responsabilidade. Era sua honra diante dos homens, além da justiça em garantir o pagamento pelos serviços prestados, que teria movido sua façanha digna de um filme *hollywoodiano*. Como argumento favorável a essa hipótese, alguns depoentes relataram o fato de Vacariano ter distribuído irmanamente o dinheiro recolhido e não ter se beneficiado pessoalmente com o assalto, visto que, para alguns, ele viveu na pobreza mesmo depois do assalto ao trem pagador. Melhor explicação para isso são as palavras de Horácio Lopes ao recebê-lo em sua casa, narradas por José Calábria: “Aqui está o Zecca Vaccariano, bandido, e fez o que o meu coração sentia” e “em seguida tirava o dinheiro de um saco e começou a fazer pagamento a seus credores”.

Muitos são os símbolos envolvidos nesse episódio cinematográfico da história catarinense. Para alguns, apenas mais um grão de areia em meio a tantos crimes que assolaram aquela região interiorana; para outros, um caso de heroísmo praticado por um justiceiro contra a locomotiva do progresso. Para além disso visualizamos um contexto de relações políticas e sociais pautadas na liderança e honra, de homens que muitas vezes estavam na linha tênue do poder ou estando em sua

margem. As memórias sobre Vacariano ainda permanecem entre os moradores da região, que recordam sua façanha e destreza como um feito que não deve cair no esquecimento.

### Para saber mais

- † Dallanora, C. **Conflitos no ex-Contestado: coronelismo e bandoleirismo numa região de fronteira**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- † Espig, M. J. **Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (1908-1915)**. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Publicada com o mesmo título pela Editora da UFPE (2011).
- † Machado, P. P. **Lideranças do Contestado: a formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- † Peixoto, D. **A Campanha do Contestado**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. (Coleção Farol do Saber)

## Percival Farquhar: uma trajetória de embates

Carlos Eduardo Collet Marino

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: Primeira Guerra Mundial, Doutrina Monroe, quackerismo, imperialismo e industrialização nacional.*

**A**udacioso, desonestíssimo, indecoroso, desastroso, visionário, propulsor do progresso e grande industrial são algumas entre as diversas caracterizações destinadas a Percival Farquhar encontradas nas páginas dos jornais brasileiros nos primeiros anos do século XX. Considerado por uns um voluntarioso e verdadeiro *business man* e por outros um polvo astuto tentando sua vítima para melhor poder lhe sugar a vida ou dominar em absoluto seus movimentos, Farquhar desempenhou papel central em um conjunto inesgotável de tensões e disputas ocorridas enquanto esteve à frente de empresas que operaram simultaneamente em diversos países americanos.

Principal sócio e fundador da *Brazil Railway*, empresa que controlava a exploração dos territórios do sul do país por meio da *Southern Brazil Lumber and Colonization* e da *Brazil Land, Cattle and Packing Company*, Farquhar estaria intimamente relacionado às disputas por posse de terra e à eclosão da Guerra do Contestado, tornando-se um importante aliado das forças nacionais na repressão brutal ao levante popular. À frente da empresa, garantiria a circulação ampla das tropas do exército por ramais ferroviários, bem como a provisão de alojamento para os combatentes nas propriedades de sua Companhia. Além disso, por meio das imagens produzidas pelo fotógrafo sueco Claro Jansson à cargo da companhia, Farquhar fomentaria a realização e veiculação de registros fotográficos que estamparam o desfecho do levante, destacando a derrota dos camponeses e a afirmação simbólica de determinadas instituições republicanas nas páginas de diversos jornais no Brasil.

Ao longo de mais de 40 anos, sua trajetória articula a uma só vez o processo de urbanização e estruturação territorial à afirmação política dos países latino-americanos; à migração de capitais e enormes contingentes populacionais ao continente; à constituição de marcos regulatórios de determinadas atividades econômicas; ao processo de afirmação de elites regionais; ao avanço da influência dos Estados Unidos ao redor do globo, à eclosão de violentos conflitos populares, à estruturação de novos hábitos e costumes, permitindo, pois, lançar luz sobre inúmeros aspectos fundantes da concepção e experiência de modernidade nos países situados ao sul do continente americano.

Nascido em York, no estado da Pensilvânia, em outubro de 1864, Percival Farquhar pertencia a uma bem estabelecida família quacre, cuja riqueza se originara na produção de máquinas e motores para a exploração agrícola vendidos nos Estados Unidos e em diversos países americanos. Os quacres formavam um grupo cristão de origem inglesa que se organizavam entorno de “sociedade de amigos” e rejeitavam qualquer organização clerical ou a atuação de autoridades religiosas. Esse grupo migrou em massa para os Estados Unidos a fins do século XVII. Ser descendente de quacre, portanto, significava estar imbuído numa ética de negócios como parte de um discurso religioso ascético, fato que ajuda a situar a trajetória de Farquhar para além da estrutura econômica, também em termos socioculturais.

Arthur Briggs Farquhar, patriarca da família, além de fundador da exitosa indústria familiar, possuía grande trânsito político e econômico dentro dos Estados Unidos e ocupou o cargo de vice-presidente da Câmara de Comércio dos Estados Unidos, onde buscou fortalecer as relações comerciais do país com demais mercados internacionais. Um ano após concluir sua formação em engenharia mecânica na Universidade de Yale, em 1885, Percival Farquhar se tornou sócio da empresa de exportação de seu pai, mudando-se para Nova York e realizando viagens frequentes ao sul dos Estados Unidos e a Cuba. Este país se tornaria um dos destinos recorrentes das máquinas agrícolas produzidas pela indústria de sua família. Além da atuação junto à empresa de seu pai, por meio da qual viria a conhecer e tratar com inúmeras figuras importantes (como o prefeito de Nova York, Hugh J. Grant, o milionário de *Wall Street*, Samuel Thomas, e a herdeira do império Vanderbilt, Mrs. W. K. Vanderbilt), nos anos que se seguiram à sua mudança a Nova York, Farquhar passou a acumular um conjunto de postos políticos que lhe garantiram

cargos em comissões bancárias, legislativas e militares da cidade. Sua circulação ampla nos grupos das elites locais (políticas e econômicas) permitiu ainda que tecesse conexões que o aproximariam de vez com o mercado financeiro internacional e com a indústria ferroviária e de provisão de serviços urbanos, ambos em expansão e profunda associação naquele período.

Em fins do século XIX, Farquhar expande sua atuação pelas Américas, começando por operar ramais e linhas ferroviárias em Cuba – que então era governada pelo governo militar estadunidense –, e rapidamente espraiando seus negócios para Guatemala e posteriormente Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia. O vasto território americano passava a ser entendido naquele momento como uma nova fronteira capaz de garantir a expansão do mercado financeiro e nesse processo foi definido por Farquhar como um campo natural para a aplicação (e acumulação) de capitais estrangeiros.

A partir do ano de 1904, Farquhar dirigiu de maneira intensa seus interesses econômicos ao Brasil. Suas atividades tiveram início na cidade do Rio de Janeiro, onde fundou empresa dedicada à provisão de serviços urbanos que incluíam desde o transporte por bondes à iluminação pública. Nessa empreitada teve como parceiros Frederick Stark Pearson, Alexander Mackenzie e apoio dos banqueiros canadense Willian van Horne da *Canadian Pacific Railway*. Junto ao estadunidense W. Lanman Bull criou a *Rio de Janeiro Light & Power Company*. Com exceção de Mackenzie, as demais figuras já eram antigas conhecidas de Farquhar, com as quais já havia trabalhado em Cuba onde se dedicaram à provisão de serviços urbanos em Havana e à construção e operação de uma ferrovia com cerca de 570 km que conectaria as cidades de Santa Clara a Santiago de Cuba, no oeste da ilha. Sua atuação na cidade do Rio se estendeu rapidamente aos estados da Bahia, Pará e Amazonas, onde também controlaria a oferta de serviços urbanos, bem como o controle portuário e a construção de ramais ferroviários.

Em 1906, fundou juntamente com o banqueiro francês Hector Legru, entre outros associados, a *Brazil Railway Company*, empresa que se tornaria a principal companhia de exploração dos territórios do sul do país e do continente. A empresa foi formada a partir de capital adquirido na França, Bélgica, Inglaterra e Alemanha e teve seus marcos legais definidos a partir do arcabouço legal do estado do Maine nos EUA, que permitia a estruturação da companhia majoritariamente a partir de debentures e demais títulos e ações de crédito. O seu principal objetivo era consolidar e interconectar a trama ferroviária ao sul do



continente, que até o momento operava um traçado desconexo e com o uso de tecnologias variadas que impossibilitavam uma circulação plena. Pretendia-se, dessa forma, criar um sistema ferroviário panamericano, que desempenharia papel crucial na expansão territorial e na criação de novos polos de desenvolvimento do continente.

A exemplo do ocorrido na estruturação ferroviária dos Estados Unidos e Canadá, a empresa buscava gerir e construir ramais de ferro, e, por meio deles, atrair e criar capitais e investimentos capazes de consolidar o tráfego, expandir o mercado e conquistar e definir novos territórios e territorialidades. Para tanto, a *Brazil Railway* assumiu o formato de uma *holding* cuja complexa estrutura era composta por ramos operacionais variados e interdependentes: extração e produção agrícola e pecuária, provisão de transporte fluvial regional, operação e controle de estruturas portuárias; montagem e provisão de uma rede de serviços e melhoramentos urbanos, operação de serviços hoteleiros; administração de contingentes populacionais e migratórios por meio de empresas colonizadoras; operação e construção de ramais ferroviários. Mais que um braço das demais atividades, as ferrovias viabilizaram e incrementaram as atividades econômicas realizadas pelo grupo servindo como canal de escoamento e circulação de bens e trabalhadores, e provocando mudanças cruciais na paisagem, nos hábitos e costumes, ampliando as fronteiras do processo de urbanização em curso no Brasil bem como em seus países vizinhos.

O modelo utilizado na estruturação da empresa (usado repetidamente na formação das demais empresas subsidiárias e empreendimentos que mais tarde se conheceriam como *Syndicato Farquhar*) se conformaria a partir da articulação entre o mercado de capitais europeu com o marco regulatório estadunidense e com os pactos realizados com os governos nacionais, responsáveis por garantir a vitalidade econômica do grupo através de uma política de juros e subsídios, e de concessão praticamente inesgotável de terras. A ele, soma-se a mobilização estratégica da origem quacre de Farquhar, sua herança familiar industrial e sua nacionalidade estadunidense. Em um princípio, reiterados como traços distintivos, vantajosos para sua ampla circulação social e política, esses aspectos desempenharam importante papel simbólico para a legitimação das atividades realizadas pelo grupo. Em contraposição à suposta preguiça, à disposição à vagabundagem e à corrupção, características descritas como inerentes aos demais sul-americanos, profundamente associadas ao conjunto de discursos raciais discriminatórios então

em voga e atrelados aos processos de constituição das ditas novas e frágeis repúblicas situadas ao sul, Farquhar despontaria como grande empreendedor, um verdadeiro titã, um midas americano que com o apoio financeiro de Paris, Londres e Bruxelas, seria capaz de alçar o continente ao progresso.

Entre os anos de 1906 e 1913, o conjunto de empresas de Farquhar enfrentou uma fase de enorme expansão territorial, financeira e setorial. Tal crescimento viria paradoxalmente acompanhado de um também crescente combate à sua realização plena. Inicialmente esse combate foi liderado por membros de elites regionais, que frente à atuação do estadunidense e seus sócios, se viram ameaçados em perder o controle exclusivo de suas variadas atividades econômicas. Dentre eles destacam-se a marcante disputa entre Farquhar e a família Guinle pela provisão de serviços urbanos em São Paulo e Salvador e pelo controle do porto no Rio de Janeiro, bem como a disputa com os ingleses em torno do controle da ferrovia que conectava São Paulo ao porto de Santos, responsável pelo escoamento de praticamente todo o café produzido no estado. Lentamente esses conflitos foram substituídos por um combate amplo à intervenção norte-americana na economia latino-americana, e Farquhar foi associado ao voraz apetite imperialista dos Estados Unidos por todo o continente americano.

A partir da década de 1910, em países como Brasil, Chile e Argentina, a atuação do grupo foi intensamente combatida nas páginas dos jornais e em sessões acaloradas nas respectivas assembleias legislativas, engajando um público amplo em discussões que abrangiam das definições da Doutrina Monroe ao papel do Estado nas definições de um arcabouço legal para a exploração econômica. A despeito da enorme migração, que naquele momento era responsável pelo crescimento de cidades como Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, forjaram-se preceitos e princípios nacionalistas que estruturaram as bases de afirmação de cada país e que questionaram o amplo controle econômico de Farquhar, cuja atividade passou a ser interpretada como ameaçadora da soberania nacional. Nesses anos, ocorreu, portanto, uma transformação significativa na mobilização de marcos simbólicos que legitimariam ou não a atuação do capitalista no sul do continente, e que serão frequentemente recuperados em distintos embates travados ao longo das décadas consecutivas.

A eclosão de conflitos como o Contestado, as recorrentes sanções impostas pelos governos nacional e estrangeiros às empresas *Amazon Development Company* e a *Amazon Land & Colonization Company*,

as constantes fugas de trabalhadores estrangeiros e nordestinos envolvidos na construção da ferrovia Madeira-Mamoré, além da denúncia das mortes de centenas de trabalhadores na região amazônica; ainda que sejam aspectos parcialmente marginalizados na discussão historiográfica ou invisibilizados ao grande público a seu tempo, exibem capítulos importantes da resistência às operações econômicas e aos métodos e modelo de desenvolvimento propagados pelo grupo.

A isso soma-se a distância cada vez maior entre os crescentes ganhos econômicos de Farquhar e de suas empresas às suas parcas realizações. Das ferrovias planejadas poucas foram efetivamente concluídas, sendo frequentemente alvo de críticas. Os traçados sinuosos dos ramais, bem como os longos prazos para sua construção, passaram a ser apontados como mecanismo para o acúmulo de terras, e justificativa para o aumento da oferta de subsídios estatais e conseqüente diminuição dos repasses e ganhos destinados ao Estado.

Após um ciclo de crescimento, o conjunto de empresas de Farquhar enfrentou uma forte crise associada ainda à derrocada do mercado de capitais europeus e à eclosão da Primeira Guerra Mundial. Em outubro de 1914, a *Brazil Railway* realizou um pedido de recuperação judicial, ao qual sucedeu a renúncia de Farquhar à sua presidência, cargo que seria desempenhado pelo administrador, banqueiro e diplomata estadunidense William Cameron Forbes até 1919, quando se encerrou o processo de recuperação. Nesse processo, grande parte das subsidiárias pertencentes ao grupo foi fechada ou repassada ao controle estatal. As razões do fracasso de sua operação incluem diversas justificativas, entre elas, o uso indiscriminado da política acionária, a ação especulativa do grupo, somado ao crescimento rápido e irrestrito dos ramos operacionais da empresa e da velocidade de compra, por vezes mal avaliadas, de empresas existentes. Durante esses anos, extensos relatórios acerca dos bens controlados pela empresa são produzidos, e permanecem como importante fonte documental.

Em 1916, Farquhar deixou o Brasil retornando aos Estados Unidos. Seu afastamento seria, no entanto, breve. Simultaneamente ao desempenho das atividades já retratadas, ele vinha, desde 1912 dedicando tempo e estudos ao processo de industrialização do carvão e da siderurgia que se apresentariam como renovado foco de exploração econômica no país. Frente à constituição nacional de marcos regulatórios que fomentavam a industrialização do minério em solo nacional, Farquhar apresentou, em 1919, um plano de participação da atividade mineradora em Minas Gerais que incluía seu beneficiamento

e a circulação dos produtos por ferrovias até o cais de Santa Cruz no Espírito Santo. Desde 1909, grupos estrangeiros controlavam jazidas de minérios e seu escoamento através de ferrovias que ladeavam o rio Doce; foi somente em 1920 que Farquhar, por meio da *Itabira Iron Ore Company* ingressou no setor por meio da incorporação de estruturas existentes e de contrato assinado com o governo federal que definia as balizas para a operação da empresa.

Ainda que com apoio federal, a empresa sofreu com a forte resistência dos poderes estaduais e com a baixa adesão do mercado de capitais europeus, gerando uma paralisia quase completa das atividades do grupo. Novos contratos foram assinados reiteradamente ao mesmo tempo em que um conjunto de normativas e comissões foram criadas pelo país para regular a exploração extrativista e legislar sobre o processo de industrialização nacional. Novamente Farquhar vê suas atividades situadas no meio de uma arena de interesses e disputas. A empresa efetivamente põe fim às suas operações em 1939 e parte dos seus bens é passado a outra empresa, fundada por Farquhar, dessa vez em associação com capital nacional. A empresa atuaria brevemente sendo incorporada depois de poucos anos à recém-criada Companhia Siderúrgica Nacional. Entre os anos de 1946 e 1950, Farquhar concentraria seus esforços na atuação da Companhia de Aços Especiais Itabira, também atuante no ramo da siderurgia.

Farquhar permanece no Brasil praticamente até sua morte, residindo no imponente edifício Biarritz na orla do Flamengo no Rio de Janeiro. Falece nos Estados Unidos aos 89 anos (dos quais cerca de 47 vividos no Brasil) após a realização de uma cirurgia cerebral para o controle da paralisia provocada pelo Parkinson. Deixa em vida sua esposa Cathya Farquhar e três filhos, um dos quais – Donald Farquhar – permaneceria vivendo no Brasil. Sua biografia, publicada pelo historiador Charles Gauld em meados da década de 1960, mesmo que pouco questionadora e excessivamente laudatória, permanece ainda hoje como referência fundamental para a reconstrução de sua trajetória, compilando entrevistas e um importante conjunto documental recolhidos junto a Farquhar e sua família durante anos de pesquisa. Entender, no entanto, sua trajetória, em consonância com a estruturação de múltiplas territorialidades, evidenciando seu papel e participação em acirradas disputas nos países onde atuou permanece um desafio até os dias de hoje.

## Para saber mais

- † Gauld, C. A. **Farquhar, último titã**. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.
- † Hanson, S. G. “The Farquhar Syndicate in South America”. **The Hispanic American Historical Review**, v. 17, n. 3, p. 314-26, 1937.
- † Saes, F. A. M. **A grande empresa de serviços públicos em São Paulo: 1850-1930**. Tese (Doutorado em História Econômica). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.
- † Singer, P. “O Brasil no contexto do capitalismo internacional, 1889-1930”. In: Fausto, B. (org.) **História geral da civilização brasileira**, v. 8. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1977. p. 345-90.

## O processo de limites do Contestado no Supremo Tribunal Federal

Matheus Fernando Silveira

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: questão de limites, fronteiras naturais, Uti Possidetis, Supremo Tribunal Federal, acordo político.*

O Contestado gerou, além e antes da guerra, um grande processo judicial. Contudo, não assim, de repente. Antes, muito antes, os estados de Santa Catarina e Paraná fizeram uma série de debates políticos e administrativos intermináveis (que remontam a origem das províncias), sempre sem solução. Havia grande interesse nesse pedaço do território brasileiro de 48 mil km<sup>2</sup>. Para Santa Catarina, isso representava quase metade do território, praticamente todo o meio-oeste e oeste do estado. Já para o Paraná, representava quase todo o cordão sul do estado, cerca de 25% do seu território total. Era uma região pouco urbanizada, rica em madeira nobre dos pinheirais e no chamado “ouro-verde”, ervas naturais de onde se extraía a erva-mate, produto muito valorizado. Era uma terra contestada, não apenas entre os interesses políticos dos dois estados, mas também reivindicada por lideranças políticas locais como “coronéis” fazendeiros; cobiçada por grupos empresariais nacionais e estrangeiros, interessados em loteamento e extrativismo; e ocupada pelos indígenas e caboclos que lá viviam desde tempos imemoriais.

Assim, é compreensível que exista a disputa, e é justamente onde praticamente todos os estudos sobre o Contestado começam: na questão de limites entre os estados de Santa Catarina e Paraná. A maioria dos pesquisadores sérios (e alguns dos não-tão-sérios) costuma encerrar suas introduções com um destaque especial na medida final dos estados para a tal questão de limites: um processo judicial para decidir com quem ficava a terra. A maioria das pesquisas também

diz como, apelar para o judiciário, inflamou o clima de tensão e a própria Guerra do Contestado, mesmo que esta guerra não fosse de um estado contra o outro, e sim um movimento plural e revolucionário das populações locais. Assim, é um pouco sobre esta disputa judicial, sobre a contestação do Contestado – sempre mencionada, mas pouco analisada – que falarei aqui, e pensando numa via inversa: a Guerra do Contestado e a situação sociopolítica da época influenciou o processo?

Este tal processo tem número e apelido: Ação AOr-07:STF (1900-1916), chamado carinhosamente de “processão” pelos pesquisadores do museu do Tribunal de Justiça de Santa Catarina. Isso porque é um dos maiores processos da República antes da era da informática, com cerca de duas mil páginas! O AOr-07 está atualmente arquivado no Supremo Tribunal Federal (STF), e tem local de destaque na sessão histórica do site oficial do Supremo. Além disso, foi parcialmente digitalizado pelo Tribunal de Justiça do Paraná e também pelo de Santa Catarina. O AOr-07 foi proposto por Santa Catarina (estado Autor) em 1900, solicitando intervenção do Judiciário para a decisão definitiva sobre o limite territorial com o estado do Paraná (estado Réu). Assim, o processo tem começo antes da Guerra do Contestado (1912-1916), mas, não por acaso, o fim da luta armada é combinado com um Acordo Político (1916) que encerra também o conflito nos tribunais.

O Acordo de 1916, apesar de ter demorado para sair, é extremamente curto: apenas dez artigos, em oito páginas. Contudo, foi extremamente celebrado, como um pacto patriótico exemplar: nada menos que 116 testemunhas ilustres da elite política brasileira da época assinaram o documento, e a resolução do conflito ganhou as páginas de jornal em todo o país. Na decisão final, Santa Catarina ficaria com quase 30 mil km<sup>2</sup> dos 48 mil km<sup>2</sup> em disputa no Contestado. E do dia para a noite, algumas cidades foram rachadas no meio pelo Acordo, talvez nenhuma de forma mais literal que Porto União da Vitória (Porto União passou a ser o nome catarinense e União da Vitória, o nome paranaense). Mas e os sertanejos e indígenas? Bom, certamente eles não foram consultados nessa negociação.

Os processos jurídicos, mesmo muitas vezes parecendo distantes de uma realidade concreta, dialogam bastante com ela. Na verdade, a própria existência desta ação judicial específica ajuda a consolidar essa ligação. Basta pensar na técnica jurídica: o termo Contestação é justamente o nome oficial do documento de um processo que responde a uma denúncia (documento que inicia um processo). É a resposta (que todos queriam dar) para uma alegação sobre propriedade de terra (que

todos queriam fazer). E esse termo ajudou a selar de uma vez por todas o nome da região e da guerra que ali aconteceu: Contestado.

Um processo judicial complexo desse jeito costuma ter duas fases: a Fase de Conhecimento, que discute o mérito, isto é, quem tem a razão para ganhar o conflito; e a Fase de Execução, que existe para efetivar, para decidir o procedimento, para transformar em realidade o direito decidido na fase de Conhecimento. Na primeira fase, todas as três decisões (1904, 1909 e 1910 após recursos judiciais) deram ganho de causa a Santa Catarina. A fase de Execução (1911-1916) é o momento que olharemos com mais atenção, pois ela se passa (ou “não” se passa, como veremos) durante a Guerra do Contestado.

A fase de Conhecimento do processo AOr-07:STF dá algumas indicações de sua ligação com o contexto local, mesmo que a guerra em si ainda não fosse uma realidade. O tom das peças catarinenses era sempre meio urgente, com apego à história, falando da flagrante injustiça da realidade da região que seria, sim, instável, uma região que “clamaria” por controle político efetivo. Já as falas paranaenses são para tranquilizar, garantindo que esse controle já existia, pois o “próprio estado das coisas” demonstraria a propriedade e o uso da terra por gente principalmente paranaense. Isso refletiu na estratégia jurídica de cada lado no processo judicial e até mesmo na seleção dos advogados, que foram escolhidos pensando na realidade de cada caso. Santa Catarina usou a teoria das Fronteiras Naturais, uma forma de marcar o território baseada na geografia local e amparada por documentos antigos, alguns tão antigos como a própria colonização portuguesa. Já o Paraná usou a teoria do *Uti Possidetis*, que fala que o direito a um território vem da ocupação de fato, da posse sobre o território.

Após a primeira sentença do AOr-07 (1904), que deu à Santa Catarina ganho de causa, as tentativas de controle administrativo do estado na região contestada eram vistas como um projeto irregular, já que o assunto ainda pendia de recursos no processo. Não foram poucos os exemplos de confusão e até mortes na fronteira, capitaneados por fazendeiros, capangas, empresários, moradores locais e até figuras públicas como juízes, escrivães e policiais. Fatos como estes demonstram o quão tenso era o clima na região contestada, e que lideranças políticas locais, longe de estarem alheios ao processo judicial, reagem implacavelmente em relação ao seu andamento.

Já na fase de Execução do AOr-07, temos outro problema a ser considerado: a relação entre os três poderes no início da República



e como o STF ainda era uma instituição tímida, longe do poder e prestígio que detém hoje. Pelas leis da época, o STF tinha o poder de julgar questões de limites entre os estados. Porém, para executar a sentença (Fase de Execução), o protagonismo do STF era secundário: o oficial deveria ser do Executivo ou do Legislativo. Sensível, talvez, à questão política delicada da região, os demais poderes se omitiram. Quando Santa Catarina provocou o STF a agir, foi para tomar medidas básicas da Execução, como a eleição de uma comissão oficial para a demarcação dos limites; limites estes que foram definidos na Fase de Conhecimento do processo.

Daí é que surgem duas posições diferentes na defesa de cada estado, e não só porque eram adversários neste processo. Essas posições refletem um debate maior e mais profundo do período, que seria o papel do STF dentro do governo. Uma das posições pede maior expressividade do STF (defendida por Santa Catarina, com Epitácio Pessoa) e outra pede cautela, temendo um “superpoder” judiciário (defendida por Paraná, com Ubaldino Amaral). Não por acaso, os advogados de cada estado já eram pessoas que defendiam estas respectivas “posições” antes mesmo do início do AOr-07; não por acaso, cada qual defendeu seu lado durante o processo. Hoje, sabemos que a primeira posição prevaleceu, com o STF sendo capaz de executar suas próprias sentenças, e também com um aumento do raio de atuação da instituição. No período do Contestado, porém, a situação era um debate aberto, e caloroso! Como vocês podem perceber, realidade e andamento do processo caminham de mãos dadas.

A Execução contou ainda com outras questões dignas de nota sobre esse tema. O início desta fase foi em 1911, com a provocação de Santa Catarina e a decisão do STF de contatar o governo paranaense para dar início aos procedimentos de demarcação. O juiz paranaense João Batista da Costa Filho que recebeu a decisão do STF, contudo, decidiu “sentar em cima da decisão”, ignorando-a completamente. Por isso, foi acusado pelo STF de crime de responsabilidade e processado: era o processo-crime DEN41-STF (1911-1913). Enquanto esse juiz era julgado, a Execução do AOr-07 ficou parada devido a prazos legais. Quando o julgamento acaba, porém, a Execução não é retomada imediatamente. Isso porque agora (1913) temos uma guerra em curso na região contestada e as prioridades dos estados parecem ser outras. Por quase dois anos depois do julgamento do DEN41 (1913-1915) não tivemos nenhuma movimentação processual. São anos completamente

silenciosos no processo, curiosamente os de maior movimentação da Guerra do Contestado.

Este período era de indefinição do cumprimento de qualquer sentença sobre a região, já que pouco se sabia sobre qual território se teria controle. Igualmente, é quando aumenta a possibilidade de um acordo político, já que as negociações entre os estados se intensificam após 1912, novamente uma data que remete ao Movimento do Contestado. Existia uma pressão do governo federal por um Acordo entre os dois estados, uma vontade que encontra esperança na quebra do clima de hostilidades entre Paraná e Santa Catarina durante a guerra. É algo que pesquisadores já constataram através da análise da imprensa e das correspondências entre os governadores dos estados. Se durante a Fase de Conhecimento do AOr-07 as palavras são ásperas e até diretamente hostis em relação ao estado vizinho, com a chegada da guerra (e da Fase de Execução) os ânimos são contidos. A questão de limites se torna secundária diante do inimigo comum – os sertanejos revolucionários – que ameaçava o controle político-econômico de uma região que interessava a ambos os estados. Outra prova disso é a solicitação que parte tanto do Paraná quanto de Santa Catarina pela intervenção federal do Exército para conter os revoltosos. O Acordo aparece, então, como uma resolução definitiva que embora desagradasse a ambas as partes, já que nenhuma teria a parcela de terra que queria, ao menos significava tomar as rédeas administrativas do local.

Se a situação estava mais amena do ponto de vista político, no campo jurídico a última cartada catarinense é dada com o retorno da Execução do processo AOr-07, sendo que o clima não era exatamente amigável. Além disso, fato é que as engrenagens do processo só voltam a se mexer no final de 1915, já na cruel e vingativa fase do “açougue” da Guerra do Contestado, quando os últimos redutos sertanejos estavam sendo massacrados e não eram mais uma ameaça real sobre o controle do território (para o andamento militar do conflito, veja o texto de Rogério Rodrigues neste mesmo volume). Assim, mesmo com a lógica de negociação política entre oligarquias, típica da Primeira República, é possível que o Acordo jamais vingasse se não fosse pela Guerra do Contestado e a quebra da tensão maior entre os estados.

Outra questão interessante na retomada da Execução é a rediscussão do mérito, isto é, de quem tem razão sobre o objeto da causa, e que tem iniciativa paranaense. É outro ponto que está ligado a mudança do cenário com a guerra. A fase de Execução é, desde sempre, uma fase formalista, que tenta definir melhor caminho para garantir o direito

contemplado na fase de Conhecimento (nesse caso, a propriedade da área contestada para Santa Catarina). Porém, o Paraná volta a abordar questões já debatidas no processo de Conhecimento e que não poderiam, em teoria, ser objeto de discussão na Fase de Execução. Contudo, o processo continuou e Santa Catarina não deixou de dar feroz combate, tentando rechaçar novamente os argumentos paranaenses. Entretanto, o único debate realmente válido ali foi a discussão anterior que já mencionei, sobre se seria ou se não seria o papel do STF protagonizar a fase de Execução.

Vamos agora às citações diretas da guerra no texto da Fase de Execução do AOr-07, e sim, elas existem! A escaramuça entre João Gualberto e os primeiros sertanejos de José Maria (1912), avaliada como o início da Guerra do Contestado (ainda que num episódio singular em relação ao restante do conflito) ocorre em Irani, um território que geograficamente, desde a sentença da Fase de Conhecimento (1910), estava em propriedade de Santa Catarina. Esta migração de catarinenses sob a liderança do monge José Maria provocou alarde e retaliações por parte da polícia paranaense, resultando no primeiro episódio da Guerra do Contestado. É esta cena precisamente que primeiro é mencionada na fase de Execução, pelo Paraná, que se refere a ela como “a morte de soldados paranaenses contra hordas organizadas catarinenses”. É uma estratégia mais retórica que jurídica, visto que entre os estados da Federação não temos uma guerra propriamente dita, ou, ao menos, uma guerra na qual os dois estados são protagonistas. Porém, mesmo que os sertanejos jamais tenham tomado conhecimento disso, na época do Contestado o primeiro ataque dos militares paranaenses em Irani é encarado como uma afronta ao seu poder de jurisdição (pelos catarinenses) do mesmo modo que a passagem dos sertanejos pelo Rio do Peixe é encarado como uma invasão de agentes indiretos catarinenses (pelo Paraná). Ambas são colocações que aparecem tanto no processo (sutis) quanto na imprensa do período (de forma abundante).

Outro trecho da defesa paranaense fala que os sertanejos promovem a desordem pública e que a decisão do STF não resolveria esse problema, pois os “fanáticos sertanejos” poderiam trocar de lado a qualquer momento. No tom geral dessas menções no processo, porém, não temos uma relação forte e direta com argumentos jurídicos, e sim algo transversal, mais próximo de um ressentimento ou rivalidade política. Prova disso, vejam só, é que suas próprias citações sobre a guerra são reconhecidas pela defesa do Paraná como não pertencentes ao processo, o que faz sua menção ainda mais significativa:

Falar na pressão do momento, derivada das lutas sertanejas dos fanáticos, não é jurídico nem lógico. Ao Tribunal não compete à polícia do contestado, nem indagar se os bandidos mais vezes têm levado o morticínio e o saque a povoações catarinenses do que a povoações paranaenses.

A defesa de Santa Catarina inicialmente evita mencionar os sertanejos, dizendo declaradamente que não é do seu interesse, que é algo que não teria começado sem a ação de policiais paranaenses fora de contexto. Porém, Santa Catarina logo volta a mencioná-los, procurando diminuir a importância da questão para o processo, e acusando o Paraná de instrumentalizar a guerra:

Temos agora o Paraná, agarrado ao pretexto da falta da lei reguladora de execução, a ameaçar o STF de revoltas de fanáticos e outros temerosos cataclismos, se este mantiver a sentença que proferiu a vista de documentos insofismáveis e em nome da Constituição e da Justiça!

Como se vê, o estado de Santa Catarina é temeroso, praticamente alérgico de sequer mencionar os caboclos no processo, mesmo após a provocação da questão pelo Paraná (que ainda é tímida). Propositamente, as duas partes no processo procuraram de certa forma manter a questão de limites longe da Guerra do Contestado (algo que o leitor já compreendeu não ser possível!). Vejam que a existência do conflito era uma abordagem possível para rediscutir o mérito, caso se alegasse uma tese chamada “fato novo”, mas nenhuma das duas partes utilizou esse recurso. Pelo contrário, as menções são pelas bordas, como se o tema fosse demasiado intenso para não ser mencionado, mas demasiado perigoso para ser transformado em argumento jurídico; o Paraná chegou mesmo a garantir que não fazia tese nova ao falar da guerra! Mas por quê? Ora, a verdade é que aumentar a indefinição acerca dos limites já não era uma necessidade tão grande em fins de 1915, e nem uma opção inteligente em termos políticos e econômicos, com a possibilidade do Acordo já tão presente. Porém, como a bola já tinha sido jogada ao STF, o jogo teria que ser jogado, para verificar como seria o posicionamento daquele órgão. Era uma esperança sobretudo para Santa Catarina.

Por fim, temos mais uma surpresa no processo de Execução do AOr-07. Como sabemos, prevaleceu, para a solução final da disputa de limites entre os estados, a intervenção do Executivo Federal com um Acordo (1916). É inclusive lembrado este caso como um exemplo

da articulação política da Primeira República, um período de amplas negociações entre oligarquias regionais e esferas do governo. Mas que fim levou o processo, então?

Conforme as leis da época, o mínimo que deveria ter acontecido é obter a concordância do Judiciário para um conflito que já estava sendo resolvido dentro dessa esfera de poder (através do processo AOr-07). Porém, nem isso ocorreu. A Contestação jurídica esvaziou-se totalmente diante da negociação política. No texto do Acordo, fica claro que os estados abrem mão de dar continuidade ao processo sobre a zona contestada. Observem, porém, que como o processo em andamento era na Fase de Execução – e, portanto, uma discussão do como fazer, e não uma discussão do que fazer – na prática Santa Catarina renunciou a um direito já adquirido judicialmente (na fase de Conhecimento); na prática, igualmente, a decisão do STF foi ignorada!

A autoridade do STF ainda era jovem e seu papel era mesmo incerto. Uma hipótese é a de que o processo foi instrumentalizado, usado como mero combustível de argumentação durante as negociações do Acordo, e dando força para Santa Catarina, pequena voz política no cenário nacional da época. Entre os documentos do processo AOr-07, contudo, não temos sequer uma sentença derradeira da Execução. Com o Acordo, o processo perde seu objeto jurídico de conflito, e é arquivado sem qualquer cerimônia: ainda que com suas milhares de páginas, se extinguiu quase como que evaporando, sem deixar vestígios. Para todos os efeitos legais, caros leitores, foi como se ele jamais tivesse existido.

### Para saber mais

- † Machado, P. P. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916.** Tese (Doutorado em História). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- † Meirinho, J. **República e oligarquia: subsídios para a história catarinense, 1889-1930.** Florianópolis: Insular, 1997.
- † Silveira, M. F. **Nas bordas do Contestado: a questão de limites no processo de execução e no acordo de 1916.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2015.
- † Wehling, A. et al. (org.) **100 Anos do Contestado: memória, história e patrimônio.** Florianópolis: MP-SC, 2013.

## As gentes da Europa no planalto norte catarinense

Fernando Tokarski

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: imigração europeia no planalto norte de Santa Catarina; germânicos, poloneses, ucranianos, sírio-libaneses; línguas e costumes europeus.*

A presença de imigrantes europeus e seus descendentes no planalto norte catarinense é permeada por diferentes etnias e diversas nacionalidades, construindo um amplo mosaico sociocultural. Quando mencionamos o vocábulo *imigrante* neste texto, para facilitar também estamos nos referindo aos seus descendentes. Necessário dizer que nesse mosaico, nos dias atuais, a miscigenação étnica é relevante. São cada vez mais raros os exemplos de imigrantes de *quatro costados*, ou seja, aqueles que ainda preservam intacta sua origem étnica.

Pelas questões lindeiras relacionadas à questão do Contestado entre Paraná e Santa Catarina, seguramente pode se afirmar que a maioria da colonização europeia no planalto norte catarinense é fruto da expansão ou da transmigração colonial paranaense. Claro que o estabelecimento de estrangeiros em Santa Catarina também contribuiu sobremaneira para o alastramento imigratório. Importante é frisar que tais movimentos incluem principalmente grupos étnicos germânicos e eslavos, mas há também outros blocos minoritários. Aliás, é curioso perceber que em Santa Catarina os eslavos são tratados como minorias e até exóticos por alguns estudiosos e principalmente pela mídia.

Mesmo pouco valorizada e em contínuo processo de extinção causada pela exploração imobiliária e pela ausência de políticas públicas de preservação, a arquitetura histórica regional é reflexo da colonização europeia, principalmente daquela assentada na presença de imigrantes

eslavos e germânicos nesta porção territorial catarinense. Inicialmente aproveitando a abundância da madeira, responsável pelo segundo ciclo extrativista regional, os imigrantes europeus construíram suas primeiras edificações utilizando esse recurso natural.

Ao longo do tempo, gradativamente os idiomas pátrios foram sendo esquecidos. As proibições ocorridas pelas leis de nacionalização impostas pelo Estado Novo muito colaboraram para a desarticulação daquelas línguas nacionais. É comum encontrar imigrantes que sequer sabem pronunciar ou escrever corretamente os sobrenomes que detêm, tão desconhecedores das falas e das escritas de seus ancestrais. As distintas culinárias étnicas, muitas vezes exaltadas como um patrimônio regional nos cadernos e folhetins publicitários, na maior parte das vezes estão restritas à produção e ao consumo domésticos. Poucos estabelecimentos comerciais de fato oferecem tais iguarias. Outras das tantas contribuições dos imigrantes que povoaram o planalto norte catarinense comentaremos ao longo do detalhamento deste texto.

### Os germânicos

A constância de germânicos em Canoinhas é reflexo da transmigração ocorrida a partir da cidade paranaense de Rio Negro, onde eles aportaram em 1829, e da colonização europeia de São Bento do Sul promovida desde 1873. Paulatinamente, essa corrente migratória adentrou às pequenas vilas e aos sertões. É esclarecedor dizer que os germânicos, genericamente tidos por alemães, na verdade são representados pelos próprios alemães e ainda por austríacos, tchecos, suecos, noruegueses, suíços, luxemburgueses, pomeranos e bucovinos. Em 1881, oriundas do litoral catarinense e de Rio Negro, chegaram a União da Vitória as primeiras 24 famílias de germânicos, igualmente proporcionando a difusão dessa etnia no Vale do Iguaçu.

Um dos casos mais importantes é o de Bernardo Olsen, de origem norueguesa, que a contar dos primeiros anos da década de 1910, promoveu intensa campanha para instalar germânicos em Canoinhas. Abastado morador da localidade de Lençol, em São Bento do Sul, atuando como preposto do coronel Abdon Baptista, abastado industrial ervateiro de Joinville, Olsen adquiriu vasta propriedade nos lugares conhecidos como Estação Canoinhas e Colônia Santa Teresa, no atual distrito de Marcílio Dias. Nessas paragens fundou a Colônia São Bernardo e promoveu a vinda de diversos germânicos, notadamente oriundos de São Bento do Sul, de Joinville e de Corupá.

Uma leva menor veio de Blumenau e de Jaraguá do Sul. Essa iniciativa é que efetivamente acentuou a presença de germânicos em Canoinhas. Nos anos 1920, outros imigrantes germânicos subiram a Serra do Mar, alguns fugindo da febre amarela que grassava na região de Joinville.

Artífices, os germânicos preferiam a vida urbana. É muito significativa a participação cultural deles e sua influência na culinária, na religiosidade, nas atividades culturais, na hotelaria e na industrialização. Os germânicos também foram os criadores das primeiras indústrias locais – desde serrarias, olarias, tanoarias a cervejarias. O uso da língua alemã ainda é mantido entre algumas famílias, embora esse costume também esteja em franca decadência. Aliás, toda a cultura germânica regional está em ligeiro processo de desaparecimento, incluindo a arquitetura e os costumes.

Como já exaltamos, assim como em todo o país, especialmente em Santa Catarina, os germânicos do planalto norte também sofreram as agruras da lei de nacionalização imposta pelo Estado Novo. Clubes e escolas foram fechados, além da execução de outras nefastas restrições ao germanismo local. Mesmo assim, houve grande assimilação da cultura germânica, já que vários de seus aspectos (religião, costumes, festas e culinária) são mantidos e ensinados aos brasileiros. Obviamente, não apenas com referência à germanidade, a acelerada difusão dos meios de comunicação e a imposição de outras culturas regionais ou globalizadas igualmente têm se somado às causas de dissolução das culturas imigratórias do planalto norte catarinense.

### Os polacos

As etnias eslavas têm predominância no planalto norte de Santa Catarina, sobretudo nos municípios de Canoinhas, Bela Vista do Toldo, Irineópolis, Major Vieira, Itaiópolis, Monte Castelo, Papanduva, Porto União e Três Barras. Entre elas, em Campo Alegre e São Bento do Sul também é marcante a presença de polacos, aportados em 1873 na mesma leva dos germânicos.

Depois desse movimento migratório em São Bento do Sul, no planalto norte catarinense, os polacos oriundos da expansão colonial paranaense se estabeleceram, a partir de 1891, em municípios como Itaiópolis (então no território do Paraná), São Mateus do Sul, Antônio Olinto e União da Vitória. Ainda no Centro-Sul do Paraná, no princípio do século XX foram fundados pelo governo federal os primeiros núcleos coloniais



formados por polacos e ucranianos. Rápidas carroças puxadas por cavalos tomaram o lugar dos lentos carretões de bois. Foram construídos hospitais, surgiram as primeiras escolas, clubes sociais e pequenas indústrias pioneiras. Uma segunda corrente de colonos polacos chegou a esses chamados núcleos federais entre 1907 e 1914.

Da colonização paranaense em Itaiópolis, Rio Negro, Antônio Olinto, São Mateus do Sul, União da Vitória, general Carneiro e Cruz Machado, os polacos enveredaram pelos caminhos das araucárias e dos ervais, transpondo os rios Iguaçu, Negro e Canoinhas, ingressando em território catarinense. Sucessivas análises apontam que essa porção catarinense tem laços diretos com as correntes migratórias colonizadoras europeias intermediadas pelo Paraná. Nítida até hoje, essa influência se sobrepõe à catarinense, que apenas se fez notar por meio dos germânicos provenientes de São Bento do Sul e Joinville. Afora as divisas político-administrativas, as duas regiões separadas entre o Paraná e Santa Catarina em todos os aspectos são exatamente iguais, favorecendo aquelas incursões colonizadoras.

Tão logo os polacos foram assentados em Itaiópolis, então parte do Paraná, e mesmo em Rio Negro, ou ainda nos demais pontos geográficos paranaenses mencionados, eles avançaram aos sertões, instalando-se principalmente nos grandes vazios rurais, onde até hoje estão fincados, sobrevivendo nos minifúndios do lavradio.

Especialmente disseminados nas áreas rurais, os polacos deixaram nítidas marcas na cultura da região, difundidas no forte dogmatismo religioso, na arquitetura, no transporte, na culinária e nos costumes. Exemplo disso é o rígido catolicismo ainda reinante entre os polônicos. Antes, as igrejas com altas torres, o casario de madeira com telhado de declive acentuado e varandas enfeitadas com lambrequins e o uso da carroça tracionada por cavalos foram legados que os polacos deixaram, hoje abandonados pelas tendências modernas de edificação e de transporte. É notória a participação dos imigrantes polacos na construção das ferrovias regionais e nos trabalhos mais qualificados na madeireira transnacional *Lumber*. Idêntica situação ocorreu com os imigrantes ucranianos.

Na culinária, os polacos trouxeram pratos como *pierog* (pastel cozido com requeijão e nata), *gulasz* (guisado à base de vitela ou outras carnes nobres, cebola, tomate e temperos), *kapusniak* (costela de porco com repolho), *aluski* (arroz com carnes enrolado em repolho, popularmente conhecido por *charutinbo*), *golonka pieczona* (pernil de porco assado), *bigos*

(repolho azedo cozido com carnes nobres), salada de repolho roxo com frutas e maionese, *sernik* (torta de requeijão), broa de centeio, variadas sopas à base de batatinha, repolho e beterraba, além de diversos outros.

No passado, durante o período de colonização desencadeado até 1935, os imigrantes polacos também foram responsáveis pela disseminação de um grande número de escolas rurais, suprimindo a ausência do Estado. No planalto norte catarinense há diversos exemplos de escolas criadas e mantidas por imigrantes polacos, infelizmente fechadas pela nacionalização imposta pelo Estado Novo. Da tripartição da Polônia efetuada pela Prússia, pelo Império Austro-húngaro e pela Rússia é que vieram ao Brasil os primeiros contingentes de polacos. Por causa dos nomes que portavam nos documentos, muitos imigrantes polacos eram confundidos com alemães, austríacos ou russos; em alguns casos, essas dúvidas ainda persistem refletindo-se inclusive nos estudos genealógicos.

### Os ucranianos

De um modo genérico, a colônia ucraniana do planalto norte catarinense se espalha principalmente nas áreas rurais. Grande parte desse contingente, assim como seus ancestrais, dedica-se à lavoura. A colonização ucraniana regional também é resultante da expansão colonial paranaense a contar de 1870 e 1891. A partir desse ano é que os imigrantes ucranianos, também conhecidos como *rutenos* e *galicianos* foram estabelecidos em Itaiópolis, Rio Claro e Eufrosina, esses dois à margem direita do Iguaçu, na divisa entre Paraná e Santa Catarina. Irrigado pelo rio Negro, o núcleo de Antônio Olinto, também no Paraná, igualmente auxiliou na disseminação dos ucranianos pelo planalto norte catarinense. Porém, a maioria da imigração ocorreu em 1895. Inicialmente os ucranianos se fixaram nas colônias de Iracema, Moema e Xavier da Silva, no município de Itaiópolis, naquele tempo sob jurisdição paranaense e por promoção governamental desse estado.

A partir dessas localidades, os imigrantes se internaram nos municípios de Papanduva, Canoinhas, Santa Terezinha, Mafra, São Bento do Sul, Monte Castelo, Major Vieira e Bela Vista do Toldo. Os municípios de Porto União e Irineópolis receberam influência da imigração ucraniana paranaense de União da Vitória e Mallet, assim como do atual município de General Carneiro, ali chegados em 1896.

A cultura ucraniana tem amplas inter-relações com a polaca; ambas se confundem em diversos aspectos de origens milenares. Ao tempo

das sucessivas correntes migratórias ucranianas ao Brasil, a Ucrânia vivia sob o jugo da Áustria. Daí advêm intermináveis confusões da nacionalidade daqueles pioneiros tidos por austríacos, quando étnica e nacionalmente eram autênticos ucranianos.

Extremamente religioso e nacionalista, o povo ucraniano tem na Páscoa e no Natal os momentos mais importantes da sua religiosidade. A religião ucraniana de rito oriental, diferente da católica latina, serviu aos ucranianos como polarizadora da cultura desse povo. A cristianização da Ucrânia ocorreu no século X. Suas imponentes igrejas de cúpulas circulares ou sextavadas têm influência bizantina. No interior de Canoinhas, no bairro rural de Rio da Areia do Meio, a igreja dedicada a São Demétrio é um exemplo dessa peculiar arquitetura digna de preservação e valorização turística.

Os bordados em ponto-cruz são a principal expressão do artesanato ucraniano, assim como os ovos de Páscoa, coloridos à mão. De origem pré-cristã e conhecidos por *pessanka*, esses ovos simbolizam o renascimento da vida e da ressurreição de Cristo. Os minuciosos desenhos são carregados de rica simbologia bastante associada à religiosidade. Para esse povo o mundo gira em torno da *pessanka* e as lendas condicionam o fim do mundo ao desaparecimento dessa arte de milênios.

A culinária ucraniana também é significativa, oferecendo pratos como *borshtsk* (sopa de caldo de beterraba picada), *halushky* (sopa de farinha de trigo com água, sem fermento, colocada em caldo temperado), *verenyky*, também conhecido regionalmente por *pirohy*; *holubtsy* (quirera de arroz ou trigo, temperada e enrolada em repolho cozido em água fervendo) e popularmente conhecido por *charutinbo*; *krin* ou raiz forte, além de diferentes sopas com farinha de *zatyрка* (o trigo sarraceno) e repolho.

Assim como os germânicos e polacos do planalto norte catarinense, os imigrantes ucranianos logo trataram da construção de escolas e de sociedades destinadas à educação dos filhos e à preservação étnico-cultural. Todavia, essas iniciativas igualmente sofreram o impacto da nacionalização ditatorial getulista. A grafia de seus sobrenomes, assim como ocorreu principalmente com os polacos, pelas mesmas razões sofreram alterações morfológicas e fonológicas. Invariavelmente as novas gerações de ucranianos também desconhecem o idioma dos seus ancestrais. Porém, similarmente aos polacos, os jardins floridos em profusão numa miscelânea de cores e espécies também são peculiares entre os ucranianos.

## Os sírios e os libaneses

A presença de imigrantes sírios e libaneses é uma das mais significativas do planalto norte catarinense, representando a cultura árabe. Na maior parte das vezes, eles são considerados como de uma única nacionalidade. Eminentemente urbanos, os sírios e os libaneses se caracterizaram pela intensa participação no comércio, notabilizados pelos armazéns e as lojas de tecidos, característica iniciada pelos antigos mascates. Outros principiaram a comerciar com a erva-mate e a madeira, explorando as duas principais atividades econômicas regionais. Nessas empreitadas logo fizeram as primeiras fortunas, conquistando elevadas posições sociais e políticas. No caso específico de Canoinhas, exemplos dessa ligeira ascensão econômica e social são Emiliano Abrão Seleme, Elias Pedro Seleme e João Allage.

O primeiro libanês a comprovadamente se estabelecer no planalto norte catarinense foi Feres Mansur Guérios, nascido em Jebeil, cidade que nos tempos medievais era conhecida por Byblos. Ele deixou o Líbano em 1888 e logo depois chegou em União da Vitória, onde no ano seguinte assinou a ata de instalação do município. O precursor da imigração libanesa à região residia na rua Prudente de Moraes. Após o acordo de divisas entre o Paraná e Santa Catarina, celebrado em 1917 e que também resultou na divisão da cidade de União da Vitória, a casa de Guérios ficou em Porto União, no lado catarinense. Por isso afirmamos que ele foi o precursor da colonização árabe na região.

Posteriormente, já nos primeiros anos do século XX, alguns libaneses aportaram na cidade paranaense de Rio Negro e dali se estabeleceram nas vilas de Canoinhas e de Três Barras e nas principais localidades às margens do ramal ferroviário São Francisco do Sul-União da Vitória. As cidades de Major Vieira e Irineópolis também são salientes focos da presença síria e libanesa.

Foi a partir de 1909 que a primeira leva de sírios e de libaneses atingiu Canoinhas e Três Barras, além das vilas e povoados adjacentes. Em quase todos os registros iniciais, Rio Negro foi o ponto de partida dessa corrente precursora, embora exista o registro da presença de Antônio Tannus Sphair como morador de Canoinhas já em 1904, quando o lugar ainda era uma acanhada sede distrital do município de Curitiba.

A maioria dos imigrantes libaneses da região do planalto norte catarinense veio da cidade de Jebeil e das aldeias próximas. As notícias procedentes do Brasil, enviadas aos parentes por imigrados, foi a

principal causa dessa onda migratória oriunda da mesma cidade. Nas cartas, os imigrantes narravam as boas perspectivas de vida no Brasil e as possibilidades de enriquecimento, despertando a cobiça dos parentes ficados em solo libanês, atraindo-os a uma longa travessia marítima em direção à América.

Na culinária, esses árabes disseminaram algumas iguarias bastante conhecidas como o quibe, a esfirra, o tabule e doces como *beleue*, *greibe*, *smid* (pastelzinho recheado com nozes) e *manul*. No âmbito familiar, principalmente no passado, os sírios e os libaneses formavam uma sociedade bastante refratária à miscigenação étnica, sendo comum o casamento entre parentes.

Por fim, cabe destacar que é possível observar outras correntes migratórias na região. Por exemplo, claro que também há italianos no planalto norte catarinense, sobretudo em Porto União, onde passaram a viver a contar de 1882. Entretanto, entendo que essa imigração foi tardia, notadamente iniciada em pequenas e isoladas levas a partir das primeiras décadas do século XX. Em Canoinhas e em Três Barras, em menor escala a construção de ferrovias e a instalação da madeireira *Lumber* seduziu esse povo. No decorrer dos tempos, mas de maneira solitária, muitas famílias italianas realizaram o processo de transmigração, quase sempre envolvendo ítalo-brasileiros, dando a sua parcela ao mosaico étnico-cultural do planalto norte catarinense. São poucos os casos de imigração propriamente dita.

### Para saber mais

- † Riesemberg, A. **A instalação humana no vale do Iguaçu**. Curitiba: Max Roesner, 1973.
- † Scortegagna, A.; Rezende, C. J.; Triches, R. I. (org.) **Paraná, espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Bagozzi, 2005.
- † Tokarski, F. **Cronografia do Contestado: apontamentos históricos da região do Contestado e do sul do Paraná**. Florianópolis: Ioesc, 2002.
- † Wachowicz, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Editora dos Professores, 1968.
- † Zotz, W.; Kaiser, J. **Santa Catarina: retratos, gentes e paisagens**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2004.

## Guerra contra a nação rural e rebelde brasileira: o caso do Contestado

Rogério Rosa Rodrigues

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: ações militares, aviação militar, modernização do exército, degolas, crimes militares e revoltas e movimentos rebeldes no período republicano.*

**D**ar nome aos acontecimentos históricos não é uma tarefa ingênua. DA depender da forma como denominamos uma experiência do passado podemos registrar sua potência política, marcar sua relevância para a sociedade ou até fazer dela uma simples disputa entre compadres. Guerra ou rebelião? Massacre ou genocídio? Golpe ou Impeachment? Ditadura ou revolução? Fanáticos ou rebeldes? Quando esses acontecimentos são fruto de rebeldia popular, e ainda distante dos centros urbanos, o desafio se multiplica, pois a tendência à caricaturização, banalização e desqualificação de lideranças e movimentos populares em nossa história tem sido uma marca de aliança entre forças oligárquicas, corporações militares, grande imprensa e grandes empresários. Para um episódio como o Contestado não é diferente. Reconhecer essa experiência histórica como um fenômeno de guerra faz justiça aos mortos e produz sentidos no presente.

O que denominamos como Guerra do Contestado marca um dos muitos episódios de aliança de forças repressivas do Estado, poder político de coronéis e a força do capital estrangeiro contra a população sertaneja do Brasil durante a Primeira República. O *status* de guerra contra o movimento rebelde da santa irmandade do Contestado pode ser configurado inicialmente por esse conluio. Na roda de discussão militar, no entanto, há questionamentos sobre a designação oficial a ser conferida e esse episódio: guerra? Incursão? Campanha? Como

esse debate nos ajuda a compreender o contexto político e militar do início do século XX? De que forma ele contribui para refletirmos sobre as estratégias de perpetuação da violência contra povos subalternizados? Como ele nos revela as práticas corriqueiras de ilegalidade e desmandos de corporações militares contra movimentos sociais no interior do Brasil? Convido vocês a acompanhar comigo a história de uma guerra movida contra a população que deveria ser protegida e amparada pelo governo.

Não podemos esquecer que a intervenção militar no sul do Brasil ocorreu pouco mais que uma década após a Guerra de Canudos. E que essa experiência de morte contra sertanejos pobres do sertão baiano deixou cicatrizes profundas na corporação militar. Portanto, havia uma preocupação entre os oficiais militares de não cometer os mesmos erros do passado. Isso contribuiu para que a mobilização de forças militares para o Contestado fosse debatida e avaliada internamente.

Em 10 de outubro de 1914, uma revista especializada em assuntos militares publicou a seguinte nota:

A Defesa Nacional reconhecendo com pesar que até agora a sociedade brasileira tem se mostrado indiferente à sorte das famílias e dos oficiais e soldados patrícios que têm a vida nos sertões do Paraná e que para nós, brasileiros, deviam ser bem mais dignas de compaixão do que as vítimas da conflagração europeia – resolveu abrir uma subscrição em favor dessas famílias entre os oficiais e soldados do Exército, que assim isolados na sua classe, mas fortes dentro dela pelos sentimentos de camaradagem, saberão afrontar confiadamente a adversidade.

Trocando em miúdos: o periódico lançou uma “vaquinha” para recolher dinheiro para ajudar as famílias de militares que tiveram seus parentes mortos na guerra. A iniciativa surgiu das denúncias de esposas e mães de soldados que se manifestaram na imprensa da época, reclamando que não tiveram os corpos de maridos e filhos devolvidos. Soma-se a isso, o fato dessas famílias ficarem desamparadas pela justiça, pois conforme a legislação da época, não tinham direito à aposentadoria dos seus parentes mortos em campo de batalha. A nota também menciona o fato de que havia mais compaixão com os soldados mortos na Primeira Guerra Mundial – maioria sem nomes, sem vínculos parentais com o povo brasileiro e bem distantes do país – do que entre os próprios patrícios.

A partir desse episódio, algumas questões podem ser mencionadas: a intervenção federal no Contestado assumiu o caráter de uma grande guerra, foi comparada em diversos momentos à Primeira Guerra Mundial, deixou um saldo de mortos e feridos entre rebeldes e soldados que teve como consequência perdas financeiras, desamparo legal e sofrimentos entre os familiares das vítimas. Trauma que se prolongou para além do marco oficial do fim da guerra (1916). Além disso, mobilizou discursos e iniciativas para justificar as ações militares, ganhar a adesão popular e fixar um registro histórico para a posteridade. Ou seja, como é comum em uma ação militar e política desse porte, tratou-se de uma guerra no sentido tradicional do termo.

Como fenômeno de guerra, a história do Contestado pode ser desdobrada em diversos momentos. Para os interesses da atuação militar é possível dividi-la em quatro fases. A primeira compreende os iniciais ajuntamentos religiosos em torno do monge José Maria, culminando com a batalha do Irani em outubro de 1912; a segunda remete às campanhas de repressão aos chamados redutos de Taquaruçu e Caraguatá no primeiro semestre de 1914; a terceira tem como marco a intervenção do governo federal na repressão ao movimento, o que, oficialmente, foi iniciado em setembro de 1914 e durou até maio de 1915 e; a quarta, batizada por Maurício Vinhas de Queiroz como “fase do açougue”, foi marcada pela intensificação da parceria de contingentes do exército catarinense com vaqueanos e coronéis da região. Essa fase teve como característica central o acerto de contas dos coronéis locais com as lideranças rebeldes sobreviventes à campanha de guerra. Seu recorte cronológico tem início em maio de 1915 e vai até final de 1916. O conjunto que corresponde a todas essas fases, que incluiu diferentes níveis de repressão e de resistência, eu denomino, em parceria com os pesquisadores e pesquisadoras que me antecederam, de Guerra do Contestado.

A primeira justificativa para a manutenção do título Guerra do Contestado se encontra no parágrafo acima, qual seja, a existência de uma atividade de repressão aos rebeldes com ações e campanhas desenvolvidas em etapas consecutivas, ordenadas pelo poder político estadual e nacional da época. Tratou-se da mobilização de regimentos do exército nacional, das forças públicas do Paraná e de Santa Catarina e da articulação dessas instituições militares com lideranças políticas locais que, por sua vez, mobilizaram seus jagunços. Em síntese, foi



uma ação conjunta, mas nem sempre harmoniosa, entre o que denominaríamos hoje de polícias militares, exército e vaqueanos.

A segunda justificativa diz respeito ao contingente de pessoas e equipamentos envolvidos nas diversas fases da guerra. O auge da repressão ao conflito se deu com a intervenção federal ao nomear, em setembro de 1914, o general Fernando Setembrino de Carvalho como comandante geral das operações de repressão ao que se denominava à época “fanáticos do Contestado”, ou seja, o momento de campanha propriamente dito. Conforme dados oficiais presentes no relatório final dirigido ao ministro da guerra, foi acionado o contingente de seis mil soldados do exército, o que representava um terço do efetivo da força terrestre da época. Regimentos do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, da Bahia e de diversos outros Estados do país foram designados para a operação militar. Soma-se a isso dois mil civis – entre jagunços e vaqueanos – incorporados como força auxiliar e pagos com dinheiro público.

Todas as armas do exército foram mobilizadas nas fases da Guerra do Contestado. Além de infantaria pesada e artilharia, houve a tentativa de acionar a marinha e experimentar um serviço de aviação militar. A marinha atuaria na fiscalização dos transportes do Rio Iguaçu, por onde eram transportados alimentos, armas e munições, muitas delas de forma clandestina, para abastecer os rebeldes. O uso de aeronaves para fazer o reconhecimento da região e testar um bombardeio aéreo com metralhadoras, foi outra força mobilizada. No caso da marinha, não houve entendimento entre o ministro da guerra e o ministro da força naval, portanto, ela não se fez presente como desejado. A aviação militar, por sua vez, chegou a mobilizar três aeroplanos para o território conflagrado, mas a operação não vingou devido à morte, logo nas primeiras manobras de reconhecimento, do oficial militar designado para tal fim: o tenente Ricardo Kirk.

Ainda sob a perspectiva militar é preciso destacar a constituição de uma burocracia oficial designada a julgar casos de abusos e violações em tempos de guerra; publicar e adaptar regulamentos militares para disciplinar, sancionar ou instituir determinadas ações no campo de batalha; administrar e organizar a documentação produzida, tais como a troca de correspondência entre os oficiais, o comandante geral e o ministro da guerra. Relatórios de batalhas e inquéritos policiais militares em abundância também deveriam ser devida e minuciosamente padronizados e organizados, afinal, eles não somente prestavam contas das ações desenroladas no vasto

território conflagrado (aproximadamente 20 mil km<sup>2</sup>), como também registravam os atos dos soldados e oficiais que se destacariam posteriormente com títulos de louvor e, conforme previa a legislação da época, poderiam duplicar seu tempo de serviço para efeitos de aposentadoria e outras gratificações militares.

Outro aspecto oficial que se verifica em “tempos de guerra” é a celeridade no julgamento de faltas e crimes ocorridos no campo de batalha. A legislação previa, e ainda prevê, até a execução imediata em casos extremos como o de deserção. João Pereira Oliveira, aspirante à oficial no campo de batalha, anotou em seu diário de campanha:

À tarde estive em nosso acampamento o major Ciríaco Lopes Pereira, companhia de outros oficiais do 51. De Caçadores que haviam chegado à fazenda de Francisco Granemann (...). De volta ao acampamento o major Ciríaco resolveu com seus oficiais mandar fuzilar um soldado do Batalhão de seu comando que depois de ferir um seu camarada com dois tiros se insubordinara contra seus superiores.

Tudo seria “legalizado” nessa execução se ele tivesse ocorrido dentro do que estava previsto na legislação militar. No entanto, o caso não aparece nos registros oficiais, como por exemplo, o relatório final que o comandante Setembrino de Carvalho elaborou para o ministro da guerra, ou mesmo nos inquéritos policiais militares cuidadosamente preservados no Arquivo do Exército. Um equívoco do autor do diário ou uma omissão conveniente do general Setembrino de Carvalho? A segunda hipótese ganha mais sustentação quando verificamos que situações fora da lei foram vazadas na imprensa e até mesmo nos livros produzidos pelos oficiais intelectuais que denominei de historiadores de farda. É o caso da degola de prisioneiros, uma prática tão bárbara quanto antiga, tal como registrada por outro oficial que participou da guerra, o então tenente Herculano Teixeira d’Assumpção:

Os vaqueanos indignados, voltaram-se contra Andrade. O bandido então, abriu a boca para gritar. Mas antes que o forte som de sua voz pudesse ser emitido, uma tremenda punhalada perfurava-lhe o pescoço de lado-a-lado!... Havia sido justificado pelas mãos de um Fabriciano. Enfim, *qualis vita, finis ita*.

Manoel Lourenço de Andrade, nome do homem degolado, trazia consigo um patuá com oração de São João Maria. Seu fim seria

justificado, diz o autor da citação, pela vida que levava (“*qualis vita, finis ita*” pode ser traduzido por “tal vida, tal morte”). O fabriciano a que se refere o autor dessa nota possivelmente jagunço do coronel Fabrício Vieira, fazendeiro que possuía uma grande força paralela e responsável por extorquir sertanejos e promover grilagem de terras no planalto norte de Santa Catarina. Era também o responsável por um batalhão de civis que gozava de grande independência entre as autoridades políticas e militares da época. Todas as ações desse grupo eram de responsabilidade militar e recebiam o aval do general Setembrino de Carvalho, logo, responsabilizar civis pela degola de presos políticos durante a Guerra do Contestado é como não assumir a responsabilidade pelos feitos que estavam sob o comando militar. Um episódio típico do “jeitinho” brasileiro de fazer guerra, visto que se amparava em uma cultura político-militar que vinha do século XIX e era legal e moralmente condenada durante o período republicano.

Contudo, as consequências da presença militar não param por aí. Com o grande número de homens acampados na região, episódios de invasão de casas comerciais e abusos sexuais de mulheres, envolvendo soldados e oficiais, não eram raros. No entanto, os casos mais corriqueiros encontrados nos inquéritos militares do Contestado são de embriaguez, suicídio, ferimento, insubordinação ou morte de colega por disparo acidental.

O último aspecto do Contestado como fenômeno de guerra que eu gostaria de destacar é o índice de mortes. A tecnologia fotográfica foi uma grande aliada do exército neste momento. Devido ao seu poder quase incontestado de verdade, ela foi usada como documento oficial nos relatórios de guerra e nas páginas de jornais. No entanto, há esforço deliberado do comando de guerra em não registrar oficialmente cenas de mortos e feridos. É como se a violência e a brutalidade, típicas de uma guerra, pudessem ser apagadas da posteridade, caso não fossem transformadas em imagens fotográficas. Assim como a execução de civis de forma ilegal, muitas mortes seguramente não foram contabilizadas pelas autoridades militares, seja por não terem sido registradas pelos oficiais em seus relatórios, seja por conveniência do momento ou omissão voluntária. Trata-se, portanto, de lógicas próprias de uma guerra. Porém de uma guerra de tipo singular, visto que ao mesmo tempo que propunha e se apresentava publicamente como uma ação bélica moderna – sem atingir a população civil não envolvida, sem beneficiar lideranças políticas e econômicas tradicionais, sem cometer ações ilegais – na prática a atuação militar do Contestado foi um misto

da moderna e da velha forma de reprimir movimentos de rebeldia popular e garantir o *status quo* de famílias tradicionais que governavam o país como se ele fosse propriedade privada.

Ao analisar os documentos que deixaram escapar as práticas de castigos, punições e execuções no campo batalha do Contestado é possível destacar que o rigor na disciplina, na aplicação da lei ou na prática de penas fora da lei variavam de acordo com a geração e formação do oficial comandante. Havia uma disposição de Setembrino de Carvalho em fazer dessa experiência de guerra um laboratório exemplar para modernização do exército que estava em curso em plano nacional, mas ele também trazia consigo práticas tradicionais, herdadas da cultura militar e política do século XIX, tais como castigos corporais, execuções sem julgamento, omissão de dados oficiais nos relatórios, aliança do exército com coronéis locais e defesa de propriedades particulares como a sede da madeireira *Lumber and Colonization Company*.

A definição clássica de guerra significa “Luta à mão armada entre duas ou mais nações”, portanto, uma ação que envolveria nacionais e estrangeiros. No entanto, o Contestado foi uma guerra contra homens, mulheres, crianças e idosos que deveriam estar sob o abrigo e proteção do governo brasileiro. Tratou-se de uma guerra interna. Contra seu próprio povo. Como justificá-la como guerra? Como ganhar o apoio político e popular para mobilizar um terço do exército nacional e caçar, prender, julgar e até executar brasileiros, sejam os naturais ou naturalizados no país?

Havia a necessidade de fabricar um inimigo. Com o auxílio da imprensa esses sujeitos foram identificados como fanáticos, desordeiros, bandoleiros, bandidos e famigerados. O fato de se rebelarem contra instituições e personagens de grande capital político e econômico da Primeira República os colocavam na condição, não só de criminosos, como de ameaça para a própria segurança nacional. Afinal, como poderiam eles se opor a modernização e progresso representado pela Estrada de Ferro e a grande madeireira *Southern Lumber And Colonization Company*? Como ousavam se rebelar contra a autoridade de “homens de bem” como coronéis e outras lideranças políticas locais que se revezavam na liderança política do estado de Santa Catarina e do Paraná? Acaso tinham direito de resistir e enfrentar a força da lei representada pela autoridade dos governadores e pela presença da Força Pública e do Exército, sem com isso colocar em risco a própria

segurança interna do país? Na perspectiva oficial, alguém que segue esse caminho representa um perigo e precisa ser punido.

Se com essas informações acima persistir a dúvida sobre o *status* de guerra desse episódio histórico, podemos enveredar por outro argumento. O Contestado foi uma guerra contra o povo brasileiro, de origem rural (na época se falava em povo dos sertões), que acreditava no poder de cura e de santidade de monges e santos. Homens e mulheres que tinham projetos de futuro em que todos seriam iguais, com direito à terra, comida e dignidade. Uma guerra que se prolongou em fases distintas e quase ininterruptas por quatro anos, isso sem contar os antecedentes que marcaram esse conflito e as consequências, que fizeram o Contestado se prolongar por meio de assassinatos, pobreza, campanha de desqualificação da memória rebelde. Situações que após um século ainda não foram cicatrizadas na região do planalto catarinense.

O Contestado foi um episódio de guerra sim. Uma guerra entre duas nações, tal como a definição dicionarizada: de um lado a dos que se cansaram dos desmandos e abusos oficiais dos coronéis, da exploração das empresas estrangeiras, das leis e instituições que não garantiam os direitos e segurança dos seus; de outro, todos aqueles que temiam por uma desordem no sistema estruturado de benesses históricas e politicamente construídas a favor de uma camada social e economicamente privilegiada em nosso país.

Os homens e mulheres do Contestado merecem ser imortalizados como uma nação em sentido alegórico. A nação dos sertões e dos sertanejos. Assim como, a experiência de repressão ao movimento precisa ser registrada como um capítulo de guerra contra os movimentos sociais de linhagem rebelde e popular. Creio que vale chamar as coisas pelo que elas são e representam. Guerra do Contestado. Guerra contra o povo rural do Brasil. Guerra do litoral contra o sertão. Ela é tão singular, quanto nacional, pois se foi movida contra mulheres, homens, crianças e idosos do sul do Brasil, possui um lastro que se espalha em forma de violência contra movimentos e sujeitos ao longo de toda nossa história.

Foi Guerra do Contestado, mas poderia ter sido também Revolta dos Mückers (1868-1874), Canudos (1896-1897), Canudinho de Lages (1897), Sedição de Juazeiro (1914), Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (1937), Massacre do Pau de Colher (1938), Guerrilha do Araguaia (1967-1974) e Eldorados dos Carajás (1996). A violência com que as

forças repressivas do Estado atuaram contra seu próprio povo é a marca comum existente nesses movimentos rebeldes. Violência que se atualiza e se expande na atualidade contra lideranças quilombolas, indígenas e sem-terra.

### Para saber mais

- † Assumpção, H. T. **A Campanha do Contestado**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1917.
- † Carvalho, F. S. **Relatório apresentado ao general José Caetano de Faria, ministro da Guerra, pelo comandante das forças em operações de guerra no Contestado**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916
- † Oliveira, J. P. **Diário de Campanha de um aspirante a oficial (Contestado – 1914-1915)**. Rio de Janeiro: s/ed., 1962.
- † Peixoto, D. **A Campanha do Contestado**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. 3 V. (Coleção Farol do Saber).
- † Rodrigues, R. R. **Veredas de um grande sertão: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro**. Tese (Doutorado em História Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

## Capitão Matos Costa: a fabricação do mártir

Felipe Veber

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: capitão Matos Costa, militares na Guerra do Contestado, estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, Guarda Nacional e coronelismo.*

O capitão tranquilamente parado junto ao trem observava seu pessoal. Os americanos estavam na plataforma de observação do último vagão, quando um deles descobriu vultos furtivos passando silenciosamente pelos arbustos e disparou seu enorme Colt. Assim que o tiro retumbou na saraivada do arbusto no outro lado do brejo cortou o silêncio. Dois soldados caíram e se contorceram agonizantes no chão. O capitão esperou tranquilamente o ataque do inimigo parar, sem soltar seu pequeno cachimbo da boca. Os soldados deitaram no chão e começaram a atirar no inimigo invisível que estava escondido atrás dos arbustos.

Apropriando-se do relato de outras pessoas, visto que lá não esteve pessoalmente, Robert Helling, um funcionário da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG), descreve dessa maneira a trágica e dramática cena que pôs fim à campanha do capitão Matos Costa no Movimento do Contestado, e também à sua vida.

A partir de maio de 1914, o capitão Matos Costa tornou-se o responsável por comandar a campanha contra os sertanejos, permanecendo no comando até o momento de sua morte, em setembro do mesmo ano. Após a saída do general Mesquita do contingente enviado contra os caboclos, Matos Costa permaneceu na região entre Canoinhas e União da Vitória com cerca de 200 homens, com o intuito de proteger os serviços do Ramal São Francisco da EFSPRG.

Ao começar a investigar sobre o conflito e suas origens, o capitão concluiu que os mandões locais eram os responsáveis pela exploração dos sertanejos. Tendo como um dos principais nomes o coronel da Guarda Nacional, Fabrício Vieira, responsável pela circulação de moedas falsas. Também citou os nomes de Arthur de Paula, Chiquinho de Albuquerque, Amazonas Marcondes, Affonso Camargo, Pedro Vieira, Pedro Ruivo, os irmãos Miechniekowk, entre outros, como responsáveis pela apropriação de terras sertanejas para posterior venda a companhia norte-americana. O capitão então entrou em contato com o senador Pinheiro Machado e esclareceu sobre a situação das moedas falsas. Alguns dos homens ligados à Fabrício Vieira foram presos e de fato estavam com o material falsificado. Houve boatos que fabricianos (como eram chamados homens ligados ao coronel) estavam à procura de Matos Costa para uma vingança. Curiosamente, após a morte do capitão e início do comando de Setembrino, os fabricianos se tornaram parte da força legal, como vaqueanos da grande expedição de Setembrino de Carvalho.

O certo é que o olhar de Setembrino não percebia Fabrício Vieira e Matos Costa da mesma maneira. O coronel era visto como um notável, enquanto o capitão era apedrejado pela crítica ferrenha do general. Segundo Setembrino, Matos Costa não usava métodos militares convencionais e acabou se afastando das autoridades, para se aproximar dos ditos “fanáticos” através da confiança, levando a solução do conflito para outros meios. O general considera em seu relatório que o comando do capitão teria sido “a quadra mais escura dos acontecimentos militares nas terras conflagradas”. Matos Costa acreditava que a distribuição de terras e o controle do Exército na política local poderia apaziguar o atrito existente na região, que a violência contra o povo não era a melhor solução, pois eles seriam “ignorantes” e controlados pelos mandões locais. Todavia, em 05 de setembro de 1914, durante o ataque dos sertanejos à estação ferroviária de Calmon da EFSPRG, Matos Costa morreu ao trocar tiros com os sertanejos. Seus soldados fugiram e abandonaram seu corpo.

O nome completo do capitão era João Teixeira Matos da Costa e tinha 39 anos no momento de sua morte. Matos Costa foi admitido no Exército em maio de 1889. Seu histórico é conturbado, contando com dificuldades nos exames, algumas prisões e repreensões por diversos motivos, mas contando também com elogios de seus superiores – e até mesmo do presidente da República. Suas atitudes variavam com o



respeito que nutria por seus superiores (ou outros oficiais). Certamente sua personalidade era forte, talvez ácida e intrigante.

O até então capitão Matos Costa foi promovido *post-mortem* para major. Considerado por alguns como um herói e pacificador, a história de Matos Costa tem contornos confusos e ambíguos. A bibliografia, em boa parte, o veste com uma roupagem heroica, idealista, sonhadora, tão romântica a ponto de beirar a ingenuidade – ou teimosia, tendo em vista que teria ignorado vários avisos sobre os perigos de suas atitudes.

Todavia, alguns trabalhos mais atuais têm uma visão diferente e mais realista sobre Matos Costa. Acredita-se que, diante da trajetória do oficial, é descabida essa visão idealista. O capitão era experiente, veterano tanto de campanhas importantes, como a Federalista, quanto de expedições, como a do navio a vapor *Satélite*, que transportou os marinheiros sobreviventes da Revolta da Chibata para a região amazônica, tendo ordenado até mesmo execuções de marinheiros e trabalhadores. Em Canudos, o comandante recebeu louvores por sua bravura e sangue frio no assalto ao reduto central. Segundo sua fé de ofício, teria sido “incansável em auxiliar a autoridade nos meios de extinguir os jagunços atirando com risco da vida bombas de dinamite”. Ou seja, Matos Costa não possuía um perfil romântico ou sonhador, pois sua trajetória indica um oficial temido e até mesmo inflexível.

Ao que tudo indica, seus pensamentos e ações durante o Movimento do Contestado, além de não agradarem seus superiores, os envergonhavam, pois o capitão levou os acontecimentos do conflito para o âmbito social, pensando fora de uma esfera unicamente militar. Logo, não deveriam ser tão surpreendentes as atitudes tomadas pelo capitão para solucionar os problemas na região. Ele não tinha uma relação boa com superiores e com questões de hierarquia, e valorizava o respeito e caráter acima disso. Assim, as providências pensadas por ele correlacionam com sua personalidade, procurando um diálogo, uma negociação e contato direto com os sertanejos, que seriam vítimas do sistema coronelístico, submissos aos mandões locais. A solução de Matos Costa iria interferir diretamente em todo um sistema vigente, sendo que a base política da República era justamente o coronelismo. Um passo arriscado para um oficial ousado, porém dificilmente seria um passo bem-visto em um sistema cheio de entrelinhas.

O capitão tinha suas artimanhas. Perambulou pela região contestada disfarçado de vendedor ambulante, às vezes acompanhado de um mágico, para impressionar os caboclos, visitando os redutos. Teria, em

dado momento, até mesmo dialogado com Elias e Maria Rosa, que até então estavam no poder, para negociar e procurar uma solução pacífica para os conflitos existentes na região contestada.

Em agosto de 1914, Matos Costa viajou ao Rio de Janeiro, com o fim de conversar com altas autoridades militares sobre o Contestado. Quando retornou a região contestada, se deparou, talvez sem perceber, com uma mudança no movimento sertanejo. Chiquinho Alonso estava agora no comando, tornando o movimento muito mais agressivo. Talvez justamente essa mudança inesperada tenha sido o passo em falso do capitão, o fazendo atuar de forma pouco cautelosa, por estar acostumado com outro modo de agir dos sertanejos, sendo o desconhecimento de Matos Costa a causa de sua ruína, não sua ingenuidade – como alguns relatos dizem. Ele acreditava saber muito mais dos caboclos do que seus colegas – e talvez até o momento de sua viagem realmente soubesse – mas não sabia da mudança brusca no interior do movimento.

Ao ser comunicado sobre o incêndio em Calmon, Matos Costa se deslocou de Vila Nova do Timbó às 9:00, chegando em Porto União da Vitória às 11:30, onde tomou o trem às 13:30 para Calmon. Todavia, o capitão parecia não estar ciente da situação, tendo em vista que solicitou um trem para conversar com os rebeldes e, ao ser avisado do perigo, teria agido com desprezo. O chefe de tráfego sugeriu mudanças no trem para maior proteção, porém o capitão negou, alegando que iria demorar muito. O trem partiu, levando Matos Costa, seus soldados – em condições precárias –, dois americanos engenheiros, Kimmel e Dewitt, encarregados da serraria da *Lumber* em Calmon. No trajeto, os soldados estavam tranquilos na primeira parte da viagem. As coisas mudaram quando, a oito quilômetros de São João, o fazendeiro Generoso Xavier implorou que o trem parasse. Generoso afirmou que a situação estava tensa nas estações de Calmon e de São João, tendo ele até mesmo, juntamente de outros 15 homens, trocado tiros com os caboclos, que segundo ele, eram cerca de 400. O capitão Matos Costa pareceu não acreditar no que disse o fazendeiro, rindo, debochando e julgando bobagem as palavras de Generoso, assim seguindo caminho até sua desgraça. A cerca de três quilômetros da estação de São João, o trem parou para o reconhecimento, talvez por avarias nos trilhos, e Matos Costa e cerca de 50 soldados desceram para averiguar a situação, tendo ordenado ao maquinista que acompanhasse lentamente, para não os deixar sem cobertura. Até que inesperadamente surgem os estampidos dos tiros. Existem relatos de que Matos Costa teria sido

alvejado no peito logo ao descer do trem. Todavia, também existem relatos de que o capitão estava tranquilo, observando seus homens averiguarem a situação, até que um dos soldados percebeu vultos nos arbustos e disparou contra o mato de forma ineficaz. Após isso, dois soldados caíram ao chão, porém Matos Costa permaneceu tranquilo esperando o ataque dos rebeldes cessar – estando até mesmo com seu cachimbo na boca. Os soldados atiraram nos arbustos, que pareciam fazer parte do inimigo, pois os camuflavam e acobertavam o caminho das balas. O tiroteio foi pesado. As balas atingiam os soldados e a locomotiva, sendo uma situação completamente desesperadora. Então o trem recuou, procurando ficar fora do alcance dos tiros dos caboclos. Pouco tempo depois avançou novamente, porém foi recebido com alto fogo do inimigo, e assim tendo que retroceder novamente para uma distância segura. Os rebeldes estavam escondidos no mato ao redor dos trilhos. O trem retrocedeu sem ordens superiores, deixando desprotegidos e sozinhos o capitão e seus soldados. Assim foram os momentos finais de Matos Costa, lutando bravamente contra os rebeldes – e contra a consequência de seus próprios atos. Segundo a fala do soldado João Hugo de Oliveira:

o seu comandante, que batia-se com muita bravura, vendo que o trem se afastava, disse: Agora cada um trate de si, e se dirigio para o mato, fazendo signal e aconselhando para que ele e seus companheiros se retirassem fazendo fogo, sem dar costas ao inimigo.

Segundo documentos históricos, o maquinista estava com muito medo e recuou, mesmo sob o comando de avançar e sob a ameaça do tenente Sylla, então autoridade no trem. Quando o trem chegou à Nova Galícia, o tenente deu voz de prisão ao chefe do trem, ao maquinista e ao foguista.

Já sob o comando de Setembrino de Carvalho, no dia 07 de setembro partiu de União da Vitória um comboio militar, com cerca de 80 praças, em busca dos remanescentes do conflito em São João, sendo resgatados 29 soldados perdidos, porém os corpos dos soldados mortos só começaram a ser recolhidos no dia 10 do mesmo mês. Dia 13 de setembro foi encontrado o corpo do capitão Matos Costa e de outros dois sargentos. Cerca de dez cadáveres foram encontrados e levados até União da Vitória. Os corpos estavam mutilados e muito desfigurados, tendo a maioria marcas de golpe de facão na cabeça. Ao longo da região de União da Vitória até Calmon, foram encontrados

87 cadáveres de moradores e trabalhadores. Dia 16 de setembro, os oficiais de reconhecimento ainda estavam encontrando corpos em São João, mutilados, desfigurados e largados aos cantos, alguns até mesmo foram atacados pelos porcos, e assim, enterrados pelos oficiais imediatamente.

O ataque a São João, Calmon e suas vítimas, juntamente com a morte de Matos Costa e seus soldados, intensificaram um estado de guerra, um estado agressivo e de mudança nas atitudes dos sertanejos, havendo até mesmo uma divisão de lideranças, através da qual Venuto Baiano comandou o ataque a São João e Chiquinho Alonso comandou o ataque a Calmon. Os acontecimentos geraram uma crise entre os rebeldes, e, a partir de ordens de Chiquinho Alonso, a morte de Venuto Baiano. A mudança de comportamento dos rebeldes também foi o estopim para uma mudança no comportamento das expedições militares contra eles, se intensificando, modernizando e ocasionando a “grande expedição” de Setembrino de Carvalho.

A morte de Matos Costa foi polêmica e impactante, como toda a sua trajetória comandando a campanha contra o Movimento do Contestado. Ao longo de seu percurso militar, esteve envolvido com algumas polêmicas, seja pela sua bravura, seja pelas repreensões, seja pelas atitudes pouco comuns. O seu modo de ser talvez não tenha sido controverso, porém sempre foi visto de maneira controversa, gerando desconfiança. Além de ter seu nome imortalizado em uma cidade pobre no meio-oeste de Santa Catarina, o capitão também marcou por suas atitudes intrigantes e provocativas, sua forma irônica de negar os avisos de cuidado e sua morte dramática com diversos enredos, que formaram essa imagem controversa de um capitão peculiar.

### Para saber mais

- † Carvalho, F. S. **Relatório apresentado ao general José Caetano de Faria, ministro da Guerra, pelo comandante das forças em operações de guerra no Contestado**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916.
- † Espig, M. J. **Personagens do Contestado: os turmeiros da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande (1908-1915)**. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

- † Helling, R. **40 Jahre im Innern von Brasilien: Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling**. Berlin: Pyramidenverlag / Dr. Schwarz & Co., 1931 Trad.: F. Neckel; M. Plarre; T. Benitez. Supervisão: Erica Foerthmann Schultz.
- † Rodrigues, R. R. **Veredas de um grande sertão: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro**. Tese (Doutorado em História Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- † Veber, F. S. **De Mesquita a Setembrino: uma análise acerca das expedições militares contra o Movimento do Contestado (1914-1915)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas, 2018.

## Negociação ou conflito? Um deputado federal em terras contestadas

Ana Crhistina Vanali

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: História Política na Primeira República, negociação com os sertanejos, deputado Correia Defreitas, criação da Cidade Santa de Caraguatá e militares na destruição da Cidade Santa de Taquaruçu.*

O ano de 1913 se aproximava de seu fim. No dia 09 de dezembro, o frei Rogério Neuhaus foi ao reduto de Taquaruçu tentar uma mediação entre o governo municipal de Curitibanos e os caboclos. Sua intenção era fazer com que eles se dispersassem, porém, o frei foi expulso.

Em 15 de dezembro, forças militares federais e estaduais chegaram em Curitibanos e organizaram um primeiro ataque a Taquaruçu. Os caboclos conseguiram reagir e venceram o combate ocorrido no dia 29 de dezembro. Um ano e dois meses depois do combate do Irani, a guerra foi reiniciada.

Na Vila de Curitibanos, nos primeiros dias de janeiro de 1914, foi assassinado o comerciante e líder comunitário de Taquaruçu, Praxedes Gomes Damasceno, quando tentava recuperar uma tropa de mulas cargueiras apreendida. A autoria da morte foi atribuída ao superintendente municipal, coronel Francisco Ferreira de Albuquerque. O governo de Santa Catarina fez novo apelo ao exército, que reuniu uma tropa de aproximadamente 750 homens, sob o comando do tenente-coronel Dinarte de Aleluia Pires, com ordens de efetuar um ataque para eliminar o reduto. Na tentativa de ser bem-sucedido nessa nova empreitada militar, o exército enviou os espiões Periquito (João Rodrigues) e Valeriano Marcondes ao reduto de Taquaruçu. Esses

voltaram com informações da organização, do número de pessoas, do número de armas, das lideranças e da crença dos caboclos.

Uma nova tentativa de fazer com que os caboclos se dispersassem e o conflito com o exército fosse evitado ocorreu dia 24 de janeiro, quando o Deputado catarinense Gustavo Lebon Régis enviou o benzedeiro Damaso Padilha ao reduto de Taquaruçu. Essa iniciativa também não vingou. Durante o mês de janeiro e início de fevereiro de 1914, estas missões de paz eram iniciativas que serviam, num contexto mais amplo, para o exército ganhar tempo enquanto deslocava novas tropas para a região e obtinha informações mais detalhadas dos sertanejos. Um ataque militar e politicamente mais orquestrado estava em curso. No Rio de Janeiro, o advogado Diocleciano Martyr conseguiu suspender o ataque a Taquaruçu por meio de um processo de *Habeas Corpus* coletivo encaminhado ao STF, que pugnava pelo direito de liberdade de crença da população reunida na Cidade Santa. Enquanto o governador de Santa Catarina, Vidal Ramos, tratava de derrubar o *Habeas Corpus*, o exército ia acumulando tropas.

No dia 26 de janeiro, Manoel Correia Defreitas chegou na cidade de Curitiba. Ele era deputado federal pelo Paraná nas legislaturas de 1909-1911 e de 1912-1914. Em 28 de janeiro, Correia Defreitas se encontrou com o comandante das tropas legais, o tenente-coronel Aleluia Pires, ao qual entregou uma carta de Lebon Régis, deputado e comandante do Regimento de Segurança de Santa Catarina, o que demonstrava que sua missão tinha apoio oficial. Correia Defreitas solicitou a Aleluia Pires o não ataque ao reduto antes de seu regresso, pois sua missão era tentar fazer a dissolução dos caboclos de forma pacífica. O comandante aceitou aguardar o resultado das negociações antes de realizar qualquer ação. A imprensa curitibana nomeou essa visita do deputado como “Campanha Humanitária” e, posteriormente, alguns historiadores paranaenses a denominaram de “Missão Republicana de Paz”.

No dia 30 de janeiro de 1914, Correia Defreitas e os guias locais Antônio Cordeiro de Sampaio, Generoso Ribeiro e Firmino Mello (que tinham parentes no local e queriam tirá-los de lá) partiram para o reduto de Taquaruçu. A comitiva chegou ao seu destino no dia 31 de janeiro. Encontraram o reduto esvaziado, habitado somente por mulheres, crianças, inválidos e idosos. Foram recebidos com muita hospitalidade, tomaram chimarrão em diferentes casas e pernoveram na casa do falecido Praxedes Gomes Damasceno. Correia Defreitas não obteve sucesso em suas negociações para dispersar o pessoal

do reduto. Toda vez que ele mencionava a questão da dispersão, os caboclos respondiam que estavam concentrados ali numa santa missão e que não pretendiam atacar ninguém, a não ser que fossem atacados, pois teriam que se defender. Informaram ao deputado que os líderes que poderiam ordenar a dispersão haviam partido para construir o reduto de Caraguatá.

Então, no dia 02 de fevereiro, o deputado decidiu ir até o novo reduto em construção. Foi acompanhado dos guias Generoso Ribeiro e Firmino Melo. O guia Antônio Cordeiro Sampaio foi para Espinilho (lugar de concentração das tropas legais) e forneceu depoimento. No dia seguinte, 03 de fevereiro, as tropas legais partiram do Espinilho e se posicionaram para atacar Taquaruçu.

Em sua missão no reduto de Taquaruçu, Correia Defreitas conseguiu dos caboclos a promessa de que se dispersariam desde que os chefes dos redutos de Taboão e Caraguatá também concordassem. Depois de três dias de viagem, no dia 05 de fevereiro, o deputado chegou ao reduto de Caraguatá. Enquanto se esforçava para cumprir sua missão, recebeu a notícia do ataque e da destruição de Taquaruçu. As tropas oficiais não aguardaram seu retorno e atacaram a Cidade Santa na tarde do dia 08 de fevereiro com um bombardeio, que prosseguiu de forma ininterrupta pela noite chuvosa até a manhã do dia seguinte. De acordo com Frei Menandro Kamps: “Os militares destroçaram Taquaruçu, liquidaram todos os que ali estavam e queimaram as casas”.

O chefe do reduto de Caraguatá, Elias Antonio de Moraes – depois de saber da destruição de Taquaruçu – contrapropôs na negociação, o impossível ao deputado paranaense: não queriam terras, escolas, estradas e dinheiro como propunha o deputado, mas sim, queriam que o governo devolvesse as vidas dos que haviam perecido na comunidade cabocla. Certificando-se do fracasso dos seus esforços, Correia Defreitas deixou a região.

Sobre as tentativas de negociação, a imprensa curitibana da época noticiou algumas versões sobre as tratativas de Correias Defreitas com os caboclos. Em uma delas especulava, quando da sua estada em Caraguatá, que ele teria ofertado cem mil reis para que os caboclos se dispersassem, porém, esses teriam exigido um milhão de contos de réis e a restauração da Monarquia, condições fora do alcance do deputado paranaense. Em outra versão, ele teria garantido que o governo daria terras aos caboclos, mas esses responderam que só desejavam o retorno da monarquia. Ambas as versões apresentam um ponto em comum: o



retorno da monarquia como condição de paz. Esse retorno solicitado pelos caboclos não era o regresso de algum descendente de Dom Pedro II ao poder, mas sim a derrubada dos coronéis e a implantação de um governo mais justo. Quando Correia Defreitas procurou negociar em Caraguatá, a reivindicação por terras já não era mais a exigência imediata dos caboclos, mas sim a mudança da forma de governo, o que inviabilizou os projetos pacifistas do deputado paranaense.

O deputado Correia Defreitas foi apontado como o emissário do governo federal que trazia a palavra do então presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca. O conselho seria para que os chefes dos caboclos debandassem e não reunissem as pessoas nos redutos, caso contrário o governo teria que atacá-los. A resposta dos caboclos foi negativa e alegavam que eram pacíficos, que apenas se defendiam, pois, as “tropas do Hermes é que vinham provocá-los”. Como haviam conseguido uma vitória no primeiro combate, a posição das lideranças era irredutível e achavam que iriam repetir o feito. Os chefes dos caboclos procuravam protelar as negociações com o deputado paranaense, pois haviam recebido a notícia dos seus informantes que as tropas estavam esperando a volta do deputado para atacar.

Alguns oficiais do exército, sem saber ao que atribuir a reação dos sertanejos, acusaram Correia Defreitas de “mascarado como mensageiro da paz” e de ser enviado aos redutos com o objetivo de ensinar-lhes técnicas de guerrilha. Essa acusação, segundo a imprensa, teria sido realizada por um oficial do exército, do 54 Batalhão de Caçadores, e confirmada por vários sertanejos e um oficial paranaense. O deputado paranaense a contestou com veemência e passou a exigir o nome desse oficial militar, lançando o desafio de que se caso ele realmente existisse e conseguisse provar a acusação, ele então renunciaria ao seu mandato de deputado federal, mas caso não fosse provada sua culpa, o oficial teria que renunciar a sua farda. Esse oficial nunca apareceu, era um “oficial telegráfico” e vários dos sertanejos presos disseram o contrário: que Correia Defreitas fora pregar a paz.

Em depoimento para o jornal *Diário da Tarde* de 11 de fevereiro de 1914, o deputado demonstrou o sentimento de inutilidade de todos os esforços que empreendera visando à pacificação. A licença dada para negociação por Aleluia Pires não pôde ser cumprida em tempo, pois o deputado teve que se deslocar em poucos dias para dois redutos distantes entre si. Em Curitiba, o general Alberto Ferreira de Abreu, chefe da Região Militar, não estava preocupado com outra coisa a não ser o desfecho rápido de todo o conflito, que estava agora autorizado

depois de denegado o *Habeas Corpus*. Então o general Abreu ordenou o ataque e os canhões troaram antes do retorno do parlamentar.

Correia Defreitas era descrito como um deputado socialista, de “ideias avançadas”, ideias estas que podem ser verificadas em seus projetos de lei apresentados na Câmara dos Deputados, tais como: distribuição de terras, seguro operário, pensão por invalidez ou velhice, combate ao analfabetismo, proteção de animais, entre outros – mas não conseguiu aprovar nenhum deles.

Interessante é comparar a visão do deputado sobre os caboclos antes e depois de sua missão nas terras contestadas. Antes de entrar em contato direto com os caboclos, Defreitas compartilhava a representação social construída pela imprensa, pelo exército e pelos membros da classe política e que legitimavam sua intervenção armada sobre Taquaruçu, consolidando a ignorância, a violência e o analfabetismo como os principais atributos dos rebeldes. Por isso, em seu discurso na Câmara dos Deputados do dia 24 de outubro de 1912, Correia Defreitas faz menção à figura do coronel João Gualberto, morto no Combate do Irani, como sendo “o ídolo de todas as classes d’esta terra”, ou seja, um herói que teria sido morto por bandidos selvagens “trespassado pelo facão do caboclo facínora”. E finalizou seu discurso explicando que:

É por causa de factos d’essa ordem que tenho apresentado projetos de combate ao analfabetismo, uma das mais fundas e dolorosas chagas que afligem a nossa sociedade. Infelizmente, o Congresso não tem tomado em consideração esse problema, que é capital, e essencial para que possamos constituir uma nação forte, de homens civilizados.

A sua missão tinha o objetivo de sensibilizar a população e apontar os rumos para uma solução “sem derramamento de sangue”. Após o contato com os sertanejos, Correia Defreitas procurava apagar as imagens de violência e o perfil de criminosos comumente atribuídas às populações caboclas. O deputado passou a considerar o sertanejo como uma vítima das condições sociais e políticas locais. Ou seja, após um curto período de contato nas Cidades Santas, os caboclos passaram a ser vistos pelo deputado dentro de um quadro de referências próprias e os textos que ele publicou nos jornais da época procuravam apagar as marcas de violência comumente atribuídas a eles: “Os fanáticos não praticaram uma agressão ainda, um roubo, uma depredação. Vão ao extremo de queimar dinheiro, víveres e munições apreendidas para não se aproveitar do que é alheio.

A própria lenda da existência de perigosíssimos e facínoras bandidos entre os fanáticos é desfeita por inteira”.

A imagem de Manoel Correia Defreitas estava associada a um imaginário republicano idealizado. De longa data era um defensor do Paraná na questão dos limites com Santa Catarina, era um político que tinha uma atuação crítica na sociedade e com uma leitura diferenciada dos processos sociais, portanto, com a Guerra do Contestado, não seria diferente. Por isso, apesar de seus 63 anos de idade, o deputado federal empreendeu uma longa e cansativa viagem do Rio de Janeiro até os redutos de Taquaruçu e Caraguatá, permanecendo na região por 19 dias com o objetivo de convencer os caboclos a dissolver a comunidade da Cidade Santa em nome da paz. Os documentos levantados não esclarecem sobre a verdadeira intenção que teria o motivado a tomar a iniciativa de partir para o sertão catarinense. Até o momento, ele é apontado como o único parlamentar que esteve presente na região tentando uma mediação antes do derradeiro ataque a Taquaruçu.

Em seus depoimentos sobre sua missão em terras contestadas, Correia Defreitas afirmou que a intenção de sua viagem foi patriótica: primeiro com o objetivo de visitar os redutos de Taquaruçu, Caraguatá e Perdizes. Nos redutos encontrou a maior ordem e o absoluto respeito pelas famílias, bem como um número reduzido de pessoas e de armamento. Dessa missão apontou, o que para ele, seriam as três causas da Guerra do Contestado: 1. “O fanatismo religioso”: os que alegavam que estavam ali por ordem de São João Maria para construir a nova cidade de Jerusalém; 2. Reação dos sertanejos contra as perseguições de que tinham sido vítimas pelos coronéis de Curitiba (sobretudo o coronel Francisco Ferreira de Albuquerque) e Campos Novos; 3. Reação dos sertanejos que foram espoliados de suas terras devido às grandes concessões dadas à companhia estrangeira, e de outro pela expulsão dos brasileiros que habitavam às margens da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, visto que a *Brazil Railway Company* obteve até 15 km de terras de cada lado da ferrovia para colonização e exploração. O deputado ressaltou que essas terras já eram habitadas por nacionais há mais de 30 anos.

Correia Defreitas permaneceu de final de janeiro a metade de dezembro de 1914 afastado da Câmara dos Deputados. Quando retornou, na sessão da Câmara de 14 de dezembro, apresentou suas impressões sobre a região contestada, a tratativa que deveria ser dispensada aos caboclos e as causas que levaram à deflagração do conflito. Decidiu não concorrer nas eleições federais de 1915 como deputado representando

a minoria paranaense para se dedicar sobretudo à questão de limites, mas nos anos seguintes, até a sua morte em 1932, continuou firme na defesa do Paraná na questão dos limites com Santa Catarina. Sua trajetória e posicionamento revelam o perfil de uma parcela da classe política da época que conseguia separar a disputa pela questão de limites das justas reivindicações por terra, trabalho e direito a professar a fé, tal como os caboclos do Contestado vinham fazendo no interior das Cidades Santas.

### Para saber mais

- † Albuquerque, M. M. **Contestado: distorções e controvérsias**. Curitiba: Estante Paranista n. 30 / Instituto Histórico e Geográfico do Paraná / Editora Lítero-Técnica, 1987.
- † Felipe, E. J. **O último jagunço: folclore na história da Guerra do Contestado**. Curitiba, SC: Universidade do Contestado, 1995.
- † Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. São Paulo: Ática, 1977.
- † Souza, F. M. **O presidente Carlos Cavalcanti e a revolta do Contestado**. Curitiba: Estante Paranista n. 29 / Instituto Histórico e Geográfico do Paraná / Editora Lítero-Técnica, 1987.
- † Vanali, A. C. “Manoel Correia Defreitas na literatura sobre o Contestado”. **Revista NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses – UFPR)**, Curitiba, v. 2, n. 5, p. 78-114, 2016.

## De Mesquita a Setembrino: as expedições militares

Felipe Veber

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: Expedição Mesquita, Expedição Setembrino, suprimento de guerra e aspectos políticos e sociais.*

Solicitei também a minha exoneração, por ter concluído, como acima disse, a minha missão, não me competindo mais andar com forças federais à caça de bandidos, como capitão do mato do tempo da escravatura.

Essas palavras contundentes são do general Carlos Frederico de Mesquita, em seu relatório, ao encerrar aquela que ficou conhecida como Expedição Mesquita e que combateu os rebeldes do Contestado entre abril de 1914 e maio do mesmo ano. Sendo veterano da Guerra de Canudos, tinha experiência e conhecimento acerca de revoltas. Em maio, depois de um mês de preparativos, o general Mesquita iniciou uma ofensiva contra Caraguatá, atacando simultaneamente pelo norte e pelo sul, porém o reduto estava vazio. Complicações com tifo haviam feito os caboclos se deslocarem para Bom Sossego. Assim, os militares atearam fogo na Cidade Santa abandonada e rumaram para Tamanduá. Porém, a tropa foi surpreendida no meio do trajeto por caboclos escondidos na mata, ambiente que dominavam muito bem, obrigando o general Mesquita a retornar com sua tropa para o quartel general, em Porto União da Vitória. Após essa frustração, ele encerrou sua campanha e reclamou acerca das condições das tropas, que estavam extenuadas, sem roupa adequada para a estação fria e com muitos doentes.

Com a saída de Mesquita, imediatamente o capitão Matos Costa

tornou-se o responsável pela campanha contra os sertanejos. Após meses de preparação, estudos sobre os motivos da guerra e diversas indagações, no começo de setembro o capitão foi surpreendido por um grupo de sertanejos que atacavam algumas estações da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG). Durante o conflito, foi morto. Por ser apresentado como um defensor da causa rebelde, sua morte foi usada como brado de defesa ao imediato extermínio dos caboclos.

Após a morte de Matos Costa, em 14 de setembro, o general Fernando Setembrino de Carvalho tornou-se o responsável por comandar a “grande expedição” contra o Movimento do Contestado. Ao contrário dos comandantes anteriores, Setembrino recebeu recursos financeiros e autorização para usar toda a força bélica necessária – não somente para terminar com o movimento caboclo, mas também para restaurar a imagem do Exército brasileiro e apaziguar as disputas políticas na região contestada. A “grande expedição” comandada pelo general coincidiu com o processo de modernização do Exército. Para combater os rebeldes foi mobilizado grande quantidade de homens – metade do contingente do exército na época – e aviões para o mapeamento estratégico da região. Foram meses de avanços e conflitos das forças legais contra os caboclos, até que chegaram ao reduto de Santa Maria. Com o avanço e cerceamento das tropas, o reduto se desintegrava em doença, fome e miséria. As chances de os sertanejos saírem vitoriosos eram mínimas, pois o contingente financeiro, bélico e humano movido contra eles era totalmente desproporcional. Um arsenal militar da força nacional inteiramente mobilizado para reprimir homens, mulheres, crianças e idosos brasileiros. Uma campanha de guerra contra seu próprio povo. Do ponto estratégico-militar, a tomada do reduto de Santa Maria foi o momento crucial da vitória dos militares contra os caboclos, sendo destruído em abril de 1915. A partir desse momento, os caboclos foram se rendendo. Contudo, mesmo na rendição havia estratégias de luta e astúcia. Em maior número se apresentavam mulheres e crianças, além de homens inválidos para a luta armada. Em alguns casos também se entregavam traidores do movimento, como o foi Henrique Wolland, conhecido como Alemãozinho. Os últimos a se renderem ou a serem capturados eram os homens de briga. Entre eles, Adeodato Ramos, a liderança que acabou se apresentando em maio de 1916.

Teria sido Setembrino de Carvalho mais competente que o general Mesquita? O primeiro é reconhecido como estrategista, tendo construído uma carreira meteórica no exército e na política, chegando a ministro do Exército no governo de Arthur Bernardes, enquanto

o segundo morreu quase anônimo. Uma breve comparação entre os contextos e as formas de atuação poderá esclarecer alguns aspectos.

Na expedição Mesquita, os documentos históricos dialogam claramente com a escassez de recursos e de soldados. O historiador de farda Pinto Soares, a partir do relatório de Mesquita para o ministro da guerra, informa que as tropas estavam “extenuadas, sem roupas, e grande parte com reumatismo e bronquite, devido passar mal com a estação invernososa que se aproximava”. Outro fator que reitera essa escassez é que Mesquita, ao chegar ao comando, solicita ao ministro da guerra recursos para equipar os homens, porém esse pedido é negado. A imprensa notificava até mesmo atraso nos soldos dos soldados, o que causava deserções. Segundo Demerval Peixoto, outro “historiador de farda”, as tropas, exaustas, contavam com barracas velhas e sem conforto.

O próprio Mesquita relata que antes de sua chegada já existiam reclamações sobre fardamento, equipamento, medicamentos e o estado de marasmo, acreditando que pouco faltaria para uma revolta. Outro fato importante é o caso do aviador Cícero Marques, que ofereceu seus serviços de forma gratuita para atuar na campanha do general Mesquita, solicitando apenas uma aeronave que suportasse as excursões de observação, porém o pedido também foi negado pelo ministro da guerra. São evidentes as dificuldades de Mesquita que, além da falta de recursos, enfrentou também o atraso de soldos, a falta de remédios e de comida. Tudo isso apesar da forte tentativa do general em angariar recursos. O próprio general Setembrino, após sua chegada, lamentou a precariedade encontrada, considerando o sistema de transporte inapropriado e as barracas impróprias e não condizentes com o efetivo das unidades, criticando ainda a falta de instruções aos soldados. Ou seja, o general Mesquita teve ao seu alcance pouco mais de 1.700 homens, despreparados e sem equipamentos suficientes. Soma-se a isso o pouco capital político que desfrutava naquele momento, o que o impediu de angariar apoio para conseguir os recursos que necessitava para equipar seus homens.

Na “grande expedição” do general Setembrino de Carvalho, as coisas tomaram outros – e exorbitantes – rumos, demonstrando desproporção de recursos entre as campanhas contra o Movimento do Contestado. Poucos dias após a sua chegada à frente do comando, lhe foi disponibilizado um alto contingente de soldados, oriundos de regimentos de diversos estados brasileiros, atingindo, em dezembro de 1915, entre seis e sete mil homens, cerca de um terço do contingente efetivo na época. Até mesmo a Marinha foi idealizada

como força auxiliar na campanha contra os rebeldes do Contestado, mas não foi acionada devido às dificuldades de entrosamento entre as duas corporações militares. De forma rápida, a desorganização e a precarização de recursos também já começaram a ser sanadas, num primeiro momento com a melhoria dos sistemas de abastecimento dos recursos que chegavam até a tropa. Segundo Peixoto, logo foi melhorado o sistema de saúde, implementando “hospitais de sangue” em lugares estratégicos e com mais recursos, aprimorando as acomodações com suprimentos e estofados de qualidade para os feridos, assim como o depósito de víveres.

Para além do quesito material, as instruções dos soldados e as estratégias de combate também foram aperfeiçoadas, sendo mais eficazes contra os rebeldes. É indispensável também citar a utilização de aeroplanos na expedição do general Setembrino. Foram disponibilizados três aviões, um avião militar, o tenente Ricardo Kirk, e um civil, Ernesto Darioli, para a campanha de Setembrino. Os aviões não foram utilizados da forma pretendida, porém foram mobilizados até a região e chegaram a fazer um voo de reconhecimento aéreo no território conflagrado. Foram disponibilizados também diversos obuses – peças de artilharia utilizadas para disparar projéteis, como granadas e bombas – e um canhão de montanha para a Campanha. Segundo Peixoto, foram adquiridos ou reparados recursos fundamentais, como armamento e munição, barracas, calçados, uniformes e chapéus.

Referente às ligações políticas, o general Mesquita mantinha basicamente relações de cunho militar com o ministro da guerra, o qual negou seus pedidos solicitando recursos. O general Fernando Setembrino de Carvalho, para além do ministro da Guerra, gozou de uma aproximação muito forte com o então presidente da República Hermes da Fonseca, que concedeu a patente de general de brigada para Setembrino. O general tentou arbitrar até mesmo a questão de limites entre Santa Catarina e Paraná, tendo alianças com lideranças políticas locais. A influência de Setembrino era tanta que, em 1922, ele foi indicado pelo presidente da República para ser ministro da guerra.

O número de vestígios sobre a experiência de comando desses dois oficiais também oferece pistas sobre o peso político e econômico conferido a cada uma das expedições por eles comandadas. Ao que condiz à campanha do general Mesquita, tem-se dois principais tipos de informação, sendo um basicamente abordando as estratégias militares e conflitos, e o outro referente à escassez de recursos, sendo esse último o que se sobressai. Sobre a expedição do general Setembrino, tem-se



além de maiores informações, também mais positivas, lidando com suas estratégias militares, sua forte presença na questão de modernização do exército e, claro, sobre sua vitória e maestria diante do comando da “grande expedição”. Como forma de divulgar seus feitos, ele solicitou diversos registros fotográficos e os fez publicar nos principais jornais do Rio de Janeiro, entre eles o *Malho*.

A partir dos relatórios de ambos os generais, as despesas realizadas por cada expedição vão demonstrar em valores o contraste existente entre as campanhas. Ao general Mesquita, foi disponibilizado 70:000\$000 (70 contos de réis), sendo esse numerário um dos motivos para o desânimo do comandante. Desses 70:000\$000, apenas 40:000\$000 entraram nos cofres expedicionários, tendo os outros 30:000\$000 ficando no poder do General Inspetor da 11ª Região Militar, que declarou precisar do dinheiro para outros motivos.

Ao general Setembrino, foi disponibilizado 900:000\$000 em um primeiro momento. Sendo 221:959\$726 em material, 46:858\$356 em transportes em carroças e cargueiros, 20:916\$790 em compras de animais, 181:288\$694 em folhas de civis, 23:979\$434 em excesso de forragem e 405:000\$000 ao terço de campanha e meia etapa. Posteriormente, com o prolongamento das operações, Setembrino solicitou mais 882:000\$000 para as novas despesas, sendo aberto um crédito de 1.500:000\$000 para a campanha, porém foi utilizado 512:549\$536. Sendo 50:134\$515 em material, 28:646\$700 em transporte em carroças e cargueiros, 26:418\$000 em compra de animais, 299:317\$450 em folhas de civis e 108:032\$871 em excesso de forragem. Logo, somando os dois créditos concedidos ao general Setembrino para as despesas de sua campanha, tem-se cerca de 1.412:549\$536, mais de 20 vezes o que foi disponibilizado para o general Mesquita.

A partir das informações expostas, é possível concluir a discrepância existente entre os recursos disponibilizados para cada expedição. Primeiramente, o general Carlos Frederico de Mesquita teve ao seu alcance pouco mais de 1.700 militares e o general Fernando Setembrino de Carvalho um número que varia na historiografia entre seis e sete mil homens. Ou seja, Setembrino teve sob seu comando cerca de cinco vezes mais homens que Mesquita.

A diferença na facilidade em angariar recursos é um dos principais fatores para a discrepância entre as expedições. As respostas do ministro da guerra para as solicitações do general Mesquita sempre foram negativas. Já o comandante da “grande expedição” faz jus ao nome

da campanha de diferentes maneiras. Setembrino tinha a seu dispor toda força bélica que fosse necessária para extinguir os sertanejos, bem como o consenso diante de suas solicitações ao ministro da guerra. Os homens do general Mesquita não tinham nem cavalos suficientes, nem mesmo alimentos para os cavalos, enquanto o general Setembrino de Carvalho detinha, além de constantes melhorias ao transporte de seus homens, também a possibilidade de utilizar equipamentos que ampliaram imensamente seu poderio bélico e tático, como por exemplo, os aeroplanos, usados para um desejado reconhecimento das áreas e ataque aéreo; soma-se a isso, os obuses, usados de forma sistemática para o bombardeio de redutos, e o sistema médico com seus “hospitais de sangue”, que possibilitou não somente o salvamento de milhares de vidas, como também a possibilidade dos homens feridos voltarem para o campo de batalha. Ao longo da expedição do general Setembrino de Carvalho foi sendo solucionada a maioria dos problemas, chegando ao final de seu comando com muitos deles erradicados ou melhorados de forma impressionante, tanto que em seu relatório, nas considerações gerais do estado da tropa ao final de sua campanha, por exemplo, referente às armas, ele diz que estão boas e desempenham o seu papel de forma excepcional.

Em termos de ligações políticas, ainda que seja um tema que necessite de maior aprofundamento, também é perceptível a diferença entre as relações dos comandantes, tendo em vista que o general Setembrino de Carvalho mantinha contato direto com o presidente da República, e não se esquivava de ações políticas. Teve, por exemplo, participação na medida política que desencadeou a renúncia do coronel Francisco Ferreira de Albuquerque da Superintendência da Vila de Curitiba, cargo que ocupava desde 1902. Em seu lugar, foi nomeado o coronel Marcos Gonçalves Farias para comandar a Superintendência de Curitiba, a partir de maio de 1915. Outro fator a se enfatizar é que, ao contrário de Mesquita, o general da “grande expedição” dialogou e utilizou vaqueanos em suas missões. Nas fontes, as informações sobre a “grande expedição” são maiores e mais minuciosas, existindo ainda milhares de telegramas de contatos do general Setembrino, o que fortifica a ideia das suas ligações políticas e das fontes sobre sua campanha. É importante salientar as fotografias das expedições: nas campanhas do general Mesquita e do capitão Matos Costa elas são muito raras, para não dizer completamente nulas. Já na campanha do general Setembrino de Carvalho, tem-se um grande número de fotos de diversas maneiras, seja do acampamento, do quartel general ou da tropa.

A expedição do general Fernando Setembrino de Carvalho desfrutou de mais homens, mais materiais e mais recursos. Esse personagem protagonizou relações políticas importantes e foi aplaudido em inúmeros documentos de época. Sobre sua campanha existem comparativamente muito mais registros fotográficos do que sobre aquela que a antecedeu, tendo gozado de uma verba expedicionária significativamente maior que os demais comandantes. A “carta branca” dada ao general Setembrino de Carvalho foi visível, e não apenas por motivos militares, pois além do orçamento, ele detinha a chefia do comando regional militar de Santa Catarina e Paraná. O general tinha muita influência política, muitos admiradores e, logicamente, sua capacidade era indiscutível. No entanto, ele de certa forma ampliou seu poder devido ao intenso medo pelo crescimento do movimento, principalmente após os incêndios na região, que fizeram a *Brazil Railway Company*, proprietária da EFSPRG, e os estados de Santa Catarina e Paraná solicitarem uma intervenção mais drástica.

### Para saber mais

- † Peixoto, D. **A Campanha do Contestado: raízes da rebeldia**. Curitiba: Fundação Cultura, 1995. 3 V.
- † Rodrigues, R. R. **Veredas de um grande sertão: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro**. Tese (Doutorado em História Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- † Soares, J. O. P. **Guerra em Sertões Brasileiros**. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1931.
- † Veber, F. S. **De Mesquita a Setembrino: uma análise acerca das expedições militares contra o Movimento do Contestado (1914-1915)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas, 2018.

## Extra! Extra! O Contestado nas páginas dos jornais

Liz Andréa Dalfré

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: desenvolvimento da imprensa no Brasil, política e parcialidade na imprensa, desenvolvimento da educação no Brasil, dinâmicas entre litoral e interior e a questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina.*

No dia 28 de setembro de 1912, o jornal *Folha do Comércio*, de Florianópolis, trazia em suas páginas uma análise sobre os moradores da região do Contestado, enfatizando o abandono e a orfandade na qual se encontrava essa população, distante dos elementos civilizatórios característicos do litoral brasileiro. O periódico se referiu aos rebeldes como “fanáticos”, cuja ignorância seria fruto da inércia dos poderes públicos, da ausência de escolas e de estradas. Esse foi o tom de muitas notícias veiculadas sobre os participantes da Guerra do Contestado ao longo dos anos de 1912 a 1916.

No início do século XX, a imprensa escrita diária representava o mais importante meio de comunicação e divulgação de notícias no Brasil. Nessa época, a produção de periódicos passou por um processo de modernização com a substituição da confecção artesanal dos impressos para um trabalho mais especializado, a partir da incorporação de avanços técnicos, o que não significou a substituição imediata da produção em todo território nacional.

Como principal veículo formador de opinião da época, era nas páginas da imprensa diária que se processava grande parte dos debates públicos e intelectuais. Os periódicos se constituíam como responsáveis pela difusão de propostas, de ideias políticas, mas também de intrigas, polêmicas e conspirações.

Nas primeiras décadas do século XX, contexto no qual ocorreu a Guerra do Contestado, muitos jornais se apresentavam como representantes do pensamento ilustrado e civilizado. As grandes transformações e projeções deste período como o ideal ilustrado de educação, a crescente urbanização das principais capitais brasileiras, a inserção da malha ferroviária, a entrada de grande contingente de imigrantes, entre outros temas, eram apresentados nas páginas dos jornais.

Longe de representarem a imparcialidade de determinados grupos ou setores sociais, os periódicos do início do século XX demonstravam forte posicionamento político e/ou moral. Suas ideias e notícias eram apresentadas de forma apaixonada e eloquente, muitas vezes com clara tomada de posição e inserção de recursos retóricos contendo tons de ironia ou de indignação.

Assim como nos dias atuais, a imprensa escrita diária do início do século XX estava vinculada aos interesses dos grupos para os quais escreviam, com agendas políticas e sociais bem-marcadas. Neste sentido, ao analisar este tipo de documento, é importante identificar o posicionamento político e ideológico de cada periódico, bem como os valores e crenças evidenciados nas notícias dirigidas ao público.

Os jornais da época também fornecem ao leitor contemporâneo um panorama geral de acontecimentos simultâneos ao Movimento do Contestado que ocorriam em diferentes regiões do Brasil e do mundo, como a Primeira Guerra Mundial, por exemplo. Eles compõem ainda um material capaz de demonstrar as angústias, projeções, expectativas, julgamentos e até mudanças de opinião relacionadas à postura dos editores dos periódicos em relação aos rebeldes e aos seus participantes. Entretanto, embora constituam um importante acervo sobre os episódios da época, devem ser lidos e compreendidos de forma crítica, como representantes de determinados grupos e interesses.

A Guerra do Contestado foi amplamente noticiada na imprensa escrita diária, entre os anos de 1912 e 1916, especialmente em jornais do Paraná e de Santa Catarina, estados que estavam diretamente vinculados ao conflito. Esse farto material apresenta o evento a partir de reportagens, de notícias referentes aos acontecimentos e aos personagens envolvidos, de mensagens recebidas via telégrafo, transcritas de outros jornais, de enviados especiais e figuras popularmente conhecidas que passavam pela região conflagrada e davam seu depoimento. Muitas vezes, eram transcrições de telegramas recebidos dos municípios próximos aos locais dos redutos, que transmitiam informações incertas e até mesmo

contraditórias, conforme é possível observar nesse trecho publicado em 16 de dezembro de 1916, pelo *Diário da Tarde*, periódico de Curitiba:

Tempo de guerra... Correu desde ontem descontraídos boatos sobre o movimento de Taquaruçu. Segundo esses boatos, as forças que partiram daqui, há poucos dias, teriam tido um encontro com os fanáticos, resultando várias baixas. Para uns o encontro se teria dado com as forças comandadas pelo capitão Adalberto de Menezes, para outros, com as de polícia, ao mando do tenente Koenig.

Os jornais buscaram construir uma imagem da guerra e dos seus participantes, identificando quem seriam os “mocinhos” e os “bandidos” da história e apelavam para a adoção de determinados comportamentos ou ações. Os títulos e as notícias orientavam o leitor a respeito do papel do periódico em relação àqueles acontecimentos, bem como dos militares e dos políticos de cada estado envolvido.

Os periódicos que circularam durante os anos de 1912 a 1916 produziram um grande conjunto de notícias sobre o conflito, especialmente os jornais de Santa Catarina e do Paraná, cujos editores e proprietários, muitas vezes, estavam vinculados a determinados interesses políticos dos dois estados. Assim, por exemplo, o *Diário da Tarde*, um jornal de composição liberal, guardava certa autonomia em relação ao governo federal, mas possuía laços estreitos com figuras da política paranaense, especialmente grandes proprietários de terras da região contestada. Já *O Dia*, de Florianópolis, estava vinculado ao Partido Republicano Catarinense, sob os auspícios de Filipe Schmidt, governador de Santa Catarina entre 1914 e 1918. Embora a Guerra do Contestado tenha sido noticiada, de forma geral, por toda a imprensa nacional, vários periódicos deram grande destaque às informações e aos assuntos relacionados ao conflito, como por exemplo os catarinenses *O Dia* e *a Folha do Comércio*, de Florianópolis, *O Trabalho*, de Curitiba, *O Imparcial*, de Canoinhas, *A Notícia*, de Lages e os paranaenses *A Tribuna*, o *Diário da Tarde* e *A República*, todos produzidos em Curitiba.

As notícias não eram mera reprodução dos fatos, demonstravam um conjunto de valores sociais, políticos e culturais que eram defendidos por grupos letrados do país. Nas descrições sobre os participantes, tanto militares, quanto rebeldes, assim como dos grupos políticos envolvidos, é possível notar como ideais de letramento e preconceitos regem os textos veiculados nesses meios de comunicação, como é possível notar

na seguinte notícia, publicada em 1º de janeiro de 1914 no periódico lageano *A Notícia*:

Esse movimento não é mais do que o resultado da ignorância e superstição dos nossos sertanejos, sempre propensos às mistificações de toda espécie, deixando-se levar às vezes por espíritos demasiadamente inferiores, como soe agora suceder, unicamente por uma deplorável influência mesológica, em que a credence no maravilhoso e sobrenatural atua como principal fator.

As ações dos rebeldes da região contestada eram consideradas fruto de uma sociedade ignorante, que por não ter acesso à educação formal estava propensa a credences de toda ordem. Muitos jornais confluíram com um pensamento comum neste momento da história do nosso país, a ideia de que somente a cultura letrada, fornecida por meio do ensino regular em escolas, traria condições de discernimento e de postura crítica para a população. Os rebeldes, considerados provenientes de uma sociedade rústica e tradicional, eram vistos como o modelo oposto ao ideal de progresso e civilização almejado com base no ensino escolar, letrado, ilustrado.

Também interessou aos jornais a descrição do universo cultural dos redutos, em que se fez questão de sublinhar os rituais e as atitudes cotidianas transformando-as em um conteúdo exótico. A descrição do dia a dia dos sertanejos, portanto, não se deu de forma desinteressada ou imparcial, como muitos jornais afirmavam, pois nesses discursos é possível notar juízos de valor, como na notícia a seguir publicada pelo *Diário da Tarde* em 06 março de 1914:

Os fanáticos reuniram-se duas vezes durante o dia ao toque de um velho tambor de pele de carneiro. Reunidos, punham-se em formas e em seguida, enfileirados, percorriam o “gramado” dando vivas a todos os santos, a José Maria e a liberdade. Havia entre eles evidentemente muita ignorância, como é natural, pois em todo o Taquaruçu que conta para mais de cinco mil almas, não existe uma única escola! (...) Os fanáticos obedecem a uma ordem superior. Falam só em José Maria.

Em outros momentos, predominava uma visão romântica, na qual o sertanejo, morador do sertão, local geralmente descrito como atrasado e inculto, também se apresentava como o local autêntico, *habitat*

do verdadeiro brasileiro, em contraposição ao litoral, considerado civilizado e moderno, porém, parasita e superficial. Essa forma de descrição pode ser identificada em um texto publicado por José Júlio Cleto da Silva, no mesmo periódico citado anteriormente, em 1912:

Longe da civilização, alheio ao evoluir constante dos grandes centros o caboclo desconhece os males que afligem esse turbilhão humano, que luta desesperadamente, ou que se levanta, por momentos, sem jamais alcançar a meta dos seus desejos.

Nas notícias veiculadas pela imprensa os sertanejos muitas vezes foram chamados de fanáticos, considerados adeptos de uma crença exacerbada e irracional. A noção de fanatismo em vários momentos dividiu espaço com expressões relacionadas à ideia de loucura. Ignorância, loucura e inconsciência foram palavras muito recorrentes nas notícias sobre a Guerra do Contestado, conforme é possível perceber em um texto publicado pelo *Diário da Tarde* em 1914:

Uma centena de indivíduos, míseros sertanejos, reúnem-se num certo ponto do território de Santa Catarina, a fim de seguir o 'seu vidente', um perfeito tipo de desequilibrado, atacado de exaltação religiosa. (...) Pelas palavras dos fanáticos, pelas respostas aos conselhos dos missionários, pelas ameaças às censuras que este articulara contra os erros de sua crença absurda, torna-se evidente o estado de perturbação daqueles rudes espíritos, de sertanejos, abandonados a sua própria sorte e entregues a mais completa ignorância.

A ideia de loucura sertaneja se tornou um importante argumento utilizado, não somente pelos jornais, como também pelos governantes, pelos militares e pela intelectualidade da época, para justificar a repressão e a defesa de uma espécie de tutoria para indivíduos que, acreditava-se, não possuíam condições de tomar decisões por estarem vivenciando uma condição patológica. Nesse sentido, os jornais da época certamente atuaram como formadores de opinião, persuadindo, legitimando e auxiliando na interiorização de tal ideia.

Os militares, por sua vez, também eram representados a partir da visão de mundo dos escritores. Ao contrário dos sertanejos, entretanto, eles eram retratados como heróis, como mártires, conforme podemos observar em uma das notícias do *Diário da Tarde*, na qual o coronel João



Gualberto foi bastante elogiado ainda antes de sua morte na Batalha do Irani, que ocorreu em 22 de outubro de 1912.

Soldado que honra o Exército Nacional, jornalista vigoroso, engenheiro de vasta competência, patriota abnegado, amigo dedicadíssimo, indivíduo que cultua as mais altas virtudes cívicas, chefe de família verdadeiramente modelar, o dr. João Gualberto é uma dessas raras figuras que se impôs (...) pela capacidade do trabalho e pelas fulgurações da sua inteligência.

Após a morte deste militar e de outros soldados que o acompanharam na investida contra o monge José Maria e seus seguidores, a imprensa os enalteceu de forma ainda mais enfática e dramática, como em 28 de outubro de 1912.

João Gualberto (...) é um nome inolvidável para o Paraná e para a República, que ele sonha engrandecer com seu sentimento cívico, a sua cultura mental e de guerreiro que até a hora suprema de exalar o último suspiro, manteve, em desassombro sem par, essa linha de bravura inaudita, batendo-se desesperadamente no cumprimento do dever. Não. Os heróis são assim. A vida é nada quando se tem a defender um nome que é um símbolo de virtudes cívicas.

Um dos temas que gerou um exacerbado debate por parte da imprensa catarinense e paranaense foi a questão de limites territoriais entre o Paraná e Santa Catarina. O conflito armado trouxe um novo vigor para essa disputa, pois se deu em partes do território então disputado. O litígio territorial entre os dois estados se estendia desde 1853 e só foi resolvido em 1916, com o final da guerra. Tanto os periódicos paranaenses como os catarinenses dedicaram muitas páginas a este assunto, geralmente relacionando-o ao conflito armado.

Os jornais da época muitas vezes se posicionaram de forma regionalista, ao valorizar características locais, ao defender os interesses de um dos estados envolvidos na Guerra como também ao se colocarem ao lado ou contra determinadas personalidades públicas da época. As notícias envolvendo a questão de limites territoriais entre os dois estados foram alvo de disputa nas páginas dos periódicos, que publicavam matérias recheadas de ressentimentos, ironias, críticas políticas e trocas de acusações. O texto a seguir, publicado pelo jornal

O *Diá*, de Florianópolis, em 19 de setembro de 1914, nos fornece um bom exemplo sobre o assunto:

A imprensa do Paraná continua em sua faina inglória de procurar desviar por todos os meios a opinião nacional de um juízo seguro sobre o movimento de fanáticos e bandoleiros na antiga zona contestada. (...) O *Comércio do Paraná*, conceituado órgão de publicidade em Curitiba, estampou em suas colunas, com a forma de carta, à guisa de informações, todo um amontoado de perfídias e intrigas, com o fim único de provar que a atual situação subversiva dos nossos sertões é obra única dos dirigentes catarinenses.

Os jornais paranaenses, por sua vez, inicialmente afirmaram que os sertanejos estavam recebendo auxílio do governo catarinense, mas com o desenrolar da guerra, passaram a defender a ideia de que os rebeldes lutavam contra a tirania dos governantes e de representantes políticos catarinenses, muitas vezes denominados como “cabecilhas” ou “caudilhos”. A tensão gerada pela questão de limites territoriais foi um dos focos dos jornais regionais e um ótimo pretexto para atacar e culpar representantes políticos, como podemos observar no título de uma das notícias veiculadas pelo *Diário da Tarde* em 30 de março de 1914, na qual o alvo do ataque foi o governador de Santa Catarina, na ocasião Vidal Ramos. “Os sucessos de Caraguatá: o único responsável pelas vítimas de Taquaruçu é o governador do estado”.

Embora a questão de limites tenha sido um fato central das narrativas elaboradas pelos jornais da época, principalmente aqueles produzidos nos estados diretamente envolvidos no conflito, a visão da elite letrada sobre os sertanejos conflagrados prevaleceu por meio de julgamentos preconceituosos, mesmo quando tentavam inocentar os rebeldes para atacar os dirigentes do estado vizinho, como fica evidente neste trecho do *Diário da Tarde*, publicado no dia 05 de fevereiro de 1914.

No momento em que os governos dispõem verbas extraordinárias com a catequese dos aborígenes, é revoltante o cinismo daqueles que aplaudem o derramamento do sangue irmão, tratando-se ainda mais de indivíduos fanatizados por crenças religiosas, inconscientes, portanto, das suas ações. (...) Que se arvore pois, a flâmula da paz sobre a cabeça dos nossos patrícios; que eles voltem ao trabalho cotidiano, a cooperar para a grandeza da nossa

pátria, e que o governo em vez de mandar as forças armadas ‘varrê-los á bala’, enviem para os nossos povoados a escola e o livro. Para traz as ideias sanguinárias! Tudo pela paz e pela humanidade!

Portanto, os jornais atuaram, principalmente, como porta-vozes das elites letradas e das autoridades ao atribuírem as ações dos rebeldes à incapacidade de crítica política e ao desvalorizarem suas atitudes caracterizando-as como fruto da ignorância, do fanatismo, da ausência de escolas e da condição de orfandade em relação aos poderes públicos. Ao denominar os rebeldes como fanáticos, os grupos que produziam os jornais negaram a eles a legitimidade de crítica frente à conjuntura social e política vivenciada, além de justificarem a repressão, a exclusão e o extermínio de homens, mulheres e crianças.

Na visão dos periódicos escritos durante o período da Guerra do Contestado, as ações dos moradores da região foram interpretadas como símbolo de um mundo rústico e bárbaro, local da ignorância e não do conhecimento letrado, do iluminismo e da razão, ideais muito defendidos pela elite republicana no início do século XX. De acordo com o pensamento desses grupos, uma crítica política aceitável só poderia advir do meio letrado. Aos sertanejos caberia ou o extermínio, quando considerados perigosos, ou a tutela, quando considerados incapazes.

### Para saber mais

- † Dalfre, L. A. **Outras narrativas da nacionalidade: o movimento do Contestado**, v. 1. Curitiba: Sociedade de Amigos do Museu Paranaense, 2014.
- † Espig, M. J. “O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: O caso do Contestado”. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXIV, n. 2, p. 269-89, 1998.
- † Galvão, W. N. **No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais (4ª expedição)**. São Paulo: Ática, 1994.

## Da seiva ao sangue: a história da Lumber Company

Alexandre Tomporoski

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: Southern Brazil Lumber and Colonization Company, exploração madeireira, economia regional, movimento trabalhista e impactos ambientais.*

A *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, foi uma subsidiária da *Brazil Railway Company*, empresa norte americana constituída para explorar as terras marginais à linha tronco da ferrovia São Paulo-Rio Grande, entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Entre outras atividades, a empresa possuía uma serraria instalada no município paranaense de Três Barras, que a partir de 1917, por força do Acordo de Limites entre Santa Catarina e Paraná, passou ao controle do estado catarinense, na condição de distrito do município de Canoinhas. As operações da *Lumber Company* de Três Barras tiveram início no dia 02 de novembro de 1911, considerada, à época, a maior serraria em atividade na América do Sul. As consequências da atuação da serraria na região – na atividade de exploração madeireira – e sua influência sobre as relações políticas e sociais, contribuíram para a deflagração da Guerra do Contestado (1912-1916).

A *Lumber Company* continuou suas ações nas décadas subsequentes ao término do conflito, avançando até o encerramento de suas atividades, na década de 1950, sob controle do Exército brasileiro. Apesar da colossal infraestrutura e do enorme potencial desagregador, ao longo de sua história, a empresa enfrentou resistências, concretizadas nos ataques desfechados pelos rebeldes durante a Guerra do Contestado (1912-1916); nas greves deflagradas por seus trabalhadores; na luta dos trabalhadores e de suas famílias para receber os salários atrasados,

após a incorporação da companhia à União; ou ainda, na luta dos desapropriados da área limítrofe à serraria, que foram expulsos de suas propriedades para a composição de um campo de manobras militares no mesmo local onde outrora operou a *Lumber Company* de Três Barras, contenda que ainda tramita em âmbito judicial.

### Tecnologia

A empresa instituiu um processo industrial altamente mecanizado, com elevada organização técnica. O início do processo ocorria com o corte das toras no meio da floresta, tarefa executada por grupos de trabalhadores que se embrenhavam nas matas, selecionavam e serravam as árvores. Em seguida, as toras que jaziam no chão eram presas por longos cabos de aço – cada qual com centenas de metros de comprimento – e içadas por guinchos movidos a vapor comprimido. As enormes toras eram arrastadas até a margem dos ramais ferroviários, construídos pela própria empresa, que poderiam atingir até 30 km de extensão. Após chegar à beira dos trilhos, o mesmo guincho erguia as toras e as colocava sobre vagões que eram conduzidos até o engenho da serraria, no centro da vila de Três Barras. No interior do engenho, as toras eram serradas, selecionadas e armazenadas mecanicamente. Subsequentemente eram carregadas em vagões e transportadas até os portos mais próximos ou para compradores em diferentes regiões do Brasil e da América do Sul.

### Consequências para a economia regional

A instalação de uma empresa madeireira com elevado nível tecnológico desencadeou impactos em diversos segmentos econômicos, sobretudo para as pequenas serrarias, que se viram obrigadas a encerrar suas atividades, impossibilitadas de concorrer com o alto grau tecnológico e os baixos custos de distribuição e escoamento da produção da *Lumber Company*, propiciados pelo acesso à ferrovia da *Brazil Railway Company*.

### A cidade empresa

A instalação da serraria foi acompanhada pela construção de uma série de infraestruturas de suporte necessárias ao seu funcionamento, especialmente no município de Três Barras. A empresa construiu

um hospital, armazém, cassino e cinema, além de casas e outros instrumentos direcionados, sobretudo, aos funcionários advindos dos Estados Unidos, muitos acompanhados de suas famílias. A *Lumber Company* de Três Barras acabou se tornando uma cidade-empresa, inclusive com milícia própria, a qual impunha a disciplinarização exigida pela companhia para a racionalização de suas atividades produtivas e a maximização de seus lucros.

### Problemas sociais

A instalação e funcionamento da *Lumber Company* resultou em uma mudança abrupta no modo de vida da população local. O fechamento das pequenas serrarias, a ocupação de terras recebidas por meio da concessão para construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, além de outras extensões de terra adquiridas pela empresa junto a coronéis e políticos locais, supostamente desocupadas, mas que abrigavam significativo contingente populacional de caboclos. Embora utilizasse um processo fabril altamente tecnológico, as árvores derrubadas em meio a floresta, ao serem arrastadas, destruíam toda a vegetação existente no percurso, ou seja, árvores menores, espécies economicamente menos interessantes e também grandes quantidades de árvores de erva-mate, cuja extração consistia em recurso preponderante para a sobrevivência da população pobre que habitava a região. A atuação da companhia, cujo *modus operandi* incluía a cooptação de autoridades públicas, de ambos os estados onde operava, contribuiu para a desestruturação do modo de vida da população local. Inclusive médios proprietários locais, que celebraram contratos para a extração da madeira de suas terras, foram ludibriados pela empresa, que não cumpriu rigorosamente as cláusulas contratuais, resultando em disputas judiciais e até mesmo em atos de violência. O conjunto de ações praticadas pela empresa, ao menos para uma parcela dos moradores da região, reverberaram como ondas de injustiças.

#### Ataques durante a Guerra do Contestado (1912-1916)

Esses contínuos atos de violência contra a população local e seu modo de vida, foram edificando o sentimento de injustiça, que resultou na adesão de milhares de pessoas às fileiras do movimento do Contestado. A insatisfação da população do Contestado com a presença e atuação das companhias estrangeiras, especialmente a *Lumber Company*, teve contornos dramáticos durante a Guerra do Contestado. Os rebeldes realizaram ataques contra indivíduos e

instituições – as empresas estrangeiras, juntamente com os políticos e coronéis – que consideravam fontes de sua insatisfação. Essa leitura ganhou materialidade a partir do ano de 1914, período em que se deu o recrudescimento e a expansão do movimento rebelde, o qual passou a identificar inimigos potenciais. Tanto a ferrovia quanto a *Lumber Company* figuraram entre os alvos dos rebeldes. Um levantamento dos ataques da ofensiva sertaneja rebelde demonstra que a *Lumber Company* constava entre seus principais objetivos estratégicos. Havia insatisfação contra a empresa entre posseiros, sitiante e mesmo proprietários de maior vulto. Ao incluir a *Lumber Company* entre seus alvos, os revoltosos demonstraram a racionalidade intrínseca do movimento. A empresa era vista como causadora de males que assolavam a população local, mantinha alianças com coronéis, ampliava a exclusão da população nacional em detrimento do assentamento de estrangeiros, tudo com a conivência e participação daqueles que ocupavam cargos nos governos municipais, estaduais e federal.

### Greves

No mês de julho de 1917, poucos meses após o término dos combates na Guerra do Contestado, os trabalhadores da *Lumber Company* iniciaram um movimento grevista. As reivindicações relacionavam-se com as más condições de trabalho às quais estavam expostos e que resultavam em elevado número de acidentes de trabalho. Nos meses de março e junho de 1919, dois novos movimentos grevistas foram deflagrados pelos trabalhadores da companhia. A principal motivação dos trabalhadores foi o repúdio à atuação do médico da empresa, Oswaldo de Oliveira, intendente distrital de Três Barras e, mais tarde, deputado estadual, acusado de perseguição política contra os trabalhadores. O médico também era o responsável pela avaliação dos operários vítimas de acidentes de trabalho e sua atuação, alinhada aos interesses da companhia, resultava na subavaliação dos ferimentos e, conseqüentemente, na negativa de pagamento de indenização aos acidentados. As greves de 1919 foram brutalmente reprimidas, tanto pelos homens do corpo de segurança da *Lumber Company*, quanto pelo efetivo da força pública que atuava na região. Outros movimentos grevistas foram deflagrados nas décadas de 1920, 1930 e 1940, porém, em menor proporção. As greves dos anos 1917 e 1919 estavam em consonância com as mobilizações que ocorriam no Brasil no mesmo período, expressando a interconexão entre trabalhadores de diferentes

regiões, seja por meio de correspondências, dos próprios trabalhadores e, também, através da imprensa operária.

### Devastação ambiental

A devastação ambiental causada pela *Lumber Company* atingiu proporções significativas. Tendo acesso a enormes extensões territoriais, tanto pela concessão quanto pela aquisição e grilagem de terras, aproveitou-se de seu poderio econômico e da cooptação de autoridades públicas e lideranças políticas para explorar, massivamente, as imensas riquezas naturais das regiões nas quais suas serrarias atuaram, principalmente a Mata de Araucárias, a mais importante reserva florestal brasileira até a década de 1970. A construção da ferrovia e, em seguida, a instalação da *Lumber Company*, impingiu profundas transformações para a região e seus habitantes. A ampliação da capacidade de promover grandes alterações na paisagem foi impactante. Além disso, a valorização e mercantilização da propriedade da terra, a colonização intensificada, a imposição de novos hábitos e costumes – trazidos pela ‘racionalidade’ do capital – que afetaram o modo de vida da população local, produziram ingentes alterações. Pode-se destacar ainda a expulsão e/ou extermínio da população indígena e a devastação da Floresta Ombrófila Mista.

### A estatização

Após três décadas desenvolvendo atividades de exploração florestal, promovendo embates – jurídicos e armados – em torno de disputas fundiárias, interferindo nas disputas políticas locais e impondo novas práticas e costumes, no ano de 1940, no contexto da Segunda Guerra Mundial, um Decreto de Getúlio Vargas encampou a *Lumber Company*. Desde a sua estatização, até a publicação do edital de concorrência pública para venda de seus bens – ocorrida em 1949 – e posterior transferência de seu controle ao Ministério da Guerra – ocorrido em 1952 – a empresa transitou por um período de limbo administrativo, sendo gerenciada por interventores designados pela União. Após a transferência da empresa para o Ministério da Guerra, o Exército brasileiro passou a gerir a serraria da antiga *Lumber Company* e, também, seus quase 300 trabalhadores. No entanto, aos trabalhadores foram negados direitos básicos garantidos pela legislação trabalhista, como atendimento médico para os acidentados. Além disso, a empresa



manteve longos períodos sem efetivar o pagamento dos salários, sendo o maior deles de 14 meses, resultando na fome e desespero entre os trabalhadores e suas famílias.

### A desapropriação de terras para a constituição de um campo de instrução militar

Paralelamente aos problemas enfrentados pelos trabalhadores da *Lumber* incorporada, outro grave problema passou a afligir os habitantes do entorno da serraria. Em 18 de dezembro de 1956, foi publicado o Decreto n. 50.570, que autorizou a desapropriação de 7.614 hectares, atingindo 89 lotes de pequenos agricultores, num total de 68 famílias. A maioria das famílias jamais recebeu qualquer indenização e, apesar da quase totalidade dos titulares das ações judiciais já ter falecido, a contenda prossegue com os descendentes dos desapropriados, ainda tramitando na Justiça. As desapropriações foram realizadas no entorno da antiga serraria, objetivando a composição do Campo de Instrução Marechal Hermes. No campo militar, ainda em operação no município de Três Barras, uma placa expõe o lema do campo de manobras: “Nestas terras um dia contestadas o seu Exército adestrarse para defendê-las”. Há mais de um século perdura a indagação: defendê-las de quem e para quem?

Conquanto em perspectiva percebe-se um longo processo de exploração e exclusão desencadeado pela *Lumber Company*, em contrapartida, evidencia-se a resistência, a organização e a luta dos excluídos, em prol do reconhecimento e cumprimento de seus direitos. Consiste em tradição sólida, a qual, não obstante ter atingido seu auge com o movimento sertanejo do Contestado (1912-1916), manifestou-se também nas greves realizadas pelos trabalhadores da empresa; na resistência dos 264 trabalhadores (e suas famílias) da *Lumber* Incorporada ao Ministério da Guerra e, atualmente, se mantém viva através dos descendentes de desapropriados do campo militar, que nutrem a esperança em obter um desfecho favorável na esfera judicial. Conclui-se que a *Lumber Company* protagonizou muitos processos contundentes de exclusão dos mais pobres na região do Contestado. Apesar disso, os de baixo sempre resistiram e sua luta permanece vigente, reinventada de modo dinâmico e ininterrupto.

## Para saber mais

- † Carvalho, M. M. X. **Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a *Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)***. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- † Tomporoski, A. A. **“O pessoal da Lumber!”: Um estudo acerca dos trabalhadores da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910-1929**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- † \_\_\_\_\_. **O polvo e seus tentáculos: a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- † \_\_\_\_\_. “Cicatrizes do Contestado: a estatização da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e o advento do Campo de Instrução Marechal Hermes”. **Desenvolvimento Regional em Debate**, Canoinhas/SC, v. 6, n. 3, p. 178-92, 2016.
- † Valentini, D. J. **Atividades da *Brazil Railway Company* no sul do Brasil: a instalação da *Lumber* e a Guerra na região do Contestado (1906-1916)**. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

UNIDADE 3



**FÊ, ESPERANÇA E LUTA  
NAS CIDADES SANTAS**



## Cidades Santas ou redutos: igualdade, fé e fraternidade

Delmir José Valentini

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: religiosidade popular, redutos ou Cidades Santas, movimento social, coronelismo e violência.*

**O**s locais onde estiveram reunidos os moradores do Contestado durante o período que vai de 1912 até o final do ano de 1915 são comumente denominados de Cidades Santas ou redutos. Ao longo do tempo estes povoados apresentaram variações e particularidades. Mudaram os números de habitantes, o tempo de duração, os líderes que atuaram, os ataques que sofreram, os locais que estiveram e as reincidências, entre outras tantas singularidades.

Muitos redutos eram apenas guardas temporárias, redutinhos, locais com poucas casas, de breves e passageiras paradas. As guardas tinham uma função de vigilância, postadas em locais estratégicos para a defesa dos maiores redutos. Algumas guardas cresceram e se transformaram em Cidades Santas. Algumas Cidades Santas chegaram a ser erigidas no mesmo local por mais de uma vez, como Taquaruçu, cidadela pioneira que congregou muitos sertanejos, em diferentes situações, e marcou intensamente a memória dos seus ocupantes.

Taquaruçu, uma localidade pertencente ao atual município de Fraiburgo, guarda até hoje expressivas lembranças do tempo dos redutos. A Cidade Santa de Santa Maria, por sua vez, localizada no atual município de Timbó Grande, concentrou o maior número de moradores (mais de 5,5 mil casas) e sofreu a maior campanha por parte do exército brasileiro, num longo e sanguinário cerco, entre dezembro de 1914 e abril de 1915.

Este capítulo tem o objetivo de apresentar um simplificado itinerário

por onde estiveram os moradores das Cidades Santas ou redutos, destacar os principais espaços e as maneiras como se articularam os sertanejos nestes locais, privilegiando uma descrição dos caminhos e dos sonhos dos moradores das Cidades Santas, igualitárias e fraternas, com a utopia de uma possível fuga das mazelas e da violência da incipiente República brasileira.

Invertendo a lógica dos escritos que privilegiaram as expedições das forças militares oficiais e dos vaqueanos, aqui se pretende destacar a formação e vida interna das Cidades Santas na organização da irmandade cabocla, perseguidas e aniquiladas desde o primeiro ajuntamento até a destruição da “inexpugnável” Santa Maria, dos redutos de Pedras Brancas, São Miguel e São Pedro, no final do ano de 1915.

### Taquaruçu: nasceu, cresceu, floresceu, virou cinzas, mas continuou viva

O pioneiro reduto de Taquaruçu localiza-se entre os atuais municípios de Fraiburgo e Frei Rogério. Conta hoje com poucos moradores, sobrevivendo de atividades agrícolas. No início do século XX, também contava com poucas residências, tinha como moradia principal a casa do comerciante Praxedes Gomes Damasceno.

Em Taquaruçu houve a primeira concentração em torno do Monge José Maria, em agosto de 1912. Contudo, ainda não era uma Cidade Santa, era a realização da Festa de Bom Jesus, evento anual, que atraía moradores das redondezas e de alguns lugares mais distantes. A concentração se dispersou quando o coronel Albuquerque, superintendente de Curitiba, chamou a polícia para atacar os sertanejos. José Maria seguiu com um grupo de 40 moradores locais para o oeste, na região de campos onde hoje se localiza o município do Irani.

Em Irani, então município de Palmas, em região contestada sob administração paranaense, uma nova concentração se formava em torno de José Maria, mas tudo indica que ainda não tinha tomado a forma de um reduto. Em muito pouco tempo houve o ataque das forças do Regimento de Segurança do Paraná. Após o combate do Irani e a consequente morte de José Maria, a expectativa do ressurgimento do líder acompanhou os sertanejos que retornaram para Taquaruçu. No segundo semestre de 1913, Eusébio, um dos festeiros que organizou

a Festa de Bom Jesus no ano anterior, foi com a família acampar num galpão de Francisco Paes de Farias, local escolhido para todos aguardarem a ressurreição de José Maria.

Em menos de um mês, centenas de pessoas já se encontravam no local. Todos aguardavam presenciar o fenômeno. Teodora, neta de Eusébio, foi a primeira a liderar, com suas visões sobre o possível retorno de José Maria. Depois foi sucedida pelo menino de Deus, Manoel, filho de Eusébio e, mais tarde, por Joaquim, outro neto de Eusébio.

Taquaruçu tornou-se Cidade Santa, ali sendo instituídas normas que iriam reger a vida dos sertanejos. Eusébio dizia que a cidade era uma Nova Jerusalém. A identificação dos devotos, como membros de uma irmandade, se fazia com o corte rente nos cabelos e com uma fita branca no chapéu. Foram criadas as “formas”, que eram reuniões diárias de grupos diferentes (homens, mulheres e crianças) para realizar preces, proclamações e distribuição de tarefas. As formas aconteciam no Quadro Santo, um espaço central de reunião, como uma praça, ladeado por cruzeiros e tendo uma Igreja na frente. A partilha dos bens entre os irmãos e a obediência ao representante de José Maria eram práticas corriqueiras.

Em Taquaruçu foram organizados os Pares de França ou Pares de São Sebastião para prestarem auxílio nas solenidades das formas. É possível que o grupo dos Pares tenha sido criado na época de José Maria, no ano anterior. O fato conhecido é que ao final do mês de dezembro de 1913 este grupo especial, que reunia combatentes que eram conhecedores da “Santa Religião” e hábeis no manejo de armas brancas, foi recriado durante a chefia do menino Deus Manoel.

Taquaruçu foi atacada duas vezes. Resistiu e derrotou a primeira expedição do exército em conjunto com o Regimento de Segurança de Santa Catarina, em final de dezembro de 1913. Em janeiro de 1914, os sertanejos sabendo que as forças oficiais voltariam a atacar, iniciaram a construção da nova Cidade Santa de Caraguatá, 30 km mais ao norte, nas Perdizes Grandes, região com mais florestas e terreno mais dobrado com serras e montanhas.

Nova investida do exército contra Taquaruçu ocorreu no dia 08 de fevereiro de 1914. Com mais de 700 soldados armados com peças de artilharia e metralhadoras, atacaram e arrasaram o primeiro reduto, onde restavam principalmente mulheres, idosos e crianças, já

que a maior parte dos moradores desta Cidade Santa já estavam em Caraguatá.

### Caraguatá: do fervor das procissões, do luto de Taquaruçu e do desejo de vingança

Caraguatá localizava-se em área sob a posse de Manoel Alves de Assumpção Rocha, mas que estava sendo contestada. Maurício Vinhas de Queiroz descreveu que a terra em questão havia sido concedida pelo governo do estado a um comerciante de Florianópolis “a título de pagamento de uma dívida”; a demarcação, contudo, não fora concluída.

Em Caraguatá surgiu a mais expressiva líder feminina, Maria Rosa, filha de Elias de Souza, lavrador da Serra da Esperança. Maria Rosa ouvia José Maria e deliberava pareceres para os demais. Outras pessoas importantes em Caraguatá foram o fazendeiro Elias Antônio de Moraes, juiz de paz do distrito de São Sebastião das Perdizes Grandes e major da Guarda Nacional e sua esposa Adúlcia de Moraes, que tinha muita liderança entre os sertanejos. Amigo de Eusébio, Elias era muito estimado pelos moradores das Perdizes. Passou a ocupar papel de destaque no reduto de Caraguatá e foi convidado para ser comandante.

Diante dos presságios de Maria Rosa de que em breve aconteceriam atos funestos, o comandante geral Elias de Moraes tratava de prevenir-se, pois as forças do governo não tardariam. Em Caraguatá, a função dos Pares de França foi modificada. Venuto Baiano se encarregou de selecionar os que julgava necessários para continuar na função, que aumentava de importância devido à ameaça de novos ataques do governo. Outra mudança significativa, a partir de Caraguatá, foi a convocação de moradores circundantes para a entrada nos redutos. A persuasão era seguida pela coerção. Venuto se encarregava de sair pelos arredores, arrebanhar gado, animais, armas, munições, mantimentos, e, principalmente, pessoas.

O número de habitantes de Caraguatá aumentou consideravelmente, chegando a passar de dois mil moradores, muitos foram os que também procuraram o reduto espontaneamente. As notícias que se espalhavam animaram pessoas ansiosas para ver os milagres que lá estariam ocorrendo: a virgem Maria Rosa falava diretamente com José Maria e transmitia ao povo. Procissões com rezas e cantorias emocionavam os moradores que lá estavam apenas para rezar e viver



numa irmandade solidária. Mesmo com a vitória sobre os militares, o reduto de Caraguatá teve que ser abandonado no final de março, por conta de uma epidemia de tifo. Os sertanejos seguiram Maria Rosa até a região de Bom Sossego.

### Bom Sossego: vastos campos e diferentes pontos de encontro da irmandade

O reduto do Bom Sossego surgiu na fase em que o movimento se alastrou em diferentes direções, tendo sido construído em poucos dias, com muitos casebres de madeira cobertos de palha. As improvisadas ruas desembocavam numa praça central. No início, permaneceu a mesma formação de Caraguatá. Maria Rosa continuava sendo ouvida. Elias era o comandante geral e Venuto Baiano o comandante de briga. Durante este período ocorre a expedição do general Mesquita, que apenas deu combate às guardas, destruindo a Guarda de Santo Antônio, sem chegar perto do reduto principal.

Outro fato de destaque que ocorreu durante o tempo dos redutos nos campos do Bom Sossego foi a perda de prestígio político de Maria Rosa. Enquanto a virgem perdia espaço, se tornavam líderes os comandantes de briga. O movimento alcançou grandes proporções com a adesão de novos grupos. Em setembro de 1914 foram paralisados os serviços do Ramal São Francisco da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e dispensados mais de mil trabalhadores. Muitos deles engrossaram as fileiras das procissões, rezas e cantorias das formas nos pátios das Cidades Santas, que passaram a existir concomitantemente em diversos lugares na abrangência dos campos do Bom Sossego.

Um dos principais líderes que surgiu no tempo dos redutos do Bom Sossego foi Francisco Alonso de Souza, que ordenou que a Cidade Santa fosse transferida para Caçador. Alonso ampliou o movimento rebelde para várias regiões do planalto e acentuou a política de recrutamento forçado. Chamou os moradores das vizinhanças que viessem de pronto para o reduto ou seriam considerados inimigos. Pessoas de influência se engajaram no movimento. Em Canoinhas, aderiram: Aleixo Gonçalves, capitão da Guarda Nacional, com larga experiência militar; Bonifácio José dos Santos, subdelegado de Polícia e antigo maragato, e ainda Antônio Tavares Júnior, ex-promotor público. Mesmo sem um comando unificado, pipocaram redutos e redutinhos em toda a região

conflagrada. O movimento no auge da expansão, em outubro de 1914, alcançou entre 20 e 30 mil sertanejos, reunidos nas Cidades Santas da vasta região do Contestado e do planalto catarinense.

A área conflagrada era enorme e a quantidade de sertanejos reunidos nos redutos era crescente. Moradores da região, que não aderiram ao movimento, trataram de fugir. Enquanto a irmandade aumentava seus domínios, ocorreram mudanças significativas nas Cidades Santas. O comandante geral Francisco Alonso foi morto no combate de Rio das Antas, no dia 1º de novembro de 1914. Seu posto foi ocupado por Adeodato Manoel Ramos, comandante que conduziu o movimento até o final. Adeodato, em dezembro de 1914, ordenou que os redutos, guardas e piquetes fossem transferidos para o vale do rio Santa Maria.

### O grande reduto de Santa Maria ladeado pelo Maria Rosa, Pares de França, reduto do Aleixo, reduto do Cemitério e o Cova da Morte

O reduto de Santa Maria sintetiza a dramática experiência dos sertanejos na fase final da existência das Cidades Santas na região do Contestado. A escolha do local se dava pelo fato de ser uma garganta acessível apenas pelo norte ou pelo sul, onde foram construídas fortes guardas que resistiram aos ataques das forças do exército, comandadas pelo general Fernando Setembrino de Carvalho.

O vale do reduto de Santa Maria apresentava aspectos de chão inexpugnável. Cortado por um riacho de fortes corredeiras, no meio de grotões escuros, para alcançar o local era necessário transpor obstáculos naturais galgando peraus e ladeiras. Espalhou-se a ideia de que Santa Maria era o “chão sagrado”, Cidade Santa onde todos seriam imortais. Peludo, como era chamado o militar, ali não chegaria. As pessoas de outras guardas e redutos, que iam sendo tomadas pelas forças, convergiam para Santa Maria, que chegou a ter mais de cinco mil casas.

O antigo reduto de Caçador transformou-se em guarda avançada de Santa Maria. Nos nove quilômetros que separavam o antigo e o novo reduto foram surgindo um casario quase ininterrupto. Novas igrejas e praças foram sendo levantadas, novos acampamentos surgiam rapidamente, lado a lado: o reduto Maria Rosa, o dos Pares de França, o do Aleixo, o do Cemitério e o Cova da Morte.

O grande reduto criou um problema adicional, seu abastecimento.

O número e tamanho de lavouras e roças que foram lavradas não davam conta do tamanho da população que ali era abrigada. Para o exército, a concentração dos rebeldes numa única região, facilitou o cerco de suas colunas. O general Setembrino também dedicou especial cuidado em reprimir todo o comércio do planalto, suspeitando que pequenas vendas locais pudessem abastecer os rebeldes. A fome passou a ser um relato recorrente, diferente do clima eufórico dos primeiros redutos, houve elevado número de mortes, principalmente de crianças. Piquetes para captura de gado de fazendeiros foram organizados para o abastecimento de Santa Maria. A concentração demográfica também facilitava a ocorrência de epidemias, como tifo e outras doenças.

Foram meses seguidos de combates, os vaqueanos e as forças legais atacavam e iam progressivamente vencendo as guardas e os redutos vizinhos. Os sertanejos resistiram como puderam, recuaram cada vez mais, sem impedir o cerco sobre o Santa Maria. A Coluna Sul, do tenente coronel Estillac Leal, não conseguiu furar a resistência cabocla. Os dias decisivos, de intensos combates, sucederam-se no final de março e início de abril de 1915, quando o capitão Tertuliano Potiguara, empreendeu a ousada marcha com a Coluna Norte, de Canoinhas até Santa Maria.

Na tentativa desesperada de impedir a marcha de Potiguara, Adeodato ordenou que todos os seus homens se concentrassem na ladeira da Serrinha para tentar o corpo a corpo. Os Pares de França, por mais valentes que fossem e acreditassem que eram imbatíveis, não puderam conter o avanço das tropas que varreram a região. Com a destruição do reduto de Santa Maria, a saída para a maioria dos sertanejos foi fugir para a mata e esperar o tempo passar. Havia caído a inexpugnável Cidade Santa.

Não era o fim. Enquanto o exército dava por encerrada a Campanha no Contestado, os caboclos dispersos pelas matas voltaram a reunir-se. Adeodato escapou com vida e continuou no comando por mais algum tempo. São Pedro foi o novo reduto em construção.

### São Pedro, São Miguel e Pedras Brancas: do sonho fraterno ao triste pesadelo de traumas e mortes

Depois da traumática destruição das inúmeras pequenas e médias Cidades Santas próximas do grande reduto de Santa Maria, os

sobreviventes passaram a construir três novos redutos: São Miguel, Pedra Branca e São Pedro. Neste último reduto, que chegou a ter mais de quatro mil habitantes, Adeodato passou a controlar a situação praticamente sozinho e seu poder se tornou incontestável. Suas ordens eram cegamente executadas e ele passou a perseguir quem tendesse a se entregar. Sem ordens de Adeodato ninguém se afastava do reduto. Os vacilantes que arriscassem a deserção corriam sérios riscos. Se alguém quisesse caçar, recolher pinhões ou procurar mel, era também necessária a ordem de Adeodato.

Com o fim da campanha do exército, a repressão ficou por conta das forças policiais estaduais e, principalmente, pela ação dos piquetes de vaqueanos, civis que atuavam junto com os destacamentos da polícia militar de Santa Catarina ou por conta própria, comandados pelos coronéis da região. Estes últimos foram implacáveis na perseguição e destruição das remanescentes Cidades Santas de Pedras Brancas, São Pedro e São Miguel.

Quando o reduto de Pedras Brancas foi destruído, em outubro de 1915, grande número de pessoas rumou para a Cidade Santa de São Pedro. A chegada do pessoal de Pedras Brancas aumentou a fome no reduto comandado por Adeodato.

A miséria e a fome se tornaram insuportáveis. A situação dos moradores de São Pedro era dramática. Com rígido comando, Adeodato chegava a proibir choro e lamentações, mas não resistiu ao ataque ocorrido em dezembro de 1915, comandado pelo capitão Euclides de Castro, da Força Pública de Santa Catarina. O capitão contou com o apoio de vaqueanos, contratados na região.

A destruição do último reduto não foi diferente dos anteriores. Cadáveres de homens, mulheres e crianças estavam espalhados por toda parte. Os soldados e vaqueanos apreenderam os parques pertences que encontraram e incendiaram os ranchos. Os vaqueanos e a coluna comandada pelo capitão Vieira da Rosa continuaram atuando na região, principalmente catando antigos moradores dos redutos que perambulavam a esmo, desnutridos e famintos.

Foi um dramático epílogo para o sonho das Cidades Santas, onde inicialmente as rezas e procissões alimentavam a esperança de viver em oração, igualdade e fraternidade. Os fortes laços não resistiram às armas de fogo e à repressão das forças do governo republicano e dos vaqueanos a serviço dos coronéis. Adeodato se entregou em agosto de

1916, foi julgado e condenado a 30 anos de prisão. Em 1923, foi morto na penitenciária da capital.

Viver fraternalmente foi um sonho exclusivo dos sertanejos, em igualdade nas Cidades Santas e em convivência como irmãos. Contudo, este sonho alcançou proporções de incômodo aos coronéis e uma afronta para a República brasileira, que tratou de eliminar os sertanejos, chamados de “fanáticos” e “bandidos”, como elementos perniciosos que perturbavam a ordem, justificando, desta maneira, a violência, os gastos astronômicos e a morte de militares e de civis, principalmente velhos, mulheres e crianças. Foram pais, mães e filhos de pobres brasileiros moradores do sertão que sonharam com justiça, irmandade e fraternidade.

### Para saber mais

- † Felipe, E. J. **O último jagunço: folclore na história da Guerra do Contestado**. Curitiba, SC: Universidade do Contestado, 1995.
- † Lemos, A. **História dos fanáticos em Santa Catarina e parte de minha vida naqueles tempos**. Passo Fundo, RS: Berthier, s/d.
- † Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: a Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- † Valentini, D. J. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado**. 4ª ed. Chapecó, SC: Argos, 2016.

## Em nome de São João Maria: a santa religião do Contestado

Márcia Janete Espig

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: religiosidade popular, catolicismo, messianismo, milenarismo, sebastianismo, monarquismo.*

**D**urante a Guerra do Contestado, um dos aspectos que mais chamou a atenção dos contemporâneos foi a religiosidade existente nas Cidades Santas. Padres, jornalistas, militares e vários curiosos que escreveram naquela época não cansavam de surpreender-se com certas propriedades do pensar religioso dos rebeldes. Vejamos, apenas como exemplo, algumas das observações colocadas por Frei Cândido Spannagel, franciscano que atuou na região naquela época e deixou um relato escrito na *Revista Vozes*, de Petrópolis. Segundo ele, os “jagunços fanáticos” aliciavam adeptos de ambos os sexos, “que seduziam com lendas e orações supersticiosas de São João Maria, São Sebastião etc.”. Mais adiante, menciona o uso, pelo seu comandante, de uma espécie de bandeira, que descreve como “branca, 25 centímetros quadrados, com uma cruz no meio”, bem como os gritos de “Vivas” feitos a São Sebastião, São João Maria de Agostinho e à Monarquia. O Frei vivenciou um supremo desaforo de um dos “bandoleiros”, que lhe afirmou que “São João Maria valia mais que mil padres juntos; que era o pai no céu (deles)”. Frente a tudo isso, e aos demais distúrbios causados pelos “fanáticos” (arrebanhamento de gado, ataques a fazendas), conclui severamente que “Os jagunços são muito atrevidos, e alguns deles efetivamente estão loucos, de loucura supersticiosa”.

Na escrita de frei Cândido percebem-se algumas características típicas da Santa Religião do Contestado. A devoção aos monges, aos santos e uma percepção religiosa de mundo, expressa pelos vivas à

Monarquia; o uso de orações e estórias de fundo moral; a ruptura com a religião “dos padres”. Através desses e de alguns outros elementos, tentaremos desvendar, ao menos em parte, a religiosidade existente nas Cidades Santas.

Por meio dessa narrativa do franciscano também se alcançam certas peculiaridades da visão “de fora” sobre a religiosidade do movimento. O julgamento negativo e mesmo preconceituoso foi constante nas representações da época. O pensamento religioso dos rebeldes era descrito como fanatizado, aberrante, selvagem, ignorante, entre muitos outros adjetivos igualmente depreciativos. Sem dúvida a lembrança sobre o episódio de Canudos, com seu triste desfecho, ainda estava muito viva entre a elite, e causava temores que se condensavam na repreensão a qualquer autonomia religiosa que pudesse se manifestar nos sertões da região contestada entre Santa Catarina e Paraná. Embora a constituição de 1891, vigente naquele tempo, em tese permitisse a liberdade religiosa, na prática os “desvios” frente à “Santa Religião Católica” eram encarados como perniciosos, sobretudo no caso de grupos que utilizavam o discurso religioso como instrumento para pedir mudanças sociais, econômicas e políticas, como nesse caso. Assim, as imprecisões de época contra a religiosidade cabocla apresentavam-se, com frequência, de duas formas principais. Uma mais suave, que considerava que as crenças existentes no movimento eram tristes consequências de uma ausência de maior educação religiosa (católica, obviamente) ou mesmo de falta de escolas na região. Nesse caso, os sertanejos seriam vítimas (quase) inocentes de sua própria ignorância, que caberia às pessoas “educadas” trazer de volta à “civilização”. Frei Rogério Neuhaus, que em mais de uma ocasião tentou o diálogo com os sertanejos, parecia pensar dessa maneira. Outra forma, muito mais dura, os percebe como loucos delirantes, sem medo da morte, com um “heroísmo que se alicerça na fé”. Nessa perspectiva, entendia-se que a resposta deveria forçosamente ser violenta. É o que conclui o “bondoso” Frei Cândido, quando afirma que os bons conselhos e o zelo de Frei Rogério seriam completamente inúteis: “Somente à espada e à bala pode ser sufocado o movimento”. Ambas as percepções se alternam e são comuns em jornais editados no calor do momento, bem como nos escritos de militares que abundaram logo após a conclusão do conflito.

Uma primeira geração de textos de caráter historiográfico sobre a Guerra não foi capaz de superar os preconceitos contra a Santa Religião do Contestado. O persistente uso do termo “fanáticos” para descrever os rebeldes, e a simplificação da categoria “fanatismo” para expressar

suas crenças, prolongou-se em inúmeras obras, e eventualmente prosseguiu até nossos dias. Para a maior parte dos autores e autoras acadêmicos atuais, egressos de áreas como história, ciências sociais, antropologia, geografia, dentre outras, esse tipo de visão preconceituosa deve ser não apenas evitado, mas também combatido. O respeito à cultura cabocla, tanto através de relatos históricos quanto de manifestações contemporâneas, não pode ser negociado. É item fundamental de deferência com as formas de pensar e agir de grupos sociais diversos, e expressa uma concepção democrática e cidadã da liberdade de pensamento. Além disso, sem esse respeito à religiosidade do movimento, talvez seja impossível avançar na compreensão de sua forma de viver, pensar e se posicionar no mundo.

Estudos sobre o movimento do Contestado produzidos a partir dos anos 1950 inovaram ao relacionar a religiosidade do grupo às categorias sociológicas de messianismo e milenarismo. O termo messianismo refere-se à crença em um indivíduo dotado de determinados poderes místicos e carismáticos, o “messias”, remetendo à expectativa por um líder religioso e social, capaz de garantir a vitória do bem contra o mal, instaurando um reino de justiça e perfeição. Enquanto o messianismo destaca a ação desse personagem carismático, o milenarismo enfatiza, sobretudo, a existência de um reino de justiça e felicidade, uma espécie de “idade de ouro”, a ser retomada ou alcançada de forma coletiva pelos fiéis. Essa categorização do movimento do Contestado como messiânico-milenarista, por um lado, representou um escrutínio mais atento à compreensão da religiosidade daquela população; mas por outro, tal interpretação pagou o preço da generalização expressa nessas categorias, ressentindo-se de uma maior atenção às particularidades próprias daquele contexto histórico. Reconhecer o Contestado como messiânico-milenarista ajuda a situar o movimento em uma determinada ordem de fenômenos, ao relacioná-lo a outros processos históricos que possuem algumas semelhanças, tais como Canudos. Porém não avança no detalhamento de suas especificidades, o que foi sendo realizado nas gerações seguintes de pesquisadores.

Um dos itens mais marcantes da Santa Religião do Contestado, e certamente aquele que mais chamou a atenção dos cronistas da época, foi a intensa devoção aos “Monges”. Essas figuras religiosas itinerantes percorriam a região desde meados do século XIX, e alcançaram piedosa simpatia por parte dos moradores. Embora não tivessem ordenação sacerdotal, ficaram popularmente conhecidos pelo título de monge, que progressivamente se tornou uma importante distinção.



Essa crença popular, ao que tudo indica, teve início com o eremita João Maria de Agostini, nascido na Itália como Giovanni Maria de Agostini. Ele aportou no Novo Mundo em junho de 1838. Tendo percorrido uma extensão territorial impressionante ao longo de várias décadas de sua trajetória como andarilho, quando palmilhou partes da América do Sul, América Central e América do Norte, o primeiro monge inaugurou uma devoção marcante em todo o planalto meridional do Brasil. Na memória local, João Maria de Agostini tornou-se Santo, fez-se personagem de narrativas míticas, apadrinhou muitas crianças, abençoou fontes d'água, foi homenageado em capelas e altares caseiros. Mais do que isso: Agostini deu início a uma tradição, que se estende por parte do Brasil, em especial nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A tradição dos monges, com o tempo, agregou novos personagens. Seriam discípulos, seriam imitadores? De qualquer forma, foram muito beneficiados pela figura santificada do primeiro João Maria. O título de monge passou a significar uma figura religiosa importante, que representava a religiosidade popular do planalto e transitava pela região, dando conselhos sobre a vida, ensinando, pregando e em alguns casos, batizando, curando e benzendo.

Estudos históricos identificaram, para a região do Contestado, três sujeitos que detiveram o título de monge: o próprio João Maria de Agostini; um sucessor, que assumiu o nome João Maria de Jesus; e José Maria, o monge que esteve na batalha do Irani, que deu início à Guerra do Contestado. É bastante provável, contudo, que outros indivíduos tenham se valido dessa poderosa lenda, dada a quantidade de moradores da região que afirmavam ter encontrado, conhecido ou mesmo estabelecido laços de compadrio com o monge. Na memória local, as qualidades de João Maria foram reunidas em uma figura una, mística, poderosa, dotada de qualidades excepcionais. Muitas de suas qualidades foram descritas em estórias que fazem, até hoje, parte do folclore regional. O ascetismo, bondade, justiça, sabedoria, piedade, são predicados exaltados em narrativas que cercam elementos do cotidiano, como a criação de animais, plantações, respeito à família e à natureza. Sobre essa última, chama a atenção a tradição popular dos Mandamentos da Natureza de São João Maria, que exorta a cuidados com plantações, árvores, animais e famílias. “Árvore é quase bicho e bicho é quase gente”; “O Pai da Vida é Deus. A Mãe da Vida é a terra. Quem judia da terra é o mesmo que estar judiando da própria mãe que o amamentou”; “Quem não sabe ler o Livro da Natureza, é analfabeto

de Deus”, são alguns dos ensinamentos trazidos de forma direta e clara aos moradores do sertão.

A intensa devoção aos monges não escapou ao escrutínio dos contemporâneos, para quem esse traço da religiosidade local era extremamente pernicioso. Religiosos, como Frei Rogério Neuhaus, condenavam excessos e as superstições que, a seu ver, cercavam aqueles personagens. Da mesma forma, escritos militares consideravam que a figura do monge enfatizava a inclinação dos sertanejos para o fanatismo, tese também abraçada pela imprensa. O jornal *O Dia*, de Florianópolis, em 17 de dezembro de 1914 afirmava que “Nos redutos dos fanáticos não há política, estão ali caboclos paranaenses e catarinenses, alucinados” que teriam uma “obsessão irredutível e (...) confiança na proteção divina de José Maria”.

Na visão de época, teria havido um “verdadeiro monge”, sob o nome João Maria, que, apesar de seus defeitos, teria sido um indivíduo de “sãos costumes morais”, que não estimulava a desordem e proporcionava receitas de ervas. Já José Maria, para as elites, posicionava-se como um “falso monge”, um embusteiro, espertalhão que estimulava o banditismo. Neuhaus, que conhecera e conseguira dialogar com o segundo João Maria, chamava José de “falso profeta”, e o acusava de haver fanatizado as populações.

São João Maria, até os dias de hoje, é alvo de devoção, santificado pela memória regional. Surge em manifestações religiosas variadas, faz parte de altares e rezas, tem sido tolerado e mesmo apropriado por alguns setores da ortodoxia católica. A presença de São João Maria é simbólica, mística, poderosa. Locais que estejam ligados, de uma forma ou outra, à memória do monge, tornaram-se santos para as comunidades. Sejam olhos d’água, pocinhos, grutas, cruzes, muitas são as marcas distintivas de lugares em que teria pregado, pernoitado ou dado sua bênção. As fontes d’água por ele benzidas, para seus devotos, são águas santas, e curam males físicos e psicológicos; alguns devotos ainda plantam cruzes de cedro, associadas ao monge, aguardando que brotem e se transformem em árvores; práticas como a reza de terços, terços cantados, recomendação das almas, batizados em casa, celebrações e festas de comunidades mostram que o profeta continua, atualmente, “encantado no meio do povo”. Rezas, lendas, poemas, estórias, são reforçados através da tradição oral, passada de geração para geração.

Já a figura de José Maria é sobretudo histórica. Durante o conflito, recebe devoção e, por algum tempo, é colocado quase em pé de igualdade

com João Maria. Contudo, paulatinamente, parece ter perdido seu espaço religioso. E logo será conhecido como “Seu” José Maria, aquele que não é santo, mas foi apenas um bom curandeiro e conselheiro.

Além da intensa fé nos monges, outra devoção que se fez presente de forma marcante durante a Guerra do Contestado foi a crença em alguns santos da Igreja Católica. Embora anteriormente muitos desses santos já recebessem bastante destaque, inclusive com festejos próprios, durante o conflito tiveram um crescimento importante. Trata-se dos santos considerados guerreiros, como São Miguel, São Jorge e, em especial, São Sebastião. Durante os combates com as forças repressivas, era comum que os rebeldes erguessem ruidosos “vivas” a inúmeros santos, bem como a João e José Maria. Contudo, a partir da análise de documentação de época, podemos perceber que o santo mais vivado, além dos monges, era São Sebastião.

Mas por que São Sebastião se torna tão proeminente?

Essa devoção já era bastante forte na região desde antes da Guerra. São Sebastião era considerado o santo patrono do sertão, protetor dos homens contra a fome e a peste, e várias capelas do interior eram a ele dedicadas. Era padroeiro do Distrito de São Sebastião das Perdizes, no noroeste de Curitiba. A festa religiosa mais importante, entre as muitas realizadas, era justamente a festa de São Sebastião, em seu dia, 20 de janeiro. A igreja central do reduto de Santa Maria também lhe era dedicada.

Durante a Guerra, tudo indica que a tradição acerca de São Sebastião se uniu, de alguma forma, à história de um homônimo, batizado em sua homenagem: Dom Sebastião, rei de Portugal, paladino da cristandade, que morreu em uma batalha contra os mouros no distante ano de 1578. O jovem monarca representou, para os portugueses, a esperança por novos tempos em que a pátria voltaria à grandeza pretérita. Agitando o nacionalismo luso, o sebastianismo evocou certa profecia que previa a existência de um “rei encoberto”, que viria com seus exércitos miraculosos salvar Portugal de seus inimigos e reconduzi-lo ao posto de “cabeça das nações”. O sebastianismo era, portanto, um fenômeno de ordem política e religiosa, de fundo messiânico. Através de emigrados portugueses, foi trazido ao Brasil ainda no século XVI, e por aqui compôs o conjunto imaginário de alguns movimentos messiânicos, tais como Pedra do Rodeador/Cidade do Paraíso Celeste (PE, 1817/1820) e O Reino Encantado (PE, 1836/1838) (a presença do mito sebastianista em Canudos, apesar de muito provável, não é

consenso entre os estudiosos). Nesses episódios, Dom Sebastião é visto como um monarca “Encoberto”, que deverá desencantar juntamente com seu Exército e promover mudanças de *status* social.

É bastante plausível que alguns resquícios dessa mitologia tenham chegado aos sertões catarinenses, e se amalgamado à figura de São Sebastião. Durante o conflito, São Sebastião foi aclamado de maneiras diferentes e inovadoras. Chamado de “Rei da Glória”, seria o “comandante” de um poderoso Exército, o “Exército Encantado de São Sebastião” – também chamado, por vezes, de “Exército Invisível de São João Maria” ou “Exército do Sr. José Maria”. Segundo variadas documentações, esse Exército Encantado era composto pelos santos guerreiros tradicionalmente apreciados na região, como São Jorge e São Miguel, além do falecido monge José Maria. Seus soldados, além de anjos, seriam todos aqueles rebeldes que morreram em luta. Com isso, garantia-se aos combatentes a ressurreição, motivação extra que ajuda a explicar a intrepidez de todos durante as batalhas contra as forças repressoras. Um dos filhos de Praxedes Gomes Damasceno, morto por traição em janeiro de 1914, garantia que seu pai “estava ‘no exército de São Sebastião’ e que, ‘se em vida enfrentava dez, agora, enfrentaria cem”. Além disso, existia na estrutura do movimento um grupo de elite, denominado Pares, ou Pares de França, que eventualmente também eram chamados “Pares de São Sebastião”, “Apóstolos de São Sebastião” ou mesmo “Cavaleiros de São Sebastião”.

A crença no Exército Encantado de São Sebastião parece ter sido um dos pilares da Santa Religião do Contestado, e a expectativa por sua ação miraculosa continuou até o final, mesmo que com contornos dramáticos. No período derradeiro da Guerra, a imagem de São Sebastião, depositada na igreja principal do reduto de Santa Maria, foi dali removida e empreendeu tentativa de “fuga”. Um grupo de rebeldes em retirada levava a imagem às costas. Entendendo que esse símbolo poderia suscitar novas aglomerações, o capitão Vieira da Rosa, que fazia a “limpeza” na região, ordenou sua prisão. Segundo a tradição oral, ele teria dito à imagem: “Você foi o culpado desse povo ficar assim”, escondendo o santo embaixo de sua cama de campanha e conduzindo-o preso a Florianópolis, tratando-o como a um “jagunço”. Essa imagem retornou para a região e hoje pode ser vista na Capela São Sebastião, na Comunidade de São Sebastião do Sul, interior do município de Lebon Régis (SC).

De certa forma, a crença em um “Rei da Glória”, encantado, que viria vencer os repressores do movimento, está fortemente ligada

a uma outra concepção que, embora pareça bem mundana, para os rebeldes se revestia de sentido religioso: a percepção local sobre monarquia e república.

A República brasileira foi resultado de um golpe de Estado proporcionado por uma articulação das elites cafeicultoras com segmentos do Exército Nacional. As populações do interior brasileiro, mais ainda do que a “arraia miúda” das capitais, demoraram a absorver essa alteração, que chegou até elas através de algumas mudanças incômodas, tais como a separação Igreja – Estado, o aumento de poderes das elites estaduais e cobranças de impostos mais efetivas, dentre outras. Na região do Contestado, um dos monges (o segundo) já pregara contra a República, acreditando que sua instauração prenunciava catástrofes. Além disso, poucos anos após a queda da Monarquia, a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande cortou de norte a sul a região, em um processo de expansão das relações capitalistas que alterou profundamente a vida dos caboclos. Tudo isso levava a rememorações sobre o tempo da Monarquia. Esse teria sido um tempo bom, de harmonia e felicidade, em que o imperador desempenhava um papel de grande pai. Já a República chegava de fato à região durante a Guerra, com *Winchesters*, canhões e morticínio, ou seja, um regime maléfico.

Várias são as situações em que os rebeldes se manifestam sobre a Monarquia como a “lei de Deus”, ancestral e bondosa para com os pequenos, enquanto a República, de forma maniqueísta, é associada à “lei do Diabo”, tempo de sofrimento e desgraças. Desta forma, o vocábulo Monarquia assume um sentido saudosista, passa a designar o objetivo pelo qual se devia lutar e compõe o imaginário religioso do grupo. Inúmeros fragmentos do discurso rebelde apresentam essa perspectiva, como um dos Pares de França capturado pelo Exército, que afirma veementemente: “O ideal do exército do Sr. José Maria (...) é a restauração da Monarquia, que é a lei de Deus, pois a República é a lei do diabo”.

Essa visão “celestial” da Monarquia e da figura de um “Rei da Glória”, assim como outras tantas características do pensamento sertanejo, não foi bem compreendida pelas elites dominantes e pelas forças repressoras da época. Fazia parte da visão de mundo cabocla, que era permeada pelo sentimento religioso. Concepções políticas, sociais e cotidianas eram permanentemente atravessadas pelo discurso religioso. Seus questionamentos sociais, percepções sobre a opressão política e econômica, bem como as práticas de resistência social relacionam-se, de uma forma ou outra, com sua religiosidade. Isso faz

com que o debate sobre a Santa Religião do Contestado não se esgote facilmente. Nessas breves páginas, acabamos por deixar de fora alguns aspectos relevantes, tais como a complexa relação da Santa Religião com a ortodoxia católica, as influências da religiosidade indígena e negra sobre o movimento, dentre outros. Tais debates perpassam outras tantas discussões sobre o pensar religioso existente no Contestado.

Na atualidade, é bastante comum que pesquisadores, ou mesmo curiosos, designem a religiosidade do Movimento do Contestado através da expressão “Santa Religião”. Contudo, ao observar mais de perto as documentações da época, através de uma pesquisa verifiquei que esses termos raramente foram usados pelos sertanejos, de maneira que não parece correto afirmar que os rebeldes designassem sua fé através dessa expressão. Ao contrário, nas raras ocasiões em que tratam da “Santa Religião”, o uso parece se referir à Religião Católica Apostólica Romana, que era denominada “Santa Religião” por seus adeptos, pela imprensa e demais utilizadores. Ao longo desse texto, utilizei a expressão mais extensa, “Santa Religião do Contestado”, para me referir ao conjunto de crenças formuladas pelos rebeldes durante o Movimento do Contestado. Ao designar dessa maneira, confere-se à expressão maior precisão, lembrando-se sempre do respeito às diferentes crenças e saberes populares.

### Para saber mais

- † Espig, M. J. **A presença da gesta carolíngia no Movimento do Contestado**. Canoas, RS: Ulbra, 2002.
- † Felipe, E. J. **O último jagunço: folclore na história da Guerra do Contestado**. Curitibanos, SC: Universidade do Contestado, 1995.
- † Hermann, J. **No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- † Karsburg, A. O. **O eremita das Américas: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX**. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2014.
- † Welter, T. **Encantado no meio do povo: a presença do Profeta São João Maria em Santa Catarina**. São Bonifácio, SC: Edições do Instituto Egon Schaden, 2018.

## A tecnologia sustentável das construções caboclas

Gerson Witte

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: ocupação humana no planalto catarinense, técnicas artesanais de construção, modos de vida e cultura, influência indígena, tradição.*

José Octaviano Pinto Soares, um militar que participou da Guerra do Contestado, descreveu os “caboclos das matas” como um grupo humano com ascendência indígena preponderante, tendo os cabelos lisos, barba e bigodes ralos, roupas simples compostas de paletós surrados e vestidos de tecidos baratos costurados a mão. Apesar de elogiar sua destreza na floresta, destacou que andavam com os pés descalços, moravam em ranchos precariamente construídos com tábuas mal pregadas e cheias de frestas, cobertas com telhas de madeiras ou folhas de palmeira Jerivá, com móveis toscamente esculpidos, quando o possuíam. Seu intuito, possivelmente, era demonstrar com o rancho do caboclo como a miséria e ignorância assolavam da região do Contestado, mas seria possível entender estas construções por outra perspectiva: como resultado de uma ocupação sustentável que visava o aproveitamento dos recursos naturais, através de uma tecnologia que se desenvolveu por séculos no espaço geográfico específico.

A presença humana transformou a paisagem natural da Região do Contestado desde a chegada dos primeiros habitantes caçadores-coletores, cujos vestígios no oeste catarinense datam de aproximadamente 12 mil anos atrás. O modo de vida e cultura dos primeiros povos ainda são objeto de investigação, mas já foram identificadas fases distintas de ondas migratórias de povos étnica e culturalmente distintos. Proveniente das nações ibéricas, a ocupação



Figura 1. Representação de moradia tradicional cabocla. Autor: Gerson Witte. Desenho sobre papel com arte-final digital, 2019.

européia que se iniciou no século XVI impactou as complexas e já milenares redes sociais de disputas políticas e econômicas de grupos indígenas autóctones, como os Kaingang, Xokleng, Guarani e Xetá, por exemplo. No século XVIII foram instaladas as primeiras fazendas nas áreas de estepes da região, ou campos, utilizando a força de trabalho escravo de origem africana e também a mão de obra de indígenas, que sofreram com aldeamentos forçados, para a abertura e manutenção das estradas, construção das casas, mangueiras, cercas etc., estabelecendo assim uma matriz econômica que levaria ao surgimento de uma nova organização social multiétnica, multicultural e com forte sincretismo religioso, que apesar de sua grande diversidade de grupos, seriam identificados genericamente apenas com um nome: caboclos.

Este processo ocorreu em áreas limítrofes e interconectadas a outro bioma, a Floresta Ombrófila Mista, que faz parte da Mata Atlântica, mas com ocorrência de vegetações típicas de climas temperados. Até meados do século XIX não existiu muito interesse nestas matas fechadas que se desenvolveram em terrenos com grandes declives, pedregosos e ácidos, por serem pouco atraentes para a agricultura com ferramentas manuais e uso de força animal.

A situação se modificaria após a Guerra do Paraguai (1864-1870), que teve como uma de suas consequências a destruição das plantações



de erva-mate daquele país. A busca por outras áreas que contivessem a presença nativa da planta *Ilex paraguayensis* trouxe comerciantes para a região do Contestado. Apesar de abundante, o extrativismo da erva-mate seria uma empreitada muito difícil, com longos deslocamentos entre os ervais para a coleta e beneficiamento manual, havendo ainda o transporte de imensos fardos por áreas sem nenhuma estrada, até pontos específicos de coleta a léguas de distância. Impossível para a maioria das pessoas, menos para as famílias caboclas, que com esta fonte de renda garantiram sua sobrevivência.

Iniciou-se assim uma nova fase da ocupação humana na região do Contestado, numa organização complexa que envolveu, nas décadas seguintes, fazendeiros e seus empregados, comerciantes brasileiros e argentinos, tropeiros, indígenas remanescentes e os denominados caboclos. Paulatinamente, a esses grupos se agregaram refugiados de revoltas provinciais, fugitivos das forças de segurança, contrabandistas, imigrantes europeus e seus descendentes, pregadores religiosos e até mesmo norte-americanos, todos reunidos em uma região em que ainda existia uma disputa de fronteiras entre as províncias do Paraná e Santa Catarina. Diante das incertezas jurídicas da região contestada, os políticos das capitais evitaram qualquer investimento econômico ou implantação de instituições públicas e praticamente outorgaram o poder aos proprietários de terra locais e suas milícias. Foi nesta situação complexa que eclodiu a revolta do Contestado (1912-1916).

Apesar de tantos personagens envolvidos, alguns cronistas da época, tais como jornalistas, militares e governantes, se apressaram em atribuir a culpa do conflito ao caboclo e assim justificar o envio de diversas expedições punitivas contra um grupo que teria sido contaminado pelo fanatismo religioso. Com um olhar pretensamente “compreensivo” e “imparcial”, os relatos da época adjetivaram como características intrínsecas deste povo mestiço o primitivismo, o desprezo pela educação, a pouca afeição ao trabalho e o repúdio ao que existia de moderno e tecnológico, o que os teria levado a uma pobreza extrema e permitido assim que fossem manipulados por charlatões e bandidos. Por exemplo, o militar Demerval Peixoto defendeu a necessidade de levar a civilização a bandos de semibárbaros estúpidos, sujos e indolentes que se escondiam em choupanas imundas, que seriam mais adequadas às feras do que para a moradia de seres humanos.

Ao se denominar as construções caboclas como ranchos, casebres, tabiques, taperas, choças e demais termos que se tornaram pejorativos, se omite a milenar tecnologia de sustentabilidade que empregavam.

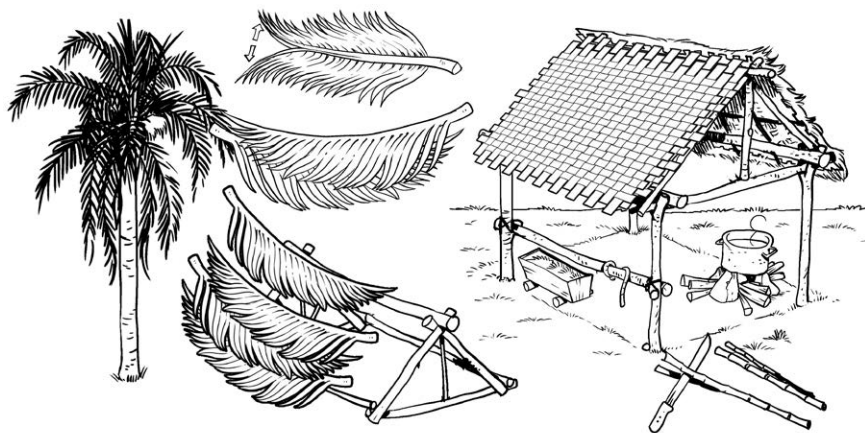


Figura 2. Sistemas de cobertura com folhas de palmeira e esteiras de taquara.

Autor: Gerson Witte. Desenho sobre papel com arte-final digital, 2019.

Primeiramente, é importante estabelecer a premissa que a renda proveniente do extrativismo da erva-mate não era suficiente para permitir a aquisição de variadas ferramentas nem a importação de materiais de construção. Também é relevante que a condição de posseiros em terras devolutas e a difícil relação com os fazendeiros muitas vezes obrigavam a deslocamentos por ambientes sem estradas, pois os ervais necessitavam de três anos de intervalo para nova colheita. Assim, construir era priorizar a eficiência, rapidez e baixíssimo custo com materiais disponíveis na natureza e com ferramentas que poderiam transportar com as mãos.

Com seu facão, preferencialmente de 12 polegadas e, se estivesse disponível, um bom machado afiado, o caboclo procurava por troncos de guamirim, árvore da família das Mirtáceas, com tamanho adequado e se ramificando na altura correta, para erigir uma estrutura que utilizava as forquilhas como encaixes para a sustentação das vigas. Após a colocação de suportes, utilizavam para sua cobertura esteiras de taquara comum (*Merostachys multiramea*), trançadas e sobrepostas, técnica tradicional nas habitações. Esta também era a forma básica dos acampamentos utilizados na colheita da erva-mate, com o acréscimo de paredes de esteira. Dependendo da rapidez com que a estrutura necessitasse ser erigida, poderia ser utilizada uma cobertura de folhas da palmeira Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*). Os dois sistemas poderiam ser associados.

Para as estruturas de utilização prolongada utilizavam os “rachões”, pranchas de madeiras obtidas por um sistema que dispensa o uso de serras. As árvores escolhidas eram geralmente das espécies de Araucária (*Araucaria angustifolia*) e Imbuia (*Ocotea porosa*), derrubadas com o machado. Com o tronco no chão, empregava-se o machado para a primeira incisão, ao qual iam sendo inseridos cunhas, batendo com martelos de madeira, até se dividir em duas partes. O processo era repetido em cada metade, em um processo conhecido como desdobramento radial. Nestes quartos de tronco, retirava-se uma tira fina e triangular da aresta central, que poderia ser usada como caibro. As tábuas eram conseguidas abrindo a estrutura lenhosa, seguindo os veios de crescimento da planta na separação das fibras de celulose. O processo não proporcionava padrões de largura, espessura ou acabamento, mas permitia a obtenção de tábuas suficientes para uma pequena moradia em um ou dois dias de trabalho sem a manipulação de dispendiosas serras de metal. Como a madeira não era beneficiada, não se conseguia sistemas de encaixe macho e fêmea, nem era eficiente para a produção de ripas “mata-juntas”, então se utilizava uma sobreposição intercalada conhecida como “saia e blusa”, para evitar aberturas nas paredes.

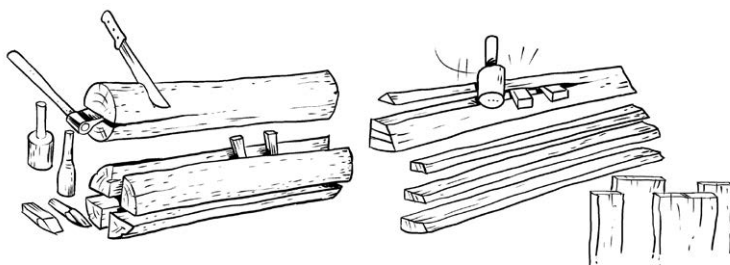


Figura 3. Obtenção de tábuas com cunhas e a sobreposição “saia e blusa”.  
Autor: Gerson Witte. Desenho sobre papel com arte-final digital, 2019.

Para as telhas de madeira, toras de araucárias com 50 a 60 cm de comprimento, recém-derrubadas, eram também desdobradas de forma radial com o facão e martelos de madeira, formando uma série de pequenas tábuas irregulares. As peças eram então estocadas à sombra e em local sem umidade para que secassem e, posteriormente, eram sobrepostas para formar os telhados das construções. A forma triangular exigia um desbaste auxiliar para o nivelamento e dificultava a sobreposição no telhado, porém a técnica dispensava o uso de

específicas e dispendiosas ferramentas de metal, necessárias para obtenção de telhas de madeira com lascas retangulares.

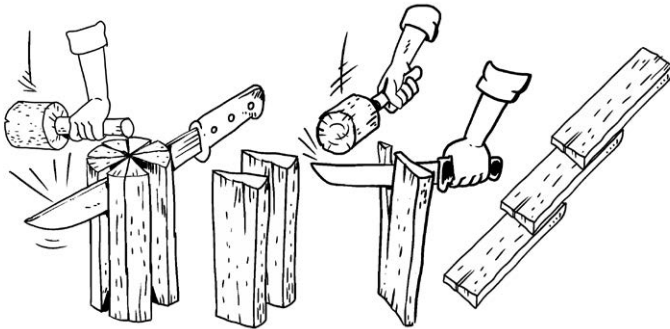


Figura 4. Telhas de madeira produzidas por corte radial. Autor: Gerson Witte. Desenho sobre papel com arte-final digital, 2019.

Empregavam também o falquejo, técnica em que se utiliza o machado para desbastar as laterais de troncos cilíndricos e assim criar outras formas na madeira. Exigindo uma série de procedimentos específicos, para garantir a integridade e nivelamento corretos, a técnica permite uma padronização na madeira utilizada nas estruturas, melhorando os encaixes nas construções e a fabricação de ferramentas, como o monjolo, muito utilizado para a moagem de grãos e no beneficiamento da erva-mate.

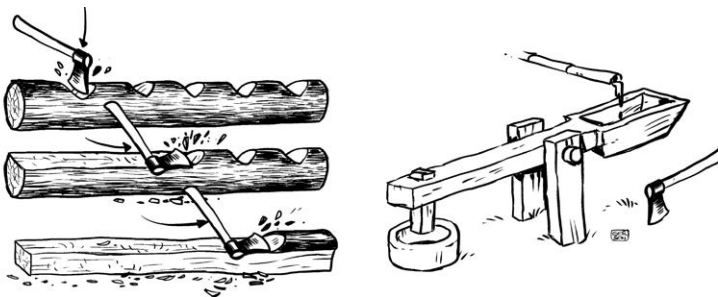


Figura 5. Construção de monjolo com madeira falquejada. Autor: Gerson Witte. Desenho sobre papel com arte-final digital, 2019.

Relatórios militares citam que os caboclos produziam alcatrão, um líquido negro e viscoso, composto por centenas de substâncias químicas, resultado do processo de destilação da resina das coníferas. Sua obtenção era provavelmente conseguida com a carbonização de

nós de pinho, segmentos dos galhos que servem de fixação no tronco das araucárias, sendo estruturas lenhosas impregnadas de resina e de grande poder calorífico. Uma possível técnica artesanal propõe o uso de uma lata grande com um furo na parte inferior, no qual inseriam lascas de nó de pinho e vedavam. No chão, abria-se uma cavidade para inserir outro recipiente metálico, menor, posicionando-o abaixo da lata maior. Iniciava-se um fogo ao redor da estrutura, para transformar em carvão a madeira no interior da lata e liberando as substâncias voláteis, que escorriam pela abertura inferior para a vasilha inserida no chão, onde eram coletadas em um líquido que poderia ser utilizado como combustível, em remédios tradicionais e no tratamento químico da madeira das construções, prevenindo o ataque por insetos e melhorando a impermeabilização. Também é citada a produção de terebentina, um tipo de solvente, mas não foi possível pesquisar o método de obtenção, apenas que utilizava a Aroeira, árvore muito estudada na atualidade pelas qualidades medicinais de seus óleos essenciais e cujo nome científico, *Schinus terebinthifolius Raddi*, é bastante sugestivo.



Figura 6. Obtenção de alcatrão pela carbonização do nó de pinho. Autor: Gerson Witte. Desenho sobre papel com arte-final digital, 2019.

O piso das casas era de chão batido, com bancos e mesas construídos por eles mesmos com madeira falquejada. As camas eram estradas de taquara sustentadas por estruturas de madeira, cobertos por pelegos, baixeiros e ponchos. A cozinha era um anexo do quarto principal ou uma estrutura separada por poucos metros, onde um fogo de chão era mantido permanentemente aceso. Para sustentar as panelas utilizavam três pedras niveladas ou, caso tivessem mais recursos, estruturas de ferro fundido chamados trempes. Utilizavam gordura animal ou cera de abelhas derretida para fabricar velas, utilizando as taquaras como moldes. Acendiam o fogo com a faísca produzida pela batida de um

pedaço de ferro em um sílex, rocha silicatada também conhecida como pederneira. Para a isca do fogo, utilizavam um pedaço de tecido de algodão carbonizado, protegido no interior de um recipiente impermeável, como uma pequena latinha ou chifre.



Figura 7. Produção de velas e isqueiro de pederneira. Autor: Gerson Witte. Desenho sobre papel com arte-final digital, 2019.

A produção agrícola era apenas para a subsistência familiar, em pequenas roças, porque não existia comércio para a produção excedente. Engordavam porcos com sementes e frutos das árvores. Possuíam algumas galinhas, que produziam ovos e ajudavam a manter os pátios livres de insetos, mas que precisavam constantemente proteger das aves de rapinas e outros predadores. Caçavam geralmente com armadilhas, apreciando aves como a perdiz (*Rhynchotus rufescens*) e o inhambu (*Crypturellus parvirostris*). Conheciam fontes limpas de água para o cotidiano e especialmente para os anos de seca que ciclicamente afligiam a região, atribuindo a estes lugares a reverência de sagrados.

Em algumas circunstâncias era necessário depender de produtos trazidos por comerciantes, como tecidos para confecção de roupas, sal, açúcar, café, fumo de rolo, aguardente, latas, panelas, pregos, talheres, ferramentas, munição para a espingarda de caça, entre outros e, para isso, contavam com a renda do extrativismo da erva-mate. Como abandonar suas moradias era uma realidade frequente, mantinham como posse apenas o que pudesse transportar nas mãos ou com a ajuda de um animal de carga e assim, ao encontrar outro lugar mais apropriado e com o trabalho de poucos dias, a floresta fornecia o necessário para uma nova casa.

Nas matas o caboclo não se isolou, mas desenvolveu novas formas de relação social em um modo de vida integrado à floresta. Quando dali

foi retirado, para que se construísse a estrada de ferro e se colocassem cercas nas propriedades destinadas à colonização, participou de uma revolta popular em que muitos outros foram personagens. Todavia, no fim, toda a culpa foi nele descarregada, enquanto assassinos de inocentes receberam honrarias e tiveram seus nomes homenageados em praças, ruas, avenidas e cidades.

Mas será mesmo que a imagem do caboclo fumando seu “paieiro” na porta de seu rancho de rachão representa sua miséria, selvageria, primitivismo? Ou seria a aplicação de séculos de conhecimento tecnológico para aproveitar os recursos naturais disponíveis e assim se ter uma maior liberdade em relação aos proprietários de terra, os “coronéis”, que autoritariamente utilizavam milícias para suas disputas de poder e para a manutenção da população local em um sistema análogo à escravidão? Também surpreende a similaridade desta tecnologia com as propostas contemporâneas de economia solidária, que não se baseiam em grandes excedentes de produção utilizando combustíveis fósseis e pesticidas, mas no uso consciente, eficiente e sustentável dos recursos naturais. Talvez, ao contrário do que se justificou na época, não exista uma tecnologia de ocupação humana para a região do Contestado mais vanguardista que a cabocla.

### Para saber mais

- † Gilbert, B.; Favoreto, R. “Schinus terebinthifolius Raddi”. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 43-56, 2013.
- † Pimenta, M. C. A. (org.) **Mestres Artífices de Santa Catarina: cadernos de memória**. Brasília, DF: Iphan, 2012.
- † Soares, J. O. P. **Subsídios para a história: o Contestado**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1920.
- † Valentini, D. J. et al. (org.) **Revelando o Contestado: as fotografias na história do centenário da guerra**. Chapecó, SC: Argos, 2015.
- † Witte, G. **Os caboclos dos Campos de Palmas e sua representação na Guerra do Contestado**. Dissertação (Mestrado em Educação). Cascavel, PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2017.

## O monarquismo sertanejo

Márcia Janete Espig

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: coronelismo, Primeira República brasileira, monarquismo, movimento Mucker, Guerra de Canudos.*

**E**m setembro de 1912, um telegrama, enviado pelo “mandão” da Vila de Curitiba para o “mandão” da Vila de Campos Novos, incendiou a imaginação de políticos e do povo do litoral na época e, posteriormente, de alguns historiadores que escreveram sobre o Contestado.

Assim dizia o telegrama do coronel Albuquerque para o coronel Rupp:

Digno amigo já deve saber estou agindo restabelecer respeito autoridades constituídas margem Taquaruçu transformada Ipiranga à la mucker pelo *padre santo* vindo daí que proclamou ali restauração monarquia, tirando retrato a cavalo, espada em punho. Ministério provisório assim constituído: Fazenda, velho Rocha; Guerra, Chico Ventura; Viação, Sergílio; Marinha, Euzébio Rocha; Interior, Praxedes; Agricultura Joaquim Vidal. Afirma-se novo monarca pretende vir Vila solidificar regime nascente mudando autoridades. Bispo ordenou padre ir aconselhar povo dispersão. Nosso patriarca, Carvalho, nosso [?] José Bonifácio, segue mesmo intuito tomando, porém, como medida preventiva mandar que padre siga primeiro. Governo providenciando como sabe. Abraços. Albuquerque. (grifos no original)

A informação contida nesse documento, que ainda existe em forma física no Arquivo Histórico Municipal de Campos Novos, repercutiu



imediatamente através de jornais e debates políticos. Seria esse ajuntamento de pessoas pobres no interior de Santa Catarina um movimento insidioso visando a derrocada da República? Teria conluído com os (raros) monarquistas das capitais? E, principalmente, como deveria ser combatido pelo poder público? Para dar a exata dimensão dessas questões, preciso fazer um exercício e retornar um pouco mais no tempo, a um contexto que precede a Guerra do Contestado.

Quando Albuquerque menciona, em seu breve telegrama, que Taquaruçu foi transformada em Ipiranga “à la mucker”, ele está relacionando o conflito então existente a uma tradição messiânica e milenarista anterior. O movimento Mucker, ocorrido na cidade gaúcha de Sapiranga no século XIX, enfrentou forte repressão policial e foi esmagado com violência. A comparação mais sensacional, contudo, não foi nominada pelo coronel, mas logo em seguida foi realizada profusamente pela imprensa.

O temor monarquista ligava-se diretamente ao episódio ocorrido nos sertões da Bahia. O movimento de Canudos (1893-1897) foi encarado como um grande desafio à República. Foram necessárias quatro expedições militares e um general de alta patente para debelá-lo. A extrema violência e a destruição do arraial a ferro e fogo, posteriormente, tornaram-se uma chaga na memória nacional, sobretudo a partir da publicação do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1901). Durante sua eclosão, Canudos foi seriamente tratado e combatido como uma sedição monarquista. Por ocorrer em um momento em que a República ainda lutava para firmar suas pernas, e o movimento monarquista militava pela restauração da casa de Bragança, mesmo que com chances de sucesso praticamente nulas, o discurso monarquista presente em Canudos foi tratado como um elemento político a justificar a repressão.

Quando Albuquerque agitou o espantalho monarquista contra José Maria e seus seguidores, estava, de forma consciente ou não, rememorando um momento muito violento do passado brasileiro recente e oferecendo aos políticos do litoral uma possibilidade de justificativa para a repressão agressiva. Contudo, a ocasião já não era a mesma.

A prova disso é que a imprensa, que tanto debatera o caráter monarquista de Canudos, não levou a sério as supostas ambições restauracionistas dos sertanejos reunidos em torno do monge José Maria. O jornal da capital da República, *O Paiz*, que fora um dos mais

destacados na campanha pela destruição de Canudos, optou por um tom zombeteiro ao dizer, em 25 de setembro de 1912, que o governo deveria mandar demarcar a área do novo império, enviando para lá todos os brasileiros que não estivessem contentes com a República. Na mesma toada humorística de *O Paiz*, o jornal *Folha do Comércio*, de Florianópolis, publicou uma nota que, aparentemente, ecoava algumas questões levantadas por homens e mulheres que acompanhavam os desdobramentos da questão acerca da perseguição ao curandeiro: “[José Maria] Fala mal da República? Ora, tenham a bondade de apresentarem-nos uma pessoa que fala bem dela”. O mesmo jornal já comentara, em edição anterior, que “Duzentas pessoas, naturalmente na maior parte composta de velhos, mulheres e crianças, são incapazes de, por autoridade, restaurar o antigo regime, num lugar onde não há elementos”.

O jornal paranaense *Diário da Tarde* também tratou o episódio como uma “farsa monárquica” e mesmo em matéria que considerava seriamente as tendências monarquistas de José Maria, essas não merecem comentários aprofundados, e nem se pontuam maiores desdobramentos. Assim, a chamada “burla monárquica” foi ridicularizada, e em várias ocasiões, relacionada à ignorância e suposta inferioridade intelectual dos sertanejos.

Contudo, de onde surgira a acusação de Albuquerque? Tratava-se apenas de uma narrativa prodigiosa, ficção saída da imaginação do superintendente de Curitiba, que a utilizava como argumento para pedir a intervenção do Regimento de Segurança de Santa Catarina na dispersão do grupo? Provavelmente não.

Através de documentação produzida a partir de relatos orais, podemos ler uma versão diferenciada, que talvez tenha passado por um processo de reelaboração por parte da elite econômica e política. Segundo o militar José Otaviano Pinto Soares, que participou da repressão ao movimento, haveria relatos na região de que a suposta “proclamação da monarquia” teria ocorrido durante uma disputa de trovas. Em livro publicado em 1920, o primeiro tenente conta que durante o desafio entre dois cantadores, um deles “para responder o verso de seu companheiro, terminou com um Viva à monarquia! sendo que com este verso ele ganhou a porfia” e com isso “Os espectadores ergueram, então, muitos vivas à monarquia! final do verso vencedor”.

O folclorista Euclides José Felipe, que conviveu por décadas com os remanescentes do movimento, confirma o relato de Pinto Soares.

De acordo com a coleta de memórias que realizou entre os caboclos, houve um desafio em agosto de 1912, durante a festa do Bom Jesus do Taquaruçu, quando, em meio a outros versos, ouviram-se os seguintes:

Monarquia é a lei de Deus  
Que prá nós foi a premera;  
E será a derradeira  
Que por fim triunfará:  
– Quem falô foi João Maria  
– Que as lei republicana  
– Feita por gente tirana  
– Pouco tempo hão de durá.

João Maria nunca falô  
Contra as lei repubricana;  
Só falô, é que os sacana  
O Brasir iam sufocá:  
– Ele viu que novas era  
– De tristeza e sofrimento,  
– Iam mudá rumo do vento  
– Nós devia se acautelá.

O nome João Maria, famoso monge do Contestado, abrigou em si vários personagens. Um deles, que supostamente chamava-se Anastás Marcaf e que andara pouco tempo antes pelo planalto catarinense, era hostil ao regime republicano e acreditava que a derrocada da monarquia era o prenúncio de grandes catástrofes. Possivelmente essa pregação também tenha influenciado o pensar caboclo.

Monarquia como uma lei divina, república como um regime cruel: a mensagem trazida pelas trovas reproduz a forma de pensar do sertanejo, que encontrará eco em várias outras manifestações ocorridas durante a Guerra do Contestado e que veremos a seguir.

Antes disso, é importante lembrar que a suposta “farsa monárquica” foi reavivada em agosto de 1914. Nessa data, surgiu na região e foi transcrito em jornais do litoral um “Manifesto Monarquista”, atribuído a Manoel Alves de Assumpção Rocha, proprietário rural que havia aderido ao movimento. Intitulado “Carta Aberta à Nação”, esse documento conclamava a nação a lutar pelo completo extermínio do decaído governo republicano, e instituiu “Dom Manoel” como o imperador da Monarquia Sul-Brasileira, formada pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Em suas 30 proposições,

tratava de questões variadas, como o respeito à lei de imprensa, a unificação da lei judiciária do país, a modificação do sistema de júri e a criação de um exército aviador.

Desde logo a autoria do documento foi questionada. Ela teria, segundo os analistas, uma linguagem que fugiria do padrão dos textos comprovadamente escritos pelo grupo. Segundo Felipe, o próprio Mané Rocha, suposto imperador, enfurecia-se quando lhe questionavam sobre o assunto. Mesmo os cronistas militares não atribuíram veracidade a esse documento. Herculano Teixeira D'Assumpção acreditava que “tal manifesto constitui uma inocente brincadeira de algum espírito culto que por lá [pelo sertão] tivesse andado”. Demerval Peixoto acreditava que o autor teria sido Antônio Tavares, ex-promotor na Vila de Canoinhas. Décadas após esse episódio, veio a público a informação de que Guilherme Gaertner, ex-comerciante e proprietário de terras em Rio Caçador, escrevera o “Manifesto” na intenção de atrair a atenção da opinião pública e do Governo Federal para o movimento, que acreditava estar tomando rumos muito perigosos.

Porém, como pontuei acima, existem fragmentos de discurso dos rebeldes preservados ao longo do tempo e que apontam para alguma relação entre eles e a monarquia. São inúmeras citações e referências a dizeres dos rebeldes que podem ser encontradas em documentação da época ou que foram coletadas através de memórias. Assim, emerge da cultura cabocla uma forte relação da monarquia com um tempo divino, com as “leis de Deus”, que se completa com uma visão sombria da República, regime considerado maligno e injusto. Muitas dos vestígios que traçam essa relação só chegaram aos nossos dias graças ao grande preconceito das pessoas ditas “ilustradas” frente ao pensamento simples (e ao mesmo tempo complexo) do sertanejo. A predileção pela monarquia, nessa visão eivada de preconceitos, serviria para ilustrar certa ignorância, certa inferioridade cultural dos rebeldes.

Segundo *A Notícia*, periódico de Lages,

Dizem os jagunços que nada têm contra o ilustre Sr. Coronel Albuquerque. Para eles, tanto faz ser superintendente de Curitiba o Sr. Coronel Albuquerque como qualquer outro. O que desejam é a volta da coroa, o restabelecimento da monarquia. Esperam sem temor as forças legais, porque, dizem, o monge José Maria virá em auxílio deles e desta forma eles serão invencíveis.

A *Folha do Comércio*, de Florianópolis, anotava que “Os infelizes fanáticos portaram-se com a valentia própria de sua consciência. Respondiam aos nossos tiros e descargas das metralhadoras com vivas à monarquia, São Sebastião e outros”.

Mais do que isso, a monarquia representava um ideal pelo qual se deveria lutar, o que transparece em excertos de discurso presentes em memórias militares, das quais citarei apenas duas, ambas extraídas da obra de d’Assumpção. Uma delas, bastante conhecida e citada em várias publicações sobre o tema, estaria em um bilhete encontrado na estação São João, da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG), após sua destruição em setembro de 1914:

Nós estava em Taquaruçu tratando da nossa devoção e não matava nem roubava, o Hermes mandou suas forças covardemente nos bombardear onde mataram mulheres e crianças, portanto o causante de tudo isto é o bandido do Hermes e portanto nós queremos a lei de Deus que é a monarquia. O governo da república toca os Filhos Brasileiros dos terreno que pertence à nação e vende para o estrangeiro, nos agora estemo disposto a fazer prevalecer os nossos direito.

A uma má república, que não cuida de seus filhos, não se deve obedecer. Mais que isso, se deve combater. Daí a necessidade de mudança de regime, presente na fala de um “bandoleiro” capturado pelo 58º batalhão: “O ideal do exército do Sr. José Maria – diz-me Maurílio, possuído de ardente entusiasmo – é a restauração da Monarquia, que é a lei de Deus, pois a República é a lei do diabo”.

Sobre a visão dos sertanejos acerca da monarquia, vale ainda utilizar alguns documentos produzidos no período mais repressivo da Guerra do Contestado. Os Autos de Perguntas e os Inquéritos Policiais Militares eram realizados no calor da hora. Os rebeldes capturados ou que se entregavam às forças legais passavam por uma ou mais inquirições, ficando registradas as perguntas dos militares e as respostas dos sertanejos, invariavelmente designados como “fanáticos”, “jagunços”, “bandidos”, “selvagens”, entre outros qualificativos depreciativos. Esse conjunto de documentos pode ser encontrado no Arquivo do Exército, na cidade do Rio de Janeiro.

Para muitos dos interrogados, a monarquia aparece como um dos objetivos do grupo. De acordo com um polonês que afirmou ter ido

obrigado para o reduto, “Uns tem o fanatismo religioso, uns alimentam o ideal de proclamar a monarquia e outros, finalmente, batem-se pela questão de limites”. Outro europeu capturado responde às perguntas feitas da seguinte maneira:

49 – Que querem eles? -Dizem que monarquia. Estão convencidos que ela virá. Eles brigarão até o rio de Canoinhas, enquanto no Rio de Janeiro, se revoltarão, obrigando as forças a irem para lá; por isso eles fazem questão de tomar Canoinhas e Papanduva, pois, só quando chegarem nesses dois pontos, rebentará a revolução no Rio.

50 – Quem os convence de tal? -Não sei.

Outros depoentes, moradores tradicionais da região ou da macrorregião, contam que foram recrutados para “trabalharem pela monarquia, religião, execução da sentença da questão de limites entre este estado [o Paraná] e de Santa Catarina”, discurso que aparece nas falas de vários dos capturados. Um lavrador que morou no reduto de Pedras Brancas por cinco meses afirmou que “o ideal daquele povo são a restauração da monarquia e a transformação da religião, sendo isto o assunto do dia entre eles, mesmo quando executam as suas manobras (formas) gritando vivas à monarquia e diversos santos, vivendo também o nome de João Maria”. Em depoimento posterior, o mesmo inquirido coloca que “os jagunços rezam todos os dias, pela manhã e à tarde, pela restauração da monarquia”.

O entusiasmo pela monarquia aparecia diretamente nos momentos de enfrentamento com as forças legais, através dos “vivas”, prática é assinalada através de periódicos e presente também nas memórias militares. Os “vivas” eram gritos efusivos lançados pelos rebeldes durante os enfrentamentos com o Exército. Eles também ocorriam no interior dos redutos, em momentos de afirmação da coesão religiosa do grupo. Além de demonstrar algumas das preferências culturais dos sertanejos, durante os combates adquiriam uma finalidade estratégica: irritar e confundir os militares. Vários desses, em memórias ou relatórios, mencionam esse “vozerio irritante” e perturbador. O próprio general Setembrino de Carvalho considerava esse um “recurso ardiloso”, pois os “guerrilheiros” levavam aos combates os adolescentes com o único objetivo de gritar desesperadamente os “vivas”, sugerindo um volume muito maior de combatentes e apavorando os soldados.

Não resta dúvida de que existia, entre os rebeldes, falas e dizeres favoráveis à monarquia. Como interpretar essa profusão de vestígios

acerca de um pensamento monárquico? Haveria um sentido político, uma legítima disposição em restaurar o regime deposto pelo golpe de Estado republicano em 1889?

Parece acertado responder com um sonoro “não” à última pergunta. Se aceitássemos a sugestão de um interesse político no movimento, em um sentido mais estrito, faria sentido acreditar em “Proclamação da Monarquia” ou em “Manifesto Monarquista” naqueles sertões. Essa parece ser a narrativa que a elite política local desejava impor à opinião pública. A descrição feita por Albuquerque sobre a suposta “Proclamação” apresenta uma cena que evoca diretamente o grito do Ipiranga: o monge, “tirando retrato a cavalo, espada em punho”, tal qual a representação contida no famoso quadro de Pedro Américo. Essa narrativa, vimos, não ganha força no contexto da época. Entretanto os detalhes apresentados em inúmeras fontes citadas acima, mostram que o vocábulo “monarquia” andava nas mentes e nas bocas dos sertanejos. Que sentido atribuir ao termo?

Algo que possivelmente não tenha sido compreendido pela elite da época foi a resignificação dada pelos caboclos ao termo monarquia. Distanciando-se de um sentido meramente político, os rebeldes percebiam-na como uma “coisa do céu”, uma “lei de Deus” que associava ao rei qualidades paternas, justas e divinas. Afinal, a monarquia era a lei ancestral, “a primeira que nós sabia que tinha”, aquela que existia no passado recente e que fora revogada pela república: essa república que trouxera o estado laico, que trouxera para região a ferrovia, que promovera alterações profundas na vida dos moradores locais, que expulsara caboclos de suas terras de forma agressiva e as vendera a europeus ou descendentes. O sistema capitalista, inflexível e produtivista, penetrava de maneira inexorável na região, trazendo ruptura nos costumes e nas parcerias. Mudanças econômicas, sociais e culturais que deveriam levar gerações ocorreram em breves anos.

O termo monarquia, no dizer caboclo, assume então um sentido saudosista. No tempo da monarquia, tudo era melhor, tudo estava em seu lugar e as evoluções ocorriam lentamente. A república veio para mudar as coisas muito rapidamente, trazendo muitas perdas e poucos ganhos. Urgia reencantar o mundo. O movimento do Contestado veio fazê-lo utilizando o vocábulo monarquia para designar a idade de ouro que desejavam restaurar, em um processo de criação de imaginário no qual figuras divinas, reis poderosos, códigos ancestrais de conduta e de moral jogaram um peso poderoso. Podemos explicar assim a aversão à república, que traria a “ordem do Diabo”. Nesse reencantamento do

mundo, cria-se uma utopia coletiva, em que todos são irmãos e irmãs, no qual “quem tem mói e quem não tem mói também”. Se existe no Contestado uma proposição política, é essa: o desejo por uma existência coletiva, solidária, igualitária. Quem dera pudéssemos, hoje, sonhar juntos esse mesmo sonho, inspirando-nos na Monarquia cabocla.

### Para saber mais

- † Assumpção, H. T. **A campanha do Contestado (as operações da Columna do Sul)**. v. 1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1917.
- † Espig, M. J. **A presença da gesta carolíngia no Movimento do Contestado**. Canoas, RS: Ulbra, 2002.
- † Felipe, E. J. **O último jagunço: folclore na história da Guerra do Contestado**. Curitibanos, SC: Universidade do Contestado, 1995.
- † Monteiro, D. T. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- † Soares, J. O. P. **Subsídios para a história: o Contestado, v. I**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1920.



## Da literatura às armas: a presença de Carlos Magno no sertão catarinense

Márcia Janete Espig e Gabriel Carvalho Kunrath

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: apropriações literárias, história da leitura, ciclo carolíngio no Brasil, história da Idade Média, oralidade.*

Carlos Magno é um daqueles personagens históricos grandiosos, que empolga historiadores e aficionados por história. Vivendo na transição do século VIII para IX, acumulou grande poder, respeito e temor ao assumir as funções de rei dos Francos e rei dos Lombardos. Mais que isso: no ano 800 unificou o mundo cristão ao sagrar-se imperador em Roma, nascendo dessa forma o Sacro Império Romano. O Império Carolíngio assumia assim proporções continentais, e sobre Carlos Magno contaram-se histórias, estórias e criaram-se fantasias extremas. O sincretismo entre o que foi real e o que é imaginado, nesse caso, dificulta e talvez impossibilite que algum dia conheçamos com mais detalhes a vida desse grande líder.

Sabemos com segurança que Carlos Magno foi imensamente devotado à Igreja e ao cristianismo. Promoveu um renascimento das artes e da cultura clássica. Suas inúmeras conquistas, ao que tudo indica, o fizeram amado pelo seu povo, de tal forma que se tornou alvo de relatos orais e escritos desde antes de sua morte, em fevereiro de 814. Séculos após, Carlos Magno foi canonizado. Mais do que esse reconhecimento oficial, contudo, o soberano foi alvo de expectativas messiânicas populares, que se estenderam por séculos. A figura forte, de grande monarca que guiara a Igreja e a religião à vitória contra seus inimigos, já possuía por si só grande potencial messiânico. Durante os séculos XI e XII passou a ser associado à figura do “Imperador dos Últimos Dias”, profetizado pelos oráculos sibilinos cristãos. A crença

de que Carlos Magno não morrera de fato, mas estava a dormir, até chegar a hora de seu regresso, difundia-se. Durante os séculos XIV e XV levantaram-se na França profecias sobre um “segundo Carlos Magno”, que instauraria um reinado santo de mil anos.

As narrativas orais sobre o monarca encontravam ampla difusão e aos poucos passaram a tomar formato escrito. Uma das obras mais famosas e difundidas tomou o título de *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*. Traduzido para inúmeras línguas, inclusive para o português, esse livro relata as aventuras do imperador franco e de seus “pares”, ou seja, uma espécie de guarda composta pelos mais destemidos e honrados cavaleiros. Desses, alguns nomes tornaram-se grandiosos, tais como Rolando, Reinaldo, Oliveiro, Astolfo e Ogier, dentre outros.

A obra *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, em suas diferentes versões, é um livro extenso, que compila diferentes “histórias” acerca do rei Franco e de seus cavaleiros. Diferentes intrigas, batalhas impressionantes e feitos sensacionais alternam-se, sempre tendo por fundo a defesa da cristandade frente a seus inimigos (sobretudo os mouros) e a manutenção de uma ordem moral, cercada por valores éticos e heroicos. A figura do rei é cercada de qualidades quase divinas: Carlos Magno é apresentado como um monarca justo, sábio e extremamente fiel. Era visto como uma figura paterna: embora bondoso com seus súditos, sabia o momento em que devia discipliná-los a partir de um rígido código de condutas. De forma semelhante, os Pares de França eram cavaleiros honrados e valorosos, donos de uma coragem inacreditável. Episódios fantásticos, em que enfrentam (sozinhos) exércitos numerosos, gigantes, feitiços e ardis, fazem parte da narrativa. Baluartes da cristandade e defensores da monarquia, os Pares teriam, segundo a lenda, encontrado seu fim na Batalha de Roncesvalles, no ano de 778. Essa derrota teria ocorrido em virtude de uma traição. Só assim se poderia explicar a morte de tão sensacionais cavaleiros.

O mundo ibérico acolheu efusivamente essa tradição; mais que isso, a levou para suas colônias. No Brasil a recepção da *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, ao que tudo indica, remonta pelo menos ao século XVII. A difusão escrita possivelmente tenha acontecido por esse período, em versões espanhola ou portuguesa, assim como leituras em voz alta. A tradução em português fora publicada em Lisboa no ano de 1728. Através de um amplo processo de circulação cultural, a gesta carolíngia influenciou variadas manifestações populares em nosso país, tais como: cavalhadas, congadas ou mouriscas; surge ainda em desafios

de cantadores e, sobretudo, na literatura de cordel, que incorporou fortemente as narrativas sobre as aventuras de Carlos Magno e de seus Pares. Importantes autores eruditos, como Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, Monteiro Lobato e Guimarães Rosa, também foram muito influenciados por essa obra e outras que dela decorreram como, por exemplo, *A Canção de Rolando*.

Um imenso lapso temporal separa a historicidade da figura carolíngia, a difusão da obra literária de suas aventuras, e o movimento do Contestado. Contudo, alguns indícios trazidos por documentação primária mostram uma surpreendente continuidade. Entretanto, é difícil de estabelecer como teria ocorrido a introdução do livro na região devido às características mercantis e tropeiras daquela sociedade, que garantiam uma certa circularidade de informações. Duas são as hipóteses mais recorrentes nas obras sobre a Guerra do Contestado. Uma delas refere-se à possibilidade de que o livro tenha chegado à região pelas mãos de um professor vindo de Laguna, que o teria trazido em sua mudança e realizado a leitura para os caboclos durante o ano de 1913. A outra é de que o próprio José Maria carregava consigo um exemplar e que uma de suas práticas seria, justamente, ler “a história de Carlos Magno” aos que lhe seguiam, como mencionado pelo jornal *A República* em 15 de outubro de 1912. Entre essas duas hipóteses, consideramos a segunda a mais provável. Todavia, independentemente de quando fora introduzida, a obra se constituiu como um elemento muito bem ajustado ao universo cultural em questão, capaz de criar sentido e de receber significações.

Algumas características do movimento demonstram essa apropriação cultural. Possivelmente o exemplo mais significativo tenha sido a formação de um grupo de elite denominado “Doze Pares de França”. Os depoimentos de pessoas que estiveram na companhia de José Maria, contidos no processo-crime do Irani, relatam a existência de “um piquete de cavalaria denominado Doze Pares de França nos quais o monge depositava toda a confiança”. Naquele momento, em 1912, supomos que os “Pares” fossem os responsáveis por garantir a segurança de José Maria e do acampamento. Tal suposição é ancorada na fala de João Antônio da Roza, que esteve com o monge no Irani, e quando interrogado informou que os “Pares” acompanharam o monge no trajeto entre Taquaruçu e Irani, sendo que durante as noites um piquete de cavalaria era ordenado a vigiar a entrada do acampamento.

Com o desenrolar da guerra, a formação e as funções dos “Pares de França” foram variando, ou seja, sua configuração foi sendo

ressignificada pelos sertanejos. Durante o segundo ajuntamento em Taquaruçu, em 1913, quando os sertanejos reuniram-se para rezar e aguardar a ressurreição de José Maria, a incumbência dos Doze Pares teria sido quase burocrática, como intermediários entre o líder místico e os demais. Em matéria publicada na *Folha do Comércio*, em 15 de janeiro de 1914, o suposto “fanático” Valeriano Marcondes afirmava que “O neto de Eusébio, o vidente Joaquim, repentinamente comunica as inspirações e instruções aos seus 12 pares, que transmitem ao bando”.

Ao que tudo indica, até este momento do conflito, os “Pares” mantinham a atribuição prática de transmissão de ordens entre os líderes religiosos e o restante do grupo. Também seriam os responsáveis por receber José Maria ressuscitado, retornando assim a função de guarda do monge. Se nas narrativas tradicionais os “Pares” se constituíam como uma espécie de “guarda de honra” composta pelos mais destemidos cavaleiros de Carlos Magno, em 1912 formavam uma guarda de proteção de José Maria, e no transcorrer da Guerra se constituíram como protetores dos líderes sertanejos.

A partir de fevereiro de 1914, sobretudo depois da destruição do reduto de Taquaruçu, o movimento sertanejo precisou se readaptar diante das derrotas impostas pelos confrontos com as forças oficiais, passando a valorizar cada vez mais os saberes de ordem militar. Com isso, o grupo dos “Pares” sofreu alterações, mesmo mantendo-se a concepção sertaneja de que os “Pares” representariam 12 duplas de guerreiros, ou seja, a tropa seguiu sendo composta por 24 homens. Em consequência dessa nova concepção, passou a ser um piquete de elite composto pelos mais corajosos caboclos, fundamentais na defesa dos redutos. Extremamente hábeis no manejo de armas brancas, atuavam, sobretudo, em combates corpo-a-corpo. A *Folha do Comércio*, de 26 de março de 1914, permite, através de uma de suas matérias, termos a dimensão da atuação dos “Pares” em um combate ocorrido naquele ano. Segundo o periódico, “as trincheiras descobertas, ou antes, pequenas cavidades que mal continham um homem de cócoras, estiveram sempre durante o combate guarnecidas por jagunços que aguardavam o assalto para a luta corpo a corpo. Eram os 12 Pares de França, isto é, 24 combatentes dos mais fortes e mais fanatizados acompanhados de outros”. Sendo considerados como “apóstolos de São Sebastião”, carregavam consigo orações fortes destinadas a protegê-los dos ataques do inimigo.

Além de suas funções relacionadas aos combates com as forças oficiais, também era atribuição dos “Pares” a função de guarda interna

dos redutos. Ao que tudo indica, tinham ainda entre suas atribuições a responsabilidade pelas solenidades de formas, momento no qual seus componentes dispunham o povo em fileiras duplas e postavam-se 12 de cada lado, bem como a realização de casamentos no interior dos redutos e o sepultamento dos irmãos mortos. Na medida em que novas pessoas eram recrutadas ou aderiam aos redutos, eram entregues aos “Pares” para a realização de um novo batizado, no qual passavam a receber novos padrinhos e, em alguns casos, até mesmo novos nomes.

Com o desenrolar da Guerra, mais perto do fim do movimento, o grupo passou por novas transformações. Adeodato, que em sonho havia recebido a ordem do monge José Maria para que chefiasse os “Pares”, e que durante a guerra também teria sido um “Par de França”, foi o responsável pelas alterações das funções dos “Pares”. O último líder sertanejo, diante das consecutivas derrotas e das dificuldades de abastecimento de alimentos em razão do cerco imposto pelo general Setembrino de Carvalho, teve que tratar de forma dura qualquer desvio de conduta e o forte potencial de desagregação sertaneja. Com isso, os “Pares” transformaram-se em um instrumento disciplinador e contribuíram para a manutenção do poder de Adeodato.

### Para saber mais

- † Cohn, N. **Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média**. Lisboa: Editorial Presença, 1981.
- † Correia, J. D. P. **Os romances carolíngios da tradição oral portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1993. Tomo I.
- † Espig, M. J. **A presença da gesta carolíngia no Movimento do Contestado**. Canoas, RS: Ulbra, 2002.
- † Felipe, E. J. **O último jagunço: folclore na história da Guerra do Contestado**. Curitiba, SC: Universidade do Contestado, 1995.

## A proteção pela magia

Felipe Augusto Werner dos Reis

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: Inquisição Portuguesa, religiosidade popular, religiosidades de matriz africana, cultura indígena, magia, sincretismo religioso.*

### A proteção sob Inquisição

Preso em 1743 pela Inquisição Portuguesa, sob a acusação de feitiçaria, Miguel Ferreira Pestana, natural do Aldeamento de Retiriba, no Espírito Santo, teria declarado a seus inquisidores que acreditava que a bolsa de mandinga a qual carregava – motivo pelo qual fora detido – era um amuleto de proteção. O objeto conferia, segundo sua crença, defesa contra perigos, incluindo facadas e tiros; além de valentia, sorte e até mesmo poder de sedução sobre mulheres.

Além da familiaridade com feitiços de origem indígena, Miguel – como descobriria adiante a inquisição do país ibérico – mesclava tais conhecimentos com elementos mágicos e místicos de raiz africana. Fato que teria transformado o capixaba, em meados do século XVIII, em um afamado feitiçeiro no Rio de Janeiro, cuja relativa notoriedade viria, em grande medida, da venda de orações para proteção e outros objetos de caráter miraculoso.

Sentenciado em 1744, o indígena foi condenado, juntamente com o escravo angolano Antônio Mascarenhas, igualmente acusado de feitiçaria e pacto com o demônio, à prisão nas galés por cinco anos; além de ser perpetuamente proibido de voltar a freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim, local onde foi preso a fim de evitar escândalos.

O caso de Pestana se alinha historicamente a muitos outros conflitos originados na oposição entre elementos mágicos e místicos,

oriundos da fusão de elementos religiosos e crenças diversas. Os quais não convergem, necessariamente, para um catolicismo “rústico”, mas apontam para uma apropriação autônoma de simbologias e objetos de cunho espiritual presentes nas culturas africanas e indígenas.

Segundo o tupinólogo Eduardo de Almeida Navarro, a palavra “caboclo” se originou do termo tupi *kuriboka*, que, num primeiro momento, designava o filho de índio com africana. Tendo em vista o uso regular do termo para designar não apenas os seguidores de João e José Maria, mas uma gama de indivíduos de origem humilde e miscigenada que cotidianamente representavam uma lógica social exposta na condição de selvagem, impura e incivilizada, invertendo modelos normativos e regulatórios; não há motivos para busca de uma desconstrução dessa estrutura. Pelo contrário, parte-se de uma apologia do caboclo, da mistura, da miscigenação, da fusão de elementos não restritos apenas à discussão étnico-racial, mas ampliados para compreensão da religiosidade no Contestado.

### Uma outra inquisição

No ano de 1918, Ezequiel Antunes, médico do exército brasileiro, sugere, por meio de uma palestra realizada no Instituto Histórico Geográfico do Pará, uma outra, mas semelhante inquisição.

Apesar de Antunes destacar que seu objetivo era apenas expor sem tons condenatórios, enquanto testemunha ocular, as crenças religiosas dos sertanejos no Contestado, em suas descrições, o militar compartilha da mesma raiz e objetivos do tribunal português: o desejo de condenação da religiosidade e práticas de José Maria e seus seguidores, que se diferenciavam do que pregava oficialmente a igreja de Roma. Notoriamente, não há um esforço, por parte do médico, em compreender a organização da crença dos caboclos enquanto uma estrutura constituída por elementos que não estavam circunscritos apenas à lógica cristã. O que existia, em seu testemunho, era um constante ar de denunciamento e condenação prévia – articulação corriqueira no tratamento dispensado aos ditos mandingueiros, feiticeiros e indivíduos de toda ordem de saberes espirituais de origem africana, como a própria história de Pestana sugere.

Na introdução do seu “patriótico” discurso, ele elenca os objetos que, posteriormente, iria descrever de forma um pouco mais profunda,

enquanto comprovações materiais de um “visível fanatismo, fetichismo embrutecedor e anárquico daquela gente rude. O desvio da moral e cultura religiosa”.

Entre as provas do “delito” cometido pelos sertanejos, havia facões que desferiam golpes de mais de 700 quilos sobre os inimigos e bandeiras que evitavam balas. Além disso, Antunes expõe algumas das orações utilizadas pelos caboclos como forma de proteção no cotidiano e em momentos de conflito.

Não à toa, tais versos sagrados, dada sua importância para compreensão das crenças desses grupos sociais, também foram destaque nas reflexões de outros militares sobre o Contestado, como o primeiro-tenente do exército brasileiro, Herculano d’Assumpção, e objeto de estudo em outros movimentos de raiz religiosa, como a Revolta de Juazeiro.

Sendo assim, cabe o questionamento: qual o papel da materialidade na crença, em objetos mágicos e versos sacralizados transformados em bocós ou demais patuás de proteção para compreensão da religiosidade cabocla no Contestado? As orações ousam nos mostrar uma influência africana e indígena que os documentos oficiais sobre o conflito não deixam escapar? E de que forma essa construção resulta de uma significação independente desses elementos associados a práticas cotidianas dos caboclos?

## As orações no Contestado

Segundo Antunes, as orações que os sertanejos carregavam eram escritas em “papelinhos sebentos e amarrotados”; em alguns momentos eram escritas a lápis e em outros utilizando tinta preta, com cruces e sinais. Ainda segundo o militar, todos os novatos que chegavam às Cidades Santas deveriam ser informados de que havia um escrivão de orações e que esses deveriam carregá-las consigo para efeitos de doenças, mandingas e brigas.

A forma como a oração era carregada pelo indivíduo que buscava sua proteção também tinha importância e podia variar. A escrita dos versos poderia ser trazida junto ao corpo em um pedaço simples de papel ou em saquinhos nos quais eram costuradas e fechadas, geralmente recebendo o nome de patuás ou bocós.

Os bocós, utilizados pelos sertanejos, eram pequenos saquinhos



de pano com uma cruz branca de cadarço, suspensos por uma corda de couro cru, os quais deveriam ser levados no pescoço. Geralmente, estavam recheados de bentinjos e orações e eram confeccionados pelas mulheres dos quadros santos.

Além de protetivas, tradicionalmente, as orações fortes também poderiam ser evocadas para conquista do amor. Entretanto, no caso do Contestado, tendo em vista o caráter messiânico e milenarista do movimento, associados a uma posterior eclosão do conflito, uma parcela relevante dessas orações rogava por proteção. Conforme se observa na primeira de um conjunto de quatro orações descritas pelo médico militar, que apesar de não possuir título, é um bom exemplo da estrutura geral dos “papelinhos sagrados”.

Espada Elétrica pertence a João Franco da Silva nobre cavaleiro de São Sebastião quem atirar no meu corpo atira na hóstia consagrada porque entre a pólvora e a espoleta Jesus Cristo fez morada: Deus adiante paz na guia eu João Franco da Silva me encomendo a Deus e a Virgem Maria que eu não seja preso e nem atado e nem do diabo atentado me guarde meu São Selesté com sete anjos, Pedro que abra o ferro sete são as armas que me apontar em água ficará os meus inimigos não pensará que Deus é vivo Padre Filho e Espírito Santo com a hóstia consagrada amém Jesus.

O verso inicia fazendo referência à Espada Elétrica, um facão que após benzido adquiria, segundo à crença dos sertanejos, poderes sobrenaturais nas batalhas. Na mesma oração Deus, Jesus Cristo e a Virgem Maria são evocados para proteger o sertanejo, para tomar partido na querela e colocar-se entre as balas e o corpo protegido.

Entretanto, os versos também guardam semelhanças com outra oração protetiva muito comum na Umbanda, a oração de Ogum, que na crença da religião africana é o orixá identificado com o fogo, as tecnologias e a guerra.

Oração de Ogum

Nunca ficará sem resposta àquele que nele crer Ogunhê meu Pai!

Eu andarei vestido e armado com as armas de OGUM para que meus inimigos, tendo pés não me alcancem, tendo mãos não me peguem, tendo olhos não me vejam, e nem em pensamentos eles possam me fazer mal.

Armas de fogo o meu corpo não alcançarão, facas e lanças se quebrem sem o meu corpo tocar, cordas e correntes se arrebentem sem o meu corpo amarrar.

Jesus Cristo, me proteja e me defenda com o poder de sua santa e divina graça, Virgem de Nazaré, me cubra com o seu manto sagrado e divino, protegendo-me em todas as minhas dores e aflições, e Deus, com sua divina misericórdia e grande poder, seja meu defensor contra as maldades e perseguições dos meus inimigos.

Glorioso OGUM, em nome de Deus, estenda-me o seu escudo e as suas poderosas armas, defendendo-me com a sua força e com a sua grandeza, e que debaixo das patas de seu fiel ginete meus inimigos fiquem humildes e submissos a vós. Assim seja com o poder de Deus, de Jesus e da falange do Divino Espírito Santo.

Que assim seja, amém

A oração de São João Maria reforça a analogia, não apenas em termos semânticos, mas estéticos e metodológicos:

Oração de São João Maria de Agostinho

Deus onipotente, salvador do mundo e o rei poderoso do universo com a súplica que te faço e fazem os teus humildes servos que tiveram a felicidade de te caírem em graça como São João Maria de Agostinho que te beija os pés e que foi escolhido por vós mesmo para voltar ao mundo para guiar os teus filhos desviado do caminho do bem, do dever e do respeito faz com tua força imperiosa com tua vontade divina com que eu seja guiado nesta viagem pelo o amor que te consagro e que tenho em teu enviado. Que todos aqueles que me espreitarem com intenção mal fiquem com os olhos arrendados que braços malignos não me alcançarão dedos não tenham força para desfeixar armas, pernas não me possam alcançar, pragas sejam revogadas, balas sejam derretidas, bocas de cão e lobos sejam tapadas, raios e coriscos sejam desviados, os rios onde eu passar corrido pelos meus inimigos torne-o suas águas tão dura como dura são as Pedras, as escuridão da noite me sejam claro como o mais claro dia que tu dás; Em nome de tu Deus e Nossa Senhora do Socorro e São João Maria, São Sebastião que me defenderá com seu exército invisível.

Peço que esta oração sendo rezada com a maior fé seja por ti ouvida Deus Padre, filho Deus Espírito Santo Amém Jesus.

A forma como a ação protetiva é rogada, a partir de um encantamento de ações cotidianas, assinala uma característica comum com as crenças de matriz africana. Pestana, nosso afamado feiticeiro, dizia que a bolsa de mandinga a qual carregava lhe atribuía proteção contra facadas e tiros; bem como os caboclos que carregavam suas orações em patuás e bocós estavam imunes aos atentados de seus inimigos, seja à bala ou facadas.

Além disso, Ogum forjava suas próprias armas e ferramentas, tanto para luta quanto para agricultura. Fato comum no cotidiano dos caboclos, que poderiam desenvolver forte identificação com o orixá a partir dessas características mundanas.

As possibilidades de compreensão do conflito, a partir dessa fusão de elementos religiosos, gerou comumente três interpretações: a primeira argumenta que se tratava de uma deturpação do catolicismo romanizado, aos moldes sugeridos por Antunes. Uma segunda entende as práticas como uma forma de adaptação da doutrina católica ao cotidiano simbólico e sagrado dos sertanejos, gerando uma forma particular de catolicismo. E por fim, uma última apropriação, em especial do sociólogo Maurício Vinhas de Queiroz, que sugere a constituição de nova religião com relativa doutrina e caráter original.

Todavia, associando os elementos dispostos nas orações com o fato da região do Contestado ser antes de tudo terra indígena, além de caminho de tropeiros e espaço de confluência entre bandeirantes, libertos de origem africana e imigrantes europeus; é possível pensarmos num sincretismo específico, entre religiosidades de matriz africana, como a própria umbanda e crenças cristãs e até mesmo indígenas. Dessa forma, a compreensão da espiritualidade cabocla não se restringiria apenas a uma apropriação torta de elementos conhecidos, como no caso do cristianismo ou uma resignificação de elementos pouco conhecidos, como a nova e original religião. A miscigenação religiosa poderia ser consciente, assim como os símbolos e as matrizes poderiam ser conhecidos; afinal, se não o é, deveria se tratar de uma apologia do caboclo.

## Para saber mais

- † Antunes, E. **O Contestado entre Paraná e Santa Catarina**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1918.
- † Assumpção, H. T. **A Campanha do Contestado**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1917.
- † Corrêa, L. R. A. **Feitiço caboclo: um índio mandingueiro condenado pela Inquisição**. Tese (Doutorado em História). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2017.
- † Reis, F. A. W. **O Relicário do Contestado: os objetos mágicos dos sertanejos**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2020.
- † Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

## Populações negras no planalto catarinense

Natália Ferronato

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: presença africana e afrodescendente em Santa Catarina, diversidade étnico-social, construção de identidades, fotografia e história.*

Pouco após o final da Guerra do Contestado, ainda no ano de 1916, o militar Demerval Peixoto, sob o pseudônimo Crivelaro Marcial escreve um livro intitulado *Campanha do Contestado: episódios e impressões*. Peixoto participou da Guerra do Contestado como soldado do exército. No livro, ele vai discorrer sobre os fatos durante o Movimento do Contestado, além de aspectos relacionados à geografia e aos costumes dos sertanejos. Diversos personagens aparecem em seus escritos, mas dois deles merecem aqui nossa atenção. Demerval Peixoto refere-se a eles como Negro Olegário e Preto Germano.

Mas quem são Negro Olegário e Preto Germano? Olegário Ramos, foi um dos principais comandantes de briga até o combate de Butiá Verde, onde foi morto em 1915 em um confronto com soldados. Olegário, era negro, gaúcho, antigo maragato e comandava um piquete de cavalaria com 19 homens, ele teria levado mais de 800 pessoas para o reduto de Timbozinho e Tamanduá. Já Joaquim Germano era outro líder rebelde, negro, “que tinha fama de muito valente” e fez parte da irmandade dos “pares”. Germano foi morto publicamente por Adeodato, quando este descobriu que sua esposa Maria Firmina e Germano tinham um caso. Por que esses dois homens são relevantes para nossa história?

Ao longo dos anos, representações foram criadas e recriadas em torno do Movimento do Contestado. Heróis foram aclamados, inimigos depreciados, e outros sujeitos foram simplesmente esquecidos; entre os esquecidos estão os afrodescendentes, como Olegário e Germano.

Mas o que é esquecer? No sentido direto, esquecer é perder a

lembrança de; não pensar em; deixar escapar da memória; não se lembrar de. E por que esses grupos foram esquecidos? Precisamos analisar o porquê desse esquecimento, esquecer vai além de não lembrar, esquecer é também um ato voluntário, fruto de políticas e de traumas. Esquecer é a supressão de vestígios, intimidação, uso de eufemismos e uma mentira. Essa análise se faz necessária já que, para o filósofo peruano Aníbal Quijano, o lugar marcado das populações africanas e afrodescendentes na América Latina remonta à colonização e à criação de espaços de poder e dominação, ocupados pelos descendentes de colonizadores europeus, autodenominados brancos. Isso se revela na historiografia catarinense, que durante um longo período, minimizou a presença africana e afrodescendente em Santa Catarina. Enquanto a identidade brasileira procurava exaltar a diferença étnica, a identidade no sul do país era justamente construída negando pessoas afrodescendentes e não brancas, sendo sistematicamente retiradas do quadro da identidade da região. O povoamento do planalto norte catarinense, que é a região onde ocorre em grande parte a Guerra do Contestado, se dá principalmente entre os séculos XVII e início do XX, esse processo de colonização não ocorreu de forma espontânea e nem tampouco pacífica. Com a dizimação de grupos indígenas, a escravização de africanos e afrodescendentes.

Assim como Olegário e Germano, outros personagens negros que viveram na região participaram ativamente do conflito, talvez o leitor ou leitora já tenha ouvido falar sobre as “virgens messiânicas” e os “meninos santos”. Um desses é o Menino Linhares, um garoto negro que aos dez anos de idade chefiava o reduto de Taquaruçu, todas as manhãs ele ia até o mato conversar e receber as inspirações celestiais do monge João Maria, quando retornava ao reduto, sua conversa era interpretada por Antônio Linhares, seu pai, que também era um homem negro, por Anacleto Ribeiro e por um “preto velho de 70 anos de idade”.

Essas pessoas, nos trazem evidências sobre a presença afrodescendente na região do Contestado, algo que por anos foi “esquecido” pela historiografia. Porém, não podemos cair na ingenuidade de concluir que esses quatro personagens nos provam que havia a presença de negros na região. Façamos o seguinte então, vamos visitar uma antiga fotografia do conflito.

Muito provavelmente, se você já pesquisou algo sobre o Contestado, já esbarrou com a fotografia “vaqueanos da Serraria *Lumber*, em Três Barras (SC) 1915”. É uma das mais veiculadas sobre o movimento, em uma simples pesquisa na *internet*, usando como palavra-chave

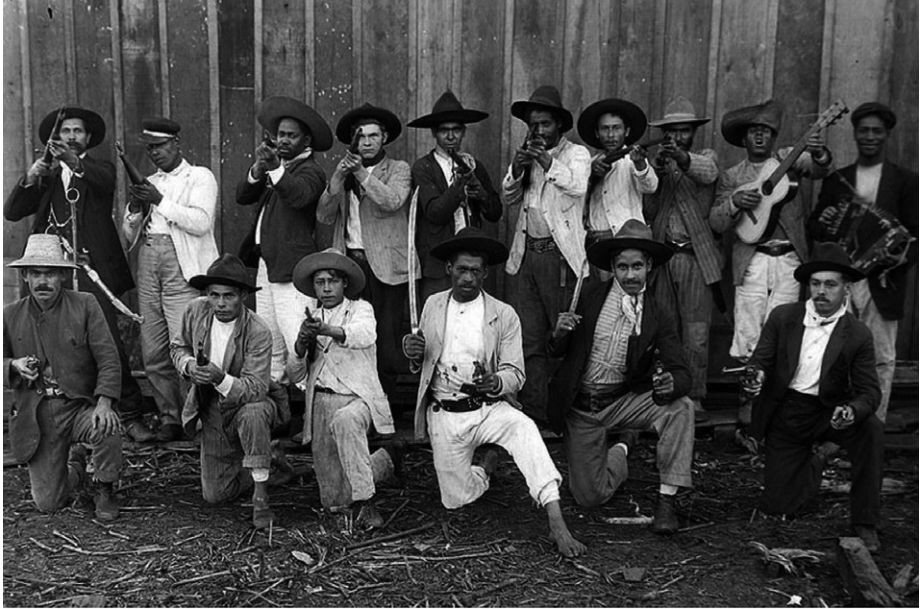


Figura 1. Grupo de vaqueanos da Lumber Company.

“Contestado”, a primeira imagem a aparecer será essa. É muito comum vermos ela em livros, exposições e páginas da *internet*. Sua autoria é atribuída ao fotógrafo sueco Claro Jansson.

Nessa fotografia, você poderá observar homens de chapéu e paletós arranjados em duas fileiras, da esquerda para a direita, oito homens posam com espingardas de diferentes tipos, ao lado deles vemos um homem que parece cantar alegremente e tocar uma viola, e o outro, uma sanfona. Na fileira abaixo, vê-se um homem segurando um revólver, a seu lado estão dois homens com espingardas, mais à direita da imagem pode-se ver um homem descalço e o outro não, ambos posando com um facão na mão direita e um revólver na esquerda e no canto direito, vemos um homem com revólver em cada mão.

Quando se observa essa fotografia, com certeza o expectador repara em tudo que listamos acima, as armas, os instrumentos musicais, as vestimentas, mas algo que provavelmente não se tenha notado em um primeiro momento é a diversidade étnico-social de grande parte da população que vivia na região e que esta era composta por pessoas das mais diversas etnias, como indígenas e seus descendentes, europeus, e inclusive afrodescendentes.

Contudo, o leitor ou leitora deve estar se questionando como pessoas afrodescendentes e não brancas estariam presentes nesta fotografia sendo que, na historiografia, existem autores que chegam a considerar irrelevante a presença afrodescendente na composição do estado de Santa Catarina? Pesquisas mais recentes têm mostrado justamente o contrário, essas populações estavam presentes tanto no campo quanto na cidade. Um exemplo disso são os dados do censo sobre a população de 1833 na província de Santa Catarina, que demonstra em Lages, um número de “pardos e pretos livres” quatro vezes maior do que a população escravizada. O historiador Walter Piazza em sua obra *A escravidão negra numa província periférica*, nos alerta que “no planalto, a maior parte da população de origem africana era nascida livre ou liberta”. Todavia, os planos políticos racistas, empenhados em promover o embranquecimento da região, deixaram essa população à margem, e isso refletiu também em parte da escrita historiográfica catarinense sobre o Contestado.

Para que possamos entender melhor a composição étnica dessa fotografia, precisamos compreender como se deu o processo de ocupação do território onde ocorreu o conflito do Contestado.

Essa região, que inicialmente era habitada por indígenas, foi o caminho das tropas que transportavam animais e mercadorias entre o sul e o sudeste do Brasil. Esses caminhos eram a principal ligação entre o extremo sul e o restante do território até a inauguração da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, no século XIX. Foi, ao longo desses caminhos, onde circulavam as mais variadas pessoas, que posseiros foram se fixando na região. Portanto, podemos entender que esse território não era ocupado somente por imigrantes europeus, mas por uma variedade de etnias e grupos diversos.

Pesquisadores sobre o Contestado, quando se referem à população da região, descrevem uma população não-branca. Paulo Pinheiro Machado, por exemplo, em seu livro *Lideranças do Contestado*, escreve que embora houvesse, entre as caboclas e caboclos, pessoas brancas, a grande maioria das pessoas eram não brancas, “frequentemente o caboclo era mestiço, muitas vezes negro”.

Esse “esquecimento” é algo intencional e tem uma finalidade, já que essa população cabocla e não branca era considerada indesejada para a construção dessa nova nação que surgia. Um exemplo disso é um telegrama da época, no qual se relata que os “caboclos não eram os indivíduos sonhados para povoar as colônias oficiais”. O general



Setembrino de Carvalho, que recebeu esse telegrama do então governador catarinense Felipe Schmidt, tinha em mãos a necessidade de resolver o que fazer com as rendições em massa do conflito no final da guerra. No telegrama se evidencia a intenção da Inspeção Federal de Povoamento e Solo, ligada ao Ministério da Agricultura, de enviar esses caboclos para as colônias da região. Contudo, tal possibilidade foi descartada, pois as colônias existentes estavam organizadas para receber os imigrantes europeus.

A região do Contestado, portanto, deveria ser colonizada por estrangeiros, brancos, e seus elementos seriam integrados ao nacional, esse elemento branco que passou a ocupar a região serviria para promover o progresso da civilização, desejado pelo projeto de embranquecimento do Brasil. Entretanto, para isso seria necessário esquecer aqueles que já viviam ali, posseiros, caboclos, os não desejáveis.

O escritor malinês Amadou Hampâté Bâ no seu livro *Amkoullel, o menino fula*, fala sobre como o empreendimento de colonização nunca é filantrópico, e que um dos objetivos de toda a colonização é arrancar valores, costumes e culturas locais para poder semear em seu lugar os valores, costumes e cultura do colonizador, que são considerados superiores e, portanto, os únicos válidos. Durante o período do conflito e mesmo após, o termo caboclo foi usado de modo depreciativo pela imprensa, pelas forças de repressão e pelos governos políticos. “Jagunços”, “fanáticos” e “criminosos” eram algumas das formas utilizadas para se referir aos participantes do movimento, sem compreender ou reconhecer os motivos da luta. Por volta de 1980, novas narrativas vão surgir, aliadas a iniciativas políticas que procuravam transformar o chamado “Vale do Contestado” em uma região turística, com grande interesse em promover uma memória do conflito que exaltasse os caboclos que simbolizariam a força dos catarinenses na busca por justiça e pela defesa do território catarinense. Esses projetos surgem no contexto político do fim da ditadura civil-militar, quando ocorrem as primeiras eleições diretas para o governo do estado de Santa Catarina, sendo Esperidião Amin (1983-1987) o primeiro governador do estado eleito pós-redemocratização. Um dos seus projetos visava criar essa “identidade catarinense” através do projeto “homem do Contestado”.

É neste contexto de construção de identidade homogênea do “homem do Contestado”, “a identidade perdida do catarinense”, que a narrativa da branquitude se sobrepôs, embranquecendo a memória

cabocla e “esquecendo” os indesejáveis e marginalizando as identidades não brancas que também compõem essa memória e esse lugar.

Esses caboclos e caboclas, que viram seu modo de vida se despedaçar, que foram taxados pela imprensa e setores do governo de “jagunços”, “fanáticos” e “criminosos”, e que eram considerados desqualificados para povoar a região, foram vistos a partir do olhar etnocêntrico e predominantemente branco, e por isso, acabaram por ficar às margens da historiografia.

Pessoas como as que viviam no vilarejo de Rossio. No ano de 2012, os jornalistas Leonencio Nossa e Celso Júnior escreveram uma série de reportagens para o jornal *O Estado de São Paulo*, em comemoração ao centenário do Movimento do Contestado, uma das entrevistas foi de Maria Jesus Abel, uma senhora que nasceu no povoado de São João dos Pobres, atual cidade de Matos Costa em Santa Catarina. A senhora relata sobre Rossio, um pequeno vilarejo de negros, ela conta que o isolamento dos negros era uma resposta ao tratamento recebido dos homens de pele mais clara. “Era muito desprezo” e que o grupo de negros só se “misturou” com os caboclos e brancos após a chegada de rebeldes.

Retornando para a fotografia dos vaqueanos da Serraria *Lumber*, em Três Barras, e para a trajetória de Olegário e Germano, podemos entender agora que esse “esquecimento” está muito longe de ser algo impensado e sem um propósito, esse “não pensar em” na presença de afrodescendentes, faz parte das políticas modernizadoras da implantação da República. As populações afrodescendentes viviam na região, fizeram parte do conflito e sofreram com essas políticas e com a lógica racista. E não é porque nós em uma primeira olhada, assim como na fotografia acima, não reparamos nessas populações que elas não existiam, pois estavam lá, presentes e atuantes durante todo o tempo. Portanto, é importante entendermos a necessidade de se conhecer, pensar e reconhecer a alteridade e a dignidade de grupos sociais que foram excluídos de aspectos públicos do poder e violados de seus direitos devido ao processo colonizador e práticas imperialistas.

### Para saber mais

- † Bâ, A. H. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Pallas Athena / Casa das Áfricas, 2003.
- † Martins, P. A. B. **Anjos de cara suja: etnografia da comunidade cafuza**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

- † Piazza, W. F. **A escravidão negra numa província periférica**. Palhoça, SC: Unisul, 1999.
- † Quijano, A. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: Quijano, A. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-42.
- † Thomé, N. “Negros no Contestado, sim! Quilombos e quilombolas, não!”. **Ágora: Revista de Divulgação Científica**, Mafra/SC, v. 16, n. 1, p. 108-24, 2009.

## As mulheres do Contestado

Karoline Fin

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: gênero, cultura popular, religiosidade, empoderamento feminino.*

**C**abocla, sertaneja, moça, mulher, menina, avó, mãe, irmã, tia, madrinha, “virgem”, rezadeira, benzedeira, parteira. Quem são essas mulheres que tão bravamente povoaram e repovoaram o Contestado? Quais suas histórias? Quais suas vidas? Quais seus sonhos? Quem são suas herdeiras? Como vivem? São tantas questões em aberto quando pensamos nestas figuras que são pouco citadas pela história, mas que com determinação mantêm-se vivas e presentes no imaginário e no cotidiano da região do Contestado, que se faz mais do que necessário falarmos cada vez mais sobre este coletivo, muitas vezes reduzido apenas ao sujeito na terceira pessoa do plural, “as mulheres”.

Qualquer pessoa que já tenha passado por esta região encravada entre Santa Catarina e Paraná e que tenha se aventurado a conversar com seu povo, quase com certeza ouviu histórias de mulheres fortes e determinadas, de parteiras e benzedeiras, de líderes de comunidades que conduziam as festas da igreja e as rezas de novenas, de Maria Rosa e Chica Pelega, as heroínas da guerra, das “virgens” que conduziram a fé nas Cidades Santas. Quem cresceu no Contestado sabe muito bem qual é a importância dessas sagradas defensoras das tradições do monge João Maria, de suas pregações e rezas, de seus benzimentos e remédios.

Estas mulheres, ofuscadas na historiografia e com poucas vozes na literatura, quase sempre passam despercebidas, encobertas pelos acontecimentos, pela luta, pela morte e pelos homens que fizeram a guerra. Elas não necessitam de uma voz, que a bem da verdade nunca lhes foi calada e que permanece em tantas práticas familiares e locais. Necessitam, isso sim, de reconhecimento. Não apenas estas do

passado, mas também as do presente, que tão bravamente conduzem suas famílias, cuidam de seus afazeres e de suas terras, que mantêm viva a religião, que curam dores e doenças, que batizam e que zelam pela história.

Não são muitas as mulheres que podem ser identificadas no que já foi escrito sobre o Contestado. Com exceção das “virgens” e de Maria Rosa, pouquíssimas são citadas, normalmente como esposas de líderes do movimento ou dos coronéis. Há algumas, entretanto, que chamam a atenção quando aparecem, que ajudam a exemplificar quem era a mulher cabocla e qual foi sua participação nos acontecimentos da guerra.

A primeira delas é Querubina, esposa de Eusébio Ferreira dos Santos. Ela é citada diretamente por fontes da época e relembada por muitos dos que foram entrevistados por historiadores e historiadoras no decorrer dos anos. É avó da “virgem” Teodora, que com apenas 11 anos começa a ter visões com o monge José Maria. A categoria de “crianças virgens” designa, no Contestado, as crianças que, de alguma maneira, estavam diretamente envolvidas com a religiosidade da população cabocla. Eram videntes que supostamente se comunicavam com o monge José Maria, trazendo suas ordens para a população. Destas crianças, as que receberam maior destaque foram Teodora e Joaquim, desde o período de construção da Cidade Santa de Taquaruçu até sua destruição. A menina foi a primeira vidente a relatar as vontades de José Maria, o que influenciou a formação da comunidade do Taquaruçu. Ele também era neto de Querubina e Eusébio e assumiu o poder após destituir o tio, Manoel, passando a ser chamado de Menino-Deus. Em torno de Teodora e de suas visões é que se estabelece novamente a Cidade Santa de Taquaruçu. Outro motivo forte para que o ajuntamento se concretize é a influência exercida por Querubina, que junto com o marido convence muitas pessoas de sua comunidade (Perdizes) a seguir para o Taquaruçu, a fim de erguer novamente a Cidade Santa.

Com o rebaixamento da neta, Querubina passa a ter influência na chefia de seu filho, Manoel. Segundo se sabe, sua opinião foi decisiva na escolha dele como intermediário de José Maria, e é durante o período em que Manoel está à frente dos caboclos e caboclas que ocorre a expulsão do Frei Rogério Neuhaus de Taquaruçu. Em depoimento colhido pelo sociólogo Duglas Teixeira Monteiro na década de 1970, Benedito Pedro de Oliveira (Benedito Chato) afirma que “As mulheres foram muito agressivas quando Frei Rogério visitou o reduto (...). Elas expulsaram o padre dando empurrões e umbigadas e chamando-o de cabeça de corvo”. Já no livro *Lideranças do Contestado*, de Paulo Pinheiro

Machado, afirma-se que a própria Querubina interveio na discussão entre Manoel e Frei Rogério dizendo que “os padres não valem nada”. Também se diz que neste mesmo encontro, quando os caboclos decidiam se o padre deveria ou não ser espancado, ela, Querubina, teria dito que não se devia matar o padre, mas sim, castrá-lo.

Apesar de não ser descrita com minúcias, a presença de Querubina é marcante, não apenas por ser esposa de Eusébio, avó de Teodora, mãe de Manoel e também avó de Joaquim (o menino-Deus que vai assumir o comando de Taquaruçu depois de Manoel). Ela é importante também por sua influência junto à vizinhança, parentes e amigos. Era o que se pode chamar de uma “potência” entre os caboclos.

Outra mulher de destaque é Adúlcia, esposa de Elias Antônio de Moraes. Acredita-se que, da mesma forma que Querubina, ela teve uma grande importância no engajamento de seu marido ao movimento. Há um relato de que teria lhe dito “Nhô Elias, mecê nem sabe como me agradecer o lugar que eu arrumei pra mecê no acampamento do Seu José Maria. Vancê vai ser o comandante geral, porque o compadre Eusébio não pode, por causa da perna [ferimento]”. Ele teria então ido até Caraguatá para conversar com Eusébio e, quando voltou para casa, Adúlcia já havia carregado os pertences da família, reunido os filhos e seguido para o reduto, forçando o marido a segui-la e, indiretamente, forçando-o a assumir o comando que haviam lhe oferecido. Seria ela também, uma “potência”, pelo menos em relação às decisões familiares.

Esta expressão em particular, “potência”, foi usada por um dos primeiros narradores oficiais do Contestado, o então segundo tenente Demerval Peixoto, quando cita um relato sobre as ações da cavalaria na região de Campos Novos entre fevereiro e março de 1915, feita “pela imprensa de São Luiz das Missões”:

O destemido tenente Antunes com os inimitáveis soldados de São Luiz, destroçou aí a grande guarda, (...) e mandou apresentar ao comandante as jagunças Maria Angelina, viúva, de 60 anos, mulher de compostura e respeito, e regularmente trajada, sua filha Eulália de Jesus, formosa donzela de 16 anos, bem cuidada e Mariana “boba”, boba mesmo, ou antes, imbecil, com um pequenito no colo. Ficaram todas prisioneiras em companhia do comandante Paiva, em vista do temor, aliás infundado, que a velha revelava pela sorte de sua filha num acampamento. Maria Angelina era uma “potência” entre os fanáticos. Mulher de

alguma educação e bem arranjada, ela se impusera àquela gente, pelo seu fervor religioso, austeridade e inteligência. E a velha nada informava; mal informava sobre o reduto. Seria melhor morrer com seus irmãos de fé, que viver entre os peludos pecadores, embora bem tratada. (linguagem atualizada)

A figura desta mãe, Maria Angelina, e de suas filhas, percebe-se a formação de um quadro primoroso para pensar a participação das mulheres no Contestado, elas não figuram no restante dos livros sobre o conflito armado, porém, se encaixam perfeitamente no perfil das mulheres do planalto catarinense. Elas, que tão frequentemente tornavam-se viúvas e continuavam a zelar de seus sítios, fazendas, criações e filhos, que os cuidavam quando seus maridos estavam ausentes nas tropeadas, que se posicionaram a favor do ideal de uma nova sociedade e de uma nova religião, que defenderam a crença em João Maria e naquilo que ele pregava.

É importante perceber a escolha das palavras utilizadas para descrever estas mulheres, enquanto Maria Angelina é “mulher de compostura e respeito” e Eulalia é uma “formosa donzella”, adjetivos estes que demonstram uma atitude elogiosa do autor, Marianna, por outro lado, é descrita como “bôba, ou antes imbecil”, cabe dizer, entretanto, que o tom que transparece pejorativo não necessariamente o é, visto que estes termos podem ter sido utilizados para indicar que ela, talvez, possuísse alguma espécie de deficiência intelectual, com destaque, o termo “imbecil” foi utilizado durante bastante tempo na psiquiatria para designar pessoas que possuíssem o que hoje se considera como um retardo mental severo, portanto, devemos levar em consideração a especificidade da época em que essas palavras foram escritas. Da mesma maneira, pensando o momento de conflito social que esta família viveu, podemos admirar ainda mais a força desta mãe, que para além de todo o resto ainda se desdobrava para zelar pela sorte das filhas num acampamento do exército, para que nada de mal lhes acontecesse.

Sobre essas mulheres, outro exemplo a ser citado é o de Ana Gomes César, esposa de Praxedes Gomes Damasceno, morto na vila de Curitiba. Após o assassinato do marido ela leva os nove filhos para o Taquaruçu e passa a anunciar que ele não havia morrido, mas “se passado” para o Exército Encantado de São Sebastião, crença comum entre os seguidores de José Maria, que acreditavam que ele voltaria com todos que haviam perecido em combate. Afirma-se

inclusive que ela permaneceu se apresentando como esposa e não como viúva de Praxedes, sendo desta forma, uma representante das crenças na Santa Religião.

Poderíamos continuar a buscar e citar essas mulheres, nos seus registros historiográficos, e elas continuariam a afirmar suas posições, negando-se a liberar informações ao exército como no caso de Maria Angelina, influenciando seus vizinhos e parentes como Querubina, reunindo bens e filhos para partir em direção aos redutos, como nos casos de Adúlcia e Ana, uma sem a concordância do marido e forçando-o a segui-la, a outra para buscar conforto e proteção depois do assassinato do seu. Estas mulheres não tiveram papéis secundários na articulação e organização do Contestado, foram, sim, de extrema importância na formação e organização das Cidades Santas e no desenrolar da guerra.

Todavia, é necessário que também se fale das herdeiras dessas mulheres, como Maria Francisca Alexandre Simão, entrevistada por Ângela Bastos para o jornal *Diário Catarinense*, em 2015. Filha de Celeste Florzina Alexandre e João Simão Sobrinho, ambos trabalhadores da região, que viveram a guerra e criaram os filhos de reduto em reduto sobrevivendo, inclusive, aos horrores impostos à população nos anos de maior violência posteriores ao conflito armado, chamado de “período do açougue”, tamanha a mortandade promovida pelas forças de repressão ao movimento. Ela passou a vida ouvindo as histórias daqueles tempos. Teve dois casamentos, criou com muito trabalho sete dos nove filhos que gerou, dois não sobreviveram, assumindo ainda o filho que a sobrinha não quis, criança essa da qual ela mesma fez o parto.

Esta mulher, Mariazinha, que vive numa casinha de um cômodo às margens da BR-116, em uma terra que pertence à União, é a marca da resistência cabocla, não apenas na luta pela terra e na consciência de que ela lhe pertence, mas também nas tradições. A horta tem os cultivos do que precisa para comer e para benzer, pelo terreno espalham-se arrudas e alecrins que defendem do mal, dentro de casa está o altar com as imagens das Nossas Senhoras e dos Santos, inclusive dele, São João Maria. Mantida a fé, a herança também se mantém, em tudo o que aprendeu com a mãe: rezar, cuidar, trabalhar, benzer, fazer nascer, sejam as crianças ou as plantas.

Mesmo tendo nascido depois da guerra, é uma das guardiãs da memória, pois ouviu dos pais o que aconteceu, como tantas



outras. Maria Simão é o retrato da memória do Contestado, dos que sobreviveram. Esta mulher quase centenária – se os registros estiverem corretos – representa a síntese não apenas das mulheres caboclas do Contestado, mas também de todo o povo desta região, que migra de cidade em cidade na procura de uma vida melhor, que nunca para e sempre busca uma nova possibilidade de ter o seu chão, de sustentar seus filhos e vê-los bem.

As mulheres do Contestado, no coletivo ou no singular, representam a força deste chão e a sua tradição. Por isso, não podemos esquecer-las – nós, que nascemos e crescemos à sombra destas grandes mulheres, na barra das suas saias, sendo benzidas por elas, ouvindo suas histórias, seguindo suas palavras, nós tivemos a quem puxar. Se hoje lutamos por terra e por educação, se hoje ocupamos cargos da política e estamos na liderança de empresas, se hoje comandamos famílias e cuidamos de nossas casas e vidas, temos a quem puxar: afinal, as frutas não caem longe do pé e nosso passado é repleto de imagens, lembranças e ensinamentos de mulheres fortes, que lideraram e salvaram, que lutaram e souberam defender aquilo no que acreditavam.

A elas precisamos só pedir “a benção”.

### Para saber mais

- † Bastos, Â. “Mariazinha, a filha da guerra”. **Diário Catarinense**, 06 dez. 2015. Disponível em: <[www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc\\_mariazinha/index.html](http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc_mariazinha/index.html)>. Acesso em: 04 jun. 2021.
- † Fin, K. **O dia em que viajei no tempo: minha família e o movimento do Contestado**. Ilustração de Juliana Rafael Ribeiro. 2ª ed. Joaçaba, SC: Editora Unoesc, 2020.
- † Machado, P. P. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- † Peixoto, D. **A Campanha do Contestado: episódios e impressões**. Rio de Janeiro: Segundo Milheiro, 1920. Disponível em: <[cpdoc.fgv.br/contestado](http://cpdoc.fgv.br/contestado)>. Acesso em: 04 jun. 2021.
- † **Terra Cabocla**. Direção de Márcia Paraiso e Ralf Tambke. Florianópolis: Plural Filmes, 2015. DVD (82 min)

## Fabício das Neves, o guerreiro da fronteira

Cristina Dallanora

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: coronelismo, Revolução Federalista, Levante dos Posseiros, Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, imigração e colonização, Revolução de 1923, Movimento Tenentista.*

José Fabício das Neves foi um chefe rebelde que teve um importante papel nos conflitos armados da fronteira oeste catarinense e ficou conhecido principalmente pela sua força de resistência e insubmissão. Participou ao lado dos maragatos na Guerra Federalista, foi rebelde do movimento do Contestado, acusado de comandar o Levante dos Posseiros de 1921, no município de Cruzeiro, e requisitado pelas forças governistas comandadas pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon no combate aos tenentes rebelados de 1924. A sua atuação como rebelde e, posteriormente, como governista, nos leva a questionar: por que um ex-rebelde do Contestado passaria a atuar junto às forças governistas?

Fabício das Neves tinha apenas 13 anos quando foi incorporado às forças rebeldes federalistas comandadas por Gumercindo Saraiva, no Rio Grande do Sul. Foi em fins de 1893, quando acompanhava seu pai, o capitão Antônio Fabício das Neves, e integrava um corpo de cavalaria dos federalistas com cerca de 200 homens de Passo Fundo e Soledade, no Rio Grande do Sul, que marchava em direção a Lageado, seguido por forças legalistas, em maior número. Próximo a picada do Corisco, a tropa parou para descanso e alimentação dos cavalos. Entrementes, o jovem Fabício retornou pelo caminho percorrido em busca de víveres para os cavalos, quando avistou as forças da polícia de Soledade. Voltando ao acampamento, alertou aos gritos a tropa sobre chegada dos legalistas e, com isso, possibilitou aos federalistas que se

preparassem para o combate que os resguardou com apenas um morto e três feridos, enquanto os legalistas tiveram 51 mortos.

Após esse combate, José Fabrício foi incorporado ao “exército de Gumercindo Saraiva”, que combateu os pica-paus republicanos nos constantes confrontos através dos territórios paranaense e catarinense até ser derrotado em Passo Fundo, em meados de 1894. Todavia, a derrota dos federalistas não bastou para findar o conflito que se prolongou pelo ano seguinte, em 1895, quando chimangos e maragatos depuseram as armas. Mesmo derrotados, muitos maragatos continuaram a ser perseguidos e migraram para os Campos de Palmas, região contestada entre Santa Catarina e Paraná, para evitar futuras perseguições políticas, entre os quais se inclui a família de Fabrício das Neves.

Declarou Antônio Fabrício das Neves que seus ancestrais vieram do Rio Grande do Sul para os Campos de Palmas por recomendação do monge João Maria. A área indicada pelo monge ficava entre os rios Uruguai e Iguaçu, que ele dizia ser um terreno muito bom e despovoado que poderiam colonizar. O chamado sertão de Palmas, onde ficava os campos do Irani, era uma vasta região de campos, florestas de araucária e ervais, irrigadas por inúmeros cursos d’água que correm em direção ao rio Uruguai favorecendo o escoamento de produtos e comércio através do Rio da Prata.

José Fabrício circulava entre Passo Fundo (RS) e o atual município de Concórdia (SC), atravessando constantemente o rio Uruguai. Por volta de 1907, casou-se com Crespina Maria Antunes e, um ano depois, em 1908, com o nascimento do primeiro filho, Afonso Antunes das Neves, passaram a viver em Concórdia, mantendo propriedades e negócios no Irani, junto a parentes e amigos.

Informações de historiadores locais referem-se a Fabrício das Neves como filho de Miguel Fabrício das Neves. Havia muitos Fabrícios que viviam no chamado Faxinal dos Fabrícios do Irani, onde se concentraram os caboclos acompanhados pelo monge José Maria, antes da ofensiva das forças paranaenses, comandadas por João Gualberto, que provocou a Batalha do Banhado Grande do Irani, em 1912. Assim, no final do século XIX, houve uma crescente aproximação da tradição de São João Maria com a tradição popular federalista (não do federalismo formal e de seus principais líderes como Gaspar Silveira Martins e Abdon Batista), mas animada por pequenas lideranças locais, baseada numa noção difusa de luta contra autoridades impostas de fora. A migração da família Fabrício das Neves

e a indicação do monge sobre a colonização de uma área despovoada onde se podia iniciar uma nova vida longe das perseguições políticas é um indício do encontro entre as duas tradições.

José Fabrício foi um dos indiciados no processo instaurado para apurar os crimes da Batalha do Irani, na qual morreram muitos caboclos, o monge José Maria e o coronel do Regimento de Segurança do Paraná, João Gualberto Gomes de Sá. Como entre 1913 e 1915 o conflito do Contestado se processou mais a leste, nas regiões de Taquaruçu, Perdizes e planalto norte, o Irani não foi mais alvo de combates ao longo dos anos seguintes. José Fabrício permaneceu na região, mantendo boas relações com os caboclos que lá estavam e desejavam ficar.

Após a Guerra do Contestado, Fabrício das Neves deslocou-se para a região de Rio Engano, atual município de Concórdia, estabelecendo-se às margens do Rio dos Queimados. Por questões estratégicas, pois sabia que era visado pela morte de João Gualberto, possuía diversas casas espalhadas pelas matas. Nessa região, prosseguiu com um projeto informal de colonização, procurando fazer acordos de terras com empresas colonizadoras e se aproximando de algumas autoridades políticas locais, enfeixando em suas mãos os poderes de Estado, como o monopólio da violência visando o controle da ordem.

Temido e respeitado, Fabrício agia como um coronel da Guarda Nacional, exercia influência sobre os caboclos que foram se tornando amigos e leais, vendo nele um protetor. Para outros moradores, Fabrício era considerado infrator da ordem, que se negava a pagar impostos ou reconhecer as autoridades nomeadas para os cargos do recém-criado município de Cruzeiro, quando esta região passou para a administração catarinense, em 1917.

Após a Guerra do Contestado, Fabrício das Neves manteve-se na região do Irani, intermediando contratos de compra e venda de terra junto às colonizadoras ligadas à Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e desenvolvendo atividades de extração e exportação de madeira. Nesse período, havia grande incentivo por parte do estado catarinense da colonização do oeste com imigrantes europeus. José Fabrício negociava com essas empresas, buscando regularizar as terras para caboclos da região. A colonização do recém incorporado território de Santa Catarina, no entanto, não foi um processo tranquilo. Em 1921, Fabrício das Neves envolveu-se no Levante dos Posseiros, em Catanduvás, liderado por Antônio Palhano



Figura 1. José Fabrício e seus homens em Catanduva (SC), ca. 1921.  
Acervo: Reinaldo Antunes. Reprodução: Celso Martins.

e outros caboclos que se insurgiram contra sua expulsão por parte das companhias colonizadoras.

Em 1923, José Fabrício transferiu-se para Itá, onde manteve um armazém chamado “Casa Nova”. Durante esse ano, forneceu madeira para os revoltosos da Revolução de 1923. Há indícios de que tenha se juntado aos revolucionários do planalto rio-grandense, que eram três mil homens chefiados por Pedro Lopes de Oliveira, Zeca Vacariano e outros, reunidos em Passo Fundo.

A década de 1920 foi um período bastante turbulento em todo o sul do Brasil com a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul, o Movimento Tenentista e inúmeros períodos de Estado de Sítio durante o governo Bernardes. Fabrício das Neves tinha um papel importante não apenas no âmbito local, mas regional. A partir de 1924 Fabrício foi requisitado a prestar auxílio às forças comandadas pelo general Cândido Rondon contra os tenentes rebelados no oeste do Paraná, formando um batalhão patriótico que levava seu nome. Os batalhões eram forças civis armadas formados com o objetivo de prestar auxílio às forças do

Exército que combateram a favor da legalidade da presidência de Artur Bernardes contra uma série de levantes insurgentes, denominados, posteriormente, de Movimento Tenentista.

Esse auxílio, na prática, não ocorreu. Fabrício das Neves estava acampado com o seu batalhão no Irani e negociava com o general Rondon sobre as condições de seguir para o Paraná, que incluía fardamento, armamento, comida e dinheiro. Acreditando que o comandante seguiria, o general avisou-lhe que arcaria com tais condições em Guarapuava, no Paraná. Ofereceu-lhe, inclusive, o cargo de coronel do exército, ao qual Fabrício declinou, por não receber as condições necessárias para o deslocamento de sua tropa e para o combate. De repente, enquanto estava acampado com o seu batalhão no Irani e negociava com o general Rondon, Fabrício das Neves fora alvo de uma emboscada que o executou junto a outros cinco companheiros.

O inquérito policial instaurado para apurar este crime contém depoimentos de muitas testemunhas. Dessa forma, mostra o agir e o pensar de indivíduos numa época em que se redefinia a forma de ocupação do território passados poucos anos da Guerra do Contestado e da definição das fronteiras entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Esse inquérito tramitou nas justiças civil e militar. O inquérito civil apurou a morte de Fabrício das Neves, juntamente com outros cinco companheiros – Alfredo Manoel dos Santos, Augustinho de Tal (vulgo Pitôco), Augustinho Ferreira Vilques, Francisco Ferreira Vilques e Cezarino de Tal –, sendo os acusados Marcelino Ruas e seus irmãos. O inquérito militar apurou os delitos cometidos por ambos os chefes que, nesse período, estavam investidos no comando de batalhões patrióticos que levavam os seus nomes: batalhão José Fabrício das Neves e batalhão Esquadrão Ruas.

O contexto nacional que colocava Fabrício das Neves e Marcelino Ruas do mesmo lado, uma vez que iriam servir às forças governistas contra os revoltosos, escamoteia diferentes trajetórias imbricadas com o contexto local e as antigas desavenças. De um lado, José Fabrício, antigo maragato e rebelde da Guerra do Contestado, de outro, Marcelino Ruas, vaqueano do exército que integrou os piquetes de vaqueanos chefiados por Manoel Fabrício Vieira, ao lado de Dente de Ouro, figura conhecida da Guerra do Contestado, no combate aos caboclos rebeldes.

Marcelino Ruas, responsável pela execução de Fabrício, alegou que seguia ordens superiores e estava em operação de guerra designado a

capturar ou extinguir “o bando armado” de José Fabrício das Neves, que vinha com destino aos sertões do Irani para revolucionar a zona marginal da Estrada de Ferro. A referência a sua força civil como “bando” era uma referência pejorativa para desqualificar o grupo que compunha as forças consideradas legais de um batalhão patriótico, justificando a operação de extermínio.

A violência de guerra descrita nos depoimentos ao longo do inquérito é revestida por uma ação de caráter militar, escamoteando a prática de um crime que executou sujeitos considerados em “desobediência civil”, cujas trajetórias se entrelaçam aos remanescentes da batalha do Banhado Grande do Irani, em 1912. No inquérito, Fabrício das Neves foi apontado como o responsável pela morte do coronel da polícia paranaense, João Gualberto, como forma de justificar o seu extermínio e dos homens que o acompanhavam.

Fabrício das Neves fora decapitado, sendo reconhecido por suas vestes e, os seus companheiros foram degolados e tiveram ainda a cabeça esfacelada. A degola se explicaria pelo fato de ser uma prática em situações precárias de luta, em que os soldados contavam apenas com armas brancas, ou mesmo pela economia de munição. A decapitação, por outro lado, não admite essa escusa. Segundo a memória oral de moradores da região, sua cabeça teria sido levada para a estação de Herval, de onde seria enviada para Curitiba à viúva do coronel João Gualberto, que teria prometido recompensa de 40 contos “pela cabeça do assassino do marido”. Talvez, desse ponto de vista, Fabrício das Neves ainda significasse um avanço da fronteira – como quando a concentração de caboclos no Irani foi usada para justificar a ofensiva das forças do Paraná na Batalha do Banhado Grande, em 1912 –, para o qual o Acordo de Limites de 1917, na prática, ainda não tinha encerrado o problema de limites entre os estados do Paraná e de Santa Catarina. Legalmente, esse argumento não poderia ter sido usado contra ele, uma vez que o Decreto n. 3.492, de 19 de janeiro de 1918, anistiava todos os indivíduos envolvidos no conflito do Contestado, no Paraná e Santa Catarina.

A trajetória de Fabrício das Neves faz parte da história política do território ex-Contestado. Após a Batalha do Irani até o momento de sua morte, Fabrício das Neves envolveu-se no comércio e na regularização de terras, estabeleceu ligações com as autoridades locais, estaduais e militares do alto escalão. Como um operador de fronteira, tinha uma extensa rede de relações políticas e atuava com um grupo armado próprio, ora contra, ora a favor do governo.

## Para saber mais

- † Dallanora, C. **Conflitos no ex-Contestado: coronelismo e bandoleirismo numa região de fronteira**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- † Ferreira, A. G. Z. **Concórdia: o rastro de sua história**. Concórdia, SC: Fundação Municipal de Cultura, 1992.
- † Machado, P. P. “O conflito do Canudinho de Lages (1897)”. **Estudos de Sociologia**, Araraquara/SP, v. 13, n. 24, p. 65-78, 2008.
- † Martins, C. **O mato do tigre e o campo do gato: José Fabrício das Neves e o Combate do Irani**. Florianópolis: Insular, 2007.
- † Silva, J. W. **O oeste catarinense: memórias de um pioneiro**. Florianópolis: Edição do Autor, 1987.



## Alemãozinho: falsificações, traições e tragédia

Cássio Alexandre de Souza e Rafael José Nogueira

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: imigração europeia, Exército Brasileiro, sistema judicial, arte da fotografia.*

### Quem foi Alemãozinho

Henrique Wolland, conhecido como “Alemãozinho”, nasceu por volta de 1894 e morreu no ano de 1917. Ficou famoso durante o ano de 1914, quando o movimento sertanejo cresceu para o planalto norte de Santa Catarina e Alemãozinho comandou o piquete rebelde de ataque à serraria e sede da *Lumber and Colonization Company*, em Três Barras, além de outros alvos nesta região, como ocupação de Vilas de Itaiópolis e Papanduva, além de ataques em estradas.

Os poucos dados biográficos existentes sobre este personagem provêm dos relatos de militares, entrevistas feitas por Maurício Vinhas de Queiroz, depoimentos de Alemãozinho contidos no processo que respondeu em reclusão, na cidade de Rio Negro, entre 1915 e 1916, pelo crime de homicídio ocorrido em 1914, além do registro de seu óbito em Ponta Grossa e a entrevista que o líder sertanejo concedeu em 1915 ao jornal carioca *O Imparcial*, quando estava preso em Rio Negro.

Há dúvidas quanto a nacionalidade de Alemãozinho. No processo aberto em Rio Negro, em 1915, declarou ter 21 anos e ser proveniente da região de Westfalia, na Alemanha. Sobre sua família, declarou que o pai, igualmente alemão, chamava-se Francisco Wolland. No entanto, em seu atestado de óbito, consta que Henrique era brasileiro filho de brasileiro.

Consta que Henrique Wolland apareceu como fotógrafo no reduto de Pinheiros, no interior de Canoinhas. Baixo, louro, de olhos azuis,

rosto quase sem barba e avermelhado, morador da antiga colônia *Hansa Humboldt* (atual município de Corupá, Santa Catarina) que se localizava na região colonial alemã a caminho das escarpas da Serra Geral. Alemãozinho apresentava-se como um severo comandante do piquete dos chamados “Pares de França”, que poderiam, de acordo com suas ordens, bloquear estradas, atacar policiais e saquear armazéns e casas de comércio.

A partir de julho de 1914, as vilas de Papanduva e Itaiópolis foram tomadas por Henrique Wolland e seus homens, sem oferecer resistência. Em setembro do mesmo ano, travaram acirrados confrontos entre as forças da Guarda Nacional e os revoltosos que ocupavam as vilas, liderados por Aleixo Gonçalves, Antônio Tavares e Henrique Wolland. Nesse episódio, Alemãozinho foi acusado de matar a tiros José Paulo Schmidt no mês anterior (agosto de 1914).

Em janeiro de 1915, Henrique Wolland entregou-se à Coluna do Norte do exército, que tinha sua sede em Canoinhas, num dos primeiros processos de rendição em massa. Vários chefes de piquetes rebeldes do planalto norte, como Bonifácio Papudo, Gregório de Lima e Henrique Wolland, apresentaram-se com milhares de sertanejos. Consta que Alemãozinho se apresentou ao general Setembrino de Carvalho entregando dois documentos. O primeiro era sua habilitação como comandante dos “Pares de França” ou “Pares de São Sebastião”, e o segundo seria um código de posturas, através de “Ordem das Formas”, para disciplinar seus comandados no piquete.

O próprio Alemãozinho relata que quando esteve na presença de Setembrino de Carvalho teria sido anistiado pelo crime e ganhado 200 mil réis para suas despesas, ao declarar não ter recursos. Moradores da região e militares declararam que Alemãozinho passou a empregar-se como “vaqueano” a serviço das forças oficiais, já que contava com grande conhecimento do mundo, dos caminhos e das práticas dos sertanejos rebelados.

A liberdade de Alemãozinho durou pouco. Em fevereiro do mesmo ano, em Rio Negro, Henrique Wolland foi intimado pelo Oficial de Justiça, o Sr. Juvêncio de Oliveira, para que fosse prestar depoimentos no gabinete do promotor público da Comarca, o Dr. João Dias de Paiva. A intimação era parte do inquérito policial que havia sido instaurado para indiciar Alemãozinho como réu pelo assassinato de José Paulo Schmidt, ocorrido em agosto de 1914.

Foi enquanto estava preso para responder a este processo que

Henrique Wolland concedeu entrevista à imprensa. Chama a atenção a sua naturalidade – como é descrita a sua postura –, estar prestativo e sorridente, e também o seu vasto conhecimento detalhando as estratégias e os movimentos dos revoltosos, informações que também dividiu com o capitão Potyguara e o general Setembrino de Carvalho. Pistas muito relevantes para a eficácia do avanço final sobre o reduto de Santa Maria pelas forças do exército.

Após Henrique Wolland ser preso em Rio Negro, foi absolvido pelo Tribunal do júri em junho de 1915. A absolvição foi decidida pela maioria dos jurados, validando a argumentação da defesa de que a morte de José Paulo Schmidt ocorreu como legítima defesa do réu.

Nesse período em que esteve preso, em 1915, Henrique Wolland foi entrevistado pelos jornalistas d'*O Imparcial*, jornal que repercutia em todo país, vindos da capital federal para entrevistar um remanescente do Contestado. Diante dessa importante ocasião, Wolland mostrou-se atento e disposto a colaborar com o que sabia sobre os acontecimentos do Contestado. Falou sobre sua relação entre as lideranças do reduto, sobre o assassinato de José Paulo Schmidt em Rio Negro e sobre sua rendição às forças militares.

Alemãozinho foi submetido a um segundo julgamento no mesmo processo, sendo novamente absolvido em março de 1916, quando foi colocado definitivamente em liberdade.

## Morte de Alemãozinho

Após a última absolvição, Henrique Wolland desapareceu da região norte de Santa Catarina. Voltou a aparecer na imprensa em janeiro de 1917, com sua morte ocorrida em Entre Rios, próximo a Ponta Grossa, no Paraná.

O inquérito policial e o exame de corpo de delito revelaram que Alemãozinho foi morto por tiros e mutilações de facão, teve roubados mais de três contos de réis (valor muito alto para a época) e estava despido, com sinais de violação. O cadáver foi achado dois dias após a morte. Entre os suspeitos arrolados no inquérito dois confessaram a autoria do crime: Orchisa Simões de Oliveira e José Simão dos Santos. As razões do assassinato não ficaram muito evidentes, sendo mais provável o objetivo de latrocínio.

O final trágico e precoce de Henrique Wolland põe fim a sua vida

movimentada. Ele aparece nas fontes primeiro lutando pelos caboclos e depois se entregando e colaborando com as forças militares, sendo associado à figura de um “Judas”. Para completar sua biografia, conseguiu ser absolvido em dois julgamentos.

Wolland se apresentava como fotógrafo e, na forma como posou para fotografias, com naturalidade, pose e olhar altaneiro, parecia dominar esta arte. Tinha também muita habilidade de negociar e se adiantar sobre determinadas situações, como fez com o general Setembrino, apresentando-se como chefe rebelde, como se tivesse um papel muito maior que de fato exerceu nos redutos. Era alfabetizado em uma época em que saber ler e escrever era raro e poderia ser sinônimo de poder. Foi uma das poucas personalidades ligadas aos caboclos que concedeu entrevistas para jornais.

### Para saber mais

- † Celestino, A. G. **Os Bucovinos do Brasil e a História de Rio Negro**. Curitiba: Torre de Papel, 2002.
- † Nogueira, R. J. “Entrevista transcrita de Henrique Wolland, o Alemãozinho do Contestado”. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 96-105, 2017.
- † \_\_\_\_\_; Souza, C. A. “O Assassinato de Henrique Wolland, o Alemãozinho”. **Revista NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses – UFPR)**, v. 3, p. 190-208, 2017.
- † Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1981.
- † Souza, C. A. “Resquícios do Conflito do Contestado (1912-1916): o julgamento de Henrique Wolland, o Alemãozinho”. **Revista NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses – UFPR)**, v. 2, p. 55-78, 2016.

## Canoinhas sitiada: corre que lá vem o Papudo!

Diego Gudas e Alexandre Tomporoski

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: política regional, Exército Nacional, população civil, estratégias de combate e de defesa.*

O município de Canoinhas foi emancipado de Curitiba em setembro de 1911, portanto, às portas da eclosão da Guerra do Contestado. Nesse período, enquanto Paraná e Santa Catarina disputavam a posse do território contestado, Canoinhas era o bastião catarinense, representando uma cunha entre as bases paranaenses de Três Barras e Porto União da Vitória.

Encontrando-se em condições semelhantes às que levaram a população de Taquaruçu e Caraguatá ao levante, a população canoinhense rapidamente identificou-se com o movimento rebelde. A partir de Caraguatá, Venuto Baiano, um desertor da esquadra de guerra durante a Revolta da Armada, passou a fazer contato com as lideranças do planalto norte. Aleixo Gonçalves e os irmãos Grobbe foram pessoas com as quais Venuto manteve contato em busca de adesão ao movimento.

Além de Aleixo Gonçalves e dos Grobbe, Canoinhas também era o local de residência de Bonifácio José dos Santos, Bonifácio Papudo, apontado por Vinhas de Queiroz como ex-maragato. Papudo, que até meados de 1914 era comandante de grupo responsável pela defesa de Canoinhas, armado pelo próprio superintendente, major Manoel Thomaz Vieira, acabou por aderir ao movimento. Isso teria ocorrido após tornar-se “suspeito” por parte das autoridades locais, o que resultou na exigência de que entregasse as armas. Além de não atender

ao que lhe foi exigido, Papudo aliou-se aos sertanejos, passando a comandar os ataques contra a vila.

A partir do segundo semestre do ano de 1914, quando o movimento do Contestado atingiu a sua máxima expansão, Canoinhas passou a ser alvo de constantes investidas por parte dos rebeldes. Sob o comando de Bonifácio Papudo, a vila viveu dias turbulentos durante aquele período. Os tiroteios chegaram ao ponto de se tornarem rotina para os moradores locais e para as tropas dos militares ali sediadas.

Papudo estabeleceu seu reduto nas proximidades do rio Paciência. Mantinha duas guardas avançadas, sendo uma em Piedade (atual bairro com o mesmo nome, em Canoinhas) e outro às margens do rio Água Verde (por vezes erroneamente citado pela literatura como “Barra Verde”).

O primeiro ataque à vila ocorreu na noite do dia 14 para 15 de julho de 1914. Na ocasião, os rebeldes avançaram sobre Canoinhas, aos gritos de “viva São Sebastião”, “viva São João Maria” e “morte aos peludos”. Estavam comandados da seguinte maneira: ao norte, por Bonifácio Papudo e Ignácio de Lima; ao sul, por Tobias Lourenço de Souza e Antônio Tavares Júnior; a oeste, por Joaquim Gonçalves de Lima. Os rebeldes atacantes foram estimados em 500, e utilizavam tanto facões quanto armas de fogo.

De acordo com as informações contidas no Livro do Tombo da Paróquia de Canoinhas, o ataque não registrou baixas por parte das forças militares, restando mortos e feridos do lado dos sertanejos. Nesse episódio, Papudo teria levado duas carroças para carregar munições do Exército e da Polícia que esperava capturar. As duas carroças foram encontradas, posteriormente, nas proximidades da casa de Papudo, transfixadas por tiros e ensanguentadas, o que levou à suposição das baixas por parte dos sertanejos.

Este episódio representou o marco a partir do qual a incipiente vila viveria episódios de pavor, ensejando, inclusive, a fuga do juiz de direito da comarca, Mileto Tavares da Cunha Barreto, do promotor público, Augusto Lustosa Ferreira de Freitas, e do superintendente municipal, Manoel Thomaz Vieira. Além das autoridades, muitos dos moradores de Canoinhas buscaram refúgio em outros locais, gerando uma espécie de evacuação da cidade.

Na noite do dia 17 de julho e na manhã do dia 18, houve novo ataque, sendo os rebeldes repelidos. Na noite de 19, novamente a vila foi alvo dos sertanejos. Do alto da igreja matriz foram feitos alguns disparos

contra o Exército. Também foi atacada a trincheira da Água Verde, guarnecida pela Polícia. No dia 15 de agosto, ocorreu nova investida às trincheiras que guarneciam a vila, motivando, inclusive, a fuga do vigário da paróquia, Frei Menandro Kamps, para Porto União da Vitória.

No mês de setembro de 1914, o general Fernando Setembrino de Carvalho foi nomeado para comandar a operação de repressão que transcorria no Contestado. Ao assumir o comando, o general determinou a seguinte estratégia de combate: seria adotado um grande cerco aos redutos e guardas dos sertanejos, a fim de impedir que suprimentos chegassem até eles.

O sítio seria feito com o efetivo dividido em quatro grandes colunas, as quais seriam estabelecidas com base nos pontos cardeais correspondentes. Canoinhas, então, se transformou em sede da Coluna Norte, comandada pelo tenente-coronel Onofre Muniz Ribeiro. O efetivo à disposição da Coluna Norte, além de militares do Exército, também contava com policiais militares de Santa Catarina e civis contratados, os quais eram denominados “vaqueanos”, em geral, homens de confiança dos coronéis da região.

Esse cerco, na concepção estratégica, traria como resultado o corte de suprimentos e o conseqüente desabastecimento dos sertanejos, forçando-os a se apresentar para as autoridades militares, assim que a falta de gêneros começasse a ser sentida. No entanto, até que o sítio pudesse produzir o efeito desejado, Canoinhas continuou a ser alvo de constantes ataques do grupo comandado por Papudo.

Além do reduto da Paciência e das guardas do rio Água Verde e Paciência, sob o comando de Bonifácio Papudo, os sertanejos contavam também com o reduto de Aleixo Gonçalves de Lima, na Colônia Vieira (atual município de Major Vieira). Ligado ao reduto de Aleixo estava também o reduto do Salseiro, no caminho entre a vila de Canoinhas até a então Colônia Vieira, que também se conectava com a Guarda dos Freitas.

Com o objetivo de confinar cada vez mais os locais de domínio sertanejo, a fim de dar resultado ao cerco que estava sendo adotado, a Coluna Norte recebeu ordens para avançar sobre o reduto do Salseiro. Vencido este e a Guarda dos Freitas, o acesso ao reduto de Aleixo Gonçalves ficaria viabilizado.

No dia 25 de outubro de 1914, o tenente-coronel Onofre ordenou o deslocamento do contingente pelo distrito de Três Barras com a finalidade de realizar um ataque surpresa pelo flanco do reduto. No dia

seguinte, parte do efetivo fez o percurso de Canoinhas até Três Barras pela estrada de rodagem, um segundo grupo partiu de trem, saindo da estação de Canoinhas até a estação de Três Barras, e o restante permaneceu guarnecendo a vila e a estação férrea de Canoinhas. Nesse mesmo dia, a tropa que se deslocou por Três Barras atingiu a Fazenda dos Pardos, de propriedade da família Pacheco, onde pernitoou com o objetivo de construir uma balsa, para realizar a travessia do rio Canoinhas e acessar o reduto visado. No dia 27 de outubro, contando com a surpresa proporcionada pela estratégia, as Forças conseguiram vencer Salseiro, após fraca resistência, acampando no mesmo local do reduto arrasado.

Considerando que o plano exigia a continuidade do avanço em direção ao reduto de Aleixo Gonçalves, no dia 28 houve marcha de exploração em direção à Colônia Vieira. No entanto, ao iniciar a movimentação, a menos de um quilômetro do acampamento, foi travado violento combate com os sertanejos da Guarda dos Freitas. Nesse episódio, uma praça foi morta e dois vaqueanos foram feridos, sendo um deles conhecido por Pedro Ruivo (Pedro Leão de Carvalho), que viria a ganhar fama por diversos crimes praticados nessa condição.

A vitória sobre Salseiro não representou grandes avanços às Forças Legais. Tanto aquele acampamento quanto a vila de Canoinhas continuaram sendo rotineiramente atacados, principalmente à noite, quando a defesa desses locais ficava fragilizada. Em 08 de novembro, durante a madrugada, houve um intenso ataque dos rebeldes. No Salseiro, foi morta a sentinela das Forças, restando ainda mais quatro militares feridos. Na ocasião, estava também no acampamento, o Frei Rogério Neuhaus, o qual realizou o rito de unção no soldado morto.

Frei Rogério era vigário de Porto União da Vitória. Após a fuga do Frei Menandro Kamps de Canoinhas, Neuhaus foi enviado para estabelecer contatos com os sertanejos da região em busca de rendição. O mesmo religioso, poucos dias antes, em 05 de novembro, enquanto se deslocava em busca de apaziguar os rebeldes, foi atacado por uma guarda avançada, assim que transpôs o pequeno rio Piedade, nas imediações da vila. Tanto Neuhaus quanto uma pessoa que o acompanhava, de nome Guilherme, conseguiram sobreviver e retornar para a vila, restando um dos animais de montaria morto com um tiro na cabeça.

Os ataques ao acampamento do Salseiro, acompanhados dos ataques à vila, nas noites de 08 e 09 de novembro, ensejaram o encaminhamento ao tenente-coronel Onofre de um manifesto por



parte dos Oficiais aí estabelecidos, solicitando o regresso da tropa para a vila. Com a impossibilidade de continuar o itinerário anteriormente planejado, que levaria a tropa para a Colônia Vieira, a 10 de novembro, as Forças do Salseiro retornaram a Canoinhas, que continuou sendo atacada pelo grupo de Bonifácio Papudo.

Nesse período, durante mais de um mês, a vila de Canoinhas, apesar de contar com aproximadamente 2.000 defensores, foi hostilizada quase todas as noites. Desde que o general Setembrino assumira o comando da operação, a Coluna Norte restringia-se, basicamente, a defender-se dos ataques de Papudo e seu grupo. O mês de novembro mantinha-se com o assédio contínuo e a cidadela adotou a seguinte rotina: dormir de dia para se defender de noite. Conta-se que, durante um ataque, o próprio comandante das Forças em Canoinhas, tenente-coronel Onofre, em um arroubo de fúria, teria alçado o parapeito de uma trincheira, de onde bradara frases de cólera contra Papudo.

No dia 16 de novembro, após as comemorações da Proclamação da República, o tenente-coronel Onofre emanou ordem para que parte de sua força marchasse em direção ao reduto da Paciência, considerando os informes de mais um ataque iminente por parte dos rebeldes. A mais ou menos 2,5 km da vila, nas proximidades do rio Água Verde, houve novo combate em que o Exército amargou mais uma derrota, resultando quatro mortos e 18 feridos. Neste combate, faleceu o Sargento Aprígio Ortencio da Silva Barbosa, cujo corpo ficou na posse dos rebeldes, sendo encontrado empalado, tempos depois, às margens do caminho. Era mais uma derrota que a referida Coluna teria de contabilizar e mais uma vitória a açular o espírito dos sertanejos. Tais acontecimentos viriam, inclusive, a apelidar a Coluna Norte de “Coluna da Morte”. Canoinhas continuava a ser atacada.

Poucos dias depois do combate do Água Verde, novo tiroteio noturno foi travado na vila. A sua circunferência ficou luminosa em decorrência dos disparos. O tiroteio, dessa vez, varou a madrugada, terminando somente ao amanhecer. No dia 20 de novembro, o ataque à vila foi tão intenso que o Exército necessitou utilizar os canhões para repelir a investida rebelde. Os caboclos chegaram a conquistar posições a menos de 200 metros das trincheiras, em algumas casas da vila que se encontravam abandonadas. Os ataques contínuos chegaram a escassear os animais do entorno, que acabavam sendo baleados nas refregas noturnas.

Somente ao final de novembro é que os ataques à vila de Canoinhas

começaram a arrefecer. No entanto, o pânico já tinha atingido cidades que sequer estavam compreendidas no território do conflito do Contestado, a exemplo de Ponta Grossa e Curitiba, onde a suposta atividade dos espiões dos rebeldes, ditos “bombeiros”, eram constantemente pressentidas, gerando um clima de permanente alarma e temor de uma investida também nesses centros.

A situação vivenciada na vila de Canoinhas, cujos ataques duravam meses, começou a mudar no início do mês de dezembro de 1914, coincidindo com a chegada do capitão Tertuliano de Albuquerque Potiguara. Potiguara chegou a Canoinhas a 09 de dezembro do referido ano e ficou indignado com a situação que presenciou. Ele não admitia encontrar o Exército naquela condição, mantendo-se refém de uma estratégia defensiva, o que afetava o moral da tropa, resultando, inclusive, em casos de indisciplina.

No dia 20 do mesmo mês, iniciou o primeiro dos inúmeros combates que travou no Contestado, vencendo a guarda da Piedade. Mesmo assim, a 23 de dezembro, a vila ainda sofreu mais um forte ataque, ocasionando grande pânico no que restava da pequena população. Desse ataque, que foi o último, os rebeldes tiveram seis mortos, ficando feridos os chefes Ignácio de Lima e Bonifácio Papudo, aquele, gravemente.

Em meio a esse contexto, uma série de rendições se verificaram. No mês de janeiro de 1915, os sertanejos, em sua maioria velhos, mulheres e crianças, atenderam aos apelos divulgados pelo general Setembrino com vistas à capitulação. Nos redutos, havia muita miséria devido à falta de mantimentos. A parca alimentação restringia-se a farinha e carne verde sem sal. Desse modo, muitos revoltosos se entregaram em Papanduva, Rio Negro, Lages, Campos Novos. Em Canoinhas, 243 famílias apresentaram-se às autoridades militares. Foi nessa circunstância que se renderam Bonifácio Papudo e Carneirinho, ambos com sua gente. Carneirinho era antigo anspeçada do Exército que comandava a Guarda da Piedade, que trouxe consigo 300 homens.

As rendições acabaram por coincidir com a fase ofensiva da Expedição Setembrino. A partir do final de dezembro de 1914, a Coluna Norte, principalmente a fração da tropa posta à disposição do capitão Potiguara, havia iniciado uma série de arremetidas que culminariam na tomada e destruição do reduto de Santa Maria, em abril de 1915. A vitória sobre Santa Maria motivou a retirada do grosso das tropas federais do território contestado, as quais julgavam

o conflito encerrado. Todavia, permaneceram atuando em Canoinhas tropas estaduais com o apoio dos vaqueanos, a fim de evitar os ataques que tanto aterrorizaram a sua população, bem como para promover a “limpeza do território”.

Ao longo do período compreendido entre julho e dezembro de 1914, quando Canoinhas foi alvo dos ataques rebeldes, estes intentaram efetivar seu controle sobre a vila. Apesar da resistência imposta pelas forças oficiais e dos sangrentos embates entre os dois grupos, os ataques a Canoinhas representaram um importante capítulo vinculado à ofensiva rebelde generalizada, deflagrada no segundo semestre de 1914. A população civil da vila, na sua quase totalidade, acabou por debandar. Isso incluiu as autoridades locais, que fugiram, visando preservar-se dos embates sangrentos daquele período. Canoinhas não foi tomada, mas a guerra continuaria por mais um ano.

### Para saber mais

- † Gudas, D. **A trajetória do vaqueano Pedro Leão de Carvalho, o Pedro Ruivo, e sua relação com o movimento sertanejo do Contestado**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Canoinhas/SC: Universidade do Contestado, 2021.
- † Lima, S. R.; Tokarski, F. “Canoinhas na Guerra do Contestado: dos ataques à vila ao processo de rendição”. In: Lima, S. R.; Tomporoski, A. A. (org.) **Ecos do Contestado: da serraria Lumber ao Campo de Instrução Marechal Hermes**. Palmas, PR: Kaygangue, 2017. p. 11-50.
- † Peixoto, D. **A campanha do contestado: episódios e impressões**. 2ª ed. Rio de Janeiro: s/ed., 1920.
- † Tokarski, F. **Cronografia do Contestado: apontamentos históricos da região do Contestado e do Sul do Paraná**. Florianópolis: Ioesc, 2002.
- † Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: A Guerra Sertaneja do Contestado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

## Adeodato: o comandante caboclo demonizado

Delmir José Valentini e João Felipe Alves de Moraes

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: Exército Brasileiro; prisões; lideranças populares; memória popular, história local.*

A historiografia da Guerra do Contestado transformou muitos dos seus repressores em heróis e nem são necessárias vastas pesquisas para encontrar homenagens em forma de livros de memórias, nomes de cidades e outras apologias para aqueles que foram declarados vencedores. Do outro lado, memórias prodigiosas dos monges permanecem vivas e ressignificadas na atualidade, porém, quando se trata de líderes que atuaram ao lado dos sertanejos, nem sempre encontramos adjetivos abonadores. Para estes últimos, além de excluídos e marginalizados da própria história, não raras vezes são destacados como bandidos, intrusos, jagunços, incautos, desordeiros, bandoleiros, fanáticos, facínoras ou ainda, como destacou o periódico *O Imparcial* de Canoinhas, por ocasião da prisão do último líder sertanejo da Guerra do Contestado: “O demônio está preso, é ele mesmo, em carne e osso”, referindo-se a Adeodato.

Característico caboclo do interior catarinense, Adeodato Manoel Ramos, também narrado nos documentos como Leodato de Lemos, foi instruído desde jovem nos ofícios e artes do sertão, sendo tropeiro, domador, lavrador e cantador. O último líder da Guerra do Contestado era natural do Cerrito, município de Lages, tendo nascido no ano de 1891. Foi com o pai, Manoel Telêmaco, e outros peões que Adeodato aprendeu os ofícios necessários para a vida que se levava no início do século XX na região do Contestado.

Miguel Correa de Souza, antigo morador da região e remanescente da Guerra do Contestado, quando entrevistado, se referiu a Adeodato como morador do Rio Doce, próximo a Trombudo (atual município

de Lebon Régis): “Home véio que se criou ali no Doce, trabaiava na colônia, se criou ali, criava porco, naquele tempo o povo tudo criava porco assim aberto (solto), havia muita fruta de imbuia e pinhão causo sério, quase não ocupavam o milho pra criar porco”.

Segundo o sociólogo Vinhas de Queiroz, a mudança da família de Telêmaco do Cerrito para Trombudo ocorreu quando Adeodato tinha 15 anos. Telêmaco era compadre do fazendeiro Manoel Pepes do Vale, onde o afilhado Adeodato, habilidoso tropeiro e domador se tornou capataz. Os laços de compadrio entre os fazendeiros e seus agregados eram muito comuns nesse período, o apadrinhamento proporcionou um sinal de confiança a Adeodato, permitindo que ele exercesse diversos trabalhos na região, tendo inclusive levado varas de porcos para a zona do Timbozinho, e conduzido boiadas para Lages e Florianópolis.

Além de tropeiro, outra habilidade destacada em Adeodato foi a cantoria. Segundo contou Manoel Francisco Dias, outro morador da região, a capacidade de liderança de Adeodato deve-se também à sua potente voz: “ele se tornou líder porque falava muito, era meio cantador, fazia verso repentino, usavam muita trova e cantoria repentina, daí ele cantava e tinha uma voz muito boa e com isso ele foi tomando a liderança”.

Sua voz grave e potente impressionou muita gente. Euclides Felipe, pesquisador da região, afirmou que era comum entre os sertanejos a comunicação por meio de versos. A porfia era apreciada como divertimento que agradava os moradores do sertão. Este recurso, teria sido utilizado por Adeodato até mesmo na prisão. Felipe registrou uma das décimas que teria sido recitada quando Adeodato estava encarcerado:

Quando eu andava sorto me tratavo como irmão  
hoje que aqui tô preso eu só fumo se me dão.  
Trinta anos vô cantá, relatando as travessura,  
que aqui neste processo, acoimaro de diabrura,  
me acusando de mir morte, que levei à sepultura,  
mas livre aqui do mundo, dei descanso às criatura.  
Bem, agora me despeço, só dos rico, com doçura,  
tenho sombra e água fresca, na cadeia tem fartura,  
C’um abraço ao meu governo, dexo a minha assinatura  
Por LEODATO M. RAMOS, arrespondo nesta artura.

O ingresso de Adeodato nos redutos ocorreu quando o movimento

já havia se alastrado por toda a região. No início, apenas observou. Levado pelo piquete de Domingos Crespo, Adeodato integrou-se aos sertanejos do reduto do Bom Sossego, que neste período era comandado pela virgem Maria Rosa. Em Bom Sossego, aquele que viria a ser o último comandante caboclo foi rebatizado de Joaquim José de Ramos, nome pelo qual ficou conhecido nas Cidades Santas.

Dentro dos redutos, no começo, participou como outro qualquer. A bravura rendeu-lhe um posto no piquete-chucro de Francisco Alonso, sendo inclusive um Par de França. Segundo depoimento de Antonio Carlos Martins, “Adeodato era lugar tenente do comandante Francisco Alonso, quando este tombou no Rio das Antas, Adeodato tornou-se comandante”. O combate do Rio das Antas, como ficou conhecido, ocorreu no dia 1º de novembro de 1914 e o alvo dos sertanejos foi a primeira colônia de imigrantes alemães instalada no Alto Vale do Rio do Peixe pela *Lumber*. Com baixas de ambos os lados, na volta para os redutos, o vazio deixado pela morte de Francisco Alonso logo foi preenchido por Adeodato.

De imediato, Adeodato não aceitou o cargo. Tratou de consultar membros da família Crespo, que o haviam levado para o reduto e que o aconselharam: “Você tenha paciência. Você volte. Você vai ficar de comandante”. Adeodato decidiu-se, contou que havia sonhado com João Maria e que este, em sonho, ordenou que assumisse o Comando Geral. “Reapareceu em Caçador munido de uma bandeira branca, bradando vivas e dizendo que era ele o comandante, ele quem tocava agora”. Voltou para Butiá Verde onde estavam acampados os companheiros do combate do Rio das Antas. Segundo o sertanejo Porfirio Alonso, “[Adeodato] Chegou à noitinha gritando vivas, afirmando que ‘tinha recebido ordens’ gritando que em sonho a Corte Celeste o havia aclamado Comandante Geral”.

Em dezembro de 1914, Adeodato ordenou que o reduto fosse transferido de Caçador para o vale de Santa Maria. A mudança deveu-se ao fato de que as forças legais fecharam cada vez mais o cerco e porque Santa Maria localizava-se numa área estrategicamente privilegiada. A fortaleza natural, onde foi organizado o reduto de Santa Maria, aparentava ser verdadeiramente um “chão sagrado”, uma “Cidade Santa” que os sertanejos acreditavam construir. Entre o final de março e início de abril de 1915, a tropa de Potiguara, depois de fazer um percurso de 19 léguas, de Canoinhas a Santa Maria, em dez dias de seguidos combates, atingiu o âmago da fortificação: alcançaram o coração da Cidade Santa. A exaustão dos soldados de Potiguara, o

grande número de feridos, a morte do único médico da expedição, de soldados e de oficiais, eram indicadores da situação dramática da tropa. Por outro lado, Adeodato, com seus homens, ainda tentaram impedir a tomada do reduto, concentrando as enfraquecidas forças contra o exército que já se encontravam no centro da “Cidade Santa”. Foi neste contexto que a Coluna Sul conseguiu transpor a forte guarda da entrada do vale, anteriormente intransponível, então abandonada. A junção das duas colunas assinalou a destruição final do Santa Maria. Em telegramas enviados ao ministro da Guerra, o general Setembrino de Carvalho relatou que 5,5 mil casas foram queimadas em Santa Maria.

Para Adeodato, a batalha estava perdida, mas a guerra ainda não. Enquanto as brasas ainda ardiam no reduto de Santa Maria, o comandante rumou para São Miguel. Ao contrário das boas lembranças que havia de Maria Rosa, no tempo de Caraguatá, no reduto de Santa Maria, o comando de Adeodato foi marcado por um cotidiano de sofrimento: guerra, fome, doença e morte. A doença mais grave que acometeu caboclos foi o tifo, que por vezes matava diariamente mais de 20 habitantes da Cidade Santa.

Não possuindo roças e impedidos de saírem para coletar frutas e mel e para caçar, os sertanejos não tinham o que comer. Alimentar a população cabocla não era tarefa fácil: mais de dez mil pessoas residiam na cidadela. Com o cerco militar, isso complicou-se ainda mais. O gado arrebanhado anteriormente e que estava na mangueira foi sendo abatido, pois carneavam de dez a 12 cabeças por dia, como contou em seu depoimento Manoel Dias, antigo redutário que esteve em Santa Maria: “o sal terminou por completo”. Na tentativa de saciar a fome, apelavam para frutas de imbuia, miolos de xaxim, brotos, mel e caça, o que fosse possível encontrar nos arredores. Há unanimidade nos depoimentos quando afirmam que comiam tudo que fosse de couro, além dos próprios cavalos.

Em seu depoimento, Manoel Dias recorda que o “tempo” da fome aconteceu durante a liderança de Adeodato; portanto, ao contrário da fatura inicial, das rezas e do tempo do encantamento e da convivência numa irmandade santa, chegou-se numa fase de miséria e de mortes. “No tempo do Adeodato, não tinha o que comer, escasseou cada vez mais, primeira coisa que tenta é o ataque, não podia fazer roça e acabando-se os recursos chegou de eles comer capa de cangaia, bruaca, ligar, essas coisas de couro. O gado se acabou, comiam carne de cavalo”.

Os infortúnios encontrados no que viria a ser o final do movimento,

principalmente ocasionados pelo cerco imposto pelas forças adversárias, fizeram com que as atitudes tomadas pelo líder fossem totalitárias. Nos últimos redutos, Adeodato conseguiu se impor e mandava de forma incontestável – essa era sua maneira de manter o movimento ativo e os homens firmes a batalhar. Diversos foram os assassinados a seu mando; os primeiros por ligação com o inimigo, por tentar fugir ou manter um espírito derrotista; mas com o decorrer das tensões alguns de seus próprios companheiros foram assassinados.

O derradeiro reduto foi São Pedro, nas margens do Rio Timbó, onde atualmente se localiza a sede do município de Timbó Grande. Apontando com o indicador, diz o senhor Manoel: “a casa do Liodato com o Pai Véio, era bem na igreja católica, ali”. No último reduto, as regras de Adeodato continuaram vigorando, atemorizando e controlando com maior obstinação.

A destruição do último reduto não foi diferente dos anteriores: transpondo cadáveres, incendiando ranchos e saqueando míseros pertences, os vaqueanos espalharam o pavor. Muitos eram os fugitivos e profusos os cadáveres, inclusive de crianças e mulheres; poucos eram os prisioneiros.

Adeodato conseguiu escapar, mas não chegou a reerguer um novo reduto. Por mais que temessem a fúria de Adeodato, a maioria dos sertanejos era constituída por maltrapilhos famintos, muitos doentes e moribundos. Não foram poucos os que, vencidos pela fraqueza, deixaram-se cair pelos caminhos para morrerem sozinhos. Relata Vinhas de Queiroz os episódios de mortes de crianças e de adultos por inanição, já os que conseguiram se apresentar às forças legais, revelavam a situação lamentável em que se encontravam: “Quase loucos de fome, envolvidos em restos de trapos ou inteiramente nus, mostrando todos os ossos sob a pele, mais de mil fanáticos se apresentaram na vila de Canoinhas. Nunca o povo dali tinha visto ou sequer imaginado miséria igual”.

Adeodato, depois de vagar alguns dias pelas matas, com um pequeno grupo de pessoas famintas, chegou às margens do Tamanduá. Ordenou aos acompanhantes que atravessassem o rio, subiu num barranco e gritou: “Perdemos a guerra: a guerra está perdida. Quem quiser ir para o mato vá. Não quero ninguém comigo”.

Duas memórias excludentes são constantemente evidenciadas na Região do Contestado. Por um lado, dividindo espaços em altares religiosos, reverenciado como santo e bondade em pessoa, ainda



permanece a imagem de João Maria e, por outro, herdeiro de atribuições de selvageria e dos traumas da etapa final, Adeodato permaneceu como o resumo da maldade dos caboclos do Contestado.

Paulo Pinheiro Machado observou a constante “demonização” atribuída ao último líder caboclo nos momentos finais do movimento, quando as forças públicas representadas pelo exército brasileiro sob o comando de Setembrino de Carvalho, somadas às forças estaduais e um grande contingente de vaqueanos, que também eram moradores da região, cercaram os redutos e passaram a sufocar os caboclos que, famintos e maltrapilhos, passaram a se render em massa.

Os sertanejos desesperados sabiam que, ao se render, quando encontrassem os piquetes vaqueanos de Pedro Ruivo, em Canoinhas ou Coletti, em Santa Cecília, seriam massacrados sem piedade; assim, desesperadamente, precisavam encontrar autoridades para terem as famílias e a vida preservadas. Com isso, acentuou-se o discurso de vitimização dos redutários, que se entregavam e tentavam salvar suas vidas e de suas famílias, atribuindo a Adeodato a culpa por estarem nos redutos, geralmente afirmando que haviam sido forçados a ir e permanecer lá. Já Adeodato, por sua vez, quando preso e interrogado na Delegacia de Canoinhas, declarou que ao entrar nos redutos foi “investido do comando do acampamento a pedido de um velho, cujo nome ignorava, mas que do qual tinha o retrato”.

Não há dúvidas que o retrato referido era do monge João Maria. Em momento algum Adeodato revela o nome, talvez tentando preservar sua identidade, como fez ao ser perguntado por companheiros que, embora admitisse a presença nos redutos, não revelava os nomes, apenas sugeria que não lembrava ou não sabia. Isso também se observa no mesmo auto de prisão quando respondeu sobre o “fornecimento de munições” aos sertanejos, dizendo não ter recebido nem quem quer que fosse, não informando quem seriam os comerciantes, ou como fez ao se referir a Pedro Carlin ou Pedro Mathias, “cujo nome bem certo não sabe”, assim se referindo aos companheiros com quem estava enquanto ocorria o combate no reduto de Caraguatá.

Por diversas circunstâncias, os atos de Adeodato são recorrentes em indicar a “culpa” ao “velho do retrato”. Contou que matou Aleixo Gonçalves porque “esse velho do retrato, isto é, João Maria, disse a ele respondente que as forças legais perseguiram muito os acampamentos por causa do mesmo indivíduo (Aleixo)”. Na expressão, isto é, João Maria, percebe-se a explicação do escrivão em revelar a identidade

do personagem do retrato. Outras mortes também são depositadas no mando deste, inclusive a de Maria com quem Adeodato foi casado, mas que ele também não chegou a detalhar como sendo Maria Firmina, apenas citou como “Maria, filha de Matheus”.

O relato de Adeodato reforçou seu desprendimento a outros sertanejos no final do conflito. Sozinho esteve “no mato” até que, “cansado desta vida”, resolveu também se entregar. Revelou que já havia trocado seu revólver por mantimentos, o que também aconteceu com as duas últimas espadas, “trocando-as por moranga, milho e farinha” e deixando-se prender pelo senhor Modesto Simão Pinto.

Adeodato foi, sem dúvidas, o líder da Guerra do Contestado que marcou profundamente a memória dos que presenciaram os acontecimentos. Ainda hoje ocupa muito espaço nas conversas sobre o tempo dos redutos e mesmo nos estudos. Permaneceu na imaginação do povo, apontado como personagem abominável e, não raras vezes, culpado pelo fracasso. Vários depoimentos seguem essa narrativa. Segundo Aristiliano França, seu pai contava que “ele era um homem muito sanguinário, violento, matava muita gente, criança ele matava só prá ver morrer”. Assim também declarou Onorina Dias: “ele matava assim, carneava as pessoas e jogava num chiqueiro de xaxim, esse que meu pai cansava de contá, cada um que era morto pelo Liodato era arrastado e jogado ali dentro”. Por outro lado, há quem faça afirmações mais amenas sobre o último líder sertanejo, atribuindo a Adeodato características que fogem da pura maldade e até certo ponto reconhecem nele certas qualidades de líder e não raras vezes atribuindo-lhe papel relevante. Para Antonio Carlos Martins, mesmo admitindo que Adeodato não é bem-visto pelos caboclos da região, e até admitindo que este líder tenha sido cruel, justifica:

O Adeodato ele foi cruel na época, mas no momento que havia muita deserção já das forças jagunças e ele tentando manter a moral e a luta (...) então ele se utilizou desse terrorismo dentro dos acampamentos pra manter a luta no momento que havia muita deserção, pela qual, pela propaganda do governo, de pedir que eles davam anistia para aqueles que desertassem.

Miguel Corrêa de Souza conta sua visão sobre Adeodato; não vê necessidade de louvá-lo e nem mesmo condená-lo: “Puis óia que eu não rezo um Pai Nosso pro Adeodato e não acendo vela porque não sei qual era o compromisso dele, mas nós nunca fumo massacrados por ele,

nunca”. Ao comentar sobre declarações de atrocidades cometidas por Adeodato, Miguel afirma que existe muito exagero sobre a violência. Não nega que tenha existido, mas sublinha que se contam muitas inverdades. Quando perguntado se Adeodato realmente mandava matar crianças, assim respondeu:

Eu nunca vi, acho que isso era mentira do povo, os carrascos dele faziam, mas ele não, mas ele saía as vezes tinha uma forma formada o povo rezando e gritando vivas e ele saía com uma criancinha nos braço correndo pelo meio daquelas formas e ele gostava de andar com criança no cólo.

Muito embora permaneça a ideia de que Adeodato foi responsável pelo fracasso do movimento, revelavam-se, à época, alguns aspectos que contrariam o senso comum, permeado de concepções deterministas, quando foi entrevistado por um jornalista da capital, revelou alguns destes. Comenta o jornalista:

Nós, que esperávamos ver nesse instante o semblante perverso e hediondo de um bandido, cujos traços fisionômicos estivessem a denotar a sua filiação entre os degenerados e os desclassificados do crime, víamos, pelo contrário, diante de nós, um mancebo em todo o vigor da juventude, de uma compleição física admirável, esbelto, fronte larga, lábios finos, o superior vestido de um buço pouco denso, cabelos negros, olhos de azeviche pequenos e brilhantes, dentes claros, perfeitos e regulares, ombros largos, estatura mediana, tez acabocada e rosto levemente alongado.

De São Francisco do Sul, Adeodato foi levado para Florianópolis para o interrogatório com o chefe de polícia. Admitiu sua qualidade de comandante e procurou justificar as mortes que lhe atribuíam, sobretudo de antigos companheiros, dizendo que “eles pretendiam fugir, contrariando assim a sua ordem, que não permitia a retirada de pessoa alguma do reduto”.

Adeodato foi julgado e condenado à pena máxima permitida pelas leis brasileiras. Trinta anos de cadeia. Um sertanejo, entrevistado por Vinhas de Queiroz, disse em seu depoimento que Adeodato, ao sair da sala do júri, depois de jogar o chapéu para o alto disse: “Trinta anos de cadeia, eu vou cantar!”.

As aventuras do último líder sertanejo não terminaram após sua

prisão. Em meio aos inúmeros processos-crimes e inquéritos autuados em Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX, Adeodato esteve presente em meia dezena. Preso em Lages, após seu julgamento, na madrugada tempestuosa de 18 de dezembro de 1916, junto com seus colegas de prisão, Francisco Taipeiro e Joaquim Maximiliano, Adeodato executou uma fuga. As cadeias catarinenses não eram um exemplo de cuidado e conservação, proporcionando fugas com uma certa facilidade. Naquela noite, aproveitando os ruídos provocados pelo vento, os três presos escavaram a espessa parede de 80 cm de sua cela. Este não foi um trabalho fácil, mas sem dúvidas a baixa qualidade da argamassa utilizada para prender as pedras e tijolos da parede auxiliou na fuga. Por um buraco grande suficiente para passar uma pessoa, do qual retiraram uma grande pedra, evadiram-se os três presos.

Os companheiros de Adeodato conseguiram se livrar da prisão, mas ele não teve a mesma sorte, pois no dia seguinte a diligência enviada em sua busca o encontrou no distrito do Cerrito. Nenhum tipo de resistência foi descrito no inquérito policial, e nenhuma queixa sobre Adeodato foi dada pelos funcionários da cadeia, descrevendo-o como um rapaz respeitador. O plano executado pelo caboclo o rendeu uma transferência imediata para a cadeia de Florianópolis.

A estadia de Adeodato em Florianópolis não seria das mais tranquilas, pois como considerou o chefe da cadeia, Trogilio Mello, aquele era o preso mais perigoso do lugar. Logo no primeiro ano de cárcere naquela cadeia, o sertanejo envolveu-se em uma grande briga, que quase lhe custou a vida. Na tarde do dia três de março de 1917, o Sr. Machado – carcereiro da cadeia – ao efetuar uma troca de celas, percebeu uma certa animosidade entre os presos Adeodato e Bruno Haendchen. Ao ser movido para outra cela, Adeodato notou que o prato que trazia não era seu, estando o seu em cima da cama de Bruno. Voltando para pegá-lo, trocou duras palavras com Bruno, que pegou uma faca – que usava para fazer chinelos – para agredir Adeodato, que estava munido de um canivete. O conflito foi interferido pelo carcereiro, que retirou as armas dos presos. Um grupo de praças logo chegou ao corredor em que os presos estavam, Bruno, se aproveitando da situação, removeu o sabre do fuzil de um dos praças, e avançou para assassinar seu antigo colega de cela. Aos gritos de “é assim que se mata um homem!”, o preso efetuou dois “pontões” contra Adeodato, sendo o primeiro desviado pelo sertanejo, e o segundo atingindo-o no lado esquerdo do peito.

Distintos foram os argumentos utilizados pelos envolvidos para justificar o conflito, Adeodato afirmou que ele o atacou porque ele tinha

uma informação que o prejudicaria na cadeia. Segundo o sertanejo, Bruno havia roubado um paletó de outro preso, e ele iria contar ao carcereiro. Já o agressor, na inquirição, argumentou que havia sido ameaçado, pois no passado, ele matou um companheiro de Adeodato, então havia um sentimento de vingança. Independente de qual das narrativas era verdadeira, o compromisso de Adeodato com o que era justo ficou explícito, assim como o fato de que as tragédias da guerra não saíram da mente do antigo líder, mantendo-o como um defensor dos seus antigos companheiros.

Sua saga na prisão não chegou a durar tanto tempo quanto o imaginado, os 30 anos de condenação – motivo de cantoria – não se completaram. Na manhã do dia 03 de janeiro de 1923 foi morto em circunstâncias que os documentos oficiais indicam ser uma tentativa de fuga e uma execução com dois tiros de revólver que partiram do capitão Trogilio de Mello. Adeodato teria roubado um fuzil *Mauser* de um praça e seguido para fora do prédio da cadeia, buscando evadir-se do local. Ouvindo uma grande algazarra, o capitão Trogilio – que estava próximo ao local – viu o sertanejo tentando agredir outro capitão do Regimento de Segurança, e interferindo, também foi ameaçado por ele. Em um recuo de costas, Trogilio acabou caindo, e sentindo-se ameaçado por Adeodato, efetuou-lhe um disparo de revólver na perna. Segundo o capitão, em estado de fúria, o sentenciado avançou para feri-lo, momento em que Trogilio efetuou um segundo disparo, que se alojou no ventre do sentenciado. O fato curioso é que pelo menos cinco homens tentaram impedir sua fuga, e mesmo assim, foi julgado necessário o efetuo de disparos.

A análise de documentos pode esclarecer sobre a morte do último líder caboclo da Guerra do Contestado, cientes de que os documentos foram feitos por pessoas de um tempo, com paixões, interesses e situadas em entendimentos que sempre representam a “verdade” dos vencedores. A narrativa de Trogilio Mello fez parte de um inquérito que poderia tê-lo incriminado por execução. Contrária à imagem de Adeodato criada na cadeia de Lages, o conceito difundido na capital era de que o sujeito era uma fera em forma de gente. Logo, Trogilio firmou-se nessa imagem para narrar o ocorrido, dizendo estar enfrentando o maior criminoso daquele local, e que estava em estado de ferocidade.

O líder Adeodato, conhecido por alguns documentos oficiais e, principalmente pela imprensa do seu tempo, foi e continuará sendo o demônio em carne e osso. Observando com detalhes, Adeodato nada mais era que o oposto de todas as normas e projetos propostos pela

sociedade daquele período, um homem negro, analfabeto, pobre e morador do sertão, que durante uma guerra em busca do direito a terra e a livre fraternidade, se levantou como liderança. Fez parte dos elementos perniciosos que perturbaram a ordem e assim justificável a sua condenação e eliminação. Com a morte de Adeodato, símbolo da maldade dos caboclos, também desejaram matar os sonhos de fraternidade e convivência numa Cidade Santa.

Permanece, para muitos, a imagem demonizada de Adeodato e, por extensão, a todos os que conviveram nos redutos durante a Guerra do Contestado. Sobrou para os sertanejos a culpa pelo derramamento de sangue que ocorreu na Região do Contestado. João Maria, José Maria, Chico Alonso, Adeodato ou outro morador qualquer dos redutos foram responsabilizados pelo genocídio, condenados ao silêncio, papel reservado aos vencidos na história.

#### Para saber mais

- † Felipe, E. J. **O último jagunço: folclore na história da Guerra do Contestado**. Curitiba, SC: Universidade do Contestado, 1995.
- † Machado, P. P. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- † Valentini, D. J. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado**. 4ª ed. Chapecó, SC: Argos, 2016.
- † Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado, 1912-1916**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1981.

UNIDADE 4



**AS CHAMAS E AS CINZAS  
DAS CIDADES SANTAS**





## A chacina nas margens do Iguaçu

Viviani Poyer

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: História e Relações Internacionais, coronelismo, vaqueanos, Chacina do Iguaçu, Exército, imigração, comerciantes e judiciário.*

A chacina ocorrida no final do mês de novembro de 1914, às margens do rio Iguaçu, localizado entre os estados do Paraná e Santa Catarina, se deu no meio da Guerra do Contestado. O episódio ganhou destaque na imprensa nacional por envolver trabalhadores brasileiros e estrangeiros de diferentes nacionalidades, mortos por meio de degola, prática bastante comum durante esse conflito, por homens conhecidos como vaqueanos e que formavam as forças civis que combateram ao lado do Exército brasileiro. A questão também teve grande repercussão no meio político em nível estadual e nacional, envolvendo diretamente o Ministério da Guerra, Ministério das Relações Exteriores, legações diplomáticas e consulados italiano, português, espanhol e austríaco.

Durante o segundo semestre de 1914, tropas do exército comandadas pelo general Setembrino de Carvalho passaram a atuar em operações de guerra no Contestado, multiplicando o número de soldados na repressão ao movimento rebelde. Como medida adicional, a repressão às atividades comerciais dos rebeldes foi importante estratégia de cerco. Neste sentido, o Iguaçu tornou-se caminho de comércio de alimentos e outros produtos necessários à continuidade do movimento e à sobrevivência dos sertanejos envolvidos no conflito.

Segundo o próprio general, para fechar o cerco a esse suposto comércio restava somente fiscalizar com rigor a navegação pelo rio Iguaçu, onde se traficava sem receios com os “jagunços”, sendo que para impedir isso seria necessário empregar alguns vapores artilhados no policiamento daquele rio. Foi nesse contexto que o general pediu auxílio do ministro da Marinha e, encontrando dificuldades em obter

retorno positivo ao seu pedido urgente, tratou de contratar os serviços de um conhecido coronel da região.

Fabrcio Vieira, coronel da Guarda Nacional, e o seu grupo de vaqueanos foram chamados para patrulhar a margem direita do rio, pelo menos essa foi a justificativa utilizada por Setembrino. Em seu relat3rio disse ainda, que recorreu a ajuda do coronel devido 3s dificuldades encontradas e pelo fato dele ser um ex3mio conhecedor daquela regi3o, j3 que morava numa fazenda 3s margens do rio. Quando isso aconteceu, a imprensa, principalmente jornais paranaenses e da Capital Federal – Rio de Janeiro, alertavam para o risco de tornar a usufruir dos servi3os de figura t3o malvista no passado, na 3rea em conflito. E n3o levou muito tempo para acontecer algo que aumentaria ainda mais a m3 fama do coronel e de seus homens, levando pavor e inseguran3a para aquela regi3o t3o castigada pela viol3ncia da Guerra.

Foi na noite de 21 para 22 de novembro de 1914, quando o italiano chamado Jos3 Lyro Santi foi surpreendido por Isai3s Daniel, um dos homens de confian3a do coronel Fabrcio Vieira, que se deu in3cio a um verdadeiro massacre de trabalhadores nacionais e estrangeiros, e que ficou conhecido como Chacina do Iguaçu.

O italiano estava na casa de Rufino Teixeira conversando com Evaristo Felipe, comerciante portugu3s que havia levado porcos para negociar, quando foram apreendidos e sequestrados por uma escolta de 30 homens comandada por Isai3s Daniel, que os obrigaram a ir at3 um rancho pr3ximo 3 casa, onde encontravam-se outros 16 homens descansando ap3s o dia de trabalho na coleta de n3 de pinho, na lavoura e na cria3o de pequenos animais.

Ao chegar no dito rancho, os homens de Isai3s Daniel disseram que prenderiam a todos por ordem do coronel Fabrcio, que precisava ouvi-los para prestar explica33es. Todos se surpreenderam, alguns quiseram reagir, mas foram aconselhados a n3o temerem, pois n3o tinham motivos para isso, at3 porque o coronel Fabrcio e sua gente estavam “protegendo” a todos dos rebeldes que, porventura, pudessem atravessar o rio e atacar casas e lavouras. Os homens foram amarrados de dois em dois com uma corda pelo pesco3o, tendo a escolta saqueado o rancho e revistado o bolso de todos, roubaram tudo que podiam: mantimentos, dinheiro e roupas. Os homens foram levados at3 a beira do rio, num local que servia de embarque de passageiros, chamado Porto Marcolino e obrigados a embarcar na lancha que j3 3 aguardava a fim de ir rio abaixo at3 outra localidade chamada Porto dos Bugios,

onde encontrariam o afamado vaqueano Dente de Ouro. Esse, considerado braço direito do coronel Fabrício Vieira, os aguardava com mais um prisioneiro, o comerciante Joaquim Vicente. E assim se fez, todos embarcados na lancha seguiram cerca de três quilômetros acima e cruzando o rio para o lado esquerdo, região deflagrada pelo conflito armado, pararam atracando a embarcação em frente a um descampado na localidade de Jararaca, atual comunidade de Felipe Schmidt no município de Canoinhas, onde se deu a chacina.

O jornal *Commercio do Paraná* publicou uma nota em 10 de dezembro de 1914, em que afirmava que os “patriotas” do coronel Fabrício, para justificar o seu hediondo crime, inventaram uma má contada história a fim de justificar os seus atos, dizendo que os trabalhadores assassinados eram fornecedores de gêneros aos “fanáticos”. Outro jornal paranaense, *O Diário da Tarde*, dizia ainda que, por meio de uma carta recebida de União da Vitória e publicada no referido periódico, obtiveram informações de que os trabalhadores eram comerciantes que sofriam perseguição dos homens do coronel, além de terem a infelicidade de possuir algum dinheiro no momento da ação.

Vinte e dois dias após o crime, foi enviada uma equipe da delegacia de São Mateus no Paraná, para fazer a averiguação do fato e reconhecimento dos corpos. A 14 de dezembro de 1914, foi lavrado o laudo cadavérico em que os peritos documentaram o estado dos 17 corpos encontrados, bem como a localização exata. A identificação dos corpos não pode ser feita naquela ocasião, devido ao estado em que se encontravam.

Uma lista com 18 nomes foi publicada em 29 de janeiro de 1915, pelo jornal carioca *Gazeta de Notícias*. Provavelmente conseguiu-se chegar aos nomes devido a reclamação dos familiares, bem como dos diversos consulados que pediam explicações acerca da morte dos 12 estrangeiros que viviam em terras brasileiras. Segue a lista:

Rosalino Alves, lavrador (brasileiro); Alfredo Ferreira, pai-deiro (brasileiro); José Sartori, lavrador (italiano); José Lyrio Santi, empreiteiro (italiano); Antonio Preti, lavrador (italiano); Angelo Tress, lavrador (italiano); Valentim Fachim (ou Fachini), pedreiro (italiano); José Merkel, lavrador (alemão); João Merkel, lavrador (alemão); José Lichesky, lavrador (polaco); Adolpho Souza, lavrador (brasileiro); Domingos Moura, marceneiro (brasileiro); Horacio Felipe, lavrador (italiano); João Antônio, pedreiro (português); Celestino Januario, lavrador (brasileiro); Evaristo Miron,

canteiro (espanhol); Isolino Miron, canteiro (espanhol); Joaquim Vicente, negociante (brasileiro).

Na chacina foram vitimados 17 homens – e não 18, como divulgado pela imprensa –, mas a confirmação desse número só se tornou possível por meio do laudo cadavérico que registrou ter encontrado 17 crânios, informação reforçada a partir do cruzamento de outras fontes históricas como os anais da Câmara dos Deputados, nos quais estão registrados diversos discursos do deputado federal Mauricio de Lacerda sobre o episódio, bem como a partir das conversas e entrevistas realizadas com moradores da comunidade de Felipe Schmidt, entre elas pessoas que afirmam ter conhecido o sobrevivente da chacina. Um brasileiro que conseguiu se salvar ao se jogar no rio e atravessá-lo até a margem direita, quando pediu para tomar água como último desejo.

Como a maior parte dos homens eram imigrantes europeus, afirmavam ainda os periódicos que atos de selvageria e banditismo daquela natureza poderiam depor contra a nação inteira e ter “reflexo no estrangeiro”, uma vez que as vítimas eram quase todas “naturais de além-mar”, e que bem provavelmente essa questão traria problemas diplomáticos, além de grandes aborrecimentos. E realmente não tardou para os consulados começarem a se manifestar e pedirem explicações e providências do governo brasileiro.

O primeiro a se manifestar foi o consulado italiano. Enquanto corria um inquérito militar sobre o caso, em paralelo foi aberto um processo de sindicância pelo cônsul ordenado pelo ministro plenipotenciário italiano no Brasil que, por sua vez, agiu de acordo com instruções do ministro das Relações Exteriores – Lauro Muller. Esse, ao contatar o governador do estado do Paraná, Carlos Cavalcanti, procurou informar sobre a viagem do cônsul italiano a Porto União e também pediu ao governador que providenciasse local em que as famílias das vítimas pudessem ser recolhidas provisoriamente e que mais tarde elas tivessem um destino certo. Afirmava que este ato de humanidade contribuiria como atenuante à lamentável impressão dos fatos apontados, se fossem verdadeiros, haveriam de causar na laboriosa colônia italiana no Brasil. De fato, além do consulado, representantes da colônia italiana se reuniram em Curitiba numa sala do Jornal *Il Roma* para discutir e deliberar sobre as atitudes que deveriam ser tomadas em relação aos acontecimentos do Iguçu, que envolviam vários de seus compatriotas.

Em fevereiro de 1915 é apresentado ao ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, um relatório elaborado por Manoel Coelho

Rodrigues, a partir de informações extraídas dos dois inquéritos instaurados sobre o episódio. O autor narra como se deram os fatos e seu desfecho. Sobretudo, esse documento aponta que além de dívidas comerciais, a chacina provavelmente fora motivada por questões ligadas a disputa de terras, entre o coronel Fabrício Vieira e algumas das vítimas que eram moradores da região. O relatório também ratifica a parcialidade dos inquéritos e do processo como um todo, pois apesar de Fabrício Vieira ser o principal suspeito como mandante do crime, acabou atuando no caso como juiz e os seus homens, responsáveis pelas mortes, como testemunhas. Sobretudo o relator confirma que o episódio “foi evidente morticínio praticado por uma força armada contra homens desarmados”.

Após muitas negociações entre os representantes diplomáticos brasileiros e italianos, em 28 de abril de 1917 foi concedido como medida de compensação aos familiares dos seis italianos mortos na Chacina do Iguaçu, por meio de uma carta assinada por Lauro Müller, a quantia de 80 contos de réis, valor esse a ser pago em três parcelas: 30 contos em janeiro de 1918, mais 30 contos em janeiro de 1919 e os 20 contos restantes em janeiro de 1920.

Logo em seguida a manifestação deste Consulado, a colônia espanhola nos mesmos moldes da italiana, realizou reuniões, publicou chamados nos periódicos e estabeleceu uma comissão para levar adiante seus protestos e cobrar do Consulado espanhol ações em relação a dois irmãos mortos na chacina. Por meio de uma série de correspondências trocadas entre o Consulado da Espanha e o Ministério das Relações Exteriores, foi possível perceber a pressão feita por aquele país sobre o caso, em que cobravam além de um posicionamento, providências do governo brasileiro, em relação a morte de Evaristo e Isolino Miron. O cônsul espanhol por repetidas vezes encaminhou telegramas e cartas contendo anexos e memorandos, exigindo que os culpados pelo crime fossem condenados, e que o governo brasileiro pagasse uma indenização como forma de reparação aos familiares das vítimas espanholas. Depois de três longos anos de muita negociação, o governo brasileiro resolveu pagar em 07 de março de 1918, o valor de dez mil pesetas aos pais dos dois espanhóis.

Um pouco tardiamente, o Consulado da Áustria-Hungria, também se manifestou junto ao governo do estado do Paraná, em abril de 1915, sobre a morte de um súdito austríaco no episódio. Provavelmente o consulado tenha se manifestado somente após cinco meses do acontecido, por diversos motivos, entre eles questões ligadas a demora desde

a constatação da chacina, identificação dos cadáveres e andamento dos respectivos processos na justiça comum e militar. Ao que tudo indica, o caso não teve um desfecho tão profícuo para os familiares da vítima quanto o dos irmãos espanhóis Miron Vasquez e dos italianos. O mesmo aconteceu em relação às ações do Consulado português, que se manifestou por meio de telegramas, notas e memorandos, remetidos nesse caso, diretamente ao Ministério das Relações Exteriores. Diversas foram as correspondências trocadas, pedindo reparação aos familiares da vítima fatal e de Evaristo Felipe que teve seus bens esbulhados, mas o governo brasileiro também não atendeu aos pedidos dos representantes desse país.

O deputado federal fluminense Mauricio de Lacerda, a partir de maio 1916, proferiu discursos exigindo respostas formais do Ministério da Guerra, e mais especificamente do general Setembrino de Carvalho, sobre aspectos mal resolvidos, durante a última campanha do Exército no Contestado. Seu alvo direto era o coronel Fabrício Vieira e seus homens, que continuavam sob domínio de grande quantidade de armas fornecidas pelo Exército. Cerca de 150 fuzis *Mauser*, mesmo após a retirada das tropas federais da região do Contestado, permaneciam sob o poder dos vaqueanos. Dizia ele que, preocupados o governo e os representantes do legislativo com a Grande Guerra na Europa e com as barbáries cometidas por lá, esqueceram todos de olhar para as atrocidades que aconteciam aqui, em território nacional, e que os atos cometidos entre a Estrada de Ferro São Francisco e o rio Iguaçu foram, de certa forma, ocultados ou negligenciados pelas forças militares e, por fim, mandados atestar por delegados da região.

O deputado Lacerda afirmava ainda que, por meio de instruções governamentais, foram feitos arranjos no inquérito com o objetivo de o governo federal não pagar à família do italiano José Lyro Santi a indenização estipulada em cem contos de réis, reclamada pelo Consulado. A vítima ainda fora acusada por Fabrício Vieira de contrabandista de sal, acusação essa documentada pelo Intendente de Barra Feia chamado Martins, que vendia sal a Santi e forneceu uma espécie de nota/atestado a pedido do próprio coronel Fabrício, com a intenção de dar origem a diligência e a acusação de prática de contrabando. Outros casos foram levantados nos seus diversos discursos, em que procurava denunciar as atrocidades cometidas por aqueles homens, bem como a ingerência do Exército sobre as forças civis na região do conflito.

Cabe lembrar que, independentemente do que esses 17 homens faziam às margens do Iguaçu, a forma como se deu a sua captura e a

“pena” imposta pela horda dos “fabricianos” tratou-se de uma ação criminosa que o Exército tentou de diversas formas encobrir, sem condenar os responsáveis. O estudo acerca do massacre do Iguaçu pode ser tomado como uma prova de que o Exército brasileiro não havia se modernizado e profissionalizado. Ao contrário do que pregavam os oficiais do exército, a partir de uma maior profissionalização militar, buscando se distanciar de intrigas políticas locais, o comando superior do Exército brasileiro na Guerra do Contestado parecia retroalimentar o poderio local de coronéis da região, ao fazer vistas grossas aos atos de banditismo praticados por aqueles.

Esse é apenas um dos diversos casos de violência praticados às margens do rio Iguaçu durante a Guerra do Contestado. Muitos outros episódios aconteceram naquela região, marcada historicamente por disputas entre coronéis que geralmente matavam objetivando o saque, mas principalmente a espoliação de empreiteiros e trabalhadores da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, de colonos bem-sucedidos e/ou de comerciantes locais, casos de violência praticados contra caboclos, pobres moradores da região e pequenos proprietários de origem nacional. Esse caso só foi descoberto pelo fato da maioria das vítimas serem imigrantes, pois muitos desses tendem a se tornar invisíveis à história, principalmente pela falta de fontes que possam nos ajudar a dar a necessária visibilidade aos mesmos e desvelar outras nuances dessa batalha travada ao longo de quatro anos às margens do Iguaçu.

### Para saber mais

- † Peixoto, D. **A Campanha do Contestado**. 2ª ed. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. 3 V. (Coleção Farol do Saber)
- † Poyer, V. **Fronteiras de uma Guerra: imigração, diplomacia e política internacional em meio ao movimento social do Contestado 1907-1918**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- † Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1981.
- † Rodrigues, R. R. **Veredas de um grande sertão: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro**. Tese (Doutorado em História Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

## As fotografias de Claro Jansson

Rafael Ginane Bezerra

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: vida de Claro Jansson, história da fotografia, complexo industrial da Lumber and Colonization Company, fotografia de guerra.*



Figura 1: Claro Jansson e sua esposa, Eleonora, na época da Guerra do Contestado. Acervo: Paulo Jansson Moretti.



Há quem acredite que a fotografia possibilita um encontro imediato com o passado e por isso a trata, ingenuamente, como documento realista, capaz de mostrar com fidelidade aquilo que aconteceu. Considerando-se especificamente a fotografia de guerra, esse efeito de realidade tende a adquirir um caráter ainda mais poderoso. Afinal, graças ao documento fotográfico, não raro em preto e branco, produz-se o convencimento de que episódios de violência incomum ocorreram de fato.

Observando esse pressuposto, sugiro que pensemos em algumas fotografias genericamente associadas à Guerra do Contestado.

Muitas dessas fotografias foram feitas por um fotógrafo chamado Claro Jansson. Nascido na Suécia, ele chegou ao Brasil em 1891, migrando ao lado da família, quando tinha 14 anos. Tendo transitado pelo caminho dos tropeiros, entre o estado de São Paulo e a província argentina de Misiones, ele tinha familiaridade com a região que foi palco do conflito. Graças a essa familiaridade, suas fotografias registram, entre outros temas, ramais da Ferrovia São Paulo-Rio Grande, instalações da *Lumber*, efetivos militares, grupos de vaqueanos e caboclos. No entanto, a guerra, no sentido de flagrantes do conflito ou dos escombros que este produz, não aparece.

Assim, se a fotografia é tratada como documento realista e se as fotografias do Contestado não mostram o conflito em si, que lógica cultural operou, ao longo do tempo, para que se produzisse o hábito de encontrar nelas o fenômeno da guerra?

Uma fotografia em especial ilustra essa questão com propriedade. Possivelmente, trata-se da imagem icônica do episódio. Nela, em frente a uma parede de tábuas de madeira convertida em estúdio improvisado, num piso de chão batido, um grupo de 16 homens faz pose – todos de chapéu, 14 deles armados, enquanto os dois restantes, no canto superior direito do enquadramento, tocam gaita e violão. Trata-se de uma encenação combinada com o fotógrafo. Apesar disso, em diferentes publicações que abordam o episódio, essa fotografia aparece com legendas díspares como: “caboclos prontos para a luta” ou “fanáticos armados para o combate”.

Entre 2006 e 2009, visitei o acervo que a família de Claro Jansson mantinha na cidade paulista de Itararé. Nele, encontrei um registro do próprio fotógrafo informando que a fotografia em questão retrata um grupo de vaqueanos. Paisanos que auxiliavam as tropas oficiais sob a liderança de um coronel local, os vaqueanos deram combate aos “caboc-

clos” – ou rebeldes tratados como “fanáticos”. Portanto, temos o caso de um documento realista que, em função de legendas inapropriadas, sugere o oposto do que foi originalmente registrado.

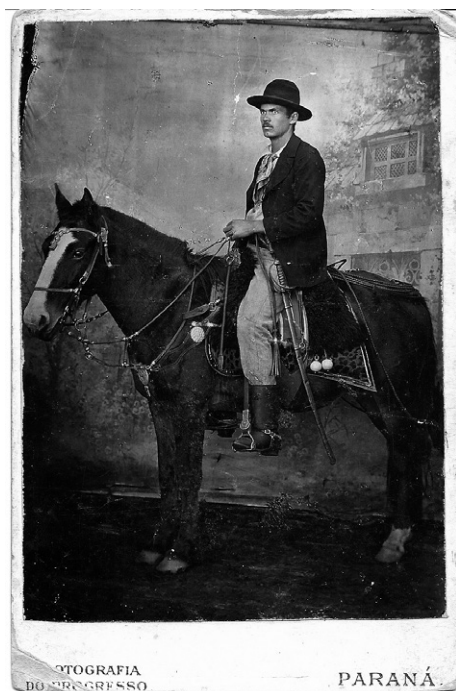
Partindo desse exemplo, com o propósito de analisar a documentação fotográfica sobre a Guerra do Contestado – mais especificamente, fotografias de Claro Jansson sobre o episódio –, proponho que se relacione a trajetória desse fotógrafo com a documentação visual que elaborou. Com esse procedimento, espero demonstrar que suas fotografias, ao contrário de documentos oficiais, com aura de objetividade, guardam uma perspectiva eminentemente subjetiva a respeito do que aconteceu. Ou seja, mais do que um encontro direto com o passado, elas nos oferecem um ponto de vista que converte o passado em narrativa visual.

Apesar da importância da documentação que Claro Jansson produziu – além das imagens sobre o Contestado, o seu acervo reúne registros sobre episódios decisivos para a história brasileira da primeira metade do século XX, tais como a Revolução de 1930 e a Revolta Constitucionalista de 1932 –, sua trajetória não chegou a ser pesquisada como a de outros fotógrafos do mesmo período. Por isso, muitas vezes, os textos que divulgaram o seu trabalho seguiram a tendência comum de enfatizar aspectos caricatos ou aparentemente surpreendentes de sua vida.

Assim, por ter vivido em vários lugares ao longo da região interligada pelo caminho dos tropeiros, ele foi considerado um fotógrafo viajante, a exemplo dos viajantes europeus que percorriam o sertão brasileiro com o propósito de documentá-lo. Da mesma maneira, pela riqueza do seu trabalho documental, foi tratado como um dos pioneiros do fotojornalismo no Brasil. Por fim, dada a associação romântica que se estabelece entre viagem e prática fotográfica, também foi apresentado como um aventureiro que se deslocava em busca de temas a serem esteticamente explorados.

Além do acesso ao seu acervo, também tive contato com parte da correspondência que ele manteve com uma irmã que havia permanecido na Suécia. Cobrindo um período de pouco mais de meio século, entre 1892 e 1953, essa atividade epistolar possibilita a montagem de um panorama da vida do fotógrafo. Nele, dificilmente encontramos as figuras do viajante, do fotojornalista pioneiro ou do artista aventureiro.

Suas primeiras cartas descrevem a trajetória de um europeu que, tendo fugido à crise que se impôs com o avanço da Revolução Indus-



Claro Jansson em seus primeiros anos no Brasil. Acervo: Paulo Jansson Moretti

trial, possuía um pouco de qualificação – como o pai, ele era oleiro de profissão – e julgava encontrar no Brasil, país que recém havia abolido a escravidão, o espaço para, com tranquilidade, ganhar a vida através do próprio trabalho. Foi assim, por exemplo, que viajando na companhia de tropeiros, ele chegou à cidade da Lapa, nos campos gerais, leste do estado do Paraná, em 1892, e encontrou colocação como criado na casa de David dos Santos Pacheco, o Barão dos Campos Gerais.

Nessa mesma cidade, tendo presenciado o Cerco da Lapa, em 1894, um capítulo da Revolução Federalista (1893-1895), e tendo sido requisitado para integrar as forças legalistas, ele descobriu que o anseio de ganhar a vida através do próprio trabalho seria constantemente acompanhado por episódios de violência, fosse em função do cotidiano, fosse em função da vida política do país. Para ele, intrigava o fato de que, mesmo trabalhando ou festejando, as pessoas brigavam por qualquer motivo. Além disso, ele acreditava que, no Brasil, uma insurreição sempre pairava no horizonte.

De posse dessa convicção, por volta de 1895, ele estreitou contato com um tropeiro chamado Joaquim dos Santos Mattozo, maragato que havia permanecido na região que correspondia à cidade de Porto União da Vitória, e com ele fez sociedade em empreendimentos relacionados à economia biriva – madeira, tropas e erva-mate. No entanto, o aspecto incerto e arriscado dessa atividade o desagradava. Dessa maneira, mesmo tendo contraído bodas com a filha desse tropeiro, Benedita dos Santos Mattozo, em 1897, progressivamente eles foram se distanciando, até que Claro Jansson foi se estabelecer em Misiones, Argentina, onde se envolveu com a exploração da erva-mate.

Nesse local, por volta de 1906 e de maneira autodidata, ele começou a fotografar. Nada indica que a atividade fotográfica, naquele momento, tivesse o propósito de trabalho ou de profissão. Ao contrário, seus relatos permitem entrever, sobretudo, o interesse em documentar o próprio cotidiano, principalmente a sua rotina profissional. Desse período, sobressaem as fotografias que documentam detalhadamente todas as etapas envolvidas no processo de extração, beneficiamento, transporte e distribuição da erva-mate.

Possivelmente, por ter se especializado nesse tipo de trabalho, por volta de 1910, ele passou a trabalhar para a *Brazil Railway Company* documentando os seus empreendimentos. Foi em função desse trabalho que ele regressou ao Brasil e, estabelecendo-se primeiro em Porto União da Vitória e depois em Três Barras, passou a documentar também as operações da *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*. Ou seja, o seu regresso ocorreu justamente quando uma empresa estrangeira ingressou numa região atravessada por disputas lindeiras com o propósito de desenvolver projetos de infraestrutura, exploração de matéria-prima e assentamento de colonos.

Para além das empresas citadas, é conveniente observar que, por experimentar um vigoroso processo de transformação social, a região do Contestado oferecia, naquele momento, abundante demanda para os serviços de um fotógrafo. Por esse motivo, Claro Jansson pode estabelecer uma trajetória pouco comum em relação aos fotógrafos que atuavam no Brasil durante a primeira década do Século XX.

Geralmente, os fotógrafos estabeleciam os seus estúdios em grandes centros, onde encontravam clientela e oportunidade para pleitear o acompanhamento de projetos capitaneados pelo Estado. Os que se arriscavam pelo país eram obrigados a manter uma rotina itinerante, circulando por vilas e povoados para garantir a subsistência. Claro

Jansson, por sua vez, fixou-se de maneira duradoura no interior, o que lhe valeu uma relação de familiaridade com personagens e episódios que documentou. A esse respeito, portanto, um dado de sua trajetória é decisivo para pensar suas fotografias sobre a Guerra do Contestado: ele trabalhava para a empresa que, segundo consenso historiográfico, foi responsável direta pelo desencadeamento do conflito.

Outro dado relevante de sua trajetória diz respeito aos recursos que ele dispunha para fazer suas fotografias circularem. Por estar distante dos grandes centros e porque os periódicos, por questões técnicas, possibilitavam um uso restrito da imagem fotográfica, Claro Jansson comercializava álbuns organizados em função de lugares e temas. Neles, as fotografias eram arranjadas em sequência e legendadas. Dessa maneira, terminavam por compor uma narrativa. Contavam uma história.

O conteúdo desses álbuns evidencia que as fotografias reunidas sob o rótulo “Guerra do Contestado” foram elaboradas em três momentos distintos, obedecendo a demandas específicas. Elas conformam conjuntos narrativos que, embora admitam aproximação, guardam autonomia. O primeiro, datado de 1912, diz respeito ao envio de tropas pelo governo paranaense para dar combate aos sertanejos de José Maria nos Campos de Irani. O segundo, elaborado entre 1913 e 1914, está contido numa coleção mais ampla de imagens sobre o funcionamento da *Lumber*. O terceiro, finalmente, foi elaborado na transição de 1914 para 1915 por ocasião da chegada do general Setembrino de Carvalho à região.

Quais seriam as narrativas contidas nesses três conjuntos? Ou ainda, que histórias eles nos contam?

No primeiro, as fotografias de Claro Jansson acompanharam o discurso oficial produzido à época na capital paranaense. Dada a disputa lindeira com Santa Catarina, interpretava-se o agrupamento ao redor de José Maria como uma estratégia oportunista dos catarinenses para fazer valer uma decisão judicial. Julgava-se necessário demonstrar força e, para tanto, sob a aura do herói, foi enviado ao local o coronel João Gualberto. A sua passagem por Porto União da Vitória foi tratada como épica militar. Posteriormente, o seu retorno à Curitiba, morto, representou o enterro retumbante das pretensões paranaenses.

A esse respeito, emblematicamente, a narrativa visual de Claro Jansson inicia com a contraposição de um retrato laudatório de João Gualberto e de uma fotografia borrada de José Maria – ao lado de

três moças vestidas de branco; supostamente, “as virgens”. O fato de que essas fotografias foram reproduzidas a partir de imagens obtidas através de outras fontes, reforça o sentido que o fotógrafo atribuía ao episódio: havia um embate entre forças que representavam ordem e desordem e essas forças eram personificadas através de personagens conhecidos. Em seguida, a narrativa prossegue com registros de uma parada militar, nos quais sobressaem tropas marchando, pelotão composto por banda e João Gualberto a cavalo com sua espada desembainhada – representação icônica da figura do herói. Finalmente, a sequência encerra com o esquife de João Gualberto no vagão de trem que levaria seu corpo de volta para Curitiba. Como se nota, portanto, há uma correlação perfeita entre o que foi o discurso oficial paranaense e a narrativa visual produzida por Claro Jansson.

Em relação ao segundo conjunto narrativo, um argumento semelhante pode ser mantido: as imagens registram um empreendimento moderno caracterizado pela aplicação da tecnologia à exploração da natureza e à organização do trabalho; o complexo industrial da *Lumber* é documentado através de elementos que ressaltam ordem, eficiência e escala monumental; além disso, as imagens adotam uma estética que confere estatuto artístico à indústria; finalmente, a representação de um mundo em transformação é confrontada com o fantasma da desordem.

A esse respeito, é conveniente ressaltar duas recorrências. A primeira é que Claro Jansson retrata a força de segurança da *Lumber* em homologia com os trabalhadores da serraria. Como estes, formados por perfil étnico variado, os jagunços estão sempre em formação, disciplinados e exibindo o seu “instrumento de trabalho” – no caso, as armas. A função narrativa dessa homologia é evidente: ressalta que a *Lumber* dispunha de meios para moldar o espaço sob seu controle através do trabalho ou da força, sendo que, em ambos os casos, os elementos associados à empresa sintetizam a imagem da ordem. A segunda é que Claro Jansson privilegiou imagens encenadas para retratar a força de segurança em prontidão para um combate iminente. Ocupando posição atrás de dormentes, os jagunços apontam suas armas ao horizonte, mirando um inimigo invisível, apenas sugerido. Nesse caso, a narrativa visual produzida pelo fotógrafo, mobilizando um sentido associado ao perigo, à ameaça e à agressão, segue o discurso oficial da empresa, sugerindo que o empreendimento instalado para trazer modernidade enfrentava resistência e necessitava de proteção.

Garantia última da associação entre ordem e progresso, essa proteção

encontrou representação definitiva no terceiro conjunto narrativo realizado por Claro Jansson. Nele, fotografias e discurso elaborado pelo Exército, sob o comando do general Setembrino de Carvalho, convergem.

Sabe-se que era do interesse de Setembrino de Carvalho aproveitar a campanha do Contestado para fortalecer o movimento em defesa da modernização do Exército. Além disso, a instituição castrense vinha de episódios nos quais sua participação havia sucumbido a severas críticas – sucessivos fracassos na campanha de Canudos (1897-1898), violência desmedida na repressão à Revolta da Vacina (1904) e a atuação questionável no movimento liderado pelo Padre Cícero no Ceará (1914). Por isso, Setembrino de Carvalho providenciou para que notícias e imagens relacionadas à guerra passassem pelo crivo da instituição. Durante o conflito, inclusive, ele fez as fotografias chegarem à capital da República, com o propósito de respaldar a sua atuação. E, uma vez encerrado o conflito, ele redigiu um relatório ao ministro da Guerra ilustrando-o com fotografias que pretendiam endossar o seu relato.

Cumpra salientar que parte das fotografias constantes do relatório é de autoria de Claro Jansson. Não causa estranhamento, portanto, que à afirmação de que as tropas estavam bem estabelecidas correspondam panorâmicas com o acampamento dos efetivos militares; ou ainda que à afirmação de que os soldados estavam devidamente equipados correspondam fotografias de pelotões uniformizados, armados e acompanhados por linhas de abastecimento. Era do interesse do Exército divulgar a narrativa de que o elemento militar era capaz de mobilizar os recursos necessários à consecução de sua tarefa e as fotografias de Claro Jansson – ao lado das fotografias elaboradas por outros fotógrafos – contribuíram para que essa narrativa tivesse uma contraprova visual.

Desse terceiro conjunto narrativo, no entanto, para além da correspondência das fotografias com o discurso do Exército, é oportuno atentar para uma extensa sequência que registra um episódio de rendição. Esse episódio é referido no singular porque tem como personagem de destaque Henrique Wolland, o Alemãozinho. Sabe-se que, uma vez sufocada a atuação rebelde, ele teria sido o primeiro a se socorrer da possibilidade de rendição e posterior colaboração com as forças da ordem. Curiosamente, nas fotografias que Claro Jansson vinculou à “Guerra do Contestado”, Alemãozinho é o personagem que aparece com maior recorrência: ele aparece sozinho, de braços cruzados, chapéu de lado e cigarro no canto da boca, num enquadra-

mento de baixo para cima que lhe confere pose de herói; aparece ao lado do tenente Castelo Branco que lhe interpela como a um igual; e, acima de tudo, ele aparece como uma espécie de apresentador do evento no qual as forças da ordem receberam com churrasco os rebeldes rendidos.

Simulacro de rendição, essas fotografias também representam o simulacro de encerramento do conflito propriamente dito, visto que toda narrativa necessita estabelecer um fim. Se a narrativa visual elaborada por Claro Jansson iniciou com a personificação do conflito através de um herói e de um vilão – João Gualberto e José Maria –, nada mais sugestivo do que encerrá-la com a conversão dos personagens ao reino da ordem – daí a importância da personificação através da figura de Alemãozinho, vilão convertido em herói.

Delimitando um sentido geral, essa narrativa situa a *Lumber* como agente de progresso e o Exército – bem como as demais forças que concorreram em seu auxílio – como agente que mobilizou legitimamente a violência. Finalmente, considerando-se que essa narrativa teve como pano de fundo a consolidação de uma República que abraçou a divisa “ordem e progresso”, não seria exagero sugerir que as fotografias de Claro Jansson sobre o Contestado observaram conformidade inquestionável com a imagem oficial que se pretendia para o país. E, por isso, não deixa de ser oportuno repetir: ao contrário do passado em si, elas o convertem em expressão subjetiva que se manifesta como narrativa visual.

### Para saber mais

- † Bezerra, R. G. **Guardados de um artesão de imagens: estudo da trajetória de Claro Jansson e de suas crônicas visuais durante as primeiras décadas do Século XX**. Tese (Doutorado em Sociologia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.
- † Carvalho, F. S. **Relatório apresentado ao General de divisão José Caetano de Faria, Ministro da Guerra**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 2016.
- † D’Alessio, V. **Claro Jansson: o fotógrafo viajante**. São Paulo: Dialetto, 2003.
- † Sallas, A. L. F.; Bezerra, R. G. “Da trajetória de um fotógrafo e da legibilidade da fotografia: esboço sobre o trabalho de Claro Jansson” **Discursos Fotográficos**, Londrina/PR, v. 4, n. 5, p. 59-80, 2008.



## Fabrício Vieira: o vaqueano de muitas guerras

Cristina Dallanora

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: coronelismo, Questões de limite entre Paraná e Santa Catarina, política e revoltas na Primeira República.*

**M**anoel Fabrício Vieira é um dos personagens mais controversos do Contestado. Foi colaborador do exército, acusado de grilagem de terras, de degola de rebeldes, de emissão de notas falsas. No entanto, sua trajetória antecede e atravessa o Contestado, pois, além desse movimento, participou de importantes acontecimentos históricos como da Revolução Federalista, dos levantes em prol do Estado das Missões, da Revolução de 1923, no Rio Grande do Sul, e do movimento Tenentista. Prestou serviço como vaqueano a quem podia pagar e manteve uma tropa de mercenários-milicianos disponível para lideranças políticas.

Fabrício Vieira nasceu em Vacaria, no Rio Grande do Sul, em 08 de outubro de 1865. Era filho do fazendeiro Isaac Ignácio Vieira e de uma criada chamada Hortência Marques de Lima, sendo reconhecido pelo pai quando criança. Foi casado com Ana Maria Vieira e juntos tiveram três filhos, Miriam, Potiguara e Eurides Fabrício Vieira. Posteriormente casou-se com Brandina Oliveira e tiveram os filhos Maurílio, Luiz, José, Aury, Maria, Fabricio e Selerina. Quando estava viúvo, casou-se com Marta Salmória Pereira, esposa que permaneceu até o fim da vida e tiveram oito filhos: Sebastiana, Maria, Diva, Napoleão, Garibaldino, Bolivar, Anita e Juvencia Lisete Vieira.

A sua participação em conflitos armados é ampla e o acompanhou durante boa parte da sua trajetória de vida. A primeira notícia que temos do seu envolvimento em conflitos armados, foi por volta dos seus 28 anos, quando lutou na Revolução Federalista (1893-1895) ao lado

das forças governistas, sob o comando do senador José Gomes Pinheiro Machado. A partir daí ganhou reconhecimento, sendo nomeado em 1902, coronel da Guarda Nacional pelo presidente Campos Salles e considerado coronel honorário da Revolução de 1893. Após a Revolução, voltou para sua cidade natal e cuidou da fazenda do pai, morando com a madrasta e as irmãs, período no qual esteve à frente da delegacia de Polícia de Vacaria.

Em 1897, participou da repressão governista que pôs fim ao movimento do Canudinho de Lages, no povoado de Entre Rios, no planalto catarinense, que abrigava entre sua população sertaneja, devotos do monge João Maria e lideranças federalistas. Por volta de 1904, migrou para Frontin, sul do Paraná, na margem direita do Rio Iguaçu, onde se apropriou das terras da fazenda Chapéu de Sol, que pertencia a família do político rio-grandense Pinheiro Machado.

Seu neto, Nelson Ubaldo, conta que o motivo que levou Fabrício Vieira a sair do Rio Grande do Sul foi um duelo travado entre ele o filho de um importante fazendeiro da região que teria assediado sua irmã mais nova, Francelina. Nelson Ubaldo recorda que seu avô era conhecido como “exímio esgrimista”, pois já estava acostumado a lutar com armas brancas e de fogo, venceu o duelo e matou o homem. Sob perseguição e ameaças de vingança, migrou para as margens do Iguaçu juntamente com a sua família e alguns agregados, onde passou a viver da extração da madeira e da erva-mate.

Fabrício Vieira tinha muitos homens consigo, capangas que eram serviçais, antigos soldados da revolução de 1893, que foram desligados das forças e ficaram sem emprego. Na fazenda Chapéu de Sol, tornaram-se tarefeiros na exploração da erva-mate e forneciam lenha para as locomotivas da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e para os vapores que cruzavam o Iguaçu. Os familiares dos seus empregados, especialmente as meninas, ajudavam nos afazeres domésticos da casa da fazenda, também chamada de “casa grande”, onde tinham um professor particular que as ensinava a ler. Essas meninas costumavam chamá-lo de pai, na época, considerada uma forma de tratamento doméstico arraigada na herança patriarcal.

Durante a Guerra do Contestado (1912-1916), Fabrício Vieira serviu às forças do exército arregimentando muitos vaqueanos. Um oficial do exército que atuou no Contestado, Demerval Peixoto, registrou em seu livro que Fabrício Vieira contava “com sua gente sempre obediente ao mais breve sinal” e colocava-os “em diversas expedições, ao serviço da

legalidade, muito bem remunerada, é verdade, por habilidade inconfessável, talvez, dos chefes expedicionários”.

Na Guerra do Contestado, o grupo de vaqueanos de Fabrício Vieira, também chamados de Fabricianos, participou das expedições contra Taquaruçu, contra Caraguatá, da campanha do general Mesquita e da campanha do general Setembrino de Carvalho. As diárias dos vaqueanos foram pagas pelo exército, o que ajudou os coronéis do planalto na manutenção e crescimento de suas milícias. Em 1914, ainda durante o conflito sertanejo, Vieira foi identificado como mandante dos vaqueanos que degolaram 17 imigrantes às margens do Rio Iguaçu, denominada Chacina do Iguaçu.

A participação dos vaqueanos foi fundamental para pôr fim ao conflito sertanejo pelo fato desses civis conhecerem melhor a região que os soldados provenientes de outros estados. Por isso, o Exército necessitava da ação dos vaqueanos na guerra e continuou a empregar os seus serviços durante a década de 1920 contra os tenentes rebelados e até a Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder. Assim, chefes civis locais tiveram um raio de ação grande no território, contando muitas vezes com recursos federais.

Isso criou condições para a continuidade de atuação destes bandos armados após a Guerra do Contestado, nos levantes emancipacionistas em torno da disputa de limites entre Paraná e Santa Catarina. Antes do Acordo de Limites de 1916, paranaenses da região sul e sudoeste do planalto, principalmente políticos e coronéis de Palmas, União da Vitória e Rio Negro, passaram a reivindicar a criação de um novo estado no Contestado, denominado Estado das Missões. Em 1910, Fabrício Vieira fez parte da criação da Junta Governativa do Estado das Missões, junto a outros políticos locais como José Cleto da Silva e Affonso Camargo.

O Acordo de Limites de 1916 não resolveu as disputas na região por parte de antigos fazendeiros paranaenses que habitavam o território contestado, sendo que outros dois levantes ocorreram – em 1917 e 1922 –, nos municípios de União da Vitória e Porto União. O levante de 1917 foi articulado por lideranças políticas, reiterando a emancipação do ex-Contestado por meio do Estado das Missões. Nesse conflito, Fabrício Vieira foi apontado pelo chefe de polícia do Paraná como um dos principais suspeitos, devido a participação direta do seu filho, Maurílio Vieira. Contudo, provavelmente, o coronel que havia sido braço direito do general Setembrino na Campanha do Contestado, não enfrentaria tão precocemente as forças das quais menos de um ano

antes fizera parte. A despeito dos registros policiais, seu neto acredita que naquele momento Fabrício buscava outras formas de proteger-se e continuar a usufruir da fazenda Chapéu de Sol, pelo lado do Paraná e, no município catarinense de Canoinhas, onde tinha rendimentos com a erva-mate e era adjunto do promotor, o que garantia algumas conexões políticas.

Fabrício Vieira foi associado a outras disputas de terras além de levantes políticos. Foi acusado de espoliar os moradores das localidades próximas às margens do rio Iguaçu, vendendo terras à prestação e, quando elas já estavam quase pagas, expulsava-os e as tomava de volta para revendê-las novamente. O capitão do Exército João Teixeira de Matos Costa, militar que atuou no conflito do Contestado, alegou que Fabrício Vieira junto com o fazendeiro paranaense Arthur de Paula se apropriavam das terras dos sertanejos para vendê-las posteriormente à *Brazil Railway Company*, empresa subsidiária da Companhia da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.

Em abril de 1922, Fabrício foi envolvido em mais um levante. Neste, houve a participação direta de seus filhos, Luiz e Maurilio Vieira, ligados ao comitê Nilo Peçanha, oposição ao governo de Artur Bernardes. Deflagrado na fronteira entre União da Vitória (PR) e Porto União (SC), esse movimento unia a insatisfação tenentista com o governo da República ao anseio local pela emancipação do ex-Contestado, liderado pelo capitão reformado Antônio Bastos de Paes Leme. O levante terminou em negociação entre o comandante da polícia catarinense, chefes locais e autoridades ligadas à criação do Estado das Missões. Muitos dos envolvidos direta ou indiretamente participaram dos conflitos seguintes, como a Revolução de 1923 e o Levante de 1924.

Fabrício Vieira tinha longa atuação ao lado das forças governistas desde a Revolução Federalista. Porém, em 1922 aproximou-se dos oposicionistas e serviu, a partir de 1923, ao lado de antigos maragatos federalistas enfrentando a retaliação dos chefes republicanos-situacionistas no ex-Contestado. Na Revolução de 1923, uma guerra civil rio-grandense que retomou a luta entre Chimangos e Maragatos, foi convocado pelo general Felipe Portinho que lhe dera a missão de tomar a cidade de Bom Jesus, no planalto nordeste do Rio Grande do Sul. Mesmo acusado de oposicionista bandoleiro, Fabrício conseguiu concentrar suas forças na fronteira com o Rio Grande do Sul, sem que houvesse retaliação por parte das forças catarinenses, o que demonstra um abrandamento por parte desse governo.

As notícias sobre os confrontos que envolveram a participação das forças de Fabrício Vieira perduraram além do fim da Revolução de 1923. Seu nome foi inscrito em monumento no lugar do Combate de Quatro Irmãos (RS), marcando sua representatividade ao lado dos chefes revolucionários de 1923. Para combater a imprensa governnista que ressaltava os aliados do governo de Borges de Medeiros, foi publicado o Álbum dos Bandoleiros que visibiliza ainda mais a sua participação ao lado dos revoltosos. Com o lema “Bandoleiros! uni-vos para salvar, nas urnas, o Rio Grande do Sul”, essa publicação enquadrava a memória sobre o conflito registrando a versão de um dos lados envolvidos, dos rebeldes-libertadores. Entre os rebeldes que figuram no álbum constam Fabrício Vieira e seu filho Luiz Fabrício, enquadrados juntos a outros chefes civis-militares. Dessa forma, o Álbum foi uma resposta frente aos ataques dos adversários situacionistas que visava contribuir na construção de um imaginário político sobre os chamados “bandoleiros”, a guerra civil de 1923 e os grupos opositoristas como um todo unificado.



Figura 1. Fabrício Vieira no panteão dos “bandoleiros”. Fonte: Revista Kodak (org.) *Álbum dos bandoleiros: Revolução Sul Rio-Grandense - 1923*. Porto Alegre: Barreto & Araújo, 1924. p. 8. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Nesse quadro, a fotografia de Fabrício Vieira aparece no canto esquerdo, na primeira fotografia de baixo para cima. Acima dele, consta o comandante das forças que serviu, Felipe Portinho. Assim como o pai,

os filhos Maurílio e Luiz Fabrício Vieira se envolveram nos conflitos armados do seu tempo. A atuação de Fabrício Vieira, no entanto, não deve ser confundida com a de seus filhos. Entre 1924 e 1927, a atuação de pai e filhos mostram-se mais distantes e em diferentes esferas.

No início de 1924, formaram-se inúmeros batalhões patrióticos no país para combater os revoltosos tenentes que, a partir dos levantes de São Paulo e Santo Ângelo, insuflavam-se contra o governo de Artur Bernardes. As autoridades catarinenses apoiavam a situação política vigente. Inicialmente, Fabrício Vieira tentara apoiar os governistas, formando um núcleo de voluntários para compor um batalhão patriótico e agir no ex-Contestado. Alegando a falta de garantia por parte das autoridades locais em conseguir abastecimento para sua tropa como gado, animais cavalares e dinheiro, Vieira aproximou-se dos oposicionistas.

Entre os anos 1925 e 1926, Fabrício manteve contato com Lourenço Lima, secretário da Coluna Prestes e o antigo chefe maragato e comandante da Coluna que levava seu nome, Leonel Rocha. Recebeu cinco contos de réis, referente a metade do pagamento que ficara acordado com o comandante Leonel Rocha para que servisse a sua coluna. Provavelmente, Fabrício Vieira foi o único chefe no ex-Contestado que Leonel Rocha fizera contato e acordou mediante pagamento seguir com sua tropa para o Rio Grande do Sul onde encontraria a sua coluna e, provavelmente, unir-se-ia à coluna Prestes.

Não é possível precisar se as forças de Fabrício Vieira se incorporaram à Coluna Prestes. Contudo, serviu à Coluna maragata de Leonel Rocha que contava com um efetivo de aproximadamente 130 homens, dispondo de metralhadoras e armamento individual do tipo variado. É provável que Fabrício Vieira buscasse entender-se nos dois lados, pois a sua participação nas forças do governo é reforçada em texto de autoria do seu neto, Nelson Ubaldino, quando, após o Pacto de Pedras Altas, que buscou dar fim à Revolução de 1923, foi convocado para combater a Coluna Prestes e atendeu aos apelos do governo.

Novo incidente acontece em meados de 1927. Fabrício Vieira foi acusado de comandar os assaltos às estações de Jararaca e Canoinhas, da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. O grupo era composto por cerca de 50 homens armados que diziam trabalhar contra o governo e se apresentavam como “revolucionários comunistas”, associando-se diretamente ao comandante Luiz Carlos Prestes. Além disso, mencionavam os operários italianos Sacco e Vanzetti, anarquistas que foram

condenados nos Estados Unidos à pena de morte em 1920 e executados no mesmo ano do levante, de 1927. Tais referências mostram que os sujeitos ligados a Fabrício Vieira alegavam defender uma causa revolucionária. Porém, poderia se tratar de uma estratégia para caracterizar o levante como um ato político ou remeter à injustiça da execução dos operários, e assim evitar que fosse julgado como um crime comum. Em Canoinhas e Jararaca, alguns homens destacaram-se do grupo, invadiram a casa de um colono e atacaram um lavrador, matando-os.

Fabrício Vieira foi acusado na justiça como esteio principal dos assaltos às estações ferroviárias e pronunciado no Paraná e em Santa Catarina. Foi preso e dependia da extradição do governo paranaense para responder ao processo em Santa Catarina. Somente em setembro de 1929 houve o julgamento e Fabrício Vieira, junto a outros acusados, foi absolvido unanimemente pelo Tribunal do Júri. A absolvição baseou-se principalmente na alegação de que o réu não se envolveu nos crimes praticados durante os assaltos. Nesse sentido, é importante considerar, por um lado, que ser o cabeça do movimento não significava ter o total controle dos homens sob seu comando e, por outro, que Fabrício Vieira não mais fornecia lenha às locomotivas da Companhia ferroviária desde que fora desapropriado da Fazenda Chapéu de Sol, o que o deixava em desprestígio econômico assim como seus empregados. Contudo, o promotor recorreu e Fabrício foi preso novamente na cadeia pública, em 1931.

Fabrício Vieira foi processado algumas vezes, sem nunca ter sido condenado. Segundo Nelson Ubaldo, seu avô contava com muitos homens que não estavam completamente sob seu controle. Por outro lado, gozava de proteção política, tinha muitos amigos dos dois lados, do governo e da oposição. Além disso, Fabrício Vieira era maçom, filiado a Loja Perseverança de Vacaria e ligado a políticos e militares no âmbito estadual e nacional. De diferentes maneiras, Fabrício Vieira beneficiava-se economicamente, tanto nas atividades extrativas da madeira e erva-mate, quanto nas atividades militares, o que favorecia seu poder de arregimentação. Suas conexões nos três estados sulinos davam garantia de manutenção de uma tropa de vaqueanos disponível para servir às lideranças políticas que lhe convocassem.

Em 10 de abril de 1936, quando veio a falecer, na localidade de Valões, atual Irineópolis, Fabrício Vieira não dispunha de recursos para pagar o próprio funeral. Foi o coronel Domit quem custeou as despesas do seu falecimento. Ligado a influentes políticos, como o se-

nador Pinheiro Machado e respeitado pelas autoridades catarinenses e oficiais do alto escalão do Exército, como foi possível um coronel que agregou tamanho prestígio, poder e proteção morrer pobre? É possível que a importância dos civis-vaqueanos tenha declinado com o advento de Getúlio Vargas ao poder, a partir de 1930. Ademais, inimizades políticas no interior da maçonaria podem ter contribuído para o seu declínio.

### Para saber mais

- † Barboza, G. G. **O movimento em prol do Estado das Missões: uma luta pela emancipação do Contestado (1909-1917)**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.
- † Dallanora, C. **Conflitos no ex-Contestado: coronelismo e bandoleirismo numa região de fronteira**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- † Machado, P. P. “O conflito do Canudinho de Lages (1897)”. **Estudos de Sociologia**, Araraquara/SP, v. 13, n. 24, p. 65-78, 2008.
- † Poyer, V. **Fronteiras de uma guerra: imigração, diplomacia e política internacional em meio ao movimento social do Contestado 1907-1918**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- † Rodrigues, R. R. **Veredas de um grande sertão: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro**. Tese (Doutorado em História Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.



## Monges Barbudos: subversivos e comunistas no planalto gaúcho

Fabian Filatow

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: Estado Novo, Getúlio Vargas, Revolução Constitucionalista de 1932, Movimento dos Monges Barbudos, religiosidade popular, cultura cabocla, tradição de São João Maria.*

Folheando as páginas de um documento, já amareladas pelo tempo, preservado no Arquivo Público do estado do Rio Grande do Sul, deparei-me com o relato de uma reunião clandestina. Nas páginas constava que na noite de 05 de agosto de 1938, num distrito do município de Sobradinho (RS), algumas pessoas estiveram reunidas no interior da residência de Margarida Pereira Fortes. O objetivo, segundo relatado no documento, seria rezar, praticar a devoção religiosa dos ensinamentos de João Maria, o santo monge. Porém, por volta das 20:00, perceberam a presença de pessoas próximas ao local e ouvindo um ruído no lado externo da casa, saíram e envolveram-se num conflito, que resultou em ferimentos em um dos crentes: Olmiro Pereira Fortes. Este fato gerou a abertura de um Processo-Crime. Foi este documento que encontrei no Arquivo do estado, e que me permitiu conhecer a surpreendente história desses seguidores de João Maria.

As pessoas que tinham se reunido para rezar foram acusadas de praticarem a religião dos barbudos e, deste modo, estariam descumprindo uma norma imposta pelos órgãos responsáveis pela repressão que proibia encontros religiosos dos membros dos Monges Barbudos.

Perguntas fervilharam naquele instante de contato com este vestígio de um passado já distante no tempo. Por que a prática de uma religiosidade popular se transformou em crime? Quem eram esses devotos

tardios de São João Maria? Como se formaram? Enfim, qual é a história dos Monges Barbudos de Soledade?

Passadas mais de oito décadas desde o conflito ocorrido durante a Semana Santa de 1938, em Soledade, que selou, de forma violenta, a trajetória desses homens estranhos, sua existência é ainda praticamente desconhecida. Nos rastros dos Monges Barbudos, arquivos são escarafunchados, vestígios são buscados e novas questões são formuladas a documentação. Estas pesquisas buscam romper o silêncio e oferecer explicações para os questionamentos sobre este acontecimento que envolveu crenças religiosas, cultura, economia e questões políticas.

As origens dos Monges Barbudos nos remetem ao ano de 1935, quando um andarilho teria estado em Soledade e pernoitado na casa de André Ferreira França, conhecido como Deca França. Segundo a crença, em troca da hospitalidade, o visitante teria ensinado os segredos das ervas para fins medicinais e teria profetizado ao seu anfitrião o início de uma nova religião. No final de sua estadia teria se apresentado como sendo o monge João Maria, cuja tradição era bem conhecida na região.

Em pouco tempo, a moradia de André França se tornou um lugar de reunião religiosa. Ali se divulgava os benefícios de plantas medicinais para todos aqueles que buscassem algum alento para suas enfermidades, tanto do corpo quanto do espírito. Com o passar do tempo, muitos adeptos passaram a se dedicar com exclusividade à prática religiosa, deixando de lado os trabalhos convencionais. Entre os homens surgiu a tradição de manter as barbas longas. Por isso foram nomeados como Monges Barbudos por aqueles que não participavam ou eram contrários à nova religião.

Entre os Monges Barbudos havia a presença física das Santas. Santa Catarina estaria viva na pessoa de Andreza Gonçalves, sobrinha de Deca França. Santa Teresinha estaria presente em Idarsina da Costa. Ambas eram veneradas e desempenhavam papel de destaque na vida religiosa do movimento.

Acredito que a recepção do santo monge esteve relacionada ao fato de que esse personagem reconheceu e valorizou o modo de vida das pessoas do campo. A pedagogia dos monges adentrou a cultura vivenciada pelos caboclos e desenvolveu ações e pregações a partir dessa realidade. Os monges viviam uma vida simples, passando a fazer parte do cotidiano destes grupos. O monge conquistou sua posição porque legitimava e dava sentido às práticas religiosas comuns do mundo dos

caboclos. Movia-se com destreza junto às suas necessidades. Quando havia doença, indicava plantas e ervas conhecidas pela população, além de orações e ritos que operavam, segundo a crença, milagres.

Dentre os rituais atribuídos aos ensinamentos do monge identificamos o culto à natureza e os seus benefícios. Há também a crença no poder curativo das fontes d'água, tidas como sagradas e portadoras de propriedades curativas.

Essa recepção dos ensinamentos também pode ser identificada em Soledade nos rituais de batismo e de curas que eram realizadas junto às fontes sagradas. Até hoje elas estão presentes na vida daquela localidade como um espaço sagrado, um espaço que faz lembrar o santo monge.

Podemos afirmar que a figura do monge, as orações, a crença e lugares sagrados promoveram a reunião de uma parte da comunidade de Soledade, que ficaram conhecidos como Monges Barbudos.

A tradição de São João Maria no Rio Grande do Sul liga-se à passagem do primeiro monge pela região, cerca de cem anos antes dos fatos ocorridos em Soledade. Reforça essa tradição a difusão proporcionada pelos tropeiros, que tanto cooperaram para a formação histórico-cultural do planalto gaúcho. O caminho das tropas unia Soledade (RS) e Sorocaba (SP), local das feiras, onde também existiam relatos sobre suas andanças e milagres.

No ir e vir desses viajantes, percebemos os tropeiros como divulgadores entre diferentes culturas e regiões, hábitos e religiosidades. Em suas rotas muitas comunidades surgiram, gerando cidades no interior do Rio Grande do Sul como Viamão, Osório e Vacaria. É o caso de Soledade. Documentos comprovam a efetiva participação do tropeiro na vida econômica, política e social do município. Assim, a presença do monge entre os devotos de Soledade também está relacionada com a interação cultural exercida por esses sujeitos que transportavam animais, mercadorias e, também, culturas e conhecimentos.

Em Soledade a crença no monge já era presente antes de 1935. Por este motivo a anunciação feita por Deca França de que o monge esteve em sua casa não gerou surpresa, pelo contrário, foi aceito por uma parte daquela localidade. Havia um ambiente cultural favorável para tal recepção.

Contudo, ainda nos questionamos sobre as motivações que conduziram à criminalização desta prática religiosa. Por que os Monges Bar-

budos se tornaram uma ameaça? Para responder precisamos inseri-los no contexto político dos anos de 1930.

Quando eclodiu a Revolução Constitucionalista de 1932, alguns soledadenses se posicionaram política e militarmente a favor de São Paulo. Ocorreu um confronto armado entre esse grupo e as forças leais à Getúlio Vargas e ao interventor federal Flores da Cunha, episódio que ficou conhecido como Combate do Fão.

Ao longo da década a imprensa noticiou práticas de violência como extensão da política local, como crimes e problemas eleitorais ocorridos em Soledade. Com o golpe do Estado Novo em 1937, Flores da Cunha, que havia rompido politicamente com Vargas, foi para o exílio no Uruguai, gerando a suspeita de um possível levante contra o novo regime. No âmbito nacional, Getúlio Vargas arquitetava sua permanência no poder do país fazendo uso de adversários e realizando alianças políticas.

Nesse cenário, um grande número de pessoas se dirigiu para o distrito de Bela Vista, motivadas pela crença no retorno do monge, previsto para abril de 1938. Esta romaria teria alarmado os moradores e comerciantes da localidade que, por sua vez, exigiram proteção das autoridades.

Saindo da delegacia de Sobradinho, município fronteiriço e próximo ao local da romaria, policiais militares deslocaram-se para o interior de Soledade a fim de pacificar a região. Entre os dias 13 e 17 de abril de 1938 ocorreram conflitos na localidade onde membros do grupo religioso foram presos, sendo alguns enviados para Porto Alegre. Nestes conflitos foi morto Anastácio Fiuza, outro personagem de liderança no grupo. A prática da violência pode ser averiguada no relatório assinado pelo tenente Januário Dutra:

nos lugares denominados Bela Vista e Rincão dos Bernabés uma grande reunião de fanáticos que praticavam uma religião exótica e não conhecida, tendo as referidas reuniões causado pânico entre os moradores dos referidos lugares; ocasionado terem diversas pessoas pedido às autoridades garantias e providências a respeito, pois os fanáticos haviam invadido o lugar denominado Bela Vista e se apoderaram da igreja denominada Santa Catarina, aonde localizaram um grande acampamento, tendo o chefe do bando conforme consta, postado-se sobre o altar da referida igreja a tomar chimarrão. O primeiro apelo foi dirigido ao De-

legado de Polícia de Sobradinho, cuja autoridade atendeu com presteza e dirigindo-se com uma patrulha para o local Bela Vista, e, ao se aproximar do referido local foi hostilmente recebido, tendo alguns dos componentes do bando feito disparos de arma contra o delegado e sua patrulha, que revidaram a agressão, resultando saírem diversos feridos, entre eles o chefe do bando Anastácio Fiúza, que veio a falecer; também foram feitos diversos prisioneiros e o restante do grupo foi dispersado.

O comando da Brigada Militar manteve na região um destacamento para coibir novas reuniões de “fanáticos” – como foram rotulados os Monges Barbudos – e principalmente, para perseguir André Ferreira França, que se encontrava em local desconhecido. Deca França foi localizado e morto no mês de agosto de 1938. As contradições envolvendo a ação que o vitimou fatalmente geraram a abertura de um Processo-Crime para averiguar a conduta dos policiais e dos civis que estiveram envolvidos na perseguição.

Analisando a documentação – imprensa, relatórios policiais, processos-crimes, boletins militares, documentos da Igreja Católica – ficou claro que existia sobre os Monges Barbudos a acusação de serem agentes de ideias exóticas e comunistas.

Referindo-se a esta questão, Frei Clemente, na época pároco de Soledade, deixou registrado no Livro Tombo da Igreja de Nossa Senhora da Soledade em 1938, que os Monges Barbudos foram acusados de comunistas, mas nada foi descoberto até aquele momento. Também no relatório enviado ao Comando Geral da Brigada Militar pelo primeiro-tenente Januário Dutra, comandante do destacamento em Soledade, existia esta suspeita. Segundo registrou no documento, “apesar de não ter encontrado, não posso negar ou afirmar a inexistência de algum núcleo disfarçado, para inocular, aos poucos, ideias exóticas aos moradores da referida região”.

Interpreto tais acusações como sendo um dos motivos para legitimar a repressão orquestrada pelo Estado. Uma ação militar que teve objetivos políticos. Nos relatórios apresentados pelos comandantes das operações militares que estiveram em campo, foi possível identificar a busca por provas que confirmassem a suspeita de serem os Monges Barbudos adversários políticos, porém nada foi encontrado, mesmo quando alguns dos membros do grupo estiveram presos para interrogatórios.

Recorde-se ainda que, poucas décadas antes, um grande movimento de caráter sociorreligioso havia evocado a tradição ligada ao santo monge: o movimento do Contestado. Era importante para as forças repressivas agir com rapidez no combate a essa nova subversão.

Além do comunismo, também recaiu sobre os Monges Barbudos a acusação de serem “fanáticos”, nesse sentido, de atentarem contra a religião católica e de cometerem práticas imorais no interior das igrejas. Porém, nada disso foi comprovado. Tais acusações foram negadas também pelo pároco de Soledade, que afirmou serem os Monges Barbudos pessoas de fé até o extremo.

Nas fontes policiais há indicações sobre as origens do grupo religioso. Nestes documentos, o preconceito de classe e racial mostra-se presente. No relatório assinado pelo tenente Arlindo Rosa, em 1938, percebemos a condição de serem caboclos como justificativa para a formação dos Monges Barbudos.

Confirmando a presença do preconceito destacamos um trecho de uma carta, oriunda de Sobradinho, publicada em 1938 no jornal *Kolonie*, de Santa Cruz do Sul (RS):

Mais uma vez chega ao nosso conhecimento um exemplo do fanatismo gerado pela credulidade de nossa população cabocla no mato e no campo, ainda hoje absolutamente esquecida no que tange à escola e à educação.

O grupo dos Monges Barbudos era composto por colonos da região. Esses tinham a tradição familiar de festejar seus santos. Também era costume proferir orações, realizar procissões e romarias para fins de pagamento de promessas. Enfim, os Monges Barbudos eram camponeses de Soledade e arredores que viveram sua religiosidade com fervor, mas foram envolvidos no contexto político que assolava o país na década de 1930. Entre disputas políticas e ideológicas, eles foram acusados de serem comunistas e apoiadores de Flores da Cunha. Nos documentos redigidos por aqueles que orquestraram a ação repressora, nenhum registro comprovou serem adeptos de ideias subversivas ou comunistas. Mesmo assim, foram duramente reprimidos social, política e culturalmente. Temia ainda a Brigada, naquela circunstância, que o movimento alcançasse maior disseminação, tal como ocorrera no Contestado.

Embora esquecido pela história e pela historiografia, uma das maneiras de romper este silêncio é voltar ao arquivo, confrontar as fontes

e debruçar-se sobre as páginas amareladas pelo tempo, pois elas revelam muito da história do poder e da violência que vigorou naqueles anos da distante década de 1930 no estado do Rio Grande do Sul.

### Para saber mais

- † Filatow, F. **O movimento dos Monges Barbudos: do sagrado à heresia**. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.
- † Filatow, F. **Política e violência em Soledade – RS (1932-1938)**. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.
- † Kopp, M. G. L. **A chave do céu e a porta do inferno: os monges barbudos de Soledade e Sobradinho**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.
- † Kujawa, H. A. **Cultura e religiosidade cabocla: movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul – 1938**. Passo Fundo, RS: UPF, 2001.
- † Verdi, V. C. **Soledade das sesmarias, dos Monges Barbudos, das pedras preciosas**. Não-Me-Toque, RS: Gesa, 1987.

## Tributo a Szczerbowski

Fernando Tokarski

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: fotografia, Lumber and Colonization Company, imigração polonesa e ucraniana, comércio e pequena indústria.*

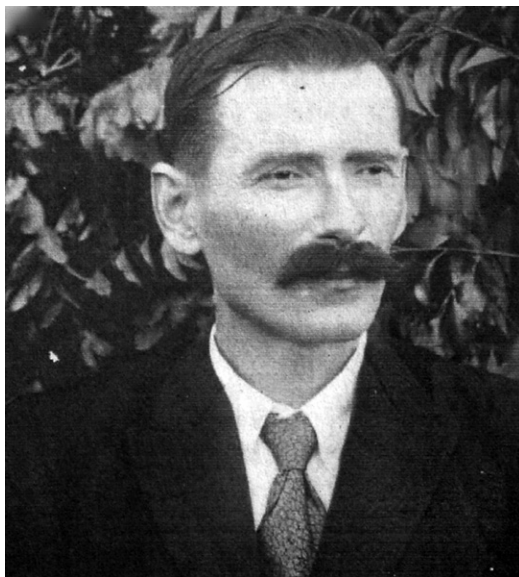


Figura 1. Retrato de Luís Szczerbowski. Acervo pessoal Fernando Tokarski.

A saga de Luís Szczerbowski como um dos fotógrafos do Movimento do Contestado é uma das maiores epopeias desse episódio histórico. A sua vida e a sua arte se confundem com as primeiras décadas do século XX, sobretudo em Três Barras e Canoinhas (SC), onde ele foi um pioneiro em vários sentidos, mas alcançou notoriedade especialmente como fotógrafo. Szczerbowski também exerceu outras





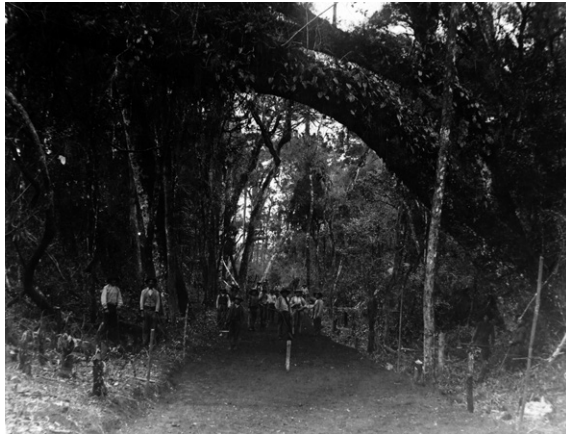
Figuras 2 e 3. Clássica foto feita por Szczerbowski, de 1913, mostrando uma colossal imbuia; no rodapé está a assinatura do fotógrafo [à esq.]; imagem inédita feita por Szczerbowski, provavelmente retratando trabalhadores imigrantes eslavos [à dir.]. Acervo pessoal Fernando Tokarski.

profissões e afazeres, mostrando-se inquieto e polivalente. À sua memória dedicamos este capítulo, esperançosos pela preservação da sua obra e do seu legado.

Acreditamos que Luís Szczerbowski teve sua construção fotográfica ofuscada por Claro Gustavo Jansson, o sueco que eternizou boa parte das imagens referentes à Guerra do Contestado e as ações da madeireira *Southern Brazil Lumber & Colonization Co.* Entretanto, Szczerbowski não registrou cenas do conflito, mas foi o precursor dos tempos iniciais dos complexos industrial e ferroviário da *Lumber* na região de Três Barras, então território paranaense.

Ele igualmente assinalou nas lâminas de vidro cenas do cotidiano, das festividades da presença norte-americana em Três Barras e da vida dos imigrantes polacos e ucranianos anteriormente instalados em localidades proximais e que, com a chegada do grande conjunto industrial, foram atraídos a efervescente vila de Três Barras e seus arredores. Não se sabe quando Szczerbowski abandonou as câmeras fotográficas, se é que em algum dia o fez. As memórias familiares ignoram essa informação. Ele também morreu cedo, bem no auge das atividades da madeireira onde também trabalhou. Muitas de suas fotos permanecem inéditas e outras tantas se perderam.

Dele são as fotografias mostrando os primórdios da implantação dos trilhos de trem que demandavam às florestas em busca de madeiras nobres, bem como dos primeiros momentos dessa exploração. Também é certo dizer no tocante a esses aspectos logísticos e extrativistas



Figuras 4 e 5. Outra foto inédita de Szczerbowski com trabalhadores da construção de ferrovias da madeireira Lumber [à esq.]; foto de Szczerbowski que serviu de modelo para a composição da sua marca de cigarros Rio Tigre [à dir.]. Acervo pessoal Fernando Tokarski.

se confundem as cenas retratadas por Szczerbowski e por Jansson. O tempo, as semelhanças dos assuntos abordados e o embaralhamento dessas cenas produziram uma certa confusão que atribuí a um ou a outro a real autoria das fotos. Contudo, essa questão é irrisória perante a importância que os dois fotógrafos têm diante das heranças deixadas.

Ludwik Szczerbowski, depois Luís no Brasil, nasceu em 17 de agosto de 1883 em Wadowice, na região da Pequena Polônia, filho de Valentin e de Maria Szczerbowski (a pronúncia do sobrenome com tantas consoantes é “Stchérboski”). A vida de Szczerbowski no Brasil principiou em Curitiba, onde foi editor do jornal no idioma polaco *Naród* [*O Povo*] com tiragem de 600 exemplares, desde 1º de janeiro de 1908 até o final de 1909. Era um jornal de caráter popular, onde o redator (ele próprio) posava de camponês.

Nesse jornal, Szczerbowski transcreveu um artigo denunciando que o governo brasileiro ganhava certa quantia para cada polaco imigrado ao Brasil. Sabe-se que ele foi censurado por autoridades públicas e que “estranhamente” recebeu um emprego na *Lumber*, em Três Barras, talvez como uma maneira de sair diante dos olhos governamentais.

No território contestado, Szczerbowski chegou em meados de 1912, fixando residência na localidade de Colônia Tigre ou Rio Tigre, a poucos quilômetros da vila principal, Três Barras. Conforme o neto

Alvino Szczerbowski, ao deixar Curitiba seu avô subiu num vapor em Porto Amazonas, ponto de partida da navegação pelo rio Iguçu, desceu a São Mateus do Sul e dessa cidade subiu pelo rio Negro até desembarcar em Três Barras, no porto da *Lumber*. Logo começou a fazer retratos, tornando-se o primeiro fotógrafo do lugar e um dos pioneiros na região.

Ali, em 06 de abril de 1918 oficialmente se casou, unindo-se à conterrânea Maria Wojtowicz, nascida em 1º de fevereiro de 1883, filha de André e de Ângela Wojtowicz. O casal teve os filhos Boleslau (15 jul. 1905 – 05 mar. 1999), Luís (1915), Marianno (1916) e Alexandre (09 nov.1920 – 17 jan. 2008). Poliglota, Szczerbowski falava e escrevia nos idiomas polaco, russo, alemão, inglês e português. Na *Lumber* era apontador e comprador de madeiras no início da colonização da empresa transnacional e por falar o inglês era muito chegado aos diretores da companhia, de acordo com as palavras da nora Luiza Schellenberger, que foi casada com o último filho, Alexandre.

Um dos principais empreendimentos de Szczerbowski foi uma indústria de cigarros de papel. A produção de cigarros de papel tinha as marcas “Três Barras”, “Rio Tigre”, “Norton”, “Luxo”, “Ideal”, “Polonia” e “Bim-Bom”. Esses produtos utilizavam um filtro denominado “Salvesol”, composto de algodão químico que conforme as notas da embalagem não permitia a passagem do narcótico para os pulmões.

Nas embalagens dos cigarros “Três Barras” está especificado:

Papel especial de primeira qualidade. Mistura de fumos Turco e Goyano; Cigarros modernos com piteiras, feitos de excellentes fumos, escolhidos entre as melhores qualidades existentes no Brazil; Mistura excelente – Cigarros com preparo Salvesol; Salubres – Gostos – Chic-Elegancia; Atenção o preparo “Salvesol” é introduccão chimica de algodão e possui as qualidades de no fumar absorver o narcótico e ficar indissolúvel, não permitindo assim sua passagem para a bocca e perdendo com isto a prejudicial acção para a saúde. Os nossos cigarros são feitos sem a colla, de melhor papel até agora existente. A fumaça destes cigarros é mora e leviana e não muda o gosto do fumo; Premiado nas diversas exposições.

Szczerbowski em muitas décadas se antecipou à febre do plantio do tabaco que se espalhou no planalto norte catarinense, especialmente na microrregião entre Mafra e Irineópolis. É bem verdade que além de fo-

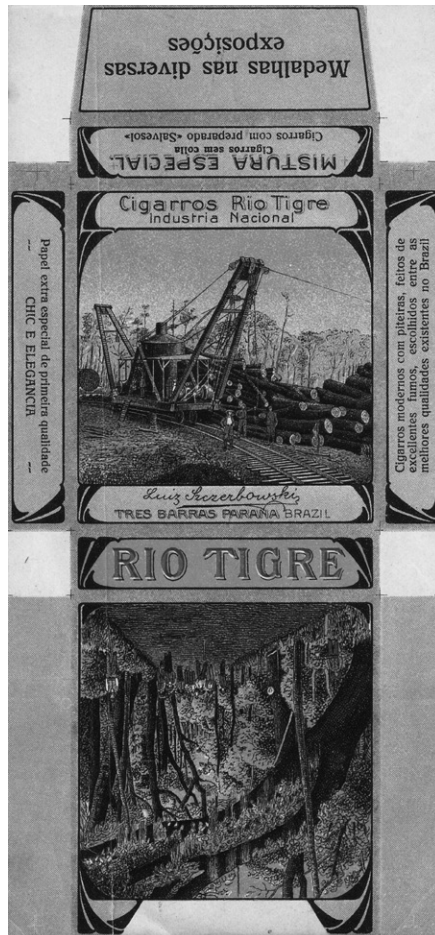


Figura 6. Maço de cigarros Rio Tigre. Acervo pessoal Fernando Tokarski.

lhas nacionais, ele industrializava a planta importada da Turquia, mas dá para dizer que Szczerbowski foi o precursor das modernas técnicas relacionadas à fumicultura na região. Fato é que sua indústria tabageira foi a única da região, criada num tempo em que nos confins entre o Paraná e Santa Catarina só se fumava cigarros de palha, mascava-se o fumo em corda ou se pitava cachimbos. Por que nas embalagens aparecem ilustrações das atividades da madeireira *Lumber*? Porque foi na Colônia Tigre que a grande empresa transnacional iniciou suas atividades propriamente ditas. As gravuras foram elaboradas a partir de fotos que Szczerbowski registrou, exímio que também era nessa arte.

Em 1923, iniciou as atividades de um moinho de cereais movido com força hidráulica, fornecendo ainda energia elétrica a sua residência. Esse empreendimento persistiu até por volta de 1970, gerido pelos filhos e netos após a morte do seu idealizador. Também foi professor da escola *Biblioteka Polska*, da vila de Três Barras. Publicou na Polônia uma obra rara ainda inédita na língua portuguesa, um opúsculo relatando a presença da *Lumber* em Três Barras.

Uma das palavras da moda é *empreendedorismo*. Seguramente se pode afirmar que Szczerbowski foi um empreendedor. Na vila de Três Barras instalou um armazém de gêneros diversos, a *Casa Central*, na rua com o mesmo nome, que por alguns anos movimentou o comércio local.

Os seus primeiros implementos agrícolas foram trazidos da Eslováquia. Formou um pomar com sementes importadas produzindo frutas e verduras de excelente qualidade. Teve ainda um apiário. Seguramente se pode afirmar que Szczerbowski foi mesmo um empreendedor, pois além de sua fábrica de cigarros e do moinho de cereais, foi agricultor, apontador de madeiras, açougueiro, comerciante, apicultor, professor, fotógrafo, escritor e jornalista. Em nosso entendimento, é a maior personalidade polônica da história regional.

A tradição conta que usando simples alicate, Szczerbowski decidiu extrair um dente e em consequência de hemorragia morreu em casa em 27 de novembro de 1927, quando contava 44 anos. A mulher Maria declarou testamento em 20 de julho de 1931, “sentada em leito, doente”, na Colônia Tigre. Ela morreu em 1º de agosto do mesmo ano, aos 44 anos. Os restos mortais do casal estão sepultados no cemitério de Três Barras. Descendentes persistem principalmente em Três Barras e Canoinhas.

### Para saber mais

- † Tokarski, F. **Cronografia do Contestado: apontamentos históricos da região do Contestado e do sul do Paraná**. Florianópolis: Ioesc, 2002.

## O profeta do povo: São João Maria na atualidade

Tânia Welter

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: águas santas, populações tradicionais, atuais seguidores do monge João Maria, Joaninos, práticas de cura e batismo doméstico.*

O profeta São João Maria não morreu: ele continua encantado no meio do povo. (José Boiteux, 1993)

João Maria era um profeta que falava por Deus, guiava por Deus e curava por Deus. (Balneário Camboriú, 2005)

Ele era um profeta de Deus. Agora ele é santo. (Campo Belo do Sul, 2005)

Ele é um santo. Mas, comigo mesmo, ele é um guia. (Campos Novos, 2006)

Era uma vez uma parturiente com riscos de perder o bebê. Era um parto difícil e a parteira, que também era a futura madrinha, fez uma promessa a São João Maria. Se a criança vingasse receberia seu nome em homenagem. E assim foi. Nasceu o menino João Maria, hoje com 81 anos de idade. Para gravar na história deu o nome de Jomara para uma das suas filhas. Este também foi em homenagem ao profeta (junção de João e Maria). (São José do Cerrito, 2019)

Infelizmente, no Brasil somos estimulados a hierarquizar e invisibilizar determinados conhecimentos que são transmitidos às novas gerações, tanto na educação formal, quanto informal. Exemplifico com

uma experiência pessoal. Somente quando participei da produção do documentário *Terra cabocla*, lançado em 2015, dirigido e produzido por Marcia Paraiso e Ralf Tambke, me dei conta de quando havia tido o primeiro contato com a história da Guerra do Contestado. Mesmo tendo nascido no extremo oeste de Santa Catarina e sempre ter vivido no estado, ouvi falar sobre esta importante e dramática parte da história do Brasil apenas durante a graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina. Por que este conhecimento foi negado durante toda minha formação escolar básica?

Posteriormente, já graduada e atuando como professora da educação básica, ouvi relatos sobre um profeta, monge santo que andou por terras catarinenses ensinando sobre a vida para as populações, especialmente sertanejas. Os relatos foram feitos em fins de 1980 por cafuzos e cafuzas que viviam dentro da Aldeia Indígena Ibirama, no município de José Boiteux, estado de Santa Catarina. Mesmo sem entender o significado, observava que plantavam cruces de cedro em frente às casas, na entrada do território ocupado pela comunidade e no cemitério. Eles e elas explicavam que a cruz era de João Maria e que, quando ela brotava e transformava-se em árvore, significava que este tinha abençoado a casa e a comunidade. Além disso, algumas casas possuíam pequenos quadros com a imagem de um santo, São João Maria, de quem eram devotos e a quem atribuíam muitos milagres. Não era, no entanto, um santo comum; muitas pessoas contavam histórias sobre sua passagem entre elas. Tratava-se, portanto, de um santo vivo. O profeta São João Maria fazia visitas com a finalidade de ensinar, orientar na fé, batizar filhos e filhas, realizar curas, fazer revelações proféticas, dar conselhos sobre como se preparar para os acontecimentos futuros, entre outras. Percebi, pelos relatos ouvidos naquelas oportunidades, que as histórias sobre o profeta santo estavam vinculadas intrinsecamente à história das pessoas e do grupo, ou seja, João Maria era o padrinho de alguém, havia aparecido durante uma determinada festa, tinha conversado com alguém que era conhecido e geralmente muito próximo como o avô, tinha ensinado determinados procedimentos religiosos como o batizado em casa ou o remédio para curar certa enfermidade. Assim como um parente querido, os cafuzos e cafuzas estavam sempre aguardando nova visita do monge João Maria e tinham cuidado com o próprio comportamento em relação às pessoas ou animais, pois acreditavam que ele poderia lhes aparecer utilizando, para isso, a adoção de qualquer outra forma física. As pessoas o consideravam grande curador, homem bondoso, conhecedor profundo dos mistérios do mundo,

portador de capacidades extraordinárias e perspicaz profeta. Muitos relatavam as profecias de João Maria, especialmente aquelas a respeito do fim do mundo, fim este que seria precedido pelos “sinais de Deus”. Percebi que os “sinais” mencionados eram vinculados às dificuldades enfrentadas pelas pessoas no cotidiano, como brigas familiares, desrespeito de filhos e filhas, desunião na família e na comunidade, doenças, falta de alimentos, inflação, pragas agrícolas, falta de terra e outros. O discurso profético de João Maria era recorrentemente lembrado na interpretação da trajetória do grupo, para entender o presente e orientar decisões futuras.

Posteriormente fui trabalhar como professora numa universidade na cidade de Lages, Santa Catarina. Era um projeto desafiador de formação universitária envolvendo quinhentas pessoas, muitas delas profissionais da educação atuando em diversos municípios do planalto catarinense, do Vale do Itajaí e do Rio Grande do Sul. A temática da Guerra do Contestado e do monge João Maria era frequentemente lembrada nas aulas. Elas e eles relatavam o que ouviam de parentes e pessoas próximas sobre a presença dele entre eles e interpretavam “seus discursos” (éticos, proféticos, religiosos) a partir de situações concretas. Também, neste contexto, os discursos “de João Maria” que mais chamavam atenção de estudantes eram os discursos proféticos como “São João Maria disse que virá uma cobra preta que vai trazer muitas mortes e sofrimentos” ou “virá um tempo em que filhos não respeitarão mais seus pais”. Estas falas vinham geralmente acompanhadas de uma conclusão em forma de pergunta: “Não tá aí?”. Também para estas pessoas, João Maria era reconhecido como profeta e santo e sua presença física era vista como um mistério, como neste depoimento: “meu sogro tem uma fonte de água milagrosa em seu terreno que foi abençoada por João Maria. Toda Sexta-feira Santa a comunidade faz romaria e ele aparece, mas só para aqueles que acreditam nele”.

Diferente da literatura que conheci posteriormente, estes relatos orais de cafuzos, cafuzas e estudantes sinalizavam que João Maria tinha uma importância significativa para eles. Vinculadas a diversos contextos, condições econômicas ou credos religiosos, João Maria era visto como alguém próximo, querido, aguardado e, muitas vezes, vivo. Percebi, também, que suas “orientações e ensinamentos” sobre a vida eram seguidos com seriedade, inclusive por eles, e que suas “mensagens proféticas” eram frequentemente utilizadas para interpretar eventos do passado e situações cotidianas.

A historiografia e os documentos históricos informam que diver-



sof monges, peregrinos, eremitas e conhecedores de procedimentos de cura circularam pelo estado de Santa Catarina, especialmente a partir do século XIX. O mais conhecido foi o italiano Giovanni Maria de Agostini, que se intitulava “solitário eremita”, e teria cruzado o oceano e chegado ao Brasil em 1844 para exercer “seu ministério”. No filme *A maravilha do século*, lançado em 2019, Marcia Paraiso apresenta documentos e depoimentos sobre seu nascimento e vida na Itália, sua chegada e peregrinação por todo o Brasil, diversos países da América como Peru, México, Cuba, Canadá, seu assassinato e lápide no estado do Novo México, sul dos Estados Unidos.

Posterior a ele, outros eremitas, peregrinos ou monges foram reconhecidos pelas populações catarinenses como profeta São João Maria. Para a antropóloga Lais Mourão, estes peregrinos possuíam uma semelhança no comportamento: todos tiveram um sonho que lhes indicou a necessidade de caminhar pelo mundo penitenciando e pregando. Os traços que a ideologia sertaneja vai selecionar para definir o caráter sagrado desses monges/profetos são: 1) condição de peregrino (sem lar, família, local de residência); 2) penitente (afastamento dos prazeres e riquezas do mundo para fazer penitência, servindo como ato de purificação); 3) pregação do Apocalipse (o apocalipse aparece como um castigo de Deus para todos os homens que estão em pecado. A noção do apocalipse decorre da busca de um sentido para um mundo no qual as contradições sociais se tornam cada vez mais explícitas); 4) poder milagroso de cura; e 5) poder de imortalidade (são homens que alcançam a perfeição da condição humana, afastam-se dos males, purificam-se e conquistam definitivamente a vida).

Para conhecer outros discursos sobre o profeta São João Maria no estado de Santa Catarina decidi fazer uma pesquisa aprofundada em 2004. Durante anos visitei museus, bibliotecas, igrejas, capelas, universidades, rádios, escolas, prefeituras e secretarias municipais, livrarias, lojas de produtos religiosos, exposições de fotografias, artes plásticas, assisti a peças de teatro, documentários, participei de rituais religiosos, eventos, li livros, revistas, reportagens, busquei informações em portais, páginas pessoais, coletei fotografias, panfletos, orações, conversei e entrevistei centenas de pessoas no estado de Santa Catarina. Além de visitar residências e conhecer oratórios domésticos, estive em locais públicos de devoção a João Maria como grutas, fontes de água (também chamadas de pocinho, águas santas ou águas de São João Maria), cruzeiros, capelas, ermidas, santuários, monumentos e outros. Nestes espaços conheci e fotografei muitas imagens, relíquias de João

Maria (objetos pessoais) como castiçal, cachimbo, bastão, panela, baú, cajado/bastão e outros, objetos abençoados por São João Maria como água, cruz de cedro, velas, ou de sua autoria, como cartas e orações, textos apocalípticos e mandamentos da natureza. Sabemos que tudo o que foi tocado ou que pertenceu a João Maria é considerado sacralizado e guardado de forma cuidadosa pelas pessoas (muitas vezes só é mostrado em ocasião especial).

No contato com a comunidade local percebi que os reconhecimentos e legitimações ao profeta santo eram diversos, mas que se poderia afirmar a existência de uma “tradição de João Maria”.

Quem são as pessoas que reconhecem e legitimam o profeta São João Maria em Santa Catarina? A pesquisa trouxe dados surpreendentes neste quesito, pois apontou que as pessoas são muito diferentes entre si e possuem uma relação diversificada com esta entidade. Entrevistei e convivi com crianças, jovens e adultos, homens e mulheres, com idades diversas, que residem em contextos rurais e nas sedes dos municípios, possuem escolaridade diversa, assim como renda familiar e profissão. São estudantes (diversos níveis), agricultores, agricultoras, comerciários, comerciárias, servidores públicos, aposentados, aposentadas, professores e professoras (todos os níveis, inclusive universitário), advogados, vereadores, historiadores, historiadoras, escritores, jornalistas, radialistas e sindicalistas. Sua origem étnica é igualmente diversificada: alguns se reconhecem como “de origem europeia”, outros/as cafuzos, cafuzas, quilombolas, “jagunças”, “brasileiros”, caboclos e caboclas ou “de origem cabocla”. Estas informações também estão na contramão de grande parte dos textos literários e não literários que vincula João Maria apenas ao segmento caboclo ou sertanejo, geralmente pobre. A maioria das pessoas entrevistadas afirma ser cristã, grande parte vinculada à Igreja Católica, mas também a denominações pentecostais e neopentecostais e algumas sem vínculo ou credo religioso. Constatei que grande parte das pessoas católicas não fez exatamente uma escolha pela sua religião, mas foi introduzida diretamente nas práticas realizadas na vida familiar e comunitária. Já os/as pentecostais, frequentemente nascidos em lares católicos, optaram pela outra religião na fase adulta. Diante desta diversidade, como nominar o conjunto de pessoas que reconhece e legitima o profeta São João Maria na contemporaneidade? Optei por chamar de joaninos e joaninas estas pessoas que reconhecem e legitimam João Maria considerando aspectos culturais, históricos, religiosos, políticos, turísticos, comerciais ou outros.

Constatai que o mundo de joaninos e joaninas está articulado em torno da família, do grupo doméstico, da comunidade, sendo que são incorporados nesse “todo” a partir de sua participação nos espaços de sociabilidade, nos rituais religiosos (em destaque o batismo), na organização do trabalho ou qualquer atividade em que a relação seja mais complementar do que individualista. É um mundo organizado por uma relação hierárquica entre gerações, marcado pelo respeito ao conhecimento tradicional e por formas de tratamento que relembram as obrigações de cada pessoa no grupo e como forma de reforçar as regras sociais, que são definidas a partir de categorias como respeito, honra e hierarquia. Nesta forma de organização, a geração mais nova deve respeito às pessoas mais velhas, assim como afilhados devem respeito aos padrinhos e madrinhas (independentemente da idade), pois estes estão no lugar dos pais e mães e devem ser respeitados como tais. As regras deste mundo são evidenciadas em qualquer diálogo estabelecido com um joanino ou joanina.

Observei que a cultura de joaninos e joaninas é formada por preceitos cristãos e por uma religiosidade relativamente independente da hierarquia eclesiástica, vivenciada em contextos domésticos ou em espaços públicos, com rituais geralmente coordenados por lideranças laicas locais, como rezadores, rezadeiras, capelães, curadores, curandeiras, benzedores, benzedoras, e também “conselheiros”.

Os joaninos e joaninas explicam que seguem a “religião dos antigos” ou a “fé dos antigos” que foi transmitida oralmente aos demais. Quanto à fé, explicam, “é a mesma fé da Igreja, a diferença é só no praticar a fé”. São João Maria está inserido em quase todos os rituais religiosos praticados por joaninos e joaninas. Dentre muitos, observei a recorrência da realização do batismo em casa, batismo de cura, novenas, procissões, terços cantados, pedidos ou pagamento de promessas, rituais como Recomendação das Almas, Dia das Almas, Reza do 25 e outros. Nestes rituais, é comum a utilização de sua imagem (fotografia, gesso, pedra ou resina), da água santa das fontes, da cruz de cedro, das velas para escuridão, cartas ou relíquias que pertenceram ao profeta santo.

Perguntados sobre quem foi João Maria, é comum a resposta iniciar com “minha mãe conheceu João Maria” ou “meu avô foi batizado por João Maria”, ou seja, o conhecimento de João Maria ocorre a partir de pessoas próximas e geralmente em posição de autoridade em relação àquele que fala – os pais, mães, avós, avôs, vizinhos, vizinhas, amigos,

amigas, comadres ou compadres. Falam de João Maria a partir daquilo que conhecem e vivem e não de registros oficiais.

Até este momento percebemos que as formas de reconhecimento e legitimação por parte de joaninos e joaninas em Santa Catarina são diversas. O reconhecimento de João Maria como santo é o mais recorrente, denominado como São João Maria, São João Maria do Agostinho ou profeta São João Maria. A construção deste como indivíduo venerável é elaborada a partir dos elementos selecionados por estas pessoas como qualidades, atitudes e capacidades especiais. Percebi que o movimento devocional em torno dele, no entanto, se diferencia de outros santos no cuidado e detalhamento de sua condição de santo, na fidelidade da devoção diante de críticas, na sensação de proximidade e na sua integração na cultura histórica dos devotos.

Embora com diferenças, grande parte das pessoas identifica João Maria como profeta e santo ao mesmo tempo, o que nos permite falar em multivalências. Muitos joaninos e joaninas afirmam que João Maria, a exemplo de outros profetas e de Jesus Cristo, é um homem especial que foi enviado por Deus para anunciar aos homens e mulheres uma doutrina religiosa e aconselhar as pessoas a respeito dos desígnios divinos. Sua legitimidade e capacidade para anunciar estão nesta iluminação divina.

Outros o reconhecem como divindade com capacidades especiais, consideradas extraordinárias e fornecidas como “dom divino” e como uma entidade ambivalente e imortal (humana e não humana ao mesmo tempo). Ressaltam ainda qualidades próprias de seres sagrados: capacidade de onisciência, onipotência, onipresença, invisibilidade, inatingibilidade, longevidade ou imortalidade, capacidade de mudar de forma, ficar invisível, levitar ou se locomover sobre as águas, modificar o estado das coisas e interferir na vida das pessoas, conhecer “o coração dos homens”, punir pecadores, limpar aquilo que está sujo ou tornar sagrado aquilo que toca.

João Maria é reconhecido também como exímio benzedor e profundo conhecedor de ervas medicinais e de procedimentos de cura. Algumas pessoas afirmam ter recebido dele estes conhecimentos. Elas narram sua proximidade e compromisso com as populações, especialmente empobrecidas e em situação de vulnerabilidade social. Soma-se a isso o fato de lideranças de movimentos sociais em Santa Catarina encontrarem no profeta São João Maria o fortalecimento de lutas políticas, especialmente pela terra.

Mais do que mera lenda, mito ou devoção, afirmo que a presença do profeta São João Maria na atualidade entre populações catarinenses é bastante significativa e importante aspecto da cultura catarinense. Sua imagem e discursos são recorrentemente acionados por joaninos e joaninas para interpretar os acontecimentos, para anunciar e acabar com o mal, denunciar ou reagir contra aquilo que não está de acordo com sua cultura, estimular a luta política ou anunciar o *mundo* desejado.

### Para saber mais

- † **A maravilha do século.** Direção, roteiro e produção: Marcia Paraiso. Santa Catarina/Brasil, 2019. Produtora: Plural Filmes. (DCP, 87 min)
- † Espig, M. J.; Machado, P. P. (org.) **A guerra santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado.** Florianópolis: EdUFSC, 2008.
- † Martins, P. **Anjos de cara suja.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- † **Terra cabocla.** Direção e produção: Marcia Paraiso e Ralf Tambke. Santa Catarina/Brasil, 2015. Produtora: Plural Filmes. (DVD, 82 min)
- † Welter, T. **Encantado no meio do povo: a presença do Profeta São João Maria em Santa Catarina.** São Bonifácio, SC: Edições Instituto Egon Schaden, 2018.

## Cemitérios de anjinhos de São João Maria

Alcimara Aparecida Föetsch

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: São João Maria, cemitérios populares, patrimônio material, signos e símbolos sagrados, devoção, ritos funerários.*

São João Maria pode não ter sido oficialmente reconhecido e santificado pela Igreja Católica, mas foi e é, de fato, consagrado pelo próprio povo na região Sul do Brasil que nele deposita fé, estima, consideração e confiança, independente da crença religiosa. Associados a ele, encontramos por aí vários lugares sagrados, públicos e privados, principalmente pocinhos (fontes, ou olhos) d'água utilizados para rituais de cura, batismos, oferendas, promessas e rezas; ou cruzes e árvores de cedro, locais regularmente visitados em busca terapêutica, proteção, devoção e oração. Seria justo dizer, por conta disto, que pocinhos d'água, cruzes e árvores de cedro são elementos tradicionalmente conhecidos nesta paisagem religiosa da região do Contestado. Entretanto, além destes já conhecidos, encontramos um elemento diferenciado, comovente e cheio de significado que, por vezes, aparece associado a São João Maria: os cemitérios de anjinhos.

Iniciamos nossa prosa falando brevemente dele, até porque desconhecemos alguém que tenha dado conta de compreendê-lo e caracterizá-lo. *São João Maria!* monge, profeta, mito, personagem, lenda, intérprete, liderança, visionário, padrinho ou santo, para nós é, simplesmente: “São”, tal e qual aparece e é apresentado nas histórias e nas memórias das inúmeras pessoas com as quais conversamos. Seus milagres, profecias, ensinamentos, predições e contos formam um patrimônio invisível que é contado e recontado por gerações. Distribuía orações, receitava chás e infusões, benzia roças, santificava fontes de

água, “plantava” cruzes de cedro, orientava sobre onde viver, era conselheiro, árbitro, juiz, protegia a natureza e os animais, encorajava o trabalho na terra, fazia milagres e sacralizava lugares. Se foi um, dois, três ou mais, por certo hoje não mais importa a contagem. O vemos e o veneramos como o resultado de diversos olhares, vários tempos e distintos lugares, mas que se fundem em uma representação única de fé vivida, crença contada, construída pelo e para o povo.

Em seu nome, reverência e homenagem, encontramos capelinhas, cruzes, altares, oratórios, grutas, fontes de água, monumentos, praças, muitos espaços cuja aura de proteção simboliza identificação, escuta, refúgio e amparo. Não se trata de majestosos santuários nem lugares marcados por padrões estéticos de beleza e modernidade, constituem, na maior parte das vezes, paisagens espremidas e ameaçadas pelo agronegócio, pelo reflorestamento, pelas rodovias, pela urbanização, pelo “progresso”, mas que em sua simplicidade e originalidade dão conta de abrigar aqueles que não o conheceram pessoalmente, no entanto, o reconhecem nas histórias e nas memórias dos próprios ancestrais.

Esses lugares sagrados se tornam para as comunidades referências espaciais de encontro, busca e oração pelos mais diversos motivos, em especial: batismo, promessa, graça ou, então, buscar água, se benzer, fazer uma visita, turismo, um olá. A paisagem religiosa de São João Maria combina de maneira ímpar e acolhedora as mais diversas oferendas e ex-votos: são imagens, fotografias, velas coloridas, laços e fitas, flores, velas comuns, livros religiosos, rosários, bilhetes com intenções e orações, formas que representam partes do corpo, notas de agradecimento, cruzes, objetos particulares e domésticos, alimentos e uma infinidade de objetos representativos das mais diversas crenças, o que atesta sua fama de acolhimento, pluralidade, conciliação e harmonia religiosa.

Entretanto, em alguns lugares sagrados de São João Maria em São Mateus do Sul, no Paraná, um componente incomum foi adicionado neste cenário e se tornou recorrente. Trata-se dos *cemitérios de anjinhos*, pequenas sepulturas de natimortos, recém-nascidos ou crianças, que destoam desta paisagem comum e despertam curiosidade, tristeza e comoção, nos fazendo refletir sobre as perdas precoces, o forte sentimento de devoção, os laços de apadrinhamento e também sobre o abandono do patrimônio cultural material. Nesse percurso narrativo e afetivo pretendo confidenciar como a paisagem religiosa de São João Maria, tradicionalmente conhecida pelas fontes de água e pelas cruzes

de cedro, foi sendo ressignificada, em alguns locais, através dos túmulos dos anjinhos. Vamos juntos perceber de que forma a religiosidade popular deu conta de construir um patrimônio material único, culturalmente visível, regionalmente diferenciado e que associa luto e fé.

A cruz, símbolo e signo da experiência religiosa popular, é escudo mágico contra os perigos, plantada por João Maria, ao brotar do cedro, testemunha o poder extraordinário do divino. A água pura, elemento central no ritual do batismo e da purificação, cura, protege, fertiliza, espanta os males e dá proteção. Dois elementos da natureza, riquezas da região e que em alguns lugares, dividem espaço com cruzes menores em tamanho que identificam sepulturas, guardam o corpo, testemunham perdas e representam os anjinhos falecidos, os que nasceram para pouco ou nada viver. Os anjinhos são, principalmente, recém-nascidos natimortos, fetos que nasceram muito antes do tempo e crianças até sete anos de idade que faleceram precocemente, pelos mais variados motivos. Quando era impossível determinar o sexo após o falecimento, notadamente no caso de poucos meses de gestação, durante o batismo em casa ou no próprio cemitério, eram atribuídos nomes compostos que mesclavam o feminino e o masculino, como Maria José, ou, muito comum, João Maria. O enterro era feito pela própria família, pela parteira ou por conhecidos próximos em lugares sacralizados por São João Maria, na comunidade ou no lugar mais próximo dela. De início, acreditávamos que eram chamados de anjos por não terem sido batizados, isso até procede em alguns relatos, porém, muitas pessoas contam que a Igreja justamente por seu relativo distanciamento no interior, no início do século XX, não impedia o sepultamento dos anjos em seus cemitérios. Após muitas conversas, quilômetros percorridos e cemitérios encontrados, percebemos que o motivo que determinou o surgimento dos cemitérios de anjinhos foi mais a crença na proteção de São João Maria (lembrando que muitos eram seus afilhados em vida ou espirituais) do que o fato de não terem sido oficialmente purificados pelo batismo da fé cristã.

É difícil determinar o surgimento de cada cemitério de anjinho, sobretudo, porque os que iniciaram essa prática já faleceram, ficando apenas os que confiando na proteção de São João Maria e respeitando os costumes familiares continuaram os sepultamentos até poucas décadas atrás, quando as políticas públicas começaram a se tornar mais controladoras e fiscalizadoras dos lugares de enterramento. As pessoas que hoje visitam, zelam e cuidam destes cemitérios (a maioria em terrenos particulares) afirmam que se trata de recantos valiosos e que



a prática de enterrar os anjinhos nesses espaços teria se iniciado com um pedido do próprio São João Maria, que havia “*dado ordem*” para que os enterros fossem feitos em seus lugares de abrigo, sob sua proteção.

Embora não inserido geograficamente no recorte espacial do Contestado, o município de São Mateus do Sul (PR) se localiza nas bordas da região, vivenciou e compartilhou do mesmo contexto social e econômico no início do século XX, que era sentido e percebido de diversas formas, em especial, nas altas taxas de mortalidade, sobretudo, materna e infantil. Neste recorte de tempo histórico, precisamos ainda considerar que as comunidades interioranas enfrentavam dificuldades como a falta de estradas trafegáveis, a precariedade dos transportes e as intempéries do tempo, o que dificultava o traslado dos falecidos até os cemitérios oficiais. No entanto, os adultos, independente destas condições, eram levados até os cemitérios tradicionais, isso fortalece a narrativa de que os anjinhos ficavam junto a São João Maria por proteção. Lembrando ainda que por ter sido “encantado”, São João Maria não está enterrado em um lugar específico, sendo possível, dessa forma, que esteja em todos esses lugares, cuidando de seus anjinhos. Nas Figuras 1 a 8 apresentamos alguns lugares sagrados e alguns desses pequenos cemitérios.

As quatro primeiras fotos são do mesmo lugar sagrado, na comunidade de São João da Barra Feia, nelas é possível observar a existência tanto do oratório dedicado a São João Maria (Imagem 1), como também a cruz de cedro brotada (Imagem 2), a fonte de água (Imagem 3) e os túmulos dos anjinhos (Imagem 4). As demais imagens, todas em comunidades diferentes umas das outras, mostram os pequenos túmulos das crianças.

Com a inclusão dos túmulos dos anjinhos, esses lugares sagrados de São João Maria passaram a receber outras formas de culto e peregrinação, além de novas homenagens e cuidados aos que se foram, que são filhos, irmãos, netos, sobrinhos, familiares das próprias comunidades. Vidas, cuja brevidade da existência não permitiu pecar, são carinhosamente depositados junto a João Maria invocando a proteção do santo que tanto auxiliou nos momentos de necessidade. Se torna comum perceber velas, coroas de flores e orações direcionadas aos anjinhos ao mesmo tempo em que promessas, ex-votos e oferendas de pedido e agradecimento são direcionados ao santo popular. Dessa maneira, concluímos que estes lugares passaram a ser visitados e apropriados por diferentes motivos.



Figuras 1 a 8. Lugares sagrados de São João Maria e cemitérios de anjinhos. Fonte: pesquisa de campo da autora, 2016-2018.

Obviamente nem todos os lugares de São João Maria possuem cemitérios de anjinhos, a maioria é conhecida pelas fontes de água e cruzeiros. Essa prática de enterramentos junto aos santos populares também não é exclusiva da nossa região, no Nordeste brasileiro, por exemplo, podemos citar os anjinhos da Rufina. Já ouvimos relatos inclusive de outros casos de cemitérios de anjos associados a São João Maria pelo Contestado. Isso nos leva a refletir sobre o quanto os cemitérios são espaços culturais relevantes para pesquisas e memórias das comunidades, precisamos, certamente, nos livrar do medo e do pavor midiático que foi construído envolvendo esses lugares e valorizá-los enquanto patrimônio material.

Por fim, mesmo acreditando que laços de parentesco familiar constituem fortes vínculos afetivos, encontramos pela região cemitérios descuidados, abandonados e até esquecidos, o que nos motiva a ressaltar a importância dos nossos lugares de culto e memória, além da necessidade de sua preservação. São lugares que floresceram naturalmente associando fé e luto, atribuindo a São João Maria mais uma função. Além de figura lendária, representação religiosa, guia, inspirador, conselheiro, santo legitimado pelo povo e líder político, acrescentamos em seu currículo a função de protetor de anjinhos pela eternidade.



## Para saber mais

- † Foetsch, A. A. “A sacralização da natureza e a simbologia da morte: a resignificação da paisagem religiosa nos cemitérios de anjos de São João Maria”. **Revista Geografar**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 188-202, 2019.
- † Queiroz, M. I. P. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1965.
- † Santos, J. **Cruz da Rufina: história e tradição oral**. Curitiba: CRV, 2021.
- † Tomazi, G. “Profecia e santidade: experiência religiosa de João Maria”. **Revista Pistis Prax**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 89-118, 2009.
- † Welter, T. **Encantado no meio do povo: a presença do Profeta São João Maria em Santa Catarina**. São Bonifácio, SC: Edições do Instituto Egon Shaden, 2018.

## Vida e luta das famílias caboclas hoje

Andréia Tecchio

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: condição de vida cabocla na atualidade, pobreza, miscigenação, colonização, educação, trabalho e políticas públicas.*

Às vezes eu estou trabalhando, fazendo a faxina e limpando o escritório, daí fico olhando as gurias [filhas da patroa] só no computador, fico pensando, sabendo que eu nunca vou ser uma pessoa dessas. A gente vai ser o resto da vida assim, fazendo faxina, limpando o que os outros sujam. A gente nunca vai ser uma pessoa pra viver mexendo no computador. Sempre que estou trabalhando, fico pensando nisso. (mulher cabocla, monoparental, 36 anos, cinco crianças, doméstica e faxineira, não alfabetizada, mai. 2016)

No depoimento acima, uma mulher cabocla que reside na região do Contestado relata um sentimento verbalizado por muitas pessoas que vivem na condição de pobreza. De maneira geral, elas não veem claramente a possibilidade de estudar e deixar de executar atividades braçais. Todavia, mesmo enfrentando muitas dificuldades, as famílias caboclas não estão conformadas com a situação em que vivem, pois buscam constantemente melhoria das condições de vida e a superação da condição de pobreza.

A população cabocla da região oeste de Santa Catarina é originária da miscigenação entre índios, negros e europeus. Uma de suas características é a família ampla, com base associativa que inclui o sistema de ajuda mútua, aspecto que sobrevive desde os tempos do Contestado até os dias atuais. A lógica da agricultura praticada objetivava o sustento da família por meio da caça, pesca, coletas e extrativismo de erva-mate e de madeira. Na entressafra da erva-mate, se dedicava à

lavoura e à criação de animais para o consumo doméstico. O nomadismo era uma característica muito presente na cultura cabocla. Quando construía uma pequena casa e fazia uma roça em um determinado local, acreditava que a família adquiria o direito da propriedade.

Na concepção dominante da sociedade brasileira do início do século XX, os caboclos não atendiam às expectativas capitalistas necessárias para transformar o Brasil em uma nação “moderna e avançada”. Este grupo cultural, mesmo não sendo homogêneo, era rotulado como não civilizado, representante do atraso e estigmatizado como pouco dedicado ao trabalho. Esse entendimento justificou o apoio do Estado à colonização realizada principalmente por descendentes de imigrantes europeus vindos do Rio Grande do Sul. A Guerra do Contestado (1912-1916), um dos maiores conflitos sociais da história do Brasil, também esteve relacionada a isso, pois as empresas colonizadoras expropriaram parte considerável das terras dos caboclos e venderam aos descendentes de europeus. Esta guerra impactou significativamente o modo de vida dos caboclos e culminou na morte de milhares de pessoas sem ter solucionado a questão básica da ocupação da terra, questão que continua latente no oeste de Santa Catarina.

Os caboclos foram historicamente privados dos processos de desenvolvimento, e atualmente, uma parcela significativa dessa população vive na condição de pobreza, apesar de a região oeste de Santa Catarina possuir bom Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). Este índice considera a educação, longevidade e dados socioeconômicos do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2010, dos 16 municípios pesquisados, dois possuíam índice “médio” (Entre Rios e Iguçu: 0,66), 13 apresentaram índice “alto” (Abelardo Luz: 0,70; Luzerna: 0,79) e Joaçaba (0,83) atingiu o índice “muito alto”. O IDHM de apenas dois desses municípios era superior ao do estado de Santa Catarina (0,77) e cinco estavam acima do índice brasileiro (0,64).

Alguns aspectos importantes foram revelados por meio de um estudo que realizei sobre as principais características sociais e econômicas de famílias caboclas pobres na região oeste de Santa Catarina. Os municípios onde a pesquisa foi realizada foram selecionados com base nos critérios de diversidade de contextos sociais, econômicos e demográficos. A figura seguinte apresenta a localização geográfica de Santa Catarina no Brasil e dos municípios pesquisados na região oeste do estado.



monoparental, 44 anos, quatro crianças, doméstica e faxineira, não alfabetizada, abr. 2016). Além da necessidade de trabalhar ainda quando criança, a falta de acesso às condições materiais (transporte, vestuário, material didático para uso diário) foram os principais motivos pelos quais não estudaram, ou estudaram muito pouco.

A maioria das pessoas entrevistadas gostaria de iniciar ou continuar os estudos: “Uma coisa que eu e meu marido sempre pensamos é que não somos tão velhos. Então, se tivesse uma aula aqui na vila, se tivesse como estudar, terminar os estudos, seria melhor para o nosso futuro” (mulher casada, 33 anos, cinco crianças, doméstica, 7º ano completo, abr. 2016). Além de não haver alfabetização de jovens e adultos próximo do local onde moram, outro obstáculo encontrado são as atividades diárias: “Eu tinha os filhos, aí com filho é muito corrido. Aí eu parei” (mulher monoparental, 47 anos, três crianças, doméstica e faxineira, não alfabetizada, abr. 2016). Outro empecilho para que as pessoas estudem à noite é a indisponibilidade de horários regulares, devido ao trabalho sazonal e a necessidade de trabalhar no período noturno.

Praticamente todos os provedores do sustento das famílias caboclas pobres estão em idade ativa, ou seja, são pessoas aptas para o trabalho. As mulheres são historicamente incumbidas pelo trabalho doméstico, independentemente de desempenharem uma segunda atividade, como faxineiras ou trabalhadoras rurais. Isso se configura no principal empecilho para a grande maioria delas conseguirem ocupação remunerada. As mulheres que trabalham no meio rural sofrem exploração, pois recebem valores muito baixos pela atividade executada: “É por dia, ou por empreitada, ou quebrar milho a quatro reais a bolsa. A gente tem que pegar, fazer o quê!” (mulher monoparental, 50 anos, mãe de um adolescente, doméstica e diarista na agricultura, não alfabetizada, abr. 2016). A maioria dos homens atua em atividades agropecuárias, na condição de diarista, empreiteiros ou assalariados (criação de suínos, frigorífico e corte de erva-mate) e por conta própria na agricultura.

As famílias caboclas pobres possuem uma vida laboral regida pela insegurança e pela instabilidade, pois não conseguem atuar por muito tempo num mesmo emprego, o que dificulta a permanência numa profissão ou ocupação mais definitiva e faz com que intercalem atuação em empregos formais e informais. As principais situações de precarização do trabalho ficam por conta da sazonalidade das atividades agropecuárias e da construção civil, pois além de não garantirem renda fixa mensal, na maioria das vezes, são exercidas informalmente. Isso



as priva do acesso à Previdência Social, principalmente em relação à aposentadoria, ao auxílio-doença e ao salário maternidade.

Uma situação verificada em muitas dessas famílias é a ausência de trabalho devido a problemas de saúde, porém não são aposentadas por invalidez. Um exemplo pode ser observado nesta fala: “Eu não posso mais trabalhar, eu tenho problema na minha coluna. (...) Trabalhei demais, desde os meus dez anos. Então, me estraguei quando eu era nova, a gente erguia peso, o que não podia a gente fazia, roçava mato, olha... de tudo” (mulher casada, 42 anos, dois adolescentes, doméstica, 4º ano completo, mai. 2016). Os homens estão mais amparados pela Previdência Social em relação às mulheres, pois possuem mais liberdade para ingressar no mercado de trabalho formal por não serem responsabilizados pelas atividades domésticas.

Esses grupos familiares sofrem privações em relação à prestação de serviços públicos, sendo os mais deficitários o abastecimento de água potável e o destino adequado do esgoto. Os que residem em áreas de risco ambiental são os mais afetados, pois não têm, ou o acesso é muito restrito em relação à água potável, rede de esgoto, energia elétrica e coleta de lixo. Também estão sujeitas a adversidades aquelas famílias que moram em pequenos lotes no meio rural e em bairros periféricos.

Embora pouco assistidas com transporte público e outros serviços básicos, as famílias caboclas pobres não vivem isoladas. Elas mantêm relações sociais imprescindíveis às suas estratégias de reprodução social com familiares, amigos ou vizinhos que, na maioria dos casos, também vivem em situação de pobreza. Estas consistem basicamente em troca e/ou doação de alimentos, cuidados momentâneos das crianças, doação de roupas e calçados para crianças mais novas e empréstimo de dinheiro. Praticamente não possuem vínculos organizacionais, ou seja, não participam de sindicatos, de associações, de cooperativas, da vida social das comunidades rurais e dos bairros, de movimentos sociais ou outra forma de organização social. Isso se deve, de maneira geral, à falta de transporte, ao fato de não serem convidadas a participar e de não se sentirem à vontade devido à condição de pobreza ou por se identificarem como caboclos, um grupo cultural bastante estigmatizado.

As formas de acesso à terra ou lote são bastante variadas: aquisição com recursos próprios, herança, reforma agrária, concessão por parentes ou ex-empregadores, pagamento de aluguel e ocupação. As ocupações precárias acontecem em sedes de assentamentos da reforma agrária já estabelecidos, em antigas vilas de serrarias que deixaram de funcionar

e de ervateiras onde residem prestadores de serviços no corte de erva-mate, no domínio de rodovias e em áreas de risco ambiental. As quantidades de terra que a grande maioria das famílias caboclas pobres dispõem são pequenas (entre 0,5 e cinco hectares). Todavia, nem as assentadas pela reforma agrária que possuem entre 15 e 20 hectares conseguem obter o sustento a partir da terra. Por sua vez, os lotes onde residem tanto as famílias rurais como as urbanas não passam de 100 m<sup>2</sup>.

Uma parcela significativa não possui documento de posse da terra ou escritura do lote. Constantemente correm o risco de serem despejadas ou removidas. A privação do acesso à terra em quantidade e qualidade adequada não permite às famílias a garantia da sua segurança alimentar e nutricional e a superação da pobreza. Além disso, não dispõem de equipamentos e instalações para a produção de alimentos, como construções para abrigar animais, armazenar grãos e guardar equipamentos, e os implementos necessários para os cultivos agrícolas e criação de animais, como trator, junta de bois, motosserra, arado, carroça e plantadeira. Diante da condição de pobreza e da pouca disponibilidade de terra, uma estratégia de reprodução social adotada é a divisão do lote ou da terra entre duas e cinco famílias e até mesmo, a divisão da casa.

Os principais alimentos de origem vegetal produzidos são a couve-de-folhas, temperos, alface, abóbora, amendoim, mandioca, batata-doce, milho e feijão. Algumas famílias coletam da natureza pinhão e retiram plantas medicinais da mata. Os animais são criados por poucas famílias que residem no meio rural. Como possuem acesso restrito à terra para produzir cultivos destinados à alimentação animal, criam principalmente galinhas ao ar livre, espécie que exige menor aporte de alimentos e que obtém uma parte da sua dieta por conta própria. Geralmente, abatem um ou dois porcos por ano, de acordo com a disponibilidade de recursos financeiros para a aquisição de leitões e da quantidade de alimentos que conseguem produzir ou comprar para engordá-los. Os bovinos são criados por poucas famílias e em número reduzido por exigirem maior quantidade de pasto e de outros alimentos.

Praticamente todos os alimentos produzidos pelas famílias caboclas pobres são destinados ao autoconsumo e para as trocas, doações e empréstimos a parentes ou próximos. A produção para autoconsumo, mesmo em pequenas quantidades, é muito importante no orçamento doméstico. Os alimentos assim produzidos são essenciais ao sustento por ampliar a diversidade nutricional e, em quase todos os casos, são

cultivados sem insumos químicos. Contudo, parte das famílias caboclas que residem em lotes tanto no meio rural, como no urbano, não dispõem de área para produzir alimentos.

Para as famílias urbanas, o principal condicionante em relação à alimentação é a falta de dinheiro para adquirir a diversidade desejada. Tanto nas famílias rurais como nas urbanas, o consumo de carnes, frutas e verduras é limitado e diante da necessidade de fazer opções, a preferência é dada à “comida grosseira”, ou seja, feijão, arroz, farinha, leite e óleo.

O Programa Bolsa Família é a principal política pública destinada às populações pobres, inclusive do meio rural. As famílias caboclas investem o dinheiro prioritariamente para adquirir material escolar e roupas para as crianças e adolescentes que frequentam a escola. Todavia, em caso de haver algum problema na produção de alimentos ou no ingresso de renda devido ao desemprego temporário ou sazonalidade do trabalho, os recursos recebidos do Bolsa Família são utilizados para a provisão de alimentos, constituindo-se em uma garantia de que não irão passar fome.

De um modo geral, as famílias ressaltaram a importância da melhoria da alimentação escolar por meio do fornecimento de alimentos produzidos pelos agricultores familiares e adquiridos por intermédio do Programa de Aquisição de Alimentos e do Programa Nacional de Alimentação Escolar. Quando as crianças comem bem na escola, diminui o consumo de alimentos em casa. Isso, apesar de representar uma pequena economia, não deixa de ser importante para os domicílios que possuem orçamentos limitados.

A maior parte dessas famílias é privada do acesso às políticas públicas de inserção produtiva. Apenas algumas são assistidas pelo Programa Fomento às Atividades Rurais, uma linha do Plano Brasil Sem Miséria. Aquelas que foram atendidas pelo “Fomento Rural”, investiram os recursos financeiros não reembolsáveis, comumente denominado “fundo perdido”, em infraestrutura para produção de alimentos. Para tanto, receberam assistência técnica pública pela primeira vez.

Observamos que as famílias caboclas pobres acessam políticas públicas sociais, que é uma das condições para acessarem o Bolsa Família, mas são privadas do benefício das políticas de inserção produtiva. Elas estão conscientes sobre a necessidade das políticas para terem melhores condições de vida e superarem a condição de pobreza. Apesar de a região oeste de Santa Catarina apresentar índices elevados de desen-

volvimento social e o Brasil ter combinado, durante aproximadamente 15 anos, conjugação de instrumentos como a recuperação do valor real do salário-mínimo e investimentos em um conjunto de políticas públicas de enfrentamento da pobreza, um contingente expressivo de famílias caboclas ainda vive na condição de pobreza.

Uma possível solução para a superação da pobreza seria a continuidade e a ampliação do conjunto de políticas públicas destinadas às populações de baixa renda. Em vez disso, está vigente um desmonte dessas políticas, cujo marco é a Emenda Constitucional n. 95, uma medida de austeridade que congela os gastos públicos entre 2017 e 2036, afetando principalmente a saúde e a educação. Por fim, na pandemia provocada pelo novo coronavírus em 2020, a Renda Emergencial tem sido o principal programa governamental de apoio econômico à população, porém, não garante boas condições de vida para as famílias pobres. Assim sendo, as ações do Estado não geram esperanças de que a pobreza seja superada pelas famílias caboclas num curto período.

### Para saber mais

- † Renk, A. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. 2ª ed. Chapecó, SC: Argos, 2006.
- † Tecchio, A. **Políticas públicas de desenvolvimento territorial e superação da pobreza no meio rural brasileiro: estudo de caso no território meio oeste Contestado (SC)**. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- † \_\_\_\_\_. **Pobreza e territorialização da ação pública no território meio oeste Contestado (SC)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Seropédica, RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.

UNIDADE 5



**CIDADES SANTAS: MEMÓRIAS,  
USOS E APROPRIAÇÕES**



## Apropriações do Contestado: de assunto maldito a ícone identitário

Paulo Pinheiro Machado

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: história familiar, repressão, ditadura militar, democratização, racismo, movimentos sociais, movimentos pela terra, política catarinense.*

É difícil entender o longo período de silêncio público sobre o Contestado. O conflito – que foi de grande proporção sob todos os pontos de vista (demográfico, geográfico e cronológico) – ficou durante muito tempo restrito às memórias individuais e familiares, aos estudos mais especializados dos cronistas militares e de historiadores e sociólogos. Os primeiros romances e obras de ficção só foram publicados no início dos anos 1960, com o livro *Casa Verde* (1963), de Noel Nascimento, que foi promotor de Justiça no Paraná, perseguido pela Ditadura Militar (cassado pelo Ato Institucional n. 1 e preso político em 1964 e 1975) e o livro *Geração do Deserto* (1964) de Guido Wilmar Sassi, escritor catarinense. No cinema o tema só é inaugurado em 1971, com o filme de Sylvio Back, *A Guerra dos Pelados*, com poucas exposições e alvo de cortes pela censura. É muito tempo de silêncio público, considerando que a guerra terminou em 1916.

A Ditadura instalada em 1964 ajudou a expandir este período de silenciamento – ora tácito, ora explícito – mantendo a memória do Contestado muito distante da opinião pública regional e nacional. O longo período de silêncio pode ser compreendido por parte dos sobreviventes e remanescentes das comunidades que viveram nas Cidades Santas, como uma necessidade de esquecimento e readaptação ao mundo dos que venceram. Autoridades municipais, delegados, juízes, professores e demais profissionais, tiveram que conviver

com comunidades inteiras divididas pelo silêncio e pelos traumas impactantes da guerra. Os estigmas de “fanáticos” e “jagunços” calaram muito fundo na vida das comunidades do planalto catarinense.

A narrativa dominante de desqualificação dos sertanejos imprimiu um sentimento de marginalidade e vergonha que tornou proibitivo o manejo público do tema. Não podemos esquecer a intensa atividade policial e militar que se seguiu por décadas na perseguição aos devotos dos monges e remanescentes do Contestado no planalto. A prisão do grupo de Bonifácio Papudo em Maфра (1921), a morte e destruição do grupo de Fabrício das Neves (1924) na região de Concórdia e Irani, a repressão ao movimento dos Monges Barbudos em Soledade (RS) (1937) e a prisão dos seguidores de João Maria que voltaram a se reunir no Timbó (1942), foram episódios marcantes na vida e na memória do planalto. O folclorista Vicente Telles mencionava que tudo isso foi parte de uma “operação de limpeza”, para sufocar a memória local.

No mesmo sentido, governantes do estado de Santa Catarina, principalmente os representantes das duas oligarquias que se revezaram no poder estadual ao longo das décadas seguintes ao conflito, por razões distintas, mantiveram o tema em silêncio. A oligarquia liderada pela família Ramos descendia do então governador Vidal Ramos, que foi o primeiro governante a enviar tropas contra os sertanejos e participou junto às forças federais durante boa parte do conflito. Seu filho, o advogado Nereu Ramos era, em 1912, representante dos interesses da *Brazil Lumber Company* junto ao estado de Santa Catarina (na mesma época que seu pai era governador). Nereu Ramos foi governador e interventor federal em Santa Catarina entre 1935 e 1945 e depois deputado federal, senador e presidente interino da República. Outra facção oligárquica era formada pela família Konder-Bornhausen que se alternou no poder com os Ramos. Os Konder-Bornhausen representavam os setores industriais e financeiros do vale do rio Itajaí e estimularam a formação de uma identidade estadual ligada à imigração e à europeização do estado, por isto o Contestado caboclo, negro, indígena e mestiço não era uma imagem positiva para este projeto.

É necessário lembrar que tanto os Ramos como os Konder-Bornhausen tiveram muita influência sobre a imprensa e a intelectualidade regional em seu conjunto – tanto no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) como na Academia Catarinense de Letras e nas Faculdades em formação, o que ajudou a perpetuar o silêncio. O Contestado saiu dos estudos mais especializados de história para ganhar maior visibilidade pública durante os anos 1970 e 1980. Não



há como se compreender a formação de uma memória pública do Contestado sem relacioná-la à luta pela redemocratização do Brasil durante a Ditadura Militar. No início dos anos 1970, o teatrólogo Romário José Borelli, depois de ter participado de várias montagens do Teatro de Arena, inclusive da peça *Roda Viva*, atacada por militantes de extrema direita na época do endurecimento da Ditadura Militar, passou a cursar a graduação em História na Universidade de São Paulo (USP). Romário, que é natural de União da Vitória e já pesquisava sobre a guerra e a cultura sertaneja, relata as dificuldades iniciais para a exibição de sua peça *O Contestado* na USP, no início dos anos 1970, quando desafiavam as proibições da censura, mas tinham que fazer as apresentações iluminadas com faróis de automóveis, devido ao corte de energia que as autoridades praticavam no campus universitário.

No final dos anos 1970 e início dos 1980, há um verdadeiro recrudescimento dos movimentos rurais, uma retomada da luta pela terra em diferentes partes do país. A luta dos posseiros da região do Bico do Papagaio (atual estado do Tocantins), a luta dos sertanejos deslocados pela construção das barragens no rio São Francisco. As ocupações de terras que começaram a se multiplicar em todos os estados do país a partir do emblemático movimento de Encruzilhada Natalino (RS), em 1978.

Tudo isto foi o ponto de partida para uma retomada da luta por melhores condições de vida e trabalho das populações rurais, fortemente impactadas pelas políticas violentas de modernização do meio agropastoril durante a Ditadura. No Paraná, os deslocados pela construção da barragem de Itaipu engrossam os grupos de deserdados da terra. Em Santa Catarina, a ocupação da fazenda Burro Branco, em 1980 (Campo Erê) e o início do movimento dos agricultores atingidos pelas barragens do rio Uruguai se somaram a iniciativas da Igreja Católica, principalmente da Teologia da Libertação e da atuação do Bispo D. José Gomes na Diocese de Chapecó, entre 1968 e 1998. Dom José foi fundador do Conselho Indigenista Missionário e da Pastoral da Terra, entidades que passaram a assessorar e divulgar as ações das comunidades rurais que voltavam a se organizar.

A centralidade da luta pela terra acabou por criar uma conexão com a luta camponesa do Contestado e, de diferentes maneiras, fazer reviver e remodelar esta memória. Este processo levou à criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 1984, e a Primeira Romaria da Terra em Santa Catarina, ocorrida em 1986 em Taquaruçu. Interessante destacar a mudança de posição da Igreja

Católica – ou pelo menos em parte significativa dela – sobre este tema, já que durante a guerra os sacerdotes católicos franciscanos denunciavam o “fanatismo” dos sertanejos. A memória do Contestado foi apropriada pelo governo Amin de 1983 a 1987, através de um conjunto de iniciativas governamentais implementadas pela Fundação Catarinense de Cultura: Boletim da Fundação, placas de sinalização nos redutos e locais de combate, monumento do Irani, documentário *A Guerra Desconhecida*, da Irani Produções, entre outras iniciativas.

O governador Esperidião entendeu que faltava aos catarinenses uma “identidade” estadual e vislumbrou no “Homem do Contestado” um exemplo de luta e abnegação que poderia servir para este intento. Naquela conjuntura, Amin tentava se aproximar dos setores de oposição e da esquerda, sendo o único governador do PDS (Partido Democrático Social, ex-Arena, que continuava como base de apoio político dos militares) a apoiar a campanha das *Diretas Já*. Trouxe para seu governo políticos ligados a seu adversário eleitoral, Jaisson Barreto, então considerado um “autêntico” do PMDB. Amin se declarava um apoiador de Leonel Brizola. Nesta aproximação política, que implicava distanciamento e ruptura do grupo liderado por Jorge Bornhausen, do PFL (Partido da Frente Liberal, também proveniente da Arena), Esperidião Amin assumiu um discurso pouco convencional, que divulgou em sua mensagem no *Boletim do Caderno de Cultura Catarinense* e se perpetuou nas placas que existem em mais de 20 pontos do planalto, diz o texto de Amin:

Entre os anos de 1912 e 1916 ocorreram os episódios que passaram a ser conhecidos pela designação de “Guerra do Contestado” sobretudo, um conflito social em que milhares de caboclos tomaram lutando por seus direitos à posse da sua terra. Lutaram contra o sistema opressor, o capitalismo estrangeiro e o abandono em que se encontravam. Revoltaram-se contra os grandes fazendeiros, Coronéis, autoridades e contra todos os que os subjugavam. Neste chão foi lançada uma semente pelos homens e mulheres do Contestado: o sonho da justiça social.

A luta por terra e justiça social nunca foi uma característica do PDS, para se dizer o mínimo. Fazer este discurso gravado contra os coronéis e o capitalismo estrangeiro tornava esta iniciativa muito impactante, com grande repercussão em Santa Catarina. Apesar da filiação partidária e do passado político do governador, era um

discurso que se apropriava de vários valores, expressões e pautas tradicionais dos movimentos sociais e da tradição de esquerda do país. Esperidião retornou ao governo do estado em 1999, mas desta vez em aliança com o PFL de Jorge Bornhausen, seu discurso de estímulo à memória do Contestado continuou, mas com um conjunto menor de iniciativas e com uma moderação da memória da luta cabocla, dizendo que os rebeldes morreram para defender a “causa de Santa Catarina”, minimizando a luta social e colocando, anacronicamente, uma preocupação dos sertanejos com a sua “identidade catarinense”.

O apoio à criação da Universidade do Contestado (como o somatório de faculdades particulares isoladas existentes em Caçador, Mafra, Canoinhas, Curitiba, Porto União e Concórdia) é deste período. No entanto, o projeto desta instituição continuou como de iniciativa particular, o que acabou limitando seu potencial de interação científico-acadêmica com a região. Como política estatal de memória, não houve uma atividade contínua e regular do estado de Santa Catarina em relação ao Contestado. Muito pelo contrário, os sítios arqueológicos formados pelos locais de combate, redutos, guardas e “Cidades Santas” estão apropriados privadamente, com acesso frequentemente vedado ao público. Águas santas, cruzeiros e grutas só existem por serem cuidadas pela população devota dos monges. Em muitas localidades, a implantação de projetos de reflorestamento por pinus ou eucaliptos tem levado ao esgotamento de fontes e nascentes.

O local do reduto de Taquaruçu é hoje um grande açude. O local onde ficava a Cidade Santa de Santa Maria, o maior de todos os redutos, está partilhado por grandes proprietários que tratam com hostilidade os pesquisadores que desejam conhecer o local. As iniciativas de memória oficiais se resumem a roteiros municipais, como de Irani e Caçador. No Irani, há um importante conjunto formado pelo sítio histórico onde localizam-se o cemitério antigo, a sinalização do local de combate, o túmulo do monge José Maria e a cova dos 21 mortos (dos dois lados) tombados no combate de 22 de outubro de 1912. Em Caçador, o Museu do Contestado, formado pelo Padre Thomas Pieters e pelo pesquisador Nilson Thomé, foi construído no espaço da antiga Estação Caçador, da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, sendo um importante centro de visitação de escolares, turistas e pesquisadores.

Nos últimos anos se formou um “roteiro turístico” chamado “Vale do Contestado”, formulado pelos órgãos oficiais de turismo e divulgado por hotéis, parques e municipalidades que é uma verdadeira miscelânea de atrações. O Contestado aparecia diluído a atrações de

regiões típicas de imigração alemã, austríaca, polonesa e italiana, com sua variedade de festas e pratos típicos, que dizem muito pouco sobre a vida dos sertanejos remanescentes do Contestado, que sobrevivem às margens destes municípios, nas regiões mais pedregosas, com as piores condições de vida, frequentemente alvo do preconceito racial dos descendentes de europeus. Em 2019, um grupo de municípios resolveu criar o “vale dos imigrantes” em substituição ao Contestado, com a justificativa de que a antiga denominação remetia a um conflito. A opção “imigrante” revela a força das elites políticas e econômicas locais, europeizadas, em luta contra a formação de uma identidade “cabocla”. Outros municípios resolveram continuar na região do “Vale do Contestado”. Este são os casos de Lebon Régis, Caçador e Timbó Grande, que procuram retomar a memória cabocla, através de entidades da sociedade civil e associações de moradores.

A memória do Contestado foi apropriada nos últimos 30 anos pelos movimentos que compõem a Via Campesina (Atingidos pelas Barragens, Pequenos Agricultores, Mulheres Agricultoras, MST e diversos outros assentamentos), não só em Santa Catarina, mas nos três estados sulinos. Como a luta pela terra, a defesa das fontes e a defesa da natureza estão entre as prédicas de João Maria, a união das lutas atuais com a memória do passado ganhou um meio social importante para sua reprodução. O Contestado deixou de ser um tema tabu e passou a ser uma marca presente na vida econômica e cultural das comunidades do planalto. Contudo, o fim do esquecimento não significa que não seja uma memória dividida, disputada por diferentes instituições, revelando que pode ser apropriada por diferentes contextos de memória, que revelam distintos projetos de sociedade.

### Para saber mais

- † Auras, M. **O poder oligárquico catarinense: da guerra aos “fanáticos” do Contestado à opção pelos pequenos.** Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.
- † Rodrigues, R. R. “Nas águas do esquecimento: o movimento do Contestado e o dever de memória”. In: Priori, A.; Gruner, C. (org.) **Contestado: 100 anos de uma guerra sem fim.** Curitiba: ANPUH, 2016. p. 29-53.

## O movimento pelo Estado das Missões

Gabriel Goulart Barboza

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: questão de limites; Supremo Tribunal Federal (STF); Guarda Nacional; sul e sudoeste paranaense; planalto norte e oeste catarinense; Junta Governativa do Estado das Missões; tenentismo.*

No dia 21 de maio de 1909, o periódico *Diário da Tarde*, de grande circulação na capital do estado do Paraná, publicou a seguinte notícia:

Um Novo Estado

Comício em Palmas

O Contestado

Hontem á noite recebemos o seguinte telegramma de Palmas:

Povo em grande comício na praça pública, resolveu constituir a zona contestada em estado Federação Brasileira, afim de evitar o domínio de Santa Catatharina, confiante no inexpugnável valor da imprensa, defensora da soberania popular e em vosso patriotismo não recusareis prestígios á causa liberdade! Aclamada a comissão popular representantes municípios, dirigido apello poderes constituídos. Viva a República! Pela comissão popular.

Amazonas de Araujo Marcondes, dr. Bernardo Ribeiro Vianna, José Julio Cleto da Silva, Antonio Marcellino Pontes.

Essa foi a primeira manifestação feita em nome da criação de um estado na região do Contestado, ocorrida durante a disputa de limites entre os estados de Santa Catarina e Paraná. A principal

motivação para o comício provinha dos boatos de que Santa Catarina obteria, naquele ano, uma segunda sentença a seu favor no processo instaurado no Supremo Tribunal Federal contra os paranaenses. Uma vitória completa no campo jurídico poderia garantir aos catarinenses a posse de todo o território contestado. Os representantes citados na notícia, temendo terem que se sujeitar ao domínio dos catarinenses e perder suas autoridades políticas, territórios, fiscais, e prestígios sociais, optaram lutar por um novo estado. Em outro informe do *Diário da Tarde*, apareceram ainda como membros da comissão popular o coronel João Antonio Araújo Pimpão, Dr. João Bley e o coronel Pedro Ferreira Pacheco.

Os membros das famílias de sobrenome “Pimpão”, “Marcondes”, “Bley”, “Cleto” e “Pacheco” constituíam parte da elite local do sul e sudoeste do Paraná. Esses indivíduos contavam, geralmente, com alguma patente na Guarda Nacional (um órgão militar do período), tinham grandes propriedades fundiárias, prestígios políticos e sociais, além de alto poder econômico e, em alguns casos, milícias particulares para defenderem seus objetivos. Isso os possibilitava exercer um grau de poder acima do comum nas regiões interioranas, permitindo o controle do povo mais humilde e a possibilidade de se oporem às decisões das oligarquias estaduais, embora na maioria dos casos fossem aliados destas.

No final do ano de 1909, os boatos sobre uma segunda sentença favorável a Santa Catarina no STF se concretizaram. Em resposta, as elites locais do sul e sudoeste paranaense fundaram a Junta Governativa do Estado das Missões, contando com adeptos nas cidades de Clevelândia, Palmas, Rio Negro, Vale do Timbó e principalmente Porto União da Vitória, sede da Junta. Essas agitações fizeram com que o presidente do Paraná – como era chamado o governador na época – enviasse dois representantes para o local com o intuito de apurar os fatos. Em reunião, o governo paranaense pediu para não serem tomadas ações precipitadas antes da definição dos embargos movidos pelo Paraná no STF, prometendo apoio ao movimento no caso de uma derrota jurídica. Os membros da Junta comprometeram-se com o pedido com a condição de que os políticos da capital não assinassem nenhum acordo com o estado vizinho. Após essas deliberações, as agitações se acalmaram um pouco.

José Julio Cleto da Silva, membro da Junta Governativa, assumiu a tarefa de ser porta voz do movimento através do jornal semanal *Missões*. Nesse periódico ele defendia os direitos paranaenses sobre a

região do Contestado, sem deixar de apresentar a proposta do Estado das Missões como uma solução alternativa. Nesse sentido, torna-se interessante perceber a dualidade na defesa desses indivíduos na questão de limites: ou o Paraná obtinha a totalidade da região do Contestado nas negociações, ou eles preferiam a criação do novo estado. Alguns historiadores chegaram a afirmar que havia a intenção de incorporar o Estado das Missões ao Paraná por meio de um plebiscito após a sua criação. Entretanto, ainda não foram encontradas fontes históricas da época a respeito desse assunto.

Em 1910, Santa Catarina obteve a terceira vitória no STF e tentou dar início ao processo de execução das sentenças, contudo a Guerra do Contestado (1912-1916) logo suspendeu o andamento da discussão sobre os limites. Os líderes governamentais dos dois estados solicitaram a ajuda do Exército Nacional, numa manobra conjunta para reprimir os sertanejos. Os defensores do Estado das Missões formaram piquetes civis com suas milícias particulares e ajudaram a combater os rebeldes. Somente com o fim da guerra e a ascensão de Wenceslau Braz à presidência da República que o conflito territorial foi resolvido. Após diversas conferências na capital federal, Santa Catarina abriu mão das sentenças a seu favor, enquanto o Paraná deixou de lado a ideia de apoiar o movimento pela emancipação do Contestado. O resultado dessas discussões foi a assinatura do Acordo de Limites, em 1916, cabendo aos governantes garantir a aprovação dessa decisão nas Assembleias Legislativas de cada estado para depois ser submetido ao Congresso Nacional.

Pouco antes da assinatura do pacto entre os dois governos, as elites locais da região sul e sudoeste do Paraná perceberam a mudança de posição do governo estadual. A partir desse momento, o movimento assumiu um caráter mais autônomo, buscando construir estratégias independentes das forças políticas dominantes da capital. No final do ano de 1915, o coronel Amazonas Marcondes, portador de grande poder político, indicou Cleto da Silva para concorrer a deputado estadual como representante de Porto União da Vitória. No ano seguinte, ao assumir o cargo, Cleto tornou-se a voz do Estado das Missões na Assembleia. Em contrapartida, o presidente do Paraná, Affonso Camargo, também tomou suas precauções e, em julho de 1916, fez uma manobra política na qual conseguiu convencer a maioria dos deputados paranaenses sobre os benefícios do acordo. Podemos citar como fator contribuinte para a argumentação de Affonso Camargo a cláusula IX do documento,

que previa a manutenção das propriedades privadas registradas em cartório, mesmo com uma mudança de jurisdição estadual.

Uma oposição ainda se manteve nas cidades de Porto União da Vitória, Clevelândia, Rio Negro, Timbó, Palmas, Itaiópolis e Três Barras, embora em menor número, devido às medidas tomadas pelo presidente do Paraná. Nos dias de votação para aprovação do acordo, Cleto da Silva não hesitou em defender o Estado das Missões, tendo como argumento central o fato de os municípios citados acima serem divididos praticamente ao meio com a validação daquela proposta. Finalizou sua arguição apresentando um projeto substituto ao conchavo dos governantes, pautado no artigo 4º da Constituição Republicana de 1891 que permitia o desmembramento dos estados para formarem novos territórios:

Substitutivo ao Projecto n. 2

Art. 1. – É desmembrado do Estado do Paraná para constituir uma nova unidade da Federação brasileira, com denominação “Estado das Missões”, o território compreendido entre os Rios Iguassu e Negro, ao norte; a sueste a Serra do Mar, seus contrafortes e Rio das Canoas, ao sul Rio Uruguay e a oeste os Rios Pepery-Guassú e Santo Antonio.

§ Único – A capital do novo Estado ficará sendo a cidade de União da Victória.

Art. 2. – Prehendida a formalidade da aprovação desta resolução pelo Congresso Legislativo do Estado, em duas sessões annuaes ordinárias, sucessivas, nos termos dos Arts. 2 da Constituição do Estado, e do 4. da Constituição Federal, o Presidente do Estado, por meio de representação, a submetterá a aprovação do Congresso Nacional, de acordo com o disposto nos citados artigos.

Art. 3. – Revogam-se as disposições em contrário.

Sala de Sessões, 05 de dezembro de 1916 – Cleto da Silva.

Essa é a maior referência do projeto político para criação do Estado das Missões; nela podemos saber quais seriam os seus limites, sua capital e os procedimentos para sua criação. Todavia, o esforço de Cleto em formular essa alternativa não foi levado a sério pelos seus companheiros de tribuna e o acordo foi aprovado na Assembleia paranaense. Se a luta política falhou, os indivíduos defensores da emancipação do Contestado ainda procuraram mais uma forma de



efetivar seu objetivo: a luta armada. Buscando adeptos em Curitiba e nos demais municípios que sofreriam perdas com a divisão do território e contatando ainda com apoio de partidários do Rio Grande do Sul, os favoráveis ao movimento programaram um levante para o dia 31 de julho de 1917, uma semana antes do Acordo de Limites ser homologado no Congresso Nacional. No entanto, seus planos foram descobertos e sua primeira intenção de tomar Porto União da Vitória como sede militar falhou.

Saíram fugidos desse município em direção a outras cidades, aguardando que a população e as tropas militares do caminho aderissem à causa. Reuniram cerca de 150 homens, mas nada puderam fazer frente ao Exército Nacional e as forças estaduais presentes na região, que contavam com mais de mil homens. Vendo o fracasso do seu levante, optaram por fugir pela cidade do Barracão para a Argentina, onde aguardaram uma anistia do governo federal – logo concedida. O malogro do levante armado pode ser atribuído a constante vigilância policial sobre estes indivíduos. Desde a sua oposição ao Acordo de Limites era receio das autoridades que os antigos defensores do Estado das Missões poderiam aderir a uma insurgência armada. Ao passarem pelas cidades de Palmas e Clevelândia poucos indivíduos se arriscaram a aderir ao movimento. Além do mais, outro levante programado na região de Valões também falhou logo no início. Com o fim do período de agitações, Cleto da Silva, figura mais acusada após o levante, fixou-se em Ponta Grossa e, em 1920, lançou um livro contando sua versão dos fatos, buscando defender sua honra. A antiga liderança em prol do Estado das Missões abandonou seus anseios por um novo estado, deixando apenas sua contribuição intelectual, não prevendo que seus ideais ainda ressoariam nos anos seguintes.

No dia 22 de abril de 1922, perto das 23:00, soaram os alertas do quartel da Força Pública do estado de Santa Catarina. Sob o comando do capitão reformado do Exército, Antonio Bastos Paes Leme, cerca de 30 indivíduos disparavam contra os praças catarinenses, matando um e ferindo outro. Na troca de ofícios, as forças rebeldes pediam a rendição do general Octavio Rocha, responsável pela defesa do quartel. Alegavam já terem rendido as forças paranaenses de União da Vitória e tomado seu armamento. Entretanto, os soldados de Santa Catarina mantiveram-se firmes, num combate intervalado durante toda a madrugada. O fim dos disparos só se deu na manhã do dia seguinte, quando após longas discussões entre rebeldes e forças legais, conseguiu-se chegar a um acordo para finalizar o combate. Todas essas

informações foram obtidas através do processo judicial instaurado para apurar os fatos no ano de 1922.

Esse episódio, embora de curta duração, tinha em seus propósitos projetos que iam além do imaginável à primeira vista. Esse grupo reunia adeptos do antigo movimento do Estado das Missões e militares do Rio de Janeiro envolvidos em conspirações para a derrubada do atual presidente da República, Arthur Bernardes. Antonio Bastos Paes Leme era ligado a um setor do Exército no Rio de Janeiro, que havia defendido o candidato derrotado, Nilo Peçanha, nas eleições de 1922. Veio para o Contestado por haver na região um comitê de apoio a Nilo, procurando partidários para seus objetivos. Chegando à região, percebeu a presença da insatisfação com o Acordo de Limites de alguns indivíduos como: Didio Augusto, Modesto Cordeiro e Amazonas Marcondes, antigos defensores do Estado das Missões. Aproveitou a brecha e propôs uma aliança: se apoiassem sua causa ele apoiaria a criação de um estado no ex-Contestado quando assumissem o poder. Em abril daquele ano, Arthur Bernardes já havia assumido a Presidência da República, levando o setor militar de oposição a optar pela estratégia tomada de levantes armados. Nesse sentido, a segunda insurgência pelo Estado das Missões está associada a um dos primeiros levantes militares que ocorreram no Brasil na década de 1920. Entretanto, essa insurgência não teve uma continuidade direta, vindo a reaparecer somente cinco anos depois.

Em 1926, a conspiração dentro do setor dos oficiais do exército havia crescido, promovendo uma série de levantes pelo país, exigindo a derrubada de Arthur Bernardes e uma reforma no sistema republicano, formulando o movimento conhecido posteriormente como tenentismo. Em meio a essas agitações, autoridades paranaenses, catarinenses e coronéis do Rio Grande do Sul também aderiram às revoltas militares, como o coronel Fabrício Vieira. Esse coronel foi uma das figuras mais influentes no Contestado, combatendo os sertanejos durante a guerra, chegando a ser considerado braço direito do Exército pelo marechal Setembrino de Carvalho. Também tinha sido acusado diversas vezes de ter participado do movimento do Estado das Missões, mas nunca houve uma comprovação direta. Contudo, no final da década de 1920, sua situação era diferente, seu prestígio havia declinado e as diversas disputas pelo poder no Rio Grande do Sul colocaram seu partido na oposição, fazendo-o abandonar o estado e aderir ao tenentismo.

Foi Fabrício Vieira a última liderança responsável por reivindicar a criação do Estado das Missões, no momento em que o país lidava

com as conspirações militares. Em 1927, o coronel juntou cerca de 60 homens armados de fuzis *mauser* e *winchester*, pequenas granadas de mão, espadas e facões, e promoveu um ataque à Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande em território catarinense. O bando era subdividido em pequenos grupos, sendo seus respectivos chefes: Hygino Azeredo, vulgo capitão silêncio, Dr. Erasmo Fernandes, vulgo Dr. Dinamite, João Pedro de Andrade Dorthas do Amaral, dizendo-se sobrinho do general Pinheiro Machado, Antero Alves, ex-delegado de polícia de Mafra e o coronel Fabrício Vieira. Durante o ataque, eles atearam fogo em dois vagões carregados de lenha, destruíram trilhos, o telegrafo e ainda soltaram uma locomotiva desgovernada em direção à estação de Três Barras, para evitar a chegada de tropas legalistas. Após essa ofensiva, fugiram para a Serra da Esperança onde distribuíram um manifesto à população incentivando a aderirem à causa do Estado das Missões. Entretanto, o movimento acabou não alcançando seu objetivo; a maioria dos indivíduos foi caçada e presa nos anos seguintes pelas polícias dos três estados do Sul e pelo Exército Nacional por conta dos estragos feitos na estrada de ferro. Novamente o movimento pelo Estado das Missões falhou.

Essas foram as três insurgências conhecidas pela criação do Estado das Missões, tornando-se interessante percebermos as diferenças e semelhanças entre os movimentos. O primeiro foi o mais organizado, ocorrido em momento oportuno. Apresentou um projeto político articulado com várias elites da região e reuniu o maior número de homens armados para lutar em sua defesa. O segundo parece conservar antigos traços do primeiro, lutando em seu favor indivíduos ainda insatisfeitos com o Acordo de Limites e atuantes no levante de 1917; articulados com um militar do Rio de Janeiro promoveram apenas um ataque ao quartel da força pública catarinense sem dar continuidade a revolta. Já o terceiro foi o que mais se diferenciou dos outros; o projeto do Estado das Missões apareceu somente no final de toda movimentação. Apenas o coronel Fabrício Vieira tinha uma ligação com os antigos movimentos, enquanto os outros indivíduos estavam mais atrelados às conspirações militares. Resta ainda saber se eles defendiam mesmo a criação do novo estado ou usaram o manifesto apenas como estratégia para entrarem na categoria de “crime político”, mais flexível na época.

Por fim, uma das principais contribuições dos estudos sobre as insurgências em nome do Estado das Missões foi a de procurar entender as disputas ocorridas pela definição dos limites e administração das

regiões internas do Brasil durante o século XX. A briga entre Santa Catarina e Paraná pelo Contestado, na maioria dos casos, foi vista somente pelas movimentações dos governadores, deixando de entender a complexidade e o conjunto de forças atuantes nesse tipo de resolução. Conhecer o movimento pelo Estado das Missões é perceber mais uma parte ativa nessa disputa; é entender como se dava a relação entre o local, o estadual e o federal, permitindo aprofundar o estudo dentro desse campo. Se o Contestado fosse emancipado, Santa Catarina e Paraná perderiam uma das zonas com maior potencial econômico do período e o estado catarinense ficaria reduzido apenas a uma zona litorânea. Isso certamente deve ter pesado no momento das negociações. Ainda podemos afirmar que o reaparecimento do movimento na década de 1920, quando já estavam resolvidas as jurisdições no antigo território contestado, demonstra a permanência da fragilidade administrativa daquela região. Por conseguinte, vale lembrar que as pesquisas sobre o Estado das Missões vão além de um estudo sobre um episódio local, elas pretendem entender toda uma complexidade e rede de relações em que esse movimento estava inserido.

### Para saber mais

- † Barboza, G. G. **O movimento em prol do Estado das Missões: uma luta pela emancipação do Contestado (1909-1917)**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.
- † \_\_\_\_\_. **A resistência ao Acordo de Limites e o Estado das Missões (1910-1917)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- † Silva, C. **Accordo Paraná-Santa Catarina ou O Contestado diante das carabinas**. Curitiba: Papelaria Globo, 1920.
- † Wachowicz, R. C. **Paraná, sudoeste: ocupação e colonização**. Curitiba: Literotécnica, 1985.

## O território, o herói e a guerra: o Contestado nos museus do Paraná

Luiz Carlos da Silva

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: memória oficial, museus, memória paranaense, questão de limites, políticas de memória.*

No Paraná o tema do Contestado não costuma ser um assunto lembrado em eventos públicos. Também são raros os espaços ou monumentos dedicados ao assunto ou a alguns de seus personagens. Em Curitiba, por exemplo, temos a Avenida Presidente Affonso Camargo, a rua Presidente Carlos Cavalcanti e a Avenida Cel. João Gualberto. Os dois primeiros, presidentes (governadores) do estado à época da guerra, o último, comandante do Regimento de Segurança do Paraná, morto em 22 de outubro de 1912 no Combate do Irani. Todavia, apenas este último recebeu essa homenagem tendo como motivo a sua participação na guerra. Affonso Camargo e Carlos Cavalcanti foram lembrados por suas carreiras políticas. O primeiro, um ferrenho defensor do Paraná na questão de limites; o segundo, líder de uma oligarquia com grande influência regional. Descendentes da família Camargo ainda atuam na política local.

Além de Curitiba, alguns personagens vinculados ao Contestado foram imortalizados com nomeações de ruas e praças de outras cidades do Paraná, assim como por monumentos públicos. Um exemplo é a “Cruz do Aviador”, no município de General Carneiro, local onde morreu o piloto militar Ricardo Kirk (1874-1915), em 1º de março de 1915, colocando um ponto final na curta utilização de aviões no Contestado. O monumento atual é composto por uma estrutura em concreto construída pela prefeitura em 05 de outubro de 1980, placas de bronze que resumem o fato histórico, e uma cruz de madeira que

substituiu a original feita com dormentes de trilhos de trem pelos dois moradores – Ricardo Pohl e Ricardo Chaikoski – que acharam o corpo do militar em 1915. Note-se que são todos nomes representativos do poder oficial e que combateram na repressão aos caboclos. Embora tenhamos uma gruta na cidade da Lapa que lembre o monge João Maria, sua popularidade resulta mais da devoção e do turismo e menos da iniciativa de uma política pública de memória.

Quando nos perguntamos sobre os motivos para tal esquecimento – seja ele proposital ou não – a longa questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina surge como elemento central. Desde 1853, ano da emancipação política do Paraná, travou-se intenso embate político e jurídico entre Paraná e Santa Catarina, e a solução encontrada, a assinatura do Acordo de Limites em 1916, não foi bem aceita por nenhum dos lados inicialmente. Contudo, no governo paranaense a decepção beirou a revolta, resultando inclusive em movimentações armadas na região do Contestado lideradas por políticos do estado. Os intelectuais também fizeram severas críticas ao Acordo, pois entendiam que o estado não poderia ficar sem parte de um território que considerava legalmente seu.

Esse “ressentimento” começou a ficar evidente na mensagem enviada à Assembleia Legislativa em 25 de novembro de 1916, pelo então presidente do estado, Affonso Camargo, explicando os motivos para ter aceitado o Acordo, pelo qual foi muito criticado. Camargo disse que se tratava de uma “fatalidade histórica”, ter ele que se dirigir pela primeira vez aos deputados como presidente eleito para falar justamente do Acordo de Limites. O documento é quase uma “certidão de nascimento” de uma frustração que ecoaria em obras historiográficas, jornalísticas e pronunciamentos de representantes políticos nas décadas seguintes.

Embora a questão de limites e a Guerra Sertaneja do Contestado sejam coisas distintas, tendo apenas esporádicos pontos de contato, as classes política e intelectual se tornaram arredias ao tema da guerra e mesmo ao dos limites territoriais. As muitas políticas de memória elaboradas no estado até os dias atuais não incluíram o assunto. Apesar disso, ações pontuais não deixaram de acontecer. Exemplos são os museus, que com recursos muito limitados, abriram espaço ao Contestado.

Entre os intelectuais que criticaram o Acordo de Limites – e o fez em vários de seus livros – estava David Antônio da Silva Carneiro (1904-1990). Descendente de uma família de formação militar e ligada

à indústria ervateira, David Carneiro teve tanto uma formação inicial militar quanto participou dos negócios da família, embora os tenha abandonado por motivos diversos. Sua atividade mais destacada foi mesmo intelectual, da qual faziam parte a poesia, crônica, biografia, jornalismo e História. Foi ainda professor da Universidade do Paraná entre 1951 e 1969 e o responsável, em 1937, pela primeira lista de bens paranaenses que seriam tombados pela Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Foi também fundador e mantenedor de um museu, batizado em homenagem ao seu pai, coronel da Guarda Nacional. Fundado em 1928, o museu contava com objetos adquiridos desde a infância. Em 1953, quando foi instalado em sede definitiva, David Carneiro dizia que o acervo estava organizado de forma a apresentar uma “sequência evolutiva” do Brasil, da colônia à república. O jornalista, Rodrigo Wolff Apolloni, do *Jornal Indústria & Comercio*, em edição de 10 de fevereiro de 1994, o definiu como “um museu de armas e heróis”.

Entretanto, devemos destacar que, como pesquisador e historiador, David Carneiro procurou salientar a participação local em eventos históricos de importância nacional, e fez desta memória regional a característica principal de seu museu. E nesse aspecto o destaque foi a participação do Paraná na Revolução Federalista (1893-1895), em especial, no Cerco da Lapa, ocorrido entre janeiro e fevereiro de 1894. Para ele a resistência “heroica” na Lapa ajudou a “manter” a república, como se esta estivesse ameaçada. Ainda hoje essa versão tem adeptos no estado. O culto ao “herói” da resistência lapeana, general Antônio Ernesto Gomes Carneiro (1846-1894), deve muito ao trabalho do fundador do museu.

É nesse espaço que o Contestado surge de forma bastante modesta. Tendo como base o Catálogo do SPHAN, de 1940, resultante do tombamento das coleções, anotamos 13 objetos relacionados ao Contestado e cerca de cem referentes à Revolução Federalista; número que não leva em consideração a indefinida contagem de “dragonas” e “abotoaduras”, por exemplo, citados apenas como “uma coleção”. As coleções compunham-se basicamente de armas, fardamentos, espadas, espadins, condecorações, quadros, documentos e algumas peças simples e de uso cotidiano. Sobre o Contestado, a maioria das peças (8) serviu à memória do coronel João Gualberto Gomes de Sá Filho (1874-1912), tal como uma simples escova de dentes. Das Cidades Santas o catálogo registrava três peças: duas bandeiras dos

redutos e uma “moldura toscamente esculpida, encontrada no reduto de Taquarussú, na Campanha do Contestado”. Fazia parte ainda uma Comenda oferecida pelo presidente do Paraná, Carlos Cavalcanti, aos que se destacaram no Contestado, e uma placa de inauguração de um trecho da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG) em 1906. Com o tempo, outros objetos foram incluídos e o museu ainda contava com um importante acervo documental sobre o conflito rebelde.

Dessa forma, o que mais se vê é a construção do herói do Contestado e a condenação dos caboclos, evidenciados nas legendas do Catálogo, elaboradas pelo próprio David Carneiro: “Capacete do uniforme do exército brasileiro de 1897 que pertenceu ao coronel João Gualberto Gomes de Sá, a primeira e mais ilustre vítima dos fanáticos do Contestado Paranaense”. João Gualberto como “vítima” dos “fanáticos” foi recorrente no Catálogo, na exposição e em livros desse intelectual. “Escova de dentes que o coronel João Gualberto Gomes de Sá trazia no bolso quando foi morto pelos fanáticos, no Iraní” é outra dessas legendas que segue o mesmo critério de mostrar os caboclos como violentos e fanáticos, e que as ações de “barbárie” partiam somente deles.

Apesar do tombamento do acervo pelo estado em 1972, o compromisso governamental de apoiar o museu, zelando pelo seu patrimônio, ficou apenas na promessa. A instituição deu mostras de estar definhando em 1979, quando a primeira coleção de moedas (adquiridas ainda na década de 1920) teve que ser vendida para saldar dívidas. A partir de 1980, outra dívida, desta vez herdada de um de seus filhos, levou David Carneiro a entregar, anos mais tarde, a sede do museu (que ficava na Rua Comendador Araújo, 551) como forma de pagamento. Sem ajuda efetiva de governantes e com sua morte em 1990, o museu fechou as portas em 1994. Muitos dos cerca de seis mil objetos e 30 mil livros (segundo o próprio Carneiro) foram vendidos de forma irregular pela família. A maior parte do acervo que restou está no Museu Paranaense desde 2004. Outra parte está na cidade da Lapa, em seu Museu Histórico e Museu das Armas.

Em 1950, outra instituição do gênero abriu as portas em Curitiba: o Museu Histórico da Polícia Militar do Paraná (PMPR). Diferente dos demais, o Museu da Polícia pôde contar com o seu próprio material bélico, documentos, fotografias e outros tantos objetos para constituir um acervo. Sua função, como não poderia ser diferente, era preservar a memória histórica da própria corporação, enaltecendo seus “heróis” e destacando a sua participação em períodos conturbados da história do estado e do país: Guerra do Paraguai, Revolução Federalista, Guerra



Sertaneja do Contestado, Revolução Paulista de 1924, Revoluções de 1930 e 1932, entre outras ações. Criado em 1º de dezembro de 1949 por meio do Art. 439, Decreto n. 9.060, foi efetivamente inaugurado em 29 de agosto de 1950. O responsável por sua criação e, inclusive, dando nome à instituição, foi o tenente coronel Augusto de Almeida Garret (1898-1955). Garret é citado como parte dos contingentes que estiveram no Contestado e nas Revoluções de 1924, 1930 e 1932. Não há apontamentos sobre o período exato de sua participação nesses eventos bem como, ao que parece, se esteve em funções administrativas ou no front. Sua relevância no meio militar se deu pela organização do museu.

Em 1982, este museu passou por uma reestruturação, ganhando novo fôlego e ampliando sua participação na construção da memória da PMPR; ou seja, se num primeiro momento, o de sua criação, a missão era organizar e consolidar esta instituição, na segunda, o de sua reestruturação, estava inserido em uma fase de pesquisas sobre o passado militar estadual. O principal responsável por estas pesquisas foi o capitão João Alves da Rosa Filho (1933-2004), que ingressou na polícia em 1953. Também participou da comissão responsável por reestruturar a unidade museológica, reinaugurada em 10 de agosto de 1982, data de aniversário da PMPR. Rosa Filho é lembrado como o “maior historiador” da PMPR.

No corredor onde estão hoje os quadros dos antigos comandantes da corporação, encontra-se também um resumo da Guerra do Contestado com fotografias, mapas e informações textuais. Elementos comumente apontados no estado como motivadores para o início da violência na região não faltaram: questão de limites, religiosidade, ferrovia, madeireira, abandono e expulsão da população cabocla. O Irani é lembrado com fotos do local do combate, do monumento “Mãos de Cimento” e do cemitério ao lado do atual museu da cidade. A foto apresentada como sendo a de José Maria é mais uma das tantas já usadas para se falar do “segundo” João Maria. As legendas, em seu conjunto, não se assentam de forma categórica na costumeira oposição civilização/barbárie. Há o “capital estrangeiro opressor”, os “fanáticos”, os que morreram “defendendo seus direitos” ou “cumprindo ordens” etc. A Sala de Armas, inaugurada em 1953, continua sendo um dos espaços que mais chamam a atenção dos visitantes. É onde está exposta atualmente (em 2014, ano de nossa visita ao museu) a célebre metralhadora Maxim, que falhou no Combate do Irani e que geralmente é apontada como uma das causas do fracasso da expedição

comandada por Gualberto, resultando na morte desse coronel. Sua cor dourada é outro detalhe interessante na arma que poderia causar muitos estragos, mas que se tornou marcante justamente pelo que não fez. Contudo, esse modelo de arma foi usado em outros combates como na Revolução de 1924.

E a memória do coronel João Gualberto, presente na galeria de retratos, no histórico da guerra, na Maxim, também encontrou espaço em outras salas. Na de uniformes, ao lado de uma imagem de Tiradentes, estão a faixa e a bandeira que cobriram seu caixão no traslado entre Palmas e Curitiba. Em outra sala estão expostas uma espada e cartas-patente desse coronel. Outra característica que vale a pena destacar é que, diferente dos outros museus citados aqui, este nunca ocupou um espaço só seu, sobre o qual pudéssemos dizer algo como “aquele é o museu da PMPR”. Ocupando salas dentro dos quartéis, acabava por se tornar uma instituição voltada para o seu próprio criador, apesar das exposições itinerantes. Desde 2009, está instalado na Academia Militar do Guatupê, às margens da BR-277, dificultando o acesso aos interessados e mantendo a rotina de não dispor de um espaço independente das instalações da corporação.

Até a década de 1970 podemos dizer que o Contestado nunca foi um assunto de ampla divulgação, tanto no Paraná quanto em Santa Catarina. Entre os paranaenses o assunto era pesquisado por historiadores ligados ao Exército, por integrantes do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, e por historiadores como David Carneiro e Romário Martins (1874-1948), em trabalhos marcados por críticas ao Acordo de Limites e aos caboclos, além do enaltecimento do coronel João Gualberto. O museu de David Carneiro e da PMPR incorporaram essas ideias, além de serem ações isoladas, sem ligação com políticas públicas de memória.

A partir da década de 1970, sob influência de novos estudos, as abordagens sobre a guerra entraram em nova fase. Nessa mesma época, em Santa Catarina, foram criados museus tendo o Contestado como referência, e o governo catarinense incluiu um levantamento sobre os “Resíduos do Movimento Messiânico do Contestado”, como consta no Plano Catarinense de Ação Cultural, de 1972. No principal museu do Paraná, o Museu Paranaense (MP), inaugurou-se a sexta – e até aquele momento a maior – sede dessa instituição tendo o Contestado como parte de suas exposições de longa duração.

O Museu Paranaense, inaugurado em 1876, foi fundado em um

período no qual as exposições universais convidavam as nações a demonstrarem seu grau de desenvolvimento, de civilização. O período foi marcado também por outra característica, a forte atuação dos museus nacionais etnográficos e de história natural. Os próprios fundadores do MP, o desembargador Agostinho Ermelino de Leão (1834-1901) e o médico José Cândido da Silva Murici (1827-1879), tinham ligação com exposições e museus etnográficos e de história natural. O MP era particular e se tornou público em 1883, quando foi assumido pelo estado.

É complicado afirmar em que período uma exposição de longa duração sobre o Contestado foi elaborada no MP. O certo é que a guarda de objetos tendeu sempre ao crescimento. Um de seus ilustres diretores, Romário Martins, que dirigiu a instituição entre 1902 e 1928, foi um dos intelectuais mais combativos em favor do Paraná na questão de limites, fazendo longas pesquisas, produzindo cartografia e organizando farta documentação que comprovariam a posse paranaense sobre as terras contestadas. Uma parte dessa produção ficou na instituição.

No que se refere aos espaços de exposição, começamos destacando a inauguração da sexta sede do museu em 1974, ocupando o prédio da antiga prefeitura de Curitiba, construído entre 1912 e 1916. Uma planta baixa das salas, pertencente ao acervo, apresenta a organização desses espaços e, por meio das legendas, o conteúdo das exposições. O Contestado foi organizado em lugares separados da parede. Na primeira, a questão de limites. No painel os mapas “Localização Fanáticos”, “Mapa do Contestado”, “Acordo Paraná/Santa Catarina”; no suporte, uma bala de canhão. No painel da guerra temos as legendas “Pelotão Cavalaria”, “Tropa em União da Vitória”, “Fanáticos em Canoinhas”, todas referentes às fotografias; e na vitrine de objetos estão bússola, carabina, espada de madeira, medalha do Contestado, corneta, cantil e chapéu. A destacar nessa exposição uma boa diversidade de objetos e o uso do termo “fanáticos” sem os cuidados e contextualização sugeridos pelos novos estudos a respeito do tema, prevalecendo ainda a condenação dos caboclos. Não há indicações sobre os monges e nem se havia um texto explicativo sobre a guerra.

O acervo do MP seria ampliado em 2004 com o recebimento do que antes fazia parte do Museu Cel. David Carneiro. Referentes ao Contestado recebeu-se armas, duas bandeiras dos redutos, fardamento, condecorações, quadros, e um importante acervo documental, hoje organizado sob o título “Eventos Históricos/Guerra do Contestado”.

São 24 documentos manuscritos ou datilografados e telegramas assinados por militares e políticos. Alguns com apenas poucas linhas e outros com até oito páginas. Somado ao acervo existente, o MP teve condições de desenvolver exposições maiores e mais complexas sobre a guerra, como as de curta duração de 2006 e 2012. E em dezembro de 2018, inaugurou-se a mais recente exposição de longa duração, expondo pela primeira vez uma das raras bandeiras dos redutos. A exposição iconográfica foi ampliada e reorganizada e os textos reelaborados. Diferente de 1974, as exposições realizadas a partir de 2006 incorporaram gradativamente os novos estudos sobre a guerra.

Estes três museus apresentados até aqui podem ser definidos como os mais importantes em matéria de Contestado no Paraná ao longo de mais de um século após o término da guerra. No entanto, podemos ainda citar o Museu Histórico José Alexandre Vieira, na cidade de Palmas. Só que aqui o que mais se destaca é o esquecimento. Apesar de administrar um grande território em terras contestadas à época, incluindo a região do Irani, Palmas tem dado maior atenção à memória histórica ligada ao tropeirismo e aos grandes fazendeiros. E isso fica bastante evidente no museu. Instalado em um casarão de 1910, foi fundado em 1979 e recebeu o nome do professor de música e “primeiras letras”, José Antonio Alexandre Vieira, que também era tenente coronel da Guarda Nacional e considerado um “pioneiro do ensino primário em Palmas”. Possui cerca de duas mil peças que, como em outros museus, procura preservar a memória dos pioneiros e seus descendentes. No que se propôs a divulgar, o museu tem desempenhado sua função, mas segue sendo um lugar de silêncio sobre o Contestado, e onde só encontramos um retrato de João Maria e um mapa da questão de limites sem contextualização e legendas, não possibilitando ao visitante saber do que se trata. Também não há referências que informem sobre a relação entre o Combate do Irani e o coronel Domingos Soares (1852-1928), um dos principais personagens históricos da cidade.

O olhar particular de David Carneiro; a história da PMPR; a formação e reelaboração das exposições no Museu Paranaense; o “silêncio” em terras contestadas. Iniciativas que, em que pesem semelhanças, há diferenças e críticas a fazer, já que foram ações isoladas sobre o Contestado em um estado no qual as políticas públicas de memória excluíram o assunto e optaram pela memória dos antepassados das lideranças políticas atuais. Contribuiu ainda para a minimização do Contestado na memória social e historiográfica paranaense, a força dos grandes “heróis” da política e a opção por passagens históricas

consideradas mais eloquentes no cenário nacional, como na Lapa, além de uma maneira de olhar para o campo onde curiosamente se enxergaram colonos europeus mas não caboclos e sertanejos que ousaram inventar, no período da guerra, uma forma de organização social dissociada das regras oficiais representadas pelas principais lideranças políticas e religiosas no Contestado.

### Para saber mais

- † Carneiro, C. B. **O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná**. Curitiba: SAMP / Coleção Teses do Museu Paranaense, 2013.
- † Machado, D. V. **O percurso intelectual de uma personalidade curitibana: David Carneiro**. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012.
- † Rosa Filho, J. A. **Grandes vultos da corporação: traços biográficos**. Curitiba: s/ed., 1985.
- † Silva, L. C. **Museus do Paraná e Santa Catarina: formas de lembrar e esquecer a guerra sertaneja do Contestado (1912-2012)**. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.

## Jagunços, coronéis e caboclos: museus catarinenses e sítios históricos sobre o Contestado

Luiz Carlos da Silva

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: políticas de memória, cultura material, patrimônio, acervo de museus, museu militar.*

Uma característica que diferencia muito os museus catarinenses se comparados aos do Paraná, quando estamos falando em Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916), é o fato de as mais importantes instituições museológicas catarinenses sobre o tema estarem próximas a locais e/ou instaladas em edificações que tiveram ligação direta com esse evento histórico que tanto marcou os dois estados. Não analisamos todos os museus da região; escolhemos aqueles situados em locais históricos relevantes e com os maiores acervos sobre os habitantes do Contestado, a ferrovia e a guerra: Museu Histórico Thiago de Castro (1960), de Lages; Museu Histórico Antônio Granemann de Souza (1973), de Curitiba; Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado (1974), de Caçador; Museu Histórico de Santa Catarina (1979), de Florianópolis; Museu do Patrimônio Histórico de Três Barras (1980), no município de mesmo nome; Museu Monge José Maria (1999), de Irani; Museu do Jagunço (2003), de Fraiburgo. Com exceção de Florianópolis, todos os outros, em maior ou menor grau, podem ser analisados levando-se em conta sua proximidade com os sítios históricos. É preciso ressaltar que a análise desses museus teve como referência o ano de 2012, por marcar o centenário do início da guerra, mas seguiram praticamente sem mudanças até pelo menos 2017.

Em Lages, o museu, inicialmente de caráter privado, foi inaugurado por seu idealizador, Danilo Thiago de Castro (1919-?), em 1943 e recebia

apenas visitas esporádicas. Por meio da Lei n. 281, de 09 de junho de 1960, a Câmara o declarou oficialmente criado e foi sancionado pelo prefeito, Vidal Ramos Júnior (1908-1962). Apesar de oficializada sua fundação, não havia um local definido para expor as coleções. Quando abriu ao público em 22 de maio de 1960, ocupou espaço no Clube 14 de Junho. Ao longo dos anos teve mudanças de sede e períodos fechados e só foi transferido para sede definitiva em 1997 no antigo prédio do fórum de Lages.

Lages não foi centro da guerra, mas a participação da família Ramos – o principal clã político da cidade e de Santa Catarina na época – nos rumos do conflito é notória, e a localidade foi cercada pelos caboclos entre outubro e novembro de 1914, exigindo a criação de uma “Guarda Patriótica” de cerca de 400 homens para sua defesa. Entre as fotos que constam em seu acervo, destacamos a da exumação de Agustin Perez Saraiva, antigo federalista e conhecido como Castelhana, personagem que participou do ataque e incêndio a Curitiba e também no cerco de Lages. Meses depois, Castelhana foi capturado, executado e teve as orelhas cortadas para serem levadas a Lages como prova de sua morte. A foto mostra o corpo que foi exumado apenas para o simples fim de fotografá-lo. Entre os objetos há algumas lanças fabricadas pelos defensores da cidade. Outra peça importante do acervo é uma das bandeiras usadas pelos caboclos nos redutos.

Nas décadas de 1960 e 1970, a Guerra Sertaneja do Contestado passou por uma grande renovação no campo das pesquisas, principalmente partindo das universidades. Até então o domínio desses estudos ficava a cargo dos militares e membros dos Institutos Históricos. Mesmo o governo catarinense, na década de 1970, iniciou alguns levantamentos a esse respeito, apesar de ações ainda muito tímidas. Foi a partir dessa década que os mais significativos museus sobre o Contestado abriram as portas.

Curitiba é uma das cidades mais significativas historicamente quando falamos a esse respeito. Não muito longe dali ficava a localidade do Taquaruçu – hoje pertencente ao município de Fraiburgo –, onde ocorreu a primeira expulsão de caboclos a mando do autoritário coronel Francisco Ferreira de Albuquerque (1864-1917), então superintendente (prefeito) de Curitiba. Esta cidade não seria esquecida pelos caboclos no período mais violento da guerra, sendo atacada e incendiada em 26 de setembro de 1914. Um dos principais motivos para o ataque foi a destruição de títulos de propriedade de terra que estavam no cartório.

O Museu Histórico de Curitiba foi oficialmente criado em 10 de fevereiro de 1973 e, em 29 de agosto do mesmo ano, teve seu nome alterado para Museu Histórico Antônio Granemann de Souza, em homenagem a um ex-prefeito. Apesar do caráter público de sua criação, inclusive com a antiga sede da prefeitura sendo utilizada para esse fim, foram as iniciativas e os trabalhos de duas mulheres que de fato viabilizaram a criação da instituição: Maria Batista Nercolini (1920-1993) e Zélia de Andrade Lemos (1925-1990), ambas de famílias tradicionais, o que ajuda a explicar o aspecto pouco crítico das exposições em relação às famílias abastadas da cidade.

O acervo foi basicamente formado por peças doadas pela comunidade a pedido de suas idealizadoras. Móveis, louças, roupas, fotos e outros objetos das famílias tradicionais não faltaram. Há a sala com mobiliário da antiga prefeitura e na parede retratos dos antigos prefeitos/superintendentes, inclusive, claro, do coronel Albuquerque, assassinado em 1917, bem como uma impressora de 1910, usada no jornal *O Trabalho*, periódico de propriedade do citado coronel. No andar superior, logo ao final da escadaria, imagens e resumos biográficos dos monges. Em outra sala, protegidas por grade e cadeado, armas usadas no tempo da guerra: espingardas, *winchesters*, *mausers*, pistolas, balas, facas, facões e punhais. Todas sem informações sobre seu uso ou não nos combates. O problema maior no museu foi a falta de textos ou vídeos que dessem ao visitante uma ideia de conjunto, fazendo conexões entre os diversos personagens citados nas coleções. A função de explicar esta relação ficava a cargo do guia disponível, geralmente o próprio diretor do museu. Na mesma sala de armas estavam também um mapa com os caminhos percorridos pelos militares e a costureira foto da assinatura do Acordo de Limites. Segundo ex-funcionários e apoiadores dessa instituição, elaborar um novo circuito expositivo que mostre as muitas faces de tempos tão conturbados na cidade ainda continua sendo um sonho.

Em 1974 seria fundado de forma modesta a principal instituição museológica sobre o conflito: o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, em Caçador. A instituição foi criada no interior da antiga Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe (FEARPE), uma instituição filantrópica, contando inicialmente com os esforços do jornalista e historiador, Nilson Thomé (1949-2014), e do padre e antropólogo, Tomas Pieters. Oficialmente o museu ainda não pode ser considerado público, embora tenha uma parceria com a prefeitura. Ocupou três endereços provisórios antes de ganhar sede própria em



25 de outubro de 1986. Esta última, vinculada a um ambiente político estadual analisado pela historiadora, Marli Auras (1991).

A unidade museológica está instalada em uma cidade historicamente marcada pelas tensões no Contestado. Caçador foi palco de movimentações militares, inclusive servindo de improvisado campo de pouso, sendo que esse se localizava próximo de onde hoje se encontra o museu. Soma-se a isso o município ser cortado pelo Rio de Peixe – divisa provisória entre Paraná e Santa Catarina na questão de limites – e pela Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Assim, temos um sítio histórico relevante.

De início, somos apresentados aos artefatos antropológicos, expostos desde sua fundação em 1974. Na sequência, entramos no espaço da ferrovia do Contestado. Telégrafos, mobília, máquina de calcular, manômetros para a medição da pressão das caldeiras dos antigos trens a vapor, quepes de funcionários, fotografias da construção da estrada de ferro, entre outros objetos, compõe o acervo permanente. Adiante observa-se a coleção sobre o povoamento e a colonização da região do Contestado a partir do fim da guerra. São porcelanas de uso doméstico, chaleiras, ferros de passar roupa, rádios, gramofone, penteadeira, máquina de escrever, plantadeira, máquinas de costura, lamparinas, relógio de parede, televisores, telefones, triciclo, objetos religiosos, além das tão tradicionais fotografias dos “pioneiros”. E sobre a guerra formou-se o mais amplo acervo se comparado às demais instituições do gênero. Armas, fardamentos, fotografias, resumo histórico, arte plástica e cênica apresentam ao visitante uma rica multiplicidade visual e de significados. Há um resumo histórico que, além da cronologia habitual com os principais combates e os múltiplos fatores que levaram à guerra, lembra que após o fim oficial da campanha militar houve um “massacre omitido” com a participação do estado e a violenta ação dos vaqueanos. Os diversos textos ajudaram a fazer conexões entre as coleções. E além de todo o acervo mencionado, ao lado do museu repousa a locomotiva *Baldwin-Mogul*, fabricada em 1908, e mais dois vagões.

Em 1979 o governo catarinense inaugurou – depois de outras tentativas – o Museu Histórico de Santa Catarina. Instalado inicialmente no histórico prédio da Casa da Alfândega, foi transferido, em 1986, para a antiga sede do governo, o Palácio Cruz e Sousa. Os responsáveis por sua criação diziam que sua função seria a de se “especializar” na “história política do estado”, limitando assim as futuras coleções. O resultado foi que o próprio prédio passou a ser

o principal objeto em exposição. Construído entre os anos de 1770 e 1780, passou por uma grande reforma entre os anos de 1894 e 1998, dando-lhe as feições atuais.

Em relação ao Contestado, destacaram-se apenas as exposições de curta duração de 1986 e 2012. Nesta última, chamou a atenção a exposição de objetos de trabalho do cotidiano dos caboclos em suas terras ou como agregados, propondo um olhar para além da relação entre o caboclo, a guerra, a ferrovia e a madeireira. Excetuando essas ações, o conteúdo dessa instituição museológica continua tão distanciado do Contestado quanto o prédio o está da região.

A cidade de Três Barras, no planalto norte de Santa Catarina, teve sua economia fortemente impactada pelo início das atividades, em 1911, de uma das unidades da *Southern Brazil Lumber And Colonization Company*, popularmente conhecida como *Lumber*. A outra foi construída em Calmon. As duas cidades, na ocasião, estavam sob jurisdição do Paraná enquanto não se resolvesse a questão de limites, que se arrastava desde 1853. A empresa fazia parte do mesmo grupo que construiu a ferrovia, a *Brazil Railway Company*. E foram nas edificações da madeireira e da ferrovia que se implantaram as duas sedes do Museu do Patrimônio Histórico de Três Barras. A primeira em 1980, no que antes era o armazém da *Lumber*, e a segunda na estação ferroviária da cidade, onde está desde 1997. A primeira tentativa teve vida curta, indo apenas até 1983. Durante esse período, a principal responsável pela formação e organização do acervo foi Aglaé Pacheco Bueno, descendente de família com longa história na região. A instituição só reabriria as portas em 1997, na antiga estação. Nesta ocasião a filha de Aglaé, Viviane Bueno, participou da organização do acervo.

Junto à primeira sede funcionou também a Casa da Cultura, com atividades como curso de pintura, gastronomia, artesanato, cerâmica, música e coral. O local tinha ainda uma modesta biblioteca. No museu especificamente, as fotos e objetos faziam referência à tradicional família Pacheco, às atividades nas fazendas e à construção e às atividades da ferrovia e da madeireira. Inicialmente não havia uma ordem muito precisa, um circuito expositivo organizado nos moldes como conhecemos hoje. Esta característica ganhou forma em sua nova fase, em 1997, em um imóvel desativado da ferrovia. A antiga estação foi construída em 1916 e fazia parte do ramal que ligou as cidades de Porto União da União da Vitória ao porto de São Francisco do Sul, em Santa Catarina. Três núcleos principais estruturam a exposição das

suas coleções: a *Lumber* e a ferrovia; as famílias “tradicionais” e sua representatividade na formação histórica e econômica da cidade; e a Guerra Sertaneja do Contestado.

Sobre a guerra, um resumo histórico impresso em um grande folder na parede apresenta as causas: o “sentimento de revolta dos nativos”; o descaso das “esferas oficiais”; a madeireira e a ferrovia; a questão de limites; o “messianismo propagado na religiosidade cabocla” e os monges; o “imperialismo e o colonialismo acobertados pela República”; a “estratificação social” e a “índole guerreira do caboclo, que por formação natural o tornava um ser violento, corajoso e destemido”. A Revolução Farroupilha (1835 -1845) e a Revolução Federalista (1893-1895) também entraram na conta por influírem na migração de grupos do Rio Grande do Sul para a região do Contestado. Soma-se a esse roteiro o sempre lembrado “abandono” de funcionários da estrada de ferro. Dentre os objetos, destacamos algumas fotos das movimentações militares comumente encontradas em outros museus do gênero, a foto utilizada para se referir ao monge José Maria, duas armas de cano longo, mapa da região do conflito, representações (pinturas) de João Maria de Jesus e Maria Rosa, e uma réplica da bandeira utilizada pelos caboclos.

Nos arredores do local do famoso “Combate do Irani”, ocorrido em 22 de outubro de 1912, que resultou na morte de 21 pessoas – dentre as quais o monge José Maria e o coronel João Gualberto Gomes de Sá Filho (1874-1912) –, foi inaugurado, em 1999, o Museu Monge José Maria, resultado de um projeto inacabado iniciado ainda na década de 1980 pelo governo catarinense, contando ainda com ações da prefeitura do Irani e do historiador, músico e compositor, Vicente Telles (1931-2017). O projeto incluiria a construção de 50 casas que beneficiariam famílias pobres, “inspirado”, de certo modo, numa “Cidade Santa” cabocla, o que foi deixado de lado com a desculpa de que causaria grande impacto ao sítio histórico. Um anfiteatro também foi idealizado, ficando inacabado. Além do museu, a localidade se destaca ainda pelo “Cemitério do Contestado”; a escultura conhecida como “Mãos de Concreto”, de José Alvim, que a batizou de “Monumento Aos Vencidos”; e os locais de sepultamento de José Maria e demais mortos do combate – à exceção de Joao Gualberto, que foi levado para Curitiba. Se observarmos bem, o museu é antes um memorial. Não há aqui os diversos objetos que o caracterizariam como unidade museológica. Foi construído sem divisórias com madeira de pinho e bambu trançado, sendo a réplica de uma casa cabocla. Réplica também é a locomotiva

doado por uma universidade local e colocada ao lado da edificação. Apesar de estar localizado em um sítio histórico importante, a partir de 1913 os combates ocorreram longe dali. Isto talvez ajude a explicar a falta de objetos de valor histórico em seu interior, bem como sua idealização e fundação tardia, quando as principais instituições do gênero já tinham se consolidado e formado respeitáveis acervos. A guerra é aqui contada em reproduções fotográficas e textos. No geral ele não expõe nada que não se tenha visto em outros museus. Como memorial tem sim sua importância. Para alunos de escolas locais – muitas vezes sem condições de visitarem outras instituições – o espaço fornece informações necessárias sobre o tema e ajuda a entender a importância do local onde está.

Em 2003, tendo como vizinho o local onde ficava o reduto do Taquaruçu, destruído pelos militares em 08 de fevereiro de 1914, teve início as atividades do Museu do Jagunço. Sua gênese o torna uma exceção se comparado a qualquer museu sobre o Contestado. A “alma” dessa unidade museológica chama-se Pedro Aleixo Felisbino. Nascido na cidade de Santo Amaro da Imperatriz, próximo a Florianópolis, Felisbino precisou mudar-se para o planalto catarinense em 1956 por conta de uma doença de seu pai. Em 1966 comprou dos caboclos um terreno na localidade de Taquaruçu de Cima, passando a conviver e a conhecer as muitas histórias que os moradores locais ainda guardavam sobre a guerra. Na lida com a terra, Pedro Felisbino encontrava cartuchos de balas e restos de bombas enterrados no solo, despertando ainda mais a sua curiosidade a respeito do que havia ocorrido na localidade. Curiosidade que o fez não apenas guardar estes artefatos, mas procurar saber o que os antigos moradores tinham a dizer. Some-se a isso as histórias que sua esposa, Lora de Lorenzi, ouviu e anotou de seus alunos no Taquaruçu durante 26 anos. “Garimpando” objetos e memórias de sobreviventes da guerra bem como de seus descendentes, conseguiram formar coleções que tinham como característica principal as memórias dos próprios caboclos, resultando em um acervo muito distinto dos demais museus.

Por muitos anos esses objetos foram guardados em casa e só conseguiram um local apropriado quando uma escola rural desativada foi oferecida pela prefeitura. Distante 24 km do centro de Fraiburgo, o Museu do Jagunço foi oficialmente aberto em 03 de agosto de 2003 como instituição pública. Na placa em sua entrada além do nome está escrito: “Cidade Santa do Taquaruçu”. O acervo, bem organizado, está

disposto em dois imóveis; no maior os artefatos da guerra e, no menor, instrumentos de trabalho.

Na exposição da guerra os objetos, depoimentos e fotos são de sobreviventes e descendentes. A exposição deu voz, nome e sobrenome aos caboclos. Estamos acostumados a ver imagens dos sertanejos em atos de rendição ou trabalhando na ferrovia e na *Lumber*, este museu subverteu a lógica e apresentou personagens em seu cotidiano. No lugar das costumeiras lendas, as memórias dos próprios moradores locais; em vez do fardamento de personagens como o coronel João Gualberto, objetos que, segundo a tradição local, foram manuseados pelo monge José Maria. Como apontado acima, boa parte dos artefatos da guerra foram encontrados ali mesmo nos arredores. E os muitos objetos de uso agrícola ajudaram a forjar uma identidade que vai muito além dos velhos estereótipos.

O nome da instituição foi escolhido pelos próprios moradores, ao que parece, destituído de seu antigo significado pejorativo. Se no campo das pesquisas os anos de 1960 e 1970 nos trouxeram um olhar mais amplo e complexo sobre o Contestado, no campo da museologia este modesto museu abriu as portas para que outros personagens pudessem dar a sua versão.

Com exceção dessa última instituição, que teve proposta distinta, aos demais cabe a observação de que ao longo de seus anos de atividades faltou clareza na identificação de quais políticos tiveram participação no desenrolar da guerra. Dizer que a ferrovia e a madeireira, ou seja, o “capital estrangeiro” é o “culpado” pelas arbitrariedades é algo muito parcial. Governos federal e estadual, secretários, deputados, senadores e outros mais são diretamente responsáveis pelas atrocidades cometidas na Guerra Sertaneja do Contestado. Contribuindo um pouco com essa questão, não nos esqueçamos dos governadores de então: Vidal José de Oliveira Ramos Júnior e Felipe Schmidt, de Santa Catarina; Carlos Cavalcanti de Albuquerque e Affonso Alves de Camargo, do Paraná.

Excetuando-se alguns períodos de participação mais acentuada de prefeituras e estado, essas instituições museológicas tiveram um certo grau de autonomia para desenvolverem os seus trabalhos. Os(as) idealizadores(as) e corpo técnico geralmente trabalharam com poucos recursos e ajudaram a tirar do esquecimento uma parte importante da história do país. A participação da comunidade local foi fundamental para isso; as doações de objetos e documentos sintetizaram de certo modo o interesse em resgatar e manter as memórias sobre a guerra

e de seus antepassados. Estarem instalados em locais de combates e em edificações utilizadas pela ferrovia reforçam essas memórias e possibilitam ao visitante não só o contato com objetos, mas o de ter a experiência de visitar espaços geográficos e edificações que foram palcos de um dos eventos mais violentos da história do Brasil.

### Para saber mais

- † Auras, M. **Poder oligárquico catarinense: da guerra aos “fanáticos” do Contestado a “opção pelos pequenos”**. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.
- † Karsburg, A. O. **O eremita das Américas: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX**. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2014.
- † Silva, L. C. **Museus do Paraná e Santa Catarina: formas de lembrar e esquecer a guerra sertaneja do Contestado (1912-2012)**. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.

## O Contestado e a literatura

Susan A. de Oliveira

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: literatura e cultura oral, benzeduras, orações, literatura de cordel, romance de cavalaria, tradição poética medieval, imperador Carlos Magno.*

O Contestado é um importante tema para a literatura escrita e pode ser revisitado num grande número de obras. Contudo, é necessário falarmos também sobre a sua literatura oral, que diz respeito a como essa população produzia sua própria literatura e, deve-se dizer que através dela, também produziu sua memória e fontes incontornáveis de sua história.

A literatura oral do Contestado é fruto de uma cultura original e única, formada no encontro dos saberes indígenas locais com o conjunto dos fragmentos de tradições culturais trazidas pelos africanos e portugueses bem como de outros povos europeus que chegaram em diferentes momentos do povoamento da região. A cultura cabocla do Contestado tem, portanto, características dessa mistura que se mostra nos valores, costumes e na sua literatura oral, na qual as narrativas indígenas entraram em contato com as lendas, adágios, provérbios e causos de terras distantes que foram recebidos e recontados de geração em geração e, ao longo do tempo, incorporados à identidade e ao modo de prostrar local. A literatura oral, no entanto, é mais do que receber, traduzir e transmitir, pois na verdade ela é como a biblioteca de todos os saberes e produz todo o sentido que permeia as práticas sociais em um mundo onde os livros são raros.

Especialmente, é o que vemos também nas práticas da religiosidade popular. O ritual da palavra na religiosidade popular, como nos atos de benzer e orar, atravessa as práticas sociais porque qualquer pessoa pode invocar auxílio para curar doenças do corpo e da alma, fazer crescer o

ção e as roças, pedir proteção contra perigos nas estradas, livrar as casas de raios e tempestades, fazer dormir as crianças, entre outras situações. Destacam-se os inúmeros tipos de oração que vão desde as formas mais canônicas do Pai Nosso e da Ave Maria até as que apelam às outras figuras medianeiras como os santos e os anjos que, na maioria das casas, têm pequenos altares dedicados a eles. No Contestado, nesses altares era onde se faziam também as devoções e homenagens a São João Maria, figura de suma importância nessa história.

Muito valorizadas e estudadas na literatura da tradição oral portuguesa, as orações e benzeduras marcam também outros povos, sendo que na tradição oral brasileira o Contestado merece destaque pela forma como a religiosidade popular agregou toda uma população em torno de rituais de fé, cura e proteção para enfrentar um problema social maior que os problemas individuais do cotidiano. Essas orações e benzeduras são obras poéticas compostas por uma linguagem ao mesmo tempo corporal, verbal e sonora e que tem efeitos performativos, ou seja, é uma linguagem que tem o poder de alterar a percepção do ouvinte e intervir na realidade enunciada, inclusive com o auxílio dos elementos da natureza, como as fontes d'água de São João Maria que serviam para beber, batizar e benzer; ou como as cinzas das fogueiras que ele fazia ou as cruzes que plantava, que tinham o poder de cura para os devotos que assim pediam. Também relíquias de São João Maria e José Maria eram objetos de extremo valor religioso, sendo levados aos altares ou em forma de amuleto junto ao corpo para causas específicas, como se livrar das balas dos soldados, por exemplo.

A prática da religiosidade popular foi permeada pela literatura oral também fora do campo ritualístico e, nesse sentido, observamos a importância das narrativas das vidas de santos, as hagiografias. Essas narrativas, muito populares na Idade Média europeia, visavam exaltar as vidas de homens e mulheres comuns com seus sacrifícios e provas de fé até se tornarem santos. As regras monásticas procuram usar suas vidas como exemplos e por isso o título de monge é atribuído pelo povo a alguém em quem as qualidades da santidade são identificadas, muitas vezes sem qualquer relação com a Igreja. Nos sertões brasileiros é enorme a popularidade desse tipo de narrativa em torno de pessoas com tais qualidades. No Contestado, por exemplo, há notícias da passagem de vários monges, mas os que realmente ficaram na memória do povo graças às narrativas foram João Maria e José Maria. E não havia entre mais velhos e crianças quem não tivesse ouvido falar ou não soubesse contar deles algum ensinamento ou milagre.



A literatura oral também incorporou a literatura escrita e popularizou obras clássicas como os romances de cavalaria, um gênero de poesia medieval feita em homenagem aos guerreiros e heróis católicos, principalmente os da dinastia do imperador Carlos Magno (França, séculos VIII a IX) e os cavaleiros do rei Arthur (Grã-Bretanha, séculos V a VI). Os romances de cavalaria foram traduzidos da língua francesa e da língua inglesa inicialmente ao espanhol e ao galego-português, mas no século XIX já havia versões em língua portuguesa que foram levadas ao Brasil e aos países africanos colonizados por Portugal e, assim, incorporadas por diversas tradições orais. Essas narrativas se tornaram habituais nos sertões e festejos populares do interior do Brasil e foram temas de muito sucesso na literatura de cordel brasileira seguindo o modelo do tradicional cordel português. Conta-se que José Maria tinha um exemplar da história de Carlos Magno e dos Doze Pares de França, o que explica a enorme importância dessa obra nas suas pregações e também na formação dos guerreiros do Exército Encantado que combateram na Guerra do Contestado.

É também por causa dessa mesma tradição poética medieval trazida pelos portugueses que se popularizou na literatura oral do Contestado as chamadas “décimas”, que é o nome de um tipo de estrutura poética que contém várias estrofes com dez versos cada uma. O enorme sucesso da décima em terras brasileiras influenciou também outras tradições orais, como o repente nordestino e a trova gauchesca. A décima tradicional é uma estrofe com dez versos em rima numa poesia com várias estrofes, mas o mais comum no Contestado é não haver uma regra fixa e encontrarmos estrofes com números variados de versos, conforme o gosto do compositor. A seguir, por exemplo, temos uma décima com uma estrofe de 12 versos, de autoria de Antônio Fabrício das Neves a partir de suas lembranças de infância:

Joao Gualberto está vindo  
Comandando um Batalhão  
Trazendo em sua muamba  
Metralhadora e canhão  
Veio pra fazer banditismo  
Com os caboclos do sertão  
O monge mandou uma carta  
escrita bem declarado  
precisamos se falar  
talvez teje mal informado

não precisamos brigar  
porque não somos intrigado

As décimas do Contestado formam um acervo literário para a memória do movimento e são de inestimável valor cultural, tendo como temas principais os monges João Maria e José Maria e seus ensinamentos, além de outros personagens que estiveram na Guerra do Contestado, mas também os valores e os anseios do povo, os hábitos, a crítica social, o sofrimento e as crenças religiosas que, como vimos, estão na base da visão de mundo cabocla.

Ao final da guerra, os sobreviventes e familiares dos mortos que tombaram nos redutos precisaram se refugiar no anonimato. Mesmo com esse silenciamento imposto, a literatura oral continuou seu trabalho de memória e foi redescoberta por vários pesquisadores, tal é o caso de folcloristas pioneiros como Vicente Telles e Euclides Felipe, e de pesquisadores como Ivone Gallo, Paulo Pinheiro Machado e a professora Eunice Cadore Franzack, por exemplo, que em momentos diferentes trouxeram ao público o testemunho histórico e as décimas inéditas de Antônio Fabrício das Neves, como a citada acima.

Na luta contra o silêncio e o predomínio das narrativas dos vencedores, também a literatura escrita fez reviver a voz dos mortos e sobreviventes através de personagens reais e ficcionais e da recriação em novas cenas dos principais acontecimentos da guerra. Pode-se dizer que em meio à expressiva produção literária sobre a Guerra do Contestado há dois romances que se destacam pelas sucessivas reedições: *Geração do deserto*, de Guido Wilmar Sassi, romance publicado pela primeira vez em 1964 e que já teve cinco edições, e *Império caboclo*, de Donald Schüller, lançado em 1994 e que conta com três edições, sendo que ambas estiveram presentes nas listas de obras literárias do vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2006 e 2013.

Além disso, a obra *Geração do Deserto* foi adaptada ao cinema por Silvio Back, em 1971. Esses fatos demonstram que o público leitor dessas obras foi não apenas contínuo, mas se tornou bastante heterogêneo ao longo de 50 anos de circulação dos dois romances, período em que também a historiografia e a sociologia do Contestado se renovaram e reconstituíram a memória daquela experiência brutal juntamente com a literatura, o cinema e o teatro. Este último produziu duas obras de destaque: *O Contestado*, musical de Romário Borelli, encenado pela primeira vez em 1972 pelo Grupo Armação e que conta com mais de

20 montagens; e *Contestado: a guerra do dragão de fogo contra o exército encantado*, de Antônio Cunha, encenada em 2003 pelo mesmo grupo.

Em relação aos romances citados, cada um ofereceu uma nova forma de acesso à memória do Contestado a partir de uma escrita singular. No romance *Geração do deserto* a narrativa se projeta sobre os acontecimentos de Irani, Taquaruçu, Caraguatá e Santa Maria acompanhando o deslocamento espacial da guerra que foi reunindo devotos e revoltosos. À medida que o movimento se deslocava e crescia diante de uma batalha cada dia mais cruel, o desfecho trágico ia se aproximando, marcado no romance pelo esgotamento da resistência diante da fome, das doenças e dos rigores do cotidiano brutal. O narrador nos coloca em contato tanto com os personagens frágeis como com os fortes que oferecem diferentes perspectivas dos fatos e no todo nos dão a dimensão humana do movimento dos que foram vencidos.

No romance *Império caboclo* nos confrontamos com um narrador inconformado que se põe a vasculhar papéis e indagar os fragmentos de vários textos que ele introduz na narrativa, estabelecendo vínculos discursivos entre eles e mostrando a memória como atividade questionadora sobre as imagens e os discursos. Diferente do que acontece em *Geração do deserto*, o narrador de *Império caboclo* não apresenta o Contestado como o terreno de guerra, mas como o território de um Império de um povo soberano: o Império Caboclo que se espraia por uma floresta labiríntica que vamos descobrindo enquanto o narrador faz suas investigações.

Por fim, devemos considerar que, tanto na poética oral como na literatura escrita, estamos sempre diante de um limite para o acesso à memória que nos é dado pela história real da morte e do trauma dos sobreviventes, pois estas são experiências impossíveis de serem narradas e representadas, permanecendo como aquela ferida que não pode ser tocada. À literatura não cabe desvendar, mas elaborar uma ética de aproximação e escuta para essa memória dolorosa, intocável e silenciosa dos vencidos que, no entanto, grita.

## Para saber mais

- † Espig, M. J. **A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado**. Canoas, RS: Ulbra, 2004.

- † Felipe, E. J. **O último jagunço: folclore na história da Guerra do Contestado**. Curitiba, SC: Universidade do Contestado, 1995.
- † Oliveira, S. A. **Guerra do Contestado: mimesis e políticas da memória**. Tese (Doutorado em Literatura). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- † Sassi, G. W. **Geração do deserto**. Porto Alegre: Movimento, 2002.
- † Schüler, D. **Império caboclo**. Florianópolis: EdUFSC, 2004.

## Artistas espreitam a História e escrevem com pincéis

Delmir José Valentini e Gerson Witte

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: artes plásticas, trajetória de artistas, Willy Alfredo Zumblick, Heidi de Assis Correa (Hassis), Déa Catharina Reichmann, Marcia Elizabete Schüler.*

A história do Contestado e suas temáticas já inspiraram muitos artistas que, de modos diferentes, com técnicas específicas e materiais diversos, expressaram entendimentos a partir do encantamento com os temas históricos e o conhecimento necessário para a criação e a elaboração de diferentes manifestações artísticas. Nas artes plásticas, muitos dos que manejaram lápis, tintas e pincéis se debruçaram e se inspiraram nas temáticas da Guerra do Contestado. Cada um elaborou significativas obras, cada qual com suas fontes e em contextos específicos.

As interpretações artísticas são inerentes à utilização do tema escolhido e permitem uma visão da história do Contestado intermediada pela poética e também pelo contexto social e econômico do momento da criação, desnudando alguns aspectos intangíveis que não se encontram apenas no objeto artístico. A história foi assimilada a partir de determinadas informações disponíveis, interpretada pelos criadores que destacaram os acontecimentos a partir do contexto vivenciado, da sensibilização e da aproximação com os temas.

Buscamos uma apresentação das obras artísticas que cruza informações sobre os motivos, inclinações estéticas, interesses pessoais do artista com os motivos e interesses da tradição, da sociedade e da época em que está inserido e pode contribuir significativamente para uma breve análise, aqui destacando as obras alusivas à história do Contestado.

Nas obras de Zumblick, Hassis, Déa Reichmann e Manih, mostramos um pouco do que cada artista, em seu contexto, apresentou sobre os valores simbólicos do mundo cultural que gerou a produção do seu próprio objeto artístico e a forma como foram representados. Se buscou as possibilidades e os entendimentos sobre as temáticas da história do Contestado julgadas interessantes para os artistas e para a sociedade, cada um com suas leituras, técnicas, talento, criatividade e subjetividade.

A escolha destes quatro artistas contemplou uma breve apresentação de obras criadas em diferentes décadas, desde o ano de 1956, quando Zumblick pintou o primeiro quadro denominado *fanáticos*. Passa pela década de 1980, com os desenhos e o painel *Terras Contestadas* de Hassis, e pela década de 1990, com os mais de 40 quadros de Déa Reichmann, inspirada nas leituras do livro de Maurício Vinhas de Queiroz. Por último, têm-se as aquarelas de Manih, todas produzidas nestas últimas duas décadas, a maioria do ano de 2012, durante a efeméride do Centenário do início da Guerra do Contestado, porém continuando até 2018, com os quadros *Anúnciação*, *Esconderijo* e *Menino Tamboreiro*.

## Zumblick

A descrição sobre este artista foi fundamentada, principalmente, nas pesquisas realizadas por Volnei Martins Bez e Valmiré Rocha dos Santos. Filho de pai imigrante alemão e de mãe descendente de imigrantes italianos, Willy Alfredo Zumblick nasceu na cidade de Tubarão em 1913, exatamente no ano em que os sertanejos reiniciavam o movimento do Contestado na Cidade Santa de Taquaruçu, interior do então município de Curitiba. Willy Zumblick viveu quase um século e dedicou a maior parte da sua vida a atividades artísticas, tendo também exercido o ofício de relojoeiro na cidade natal, onde faleceu no ano de 2008.

A vocação de Willy Zumblick pelas artes manifestou-se muito cedo. Enquanto estudante já se destacava como excelente em desenho e pintura, chegando a exercer, na adolescência, o ofício de desenhista de cartazes para o cinema local, ilustrando os filmes que seriam exibidos. Trabalhou na relojoaria do seu pai e não teve formação artística específica, mas teve contato com um pintor da Escola de Belas Artes de Porto Alegre, na ocasião em que foi auxiliar do mestre na execução de pinturas sacras na Igreja de Tubarão.

Nas décadas de 1930 e 1940, realizou importantes exposições, tendo a sua primeira mostra individual realizada em Tubarão, depois também acontecendo em Florianópolis e em diversas outras cidades de Santa Catarina e, em 1944, em Porto Alegre. Já no ano de 1946 fez uma exposição de 60 telas no Rio de Janeiro. Durante sua trajetória, Zumblick concluiu milhares de obras de arte, principalmente pinturas, mas também esculturas, painéis, murais e monumentos. Seus temas contemplam aspectos das tradições, da cultura, manifestações populares, paisagens e personagens catarinenses ou não, como o casal Anita e Giuseppe Garibaldi, monumento dedicado para as “Mães” e aos “Caminhoneiros”.

Ao longo das décadas que seguem até o ano de 1987, produziu mais de mil obras artísticas e recebeu, no ano 2000, uma homenagem com a construção de um museu com o seu nome na cidade onde nasceu e sempre viveu. O acervo do Museu Willy Zumblick conta com 70 telas de pinturas diversas, pequenas esculturas, objetos pessoais, comendas, entre outros. Há dificuldades para se saber exatamente o número de obras produzidas em toda a sua trajetória, a maior parte executadas para particulares que as guardaram em acervos próprios.

O total de obras sobre a temática Contestado abrange três desenhos e dez pinturas a óleo, sendo que a primeira obra foi produzida no ano de 1956: o quadro *Carga dos Fanáticos (Os fanáticos)*. Embora os últimos quadros de Zumblick sobre o Contestado datem da década de 1980, esta primeira obra produzida ainda na década de 1950 revela os entendimentos representados pelos escritos sobre o tema que até então predominavam na academia e os entendimentos revelados naquele contexto, com atribuições como “fanáticos” que forjaram preconceitos e desqualificaram a luta pela vida e pela dignidade dos sertanejos que viviam na Região do Contestado, discurso construído nas décadas que se seguiram após o conflito.

## Hassis

A descrição sobre este artista foi fundamentada, principalmente, nas pesquisas realizadas por Carlos Augusto Souto Moura. Heidi de Assis Correa nasceu em Curitiba no ano de 1926 e morreu em Florianópolis no ano de 2008. Com dois anos de idade chegou com a família para morar na capital de Santa Catarina, onde, depois de trabalhar como desenhista numa empresa de tipografia e numa madeireira, passou

a desenhar e a pintar, deixando um legado com mais de duzentas exposições coletivas e 66 mostras individuais.

Entre as décadas de 1940 e 1950, começou a participar dos movimentos artísticos e literários da Ilha, destacando-se como ilustrador e desenhista para obras literárias, capas e importantes participações nas edições da *Revista Sul*. No final da década de 1950, fez uma série de desenhos com motivos do folclore ilhéu para a decoração do restaurante Caiçara, logo em seguida iniciando sua primeira exposição de pinturas e desenhos alusivos à arte da Ilha de Santa Catarina.

Entre as décadas de 1960 e 1980, realizou decorações carnavalescas em clubes de Florianópolis. Pintou quadros interpretando a *Via Crúcis*, mosaicos de pisos em cinco praças públicas, desenhos de exposições como *O Circo*, e o mural *Humanidade* que decora a capela da Universidade Federal de Santa Catarina. Pintou murais no aeroporto e no Banco do Brasil da capital, de Joinville e na Cidade do Porto, em Portugal, entre tantas outras obras produzidas pelo artista.

Nas temáticas do Contestado, iniciou sua obra no ano de 1984, área em que teve contribuições importantes a partir das informações do seu avô paterno, que lhe contava sobre a Guerra, despertando o interesse e a atenção em observar os operários da empresa madeireira Santo Amaro, muitos oriundos de Serra Acima, como são conhecidas as pessoas oriundas no planalto serrano e oeste catarinense. Hassis conviveu durante o tempo em que também atuou na mesma madeireira, ainda antes da década de 1940.

Na década de 1980, foi convidado pelo governo do estado de Santa Catarina a produzir uma obra com o tema Contestado, na efeméride dos 70 anos da assinatura do Acordo de Limites entre Paraná e Santa Catarina. Estudou o tema e realizou uma extensa produção artística que denominou *Terras Contestadas*. O conjunto desta obra abrange 78 desenhos feitos em bico de pena sobre papel que serviram de base para a realização do grande painel que realizou no ano de 1985. São 36 metros lineares, divididos em sete módulos com desenhos alusivos ao início, meio e fim da Guerra do Contestado.

Inicialmente o painel ficou exposto no terminal urbano da capital, sendo retirado e armazenado em condições precárias em um depósito. No fim da década de 1990, a Prefeitura de Caçador, através da Secretaria de Educação e Cultura, trouxe o painel para Caçador, onde permaneceu exposto na Casa da Cultura Dante e Albina Mosconi. Na mesma década, passou para a Universidade do Contestado, exposto



numa área de convivências, tendo sido devolvido para a prefeitura na década de 2010 e instalado no Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, onde permanece em exposição permanente.

Este painel representa um importante patrimônio artístico alusivo ao tema que possibilita leituras visuais, inspira estudos e tem na sua realização importantes contribuições para a história da Guerra do Contestado. O autor, além dos relatos orais, também fez uma vigorosa pesquisa sobre o tema fazendo leitura de livros como *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado* escrita pelo sociólogo Maurício Vinhas de Queiroz, o que se percebe pelo resultado da sua obra artística sobre o tema, que possui uma forte inspiração nas questões sociais presentes no movimento modernista brasileiro e na obra *Guernica*, do espanhol Pablo Picasso.

### Déa Reichmann

A descrição sobre esta artista (em alguns aspectos, os dois anteriores também) foi fundamentada, principalmente, nas pesquisas realizadas por Delmir José Valentini e Rita I. P. Peixe. Déa Catharina Reichmann nasceu em Erechim (RS), no dia 14 de fevereiro de 1930. Com sete anos, foi morar em Paranaguá e, aos dez, mudou-se para Curitiba para estudar. Na cidade, criou raízes e permanece até a atualidade.

Bisneta de um imigrante alemão, Déa carrega nas suas origens, além de traços germânicos, a ascendência de uma avó italiana que marcou profundamente as suas memórias e recebeu em homenagem o seu segundo nome, Catharina. Contudo, não foi somente Déa que recebeu esta homenagem, em Caçador (SC), primeiro uma vila operária e depois um bairro ficaram conhecidos como Vila Santa Catarina. A Vila foi mais uma homenagem para a mãe dos donos de uma serraria, de sobrenome Reichmann, que atuaram durante o ciclo do pinho, cortando, serrando e exportando madeiras retiradas em Caçador e nos demais municípios vizinhos da ferrovia São Paulo-Rio Grande.

O pai de Déa se chamava Carlos Reichmann e também deixou um legado inesquecível para a filha. Déa lembra do pai acompanhando o avô alemão nos negócios de madeiras em Buenos Aires, onde chegaram a morar um tempo. Além dos negócios madeireiros, Carlos é descrito como um verdadeiro pesquisador à frente do seu tempo, lendo muito e contando histórias, fazendo cabalas e praticando Yoga. Para Déa e as

demais filhas, o estudo sempre foi o mais importante, colocando todas em internatos e garantindo a formação de professoras.

Déa estudou desde cedo e logo realizou o desejo do pai, apesar de não atuar depois no magistério, concluiu uma formação pedagógica. A convivência num ambiente de muito incentivo à leitura e à história foi decisivo na escolha de outro curso superior, biblioteconomia e documentação, sendo o suporte profissional em toda a sua carreira na biblioteca da Universidade Federal do Paraná.

Concluiu o Curso Superior de Belas Artes, paralelamente frequentando oficinas e cursos oferecidos pelo professor Guido Viaro, talentoso artista paranaense que ajudou a influenciar e formar uma geração inteira de novos artistas em Curitiba. O gosto e a dedicação aos desenhos e pinturas acompanhou Déa desde os tempos do colegial. Foi com surpresa que dois pequenos quadros seus foram apresentados por Guido Viaro e Déa foi aceita no Salão de Belas Artes Paranaense.

Uma dedicação maior para a pintura e as artes veio somente depois de encerrada a carreira profissional como bibliotecária. Quem trabalhava diariamente com tantos livros, recebeu, de presente do irmão, exatamente um livro, cujo título era *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)*. A leitura desta obra impressionou profundamente a gaúcha radicada no Paraná, com passagem da família pelo Região do Contestado. O que se conhecia até então, mesmo trabalhando a vida toda no meio de tantos livros, eram obras mostrando uma “guerra de fronteiras”, uma disputa por limites, brigas de fazendeiros e jogo de forças na cobrança de impostos.

A leitura do livro de Maurício Vinhas de Queiroz foi a inspiração para a pintura de mais de quatro dezenas de quadros: esboçava, desenhava e pintava, predominando a cor azul. Ao pintar o Contestado, voltaram as memórias das histórias contadas pelo pai, especialmente sobre o monge João Maria, personagem lembrado constantemente nas narrativas do entusiasmado contador de histórias Carlos Reichmann. Suas obras possuem este caráter ilustrativo, enaltecendo principalmente as narrativas e personagens advindos dos redutos, evitando mostrar os agentes do governo que reprimiram o movimento.

Dos mais de 40 quadros pintados entre 1992 e 1994, com técnica mista em eucatex, alguns foram roubados, outros se encontram espalhados desde Guarapuava até o Rio de Janeiro, mas a grande maioria foi doada e se encontra exposta permanentemente na Universidade do Contestado no Campus de Mafra (SC).

## Manih

A descrição sobre Manih foi fundamentada, essencialmente, em informações e documentos fornecidos pela própria artista. Márcia Elizabéte Schüler nasceu em Videira, no Alto Vale do Rio do Peixe, meio-oeste de Santa Catarina, no dia 04 de agosto de 1967. Sempre gostou de desenhar e nunca esqueceu o incentivo recebido dos pais desde cedo para estudar, denunciado nos riscos de lápis de cor presentes nos livros do pai, um autodidata que chegou a escrever a história da própria comunidade (Anta Gorda, interior de Videira) ou nos cadernos da mãe, uma professora alfabetizadora. Com 15 anos, foi estudar em Curitiba. Sonhava com arqueologia, mas estudou engenharia, arquitetura e iniciou também o curso de Belas Artes. No curso de Arquitetura, seguiu até a formatura e continuou como profissional neste campo durante 23 anos.

O gosto pelos desenhos e pela pintura que veio da infância jamais foi abandonado e voltou intensamente quando Márcia conheceu os trabalhos do artista Guanabara e fez uma oficina de pintura. As primeiras experiências foram em tela acrílica, depois passou para eucatex e outros materiais. As técnicas em pinturas, as tintas, os pincéis e as cores e seus sentidos já haviam sensibilizado o cotidiano da Márcia que, dos traços da arquitetura, do gosto pela arqueologia, pela engenharia e das curiosidades pelas ciências e pela docência, passou para uma paixão pelas artes. Nasceu a Manih, nome artístico de Márcia, que produziu intensamente, por vezes em várias telas ao mesmo tempo e a paixão se tornou um frenético hábito.

O espaço vip da Perdigão de Videira, projetado pela arquiteta Márcia, se tornou um dos pontos de exposições de artistas renomados, entre outros, acolhendo também quadros pintados pela Manih, que participou diversas vezes com exposição de suas obras, como as admiradas mandalas, temas indígenas, inspirada nos incas, nos guaranis, irmãos das florestas, virando uma necessidade pintar para não sufocar. Sempre muito criativa, trocando os óculos o tempo todo para ver a vida de diferentes pontos de vista e sempre experimentando novas cores e novos temas. No ano de 2013, aquarelas de Manih foram selecionadas para uma exposição internacional em Saint Germain en Laye, na França e, em 2014, três aquarelas foram selecionadas para o salão de Artes de Neauphle Le Château.

O interesse pelas temáticas regionais, especialmente sobre o Contestado, começou a partir de experiências em sala de aula, mas as

reflexões nasceram na própria família. Manih observava atentamente a avó, descendente germânica, se referindo aos “brasileiros” e dando impressões de que falava de outro grupo humano, não raras vezes tratados como caboclos, de modo pejorativo. A surpresa instigante foi a descoberta da identidade da avó, constando o registro como brasileira: ela própria também carregava esta nacionalidade. Mais tarde, enquanto Márcia lecionava numa universidade um componente curricular chamado “Regionalidades do Design”, estudou e aprofundou o debate sobre quem eram os “brasileiros”, encontrando outros sentidos para conceitos de alguém criada enfeitando um pinheirinho com neve em pleno mês de dezembro.

A imersão nas temáticas do Contestado ocorreu depois da leitura de um romance escrito pelo primo, Donaldo Schüller, escritor e tradutor que nasceu em Videira, mas está radicado em Porto Alegre desde os cinco anos de idade. O livro *Império caboclo* provocou profundas reflexões em Manih que, desconhecendo a epopeia de homens e mulheres simples que convivia desde criança, passou a admirar aqueles que antes o preconceito e uma visão eurocêntrica de mundo havia relegado a uma condição de “brasileiros”. Descobriu a história da Maria Rosa e dos brasileiros que lutaram na Guerra do Contestado e passou a se sentir parte desta história. Numa feliz expressão da própria artista, “cada história que eu ouvi doeu e saíram estas aquarelas”.

O acervo de Manih sobre o Contestado, até esta data, soma mais de duas dezenas de telas pintadas em diferentes materiais, expressando diversas temáticas e contextos, a primeira foi elaborada no ano de 2006 com o nome de *Família cabocla*. Depois desta, praticamente de modo ininterrupto, foram dez anos de muita criação e trabalho (2008 a 2018), com os quadros *Mandala de pinhão*, *Turbilhão*, *Madrugada no Irani: quase batalha*, *Degola das crianças*, *Dor e esperança*, *Fênix do Contestado*, *Mãe do Taquaruçu*, *Monge fé e esperança*, *Prelúdio da dor*, *Trem da morte II*, *Caboclo Adeodato*, *Meninhas do Timbó*, *O ser e a flor*, *Penúria manifesta*, *Família Cabocla II*, *Maria Rosa do Contestado*, *Anúnciação*, *Esconderijo e Menino tamboreiro*. Em 2012, no ano do centenário do início da Guerra do Contestado, Manih pintou seis quadros.

O ingresso de Manih como docente concursada no Instituto Federal Catarinense de Videira, a partir de 2013, foi herança das lições que aprendeu com a família. Sempre estudando muito, ingressou num programa de mestrado, depois no doutorado e, ao mesmo tempo, trabalha intensamente com as artes. Sem preconceitos, encarando diferentes formações acadêmicas, concluiu em 2020 um Curso de

Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica e está aprendendo a falar tupi-guarani. Manih fala orgulhosa a primeira palavra do tupi que aprendeu: A'WETÉ, tradução livre para gratidão, o que expressa também a trajetória e a arte protagonizada por Manih, principalmente no que se refere a história da Guerra do Contestado.

## Fim de prosa

Obras de artes visuais com temática na história do Contestado mostram como a sociedade catarinense interpretou os eventos, aceitando ou rejeitando as manifestações dos artistas durante as últimas décadas. A obra de Zumblick é bastante pautada nas figuras místicas, sobrenaturais e superstições, próxima das versões oficiais de então, que queriam demonstrar o sertanejo como um fanático movido para o conflito pela ignorância e obediência cega a líderes embusteiros.

Hassis desenvolveu sua obra nos anos 1970 e início dos 1980, período final da ditadura militar e início da abertura democrática. Apresentou uma visão mais politizada, com influência do modernismo e de obras que destacavam os movimentos sociais e luta de classes. No início da redemocratização brasileira, sua imensa pintura mural, *Contestado: Terras Contestadas* ganhou um lugar de destaque em uma grande obra pública na capital, para nos anos seguintes ser retirada e escondida num depósito, o que demonstra a rejeição da sociedade para um tema que ainda guardava preconceitos rancorosos contra a população cabocla de Santa Catarina. A trajetória de como chegou ao Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado também demonstra diferentes períodos de aceitação e rejeição do tema, mesmo no século XXI.

Déa Reichmann produziu suas obras nos anos 1990, fundamentada nos estudos de pesquisadores das principais universidades brasileiras e coincidiu com a instituição de uma universidade na região do Contestado, unindo sob um único nome um grupo de fundações comunitárias de ensino superior, engajando uma luta de disputas pelas memórias históricas do passado regional. Desta relação entre o ensino superior, a pesquisa e uma identificação com a história regional, ocorreu um impulso na utilização do tema por diversos artistas, tais como o grupo teatral Temporá, Gerson Witte, Jorge Zamoner, Leandro Vitto, grupo Cabeça Oca, entre outros tantos. Posteriormente, na primeira

década do século XXI, houve uma ruptura no grupo de fundações educacionais, com visível diminuição de atividades culturais ligados ao tema Contestado.

Na segunda década do novo século, com a efeméride do centenário do conflito, surgiram políticas públicas de fomento a manifestações culturais ligados ao Contestado. Neste período, Manih mergulhou no tema, também imersa no ambiente acadêmico deste período, marcado pela instalação de instituições federais de ensino na região oeste de Santa Catarina, como a Universidade Federal da Fronteira Sul, o Instituto Federal de Santa Catarina e o Instituto Federal Catarinense. Disseminação de pesquisas e eventos estimularam uma nova geração de estudiosos, que renovaram abordagens e visões sobre o tema. Manih criou, para um destes eventos, uma obra destacando a liderança feminina na Guerra do Contestado, mostrando também como as questões de igualdade de gênero passam a ser um assunto importante para a sociedade neste período. Importante também destacar uma exposição dos quadros de Manih durante a realização da etapa do I Simpósio Nacional do Movimento do Contestado, na Universidade Federal da Fronteira Sul em Chapecó (SC), ocorrido no ano de 2012.

Apesar deste aparente reflorescimento do tema na segunda década do século XXI, no ano de 2019 o Ministério do Turismo e a Secretaria de Estado de Turismo de Santa Catarina mudou a identificação do até então denominado Vale do Contestado para Vale do Imigrante. Mesmo sob forte reação de pesquisadores, professores, estudantes, lideranças sociais e políticas que denunciaram uma tentativa governamental de apagar as identidades culturais ligados aos sertanejos e ao Contestado, a nomenclatura permaneceu, provando de que as disputas pelas “memórias” é algo presente e latente, nem sempre despojada de preconceitos e resistências contra o modo de vida, lutas e sonhos dos antigos caboclos da Região do Contestado.

### Para saber mais

- † Bez, V. M.; Santos, V. R. **A arte de Zumblick**. Florianópolis / Tubarão, SC: Edição dos autores, 2005.
- † Moura, C. A. S. **Hassis em prosa**. Florianópolis: Tempo Editorial, 2011.
- † Valentini, D. J.; Witte, G. “Contextualização histórica e leitura visual do painel *Contestado: terras contestadas* de Hassis”. **Contestado**

**e Educação**, Campinas/SP / Caçador/SC, v. 3, n. 3, 2003.

- † Valentini, D. J.; Peixe, R.I.P. **Arte e História: a Guerra do Contestado em tintas, traços, vozes, penas e pincéis**. Chapecó, SC: UFFS / Univille, 2018. (DVD)

## Combatendo com a sanfona: Vicente Telles e Batalha do Irani

Delmir José Valentini

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: letra e música, contar e cantar a história, patrimônio material e imaterial, legado artístico e cultural de Vicente Telles.*

Entre as narrativas das incontáveis histórias que abordam a Guerra do Contestado, encontramos uma plêiade de intelectuais, especialistas, artistas e diletantes que, por diversas razões e aproximações com os variados temas deste episódio bélico, adentraram no universo das representações sobre o passado, apresentando suas percepções e experiências de diversos modos: contado, escrito, ilustrado, esculpido, pintado, teatralizado, cantado e tocado com instrumentos musicais. Estes últimos, foram os meios que Vicente Telles encontrou para expressar com maestria o forte sentimento inerente ao seu mundo ou a “voz do sangue” como preferia afirmar o próprio autor sobre a sua relação familiar com as temáticas da Guerra do Contestado.

A partir da década de 1980, o interesse pelo tema aumentou e as temáticas foram revisitadas com bastante vigor em seus mais variados aspectos, não unicamente tratando do episódio bélico. Monografias, dissertações, teses e livros surgiram abordando aspectos relacionados à história do Contestado. O tema também passou pelo interesse das artes, entre outras: a literatura, a música e o teatro. Este último, especialmente *O Contestado*, de Romário José Borelli, com estreia ainda em 1974, levou a temática para a Universidade de São Paulo e depois pelo Brasil afora, tendo impressionado o público geral e, principalmente influenciado intelectuais e artistas que assistiram o espetáculo, entre outros Vicente Telles.



Depois da carreira militar e do profissionalismo exercido na escola de música no Rio de Janeiro, Vicente retornou para a pacata cidade do Irani no ano de 1977. O então agitado cidadão professor de música, agora aposentado, passava os dias absorto em pensamentos, admirando a rica paisagem das terras onde passou a viver com a sua mãe Isabel Telles, ouvindo os relatos dela, conferindo as histórias que até então nunca ouvira falar. Vicente fez descobertas sobre o seu passado e foi se encantando com o protagonismo dos simples moradores, do mesmo modo que a sua mãe e toda a sua família.

A percepção do sofrimento da população passou a ser entendida por Vicente como um fruto de uma guerra que nem ele mesmo sabia da sua existência, embora sendo um homem que havia estudado. Depois de assistir ao espetáculo *O Contestado* no teatro Guaíra, em Curitiba, emocionado conversou com o autor Romário José Borelli e voltou para junto de sua mãe, no Irani, com uma certeza: daquele dia em diante ele iria conhecer e contar a história não contada, ou seja, mesmo não sendo um estudioso ou intelectual como o próprio sempre se denominou “eu sou um rábula da história”, ele e a sua sanfona estavam dispostos a tocar e cantar a história do contestado.

### “Eu sou um pouco da voz do sangue”

Nascido no dia 05 de outubro de 1931 em Palmas (PR), município distante pouco mais de 100 km do Irani, Vicente Telles sempre fez questão de enfatizar sobre a sua origem e contexto de sua infância, como Telles declarou em entrevista gravada: “fecundado aqui, nascido lá, voltado para ser criado aqui, em decorrência da Guerra do Contestado ou pós-guerra, quando começou a operação limpeza”. Ao denominar de operação limpeza, Vicente se refere ao período posterior ao conflito em que as famílias envolvidas no combate do Irani vivenciaram e aqueles que lutaram ao lado de José Maria passaram a ser perseguidos.

A mãe de Vicente, Dona Isabel Olímpia da Silva Telles, era filha de José Perão, simpatizante de José Maria e envolvido diretamente nos acontecimentos de 22 de outubro de 1912. Nos autos do processo da Comarca de Palmas sobre o combate do Irani aparece o depoimento de João Alves Perão, declarado lavrador com 20 anos de idade, residente no “Sertãozinho do Irani”. Outro depoimento no mesmo processo aproxima e comprova a ascendência de Vicente por se tratar de Maria

Joana Perão, na época com 60 anos, em determinado momento do seu depoimento cita os filhos Desidério, Elize e José Perão.

O pai de Vicente, Heleodoro Telles da Rocha era filho do coronel Alexandre Telles da Rocha, um grande proprietário de terras que se posicionou ao lado das tropas do governo. Sempre nos relatos, Vicente fazia questão de salientar esta origem familiar dividida no combate do Irani, tendo o avô materno lutado de um lado e o paterno no outro.

Meu avô materno, José Alves Perão, era dos caboclos, ou “fanáticos”, inclusive mudou de nome, depois, para despistar perseguidores, passou a se chamar José Felisberto. Após o Contestado, ambos (os dois avôs) se refugiaram no Paraná, interior do futuro município de Coronel Vivida.

Enquanto os avós partiram para o Paraná, os pais de Vicente permaneceram no Irani, onde este passou a infância. Deste período da vida, além das lembranças do ambiente familiar, Vicente presenciou a fase de ocupação dos colonos que passaram a chegar do Rio Grande do Sul e ocupar as terras contestadas. A idade tenra ainda não permitia entendimentos maiores sobre as divergências entre familiares, a situação social da população local e nem mesmo uma leitura sobre o conflito e suas consequências para os moradores locais e mesmo os migrantes que estavam chegando.

Com 18 anos, Vicente se alistou para prestar o serviço militar obrigatório em União da Vitória. Seguiu carreira militar e partiu para o Rio de Janeiro, onde, depois de 15 anos, após alguns desentendimentos em família, pediu transferência na corporação indo para Mampituba, na Bahia, onde permaneceu por seis meses antes de retornar para Curitiba. Chegou ao posto de segundo sargento, vindo a se aposentar depois de 25 anos prestados ao exército.

No Rio de Janeiro, além da carreira militar também foi atuante como músico. Se formou na academia do Mascarenhas e abriu uma escola de música associada. Se orgulhava de ter acolhido muita gente do Sul. Durante o dia, no prédio funcionava a escola de música e de noite, recebia os conhecidos e familiares. Tinha orgulho de contar que levou seis irmãs, que também seguiram carreira no ramo da cultura e da música, todas ganhando destaque internacional e viajando pelo mundo. A mãe, agora viúva, permaneceu no Irani e foi para onde Vicente, depois de aposentado, retornou para se encontrar com a própria história e com um passado silenciado e desconhecido.

## As memórias e as experiências de contar com a sanfona

A convivência com a mãe, com as comadres e com a vizinhança foi aproximando Vicente da realidade dos moradores da região. Foi neste início de retorno que foi até Curitiba e assistiu *O Contestado* de Romário José Borelli. Começava a se descortinar um mundo presente e latente, mas desconhecido e silenciado. O próprio Vicente lembra que “nem a minha mãe não falava deste assunto, não tinha conhecimento, tanto quanto o filho”.

Foi neste contexto que uma comadre da sua mãe veio visitá-la e lamentava uma exigência da escola de que seus filhos e os demais alunos fossem desfilar de uniformes e a maioria das pessoas, muito pobres, não tinham condições de comprar roupas. Vicente interveio conversando com a Madre diretora para que deixasse o desfile sob sua responsabilidade. Teve a ideia de organizar um desfile que retratasse os remanescentes da Guerra do Contestado ainda presentes, vivendo na mesma miséria. A ideia foi aceita e Vicente tratou de convocar os alunos e contar um pouco da história. Pediu que no dia do desfile todos fossem com roupas usadas cotidianamente, bem caboclas, com seus objetos, cachorros, saquinhos de roupas feito retirantes. “Enquanto desfilavam, peguei o microfone e fui contando a história”.

A plateia presente ficou perplexa e muitos começaram a se manifestar de modo hostil. Não faltaram vaias, ofensas. Quando o desfile estava terminando, um promotor de Joaçaba que estava assistindo, Alexandre Queiroz, pegou o microfone e se manifestou: “exaltou a fala afirmando que esta era a verdadeira história. Aí o povo começou a aplaudir, me revesti de um sentimento”. Lembra que, mesmo defendido pelo promotor, continuou sendo combatido, chamado de louco e sempre teve pouca solidariedade.

Neste período, também ocorreu o esforço de Vicente em buscar conhecimentos sobre história da Guerra do Contestado, especialmente depois que descobriu o forte elo familiar que o ligava diretamente aos acontecimentos do Combate do Irani. Tratou de ler os livros, conversar com as pessoas e até chegou a procurar a academia. Participou de um encontro de cientistas sociais promovido por instituições de ensino superior no meio-oeste de Santa Catarina. Lembrava: “participei de um Simpósio da História em Joaçaba, fiquei indignado diante dos estudiosos e suas questões acadêmicas, fiquei revoltado, calado, voltei para casa e resolvi contar diferente”. Não é nem preciso escrever que,

dali em diante, contaria a história com a voz, com a sanfona e com a alma – tratava-se de contar, tocar e cantar a própria história.

Passou a receber apoios. citava sempre Carlos Reale, que publicou num jornal uma reportagem sobre a peça de teatro do Romário José Borelli, Clévio Dalpiaz e Jair Alan, jornalistas em rádios e quem mais ouvisse e se emocionasse com as histórias musicadas. O desfile da escola do Irani passou a ser no dia 22 de outubro. Para lembrar o combate do Irani, passou a planejar quadros cênicos; logo chegou a montar 30 quadros, entre outros: os Pares de França, as virgens, os ervateiros, Frei Rogério, os coronéis, os monges etc. “No segundo desfile veio tanta gente que foi necessário abrir um espaço maior, não tinha patente, restaurante. Encheu de carros e gente que não podia sequer andar”, disse Vicente.

### Quem tem mói, quem não tem mói também e no fim todos ficam iguais: algumas considerações

Vicente Telles faleceu no dia 28 de dezembro de 2017. Deixou um legado cultural forjado nos últimos 40 anos da sua vida, ao longo dos quais trabalhou intensamente tocando, cantando incansavelmente para milhares de expectadores. Os ouvintes e admiradores vão desde pessoas simples que se encantavam com a “sanfona contando”, estudantes de ensino fundamental, médio e superior, a artistas e intelectuais que também tinham interesse acadêmico nas temáticas do contestado.

Foram incontáveis escolas de redes públicas e particulares que constantemente chegavam à casa do Vicente para “conhecer o Contestado”, ouvir suas histórias e músicas, encenar episódios representando temas e personagens da Guerra do Contestado, se emocionar e sair com lembranças inesquecíveis e percepções inimagináveis sobre os fatos conhecidos através de Vicente e sua sanfona.

Um grande número de estudiosos por uma razão ou outra (acadêmica ou não) procuravam o Vicente para conhecer melhor e entender a paixão desmedida sobre o tema e seu modo genuíno de narrar as experiências. Todos eram acolhidos na sua casa, que foi se transformando em local permanente de encontros, palestras, cantorias e encenações sobre o tema. Os pesquisadores logo se transformavam em admiradores e, quando necessário, não se furtavam de aceitar a

hospitalidade e permaneciam acomodados na própria casa pelo tempo que o projeto demandava.

Vicente também foi o idealizador de um patrimônio arquitetônico construído no Irani, principalmente um anfiteatro construído parcialmente e até hoje inacabado, próximo da casa onde residiu e que na ideia original seria palco das encenações e movimentos relacionados ao combate do Irani e da Guerra do Contestado. Outro monumento expressivo encontra-se na margem esquerda da BR-153 – uma enorme cruz idealizada por Vicente, que assim o definia: “Mãos que emergem do chão segurando a cruz de cristo e recebendo balas”. Lembrava os três monges que eram definidos como o santo (João Maria de Agostini), o político (João Maria de Jesus) e o guerreiro (José Maria). Trabalhou na execução deste monumento o Alvim Silveira.

Com certeza, o patrimônio imaterial também guarda um grande legado do trabalho de Vicente Telles. Na década de 1990, além das constantes representações teatrais, elaborou um projeto que percorreu Santa Catarina, principalmente em instituições escolares, chamado de *Folclore Itinerante do Contestado*. Neste trabalho estão seus personagens ganhando voz e dialogando com o público. Surgiram Maria Rosa, Chica Pelega, José Maria, Adeodato e muitos outros protagonistas das representações.

Associadas às constantes encenações teatrais, musicadas pelo próprio autor, surgiram canções temáticas como a dança dos facões, na qual as meninas que encenavam, mostravam a habilidade no manejo do importante instrumento de trabalho do caboclo ervateiro. Uma das representações que causava grande impacto, sem dúvida, era o “choro das véia”, devidamente interpretado pelas mulheres que teriam chegado ao local do combate do Irani, quando a refrega tinha recém se consumado e a cena que ia sendo representada, era narrada pelo autor, segundo o testemunho da própria mãe que teria vivenciado a experiência ainda nos braços da mãe, avó de Vicente. Dificilmente a peça terminava sem muita emoção e choro dos expectadores.

Algumas ideias marcaram profundamente, seja em bordões cantados como “quem tem mói, quem não tem mói também e no fim todos ficam iguais” ou em constantes afirmações da necessidade de “conhecer a verdade da história e despertar o sentimento”. Vicente também destacava o conteúdo político da sua mensagem: “ao coronel o maior funeral da história do Paraná, aqueles a vala dos 21, sem nomes e esquecidos”.

Esses exemplos de sangue inocente aqui derramado, os primeiros que deram a terra ao Brasil e que receberam como recompensa o genocídio, essa gente toda, precisamos ter respeito pela memória deles. Numa era de tanta terra devoluta e tão pouca gente não se teve assentamento, hoje é o contrário: muita gente e pouca terra e se faz. Esta História não é para ser decorada, é para ser reflexionada é para ser vivida. Eu recebo aqui caravanas de alunos, falo isso mesmo e eles saem daqui inflamados. Porque criar indignação, tem que criar indignação para o mal para criar solidariedade ao bem e a solidariedade nos conduz a fraternidade.

Mesmo sem a intenção de concluir este breve relato, mais uma vez tiramos da voz do próprio autor uma frase expressiva sobre as vivências e as experiências do aprender e ensinar:

A História do Contestado, do jeito que passou este século: fria e sem vida, sem sentimento, não leva a nada, vai ficar por isso... Ora, a história de uma guerra fratricida acontecida entre irmãos, se ela não serve para humanizar não tem nem sentido de figurar nos currículos escolares...

### Para saber mais

- † Borelli, R. J. **O Contestado**. Curitiba: Orion, 2006.
- † Telles, V. **Folclore Itinerante do Contestado**. Irani SC: Fundação Catarinense de Cultura, 2001.
- † Valentini, D. J.; Peixe, R. I. P. **A Guerra do Contestado em tintas, traços, vozes, penas e pincéis**. Chapecó, SC: UFFS / Univille / Cinesc, 2016. (DVD)
- † Valentini, D. J.; Witte, G. “Contextualização histórica e leitura visual do painel *Contestado: terras contestadas* de Hassis”. **Contestado e Educação**, Campinas/SP / Caçador/SC, v. 3, n. 3, 2003.

## “É verdade esse biletí”: *fake news* no Contestado

Paulo Pinheiro Machado e Rogério Rosa Rodrigues

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: as motivações sertanejas, registros e notícias falsas, imprensa, fanatismo, tradições, estrada de ferro, general Setembrino de Carvalho, Chica Pelega, Taquaruçu, monarquia sul-brasileira, Alemãozinho, Maria Rosa, construção da memória.*

Uma série de informações incorretas, baseadas em boatos, informações fraudulentas ou mais precisamente no preconceito contra as populações rurais são frequentes em várias guerras. Se durante o desenvolvimento do conflito do Contestado elas estavam circunscritas às páginas de jornais, revistas e livros, ou mesmo nos papos de boteco, cafés e círculos familiares, hoje elas estão na rede, circulando sem controle na *internet*, para além de se materializarem em impressos de todos os tipos (especialmente em livros). E como o algoritmo do *Google* não se pauta por normas éticas, mas pela quantidade de buscas que determinado assunto tem, a possibilidade de um jovem aprendiz conhecer a história de determinado tema de pesquisa por meio das chamadas *fake news* é muito maior do que a de acessar uma narrativa não só verdadeira, como teórica e metodologicamente comprometida com a verdade.

Com o Contestado não é diferente. Algumas informações foram inseridas em relatórios oficiais e na imprensa. Outras correram pela memória oral do território. O fato importante é que muitos cronistas e pesquisadores, por diferentes razões, inclusive acreditando na veracidade destas informações, construíram suas narrativas e reflexões sobre o Contestado em algumas bases bastante questionáveis e outras comprovadamente falsas.

## O “fanatismo”

Por muito tempo a historiografia do Contestado, por ser o resultado do trabalho de intelectuais urbanos e de classe média, apresentou dificuldades em entender a linguagem e as motivações das populações sertanejas. Havia uma espécie de barreira cultural que não foi superada por algumas décadas. Parte desta motivação acontecia para legitimar a ação do exército e das forças policiais, que tinham fornecido os primeiros cronistas e historiadores destes episódios. A consequência desta barreira foi atribuir motivações às ações dos sertanejos como sendo atos de loucura e irracionalidade.

No auge da repressão aos rebeldes do Contestado, a imprensa brasileira noticiou o assunto com a manchete: Fanáticos do Sul. Essa designação também estampou a capa de livros, legendas de fotografias, conversas de botequim e documentos oficiais. Em alguns momentos, essa atribuição ganhou aval supostamente científico, como diante do trabalho do médico Aujor Ávila da Luz, intitulado *Os fanáticos: crimes e aberrações dos nossos caboclos*. O subtítulo desse estudo, publicado em 1952 por um intelectual ligado ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, nos remete para a aliança da medicina com a justiça no período, a saber: *Contribuição para o estudo de antropolossociologia criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina*. O conceito de fanatismo, no entanto, nunca foi definido com profundidade, sendo apresentado como algo autoevidente, tendo em vista as manifestações da religiosidade da população sertaneja e o discurso com aspectos milenares, tal como vinha sendo aplicado a diversos movimentos populares que envolviam tradições políticas, religiosas e sociais de caráter rebelde. Apenas a partir da década de 1950, com os estudos de Maria Isaura Pereira de Queiroz e Maurício Vinhas de Queiroz, esta denominação passa a ser questionada.

No entanto, ainda hoje há farto material jornalístico e de divulgação de massa, inclusive materiais didáticos, paradidáticos em formatos impressos ou digitais, que continuam atribuindo aos sertanejos, não apenas do Contestado, mas também de Canudos, Juazeiro, Caldeirão e outros movimentos sociorreligiosos, a imprecisão de “fanáticos”. Isso aparece ora de forma explícita, ora com eufemismos como inocentes, ignorantes, incultos e ingênuos. Um reconhecido pesquisador sobre o Contestado, Paulo Ramos Derengoski, fez uma espécie de inventário das “causas” desse conflito em livro publicado em 1986. Diz ele na introdução:



A Guerra do Contestado – corria o ano de 1912 e muitas foram as suas causas remotas e iniciais: aberrações sociais, patologia econômica, questões limítrofes entre Estados, arrocho fiscal, surto messiânico, fanatismo religioso, disputas políticas provinciais, luta pela posse de terras, cobiça por pinheirais, açambarcamento de erva-mate, avanço de grupos estrangeiros, grilagem, ignorância, milenarismo, miséria...

Se publicações como a de Derengoski não foram construídas tendo como público-alvo a comunidade escolar, vale refletir sobre o impacto que um material didático pode ter ao disseminar ideias como essa entre professores e alunos. No contexto das efemérides do Centenário do Contestado (1912-2012), inúmeras foram as atividades oficiais em Santa Catarina. Entre elas o uso de recursos públicos para a publicação de um material paradidático distribuído gratuitamente pelo governo catarinense às escolas. Na introdução, o autor Jakzam Kaiser sentencia: “Milhares de caboclos expulsos de suas terras, ignorantes, supersticiosos e corroídos pelo sentimento de injustiça, ingressaram nas fileiras do ‘Exército Encantado de São Sebastião’. Sem nada a perder e irmanados pela crença comum na ressurreição do monge, lutavam com ferocidade, sem temer a morte”.

Se o fenômeno da *fake news* tem como característica central a disseminação de narrativas falsas com o objetivo de difamar, desacreditar ou rebaixar determinados sujeitos e movimentos, podemos verificar que no caso do Contestado os efeitos de narrativas falsas têm como consequência a não identificação de mais de uma geração de remanescentes do Contestado com as experiências de homens e mulheres que morreram em defesa de uma comunidade de iguais. Se essas ideias falsas e preconceituosas são prejudiciais para a formação identitária e políticas de adultos, o que dizer do seu impacto na construção de uma cultura histórica que se deseja múltipla, respeitosa e democrática, na mente de crianças e adolescentes? Lamentavelmente, atribuições absurdas de fanatismo ao movimento do Contestado também se ramificam e se disseminam em grande velocidade em materiais disponíveis na *internet*, como blogs, vídeos didáticos, depoimentos, documentários etc. Material que geralmente é o primeiro a ser acionado por estudantes em formação que buscam conhecer um pouco da história do Contestado.

Atribuir a categoria de fanáticos aos fiéis de São João Maria, que

vale lembrar, seguem com suas crenças até a atualidade, é sintoma da incapacidade de alguns “pesquisadores” ou homens e mulheres do presente, em compreender a complexidade do movimento, a riqueza cultural envolvida na elaboração da ideia de uma Santa Religião de tradição milenarista, além da conexão entre religião e política como expressão da rebeldia popular do povo trabalhador do universo rural do Brasil. Trata-se, portanto, de uma denominação preguiçosa e preconceituosa, de quem não entende e não procura estudar as normas sociais e culturais das populações brasileiras.

### Os trabalhadores nordestinos na Estrada de Ferro

Outro registro falso que serviu de referência para muitos trabalhos historiográficos posteriores provém do relatório oficial que o general comandante da expedição militar construiu para prestar contas das ações de repressão implementadas no Contestado. Trata-se da informação recorrente de que milhares de trabalhadores do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil foram compulsoriamente trazidos para a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande para atuar na mão de obra local. O episódio foi registrado no Relatório do general Setembrino de Carvalho, que não cita a fonte da informação, uma vez que chegou no território quatro anos após o final da construção do trecho do rio do Peixe, construído entre 1908 e 1910. Ao fazer uma referência desse tipo, sem nenhuma comprovação documental, o oficial criou uma notícia falsa de grande repercussão social e historiográfica.

Após a afirmação do general, vários escritores foram aumentando essa versão, e, como quem conta um conto aumenta um ponto, acrescentou-se a sugestão de que os trabalhadores teriam sido “arrebanhados” em diferentes cantos do Brasil, sendo bandidos da pior espécie, parte deles retirado diretamente de cadeias para trabalhar na construção da ferrovia – algo que jamais se confirmou. Da mesma forma, jamais se confirmou a “liderança” desses supostos “facínoras” durante o movimento. O preconceito, contudo, dificultava a muitos pesquisadores admitirem a capacidade dos caboclos liderarem um movimento tão extenso e inicialmente bem-sucedido.

Pesquisas mais recentes demonstram que os turmeiros, como eram chamados os trabalhadores que construíram a linha de ferro, eram de diferentes proveniências, sendo vários habitantes do território e

muitos imigrantes europeus trazidos pela *Brazil Railway Company*, para depois serem assentados como colonos ao longo da linha. A informação colocada no Relatório do General serviu de alicerce para um conjunto de ilações e conclusões apressadas de muitos autores, que atribuíam aos turmeiros a presença de “bandidos” e “capoeiras afamados” entre os rebeldes do Contestado. Para a historiografia regional, serviu para responsabilizar os “de fora” pela causa dos distúrbios. Uma espécie de definição de “o inferno são os outros”.

### Chica Pelega de Taquaruçu

A memória criou um personagem que tem crescido em narrativas regionais e mesmo na literatura. Trata-se de Francisca Roberta, a chamada “Chica Pelega”, jovem mulher que teria estado em Taquaruçu no momento do segundo e derradeiro ataque a esta Cidade Santa, em 08 de fevereiro de 1914. A tradição oral considera que Chica teria sido de uma família de lavradores da Costa da Linha, no vale do rio do Peixe, que tinha sido enxotada do local pelos integrantes do Regimento de Segurança da *Brazil Railway Company*. Quando houve o segundo ataque à Taquaruçu, os homens adultos não estavam presentes, pois tinham sido deslocados em janeiro de 1914 mais para o norte, a 30 km de distância, onde começaram a construir a nova Cidade Santa de Caraguatá.

Desta maneira, há um fundo de verdade na construção da personagem. Certamente existiram muitas “Franciscas Robertas” em Taquaruçu. Todavia, esta personagem lendária ofusca a presença de outras neste reduto. O menino Linhares, por exemplo, era vidente em Taquaruçu na época do ataque de fevereiro. Uma criança negra de dez anos de idade. Linhares havia substituído o menino-deus Joaquim, que acompanhou seu avô Eusébio Ferreira dos Santos na ida a Caraguatá.

No exame dos relatos dos primeiros cronistas militares, na documentação oficial (processos, autos de perguntas, relatórios e correspondências) e da imprensa da época da guerra, não constam referências a Chica Pelega. Entre os sertanejos, nos depoimentos colhidos por Maurício Vinhas de Queiroz (na década de 1950), Duglas Teixeira Monteiro e Padre Thomas Pieters (no início dos anos 1970) e nas gravações dos depoimentos no documentário *A guerra desconhecida* (de 1984, da Irani Produções) não há referências a ela. Esta personagem aparece apenas no livro de Euclides José Felipe, publicado em 1995.

Felippe é um importante pesquisador autodidata, tendo registrado muitas décimas, poemas e músicas dos sertanejos sobre os episódios da guerra. Era topógrafo de profissão, mas um folclorista amador, dando muito curso à memória local.

Como parte de uma construção mítica e identitária de enraizamento popular, a figura de Chica Pelega encontra justificativa e é fenômeno histórico que muito explica as construções e apropriações da história no tempo presente, mas como figura histórica não há documentação que comprove sua existência.

### Proclamação da Monarquia Sul-Brasileira

No dia 12 de setembro de 1914, a revista *O Malho*, do Rio de Janeiro, publicou uma charge ironizando a configuração do movimento do Contestado, colocando em imagens um documento que estava circulando na imprensa, denominado “Manifesto Político de Dom Manuel Alves de Assumpção, o imperador constitucional da Monarquia Sul-Brasileira”.

Loureiro, o chargista, mobiliza, e ao mesmo tempo reforça, diversos estereótipos atribuídos aos caboclos. A ideia central é de que o Contestado tem uma liderança centralizada, que age como um imperador adornado de amuletos e símbolos supersticiosos. Popularmente, muitos desses objetos são usados como proteção contra “mau-olhado”; logo, eles confirmariam a ignorância de quem os ostenta, tal como a figa pendurada no pescoço e a que foi colocada no Cetro para enfatizar, de forma pejorativa, o caráter místico da Santa Religião do Contestado. Esses símbolos contrastam com um manifesto apresentado na mão esquerda do imperador. Um documento falso, mas que circulou como verdadeiro na imprensa da época.

O documento foi apresentado como “Carta aberta à Nação” e tinha 30 itens de medidas políticas e judiciárias que pugnavam por um país formado por Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (com futura agregação do Estado Oriental do Uruguai, antiga Província Cisplatina). A carta vinha assinada por Manoel Alves de Assumpção Rocha, antigo morador do distrito de São Sebastião de Perdizes, no município de Curitiba, que se autoproclamava “Imperador Constitucional da Monarquia Sul Brasileira”.

O documento falso emitia um longo programa político, bastante baseado na pauta dos antigos federalistas, também chamados *maragatos*, embora muitos destes não fossem separatistas. Defendia a



Figura 1. Afinal, tiraram a máscara! Loureiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 12 set. 1914.

liberdade de imprensa, uma Constituição liberal, redução de impostos de importação e exportação e as instituições monárquicas, entre outros detalhes. Como a linguagem do documento mostrou uma certa cultura ilustrada, desde cedo desconfianças foram levantadas quanto à autenticidade da peça. Alguns pesquisadores, conhecendo a figura de Manoel Alves, um velho sertanejo analfabeto, atribuíram a autoria do documento a algum rebelde mais ilustrado, como Antônio Tavares, que foi promotor público e professor em Canoinhas.

O texto sobre a Proclamação da Monarquia Sul-Brasileira passou a

ser acriticamente reproduzido por muitos historiadores e jornalistas nas décadas seguintes. Este assunto só foi esclarecido em 1973, quando Carlos Gaertner Sobrinho publicou um pequeno texto na revista *Blumenau em Cadernos*, declarando que a autoria do documento era de seu pai, o comerciante Guilherme Gaertner, natural de Taquara, Rio Grande do Sul, veterano federalista e comerciante na Estação Rio Caçador. Guilherme Gaertner estava particularmente irritado com o término da Expedição Mesquita, que foi extinta prematuramente em junho de 1914, deixando os negociantes do território expostos à ação dos sertanejos. A carta foi enviada para muitos jornais e autoridades com a finalidade de chamar a atenção federal para o conflito.

Como este documento, inúmeros outros documentos apócrifos circularam na imprensa da época, em especial supostas correspondências de caboclos descrevendo a situação social e política em sua cidade. É o que aparece numa “carta do caboclo do Irani” publicada no *Jornal do Comércio* de Florianópolis em 02 de janeiro de 1913, como se vê no seguinte fragmento:

O governo da República não anda direito, bem se vê que o parente Zé Maria tinha razão de querê procamá a Monarquia nos Curitybanos.

Vançe veja si tem preposito iço: desde lá inté aqui plos ôte onde nois parava si encontrava turmas de impregado da comição denominada mata cachorro. (...)

E a berdade primo Juca é que não tardá o governo sinti comichão no Tezoro por tá sustentando tanta comição, que tem um bam peçoar pra trabaiá na lavoura, que é o que nois pricizamo, gente que prante mio e feijão.

A falsificação em documentos desse tipo é rapidamente identificada quando olhamos para a tentativa de reproduzir, na escrita, a grafia das falas caboclas e na atribuição de valores, pensamentos e palavras do homem urbano a sujeitos que nasceram na zona rural do planalto catarinense e possuíam uma cultura política e religiosa marcada pela crença nos monges e nos santos de forma muito peculiar. Para além do caráter cômico desse tipo de publicação, merece destaque o quanto ela revela sobre o imaginário urbano das zonas rurais, de forma geral, e dos rebeldes do Contestado, em particular, em especial as ideias simplistas sobre o monarquismo, o fanatismo e a ingenuidade.

## A “habilitação” de Alemãozinho

Em janeiro de 1915, quando alguns chefes rebeldes se apresentaram com centenas de sertanejos do município de Canoinhas aos oficiais da Coluna Norte do exército, o fotógrafo Claro Jansson registrou as rendições de Gregório de Lima, Bonifácio Papudo e Henrique Wolland, o “Alemãozinho”. Os processos de rendição possuem uma dinâmica própria. Os sertanejos se apresentam num ato de contrição, relatando que estavam nos redutos à força. Contudo, para alguns reconhecidos notoriamente como chefes, o caminho escolhido foi exagerar em sua importância dentro do movimento caboclo, para assim receber uma melhor consideração por seus captores. Foi a escolha de Alemãozinho.

No relatório do general Setembrino de Carvalho, dois documentos oferecidos por Alemãozinho foram anexados. Henrique Wolland entregou aos oficiais do exército documentos que são emblematicamente citados pela historiografia: uma carta de “habilitação” de Alemãozinho como “comandante dos Pares de São Sebastião” supostamente assinada pela virgem Maria Rosa e outro documento, composto de regras de Alemãozinho para a atuação de seu piquete, também chamado de “irmandade de São Sebastião”. A ordem das formas, como regras para disciplina e atuação no “Piquete de São Sebastião” era apenas um conjunto de normas que, em linhas gerais, reproduzia as práticas dos piquetes sertanejos de ataque: evitar bebidas alcoólicas, respeitar mulheres, manter postura de silêncio e respeito nas formas.

O documento de habilitação tem a seguinte redação:

Abelito o sr. Henrique Wolland, de Comandante dos 12 pares de São Sebastião da irmandade dele e tendes hordes para ir em Papanduva, Iracema, Lucena e Rio Negro, Campo Alegre município de Joinville e Blumenau para fazer guarda e trancar as estradas desses lugares para combater com os peludos onde encontrar quando tiver com percisão de gente combina com outros comandantes, pede auxílio também podendo resgatar de tudo quanto for preciso para a irmandade, principalmente almagamento e colocar comandante onde axar necessários. Sendo voluntário tudo e que não abuzes as hordes e tenha fé em Deus e São Sebastião e S. José Maria de Agostinho e S. José Maria que tudo é nada.

Maria Rosa, virgem.

O documento tem informações e dados que sugerem sua falsidade. Consta que a liderança de Alemãozinho estava subordinada aos chefes do planalto norte, particularmente a Aleixo Gonçalves de Lima. Quando houve a erupção rebelde no planalto norte, em final de julho de 1914, a *virgem* Maria Rosa não estava mais no comando dos rebeldes. Sua liderança declinou depois da desocupação de Caraguatá, em final de abril de 1914, quando os sertanejos rumaram para Bom Sossego e Caçador Grande. Há uma incompatibilidade cronológica e outra territorial, já que Maria Rosa nunca estendeu seus poderes às regiões citadas na “habilitação”. Mesmo durante o período de sua chefia, não há informações de que Maria Rosa costumava “habilitar” por escrito determinadas ordens, essa era uma prática de Chiquinho Alonso, Domingos Crespo e outros chefes, que eram conhecidamente alfabetizados.

Temos apenas o texto impresso deste documento, reproduzido por diferentes autores, sendo impossível avaliar sua caligrafia original. Então, é muito possível que o documento tenha sido escrito pelo próprio Alemãozinho, desejando apresentar-se aos militares como alguém com certa importância dentro do movimento rebelde. Pouco depois Henrique Wolland foi empregado pelos militares como vaqueano no combate e localização dos redutos rebeldes.

A falsidade de documentos produzidos por ele, ainda que determinada e reconhecida a posteriori, não elimina as vantagens políticas e sociais que se conquistou ao fabricá-los, tampouco os usos que pesquisadores posteriores fizeram. A falsificação de documentos, mesmo quando identificada no contexto de sua produção, não apaga os rastros de sua construção e da repercussão que têm em múltiplos trabalhos ou produtos que nela se inspiram. É o que verificamos com o caso de Alemãozinho.

O documento falso não apenas faz circular informações equivocadas, e muitas vezes preconceituosas, sobre determinado evento, mas também nos remete a uma indústria de fabricação de *fake news*, e isso é um dado histórico digno de atenção e de análise. As notícias falsas têm uma existência própria, já que conseguem uma legião de seguidores e reprodutores, informando futuros pesquisadores e, frequentemente, reproduzindo informações preconceituosas que desqualificam o movimento e os projetos sertanejos.

Estudar o efeito das falsidades é refletir sobre as fragilidades do conhecimento histórico e sua relação com o senso comum, mas é



também denunciar a permanência de discursos preconceituosos sobre determinados grupos sociais que não detêm os instrumentos de produção e proliferação de narrativas que ultrajam e violentam experiências populares, assim como atualizam e perpetuam a vitória dos repressores na história do Brasil.

Se hoje se discute tanto a relação das *fake news* como a morte, ou ao menos, a fragilidade da democracia, cumpre registrar o quanto a disseminação dessas mentiras, contadas e reproduzidas há mais de um século, e em diversas estruturas narrativas, tem sido danosa para a construção de uma memória e identidade de remanescentes do Contestado com o passado de luta e rebeldia, mas também com a própria atuação dos homens e mulheres que morreram lutando por uma vida menos desigual.

### Para saber mais

- † Derengoski, P. R. **O desmoronamento do mundo jagunço**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986.
- † Espig, M. **Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande**. Pelotas, RS: Editora UFPel, 2011.
- † Gaertner Sobrinho, C. “A Campanha do Contestado: o Manifesto Monarquista”. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau/SC, n. 6, 1973.
- † Machado, P. P. “Memória, fraude e documentação: Alemãozinho e a memória das ordens”. **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon/PR, v. 16, n. 2, p. 301-11, 2012.
- † Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.



UNIDADE 6



**VIVÊNCIAS**



## O Contestado além da História

Romário Borelli

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: memórias, linguagem cabocla, teatro brasileiro, Ditadura Civil Militar, expressão musical, resistência.*

O Contestado para mim não existia. Durante anos, desde minha infância, percorri toda a região sem saber nada da guerra, nada. O tema era um anátema, como se houvesse um acordo entre todos para ocultar a guerra, suprimi-la através do silêncio. Era uma característica do caboclo local, que nunca ia direto a um assunto desagradável. Geralmente omitia os fatos, mas sendo inevitável falar, fazia uma elipse. Ele nunca dizia “a cobra mordeu fulano”, mas sim: “a cobra ofendeu fulano”. Como se a palavra “ofender” atenuasse um pouco a força do veneno.

Sobre a guerra, diriam no máximo: “no tempo da amardiçoada”, como ouvi depois.

Assim como não se falava da guerra também não se falava dos monges, nem se usava a palavra “Contestado” com essa facilidade com que fazemos hoje. Parece que isso foi sendo reconstruído à medida que nós, historiadores, fomos trazendo de volta essa memória. O culto ao monge João Maria, seja esse qual for, era praticado com mais discrição. Isso se devia principalmente à expansão da Igreja Católica na região, incentivando “vocações” nas famílias carentes e propiciando estudo aos jovens que, fora disso, não teriam acesso a uma escolaridade além do ensino básico. Temo que isso possa ter sido programado de alguma forma, pois na primeira metade do século XX, aquela região de Santa Catarina foi a que mais contribuiu para a absorção de religiosos pela Igreja Católica.

Particularmente em Porto União, depois da guerra, a Igreja Católica

atuou intensamente através de um franciscano vindo da Alemanha que, por incrível coincidência (!) chamava-se Deodato. Extremamente rigoroso, frei Deodato trabalhou na região por cerca de 50 anos. Ele fazia longas jornadas a cavalo pelo interior, fazendo pregações, casamentos, batizados e rezando missas nas igrejas e capelas. Depois, nos anos 1940, ele conseguiu um jipe, que andava sempre cheio de lama, assim como suas botas.

Eu morava em Curitiba, mas nascera no interior de Porto União, na vila de Lança. Quando criança ia para lá inúmeras vezes com minha mãe, quando esta visitava minha avó. Depois, adolescente, ia sozinho. O único sinal de algo estranho para mim era uma cancela com guarda militar, que dividia as cidades de Porto União e União da Vitória.

Toda a região centro-norte de Santa Catarina e sul e sudoeste do Paraná era para mim apenas um grande cenário multicolorido, multíssono, onde as formas humanas destacavam-se da paisagem com cores vivas, expressões e feições muito originais. Eu as via como um grupo de gigantes. Personagens expressivos, extrovertidos, que projetavam sua voz ao longe e sempre convertiam a história mais comum num fato extraordinário.

Era um grande teatro.

Muitos personagens falavam línguas diferentes no mesmo cenário. Aqueles que falavam minha própria língua carregavam-na de palavras que eu desconhecia, mas que imediatamente aprendia pelo contexto ou pela raiz latina. Na formação escolar daquele tempo estudava-se Latim do início ao fim da segunda série.

Nos anos 1940 e início dos anos 1950, só havia luz elétrica nas cidades maiores. Rádios, no interior, só com bateria de automóvel e uma geringonça de transformadores e antenas externas, apenas para uns poucos mais ricos, que não era o caso de minha avó.

Com isso, esse isolamento, as pessoas conservavam todos seus hábitos antigos e, principalmente, falavam da mesma forma como tinham aprendido com seus pais e seus avós. Ao anoitecer, as sombras humanas deslizavam silenciosas nas paredes das casas, projetadas por pobres lamparinas de querosene e criavam um cenário propício para histórias fantásticas.

Minha avó materna, cabocla nascida ali em Lança, no ano de 1897, dizia Paranã. Eu achava que essa nasalção no fim da palavra era decorrência de sua falta de instrução. Anos depois, com estudos superficiais que fiz de tupi e guarani, percebi que ela só estava seguindo

a tradição da nomenclatura tupi: paranã, no tupi, quer dizer rio grande. Era como os indígenas chamavam todo o território entre a margem esquerda do rio Paraná e a margem direita do Iguaçu. Iguaçu também quer dizer rio grande, mas em guarani: i, água; guassu, grande.

Ainda fico perplexo com o poder de difusão da língua tupi ao ver como, por exemplo, o prefixo “para”, é água aqui no sul do Brasil e tem o mesmo sentido lá na Amazônia. Como isso tudo se difundiu desse jeito num imenso território coberto de matas! Quem levou essa língua para todos os quadrantes?

Todos os caboclos e os colonos de várias etnias, nascidos ou chegados ao Contestado, aprenderam com a língua indígena a nomenclatura das plantas, animais e a toponímia local, assim como seus costumes: extraíam erva-mate, secavam-na no carijo, moíam-na no pilão, assim como o milho e mandioca; tomavam chimarrão, e diziam: coivara, coéra, porongo, caetê, e outras centenas de palavras, e nhambu, e Paranã, nasalando a pronúncia.

Em nosso cotidiano usamos milhares de palavras que vieram das línguas indígenas, principalmente do tupi, e quem teria sido, senão o caboclo (analfabeto), que aprendeu esses termos e mediou sua passagem para o enriquecimento da língua portuguesa?

Ainda que menos importantes, houve outras correntes de influência cultural na região do Contestado. Através dos tropeiros e depois com gaúchos, chegados com a Revolução Federalista (1893-1895), houve a absorção de inúmeros termos e costumes vindos da Bacia do Prata: bodega, potranca, guasca, tata, bochinche (o), guaiaca, pechada, buenas...

Também destes tempos, lamentavelmente, resultou o hábito do assassinato pela degola, prática usual na Revolução Federalista, logo assimilada pelos vaqueanos para eliminar os inimigos políticos dos coronéis ou prisioneiros na Guerra do Contestado.

Dentro da vila de Lança, onde nasci, havia uma área chamada América. Tinha esse nome porque os americanos deixaram ali dez mil toras de pinheiro, imbuia e cedro que não deram conta de levar para uma de suas serrarias. Um americano, Daniel Schon, ficou tomando conta desse patrimônio. Entre os 1920 e 1930, essa área, com toda madeira, foi comprada por um descendente de alemães que montou ali uma serraria e se tornou um dos homens mais ricos de Santa Catarina.

Eu ouvira falar da Lumber Company, em Três Barras, e das serrarias americanas que existiram em Valões (Irineópolis) e Calmon; conhecia

a vila Achilles Stenghel (nome de um engenheiro italiano contratado pelos americanos) e a cidade de Clevêlândia (homenageando o presidente Grover Cleveland)... enfim, eu estava cercado pela presença americana em nossa história, mas nunca me perguntei por que os americanos estiveram tão presentes na região. Bem, claro que eu sabia que estiveram extraindo madeira, e só. Aquilo era tão natural!

Algumas vezes eu passava férias na casa de um tio, em Videira. Numa dessas ocasiões, quando eu já tinha 17 anos, um de meus primos tornou-se fiscal do Banco do Brasil. Havia um projeto do banco por meio do qual um simples lavrador conseguia tirar um empréstimo para comprar um ou dois porcos criadores que pagaria depois com a produção. Meu primo tinha a função de avaliar a condição dos proponentes para concessão do empréstimo e averiguar se pequenos empréstimos já concedidos estavam sendo aplicados no fim proposto. Para ocupar minhas férias eu ia pelo interior com esse primo, de jipe, e ia conhecendo lugares isolados de Videira, Caçador, Rio das Antas...

Numa dessas viagens chegamos numa boca de serra onde havia uma pobre casinha de madeira e umas crianças brincando na terra. Com o ruído do jipe foi surgindo da mata um homem alto, de chapéu, barba de dias, calçando uma botina velha. Já ralhou com as crianças que rodeavam o jipe.

- Buenas! – Falou meu primo, Edyo.
- Buenas.
- Estou procurando seu Sebastião.
- Bastião, é bem eu, memo.
- Sou do Banco do Brasil, seu Bastião. O senhor mora aqui há muito tempo?
- Pois tem uns três ano que vinhémo do Paranã.
- E o senhor trabalha com quê?
- Sô toreadêro.
- Toreadêro?! – entrei na conversa.
- É, corto tora aí nos mato. Mas quando esmoreja pego na lavora.

Achei que o modo de falar daquele homem se assemelhava a uma onda vocal que vinha de um outro tempo. Um cenário novo se descortinava ali na minha frente e surgia uma fração intensa do passado. A mesma onda que eu ouvira tantas e tantas vezes em Lança, na casa de minha avó. Aquelas pessoas ainda não falavam minha língua,



havia um descompasso temporal. Eram seres do passado fazendo uma viagem incômoda ao futuro.

De repente dei-me conta que aquela imagem logo iria se dissolver, aquela gente estava com seus dias contados. Logo chegaria luz elétrica, rádio, cinema, televisão, estradas... e o choque das culturas. Corri para o jipe, apanhei um caderno velho que carregava para anotações (que nunca fizera) e tomando por empréstimo a caneta do banco comecei a escrever tudo que ouvia.

Depois daquelas férias e de outras transcrições do que ouvira em casa de minha avó, e posteriores gravações feitas na Lança, surgiu um material muito rico, mas totalmente desorganizado, sem nenhuma metodologia, sem nenhum propósito. Eram apenas palavras, frases, nomes de pessoas, algumas precárias referências históricas (sem datas).

Guardei esse material por muitos anos.

Eu lia muito desde criança. Certamente, tornar-me algo como escritor estava entre minhas aspirações para o futuro, mas nem pensava em usar aquele material. Só retomei aquelas anotações dez anos depois, quando resolvi escrever a peça *O Contestado*.

Além de ser um razoável leitor, desde criança eu estudara música, mas ainda não encontrara um propósito para aquele conhecimento. Minha vida deu voltas e voltas e só encontrei meu caminho nas artes quando, na metade da década de 1970, tornei-me violonista do Teatro de Arena de São Paulo. O teatro musical é uma das artes mais completas que existem e, no Arena, tinha música, literatura, interpretação, política. Abriu-se em minha frente um outro cenário de gigantes.

Em minhas andanças anteriores encontrara-me com a materialização do passado, no Arena defrontei-me com a visão do futuro, pautado na orientação crítica do presente. Fui levado a isso pela poesia de Gianfrancesco Guarnieri, Bertold Brecht, João Cabral de Melo Neto...; a música de Edu Lobo, Theo de Barros, Carlos Castilho; o trabalho extraordinário de atores como o próprio Guarnieri, Fauzi Arap, Lima Duarte, que poucos conhecem do teatro (num dos espetáculos de *Arena Conta Zumbi*, em Buenos Aires, Lima Duarte foi aplaudido 12 vezes em cena aberta), Paulo Autran, Antonio Ganzarolli, Renato Consorte (elogiado pela crítica norte-americana quando o *Zumbi* passou por Nova York), Davi José, Carlos Augusto Strazzer, Zanoni Ferrite, Dina Sfat, Célia Helena e outras dezenas de talentos.

Depois de *Arena conta Zumbi* e *Arena conta Tiradentes* passei dois anos como diretor musical da Cia Paulo Autran.

No Arena e na Cia Paulo Autran, aprendi a fazer teatro, dirigir, compor e escrever. Como sabem, esses espetáculos todos fizeram longas temporadas, todos ficaram bem mais de ano em cartaz, com apresentações de terça a domingo, com duas sessões nos fins de semana. Excepcionalmente tivemos que apresentar *Zumbi* ou *Morte e Vida Severina* em três sessões no mesmo dia, tal a demanda de público. Com isso fiz quase dois mil espetáculos de teatro antes de escrever *O Contestado*, além de assistir centenas de peças e filmes.

O Arena usava a história brasileira para fazer uma paráfrase na luta contra a ditadura: *Arena Conta Zumbi*, de Boal e Guarnieri, a luta dos negros pela liberdade e a nossa luta pela volta da democracia; *Arena Conta Tiradentes*, dos mesmos autores, na luta dos Inconfidentes contra a opressão da coroa. Na abertura de *Tiradentes*, cantávamos uma música de Theo de Barros: “Dez vidas eu tivesse, dez vidas eu daria, pelo bem da liberdade...”, frase de Tiradentes, momentos antes de sua morte. O tema da liberdade voava sobre todas as cabeças. Bem podem imaginar os problemas que tivemos com isso.

Em 1968, participei também do coro da *Feira Paulista de Opinião* (uma polêmica montagem do Arena, dirigida por Boal) e fui pianista de *Roda Viva*, de Chico Buarque, até que a peça foi proibida em Porto Alegre.

Foi em 1969 que entrei na companhia Paulo Autran e fiz a direção musical de *Morte e Vida Severina* (de João Cabral de Melo Neto, com música de Chico Buarque), e percorremos o Brasil desde a fronteira do Uruguai até Manaus. Só naquela turnê “de Severinos” fizemos mais de 300 espetáculos em um ano.

No ano seguinte, fiz a trilha de *Macbeth* (de Shakespeare) e viajei mais um ano com Paulo e sua companhia. Em seguida voltei para o Arena.

Numa das viagens internacionais de *Arena conta Zumbi*, estando em Buenos Aires, em 1970/71, fui tocado pelo trabalho de Mercedes Sosa e Atahualpa Yupanqui. As composições de Atahualpa, poeta extraordinário, cantor, violonista, colocaram a semente do regionalismo em minha cabeça. Percebi que era possível fazer poesia e literatura de qualidade usando a linguagem regional. Aquilo, que já estava na essência de minha origem, calou fundo em minha sensibilidade.

De volta ao Brasil, para curta temporada no Teatro de Arena, Augusto Boal, nosso diretor, foi preso. Não havia nada a fazer e nós, em seguida, atendemos a um convite para o Festival Mundial de Teatro, em Nancy, na França, onde poderíamos denunciar a prisão.

Nos passaportes antigos especificava-se a profissão do portador. Nem

pensar que pudéssemos dizer que éramos de teatro, muito menos do Teatro de Arena. Como não existia informatização, era mais fácil passar pelas cancelas da ditadura. Em meu triste passaporte, que tenho até hoje, eu era “comerciário”. Depois do festival de Nancy saímos em turnê percorrendo inúmeras cidades francesas até o extremo sul, Marseille.

É necessário dizer que o livro *Casa Verde*, do paranaense Noel Nascimento, de 1963, já passara por minhas mãos aqui no Brasil. Digo “passara”, porque me fora emprestado e devolvi logo sem estudar a fundo. Noel Nascimento, promotor de Justiça no Paraná, publicou *Casa Verde*, sobre o Contestado, em 1963. Em 1964, foi preso e afastado do cargo. Só consegui reintegração ao cargo em 1979, depois da Lei de Anistia. É assim que as coisas acontecem no Brasil.

Entretanto, estando na França, com base na inspiração regionalista deflagrada em mim por Atahualpa Yupanqui, comecei a esboçar alguns temas musicais para abordar a história do Contestado. Mostrava aquele material embrionário para Lima Duarte, meu companheiro de quarto naquela turnê, e ele dizia: “Sim, sim, e daí?”. Ele queria ouvir algo mais bem acabado e eu não tinha. Todavia, ainda assim prevaleceram anotações e temas musicais que desenvolvi posteriormente na conclusão da obra.

Ao voltar ao Brasil, com o Teatro de Arena fechado pela ditadura e todo o processo cultural brasileiro sendo sugado pelo funil da repressão e da censura, fiquei sem emprego. O caudal criativo do Brasil que vinha desde a década de 1950, com o Cinema Novo, a arquitetura de Niemeyer, Bossa Nova, Teatro de Arena, Teatro Oficina, João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire... para citar apenas algumas pessoas e movimentos, deu contra o paredão repressivo.

Eu tinha 27 anos. Fiz vestibular e entrei no curso de História da Universidade de São Paulo. Concluí meu bacharelado em 1977.

Em 1972, após ganhar um prêmio num concurso nacional de dramaturgia da Televisão Cultura de São Paulo, com a peça *Olhos e Ouvidos*, fui chamado a Florianópolis. Augusto de Sousa, diretor do Departamento de Teatro na Fundação Catarinense de Cultura, convidou-me para tocar um projeto cultural no estado. Falei dos esboços que tinha sobre o Contestado e foram aceitos. Desatinei a concluir a peça.

Naquele ano, 1972, fui 16 vezes a Florianópolis e saiu a primeira montagem de *O Contestado*. Terminei aquela primeira versão muito ajudado pelo livro de Maurício Vinhas de Queiroz, *Messianismo e Conflito Social*, e João Maria, do catarinense Oswaldo Cabral.

Para a montagem vieram vários atores do interior do estado que de alguma forma faziam teatro em suas cidades e ficamos ensaiando em Florianópolis. Usando o nome de uma das praias de Florianópolis, batizei o elenco como Grupo Armação, pelos vários sentidos que tem essa palavra. Augusto de Sousa dividiu a direção comigo.

Não tive problemas com a censura porque o governo do estado estava envolvido na produção e eu tive o cuidado de não mostrar tudo que poderia dizer. Acabara de voltar da França e não adiantaria expor-me demais e ter a peça proibida. Para dourar a pílula para a censura fiz o espetáculo em dois atos. No primeiro, escrevi uma alegoria musical com a história catarinense tolerável; no segundo ato era só o Contestado, mais ou menos com a estrutura que tem hoje, porém mais enxuta.

Havia 4,5 mil pessoas na estreia em Joaçaba, realizada numa cancha de esportes. De lá viemos para a capital. O jornalista Mauro Amorim, patrono da peça desde o primeiro momento, teve a ideia de transformar o abandonado trapiche que havia na praça XV, num teatro de arena. Mauro, Augusto e eu nos empenhamos a limpar a área e mobilizar a prefeitura para as reformas necessárias. No final tínhamos um teatro de 150 lugares. Lotamos o teatrinho por cerca de dois meses.

Mesmo assim foi muito difícil para todos. Não sei se vocês sabem, mas Florianópolis é uma ilha, acreditem! Ninguém, no governo, na universidade, nas artes, ninguém sabia nada de Contestado. Todos me faziam uma reverência educada para não demonstrar sua ignorância, seu distanciamento do assunto e sua rejeição à minha colocação marxista sobre a temática.

Eu também era falso com eles. Principalmente depois que vi no banheiro da Fundação Cultural, livros empilhados até o teto, com a edição da *Contribuição à Legislação da Mesopotâmia*, escrita pelo diretor geral da Fundação, publicada com recursos do Estado. Creio que não preciso comentar nada sobre isso, o destino da edição ficava explícito pelo lugar onde estava.

Seja como for, aquela primeira montagem valeu como estreia dessa jornada e algumas milhares de pessoas tiveram uma iniciação sobre o tema.

Se no Arena usávamos a paráfrase da liberdade como tema principal (em *Zumbi e Tiradentes*), no *O Contestado* a questão social, a pobreza, a desigualdade, a ação imperialista, os coronéis, a corrupção do governo, tudo emergia por si só. Não precisava paráfrase alguma. Lamentavelmente não era uma linguagem metafórica. Ao aprofundar

os estudos e a vivência na região, havia ficado claro para mim o quanto de miséria, injustiça e exploração humana se consumou e ainda se consumava naquele território. Os coronéis só haviam mudado de nome e indumentária; as grandes empresas estrangeiras ainda estavam lá. No lugar da *Lumber* instalou-se uma companhia de celulose que prometeu restaurar toda a floresta que a *Lumber* derrubara... com pinus!

Meu curso de História na USP continuava e logo meus colegas pediram que eu desse um curso de teatro. A atividade cultural da USP era intensa: em 1974 havia 12 grupos de teatro no campus. A Escola Politécnica montou *A vida de Galileu*, de B. Brecht, a Física montou *Os Físicos*, de F. Dürrenmatt e assim por diante. Os estudantes corriam atrás dos recursos, a universidade apenas cedia os espaços.

Iniciei o curso de teatro e logo meus alunos, cerca de 20 estudantes, ansiavam por uma montagem teatral. Líamos e líamos peças e eles não se agradavam. Eu não queria impor nada. Um dia resolvi mostrar *O Contestado*, com seu texto definitivo, já acabado e livre dos penduricalhos da montagem de Floripa. Eles elegeram o texto de imediato.

Fiz a direção artística e musical, levei um caminhão de madeira para montar o palco, pintei o telão do cenário, emprestei refletores e toquei violão na peça; um técnico em eletrônica montou a luz; Rodrigo Cid projetou os figurinos e minha mãe costurou-os. Eram longos roupões, adequadíssimos a uma peça messiânica, que sujamos com tinta verde, marrom e vermelha (floresta, terra e sangue). Nunca mais a peça teve um figurino tão bom.

No elenco havia um velho ator profissional extraordinário, Ednardo Pinheiro, e alunos da Escola de Arte Dramática, da Sociologia, da História etc. todos muito bons.

Eu pretendia levar a peça para outras fronteiras além do campus, mas para isso precisaria passar pela censura. Mesmo dentro do campus havia riscos, já que vários colegas meus do teatro profissional estavam exilados em outros países, outros presos.

Optei por um golpe temerário: chamei a censura da Polícia Federal para o ensaio geral no campus. Precisava ir com cautela. Apresentar a peça era mais importante do que fazer uma afronta à ditadura e arriscar minha vida. Ao final do ensaio para a censura, o censor elogiou meu violão: “Ótimas músicas. Como você toca bem! Já vi você no Teatro de Arena”.

Sorriso amarelo e expectativa. Dias depois me entregaram o texto com poucos cortes. Acho que os censores tiveram boa vontade porque

imaginavam que aquilo ficaria restrito ao campus. Era bem o que eu pretendia, tinha um alvará, agora poderia sair com a peça pela cidade.

A partir daquela montagem, o texto assumiu a integralidade da linguagem regional. Eu sabia que aquilo era uma temeridade, uma provocação à elite cultural da cidade, mas era a única forma de apresentar a peça com toda sua verdade sem cair numa caricatura do caboclo.

Restava-me um certo temor quanto à reação do público. Este, porém, absorveu muito bem a linguagem. Percebia-se que nos primeiros 15 minutos da peça estavam avaliando, localizando, aprendendo o dialeto, depois se envolviam, respiravam junto, riam, aplaudiam em cena aberta, deliravam quando surgia a bandeira do Contestado e choravam ao final.

Estreamos no anfiteatro do Departamento de História. A peça despertou enorme interesse. Além dos estudantes havia boa afluência de público da cidade, vieram até alguns ônibus do interior, de outras universidades. Eu pretendia ficar cinco dias em cartaz, entretanto, onde cabiam 250 pessoas, nunca havia menos de 300. O excedente de público sentava-se nas escadas e tivemos que manter a peça em cartaz até setembro do ano seguinte. Parávamos apenas às segundas feiras. Hoje em dia se diria que “viralizou”. Numa estimativa mínima, dá para calcular que pelo menos 40 mil pessoas assistiram à peça na USP.

Os professores que precisavam dar aulas no anfiteatro se acostumaram a andar no palco que esteve montado lá até setembro de 1975. Todos os professores assistiram à peça, só isso. Porque de Contestado eles não sabiam nada, nem se cogitava inserir esse estudo no currículo da universidade. O único que conhecia o tema era o Prof. Dr. Duglas Teixeira Monteiro, das Ciências Sociais, autor de *Errantes do Novo Século*, que escreveu uma apresentação da peça, hoje incluída na abertura do livro com o texto.

Um fato que se destaca nessa montagem na USP é que diante do sucesso parecia que a Polícia Federal se arrependera de ter me dado uma liberação, mas também seria impossível proibir uma atividade dentro do campus e criar mais um ícone de resistência. Então, algumas vezes, aos sábados ou domingos à noite, quando não havia atividade acadêmica, alguns minutos antes de começar a sessão apagavam-se as luzes da cidade universitária.

Na frente do anfiteatro havia duas grandes portas laterais ao nível do chão (ainda estão lá), o palco ficava entre elas. Então eu abria essas portas, entrava com meu fusca no pátio interno, posicionava o carro na direção do palco e acendia o farol alto. Meu assistente de direção,

Moracy Oliveira, fazia o mesmo com seu carro na outra porta e o espetáculo era apresentado com aquela iluminação precária. Claro que aquilo dava ainda mais força à peça. O público não arredava pé e no final saíamos empurrando os carros sem bateria.

Com minha formação na USP pude aprofundar meus estudos de História e compreender como a Guerra do Contestado se inseriu na história econômica do Ocidente. No Teatro de Arena os fatos históricos (de *Zumbi* e *Tiradentes*) estavam muito restritos aos episódios imediatos que os motivavam. Boal e Guarnieri não eram historiadores, ainda que Guarnieri tenha sido um extraordinário poeta e um dos maiores dramaturgos brasileiros. Na USP comecei a ter uma visão mais ampla da história universal. Isso foi particularmente interessante para compreender como e porque o colonialismo britânico ou sua preeminência em outros países, como o Brasil, começou a ser substituído pelo imperialismo norte-americano e com que vantagens este chegou aqui na virada para o sec. XX. No Contestado – a ferrovia, a exploração de madeira, as companhias colonizadoras, a produção de petróleo através do xisto em São Mateus – foi o primeiro local onde eles puseram o pé em nosso território.

De qualquer forma, a inegável influência que recebi no teatro de Arena e na Cia Paulo Autran é óbvia em minha dramaturgia. Sem isso, sem minha vida no teatro e os gigantes que me tutelaram, nada poderia ter realizado. No Arena, principalmente, aprendi toda a estrutura do teatro dialético e do teatro épico de Brecht, que norteou a escrita de *O Contestado*.

Depois da USP, a peça foi para o Teatro Aplicado alguns meses e, em 1977, a atriz Célia Helena convidou-nos para inaugurar seu teatro, no bairro da Liberdade. Ficamos mais quatro meses em cartaz. Ruy Ohtake fez o figurino e a cenografia dessa montagem.

Em 1979, fiquei muito surpreso ao receber uma ligação do Palácio Iguazu, sede do Governo do Paraná. Uma secretária me disse que o governador Ney Braga queria falar comigo. Fiquei nervoso. Ney Braga era general de exército, mas decerto não iria me prender pelo telefone. Atendi e ele explicou-me que seu governo pretendia montar *O Contestado*. Imaginem! Senti um vendaval saindo pelo telefone. Perguntou-me se eu autorizaria a montagem e tendo minha resposta positiva (eu diria o quê?) explicou-me que montariam também *Rasga Coração*, de Oduvaldo Vianna Filho. Depois de breve conversa passou-me novamente para sua secretária para que ela pegasse meus dados

para mandarem uma ordem de passagem aérea, para que eu viesse conversar com seu Secretário de Cultura.

Soube depois por esse secretário, Luíz Roberto Soares, que com a Lei de Anistia o governo do estado resolvera montar as duas peças, sem cortes – que eu não respeitava mesmo fazia tempo.

Ney Braga sempre foi um promotor do teatro no Paraná, conhecia os principais atores pelo nome e fez questão de orquestrar pessoalmente os primeiros passos daquela encenação. Esse era seu estilo.

Para dirigir a peça chamei Emílio Di Biasi, que conhecia a montagem de São Paulo e era um entusiasta do texto. Fiquei só com a direção musical; não entrava em cena. Selecionamos os melhores atores do estado (22 atores e cinco músicos). Em outubro de 1979 estreamos no Teatro Guaíra, onde permanecemos um mês com o teatro lotado. Depois o grupo saiu em turnê pelo Paraná, Santa Catarina, Rio Grande, São Paulo e Rio de Janeiro. Eu temia que o público carioca pudesse estranhar a linguagem, mas foi onde a peça foi mais aplaudida.

Na ocasião o MIS-PR – Museu da Imagem e do Som do Paraná – gravou um disco LP (dois mil exemplares) com as músicas da peça. Foi o primeiro disco gravado sobre o Contestado. Soube depois que esse disco chegou às mãos de Dom Walter Brandão e Dom Pedro Casaldáliga, no Pará.

Em 2005, fiz uma adaptação e dirigi – *O Contestado: a fúria cabocla* – para uma montagem com o Grupo Temporá, em Caçador. O Grupo Temporá encena a peça desde 1990, de forma irregular. Eles já fizeram centenas de apresentações levando a peça para vários lugares de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e até Argentina. Nessa grande montagem que fizemos em Caçador, era o mesmo texto de *O Contestado*, com o acréscimo, na abertura, de algumas projeções de slides, preparadas pelo professor Delmir Valentini e uma projeção cinematográfica da cena com a morte de Matos Costa, que dirigi (a cena) num trem.

Em Caçador, na ocasião, fizemos cinco espetáculos para seis mil pessoas cada vez. Reunimos 50 atores e 250 figurantes. A coxia teatral (bastidores para nós) adquiriu duplo sentido, pois nela havia 50 cavaleiros com suas montarias ansiosos por sua entrada em cena. Um trem Maria Fumaça, com dois vagões, viajou de Marcílio Dias a Caçador para entrar em cena. Havia até uma réplica em tamanho natural do avião do capitão Kirk, que caía e se incendiava.

Durante um mês de encenação, 28 mil pessoas assistiram a essa montagem.



Chamo isso de Teatro Hiperbólico, que mescla o texto pré-gravado com a interpretação de atores, projeção de cinema, coreografias e equipamentos seguindo um fluxo de áudio pré-gravado, gerenciado por computador.

As modernas tecnologias de gravação, difusão de som para grandes espaços, iluminação, projeção, computação, e até mesmo de acomodação de público, permitem que esses espetáculos atinjam uma precisão inigualável. O público se vê envolvido por uma ampla ação 3D, tudo está ali, ao vivo. Essa técnica permite que se leve teatro para grandes multidões, coisa que anteriormente só era possível para os shows musicais.

De qualquer forma prefiro muito mais as montagens despojadas, como aquela feita na USP, nas quais a palavra fica mais viva e se constrói uma comunicação direta entre ator e plateia.

## Quanto à música no Contestado e na peça teatral

Nunca houve um estilo musical típico do Contestado. Entretanto, a viola sempre esteve presente em toda expressão musical do caboclo brasileiro. De origem portuguesa, o instrumento foi introduzido em nosso território desde o início do Brasil Colônia, seu artesanato adaptou-se às nossas madeiras e deu vazão às nossas expressões de religiosidade, romantismo e lazer.

A passagem contínua dos tropeiros que iam para a Feira de Sorocaba, fazendo ligação econômica e cultural do Sul com o interior paulista, onde a viola sempre se fez presente, sem dúvida foi determinante para a difusão do instrumento. Não esqueçamos, também, que até meados do século XIX o Paraná e parte de Santa Catarina pertenciam à província de São Paulo, onde a viola sempre esteve presente. Em Sorocaba, esses mesmos tropeiros sulinos tinham contato com tropeiros das Minas Gerais. Portanto, o fluxo da cultura musical com base na viola tornou-se marcante, desde Minas Gerais ao Rio Grande do Sul. Conheci alguns dos últimos violeiros regionais do Contestado.

Outra fonte musical, não desprezível na região, veio com a migração de milhares de trabalhadores que foram seguindo o fluxo da construção das estradas de ferro iniciadas em Paranaguá, em 1880. Essas frentes de trabalho, quando chegaram ao Contestado, trouxeram o “Sapateado de Tamanco” e as “Bandeiras da Folia do Divino” (típicos de Paranaguá).

Ainda que as danças sapateadas e as bandeiras não tenham sobrevivido, ficou o interesse pelos instrumentos que as acompanhavam.

Esse sempre foi o instrumento de agrado do caboclo, o qual lhe foi mais acessível por ser de fácil construção e que mais expressou suas raízes. Por isso a viola se fez tão presente na peça, mas não creio que tenha entrado alguma viola num reduto porque naquele momento o foco daquela sociedade fora desviado para coisas que a distanciavam do lazer e da expressão musical.

Entretanto, eu optei por escrever uma peça épica nos moldes brechtianos. Seguindo esse padrão amarrei toda estrutura dramática com ligações musicais e os personagens, para serem identificados, teriam que se expressar conforme seus costumes, linguagem e tradições.

Contudo, nem tudo é *gestus* da ação dramática ou da narrativa que vem dos atores através da dramaturgia (vide Bertold Brecht e Kurt Weil). Essa narrativa por vezes se interrompe, como no teatro grego, e então o teatro épico cria seu próprio “corifeu”, no qual o autor se apresenta no palco, se manifesta claramente, neste caso com uma intervenção musical.

Exemplificando: a música “Já Tem Fuzil com Bala” é puro *gestus* do teatro épico. Está fechada na ação dramática, coreográfica, musical. Os personagens identificam-se no seu contexto épico; já a música “Tormenta” é descrição cênica, é o autor atuando como “corifeu”, como chefe do coro, cruzando do tempo da ação dramática real e histórica (no palco), para o tempo presente do espectador. A quebra da catarse. Os atores se distanciam das personagens para serem comentaristas da ação, porta vozes do autor. Por consequência, nesse momento o autor, a direção e a música têm mais liberdade de lidar com o contemporâneo e com uma variação no estilo musical.

Às vezes os próprios atores fazem essa passagem descrevendo sua ação, seu tempo, e comentando a representação que fazem. Como na música “Lá vem João Maria”!... (cantam) o povo corre prá estrada... (que são eles mesmos).

**C**onstrange-me ter que expor tanto de minha vida pessoal para falar de um tema coletivo e de tanta importância histórica, mas a proposta para esse livro, na parte que me cabia, era descrever o processo e as circunstâncias que me levaram a criar a peça teatral *O Contestado*. Isso não poderia ser feito sem relatar parte da história cultural por onde transitei e de onde ela saiu.

Tive conhecimento de 25 montagens da peça e, às vezes, ainda me deparo pela *internet* com adaptações parciais, feitas por estudantes ou pequenos grupos de teatro amador. Hoje, quase mil atores profissionais e amadores já encenaram *O Contestado* desde a sua estreia.

Depois de tantos anos com esse trabalho é gratificante ver quantas dissertações de mestrado ou teses de doutorado foram nele inspiradas ou usaram-no para complementar suas reflexões acadêmicas, compreensão do mundo, difusão do conhecimento e, principalmente, a luta para a construção de um mundo menos discriminatório e mais justo para todos. Se nunca ganhei dinheiro com a peça (os produtores se encarregaram disso!) e, para mim, esse não seria mesmo um objetivo moralmente válido, me reconforta o reconhecimento da aflição daqueles que sofreram a guerra. Seres humanos sem voz, famintos, com o olhar perdido no nevoeiro de um mundo que não compreendiam (“Eu, nascido e criado nesses mato, não sei dizê o que está errado no mundo, mas...” – da fala final de Adeodato).

Sei que a força desse trabalho se deve unicamente à pujança da história do caboclo brasileiro dentro e fora do *Contestado*, que ainda clama por difusão, reconhecimento e justiça, principalmente.

O *Contestado* não é apenas a luta daqueles messiânicos que foram para os redutos. Milhares de caboclos, na própria região ou fora dela, não participaram daquela luta, mas nem por isso foram menos explorados ou menos oprimidos neste mundo de desigualdades avassaladoras contra os pobres.

Como eu disse no início deste texto, defrontei-me com personagens vivos daquela história. Meu registro está contado. Ainda vi pessoas, restos de florestas e animais que desapareceram da região. Nestes últimos anos vi jornalistas procurando dados, pessoas, memórias, em vão. Os historiadores sabem que ali não há mais nada. Um enferrujado cartucho detonado num território de batalha não quer dizer nada. Isso já sabemos. Isso não é História. Por certo há ainda dados ocultos, porém eles não estão mais naquela área. O que houver está nos porões dos arquivos militares e nos cofres de algumas famílias tradicionais do Paraná que mandaram no estado e na região. O resto foi deliberadamente destruído.

Em meados dos anos 1970, consertando um pneu de meu fusca (aquele mesmo da USP) numa borracharia de Três Barras (SC), vi uma pilha de enormes livros do início do século, jogados num canto. Eram registros de funcionários da *Lumber & Co*. Perguntei ao borracheiro por

que aqueles livros estavam ali e ele me contou que no ano anterior, numa festa junina da cidade, um capitão do exército mandou retirar aqueles livros e outros documentos do antigo escritório da companhia e colocar tudo numa fogueira de São João. O borracheiro arrepiou-se com o absurdo e roubou algumas dezenas daqueles livros antes que o fogo os destruísse. Disse-lhe que eu era historiador e pedi que me vendesse o material, coisa que fez por pequeno valor arbitrado ali na hora. Ele não fizera aquilo por dinheiro, mas alguma coisa de recompensa lhe cairia bem. Mesmo assim eu não podia levar muitos livros pois meus recursos eram escassos e tinha pouco espaço no carro, mas carreguei o que pude para São Paulo, bem longe das fogueiras locais. Parte desse material serviu para a tese de doutorado do Prof. Dr. Delmir José Valentini, defendida na PUC-RS.

Talvez um dia, no Brasil, a história deixe de ser “segredo de estado” ou material combustível para irresponsáveis e então servirá como memória imunológica contra novos desmandos.

No Brasil moderno, cem anos depois do Contestado, quando estoura uma represa de dejetos de minério e mata centenas de pessoas, a maioria pobres e inocentes, fica óbvio que esse é o padrão iniciado desde o início da República. Aqui, o modelo de destruir a natureza e submeter pessoas carentes a todos os riscos, em nome do lucro descabido de uns poucos, tem dezenas e dezenas de anos. Isso começou exatamente no Contestado. Este foi e continua sendo o maior desastre ambiental e humanitário do Brasil.

O caboclo do Contestado migrou para a periferia das grandes cidades. Ali é o seu reduto atual, sujeito às enchentes, avalanches, milícias e desmoraamentos de encostas. É o seu novo Caraguatá, o espinheiro que fere por todas as direções.

A peça *O Contestado* nasceu e propagou-se durante a ditadura militar iniciada no Brasil em 1964. Por isso talvez tenha vícios narrativos daquele momento amargo, mas não terá distorções que possam trair a verdade histórica, nem está desfocada a fotografia que mostra a situação dos desamparados no Brasil. Este trabalho teatral emergiu como um sinalizador de direção ambivalente: um lado mostrava o passado; outro mostrava o presente até onde era possível naquele momento. Pois...

Pois de repente  
As palavras sem fronteiras  
Acordaram entre muros  
Assustadas, prisioneiras

Vieram juízes com mordanças  
Com sentenças no papel  
Homens com tochas e lenha  
Ah, Quantos dias de fel!  
Arrastando as correntes  
Murmuradas em segredo  
As palavras tinham senhas  
Ah, quantas noites de medo!...

(Letra de música de minha autoria [1968])

Tive o privilégio de nascer na região do Contestado e ser mergulhado na vazante da maré visual e sonora que se esgotava. Da mesma forma fui carregado pela história vibrante do teatro brasileiro em sua melhor fase, quando este despertava para o nacionalismo e as questões sociais. Fui, ainda, contemplado com a vivência e formação em uma das melhores universidades brasileiras, antes que estrangulassem todas as universidades no Brasil. Tudo se diluiu no tempo. Não desisto porque fui “ofendido” pelo amor ao próximo, mas diariamente tenho que me agarrar às pedras do caminho para não ser arrastado e perder o resto de utopia e a fraternidade dos homens.

## Itinerário pessoal de uma temática: o que me levou a pesquisar a Guerra do Contestado

Marli Auras

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: memórias, trajetória acadêmica, pesquisas históricas, crítica política, resistência.*

Nasci em Urubici, na Serra Catarinense, em meados do século passado. Fiz toda a minha formação escolar básica, curso primário e o então normal regional (era assim chamado e correspondia ao ginasial), no Grupo Escolar Araujo Figueiredo, da Praça. Na minha época, não havia ainda o Colégio Santa Clara. Minha família era protestante, da Igreja Batista, com ascendência leta e alemã, que constituiu longamente uma comunidade bastante voltada para si própria, em grande medida por dissonar do entorno e alhures, que era predominantemente católico. Sobretudo nos primeiros tempos da comunidade, houve registros de clara e forte segregação, de ostensiva (e por vezes raivosa) depreciação dos cultos religiosos, de anônimos arremessos de pedras a letos em vias públicas, do genérico e comum emprego designativo de “russos” como pretensa pecha desqualificadora (esta bizarrice, aliás, conseguiu atravessar toda a minha formação escolar básica). Em 1964, finda a escolarização então possível em minha cidadezinha natal, vim para Florianópolis a fim de fazer o curso normal no Instituto Estadual de Educação. Em 1967, iniciei a licenciatura em Geografia na então recém-criada Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Por que estou a dizer isso? Porque julgo importante esclarecer que, não obstante haver realizado toda a minha formação escolar, do primário ao superior, em instituições públicas catarinenses e inclusive haver nascido em terras do nosso planalto, não lembro, em toda essa trajetória, de haver recebido qualquer informação acerca da Guerra do

Contestado. Talvez o fato de ter sido protestante, de haver integrado um coletivo claramente dissonante, justifique a ausência de conhecimento sobre esse conflito, de sequer ter tido alguma informação relativa ao monge João Maria, que peregrinara tão longa e amplamente pelos sertões catarinenses, sendo venerado como um santo.

Eu havia concluído a faculdade em 1970 e já era professora de Geografia do Colégio de Aplicação da UFSC, quando, no início daquela década, num intervalo entre as aulas, soube então da ocorrência da Guerra do Contestado. Nessa ocasião, na sala de professores, entre um cafezinho e outro, ouvi os colegas de História referirem-se ao fato, trocando pinceladas de informações entre si. Fiquei pasma! Uma guerra aqui, em nosso chão, tão próxima a nós no tempo e no espaço? Como assim?! Como entender que, não obstante meu próprio percurso de vida, nada tenha sabido a respeito até então? Tal questionamento permaneceu vivo em mim por muito tempo, me desafiando a buscar respostas convincentes. Do que então pude ler, por interesse próprio, emergia sobremaneira a informação de que os milhares de caboclos que tinham se rebelado nos sertões contestados não passavam de arruaceiros, de fanáticos, de facínoras a perturbarem a ordem pública, por isso houve a necessidade de reprimi-los com tamanha força bruta. Contudo, na medida em que mais lia a respeito, tal explicação me parecia sem razoabilidade, inadmissível, inverossímil. Como aceitar que, sem mais nem menos, milhares de pessoas – famílias inteiras – transformem-se em “perigosos bandidos” a fustigar por anos a fio as forças policiais?

Em 1978, já na condição de professora concursada Auxiliar de Ensino, do quadro docente do ensino superior da UFSC (vinculada ao Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, atual Metodologia de Ensino, Centro de Ciências da Educação), e atendendo ao projeto institucional de qualificação do professorado da instituição, fui fazer o mestrado em história e filosofia da educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Fiquei lá até meados de 1980. Como sabemos, aquele foi um tempo de grande efervescência política, que ecoava sobremodo pelas próprias dependências daquela Universidade Católica. E a instituição respondia a tal eco, ativamente, não fugindo ao seu papel de instância educativa. Em contraposição a isso, por exemplo, em setembro de 1977, o famigerado coronel Erasmo Dias, na condição de Secretário da Segurança Pública do Estado de São Paulo, com suas tropas armadas até os dentes, invadiu a PUC, espalhando o terror com bombas de gás lacrimogêneo, cassetetes e balas de borracha disparadas a granel. Arquivos foram destruídos, estudantes sofreram

queimaduras graves e centenas foram presos para “averiguação”. Tudo isso porque aquela instituição era tida como um “antro de subversão” pelos defensores paulistas da ditadura civil-militar instalada no país graças ao golpe de 1964. A PUC era, de fato, um espaço que se abria, crescentemente, para as mais diferentes lutas político-sociais que tivessem a ver com as represadas – e fundamentais em se tratando da construção de uma sociedade democrática – demandas populares. Professores que haviam sido aposentados compulsoriamente pela Universidade de São Paulo (USP), foram integrados ao corpo docente da PUC, como foi o caso de Florestan Fernandes, Octávio Ianni e José Arthur Giannotti. A universidade também abria sem peias seus portões para a realização, em suas dependências, de reuniões da SBPC e da UNE, que haviam sido proibidas em outras universidades por força de pressões do governo autoritário. Naquele tempo, a PUC-SP era regida pelo cardeal Evaristo Arns, importante defensor do retorno ao Estado de Direito e um dos expoentes da Teologia da Libertação, que pregava e defendia “a opção preferencial pelos pobres”. Aquele foi também um tempo da ascensão e fortalecimento dos movimentos de oposição à ditadura. Assim, ocorreram grandes e corajosas greves dos metalúrgicos na Grande São Paulo, lideradas por um operário cujo surgimento marcará a história recente deste país, Lula. Foi criado o Partido dos Trabalhadores (PT), o movimento pela Anistia, a luta pelas *Diretas Já*, dentre tantos outros.

No processo de seleção para o mestrado, apresentei um projeto de pesquisa que tinha a ver com o ensino de Geografia, então minha área de trabalho. Ocorre que durante o curso me senti desafiada a redirecionar o projeto. Formulei um outro, de modo a poder explorar a possibilidade de, enfim e de forma articulada, fazer um acerto de contas com as grandes indagações acerca da Guerra do Contestado que me haviam surgido e que continuavam em aberto. E dessa maneira, quem sabe, também pudesse trazer alguma contribuição pública ao seu entendimento. Os ricos debates e leituras proporcionados pelo mestrado, carregados de historicidade – em que o contraditório não é proscrito, mas considerado chave para o avançar do conhecimento –, buscavam compreender, dentre outras questões, os atávicos e pesados reveses da contemporaneidade brasileira. Assim, os estudos sobre o processo de formação da sociedade brasileira me possibilitaram perceber, por exemplo, que a precariedade da nossa escola pública, em todos os níveis, é um reiterado projeto político de nossas elites, uma vez que, para elas, as nossas multidões dos subalternos devem permanecer



desse jeito, na condição de subalternos, ou seja, ao franco deus-dará, e inclusive comportando-se com resignação, haja vista que o aparato jurídico-policial está sempre atento e disposto a atuar, a ferro e fogo, em atenção a qualquer chamado em defesa da ordem, vinda de sabujos servidores dessas elites. Ser apresentada ao pensamento de Gramsci, dentre outros, me foi fundamental, mudando minha visão de mundo. Sua concepção de hegemonia me abriu horizontes para ousar pesquisar a Guerra do Contestado. E a presença do Prof. Antônio Chizzotti, padre do quadro da PUC-SP e entusiasta da Teologia da Libertação, como meu diligente orientador, dentre outros docentes bastante disponíveis à contribuição, acabou por constituir um seguro e estimulador chão pelo qual pude caminhar durante todo o processo de investigação.

Faço questão de registrar que, naqueles anos, o fato de ainda não haver o imperativo da produtividade, a brandir a espada do tempo sobre a cabeça do pós-graduando e, assim, a restringir sobremaneira o período para a realização das disciplinas e da pesquisa propriamente dita, foi determinante para que eu pudesse chegar ao resultado alcançado. Registro ainda que, também em função desse maior tempo então disponível para o levantamento e a própria maturação de todo o material obtido acerca do objeto de pesquisa, a Guerra do Contestado, o texto final da dissertação do mestrado, apresentado para a banca examinadora, pôde ser praticamente o mesmo que pouco depois saiu sob a forma de um livro. Não tive, portanto, que reescrever para poder publicar.

Sobre os bastidores da investigação, ainda lá em São Paulo, e do ponto de vista do acesso às fontes disponíveis, me deparei com duas situações díspares. De um lado, o franco e gentil acesso aos arquivos do então recém falecido professor Duglas Teixeira Monteiro, a mim proporcionado por sua família e na sua própria residência, em seu escritório particular. E do outro, a espantosa negação da professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, que não só fez questão de registrar que seus arquivos estavam indisponíveis como ainda buscou me desestimular a seguir em frente na investigação, ao me dizer algo assim: “Por que você quer pesquisar o Contestado se isso já foi feito? Faça uma outra pesquisa!”. E, sem mais, deu por encerrado nosso rápido encontro.

Na ocasião da pesquisa, infelizmente, não foi aventada a hipótese de buscar contatar remanescentes/sobreviventes do Contestado, ou seja, pessoas que, ainda que estivessem bastante idosas, poderiam estar lúcidas e disponíveis, se constituindo assim em importantes fontes primárias. Hoje penso que isso se deu talvez porque, diante

do vasto material que já havia reunido, o compromisso de chegar à articulação de uma síntese consistente – e que resgatasse a luta cabocla das leituras oficiais vigentes e então preponderantes – já implicava trabalho suficientemente desafiador. Lembro que, a certa altura, pude inclusive contar, mais uma vez, com o pronto aval da UFSC que disponibilizou a ida do servidor Jones João Bastos, então fotógrafo da Imprensa Universitária, para me acompanhar até Curitiba a fim de fazer a reprodução de importante material iconográfico que lá se encontrava disponível, nos acervos da Biblioteca Pública e da Casa da Memória. Esse material veio a constituir um Caderno Especial da dissertação e, posteriormente, do livro.

Em 1984, já no ano seguinte ao da defesa da dissertação de mestrado, veio a público a primeira edição do livro *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*, com uma alentada tiragem de três mil exemplares, graças a um bem alinhavado trabalho de coedição, sob a responsabilidade do então coordenador da EdUFSC, Salim Miguel, que acabou conseguindo envolver nessa publicação a EdUFSC, a Cortez Editora (SP) e a Assembleia Legislativa de Santa Catarina.

Tal lançamento ocorreu por ocasião da primeira gestão de Esperidião Amin à frente do governo do estado de Santa Catarina (1983-1987). Amin saíra vencedor do pleito eleitoral de 1982, ainda que num resultado visto como bastante controverso, representando os interesses das forças conservadoras catarinenses. Aqueles tempos foram atravessados, Brasil afora e Santa Catarina em particular, por fecundos movimentos sociais, por distintas e expressivas lutas pela organização popular, crescentemente contrapostas aos ditames (im) postos pelo governo ditatorial, de modo a conquistar, no âmbito do poder governamental, a distensão/abertura política. Esperidião Amin havia anunciado, no período eleitoral, numa propaganda Carta aos Catarinenses, sua “opção pelos pequenos”, como norte de seu intento governamental, numa clara corruptela da “opção preferencial pelos pobres”, já anunciada anos atrás pelos católicos da Teologia da Libertação, como forma de expressar, politicamente, sua guarida aos crescentes reclamos dos subalternos (mas sem que, com isso, se perdesse sobre eles a tutela dos governantes, os grandes de sempre, ou seja, sem que se pusesse em risco o poder das elites conservadoras, da qual ele era lídimo representante).

Nesse sentido, em seu governo, Amin buscou transformar o Contestado numa marca capaz de caracterizar o estado de Santa Catarina, conferindo-lhe, dessa forma, uma suposta identidade.

De que modo as forças conservadoras catarinenses têm procurado recuperar a memória do Contestado? Folclorizando-o, congelando a luta cabocla como algo do passado, fruto de tempos idos, que nada tem a ver com os dilemas sociais do presente, cujos vencedores nada têm em comum com os dominantes de hoje. Tais forças buscam transformar a luta cabocla em coloridos e comportados espetáculos, digeríveis para grandes plateias. Nesta concepção, o ideal seria que se explorasse o Contestado inclusive do ponto de vista turístico, com bem-vindos retornos financeiros aos empresários do setor. Durante a gestão Amin foi inaugurado o Museu do Contestado (em Caçador), restaurado o Cemitério de Irani, erguido um grande monumento ao “homem do Contestado” (em Curitiba), construído o galpão do Centro Folclórico do Contestado, editadas obras contando “causos” pitorescos ligados ao evento e realizados certames de gaita-ponto, desfiles, bailes, oratório com centenas de vozes etc. Enquanto as forças hegemônicas procuravam disseminar sua visão edulcorada do conflito – na perspectiva da continuidade dos interesses dominantes –, retirando dele sua alma, aquela densidade que remete para a exigência de se perguntar pela historicidade do presente, com vistas à construção de uma sociedade mais justa, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, por exemplo, recupera, na luta política, as verdadeiras lições do Contestado. Os Sem Terra de hoje, herdeiros da marginalização social dos caboclos de outrora, buscam no Contestado elementos fortalecedores de sua luta.

Em 1992, fui convidada por estudantes de História da UFSC, para participar, em Caçador, do VI Encontro de História, que teria os 80 anos do Contestado também como pauta. Vários pesquisadores, inclusive de outras partes do país, marcaram presença. Havia também aqueles que trabalhavam essa temática no campo da música, da literatura, do teatro, do cinema. Sílvio Back, renomado cineasta, cuja filmografia também tem se debruçado sobre o Contestado, fazia parte da mesa que me coube integrar. Lembro que, na ocasião, o amplo auditório estava cheio e o público era bem atento e interessado. Jamais esquecerei que, tão logo havia terminado minha fala, um senhor, que estava sentado nas primeiras fileiras de cadeiras próximas ao palco, de modo intempestivo, levantou-se e, aos brados, me perguntou: “A senhora, por acaso, tem carteirinha de historiadora?”. Fiquei estupefata com a impertinência da cobrança. Entretanto, estava ali, diante de mim, em carne e osso, ofegante e embravecido, o professor Walter Piazza, da, digamos assim, velha guarda do Departamento de História da UFSC. Aprumei-me e

lhe respondi algo nesse sentido: “Professor, penso que respeitar um trabalho científico no campo da pesquisa histórica implica discutir o teor e a qualidade do que foi levantado. O que o senhor tem a me dizer sobre o que aqui acabo de apresentar? Eu o convido, professor, a debater comigo acerca desse conteúdo! Pois não é disso que estamos abordando aqui? De modo algum estamos tratando de uma defesa de caráter corporativo, dada a priori e tida como garantia suficiente da fidedignidade de um trabalho!”. Todavia, Piazza não se deu por vencido e, aos resmungos, retornou ao seu lugar, sem dar, naquele momento, qualquer contribuição efetiva ao debate que se seguiu.

No final de 2001, tive o privilégio de participar da banca examinadora da tese de doutorado de Paulo Pinheiro Machado, intitulada *Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916*, defendida no Departamento de História da Unicamp. Poucos anos após, em 2004, na Coleção Várias Histórias, da editora daquela Universidade paulista, essa tese de doutorado, em uma versão modificada, veio a público sob a forma de um alentado livro, que recebeu o título *Lideranças do Contestado*. Coube a mim, numa especial deferência do professor Pinheiro Machado, o renovado privilégio de escrever o prefácio dessa obra. Bastante desafiador, fruto de uma vasta e cuidadosa pesquisa, esse trabalho representou um marco nos estudos acerca do Contestado. Seu autor, diante da riqueza das fontes consultadas e de sua visão de mundo, ousou erguer à estatura da condição de “formação política” trajetórias de indivíduos até então sobejamente desqualificados pela historiografia de um modo geral, e pelo senso comum ainda dominante. A partir da densidade e das instigações postas por esse trabalho, coube ao professor, que integra o Departamento de História da UFSC, a criação e a coordenação de um grupo de pesquisas que têm se dedicado a estudar – e a divulgar – o Contestado, inclusive com integrantes de várias instituições de ensino superior. Este próprio livro, que ora chega ao público, é clara expressão desse fecundo e importante trabalho.

Dentre outros vários eventos que tiveram a ver com a Guerra do Contestado e dos quais tive participação, seja como expositora do tema, como debatedora ou como membro de banca examinadora de pós-graduação, gostaria ainda de destacar os seguintes: em 2002, no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, então sob a coordenação do catarinense Godofredo de Oliveira Neto (autor do romance *O bruxo do Contestado*, de 1996), responsável pela organização do encontro “90 anos da Guerra do Contestado”; em

2012, no documentário *O Contestado: restos mortais*, dirigido por Sílvio Back; em 2014, no episódio *Contestado: uma guerra esquecida*, que se constituiu numa das pautas do excelente programa semanal produzido pela equipe de profissionais da TV Brasil, *Caminhos da Reportagem*.

Especificamente sobre o meu livro a respeito da Guerra do Contestado, gostaria de destacar que, desde sua publicação em 1984, houve várias edições, todas pela Editora da UFSC e com as respectivas tiragens esgotadas. Cada uma delas contou apenas com a apresentação de capas distintas (a capa da 2ª edição, por exemplo, de traço minimalista, foi gentilmente criada por Cleber Teixeira, o visionário editor da Noa Noa), sendo que, em 2001, saiu a 4ª edição. Após longo interregno, somente em 2015, já passados, portanto, 14 anos, e não obstante a última edição encontrar-se há muito esgotada, veio a público, enfim, a 5ª edição, por obra do tirocínio do então coordenador da EdUFSC, Fábio Lopes da Silva, que tomou a iniciativa de tirar o livro do que parecia ser agora sua condenação ao esquecimento e a poeira do tempo e então entregá-lo ao competente trabalho da equipe de profissionais da EdUFSC, de modo que pudesse ser inteiramente revisto segundo as novas normas vigentes (ortográficas e ABNT). Sem que, com tal revisão, a obra viesse a sofrer qualquer alteração em seu conteúdo propriamente dito. O resultado desse cuidadoso trabalho encontra-se claramente expresso na acurada 5ª edição, a começar pela bela capa, estampada com a tela “Conflitos do Contestado”, imagem gentilmente cedida por Nita Dirksen, artista plástica catarinense que, acabo de descobrir, compartilha comigo o mesmo torrão natal, Urubici. Faço questão de registrar que devo essa última edição à iniciativa do prof. Fábio Lopes da Silva que, tendo também presente nas comemorações relativas ao Centenário do Contestado, garantiu aos interessados a permanência física do acesso a essa obra.

No final do ano de 2012, como forma de marcar os cem anos da Guerra do Contestado, o governo do estado tomou a iniciativa de financiar uma primorosa e exclusiva publicação abrangendo todos os 78 desenhos que o artista plástico Hassis (nascido no Paraná, em 1926, mas que viveu praticamente todo o seu tempo em Florianópolis, onde veio a falecer em 2001) havia criado sobre esse conflito. A sequência desses acurados desenhos nos permite acompanhar, e até mesmo entrever, seu impiedoso desenrolar. Coube a mim, ao aceitar o convite do editor Nelson Rolim, o desafio e a responsabilidade de escrever, além da apresentação da obra, um breve texto relativo a cada um desses desenhos do artista. O resultado disso está consubstanciado no

livro *A história de Santa Catarina: volume I – O Contestado*, numa coedição Insular e Fundação Hassis, ambas de Florianópolis. Tendo em vista a alta expressividade desses desenhos, pouco depois, em 2014, ainda por conta do Centenário do Contestado, a Fundação Hassis e a Tempo Editorial, também ambas de Florianópolis, publicaram, agora sob forma de um avantajado álbum fotográfico, com papel especial e grandes folhas duplas soltas, todo esse conjunto composto pelos 78 desenhos, desta vez apenas acompanhados, cada um deles, de sua legenda respectiva, todas elas igualmente resultantes da lavra do próprio artista. Esta obra recebeu como título *HASSIS: Arte e história da Guerra do Contestado*. Coube a mim, mais uma vez, o desafio e a responsabilidade de também escrever a apresentação dessa obra. Nela, dentre outras observações, registrei:

Com seus traços firmes e substantivos, Hassis nos convida a conhecer, a adentrar naqueles tempos e naquelas paragens. Cada desenho é pleno de sentido. Impossível acompanhar com indiferença a sucessão dos quadros, a força histórico-cronológica de sua admirável representação artística e a sua leitura humanista da luta cabocla. Há alguns desenhos difíceis de encarar, feito uma pancada no peito. Como os quadros não fantasiam, pois buscam expressar sem reservas o que de fato ocorreu, é bom ter presente que a aflição de nossa leitura é incomparavelmente menor do que a dor e o desencanto que, na realidade, acometeram os rebeldes do Contestado.

E concluí dizendo: “Ouso afirmar, considerando a beleza e a expressividade histórica deste trabalho de arte visual, que Hassis é o nosso Euclides da Cunha”.

Como se pode perceber, ambas essas publicações, em função das especificidades de suas edições, embora bastante relevantes, se revestiram de um caráter limitante, pois não se destinavam a um público mais amplo. Contudo, essa rica, cuidadosa, comovente e bela contribuição do artista plástico Hassis ao conhecimento do Contestado, por tudo o que representa tanto no campo da arte quanto no da narrativa histórica, continua a clamar por uma publicação massiva, capaz de alcançar ampla repercussão pedagógica e que faça jus a esse denso trabalho visual em seu afã de buscar expressar – e conceder eco – a essa intensa e desafiadora luta cabocla.

Ainda por ocasião dos festejos do Centenário do Contestado, em meados de outubro de 2016, fui surpreendida com um convite, via

e-mail, da Gerência de Sessões Solenes e Especiais da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, para comparecer a sessão especial, marcada para o dia 24 daquele mês, em comemoração ao Centenário da Guerra do Contestado, pois “nesta noite, a senhora será uma de nossas homenageadas”. De imediato, respondi que não compareceria, justificando já haver assumido compromisso para esse mesmo dia e horário. Como os representantes daquele setor da Assembleia Legislativa voltaram a me contatar, insistindo na minha presença, ainda que por meio da designação de algum representante, considerei então ser fundamental justificar as razões de minha ausência. Assim, em 21 de outubro de 2016, encaminhei-lhes o seguinte e-mail:

Boa noite Any e Maria Alice! Agradeço, mais uma vez, o convite para comparecer ao evento relativo ao Centenário do Contestado, na próxima segunda-feira, dia 24, nas dependências dessa Assembleia Legislativa, ocasião em que eu seria uma das pessoas homenageadas. Em e-mail anterior, já havia comunicado que, por motivo de força maior, eu não compareceria. Como me foi solicitada a indicação de uma pessoa representante, esclareço que não tomarei tal iniciativa, pela simples razão de que não vejo pertinência nessa homenagem. Por que não vejo tal pertinência? Cem anos se passaram da Guerra do Contestado, na qual uma legião de nossos humildes e laboriosos caboclos, homens e mulheres, idosos e crianças, famílias inteiras, foram brutalmente eliminados pelas forças repressoras do Estado de Santa Catarina e do Exército Nacional. Naquela ocasião, tratados como entulho humano, esses nossos patrícios viram suas legítimas demandas – sobretudo o direito à terra – não atendidas, enquanto o poderoso grupo do empresário estadunidense Percival Farquhar, em articulação com os coronéis e demais governantes, conseguiu ter os seus vastos – e predatórios! – interesses plenamente atendidos pelas autoridades constituídas. Qual o sentido dessa homenagem se considerarmos que hoje, decorrido um século desse sangrento movimento social, a população dele remanescente ainda vive à margem de políticas públicas de saúde, de educação e de terras, apresentando os mais baixos índices de desenvolvimento humano do Sul do Brasil? Ou seja, hoje, como ontem, nossas autoridades continuam a fazer vistas grossas às demandas dos moradores humildes

da região do Contestado. Diante do posto, em tributo à memória dos milhares de caboclos mortos na Guerra do Contestado e como modo de fazer coro à denúncia da enorme dívida social para com seus remanescentes, só me resta declinar da homenagem a mim endereçada. A meu ver, não há conteúdo histórico capaz de justificá-la. Atenciosamente, Marli Auras.

O Contestado é uma vigorosa síntese deste imenso Brasil, tão portentoso em suas incalculáveis riquezas desde sempre apropriadas por poucos que se encontram encastelados, a ferro e fogo, no aparelho estatal, e tão ostensivo na (re)produção de multidões de brasileiros miseráveis e desvalidos, ainda hoje vivendo praticamente ao deus-dará, à margem do campo dos direitos, sem políticas públicas capazes de lhes garantir uma vida justa e digna. Por isso mesmo, por ser forte e viva expressão de um passado que não passa, para as forças da ordem é importante que o Contestado permaneça sob grosso olvido. A presente obra, ao conferir eco à luta cabocla, vai no sentido contrário ao desse esquecimento.

Por fim, gostaria de registrar mais uma fundamental lição que aprendi com os rebeldes de Serra Acima. Nossos valorosos caboclos operaram e (re)significaram sua destemida luta por dentro da visão de mundo que lhes era singular, grandemente permeada por uma religiosidade que lhes conferia sentido existencial. Como contraposição ao longo e cruento embate com as forças oficiais, que tratavam de negá-los e os viam como trastes a serem banidos daquele território, nossos caboclos corajosamente ousaram construir os redutos e, deste modo, puderam afirmar aos quatro ventos sua “irmandade”, sob o entendimento de que “tudo é irmão, irmã” (“quem tem mói, quem não tem mói também, e no fim todos ficam iguais”). Sem aqui buscar desdobrar maiores dimensões da riqueza do então produzido por eles, faço questão de registrar que os caboclos do Contestado, ao fim e ao cabo, jogaram uma pá de cal no que ainda sobrava de minha formação religiosa. Ensinarão-me, pelo que fizeram, que a religiosidade é terrena; que, estando dentro da história, é nela, e somente nela, que essa religiosidade vai operar, com todas as suas conseqüências. Isso vai ao encontro do que Gramsci afirmou, desdobrada e concretamente, acerca da “terrenalidade absoluta do pensamento”.



## Estamos num outro século

Donaldo Schüler

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: memórias, literatura, cultura cabocla, destruição do meio ambiente.*

**C**aboclos? Eu os conheci em criança na bodega de meu pai em Dez de Novembro (pequena localidade situada entre os atuais municípios de Videira e Fraiburgo), Santa Catarina. Para caboclos, dinheiro não representava valor; caboclos preocupavam-se com a coleta de alimentos, cantavam e dançavam nas horas de lazer.

No início do século XX, o governo republicano construiu a estrada de ferro que ligou o centro administrativo às campinas fronteiriças do Brasil meridional. Entraram em choque a economia de mercado e a população nativa nos pinhais catarinenses, interesses internacionais agravaram o confronto.

Na segunda metade do século XX, voltei às minhas origens como ficcionista. O resultado de vivências, leituras e reflexões foi um romance, *Império Caboclo*. Alimentava minha imaginação *Os sertões* de Euclides da Cunha, assim como interpretações da realidade produzidas desde a antiguidade. Quando o ambiente em que me desenvolvi começou a me interessar, despertei para os sonhos de um futuro grandioso. Na escola me disseram que o Brasil é o país do futuro. Soavam-me nos ouvidos as considerações de Euclides: progredimos ou desaparecemos. Aprendi que o desenvolvimento é uma questão de vida e morte.

Inventor da narrativa histórica foi Heródoto. Ele Perguntava como um exército de dez mil homens foi capaz de derrotar um exército de um milhão de invasores. O pai da historiografia atribuiu à vitória grega à mobilidade e à agilidade mental ateniense. Os estrategistas gregos abandonaram a cidade de Atenas. Tomada à cidade, os agressores festejavam vitória; inesperadamente atacados por mar e por

terra pelo exército ateniense estrategicamente escondido, perderam o controle da ação militar, os que escaparam da morte, dispersaram-se desorientados em busca de caminhos que os levassem às regiões asiáticas donde procediam.

Como foi possível que homens sem preparação militar e sem armas enfrentassem por anos homens treinados e armados na floresta catarinense? A mobilidade cabocla prolongou por anos um conflito entre forças bem aparelhadas contra gente que se defendia com armas rudimentares. Soldados que buscavam amotinados nos pinhais encontravam redutos vazios. Os habitantes da floresta retiravam-se quando convinha e se reagrupavam em locais de difícil acesso. Táticas antigas repetiram-se na Guerra do Contestado.

Outros deslocados uniram-se aos caboclos: ferroviários desempregados, pequenos proprietários que tinham perdido as terras que cultivavam descendentes de imigrantes. Criado estava o espaço para a convergência de etnias, culturas, projetos. Todos lutavam por reconhecimento, pelo direito de viver e de sonhar. Surgiram profetas que anunciavam uma nova vida a desesperançados, formou-se uma religião cabocla voltada ao amparo de ameaçados. Profetas e sacerdotisas, pensantes da floresta lutavam juntos para inventar um novo homem.

Eram iletrados? Reflito sobre ser ou não ser letrado na abertura de *Império Caboclo* (Schüler, 1994, p. 7):

Caminhos... A floresta tem mil caminhos e não tem caminho nenhum. Caminhos que se abrem e se fecham. Para caminhar na floresta é preciso conhecer a floresta: cada pinheiro, cada pé de angico, cada rancho. Tudo se individualiza: os sulcos da casca, a curvatura do galho, o cinza do telhado. Aí estão escrita, mapa. Você conhece gramática e vocabulário ou por aqui você não anda. A floresta é o geral, mas isso não lhe basta. É como se você conhecesse o livro só de capa. Você tem que entrar nele. Vagarosamente, frequentemente. Cada vírgula importa. A floresta é como um livro, é um livro. O aprendizado é de vida inteira. Só os velhos conhecem a floresta, os que andaram muito, viveram muito. O silêncio deles é de sabedoria. Velho é misterioso como a floresta, velho é floresta. Troncos contam mil histórias, de ontem e de hoje. Na floresta você não anda só, nunca. Cada tronco tem nome, você cumprimenta, pede licença, aí você passa.

Para andar na floresta é preciso ser da floresta. A floresta se protege dos que vêm de fora, ela os exclui. A floresta mata, mas só em legítima defesa. Para vencer a floresta é preciso derrubar a floresta, deixar o solo nu. Para entender a floresta, é preciso ser da floresta. Floresta não é labirinto nem buraco; caminhos que se abrem e se fecham, isso é floresta.

Illetrados são os agressores, derrubam num golpe riquezas que a natureza levou milênios para construir. A velocidade voltou-se contra a vida. Num abrir e fechar de olhos, mãos aparelhadas de máquinas extinguem vidas: vegetais, animais e humanas. Quem se aproxima da floresta com inteligência, penetra cautelosamente, aprende a conviver com os que lá vivem. A vida é uma totalidade de inúmeras manifestações, o respeito mútuo irmana. A vida é lenta, apressados passam pela existência sem vivê-la.

A Amazônia arde em chamas. O progresso não deteve a violência de mãos assassinas. Mães choram a morte de filhos sem conhecerem o motivo da fúria de quem os imobiliza.

“Estamos num outro século”, respondeu o caboclo Eusébio ao agressor que pedia submissão. Como Eusébio, vivemos num outro século, o século da comunicação. Transformamos a Terra numa aldeia global e agredimos os que são diferentes. No mundo globalizado, dominar vale mais do que conviver.

Estamos num outro século; de tempos em tempos, aparelhos partem de várias partes do mundo rumo ao espaço estelar. Na imensidão cósmica, árvores são estrelas, planetas, cometas, rochas. Procuramos vidas que se movem como nós. O que faremos se encontrarmos seres semelhantes aos que inventamos em romances futuristas? Queremos que nossos irmãos se comportem como os civilizados que devastaram pinhais e levantam chamas na floresta tropical?

## Para saber mais

- † Schüler, D. **Império caboclo**. Florianópolis / Porto Alegre: EdUFSC / Fundação Catarinense de Cultura / Movimento, 1994.

## Por uma geografia da Guerra do Contestado: o território, a cultura cabocla e o conflito que segue no tempo presente

Nilson Cesar Fraga

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: memórias, trajetória acadêmica, cartografia, ações culturais, sítios histórico-geográficos, resistência.*

No início dos anos de 1990, principiei o curso de Geografia na Universidade do Estado de Santa Catarina, no Desterro (Florianópolis), e foi a partir daí que comecei a estudar a Guerra do Contestado. Os poucos textos que consegui localizar, naquele momento, me surpreenderam e me encantaram. Desde então, o Contestado passava ao cotidiano da minha caminhada como geógrafo.

Sendo a Geografia uma ciência que analisa e atua sobre os fenômenos do tempo presente, com interlocução com passado e com outras áreas do conhecimento, o meio vivido pelo povo caboclo que promoveu a Guerra do Contestado, sempre foi pensado, por mim, como o território de existência e negação de direitos do povo.

Contudo, a expulsão de suas terras veio com a entrada do capital estrangeiro, por meio da ferrovia e da grande madeireira, trazendo desolação, sofrimento, incertezas e a morte. Por conta disso, o povo caboclo foi à guerra, pelo direito de viver sobre suas terras ancestrais. Tal fato ficou marcado na história da formação socioterritorial brasileira, por mais que a República tenha tentado silenciar e esconder, nas sombras dos seus segredos, promotores de genocídios contra os povos tradicionais e originários do país.

Por quatro anos, durante o período oficial da Guerra do Contestado, caboclos e caboclas agiram sobre a Serra Acima catarinense,

assombrando as elites regionais, sobretudo os coronéis despóticos que se sentiam os donos das terras, das pessoas e de todas as formas de vida existentes no planalto norte, planalto sul, meio-oeste e oeste barriga-verde. Esse povo que pegou em armas, desde espadas feitas de madeira a velhas espingardas e revólveres de sua posse, além de armas confiscadas dos soldados legalistas mortos nos combates, deixou as vilas de Curitiba, Campos Novos, Lages, Canoinhas, Porto União da Vitória e Palmas sem descanso e sem dormir com tranquilidade no decorrer de toda a guerra.

Em muito fazia lembrar a revolução liderada pelos haitianos (1791-1804), ou mesmo os cabanos no Pará (1831-1840), com a diferença de que, no Contestado, além dos negros, havia os indígenas, os caboclos e outros camponeses pobres, muitos destes últimos vindos da Europa para a colonização do Paraná e Santa Catarina, que precisamos chamar de reocupação ou reterritorialização. Excetuando os camponeses pobres, todos e todas lutavam contra a escravização nas relações de trabalho nos latifúndios dos coronéis e o genocídio que se ampliava com a entrada do capital estrangeiro na região.

Sempre me incomodou a versão dos historiadores oficiais – e muitos dos escritores nem eram historiadores de fato –, que contavam a Guerra do Contestado como uma ação de bandidos, facínoras, criminosos e fanatizados do sertão. Havia, naquela literatura, o objetivo de tentar apagar a principal lição cabocla na Guerra do Contestado: a de que os explorados e oprimidos que tiveram suas terras usurpadas pelo capital estrangeiro lutavam por elas, por direito. E, à medida que tais terras passam a ter maior valor aos olhos despóticos dos coronéis, coube aos caboclos e caboclas contestadenses confiarem em suas próprias forças e estratégias, colocando seus destinos em suas próprias mãos – lutar pelo direito de existir e viver sobre o chão do Contestado.

No ano de 2000, iniciei as primeiras atividades exploratórias no território do Contestado, pois era preciso tirar o Contestado do passado e trazê-lo para o presente, já que a Geografia é uma ciência do presente e do futuro. Era necessário conhecer o espaço geográfico do Contestado na sua totalidade. O abstrato tinha que ser geografizado a partir dos lugares de vidas dos sobreviventes e detentores das memórias desta guerra civil. Fazia-se necessário percorrer, investigar e inventariar o meio vivido nos vários lugares do Contestado e entender a formação socioespacial do corpo territorial usado e praticado pelo povo caboclo remanescente da guerra.

Entre 2000 e 2010, foram numerosos os trabalhos de campo que buscavam identificar os sítios histórico-geográficos da Guerra do Contestado, mas, também, a identificação dos lugares, por meio da memória da população cabocla sobre o conflito e sua cultura. Assim, os trabalhos de campo que cartografavam o Contestado se transformaram em um projeto integrado de pesquisa e extensão ou, mesmo, em uma pesquisa-ação sobre a região. O contato com as comunidades foi fundamental, tanto que a partir do início dos centenários da Guerra do Contestado (2012-2016), criou-se, no Laboratório de Geografia, Território e Poder, que tem sede no Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina, o Observatório dos Centenários da Guerra do Contestado, transformado em 2017 no Observatório da Região e da Guerra do Contestado, que tem como objetivo inventariar ações e eventos sobre o Contestado, realizados no Brasil e mesmo no exterior.

Estudando o Contestado, a partir do território do Contestado, há mais de duas décadas, percorrendo praticamente todos os espaços da guerra e da territorialização cabocla, foi possível estabelecer uma cartografia ou uma escala geográfica do domínio caboclo regional no sertão paranaense e catarinense. Todavia, tal escala geográfica é fruto de escolhas, as quais foram feitas a partir de numerosos trabalhos de campo realizados em toda a região, que permitiram dividir um espaço no interior dos dois estados federados, que inclui as terras de domínio secular dos caboclos e caboclas, assim como a área onde se desenrolou a Guerra do Contestado, o que pode ser verificado no “Mapa do Território de Domínio Caboclo e da Região do Genocídio da Guerra do Contestado”, no qual a cor rosa claro marca o domínio caboclo regional do sertão antes da guerra e que mantém traços da cultura cabocla até a atualidade, e que foi verificado e comprovado.

Essa cartografia que apresento sobre o Contestado pode ser ampliada com trabalhos de campo futuros, pois a literatura mostra que a extensão de domínio caboclo nos dois estados avança ainda, sobre as terras do oeste catarinense e sudoeste paranaense. Entretanto, a que comprovamos no espaço geográfico acabou sendo dividida em duas grandes áreas, considerando a divisão municipal oficial atual para o Paraná e para Santa Catarina. A parte representada na cor cinza claro traz o território do domínio caboclo, que ocupa uma área de 54.369 km<sup>2</sup>, e como geograficamente considero a Guerra do Contestado como uma guerra de genocídio, em cinza escuro do mapa é apresentada a área do genocídio caboclo e das ações belicosas – a área de atuação militar entre 1912 e 1915, e de perseguição e extermínio realizado pelas

milícias dos coronéis regionais, entre 1916 e 1918, perfazendo 10.095 km<sup>2</sup> e obedecendo aos limites municipais atuais.

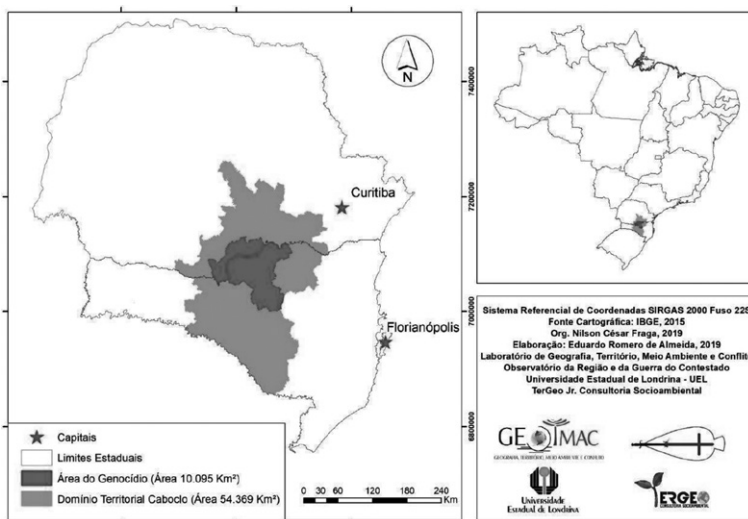


Figura 1. Mapa do território de domínio caboclo e da região do genocídio da Guerra do Contestado

Além de percorrer e delimitar as áreas de domínio caboclo e do genocídio, a partir do Laboratório e do Observatório, auxiliamos e promovemos eventos no Contestado e mesmo fora da região, atividades alusivas à guerra e à cultura cabocla – e algumas seguem sendo realizadas até os dias atuais. Notadamente, as atuações e auxílios na realização dos eventos se deram mais nas cidades com forte presença da cultura cabocla, que havia sido silenciada nas últimas décadas, notadamente em Trombudo do Contestado (Lebon Régis), Timbó Grande, Matos Costa e General Carneiro, mas também, em algumas cidades onde a cultura europeia é mais forte do que a cabocla, a exemplo de União da Vitória, Porto União, Bela Vista do Toldo, Curitibaanos e Salto Veloso.

Dentre muitas das ações promovidas a partir do Laboratório e do Observatório se destaca, em 2015, a Semana do Centenário do Massacre de Santa Maria, Timbó Grande, promovida pela prefeitura do município e pelo Observatório da Região e da Guerra do Contestado. O evento contou com caminhadas, atividades cívico-políticas na Câmara de Vereadores, atividades culturais com escolares e um culto ecumênico,

denominado “o Massacre dos Pobres”, com a leitura pública de uma Moção do Centenário do Massacre de Santa Maria, cognominada de Carta do Timbó Grande, Contestado, Santa Catarina, assinada em 30 de março de 2015.

Fruto deste evento, a Carta do Timbó Grande, Contestado, Santa Catarina, foi encaminhada para todos os deputados estaduais e federais que representavam o Estado, assim como para as Secretarias do Estado, Ministérios do Governo Federal e a própria presidenta Dilma Rousseff, que sofreria um golpe parlamentar no ano seguinte. Tal carta, entre muitas reivindicações, apontava as necessidades mais emergenciais para a região do Contestado, frutos do abandono secular regional e da falta de infraestruturas básicas para as populações dos municípios mais caboclos do Contestado.

Em Timbó Grande, vem ocorrendo ainda o Acampamento Caboclo, que é organizado pela Associação Cultural Cabocla Filhos do Contestado, com a parceria do Observatório da Região e da Guerra do Contestado, desde 2016, contando com café caboclo compartilhado na Praça do Contestado, com a caminhada ecológico-cultural, palestras, almoços com comida típica, festival da Música Raiz, atividades culturais e Missa Cabocla. No município, é realizada, também, a Feira Cabocla, que é uma festa que busca o resgate da cultura cabocla – acontece na localidade da Cachoeira e é promovida pelo CMEB Nossa Senhora Aparecida, desde 2007, com exposição de objetos caboclos, festival da Música Caipira (FEMUCA), comidas típicas e Missa Cabocla.

A partir de 2015, no município de Trombudo do Contestado (Lebon Régis), vêm sendo realizadas as Semanas do Contestado, eventos que envolvem todas as escolas municipais e estaduais, além dos poderes públicos e da comunidade em geral. Tal acontecimento é promovido pela Associação Cultural Coração do Contestado e o Observatório da Região e da Guerra do Contestado, que, a cada ano, ininterruptamente nos últimos cinco anos, organizam a semana e escolhem as temáticas centrais de cada ano, sempre voltadas para a cultura cabocla, para a Guerra do Contestado e para a arte e a cultura desenvolvidas no município. A iniciativa de criação da Associação deu-se a partir das atividades desenvolvidas no município, com participação do cidadão e da cidadã, pelo Observatório da Região e da Guerra do Contestado, este que, em agosto de 2016, apresenta proposta de legislação municipal que dispõe sobre a preservação do patrimônio cultural e natural do município de Lebon Régis, e cria o conselho e o fundo municipal do patrimônio histórico, artístico e natural.



No decorrer desses anos de pesquisas e ações diretas com as comunidades, foram constatados o abandono e a destruição de muitos sítios histórico-geográficos ligados à Guerra do Contestado e à cultura cabocla. Dentre os sítios mais importantes do Contestado, em 2016, resolvemos, depois da limpeza e restauração, escolher o Crematório de Cadáveres de Perdizinhas, em Trombudo do Contestado (Lebon Régis), para fazer uma perfuração no lado esquerdo que fica à direita daquele lugar, para verificar se ele, de fato, havia sido um crematório de corpos humanos durante o cerco final da Guerra do Contestado. Era um grande desafio, uma vez que havia informações sobre grupos de pessoas que, ao longo de muitos anos, revolviam sua terra em busca de tesouros caboclos, como moedas de ouro. Portanto, não era mais um sítio arqueológico preservado, ele já havia sido profanado numerosas vezes.

Com o objetivo de garantir que o sítio histórico-geográfico do Crematório de Cadáveres de Perdizinhas não fosse danificado, mais do que já estava, pois já havia sofrido profanações e vários tipos de usos no decorrer de um século, optou-se por fazer uma incisão no solo, que não passasse de um metro quadrado, escavando com delicadeza até chegar aos fragmentos ósseos, às fuligens do material queimado ou a outros objetos que comprovassem sua utilização com um espaço de eliminação de corpos assassinados sumariamente no cerco militar que tentava impedir que a população cabocla alcançasse a Serra da Boa Esperança e o reduto de Santa Maria.

Na incisão feita no solo, muito material civilizacional foi observado, e alguns pequenos pedaços de ossos foram retirados do local e encaminhados para os estudos do DNA, no Laboratório de Genética Molecular e Imunologia, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que nos auxiliou, também, com os procedimentos metodológicos de coleta de material para estudos genéticos, ampliando as ações que envolvem os projetos de pesquisa e extensão que atuam nos estudos do Contestado. O primeiro fragmento ósseo foi encontrado no Crematório no dia 16 de janeiro de 2016, às 10:55, estando a 96 cm, a partir da superfície – durante a escavação e coleta dos materiais, o grupo estava munido de máscaras, toucas, luvas, pinças, pincéis, recipientes plásticos, pás, trados e enxadas, devidamente esterilizados e colocados numa bolsa térmica, e os artefatos resgatados do solo foram entregues no laboratório, na UEL, no dia 18 de fevereiro, para os devidos estudos de DNA. Contudo, não foi possível detectar o DNA, pois a ação do crematório em funcionamento, a partir do calor do fogo, eliminou tais possibilidades analíticas, cem anos depois do fim oficial da Guerra do Contestado.

As atividades culturais, somadas aos trabalhos de campo com populares da região do Contestado, permitiram-nos sentir a realidade, nua e crua, sobre a sua história, que estava depositada nos sítios histórico-geográficos, e mais do que isso, permitiram as populações envolvidas nos eventos e atividades culturais sobre a cultura cabocla, emergida das sombras de um passado que a deturpou, sentirem o seu mundo real, pois, a partir disso, era possível viver no presente, e livre, a partir da ruptura da história oficial que os fazia ser os bandidos da história do Contestado, para, agora, serem protagonistas da sua cultura viva e cheia de dignidade. O povo caboclo, nesses anos de atividades que envolveram a pesquisa-ação e atuação do Observatório da Região e da Guerra do Contestado sobre seu processo civilizatório, consegue melhor entender a perversidade do Estado, pois lhes permitiu perceber a dimensão do lugar onde vivem, como testemunhas do passado, a partir da fluidez do território perverso constituído pelos agentes do Estado genocida.

As perversidades de um Estado que lançou sobre as costas do povo caboclo a culpabilidade da Guerra do Contestado, apenas ampliam os crimes cometidos pela República, ao fazer do Contestado, no tempo presente, um território de profundas injustiças sociais. Tais fatores precisam ser considerados como a vingança contra o povo caboclo perpetrada pelo Estado, mas que não foram findados com as batalhas finais no vale do rio Santa Maria. Isso porque elas seguem até hoje, com a tentativa de um novo silenciamento caboclo, que se reergue em dignidade, a partir dos seus eventos e atividades culturais, notadamente a partir das lembranças dos centenários da Guerra do Contestado, por meio da recuperação, reconhecimento e ressignificação da cultura de resistência das populações caboclas contestadenses.

Portanto, há de se mencionar que, em 04 julho de 2019, a Instância de Governança Regional Vale do Contestado, por meio de uma ação que contou com pouco mais de 30 representantes do segmento turístico regional, eliminou a designação Vale do Contestado, que passou a se chamar Vale dos Imigrantes. Em uma atitude pouco reflexiva e autoritária, vem tentando novamente lançar os municípios caboclos ao silenciamento e à invisibilidade da sua cultura e existência no contexto regional, não apenas turístico, mas também de maneira geral, ao dar ênfase aos imigrantes que reterritorializaram as terras ancestrais caboclas, no pós-Guerra do Contestado.

Tais lamentáveis fatos geraram indignação regional, sobretudo nas cidades caboclas, nos meios científicos, associativos e dos pesquisadores que atuam na região. O processo de resistência e busca de caminhos

para garantir que as cidades caboclas se mantenham como parte da coexistência dos povos que formam a região do Contestado, se iniciou quase que imediatamente, quando a sociedade civil ficou sabendo da referida mudança. No III Acampamento Caboclo, ocorrido em Timbó Grande, fiz dura defesa e alcunhei o uso do termo de luta pela “coexistência da civilização cabocla” no conjunto regional. Tanto que, em 09 de setembro de 2019, já havia entrado com processo no Ministério Público de Santa Catarina, por meio do “Dossiê Vale do Contestado”, sendo o mesmo indeferido, em 20 de novembro de 2019, possivelmente pelo lóbi e pelas forças representativas das elites das cidades do Contestado, que defendem a primazia da cultura europeia, em detrimento da cabocla que, ainda, não admite a coexistência de todos os grupos sociais existentes na região.

A partir deste breve ensaio geográfico sobre o Contestado vivido no tempo presente, concluímos que haver necessidade de considerá-lo como genocídio e crime de lesa-humanidade, pois o território usado secularmente pelo povo caboclo é de direito expresso pelo uso temporal. Urge cessar a perversidade e vingança contra o povo caboclo, pois ele não cometeu crime ao lutar por justiça territorial.

### Para saber mais

- † Fraga, N. C. **Contestado, redes no geográfico**. Florianópolis: Insular, 2017.
- † Gemelli, D. D. **“Onde planta o pinus não há mais nada”: degradação da natureza e do trabalho no Contestado e a necessidade da reunificação homem/mulher-natureza (terra-trabalho)**. Tese (Doutorado em Geografia). Ourinhos, SP: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2018.
- † Gross, C. B. **Entre pinhões e peixes: a invisibilidade dos povos tradicionais de Santa Catarina em sua formação socioespacial: caboclos e caboclas do Contestado na Serra Acima e pescadores e pescadoras do Litoral na Serra Abaixo**. Tese (Doutorado em Geografia). Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, 2019.
- † Ludka, V. M. **Contestado, a fome e a pobreza como permanência da guerra: cenários paradoxais no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016.

## Desfolhando histórias

**Claudia Felisbino Souza, Eliane Felisbino e Indaiara Felisbino**

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: memórias, trajetória pessoal, registros orais, fontes materiais, Museu do Jagunço.*

**P**edro Aleixo Felisbino é um pesquisador e historiador do Contestado, que possui uma biografia díspar do tradicional pesquisador acadêmico. Nascido em Santo Amaro da Imperatriz, ainda criança mudou-se para o interior da cidade de Curitiba e no início da década de 1970 passou a residir na comunidade do Taquaruçu de Cima, que ele orgulhosamente chama de “berço do Contestado”. Na localidade, onde ainda hoje trabalha como agricultor, conheceu muitos remanescentes do Contestado e fez amizades com um povo carregado de histórias e cicatrizes, como retrata no seguinte texto, nas palavras do próprio Pedro:

Em 1970, o ano em que casei fui na casa do meu vizinho chamado Nascimento. O Benedito Chato estava almoçando com ele. Era tudo que eu queria, Benedito (...) junto com Nascimento, um grande contador de histórias. Perguntei para Benedito: – Por que aconteceu a Guerra do Contestado? Ele me respondeu mansamente: – “Nóis briguemo pra defendê nosso direito, nossa liberdade. A Guerra do Contestado é coisa do governo que não toma providência a nosso favor. Antes nós tinha liberdade de ir onde quisesse. De repente pra ir a Palmas já tinha que dar satisfação pras forças do Paraná, isso que aquelas terras nem pertencia a eles. Não demorou muito, nós não podia cruzar nem o Rio do Peixe, lá também era do Paraná”.

O convívio com a história viva do Contestado gerou grande interesse

em Pedro, que percebeu que tudo que aprendia com os caboclos poderia ser contado para mais pessoas. Mesmo sem conhecimento acadêmico, coletou e guardou em um dos cômodos de sua casa materiais históricos como atas de registros dos moradores, pistolas utilizadas na Guerra do Contestado, munições encontradas nas lavouras do Taquaruçu e ferramentas utilizadas pelos caboclos. Com o tempo, passou a registrar fatos, datas, anedotas e histórias contadas a ele por aqueles que foram os últimos sobreviventes da Guerra do Contestado. Destacamos que foi a proximidade de Pedro com os sobreviventes da guerra e seus descendentes que possibilitou em visitas, conversas e rodas de chimarrão, acesso aos relatos da guerra sob uma perspectiva até então pouco explorada.

Após completar 50 anos de idade, apoiado pela esposa, a professora aposentada Lora, decidiu concluir parte de seus estudos. Durante o dia, Pedro trabalhava em sua lavoura e durante a noite, percorria cerca de 50 km para terminar o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Um ano depois, em 2002, iniciou sua graduação no curso de História.

No mesmo ano, ao perceber a falta de conhecimento dos moradores da região sobre a história local, publicou o livro *Voz de caboclo*, em parceria com sua filha, Eliane Felisbino. Nesta obra, apresentam a saga do Contestado por meio do material coletado por Pedro, inclusive as lembranças dos sobreviventes da Guerra e seus descendentes. A história foi contada sob a perspectiva de quem participou daquele momento histórico, mesmo quando alguns dados apresentavam discrepância com a história oficial. Registrou Pedro:

No dia a dia, em conversas, sempre demonstrei encanto e profundo respeito pelos remanescentes e os descendentes da Guerra do Contestado. Minha alegria era poder participar de conversas entre os caboclos e ouvir a versão dos vencidos da Guerra do Contestado. Em casa eu acumulava materiais, depoimentos, fotos, documentos de homens que perderam a vida em uma das maiores guerras civis do Brasil, mas que quase não é falada. Atas de registros variados com nomes dos moradores de Taquaruçu, missas, batizados, casamentos e até mesmo de velórios, dividiam espaço com meus pertences pessoais. E assim chegou um momento que, a convite do poder público, resolvi apresentar este material histórico. Convidei minha filha Eliane, que na época trabalhava com edição de livros em uma editora em

Curitiba, para me ajudar a organizar os relatos, apresentar os personagens e dispor os dados colhidos no decorrer de 40 anos, dando corpo ao livro. Gosto de lembrar quem me ouviu, que estes personagens foram pessoas reais, que participaram do contexto em que a Guerra do Contestado eclodiu e precisam ser respeitados.

Em 2008, novamente em parceria com a filha Eliane, Pedro escreveu o livro *Frei Rogério*, no qual a partir da coleta de documentos, fotografias, depoimentos e outras fontes históricas, conta a história da cidade homônima, vizinha a comunidade em qual reside. O livro apresenta uma narrativa similar à utilizada no livro *Voz de caboclo*, pois os moradores do Taquaruçu tiveram grande influência na criação do município vizinho.

No ano de 2020, lançou o livro *Brado do Contestado*, no qual escreve em forma de versos e poesia a história, o local, as crenças e os costumes das pessoas da região do Contestado. Esse livro, com beleza poética, valoriza o dialeto local e a linguagem comumente utilizada no interior da região e apresenta peculiaridades da cultura cabocla. Nele, o poeta e o historiador se apresentam sublimemente nas narrativas literárias ricas de cultura e história.

Após mais de 50 anos buscando, colecionando e guardando materiais históricos, Pedro doou seu acervo para a Secretaria de Cultura do Município de Fraiburgo, que atualmente exhibe o material no Museu do Jagunço da Cidade Santa do Taquaruçu, reinaugurado no ano de 2016 e situado na antiga escola da comunidade do Taquaruçu de Cima. Quem for para esta comunidade, a fim de conhecer a história do Contestado, provavelmente será recebido por Seu Pedro, como é conhecido pelos moradores. É comum vê-lo contando a história do Contestado a estudantes, professores, pesquisadores ou turistas, no museu ou na própria casa. Há quase duas décadas, um número não registrado de pessoas tem a oportunidade de ouvir de forma genuína as palavras de um homem da terra, sábio e sensível à história das pessoas que ajudaram a construir um capítulo díspar da história do Brasil.

Nasci.

Era 27 de agosto de 1944, em Santo Amaro da Imperatriz. Filho de agricultor, amo o que faço, sou feliz... A doença do meu pai forçou a família a mudar-se para o meio-oeste, lugar em que no inverno o frio domina e na primavera a vida floresce.

Sou o filho mais velho, ajudava meu pai no trabalho. O tempo depressa passou, nem na escola estudar eu fui. Aos 19 anos no Exército me apresentei, para mim era tudo novidade, por três anos lá fiquei. Com as economias adquiridas terrenos, para agricultura, no Taquaruçu comprei. É aqui que resido, até quando, eu não sei...

Não fui à escola quando criança, pois com meu pai ia trabalhar. Aos meus 50 anos foi a mudança, saía mais cedo da roça para ir à cidade estudar. Na turma de jovens e adultos as aulas consegui acompanhar, após três anos de Ensino Médio, passei no vestibular. Fiz amigos acadêmicos, de diferentes idades, o tempo passou depressa e já machucam as saudades. Com a experiência de vida vivida e ouvindo o que o caboclo dizia, fui refazendo, do Contestado, a história. Escrevi em poesias. Convivi com os remanescentes, os sobreviventes do Contestado, e nas noites frias, perto do fogo de chão, eles suas tristes histórias contavam... De tanto escutar casos que os caboclos contavam, em cadernos escrevia – ao relento – para não ficar no esquecimento.

O tempo levou este povo que por seus direitos lutavam; mas a voz de caboclo virou livro sobre a Guerra do Contestado. A escrita é gratificante, ali as histórias permanecem. É no desfolhar do livro que a novidade aparece.

## Para saber mais

- † Felisbino, P. A. **Brado do Contestado**. Taquaruçu, SC: Edição do Autor, 2018.
- † \_\_\_\_\_; Trisotto, E. F. **Frei Rogério**. Curitiba: Blumen, 2008.
- † Trisotto, E. F. **Voz de caboclo: a saga do Contestado revivida nas lembranças dos sobreviventes do reduto do Taquaruçu**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.
- † \_\_\_\_\_; Felisbino, P. **Voz de caboclo: a saga do Contestado revivida nas lembranças dos sobreviventes do reduto do Taquaruçu**. 2ª ed. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 2013.

## De parágrafo a filme: quando vi o invisível

Marcia Paraiso

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: memórias, resistência cabocla, religiosidade e cultura cabocla, produção audiovisual, documentários.*

### Prólogo

“Aqui temos que rezar muito porque nesse lugar há muitas almas se batendo, muita gente que morreu na guerra, sem saber o que estava acontecendo” – falou-me olhando firme nos olhos a matriarca do grupo, Dona Ezanir Prates. Depois de umas seis horas de viagem, acabávamos de chegar no Taquaruçu, zona rural de Fraiburgo, Santa Catarina. Era uma noite de quinta-feira santa e ventava, o outono marcando sua presença pelo sopro que empurrava as nuvens, revelando e escondendo a lua em forma crescente. Fora essa luz, eram quatro as lanternas entre as 15 pessoas, ajudando a iluminar os caminhos de terra, com casas esparsas. Eu e minha equipe – um cinegrafista, uma técnica de som direto, uma assistente – fomos registrar o ritual da Recomenda das Almas, prática comum nessa época entre a população cabocla de todo o planalto serrano catarinense. Iniciava um documentário sobre a resistência da cultura cabocla em um estado reconhecido pela forte presença de imigrantes de ascendência europeia. Naquele dia conhecia Ezanir, que apertou minha mão com uma certa distância, arriscaria afirmar, quase com uma desconfiança. Falou pouco, guiando minha equipe e o grupo que a seguia em direção ao cemitério, ponto de partida para as rezas cantadas. Eu não tinha ideia de que naquele dia iniciava-se um pacto com Ezanir e uma relação com aquela família, com moradores do Taquaruçu e do assentamento Contestado. Foi naquela noite que percebi que era impossível falar sobre o resistir da população cabocla de Santa Catarina sem falar da Guerra do Contestado.



## Ato 1

Acredito que muitos, assim como eu em um passado recente, pouco conhecem sobre a guerra que aconteceu em Santa Catarina e Paraná, a Guerra do Contestado. Instigada a escrever sobre a minha experiência, com o objetivo de, junto a outros textos, de distintos autores de várias áreas do conhecimento, alcançarmos um público amplo, compartilho minha narrativa. Para mim o interesse pela Guerra do Contestado veio como consequência de uma aproximação com a população do planalto serrano do estado. Conviver e ouvir “causos” contados pela população cabocla, me fez querer mostrar para além de Santa Catarina a história de uma população tradicional cujo percurso foi marcado por um conflito sangrento que até os dias atuais deixou cicatrizes profundas. Resistentes, eles conseguiram manter na identidade a fé no chamado “monge”, “profeta” ou “São João Maria”, a cultura da erva-mate, o uso das ervas medicinais, das rezas e benzeduras, das recomendações de almas e do desapego à acumulação de capital. Foram os caboclos e, em especial, as mulheres caboclas de Santa Catarina, que me proporcionaram um sentimento único, o da descoberta da existência dessa população tradicional no estado. E a eles eu devo o meu envolvimento com o tema da Guerra do Contestado que originou o filme *Terra cabocla* (2015) e o recém realizado *A maravilha do século* (2019) sobre Giovanni Maria de Agostini, o monge, profeta ou santo, precursor da fé que transcende a religião na região dita contestada e mais além – no Rio Grande do Sul, em São Paulo e em outros países por onde passou. Assim como o “monge”, que via na natureza a presença divina, também associo a fé inexplicável, esse sentimento que nos preserva e nos preenche de otimismo em meio a tantas adversidades, à dimensão da natureza, ou ao nosso pedaço como parte do mundo natural e seus ciclos de vida.

### Sobre gavetas

Qual a memória que carrego comigo sobre a Guerra do Contestado? Quando mergulho em mim e abro minhas “gavetas”, forma como chamo as lembranças que ficam por tempos sem uso, não encontro nada. Como uma prateleira vazia, um conteúdo jamais discutido – nunca questão de prova. Forçando muito, recordo-me vagamente do termo “fanáticos” e algo que abrangia a região Sul. Canudos, lembro-me bem, era quase um capítulo. Uma gaveta que mal consigo fechar, ficava meio que aberta, mais que um palmo! Tanto que me aguçou o desejo de ler Euclides da

Cunha, me levou ao cinema para ver as representações sobre essa guerra e sobre Conselheiro, me deslocou até a Bahia, para fincar os pés e cheirar a poeira ocre dos sertões de Uauá. Já o Contestado, admito e reitero – era pura ignorância. E dali não tinha a pretensão de sair.

Para recortar o lugar e tempo a que me refiro, minha vida escolar se transcreveu no Rio de Janeiro, durante a ditadura militar. Além das marcas da violência características do período – impostas pelo medo e pelo silêncio – minha lembrança de escola era cantar o hino nacional olhando ora para a foto do presidente Ernesto Geisel, ora para Figueiredo. Eu era uma aluna de notas boas em humanas, entusiasmada com a literatura e artes e medíocre em exatas. Como leitora, abraçava um universo de títulos amplos, lia o que chegava em minha mão. Inserida nessa formação escolar, introjetei o conceito do sul europeizado, tão trabalhado nas cartilhas, apoiado pela grande mídia e reverberado pelos conhecidos gaúchos, catarinenses e paranaenses.

Na formação universitária conturbada – depois da passagem por um curso que abandonei – encontrei na comunicação social a minha forma de expressão, e a minha escolha se deu paralela à minha formação profissional no audiovisual. Nesse tempo ainda me mantive fiel aos meus preconceitos, o Sul era algo distante, um lugar de maioria branca, de ascendência europeia.

Depois de uma trajetória em que trabalhei em várias frentes no audiovisual, leia-se “no que pintava” – eram tempos pré-Gilberto Gil, quando chegar à função de diretora dentro da atividade era para poucos (filhos de ricos, filhos de artistas, ou filhos de pessoas muito “bem relacionadas” – e eu não me encaixava entre esses) –, fui me formando documentarista. Tive o privilégio de conhecer bastante do Brasil e meu recorte foi se definindo e se repetindo – era e é a questão agrária e a luta pela terra, e por abordar esses temas recorto histórias protagonizadas por populações tradicionais, espaço onde se dá a cultura de raiz. Esse foco poderia ser uma porta aberta para que o tema da Guerra do Contestado se incluísse. E assim o foi, mas em seu tempo.

## Ato 2

### A mudança

Migrei da região Sudeste para Florianópolis em um frio junho de 2003. Meu ofício foi me colocando, de forma gradual, frente a frente a um novo mundo, um inédito “sul maravilha”, um estado que nunca

ninguém me contou. Um estado que parecia passar batido mesmo para alguns colegas que conheci aqui, com sobrenomes italianos ou alemães, reverenciando “omas” e “nonas” e reafirmando a trajetória das famílias empobrecidas que nada tinham e aqui chegaram para confrontar as florestas e seus bichos e fazer daqui seu pedaço de América. Fui convidada para muitos cafés coloniais, conheci o projeto acolhida na colônia, descobri as delícias das lojinhas com produtos coloniais. Desconheço algum lugar no mundo onde o “colonial” seja um selo, uma marca referenciada, um agregador de valor ao produto. Todavia, também percebo o quanto não se pensa ou o quanto a repetição desse pacote de discursos colabora para que o meu recorte sobre o Sul tenha se dado da forma como foi, e se fortalecesse ainda mais com as falas de “o sul é o meu país”, por uma não identificação enquanto povo brasileiro, e por aí vai. Meu interesse por documentar o campesinato me levou a assentamentos da reforma agrária e às terras da agricultura familiar em distintos lugares, distantes do litoral. Lembro-me da minha sensação de primeira vez quando adentrei uma casa e sua dona pronunciou de forma assertiva sobre sua origem “sou cabocla dessa terra, de pé no chão”. Sua casa tinha características que me levavam à casa de minha avó, em Minas Gerais. Me levava também às casas sertanejas, seja pela divisão dos cômodos, seja pela forma de dispor móveis, louças, de oferecer e de preparar comida – e de querer compartilhar o que se tem e se produz. A casa cabocla, o lugar do imperfeito. Lugar de espaço de ser o que se é. Nesses ambientes, ouvindo pessoas e observando essas diferenças entre as populações de ascendência europeia e as populações caboclas – chamadas de “brasileiros” pelos alemães e italianos nascidos aqui há três gerações – que começou a brotar o desejo de dividir essa descoberta, de mostrar para outros, tão ignorantes como eu era, que a região Sul do Brasil vai além dos descendentes de europeus.

Como o audiovisual – e especialmente, o gênero documentário – é a minha forma de expressão, esse foi meu caminho para compartilhar essa “descoberta”. Mostrar uma legião de gente, contadores de causos, conhecedores da terra, das safras, das estações, entendedores dos bichos, dos pios das aves, do trabalho das formigas e do avoar das abelhas. Uma população resistente e resiliente. Gente que vive com fortes inter-relações comunitárias, em que os valores do coletivo são mais importantes que individualidades. E como no meio do caminho e da história desse povo existe uma guerra, se fez necessário compreender o conflito, para entender a complexidade

e a força da resistência cultural que persistiu à toda a violência, perseguição e expulsão do acesso à terra. E de como se deu esse retorno, essa reocupação do território, fruto de organização e luta, ou de permanência periférica.

### A herança de uma guerra - ou o passado presente

Conversando com um casal do Taquaraçu, eles contaram quando foram registrar o bebê em um cartório de Fraiburgo e o atendente anunciou em alto e bom som – “olha só, mais um jaguncinho no mundo”.

Pergunte a qualquer pessoa da zona rural, ou da periferia das cidades, na região onde aconteceu o conflito – pergunte sobre a guerra. Num primeiro instante, a desconfiança pode gerar um incômodo, afinal, falar sobre uma guerra em que os caboclos eram tidos e chamados como rebeldes, jagunços, pelados não parece confortável de se colocar, especialmente quando temos um registro, uma memória textual construída pelo não caboclo e uma representação audiovisual também produzida pelo olhar eurocêntrico. Na minha segunda visita ao Taquaraçu, era dia de festa de São João. O grupo Renascença Cabocla apresentou a dança da Maria Rosa e a tradicional Ratoeira, com o envolvimento de todos na criação dos versos ali tão bem colocados, provocando total interação da plateia. A festa era animada. No clamor da festa, regada a cachaça e quirera com couve, os relatos vinham, em forma de causos, de lembranças dos familiares. Não tinha ninguém que não tinha uma história a contar. Entretanto, não havia espaço de fala que recortasse o conflito por uma disputa de limites, entre Paraná e Santa Catarina – que é o que mais marcou do que li na parca história formal que me chegou pelas cartilhas da escola –, o que segue na memória da população que tem na origem os familiares que tombaram ou fugiram da guerra é o processo de expulsão do território. É a luta pela terra. Se formos em direção ao oeste, conhecendo os assentamentos do município de Abelardo Luz, onde aconteceu a primeira ocupação de terras do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), realizado em 25 de maio de 1985, a maioria das famílias que ocuparam a fazenda naquela madrugada, eram oriundas da região do confronto, eram boias frias, trabalhadores temporários, meeiros, filhos da expulsão do território causada pela guerra. De 1916 a 1985 – 69 anos passados desde o conflito –, toda a região e os pobres dessa região continuavam sem terras. Com a atuação do MST, especialmente com o suporte

da Igreja Católica, dos movimentos eclesiais de base, das pastorais, tendo à frente o atuante bispo Dom José Gomes, os movimentos de ocupação se intensificaram e, graças a eles, famílias expulsas da terra pela guerra e seus descendentes puderam voltar a ocupar um território caboclo. Hoje há assentamentos da reforma agrária batizados como Assentamento Contestado, tanto no Paraná quanto em Santa Catarina.

A Guerra do Contestado foi um processo violento de expulsão da população tradicional e de apagamento de uma cultura que, naquele momento, para os interesses republicanos, não interessavam. O dito progresso, o desejado desenvolvimento, almejava um Brasil mais branco, alinhado com um perfil econômico de produção de *commodities* – representado hoje pela economia da região, com a intensa produção de celulose – e de degradação e exploração sistemática dos recursos naturais, o que aconteceu com a devastação da gigante Floresta de Araucárias, cujo extrativismo era fonte de alimento para as populações e para a fauna silvestre, além de toda a cadeia a que o bioma da floresta ombrófila mista agrega, da erva-mate, da bracinga, da goiaba serrana, do arará, árvores que, sem o pinheiro brasileiro ao lado, não se desenvolvem, seguem o processo de extinção, assim como todos os bichos que desse ecossistema se alimentavam. Uma violência em cadeia, pois o processo de exploração da floresta de araucárias, sem qualquer manejo, visando o lucro de uma empresa estrangeira – a *Brazil Railway Company* –, impacta diretamente na segurança alimentar de um meio equilibrado, incluindo pessoas e animais, resultando num entrelaçamento em que o ser humano é parte da natureza, com o conhecimento das técnicas de cultivo de roças e utilizando-se do que hoje se nomeia como a novidade da permacultura, um modelo que busca imitar a natureza e causar o menor impacto possível ao ambiente, utilizando-se dos recursos que o próprio meio nos oferece para afastar pragas e proteger os solos. Todo esse conhecimento era considerado menor, desprezado por uma elite econômica e racial que depositava no estrangeiro e na cor daquele que vinha de fora, o futuro do país.

### Ato 3

#### Sobre formas de expressão

O documentário é o gênero do cinema que trabalha com um recorte da realidade – o olhar subjetivo do diretor sobre um tema. Diferencia-se do cinema de ficção, que trabalha com roteiros

ficcionais, com a dramaturgia. Diferencia-se do jornalismo, que se define também como um registro do real, mas numa busca pela verdade, de forma dita objetiva, ouvindo as “fontes”, confrontando as distintas partes. É natural que a maioria das pessoas associem o documentário à reportagem jornalística, pelo fato de ambos tratarem da realidade. Contudo, o documentário não tem o dito compromisso com a verdade, com a apuração de fatos. O objeto do documentário não é a informação ou o acontecimento, e sim o recorte do documentarista sobre determinado tema. Pode se ter um sem-número de documentários sobre um mesmo tema e nenhum será igual ao outro. Já no telejornalismo, basta zapear os canais de TV e, excetuando-se a linha editorial dos canais – que no Brasil são quase idênticas – assistiremos às mesmas entrevistas e teremos quase que uma visão uníssona sobre o acontecimento. Como um ofício de expressão de subjetividade, muitos são os caminhos possíveis para nos expressarmos. A escrita, a dança, a capoeira, a composição musical, as artes. Registrar em audiovisual um recorte que faço do que vejo, do que sinto, do que escuto e do que busco escutar, é minha forma de expressão. Quando elegi meus protagonistas em *Terra cabocla*, quando escolhi o enquadramento que gostaria para cada documentado, busquei direcionar o olhar do público para o meu recorte. Quero que o público veja pelos meus olhos. Tudo é intencional. Não me preocupo se o que determinada pessoa fala é verdade. Me interessa por aquela história contada por aquele indivíduo, sem juízos. Alguns estudiosos afirmam que o documentário é ficção, por conta da liberdade de abordagem e da liberdade da narrativa, da escolha estética que o diretor elege. Diferenciando-se, a questão do roteiro – no caso dos filmes ficcionais, filma-se o que está estipulado em um roteiro, que é dividido previamente em sequências, cenas, englobando os diálogos. Quando se vai para a montagem, o profissional da edição segue o roteiro filmado. Já no gênero documental, a etapa de roteirização vai acontecer na montagem, elevando inclusive a função do montador como um segundo olhar da direção. Mesmo que saíamos para filmar com um roteiro pré-determinado, um caminho a seguir, muito pode acontecer nesse percurso. Por vezes, nos surpreendemos que uma ideia pré-estabelecida e buscada não é exatamente o que se pensava no processo da pesquisa. E daí cabe a nós, documentaristas, refletir sobre os caminhos e quais histórias pretendemos contar.

## Para quê e para quem

Nesse caminho de registro em que dividimos nosso olhar, e com isso nos colocamos ideologicamente, não damos conta da leitura que vamos ter. *Terra cabocla* foi exibido em Florianópolis – sala do CIC, cineclube do Centro Integrado de Cultura, aparelho do estado de Santa Catarina, em uma sala multiplex do *cinesystem* Iguatemi – além da UDESC e UFSC, como parte de atividades acadêmicas, e ainda nos municípios de Fraiburgo, Caçador, Lebon Régis, Monte Carlo, Matos Costa, Calmon, Canoinhas, São Bento do Sul, Videira, Luzerna, Concórdia, Herval do Oeste, Lages, Jaraguá do Sul, São Miguel do Oeste, Chapecó e ainda no Canal Brasil – TV fechada para assinantes com exibição nacional. No Rio de Janeiro e São Paulo, aconteceram exposições gratuitas com debate aberto ao público. Também fizemos a distribuição de 500 cópias em DVD de forma gratuita, para todos os professores, das redes pública e privada, que manifestassem interesse em utilizar o filme como ferramenta educativa. Em cada uma das situações, tive retornos de distintas leituras, cada qual de seu lugar. Lili Palhano, benzedeira do Taquaruçu, cujos familiares lutaram na guerra, assistindo ao filme, se sentiu orgulhosa de seu depoimento, em que coloca o preconceito que sente no local onde vive, dividido entre os descendentes de italianos e os caboclos. Apesar da comissão pastoral da terra (CPT) da Igreja Católica, ter construído um salão paroquial para a comunidade, resultado da primeira romaria da terra, que aconteceu no Taquaruçu em 1986, o espaço era administrado pelos descendentes de italianos, assim como o “museu do jagunço”, cuja chave para visitá-lo era guardada pela principal família de ascendência italiana da localidade. Lili teve a chance, após a exibição para a comunidade no salão, de confirmar seu sentimento de exclusão ao único representante dos italianos presente no evento. Como ela, Alzira Prates, filha de Ezanir Prates, protagonista de *Terra cabocla*, se sentiu fortalecida com o fato de ter acesso a chave do salão paroquial. Ter aquela chave na mão foi revelador. Com a mostra do documentário, mesmo com o meu sentimento de que a população presente por vezes se incomodou com o tempo de duração de mais de uma hora de filme, o evento foi libertador e afirmador do lugar que, na raiz e na origem, jamais deixará de ser uma terra cabocla, que sofreu uma extrema violência e, mesmo assim, está continuamente reafirmando seu lugar com a fé em São João Maria, nas rezas da recomenda das almas e nas benzeduras, entre tantas outras práticas do cotidiano do ser caboclo.

## Tornando visíveis

No filme *O descobrimento do Brasil*, de 1936, de Humberto Mauro, me chamou muita atenção, além da trilha de Villa-Lobos, a forma como os indígenas foram representados na narrativa, frente ao contato com os portugueses, colocando-os em uma postura curva, uma linguagem corporal de inferioridade, de reverência, reafirmando o chamado “mito de origem”. Há na filmografia uma representação que colabora para a formação de um olhar e de uma identidade, seja do indígena, seja do caboclo, do ribeirinho, do sem terra, ou mesmo do caipira como Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato, do sujeito rural como alguém ignorante, desprovido de conhecimentos, um cidadão menor do que o urbano. Como se a multiplicidade de conhecimentos que carregam os camponeses, roceiros, vaqueiros, não fosse considerada um conhecimento. Esse recorte tão reproduzido pela mídia e pelo grande cinema, minimiza o trabalhador rural, reverbera o valor que se dá aos grandes centros e suas populações. As imagens sobre nossos indígenas, ou sobre os escravizados, produzidas sejam na forma de pinturas, ou em fotografias, carregam junto a elas a leitura da encomenda do olhar do estrangeiro, do olhar sobre o documentado, um olhar excêntrico, de quem está de fora, contratado por quem também é de fora para atender a uma leitura.

Descobrir a força da cultura cabocla como parte do processo de mergulhar no estado de Santa Catarina em sua raiz, teve para mim uma aura de descoberta. Uma sensação de primeira vez, de “ninguém nunca me contou”. *Terra cabocla* foi uma tentativa de dar visibilidade a uma população que pouco protagonizou sua história, que se viu narrada por outros e agora por mim, uma “forasteira”. Como um filme pronto deixa de ser nosso, tornando-se o filme daqueles que o veem, cada qual em seu lugar, com sua leitura e história, não tenho a dimensão desse olhar e dessas leituras. Todavia, ficou a intenção de abrir uma porta sobre o tema e, nessa abordagem, falar sobre a guerra que, incapaz do extermínio, seguiu no pacto de exclusão e invisibilidade. E assim segue, numa região que tem um dos menores índices de desenvolvimento humano dentro de um estado tido como rico. Foi-se a *Lumber Company*, chegaram as empresas exploradoras do pinus americano, as monoculturas da maçã, do eucalipto, as agroindústrias da carne. O que procurei fazer foi dar visibilidade e igual espaço de voz, dos saberes populares ao conhecimento acadêmico, entrelaçar impressões e registrar práticas como o terço caboclo, a recomenda, a benzedura, as danças, as festas.



## Epílogo

Tentei nessas páginas colaborar contando como se deu o meu processo de aproximação do tema da Guerra do Contestado, a partir da minha experiência como pesquisadora no documentário e realizadora de filmes. Caso você seja professor e nunca tenha assistido o documentário e tenha vontade de conhecer e compartilhar esse conteúdo com os alunos, escreva para mim – [paraisoplural@gmail.com](mailto:paraisoplural@gmail.com).

Sobre questões colocadas no texto, para saber mais, seguem algumas indicações de leituras que foram muito importantes e me auxiliaram a chegar até aqui.

### Para saber mais

- † Karsburg, A. O. **O eremita das Américas: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX**. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2014.
- † Preto, A. **Queremos reforma agrária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- † Renk, A. **A luta da erva: um ofício étnico no oeste catarinense**. Chapecó, SC: Grifos, 1997.
- † Thomas, D. G. **Giovanni Maria de Agostini – Wonder of the century – the astonishing world traveler who was a hermit**. Las Cruces, NM: Doc45 Publishing, 2014.
- † Welter, T. **Encantado no meio do povo: a presença do profeta João Maria em Santa Catarina**. São Bonifácio, SC: Edições do Instituto Egon Schaden, 2018.

## O Contestado e eu

Fernando Tokarski

*Neste capítulo você encontrará a história da Guerra do Contestado relacionada aos seguintes temas: memórias, relatos orais, cultura cabocla, trajetória acadêmica.*

Desde minha tenra infância conheci sertanejos como Fortunato Base, Miguel Castilho, Paulino Silva, Salvador Claro, Antônio Ferreira, José Castro; Dora Santos, mulher de “Manoel Polaco”, Eurípedes da Silva, Messiana Lima, Aníbal Tavares, Rosália Castro, tantos outros. Todos eles mantinham relações de trabalho, de negócios ou de compadrio com meu pai, João Tokarski. Velhos, eram homens e mulheres machucados pelo tempo e pelas lutas nos ervais, na pequena indústria madeireira, no plantio e na colheita das lavouras. Sempre tinham excelentes histórias para contar, especialmente de São João Maria, de visagens e sobretudo do *tempo dos jagunços*, como diziam. Porém, sempre me pareciam histórias de velhos encostados no balcão de um armazém ou à beira de um copo de cachaça, assim bem mais nos macambúzios dias de chuva, quando pouco havia a fazer a não ser contar infundáveis causos.

Um dia, já na adolescência, percebi que não era bem assim. Uma reportagem sequencial publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo* disse que minha convivência com aquela gente humilde e de pés descalços não tinha sido em vão. A longa reportagem jornalística me apresentou pela primeira vez a literatura acerca da Guerra do Contestado. Então compreendi que homens e mulheres da minha juventude, assim despojados de riquezas e de vaidades eram personagens anônimas e douradas de um conflito bélico, social e econômico do sertão onde nasci! Claro que muitos herdeiros do Contestado igualmente povoaram minha infância. Um deles ainda está no vale do Timbozinho, Inácio de Lima, neto homônimo de Ignacio José dos Passos de Lima, líder do

reduto de Alto de Pinheiros, em Irineópolis (SC), compadre de Maria Rosa, comandante de piquetes em Pedras Brancas e Santa Maria, e antes um dos integrantes do bando do coronel Demétrio Ramos.

Foi no entremeio dos outrora redutos de Pedras Brancas e São Sebastião do Timbozinho, então no município de Porto União (SC), e hoje em Irineópolis, que passei meus primeiros anos, ouvindo histórias de um jagunço chamado *Leodato* e um tal *Pitinguara*, matador de farda. Logo depois dos textos do jornal recebi *Messianismo e conflito social*, de Maurício Vinhas de Queiroz, oferecido por uma prima. O deslumbramento se repetiu e embora titubeando nos entendimentos acadêmicos, inúmeras vezes ler esse livro foi como se estivesse ouvindo os antigos causos dos meus conterrâneos, alguns que agora já haviam deixado a vida, mas persistiam e persistem em minha memória.

Numa escala progressiva dos meus afazeres, Aníbal Tavares me serviu de inspiração para escrever *Aniba e outros povos*. Em 1986, conheci uma figura enigmática, Antônio Flora, e mesmo a partir das poucas vezes que palestramos surgiu *O tamboreiro de Pedras Brancas*. Os sons guturais que Flora fazia, lembrando suas façanhas no reduto, ainda tamborilam em meus ouvidos!

De Queiroz em diante, minha idolatria pelos temas relacionados à Guerra do Contestado e minha natural avidez pelas leituras, somadas a meu gosto pelas pesquisas de campo, só me fizeram continuamente perلustrar como um tropeiro através da história e das lendas do Contestado, campeando personalidades e retalhos das vidas que fizeram desse tempo a maior contenda do meu mundo regional.

No limiar dos anos 1980 e dali em diante, passei a ter farta troca de experiências temáticas com o historiador Nilson Thomé, a quem orgulhosamente escolhi como meu mentor. Ao mesmo tempo, conheci e estreitei relações com um sem-número de outros estudiosos do Contestado, aumentando minha gama de conhecimentos inerentes àquilo que se converteu em minha paixão. Entretanto, jamais esqueci minhas raízes fincadas no vale do Timbozinho e das lembranças daquelas pessoas que sem imaginar macadamizaram as estradas do meu pequeno universo da história e da literatura.

Continuo a varejar pelos caminhos em busca de antigos sacrários do Contestado, de novas histórias, de novos depoimentos, novos causos, entendendo que as pesquisas presenciais estão longe de acabar, considerando que elas servem de lastro para as academias e aos seus intelectuais historiadores.

Meus livros e minhas contribuições aos estudos da Guerra do Contestado são como um legado a um povo que não se curvou às intempéries do tempo, nem às adversidades que lhe custou tantas vidas e tamanhas incompreensões. Ao assunto primordial, associei minhas indagações voltadas à cultura da erva-mate, à colonização regional, à genealogia do planalto norte catarinense, à preservação da memória fotográfica e à própria fotografia. São questões que me são caras e me fazem bem como homem inserido num dos mais ricos mapas socioculturais de Santa Catarina e do país.

Desde aqueles infantis momentos como uma testemunha ocular das antigas gentes da guerra até os dias presentes, quantas vezes fui laureado pela minha produção acadêmica! Contudo, certa vez me questionaram por que decidi viver dos estudos historiográficos sem ter a devida e necessária compensação financeira. Respondi que alguém precisa fazer isso e eu me escolhi para tal. É assim que me sinto bem!

### Para saber mais

- † Tokarski, F. **Aniba e outros povos**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1985.
- † \_\_\_\_\_. **Cronografia do Contestado: apontamentos históricos da região do Contestado e do sul do Paraná**. Florianópolis: Ioesc, 2002.
- † \_\_\_\_\_. **O tamboreiro de Pedras Brancas**. Florianópolis: EdUFSC, 2009.
- † \_\_\_\_\_. **Dicionário de regionalismos do sertão do Contestado**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

## Índice bibliográfico sobre a Guerra do Contestado

- Agostini, G. M. “Memórias do eremita Juan de Agostini”. Trad.: C. Wolfe. **San Miguel News**, New Mexico’s Hermit, v. 2, 1925.
- Albuquerque, M. M. **Contestado: distorções e controvérsias**. Curitiba: Estante Paranista n. 30 / Instituto Histórico e Geográfico do Paraná / Editora Lítero-Técnica, 1987.
- Antunes, E. **O Contestado entre Paraná e Santa Catarina**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1918.
- Assumpção, H. T. **A Campanha do Contestado**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1917.
- Auras, M. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. Florianópolis: EdUFSC, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Poder oligárquico catariense: da guerra aos “fanáticos” do Contestado à opção pelos pequenos**. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.
- Axt, G.; Machado, P. P. **O processo de Adeodato: o último chefe rebelde do Contestado**. Florianópolis: Tribunal de Justiça de Santa Catarina, 2017.
- Barboza, G. G. **A resistência ao Acordo de Limites e o Estado das Missões (1910-1917)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- \_\_\_\_\_. **O movimento em prol do Estado das Missões: uma luta pela emancipação do Contestado (1909-1917)**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.
- Bernardet, J. -C. **Guerra camponesa do Contestado**. São Paulo: Global, 1979.
- Bezerra, R. G. **Guardados de um artesão de imagens: estudo da trajetória de Claro Jansson e de suas crônicas visuais durante as primeiras décadas do Século XX**. Tese (Doutorado em Sociologia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.

- Borelli, R. J. **O Contestado**. Curitiba: Orion, 2006.
- \_\_\_\_\_; Valentini, D. J. **Doze pares de cenas da história do Contestado: arte e cultura na representação da fúria cabocla**. Curitiba: Orion, 2009.
- Cabral, O. R. **João Maria: interpretação da Campanha do Contestado**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- Carvalho, F. S. **Relatório apresentado ao general José Caetano de Faria, ministro da Guerra, pelo comandante das forças em operações de guerra no Contestado**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916.
- Carvalho, M. M. X. **Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a *Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)***. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- Carvalho, T. M. **Coerção e consenso na Primeira República: a Guerra do Contestado (1912-1916)**. Tese (Doutorado em História). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2009.
- Cavallazzi, R. L. **Contestado: espaço do camponês, tempo da propriedade privada**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.
- Cerqueira, A. **Jornada de Taquaruçu (feito guerreiro): contribuição ao estudo da história militar do Brasil**. Rio de Janeiro: s/ed., 1936.
- Costa, F. **O Contestado (1912-1916) revisitado: narrativas possíveis para o Ensino de História**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2018.
- Costa, L. **O continente das Lagens**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Um cambalacho político: a verdade sobre o “Acordo” de limites Paraná-Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- D’Alessio, V. **Claro Jansson: o fotógrafo viajante**. São Paulo: Dialeto, 2003.
- Dalfre, L. A. **Outras narrativas da nacionalidade: o movimento do Contestado**. Curitiba: Sociedade de Amigos do Museu Paranaense, 2014.
- Dallanora, C. **Conflitos no ex-Contestado: coronelismo e bandoleirismo numa região de fronteira**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- Derengoski, P. R. **O desmoronamento do mundo jagunço**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986.
- Diacon, T. **Millenarian Vision, capitalist reality: Brazil’s Contestado Rebellion**. Durhan, CN: Duke University Press, 1991.
- Espig, M. J. **A presença da gesta carolíngia no movimento do**

- Contestado.** Canoas, RS: Ulbra, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (1908-1915).** Pelotas, RS: Editora UFPel, 2011.
- \_\_\_\_\_; Machado, P. P. (org.) **A guerra santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado.** Florianópolis: EdUFSC, 2008.
- Fachel, J. F. **Monge João Maria: recusa dos excluídos.** Porto Alegre / Florianópolis: Editora da UFGRS / EdUFSC, 1995.
- Felippe, E. J. **O último jagunço: folclore na história da Guerra do Contestado.** Curitiba, SC: Universidade do Contestado, 1995.
- Felisbino, E. **Voz de Caboclo: a saga do Contestado revivida nas lembranças dos sobreviventes do reduto do Taquaruçu.** Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.
- Felisbino, P. A. **Brado do Contestado.** Taquaruçu, SC: Edição do Autor, 2018.
- \_\_\_\_\_; Trisotto, E. F. **Frei Rogério.** Curitiba: Blumen, 2008.
- Ferri, G. **Os monges de Pinheirinho.** Encantado, RS: Grafen, 1975.
- Filatow, F. **Política e violência em Soledade – RS (1932 – 1938).** Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.
- \_\_\_\_\_. **O movimento dos Monges Barbudos: do sagrado à heresia.** Rio de Janeiro: Gramma, 2017.
- Fin, K. **O dia em que viajei no tempo: minha família e o movimento do Contestado.** 2ª ed. Joaçaba, SC: Editora Unoesc, 2020.
- Fraga, N. C. **Contestado: redes no geográfico.** Florianópolis: Insular, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Contestado: o território silenciado.** Florianópolis: Insular, 2017.
- Gallo, I. C. D. **O Contestado: o sonho do milênio igualitário.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- Garietta, M. **Os monges de Pinheirinho no Vale do Taquari e relações com movimentos messiânicos brasileiros.** Lajeado, RS: Univates, 2011.
- Gauld, C. A. **Farquhar, o último titã: um empreendedor americano na América Latina.** São Paulo: Editora de Cultura, 2006.
- Geller, O. E. **O Contestado entre Santa Catarina e Paraná: uma questão de limites nos limites da nação.** Curitiba: Prismas, 2016.
- Gemelli, D. D. **“Onde planta o pinus não há mais nada”: degradação da natureza e do trabalho no Contestado e a necessidade da reunificação homem/mulher-natureza (terra-trabalho).** Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2018.

- Gerson, B. **Pequena história dos fanáticos do Contestado**. Rio de Janeiro: MEC, 1955.
- Gorminski, A. **Monge: vida, milagres, histórias e Lendas**. Lapa, PR: Nossa Sra. Aparecida, 1980.
- Gross, C. B. **Entre pinhões e peixes: a invisibilidade dos povos tradicionais de Santa Catarina em sua formação socioespacial: Caboclos e caboclas do Contestado na Serra Acima e pescadores e pescadoras do Litoral na Serra Abaixo**. Tese (Doutorado em Geografia). Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, 2019.
- Karsburg, A. O. **O eremita das Américas: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX**. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2014.
- \_\_\_\_\_. (org.) **História das religiões e religiosidades, v. 7. Monge João Maria na História – Dossiê 150 anos da morte do monge João Maria de Agostini (1869-2019)**. São Paulo: ANPUH, 2019.
- Kopp, M. G. L. **A chave do céu e a porta do inferno: os monges barbudos de Soledade e Sobradinho**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.
- Kujawa, H. A. **Cultura e religiosidade cabocla: movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul – 1938**. Passo Fundo, RS: UPE, 2001.
- Kunrath, G. **Vozes da imprensa: a Batalha do Irani pelas páginas dos jornais O Dia (SC) e A República (PR)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Não tivemos outro jeito: ou morríamos ou nos defendíamos, uma análise acerca da Batalha do Irani (1912)**. Dissertação (Mestrado em História). Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas, 2020.
- Lazarin, K. M. **Fanáticos, rebeldes e caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado (1916-2003)**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- Lemos, A. O. **A história dos fanáticos em Santa Catarina e parte de minha vida naqueles tempos – 1913/1916**. Passo Fundo, RS: Gráfica e Editora Pe. Berthier, s/d.
- Lemos, Z. A. **Curitibanos na história do Contestado**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1977.
- Ludka, V. M. **Contestado, a fome e a pobreza como permanência da guerra: cenários paradoxais no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016.
- Machado, P. P. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.



- Mafra, M. S. **Exposição histórico-jurídica, por parte de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.
- Martins, C. **O mato do tigre e o campo do gato: José Fabricio das Neves e o Combate do Irani**. Florianópolis: Insular, 2007.
- Martins, P. **Anjos de cara suja**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- Martins, R. **Argumentos e subsídios sobre a questão de limites entre o Paraná e Santa Catharina**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1902.
- \_\_\_\_\_. **O litígio em face do acordam de 06 de julho de 1904**. Curitiba: Typographia do Paraná, 1911.
- \_\_\_\_\_. **Documentos comprobatórios dos direitos do Paraná na questão de limites com Santa Catharina**. Rio de Janeiro: Typographia do Paraná, 1915.
- Meirinho, J. **República e oligarquias: subsídios para a história catarinense, 1889-1930**. Florianópolis: Insular, 1997.
- Monteiro, D. T. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- Moura, A. P. **Contestado: a guerra cabocla**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003.
- Muchalovski, E. G. **Fagulhas do Contestado: os conflitos nos vales do Timbó e Paciência através da imprensa (1900-1908)**. São Paulo: Liber Ars, 2018.
- Oliveira, J. P. **Diário de campanha de um aspirante a oficial (Contestado, 1914-1915)**. Rio de Janeiro: s/ed., 1962.
- Oliveira, S. A. **Guerra do Contestado: mimesis e políticas da memória**. Tese (Doutorado em Literatura). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- Peixoto, D. (pseudônimo Crivelaro Marcial). **Campanha do Contestado: episódios e impressões**. 3 V. Rio de Janeiro: Edição do Sutor, 1920.
- Petroli, F. I. S. **Fronteiras, províncias e unidade nacional na formação do Brasil: uma análise sobre a “Questão de Limites” entre Santa Catarina e Paraná (1853-1889)**. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- Poyer, V. **Fronteiras de uma Guerra: imigração, diplomacia e política internacional em meio ao movimento social do Contestado (1907-1918)**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- Queiroz, M. I. P. **La “Guerre Sainte” au Brésil: le mouvement messianique du Contestado**. Tese (Doutorado em Sociologia). Paris: Universidade de Paris, 1957.
- \_\_\_\_\_. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Alfa-Ôme-

- ga, 1965.
- Queiroz, M. V. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1981.
- Reis, F. A. W. **O relicário do Contestado: os objetos mágicos dos sertanejos**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2020.
- Renk, A. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. 2ª ed. Chapecó, SC: Argos, 2006.
- \_\_\_\_\_; Savoldi, A. **Inventário da cultura imaterial cabocla no oeste de Santa Catarina**. Chapecó, SC: Argos, 2008
- Rodrigues, R. R. **Os sertões catarinenses: embates e conflitos envolvendo a atuação militar na Guerra do Contestado**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Veredas de um grande sertão: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro**. Tese (Doutorado em História Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- \_\_\_\_\_. “Nas árvores, entre oficiais e em famílias: A fotografia e o desejo de entrar para a história”. In: Alonso, A.; Hespada, H. (org.) **Conflitos**. São Paulo: IMS, 2017. p. 117-33.
- \_\_\_\_\_; Valentini, D. J. (org.) **Contestado: fronteiras, colonização e conflitos**. Porto Alegre / Chapecó, SC: Letra & Vida / Editora UFFS, 2015.
- Santos, S. C. **O Contestado na historiografia e na literatura**. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2006.
- Sassi, G. W. **Geração do deserto**. Porto Alegre: Movimento, 2002.
- Schüler, D. **Império caboclo**. Florianópolis: EdUFSC, 2004.
- Silva, C. **Accordo Paraná-Santa Catarina ou O Contestado diante das carabinas**. Curitiba: Papeleria Globo, 1920.
- Silva, J. W. **O oeste catarinense: memórias de um pioneiro**. Florianópolis: Edição do Autor, 1987.
- Silva, L. C. **Museus do Paraná e Santa Catarina: formas de lembrar e esquecer a guerra sertaneja do Contestado (1912-2012)**. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.
- Silveira, M. F. **Nas bordas do Contestado: a questão de limites no processo de execução e no acordo de 1916**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2015.
- Soares, J. O. P. **Apontamentos para a história: o Contestado**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Instituto de Eletrotécnica da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1920.
- \_\_\_\_\_. **Subsídios para a história:**

- o **Contestado**, v. I. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1920.
- \_\_\_\_\_. **Guerra em sertões brasileiros**. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1931.
- Soares, J. T. **Relatório dos Estudos da Estrada de Ferro de São Paulo-Rio Grande**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.
- Souza, F. M. **O presidente Carlos Cavalcanti e a revolta do Contestado**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1987.
- Stulzer, A. **A guerra dos fanáticos, 1912-1916: a contribuição dos franciscanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- Tecchio, A. **Políticas públicas de desenvolvimento territorial e superação da pobreza no meio rural brasileiro: estudo de caso no território meio-oeste Contestado (SC)**. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Pobreza e territorialização da ação pública no território meio-oeste Contestado (SC)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Seropédica, RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.
- Telles, V. **Folclore itinerante do Contestado**. Irani, SC: Fundação Catarinense de Cultura, 2001.
- Thomé, N. **Os iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado**. Florianópolis: Insular, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Trem de ferro: história da ferrovia no contestado**. 2ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1983.
- Tokarski, F. **Aniba e outros povos**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Cronografia do Contestado: apontamentos históricos da região do Contestado e do sul do Paraná**. Florianópolis: Ioesc, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de regionalismos do sertão do Contestado**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O tamboreiro de Pedras Brancas**. Florianópolis: EdUFSC, 2009.
- Tomporoski, A. A. **“O pessoal da Lumber!” Um estudo acerca dos trabalhadores da Southern Brazil Lumber and Colonization Company e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910-1929**. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O polvo e seus tentáculos: a Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- \_\_\_\_\_; Espig, M. J. (org.) **Tempos de muito pasto e pouco rastro**. São Paulo: Liber Ars, 2018.

- Tonon, E. **Os monges do Contestado: permanências históricas de longa duração das predições e rituais no imaginário coletivo**. Tese (Doutorado em História). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2008.
- Tota, A. P. **Contestado: a guerra do novo mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- Valentini, D. J. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado**. Caçador, SC: Universidade do Contestado, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado (1906-1916)**. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Memórias da Lumber e da Guerra do Contestado**. Porto Alegre / Chapecó, SC: Letra & Vida / Editora UFFS, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado**. 4ª ed. Chapecó, SC: Argos, 2016.
- Valentini, D. J. et al. (org.) **Revelando o Contestado: as fotografias na história do centenário da guerra**. Trad.: E. Rosalen. Chapecó, SC: Argos, 2015.
- Veber, F. S. **De Mesquita a Setembrino: uma análise acerca das expedições militares contra o Movimento do Contestado (1914-1915)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas, 2018.
- Vianna, C. **A batalha do Irani: o diabo na rua, no meio do redemoinho**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- Wachowicz, R. C. **Paraná, sudoeste: ocupação e colonização**. Curitiba: Litero-Técnica, 1985.
- Wehling, A. et al. (org.) **100 anos do Contestado: memória, história e patrimônio**. Florianópolis: MP-SC, 2013.
- Weinhardt, M. **Mesmos crimes, outros discursos? Algumas narrativas sobre a Guerra do Contestado**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.
- Welter, T. **Encantado no meio do povo: a presença do Profeta São João Maria em Santa Catarina**. São Bonifácio, SC: Edições do Instituto Egon Shaden, 2018.
- Witte, G. **Os caboclos dos Campos de Palmas e sua representação na Guerra do Contestado**. Dissertação (Mestrado em Educação). Francisco Beltrão, PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2017.

# Índice remissivo

## A

- Abad, Fray Juan Agustín de (nome atribuído ao Monge João Maria em culto realizado no Motupe, Pará) 81-2  
*Consulte também* Monge João Maria
- Academia Catarinense de Letras 384
- Academia Militar do Guatupê 402
- Acordo de Limites 27, 30, 37, 64, 102, 220, 295, 339, 391, 393-6, 398, 402, 408, 424
- Adeodato *Consulte* Ramos, Adeodato
- Adúlcia *Consulte* Moraes, Adúlcia de
- Agostini, Giovanni Maria de (nome atribuído ao Monge João Maria) 42, 45, 241, 361, 497 *Consulte também* Monge João Maria
- Agostini, João Maria de *Consulte* Monge João Maria
- Agostini, Mattias de 42
- Alan, Jair 436
- Albuquerque, Aristides de 107
- Albuquerque, Carlos Cavalcanti de 117, 324, 397, 400, 413
- Albuquerque, Elvira de 107
- Albuquerque, Euclides de 107
- Albuquerque, Francisco Ferreira de 107, 111, 118, 203, 210, 407
- Albuquerque, Iracy de 107
- Albuquerque, Laurinda de Oliveira 107
- Albuquerque, Orival de 107
- Albuquerque, Tiago de 107
- Aleixo (cidade) 234, 303
- Alemanha 137, 140-2, 160, 297, 454
- Alemãozinho 36, 206, 297-300, 335-6, 439, 447-9
- Alexandre, Celeste Florzina 288
- Aliança Renovadora Nacional (Arena) 386
- Almeida, Henrique de 31, 102-4
- Almeida, Henriquinho de 104-5, 107, 118
- Alves, Antero 96, 395
- Alves, Rodrigues 97
- Alves, Rosalino 323
- Alvim, José 411
- Amaral, João Pedro de Andrade Dorthas do 395
- Amin, Esperidião 281, 386-7, 474
- Amorim, Mauro 460
- Américo, Pedro 263
- Andrade, Oswald de 267
- Andrea, Francisco Soares de 87
- Angelina, Maria 286-8
- Anna Francesca 42
- Antunes, Crespina Maria 291
- Antunes, Ezequiel 102, 271
- Antônio Conselheiro 91, 498
- Apolloni, Rodrigo Wolff 399
- Arap, Fauzi 457
- Arns, Cardeal Evaristo 472
- Augustinho de Tal 294
- Augusto, Didio 394
- Auras, Marli 480
- Autran, Paulo 457-8, 463
- Avé-Lallemant, Robert 71-2
- Azevedo, Hygino 395

## B

Baca, José Jesus de 48  
 Back, Sílvio 418, 475, 477  
 Burro Branco (fazenda) 385  
 Barbosa, Aprígio Ortencio da Silva 305  
 Barela, Mariano 48  
 Barra Feia *Consulte* São João da Barra Feia  
 Barracão (cidade) 88, 393  
 Barreto, Jaisson 386  
 Barreto, Míleto Tavares da Cunha 302  
 Barros, Theo de 457-8  
 Base, Fortunato 506  
 Bastos, Jones João 474  
 Batalha do Irani 74, 79, 105-6, 110, 116-7, 122, 124, 184, 217, 241, 292, 295  
 Batista, Abdon 98, 175, 291  
 Belém do Pará 45  
 Bello, Laurindo Cordeiro 96-7  
 Benedito Chato *Consulte* Oliveira, Benedito Pedro de  
 Bez, Volnei Martins 422  
 Biasi, Emílio Di 464  
 Bico do Papagaio 395  
 Bigliardi, Olderigi 91  
 Bley, João 390  
 Blumenau (cidade) 176, 447  
 Boal, Augusto 458, 463  
 Boaventura, Miguel Lucena de *Consulte* Lucena, Miguel  
 Boletim do Caderno de Cultura Catarinense 294  
 Bonifácio Papudo *Consulte* Santos, Bonifácio José dos  
 Borelli, Romário 418  
 Bornhausen, Jorge 386-7  
 Botocudos *Consulte* Xokleng  
 Braga, Ney 463-4  
 Brandão, Dom Walter 464  
 Braz, Wenceslau 464-3  
 Brazil Railway 18, 32-3, 99, 108, 129, 143, 144, 149-52, 156, 158, 160-1, 163, 203, 211, 220-1, 332, 340, 410, 443, 501  
 Brecht, Bertolt 457, 461, 466  
 Brizola, Leonel 386  
 Buarque, Chico 458  
 Bueno, Aglaé Pacheco 410

Bueno, Viviane 410

## C

Cabeça Oca (grupo de teatro) 429  
 Cabral, Oswaldo 459  
 Caçador (cidade) 23, 233-4, 310, 387-8, 406, 408-9, 424-5, 448, 456, 464, 475, 503  
 Calmon (cidade) 24-5, 35, 70, 192-6, 410, 455, 503  
 Camargo, Affonso 192, 339, 391, 397-8, 413  
 Campestre (cidade) 30, 46, 86-8, 294  
 Campos de Palmas 15, 18, 25, 27, 29-33, 55, 63-4, 119, 120, 291  
 Campos Novos (cidade) 19, 33, 35, 53, 62, 102, 104, 109-111, 115, 117-8, 122, 131, 153-6, 203, 256, 286, 306, 358, 485  
 Campos Salles (Presidente da República) 338  
 Canoinhas (cidade) 24-5, 27, 32, 35-6, 70, 73, 75, 94-9, 136, 175-81, 191, 214, 220, 233, 235, 260, 262, 297-8, 301-13, 323, 340, 342-3, 352, 357, 387, 403, 445, 447, 485, 503  
 Caracas 44  
 Caraguatá (cidade) 22-3, 34, 74, 184, 198, 200, 203, 205, 218, 231-3, 286, 301, 311-3, 339, 419, 443, 448, 468  
 Carlos Magno 21, 265-8, 415-7  
 Carneirinho 306  
 Carneiro, Antônio Ernesto Gomes 399  
 Carneiro, David Antônio da Silva 398  
 Cartuxo 43  
 Carvalho, Pedro Leão de *Consulte* Pedro Ruivo  
 Carvalho, Fernando Setembrino de 25-7, 35-6, 185-8, 192, 195-6, 205-11, 234-5, 262, 269, 281, 298-300, 303-6, 311, 313, 321-2, 326, 333-5, 339, 394, 439, 442, 447  
 Casa da Cultura Dante e Albina Mosconi 424  
 Casaldáliga, Pedro *Consulte* Dom Pedro Casaldáliga  
 Castelhana 24, 407

- Castelo Branco, Humberto de Alencar 335
- Castilho, Carlos 457
- Castilho, Miguel 506
- Castro, Danilo Thiago de 406
- Castro, Euclides de 27, 236
- Castro, José 506
- Castro, Rosália 506
- Cavalcanti, Carlos *Consulte* Albuquerque, Carlos Cavalcanti de
- Celso Júnior 282
- Cemitério de Irani 234, 411, 475
- Centro Folclórico do Contestado 475
- Cerco da Lapa 94, 331, 399
- Cerro do Tecolote 43
- Cezarino de Tal 294
- Chapécó (cidade) 30, 64, 385, 430, 503
- Chapéu de Sol (fazenda) 338, 340, 343
- Chato, Benedito 285
- Chizzotti, Antônio 473
- Claro, Salvador 506
- Clevelândia (cidade) 390, 392-3, 456
- Colombo, José 90
- Colonialismo 411, 463
- Colégio Santa Clara 470
- Colônia Tigre 354-5, 357
- Combate do Fão 348
- Combate do Irani 33, 124, 202, 296, 397, 401, 404, 411, 435
- Compostela 43
- Concórdia (cidade) 28, 291-2, 384, 287, 503
- Condado de Dona Ana 48
- Condado de Santa Ana 48
- Condá, Vitorino 72
- Conselho Indigenista Missionário 385
- Consorte, Renato 457
- Cordeiro, Modesto 394
- Cordilheira dos Andes 44
- Coroado *Consulte* Kaigang
- Correa, Heidi de Assis *Consulte* Hassis
- Corupá (cidade) 136, 175, 298
- Costa, Caetano 79
- Costa, Idarsina da 346
- Costa, Ignácio Gomes da 97-8
- Costa, João José Theodoro da 58
- Costa, João Teixeira de Matos 192, 340
- Costa, Laurentino José da 58
- Costa, Matos 503, 25, 35, 191-6, 205-6, 210, 282, 464, 487
- Cova da Morte 234
- Covi 73
- Crespo, Domingos 310, 448
- Cunha, Antônio 419
- Cunha, Euclides da 257, 478, 481, 497
- Curitiba (cidade) 19, 64-5, 73, 82, 88, 95-7, 119-20, 122-4, 201, 214, 218, 295, 306, 324, 333, 354, 393, 397, 400, 402, 403, 411, 423, 425-7, 433-5, 454, 474, 494
- Curitibanos (cidade) 19, 21-2, 24-5, 27, 30-6, 53, 62, 73, 101-6, 109-11, 118-24, 154, 180, 198-9, 203, 210, 214, 230, 243, 256, 258, 260, 287, 301, 387, 406-8, 422, 444, 475, 485, 487, 492
- César, Ana Gomes 287
- D
- Dalpiaz, Clévio 436
- Damasceno, Praxedes Gomes 34, 106, 110, 198-9, 230, 244, 256, 287-8
- Daniel, Isaías 322
- Davet, Luiz 98
- Dente de Ouro 26, 294, 323
- Desidério 434
- Dias, Coronel Erasmo 471
- Dias, Manoel Francisco 309
- Dias, Marcílio 175, 464
- Dias, Onorina 314
- Dircksen, Nita 477
- Diretas Já 386, 472
- Dom José Gomes 385, 501
- Dom Pedro Casaldáliga 464
- Dom Pedro II 45, 201
- Dourado, Ângelo 31, 79
- Duarte, Lima 457
- Dutra, Januário 348-9
- Dürrenmatt, F. 461
- E
- Encantado (cidade) 31, 88, 90-1
- Encruzilhada Natalino 385
- Entre Rios 31, 87-8, 299, 338, 374

Enéias, João 89-90  
erva-mate 16, 99, 166, 180, 222, 249,  
250-4, 332, 338, 340, 343, 373, 376-  
8, 441, 455, 497, 501, 508  
Escola de Belas Artes de Porto Alegre  
422  
Estado das Missões 337-40, 389-96  
Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande  
(EFSPRG) 15, 23-5, 31-2, 35, 93, 99,  
119, 127-8, 133, 136, 143, 145, 149,  
191, 203, 206, 222-3, 245, 261, 280,  
290-2, 326-7, 338-42, 387, 395, 400,  
409, 442  
Eufrosina (cidade) 178  
Exército Encantado de São Sebastião 20,  
21, 244, 287, 417, 419, 441

## F

Fachini, Valentim 323  
Fachim, Valentim *Consulte* Fachini,  
Valentim  
Farias, Francisco Paes de 110, 231  
Farias, João Paes de 107  
Felippe, Euclides José 258, 443  
Felippe, Evaristo 322, 326  
Felippe, Horacio 434  
Felisberto, José 434  
Felisbino, Eliane 492-3  
Felisbino, Indaiara 492  
Felisbino, Pedro Aleixo 412, 492  
Fernandes, Erasmo 395  
Fernandes, Florestan 472  
Ferreira, Alfredo 323  
Ferreira, Antônio 506  
Ferreira, João Cândido 98  
Ferri, João 91  
Ferrite, Zanoni 457  
Figueiredo, José Henrique de 58  
Figueiredo, João (Presidente da Repúbli-  
ca) 498  
Fiuza, Anastácio 348-9  
Flora, Antônio 507  
Flores da Cunha 348, 350  
Fontaneto d'Agogna 42  
Fortes, Margarida Pereira 345  
Fortes, Olmiro Pereira 345  
Fraga, Nilson Cesar 345

Fraiburgo 74, 229-30, 406-7, 412, 481,  
494-6, 500, 503  
Franco, Pedreira 119  
França, André Ferreira (conhecido como  
Deca França) *Consulte* França, Deca  
França, Aristiliano 314  
França, Deca 346-7, 349  
Franzack, Eunice Cadore 418  
Frei Clemente 349  
Frei Deodato 454  
Frei Gaspar Flesch 105  
Frei Oswaldo Schlenger 79  
Frei Menandro Kamps 200, 303-4  
Freire, Paulo 459  
Frei Rogério 30, 33, 79, 198, 230, 239,  
242, 285-6, 304, 436  
Freitas, Augusto Lustosa Ferreira de 302  
Fundação Catarinense de Cultura (FCC)  
386, 459  
Fundação Educacional do Alto Vale do  
Rio do Peixe (Fearpe) 408

## G

Gaertner, Guilherme 260, 446  
Gaertner Sobrinho, Carlos 446  
Gallo, Ivone 115, 148  
Ganzarolli, Antonio 115, 418  
Garibaldi, Anita 423  
Garibaldi, Giuseppe 423  
Garret, Augusto de Almeida 401  
Geisel, Ernesto (Presidente da República)  
498  
Giannotti, José Arthur 472  
Gil, Gilberto 498  
Gomes, José *Consulte* Dom José Gomes  
Gomes de Sá, João Gualberto 19, 33, 111,  
120-4, 171, 202, 217, 291-2, 295, 333,  
335, 397, 399, 400, 402, 411, 413, 417  
Gonçalves, Andreza 346  
Grobbe (irmãos Grobbe) *Consulte* Ir-  
mãos Grobbe  
Grupo Armação 418, 460  
Gualberto, João *Consulte* Gomes de Sá,  
João Gualberto  
Guarani (grupo indígena) 16, 248, 427  
Guarapuava 29, 62, 114, 294, 426  
Guarda Nacional 11, 14, 22, 24, 35, 59,



99-100, 104, 191-2, 232-3, 292, 298,  
322, 338, 389-90, 399, 404  
Guarnieri, Gianfrancesco 457, 463  
Guayaquil 44  
Guerra do Paraguai 60, 248, 400

## H

Haendchen, Bruno 316  
Hampâté Bâ, Amadou 281  
Hassis 421-4, 429, 477-8  
Havana 43, 47, 83, 160  
Helena, Célia 457, 463  
Heródoto 481

## I

Ianni, Octávio 472  
Igreja Católica 453  
Ilha do Arvoredo 46, 87  
Imperialismo 158, 411, 463  
Império Carolíngio 265-7  
Instituto do Patrimônio Histórico e Ar-  
tístico Nacional (Iphan) 399  
Instituto Histórico e Geográfico de San-  
ta Catarina (IHGSC) 384  
Instituto Histórico e Geográfico do Pa-  
raná 402  
Invernada 53  
Irani (cidade) 18-9, 21, 25, 33, 106, 111,  
117, 119-20, 171, 230, 267, 291-5, 333,  
384, 386-7, 400-1, 404, 406, 411,  
419, 433-7, 446  
Irmãos Grobbe 301  
Itaiópolis (cidade) 18, 24, 27, 35, 176-8,  
297-8, 392

## J

Jacobina 89  
Jansson, Claro 75, 158, 279, 328, 329,  
330, 332-6, 447  
Januario, Celestino 323  
Jararaca 323, 342  
Jaraguá do Sul (cidade) 176, 503  
Joaquim ("Menino de Deus") 21, 34, 231,  
268, 285-6, 443  
Joinville (cidade) 62, 136-42, 175-7, 424,  
447

José, Davi 457  
José Maria de Santo Agostinho 79  
*Consulte também* Monge José Maria  
João Francisco Maria de Jesus 89 *Con-  
sulte também* Monge Chico  
Juazeiro 189, 272 440  
Juca Tigre 112  
Junta Governativa do Estado das Mis-  
sões 339, 389-90  
Justiniano (Imperador) 41, 49  
Jê Meridionais 69, 71

## K

Kaigang 16, 29, 37, 53, 69, 70, 72, 74-5,  
248  
Kaiser, Jakzam 441  
Kamps, Menandro *Consulte* Frei Me-  
nandro Kamps  
Kirk, Ricardo 185, 208, 397  
Koeller, João 115  
Krailinchen, João da Cruz 96-7

## L

Lacerda, Eulália Correia de 94-6  
Lacerda, Duca 95  
Lacerda, Joaquim Resende Correia de 94  
Lacerda, Maurício de 324, 326  
Lages 17, 24, 25, 29, 30-1, 35, 51-3, 56,  
58, 62, 64, 71, 73, 86-8, 96, 102, 104,  
189, 214, 260, 280, 306, 308-9, 316-  
7, 338, 360, 406, 407, 485, 504  
Laguna 267  
Lambayeque 44  
Lança 454-7  
Leal, Estillac 36, 235  
Lei de Terras 51, 57, 59  
Lei n. 601 *Consulte* Lei de Terras  
Lemos, Alfredo 104  
Lemos, Zélia de Andrade 408  
Leão, Agostinho Ermelino de 403  
Lichesky, José 323  
Lima (cidade) 44  
Lima, Aleixo Gonçalves de 24, 32, 35,  
99, 233, 298, 301-4, 313, 448

Lima, Gregório de 298, 447  
 Lima, Hortência Marques de 337  
 Lima, Ignacio José dos Passos de 302, 306, 506  
 Lima, Joaquim Gonçalves de 302  
 Lima, Lourenço 342  
 Lima, Messiana 506  
 Linhares, Antônio 278  
 Linhares, Menino 278  
 Livramento, Joaquim Augusto do 65  
 Lobato, Monteiro 267, 504  
 Lorenzi, Lora de 412, 493  
 Loureiro (chargista) 444-5  
 Lucena, Miguel (suposto nome verdadeiro do monge José Maria) 79, 111-5  
*Consulte também* Monge José Maria  
 Lucca, Guerino 91  
 Lucca, João 90-1  
 Lucca, Silvio 91  
 Lumber Company 18, 24-5, 33, 35, 99, 143-5, 158, 177, 181, 188, 194, 220, 221-5, 278-9, 282, 297, 310, 328, 329, 332-6, 352-6, 384, 410-3, 455, 461, 467, 504  
 Luz, Abelardo 374, 500  
 Luz, Aujor Ávila da 440  
 Luz, Fabiano Rodrigues da 56  
 Luz, Hercílio 98  
 Luzerna (cidade) 374, 503  
 Laklãnõ-Xokleng *Consulte* Xokleng-Laklãnõ

## M

Machado, José Gomes Pinheiro 338  
 Machado, Paulo Pinheiro 107, 280, 313, 418, 476  
 Machado, Vicente 97  
 Maeder 73  
 Mafra (cidade) 28, 37, 136, 178, 355, 384, 387, 395, 426  
 Magdalena, Álvaro 98  
 Magno, Carlos *Consulte* Carlos Magno  
 Maiolli, Napoleão 91  
 Major Vieira (cidade) 176, 178, 180, 303  
 Manih *Consulte* Schüler, Marcia Elizabeth  
 Manoel ("Menino de Deus") 21, 231, 285-6

Marcaf, Anastás 79, 259 *Consulte também* Monge João Maria de Jesus  
 Marcondes, Amazonas de Araujo 95, 389  
 Marcondes, Valeriano 198, 268  
 Maria, José *Consulte* Monge José Maria  
 Maria Firmina 277, 314  
 Maria Francesca 42  
 Maria Rosa (cidade) 234  
 Maria Rosa (líder femina) 22, 23, 34, 194, 232, 233, 284-5, 311, 411, 428, 437, 439, 447, 448, 500, 507  
 Martins, Antonio Carlos 310, 314  
 Martins, Romário 402-3  
 Mascarenhas, Antônio 270  
 Matos Costa (cidade) 282  
 Mattozo, Joaquim dos Santos 331  
 Mauro, Humberto 504  
 Maximiliano, Joaquim 316  
 Merkel, José 323  
 Mesilla 47-9  
 Miguel, Salim 474  
 Miguelito 31, 87-8  
 Miron, Evaristo 323  
 Miron, Isolino 324  
 Monfrini, Maria Domênica 42  
 Monge João Maria de Jesus 17, 20-21, 30-1, 37, 47, 77, 80-1, 87-9, 109-13, 116, 118, 278, 284, 291, 313, 338, 346, 358-60, 398, 426, 453, 471  
 Monge Chico 89, 91  
 Monte Carlo (cidade) 178, 503, 176  
 Monteiro, Duglas Teixeira 285, 443, 462, 473  
 Montserrat 43  
 Moraes, Adúlcia de 34, 232, 286, 288  
 Moraes, Elias Antônio de 200, 232, 286  
 Moraes Machado 95  
 Morro do Araçoiaba 45  
 Mottin, Pedro 91  
 Motupe 44, 81-2  
 Moura, Carlos Augusto Souto 423  
 Moura, Domingos 323  
 Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) 385, 388, 500  
 Moyabamba 45  
 Muckers 89, 189  
 Muller, Lauro 97-8, 324-5

Murici, José Cândido da Silva 403  
 Museu do Contestado 387, 475  
 Museu do Jaguarço 406, 412, 492, 494, 503  
 Museu do Patrimônio Histórico de Três Barras 406, 410  
 Museu Histórico Antônio Granemann de Souza 406, 408  
 Museu Histórico da Polícia Militar do Paraná 400  
 Museu Histórico de Santa Catarina 406, 409  
 Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado 406, 408, 425, 429  
 Museu Histórico José Alexandre Vieira 404  
 Museu Histórico Thiago de Castro 406  
 Museu Monge José Maria 406, 411  
 Museu Paranaense 400, 402, 404

## N

Nantes 43  
 Nascimento, Noel 383, 459  
 Navarro, Eduardo de Almeida 271  
 Negro Olegário 277  
 Nercolini, Maria Batista 408  
 Melo Neto, João Cabral de 457-9  
 Neves, Afonso Antunes das 291  
 Neves, Antônio Fabrício das 290-1, 417-8  
 Neves, Fabrício das *Consulte* Neves, José Fabrício das  
 Neves, José Fabrício das 37, 111, 290-5, 384  
 Neves, Miguel Fabrício das 120-1, 291  
 Ngrokòthi-tõ-prèy-Xokleng (grupo indígena) 69, 70  
 Nossa, Leonencio 282  
 Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim 270  
 Nossa Senhora do Socorro 274  
 Novara 42-3, 83  
 Novo México 43, 47, 49, 83-4, 361  
 Nápoles 42-3

## O

Ogum 273-5  
 Oliveira, Benedito Pedro d *Consulte* Benedito Chato  
 Oliveira, Francelino Subtil de 87, 88  
 Oliveira, Juvêncio de 298  
 Oliveira, Moracy 463  
 Oliveira, Orchisa Simões de 299  
 Oliveira, Ramiro de 91  
 Oliveira Neto, Godofredo de 476

## P

Pacheco, David dos Santos 331  
 Pacheco, João 99  
 Pacheco, Maria Cordeiro 79  
 Pacheco, Pedro Ferreira 390  
 Paes Leme, Antônio Bastos de 340  
 Paiva, João Dias de 298  
 Pai Véio 312  
 Palhano, Antônio 292  
 Palhano, Lili 503  
 Palmas 24, 29, 62, 70, 94, 113-7, 120-1, 124, 154, 230, 291, 339, 389-93, 402, 404, 433, 485, 492  
 Palácio Cruz e Sousa 409  
 Papanduva 18, 24, 27, 35, 73, 176, 178, 262, 297-8, 306, 447  
 Paraíso, Marcia 359, 361  
 Pares de França (cidade) 234  
 Pares de França (grupo de combate) 21, 23, 33-4, 231-2, 235, 244, 245, 256, 266-8, 298, 417, 436-7, 447  
 Partido da Frente Liberal (PFL) 386-7  
 Partido Democrático Social (PDS) 386  
 Pastoral da Terra 385, 503  
 Paula, Arthur de 192, 340  
 Pedra da Gávea 45  
 Pedra do Rodeador 243  
 Pedro Ruivo 192, 304, 313  
 Peixoto, Demerval 111, 207, 249, 260, 277, 286, 338  
 Pelega, Chica 284, 287, 443-4  
 Perdizes Grandes 231-2  
 Perão, Desidério 434  
 Perão, Elize 434  
 Perão, José Alves 433-4  
 Perão, Maria Joana 433-4

Peru 44, 49, 77, 80, 81-2, 361  
 Pestana, Miguel Ferreira 270  
 Peçanha, Nilo 340, 394  
 Piazza, Walter 280, 475  
 Pieters, Padre Thomas 387, 443  
 Pimpão, Araújo 390  
 Pinheiro, Ednardo 461  
 Pires, Duarte de Alleluia 98  
 Pitôco *Consulte* Augustinho de Tal  
 Pohl, Ricardo 398  
 Polaco, Manoel 506  
 Pontes, Antonio Marcellino 389  
 Popayan 45  
 Portinho, Felipe 340-1  
 Porto dos Bugios 322  
 Porto Marcolino 322  
 Porto União (cidade) 37, 136, 167, 176,  
 178, 180-1, 324, 339, 340, 387, 453-4,  
 487, 507  
 Porto União da Vitória (cidade) 18, 24-  
 5, 32, 154, 167, 194, 205, 301, 303-4,  
 331-3, 390, 391, 392, 393, 485  
 Potiguara, Tertuliano 26, 36, 235, 306  
 Prates, Alzira 503  
 Prates, Ezanir 496, 503  
 Prestes, Luiz Carlos 342  
 Preto Germano 277  
 Puebla 47

## Q

Quadros, Ana Maria de 79  
 Quebec 47  
 Queiroz, Alexandre 435  
 Queiroz, Maria Isaura Pereira de 440,  
 473  
 Queiroz, Maurício Vinhas de 184, 232,  
 275, 297, 422, 425, 426, 440, 443,  
 459, 507  
 Querubina 33, 34, 285-6, 288  
 Quijano, Aníbal 278  
 Quito (cidade) 44

## R

Ramos, Adeodato 26-8, 35-7, 99, 206,  
 234-6, 269, 277, 308, 309-18, 428,  
 437, 467, 509

Ramos, Demerval José 73  
 Ramos, Graciliano 267  
 Ramos, Nereu 384  
 Ramos Júnior, Vidal 407  
 Reale, Carlos 436  
 Regimento de Segurança de Santa Cata-  
 rina 21, 36, 105, 119, 199, 231, 258  
 Regimento de Segurança do Paraná 19,  
 33, 93, 95, 98, 111, 117, 120-4, 230,  
 292, 397  
 regulamento das missões de catequese e  
 civilização dos índios 52  
 Rei Arthur 417  
 Reichmann, Carlos 425-6  
 Reichmann, Déa Catarina 421, 425  
 Reino Encantado 243  
 Renascença Cabocla (grupo) 500  
 Revista Sul 424  
 Revolução Constitucionalista de 1932  
 96, 330, 345, 348, 401  
 Revolução Farroupilha 60, 127, 411  
 Revolução Federalista (1893-1895) 86,  
 93, 108, 112, 290, 331, 337, 340, 399-  
 400, 455  
 Revolução Paulista de 1924 401  
 Ribeiro, Candido Vicente 58  
 Ribeiro, Onofre Muniz 403  
 Richardt, Gustavo 98  
 Ricken, Guilherme 52-3  
 Rio Claro (cidade) 178  
 Rio de Janeiro (cidade) 45, 60, 64, 94,  
 144-6, 160, 162, 164, 185, 194, 199,  
 203, 209, 261-2, 270, 322, 394-5,  
 423, 426, 433, 434, 444, 464, 476,  
 498, 503  
 Rio Maranhão 45  
 Rio Negro 18, 24-5, 29, 62, 65, 71, 73,  
 175, 177-8, 180, 297-9, 306, 339, 354,  
 390, 302, 447  
 Rio Tigre 354-5  
 Roberta, Francisca 443  
 Rocha, Alexandre Telles da 434  
 Rocha, Heleodoro Telles da 434  
 Rocha, Leonel 342  
 Rocha, Manoel Alves de Assumpção 110,  
 232, 259, 444  
 Rocha, Octavio 393  
 Rodrigues, Manoel Coelho 324

Rolim, Nelson 477  
Roma 43  
Romaria da Terra 385  
Rosa, Arlindo 350  
Rosa, Guimarães 267  
Rosa, João Antônio da 267  
Rosa, Capitão José Vieira da 27, 236, 244  
Ruas, Marcelino 294  
Rupp, Henrique 104, 109, 154

## S

Sacco e Vanzetti (operários italianos) 342  
Saint-Hilaire, Auguste de 71  
Salão de Artes de Neauphle Le Château 427  
Salão de Belas Artes Paranaense 426  
Sampaio, João 9, 322, 376  
San Albino Cemetery 49  
Sanna, João 91  
Santa Fé de Bogotá 44  
Santa Fé (Novo México) 47  
Santa Maria (cidade) 26-7, 30, 35-6, 86, 127-8, 206, 230, 234-5, 243-4, 299, 306, 310-1, 387, 419, 487-90, 507  
Santi, José Lyrio 323  
Santo Antônio Abade 43, 46  
Santos, Alfredo Manoel dos 294  
Santos, Bonifácio José dos 24, 36, 37, 233, 298, 301-6, 384, 447  
Santos, Dora 506  
Santos, Eusébio Ferreira dos 33, 110, 285, 443  
Santos, José Simão dos 299  
Santos, Valmiré Rocha dos 422  
São Bento do Sul (cidade) 175-8, 503  
São João da Barra Feia 369  
Sapiranga 257  
Saraiva, Agustin Perez (conhecido como Castelhana) *Consulte* Castelhana  
Saraiva, Gumercindo 24, 31, 94, 112, 290-1  
Sartori, José 323  
Sassi, Guido Wilmar 383, 418  
Sattler, Eduardo 90-1  
Schelger, Oswaldo *Consulte* Frei Oswaldo Schlenger

Schellenberger, Luiza 355  
Schmidt, Felipe (Governador do Estado) 281  
Schmidt, Felipe (comunidade) 323-4  
Schmidt, José Paulo 298-9  
Schüler, Marcia Elizabete 421-2, 427-30  
Schüler, Donald 73, 418, 238, 481  
Sergílio 256  
Sesmarias 51-8  
Setembrino, Fernando *Consulte* Carvalho, Fernando Setembrino de  
Sfat, Dina 457  
Silva, Cleto da 79, 391-2  
Silva, Eurípedes da 506  
Silva, Fábio Lopes da 477  
Silva, José Julio Cleto da 216, 339, 389-93  
Silva, João Franco da 273  
Silva, Luiz Ignácio Lula da (Presidente da República) 472  
Silva, Paulino 506  
Silveira, Alvim 437  
Simão, Maria Francisca Alexandre 288  
Simão Sobrinho, João 288  
Soares, Domingos 115, 120  
Soares, José Octaviano Pinto 247  
Soares, Luíz Roberto 464  
Soledade 28, 37, 290, 346-50, 384  
Sorocaba 17, 29, 30, 43, 45, 53, 64, 83, 347, 465  
Sosa, Mercedes 458  
Sousa, Augusto de 459  
Souza, Francisco Alonso de 23, 233-4, 310  
Souza, Miguel Correa de 308, 314  
Souza, Tobias Lourenço de 302  
Spannagel, Cândido 238  
Strazzer, Carlos Augusto 457  
Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 399  
Supremo Tribunal Federal (STF) 16, 18-9, 31-2, 93, 95-6, 142, 166-9, 171-3, 199, 389-91  
Szczerbowski, Alexandre 355  
Szczerbowski, Alvim 354  
Szczerbowski, Boleslau 354  
Szczerbowski, Luís (filho) 354

Szczerbowski, Luís (Ludwik Szczerbowski) 352-7  
Szczerbowski, Maria 354  
Szczerbowski, Mariano 355  
Szczerbowski, Valentim 354  
São João (estação da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande) 194-6, 261  
São Joaquim 53  
São Jorge 243-4  
São João dos Pobres 25, 282  
São João Maria *Consulte* Monge João Maria  
São Mateus do Sul 176-7, 354, 367, 369  
São Miguel 27, 36, 230, 235-6, 243-4, 311  
São Sebastião 106, 238, 243-4, 261, 268, 273-4, 302, 447  
São Sebastião das Perdizes (distrito) 232, 243  
São Sebastião do Sul (cidade) 244  
São Sebastião do Timbozinho (cidade) 507

## T

Tabatinga 45  
Taípeiro, Francisco 9, 322, 376  
Tambke, Ralf 359  
Taquaruçu (cidade) 18-23, 33-4, 74, 104-6, 110-1, 117-9, 124, 184, 198-203, 214, 229-32, 256-61, 267-8, 278, 285, 287, 292, 301, 339, 385, 387, 407, 412, 419, 422, 428, 439, 443, 492-6, 500, 503  
Tavares, Antônio 24, 35, 233, 260, 298, 302, 445  
Tavares, Aníbal 506, 507  
Teatro de Arena 385, 457-63  
Teatro Guáira 433, 463  
Teixeira, Cleber 477  
Teixeira, Rufino 322  
Telles, Isabel Olímpia da Silva 433  
Telles, Vicente 384, 411, 418, 432-3, 436-7  
Telêmaco, Manoel 308  
Temporá (grupo teatral) 429, 464  
tenentismo 389, 394

Teodora (a primeira das Virgens) 20-1, 33, 231, 285-6  
Teologia da Libertação 385, 472-4  
terra devoluta 438  
The Hermit Peak 47  
Thomé, Nilson 115, 387, 408, 507  
Tigre, Juca *Consulte* Juca Tigre  
Timbó Grande (cidade) 28, 229, 312, 388, 487-8, 491  
Tornielli, Luigi 42  
Trapista 43  
Três Barras (cidade) 18, 24, 25, 33, 99, 136, 176, 180-1, 220-5, 278, 282, 297, 301-4, 332, 352-7, 392, 395, 406, 410, 455, 467  
Tress, Angelo 323  
Trombudo (cidade) 308-9, 487-9  
tropas federalistas 94, 112  
Trujilo 44

## U

Ubaldo, Nelson 338, 342,  
União da Vitória (cidade) 24, 29, 32, 75, 94-8, 136, 167, 175-8, 180, 191, 195, 323, 339, 340, 385, 403, 434, 454, 487  
Universidade do Contestado (UnC) 387, 424, 426  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) 470-1, 475

## V

Vale, Manoel Pepes do 9, 22, 44, 73, 94, 130, 160, 259, 315, 363, 384, 415  
Valentini, Delmir José 464, 468  
Vapor Imperatriz  
vaqueano 22-7, 34-7, 154, 156, 184-6, 192, 210, 230, 235-6, 278-9, 282, 294, 298, 303-4, 307, 312-3, 321-3, 326, 329, 337-9, 343-4, 409, 448, 455  
Varnhagen, Francisco Adolfo de 9, 322, 376  
Ventura, Chico 37, 69, 72, 124, 156, 163, 185, 213-4, 217-8, 249, 295, 312, 316, 321, 340-1, 349-50, 394  
Via Campesina 388

Vianna, Bernardo Ribeiro 73  
Vianna Filho, Oduvaldo 463  
Viaro, Guido 9, 322, 376  
Vicente, Joaquim 323-4  
Vidal, Joaquim 256  
Vieira (cidade) 149, 427-8, 456, 481,  
503  
Vieira, Ana Maria 58, 153, 170, 257, 327,  
407, 497  
Vieira, Fabrício 24, 154-5, 187, 192, 322-  
6, 337-43, 394-5  
Vieira, Isaac Ignácio 337  
Vieira, Manoel Fabrício 154, 294, 337  
Vieira, Manoel Thomaz 301-2  
Vilques, Augustinho Ferreira 294  
Vilques, Francisco Ferreira 294  
Vitto, Leandro 429

## W

Weil, Kurt 466  
Witte, Gerson 247-53, 429  
Wojtowicz, André 354  
Wojtowicz, Maria 354  
Wojtowicz, Ângela 354  
Wolland, Henrique *Consulte Alemão-  
zinho*

## X

Xetá (grupo indígena) 248  
Xokleng-Laklãnõ (grupo indígena) 16,  
53, 69-76, 248

## Y

Yupanqui, Atahualpa 458-9

## Z

Zamoner, Jorge 429  
Zaragoza 43  
Zumblick, Willy Alfredo 422-3, 429-30





## Autoras e autores

**Alcimara Aparecida Föetsch.** Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Paraná, Campus União da Vitória (PR). Doutora em Geografia (UFPR, 2014).

**Alexandre Assis Tomporoski.** Professor do Departamento de Sociologia da Universidade do Contestado, Campus Canoinhas (SC). Doutor em História (UFSC, 2013).

**Alexandre de Oliveira Karsburg.** Professor da Universidade Federal de Santa Maria (RS). Doutor em História (UFRJ, 2011).

**Ana Christina Vanali.** Professora da FIEP/Curitiba. Doutora em Sociologia (UFPR, 2017).

**Andréia Tecchio.** Doutora em Ciências Sociais (CPDA/UFRRJ, 2017). Atualmente em estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Santa Catarina.

**Carlos Eduardo Collet Marino.** Mestre em Arquitetura (USP, 2018). Atua na área de História do Urbanismo.

**Cássio Alexandre de Souza.** Professor no município de Rio Negro (PR). Graduado em História (UnC, campus Mafra-SC, 2014).

**Claudia Felisbino Souza.** Bióloga pela Universidade Federal do Paraná, mestranda em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul.

**Cristina Dallanora.** Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim (RS). Doutora em História (UFSC, 2019).

**Delmir José Valentini.** Professor Associado no Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó (SC). Doutor em História (PUC-RS, 2009).

**Diego Gudas.** Mestre em Desenvolvimento Regional (UnC, 2021).

**Donaldo Schüler.** Livre-Docente em Literatura (UFRGS, 1970). Escritor e tradutor. Natural de Videira (SC). Autor de *O império caboclo* (1994).

**Eliane Felisbino.** Doutoranda em Educação, pela Universidade Federal do Paraná. Filha do historiador Pedro Felisbino.

**Eloi Giovane Muchalovski.** Mestre em História (Unicentro-PR, 2018). Chefe de Direção administrativa da EPAGRI.

**Evelyn Bueno.** Mestre em Desenvolvimento Regional (UnC, campus Canoinhas-SC). Doutoranda no mesmo programa.

**Fabian Filatow.** Professor da rede pública estadual no Rio Grande do Sul. Doutor em História (PUC-RS, 2015).

**Felipe Augusto Werner dos Reis.** Professor da rede básica de ensino em Florianópolis. Doutorando em história (Udesc, 2019).

**Felipe Veber.** Professor da rede municipal de Pelotas (RS). Graduado em História (UFPel, 2018).

**Fernando Tokarski.** Jornalista, Historiador e professor na Universidade do Contestado, campus Canoinhas (SC). Pós-Graduado em Educação (UFPR, 2009).

**Flávia Paula Darossi.** Doutoranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina.

**Flavio Braune Wiik.** Professor da Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Antropologia. Doutor em Antropologia (Universidade de Chicago, 2003).

**Francimar Ilha da Silva Petrolí.** Professor da rede pública de Chapecó (SC). Doutor em História (UFRGS, 2018).

**Gabriel Carvalho Kunrath.** Mestre em História (UFPel, 2020). Doutorando em História na Universidade Federal de Santa Catarina.

**Gabriel Goulart Barboza.** Professor municipal em Santo Amaro da Imperatriz (SC). Mestre em História (UFSC, 2020).

**Gerson Witte.** Professor do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Chapecó (SC). Mestre em Educação (Unoeste, 2017).

**Indaiara Felisbino.** Fisioterapeuta pela Universidade Federal do Paraná. Filha do historiador Pedro Felisbino.

**João Felipe Alves de Moraes.** Professor da rede básica de ensino em Florianópolis. Graduado em História (Udesc, 2019). Mestrando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

**Karoline Fin.** Professora da rede pública municipal de Fraiburgo (SC). Mestre em História (Udesc, 2018).

**Liz Andréa Dalfré.** Professora da rede estadual do Paraná. Doutora em História (UFPR, 2014).

**Luiz Carlos da Silva.** Doutor em História (UFPR, 2017). Master da TV Paraná Turismo, afiliada da TV Brasil.

**Márcia Janete Espig.** Professora Associada do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em História (UFRGS, 2008).

**Marcia Paraiso.** Cineasta e produtora de audiovisuais da Plural Filmes. Diretora dos documentários *Terra cabocla* e *A maravilha do século*, entre outros.

**Marli Auras.** Professora do Centro de Estudos da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Educação (PUC-SP, 1991).

**Matheus Fernando Silveira.** Graduado em Direito (UFSC) e História (Udesc). Mestrando em Ensino de História na Universidade Federal de Santa Catarina.

**Natália Ferronato da Silva.** Professora da rede pública estadual de Santa Catarina. Mestranda na Universidade do Estado de Santa Catarina.

**Nilson Cesar Fraga.** Professor do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR, 2006).

**Paulo Pinheiro Machado.** Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em História (Unicamp, 2001).

**Rafael Ginane Bezerra.** Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Paraná. Doutor em Sociologia (UFPR, 2009).

**Rafael José Nogueira.** Professor da rede municipal de Joinville (SC). Graduado em História (Univille, 2016).

**Rogério Rosa Rodrigues:** Professor do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutor em História (UFRJ, 2008).

**Romário José Borelli.** Músico e teatrólogo. Autor da Peça *O Contestado*. Atua em São Paulo.

**Susan Aparecida de Oliveira.** Professora do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Literatura (UFSC, 2006).

**Tania Welter.** Doutora em Antropologia (UFSC, 2007).


**Viviani Poyer.** Professora no Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó (SC). Doutora em História (UFSC, 2019).











Em 1965, o historiador britânico E. P. Thompson sacudiu o mundo dos historiadores ao anunciar, em *A formação da classe operária inglesa*, estar “procurando resgatar o pobre descalço” e “o agricultor ultrapassado”, homens e mulheres cujas “habilidades e tradições podem ter-se tornado moribundas”, mas que “viveram nesses períodos de extrema perturbação social, e nós, não”. Este *A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim* é tributário dessa forma de se pensar a história: uma história feita por homens e mulheres comuns, operários incansáveis do cotidiano, gente da terra com fé inabalável, história feita por jagunços de corpos encantados, curandeiros, monges, pelo sertanejo anônimo que bebe sua erva-mate como quem bebe um “elixir da vida”. A chamada “guerra do contestado” é um marco da Primeira República e agora pode ser conhecido por meio de uma história efetivamente pública. Leitura que informa e forma, leitura que funciona na poltrona de casa, numa rede instalada no campo ou no barulho das ruas.

**Bruno Leal Pastor de Carvalho**

LETRA  
e V  Z

 **CNPq**  
Conselho Nacional de Desenvolvimento  
Científico e Tecnológico

  
**fapesc**  
DO CONHECIMENTO  
A INOVAÇÃO.

ISBN 978-65-86903-32-4

